

RIO DE PERNAM

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO

al: Nereu Bastos
Fernando Trigueiro
Antônio Camelo
Gladstone V. Belo
Salmon — Martinho de
Leão Gondim Oliveira

naide Barbosa Pili
por Antonino José de

istração: Praça da In-
Endereço Telegráfico:
: 231-0522. Telex: 081-

— Pernambuco: Capi-
ual Cr\$ 18.000.00. Se-
00.00. Trimestral Cr\$
Estados: Anual Cr\$
al Cr\$ 12.000.00 (Porte

VENDAS AV:
Dias úteis:
80,00. Nordes:
Domingos: C
Dias úteis:
90,00. Números

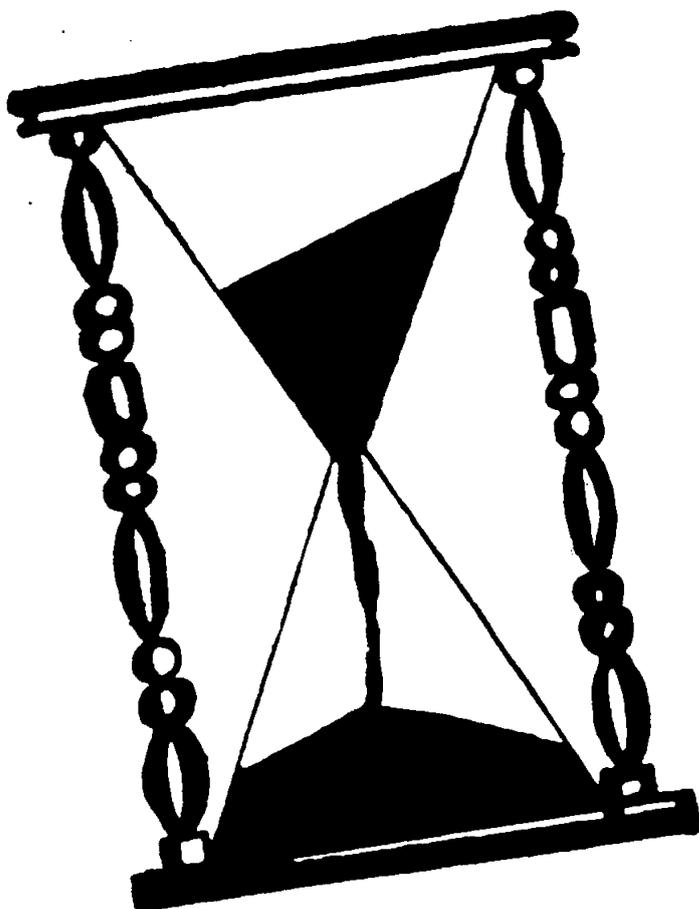
SUCURSAIS:
Silva, 12 — 7
Paulo — Rua 7
— Tels: 231-1263 -

FILIP



Nosso notici-
pelas Agência,
—, UPI, AFP

LUIZ DO NASCIMENTO



tores de
recebem
frutíferas

ção de mudas fruti-
de feras já foram benefi-
os moradores da
situada n-
de S



ce.
.387
.399
assin-
pital
Ds /

DA IMPREENSA DE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

NA
154

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO

Nascimento, Luiz do

História da imprensa de Pernambuco (1821-1954).
Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Imp. Univesitária, 1966—

v. ilustr.

1.^a ed. do vol. 1 foi editado pelo Arquivo Estadual em 1962.
Inclui bibliografia.

Conteúdo. — v. 1. Diário de Pernambuco. — v. 2. Diários do Recife.
— 1829-1900. — v. 3. Diários do Recife — 1829-1900. — v. 4. Periódicos
do Recife — 1821-1929. — v. 5. Periódicos do Recife — 1851-1875. — v. 6.
Periódicos do Recife — 1876-1900. — v. 7. Periódicos do Recife — 1901-
1915. — v. 8. Periódicos do Recife — 1916-1930.

655.1834 (C.D.D.)
655.1(813.4) (C.D.U.)

UFPE
BC-70-1391

LUIZ DO NASCIMENTO

História da Imprensa de Pernambuco

(1821 - 1954)

VOL.VIII

PERIÓDICOS DO RECIFE - 1916 - 1930

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
EDITORA UNIVERSITÁRIA
RECIFE — 1982



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Reitor — Geraldo Lafayette Bezerra

Vice-Reitor — Geraldo Calábria Lapenda

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente — Geraldo Calábria Lapenda

Membros:

Antônio Carlos Palhares Moreira Reis
Armando de Albuquerque Souto Maior
Arnaldo Di Lascio
José Augusto Pitta Marinho
Marcus Antônio do Prado
Moacir Sena Dantas
Nelson Nogueira Saldanha
Ruy João Marques
Daury da Silveira Santos

1982

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 — Cidade Universitária

Tel. (081) 227-0352

Recife — Pernambuco

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

BB000033

Fundação Joaquim Nabuco

BIBLIOTECA CENTRAL

141109/02/82

1411.90

200x

TRABALHOS DO AUTOR

Publicados:

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, vols. I
(duas edições), II, III, IV, V, VI, VII, VIII.
IMPRENSA PERIÓDICA PITORESCA DE PERNAM-
BUCO. PERIÓDICOS DO RECIFE NO SÉCULO XIX.
(mimeografado).
O JORNAL POR DENTRO E POR FORA.
TRÊS MESTRES DE DIREITO NO "BATENTE" DO
JORNAL.
A IMPRENSA VITORIENSE NO SÉCULO XIX.
UM DECÊNIO DE IMPRENSA E VIDA (separata).
ROTEIRO JORNALÍSTICO DE MANUEL CAITANO.
HISTÓRIA DA IMPRENSA DE GOIANA (separata)
OS BICHOS NA TOCA DA IMPRENSA.
CADEIRA 39 A TRÊS VOZES (separata).
ROTEIRO JORNALÍSTICO DE VALDEMAR DE
OLIVEIRA.
SESQUICENTENÁRIO DO PRIMEIRO JORNAL
PERNAMBUCANO.

A publicar:

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, vols. IX,
X, XI, XII, XIII, XIV.
HISTÓRIA DA IMPRENSA DE OLINDA.
MARTIROLÓGIO DO JORNALISTA BORGES DA
FONSECA.
DICIONÁRIO PERNAMBUCANO DE PSEUDÔNIMOS.
ROTEIRO DE JORNALISTAS PERNAMBUCANOS.
O RECIFE PELA VOZ DOS POETAS.
REMINISCÊNCIAS DE UM JORNALISTA MATUTO.
O ADMIRÁVEL NASCIMENTO FEITOSA.
MÁRIO MELO EM CORPO INTEIRO.
O PAPEL DA IMPRENSA ONTEM E HOJE.

ÍNDICE ALFABÉTICO

Antes de tudo	19
Abrigo (O)	248
Academia	328
Acadêmico (O)	149
Afogadense (O)	24
Almanach Illustrado Pernambucano	194
Altos Coqueiros	266
Alvorada	236
América Illustrada	289
Ao Pé da Fogueira	313
Apache (O)	85
Arca de Noé	324
Archivos de Medicina de Pernambuco	194
Areias-Jornal	205
Areiense (O)	25
Areopago (O)	112
Arlequim	265
Arraial-Chic	302
Arte (A)	119
Artifice (O)	295
Atirador (O)	183
Associação (A)	136
Atarracha (O)	141
Atheneu (O)	321
Avante	97
Babacão (O)	211
Batista Brasileiro (O)	256
Batista Regional (O)	100
Batuta de S. João (O)	245
Beija-Flor (O)	146
Bem-Te-Vi	95
Bessa (A)	80
Big Parade (The)	269
Boletim	73
Boletim Commercial	208

Boletim da Secção de Estatística	147
Boletim da U. G. T. P.	301
Boletim de Engenharia	151
Boletim Mensal da Archidiocese de Olinda e Recife . .	199
Boliche (O)	166
Bolletino Ufficiale Della Camera Italiana di Commercio Per il Nord Brasile in Pernambuco	133
Bonus-Jornal	324
Brasil Litterario (O)	186
Brasil Novo	240
Brazil Novo	338
Calamo (O)	68
Camello (O)	196
Capunga Jornal	216
Cara-Dura (O)	154
Carnaval (O) — 1920	93
Carnaval (O) — 1921	108
Carneiro Leão-Jornal	244
Carnaval (O) — 1927	242
Cartomante (A)	54
Caxangá-Jornal	331
Cenaculo (O)	208
Censura (A)	227
Centelha (A)	259
Centenário (O)	140
Chibata (A)	43
Chique-Chique	162
Chromo (O)	92
Cigarra (A)	27
Cinema — 1925	207
Cinema — 1927	255
Cinematógrafo	111
Clangor (O)	330
Collegial (O)	50
Colombina	242
Combate (O)	168
Commercio e Finanças	249
Concordia Chic	207
Conquistador (O)	142
Cordeiro-Jornal	75
Correio da Tarde	190
Correio do Espinheiro	132
Correio Doutrinal	157
Correio Elegante	279
Crítica	311
Cruzada (A)	189
Cultivador (O)	228

Cultura Musical	332
Debate (O)	227
Dedé	329
Destemido (O)	109
Deutscher Club Pernambuco	320
Dezeseite de Agosto	134
Dia (O)	103
Directorio Commercial Brasileiro	150
Direito e Commercio	202
Distamar-Boletim	283
Dom Bibas	176
Dom Casmurro	147
Dom Fuas	314
Domingo (O)	146
Dominó (O)	109
É do Matto	301
Echo (O) — 1918.	72
Echo (O) — 1929.	316
Echos da História (Os)	44
Eco (O)	334
Embrulho (O)	277
Empreza Commercial de Informações Marítimas e Terrestres	112
Em Voz Alta	144
Encruzilhada-Jornal	210
Escola (A)	141
Espiritismo (O)	139
Esporte (O) — 1921.	115
Esporte (O) — 1928.	270
Estado de Pernambuco	107
Estellario	233
Estudantina	213
ETC	131
Eu Sei Tudo	41
Evolução (A)	115
Evolução Médica	69
Excelsa	323
Expositor	73
Facho (O)	190
Faculdade de Commercio	213
Faz Que Óia!	141
Fiau (O)	159
Flagellado (O)	28
Flamula (A)	131
Flores de Junho — 1918.	68
Flores de Junho — 1926.	228
Foco (O)	48

Folha (A)	154
Fogo (O)	160
Fogueira (A)	201
Folhinha Parochial	72
Frei Caneca	257
Fujão (O)	336
Gazeta (A)	33
Gazeta Acadêmica	196
Gazeta Commercial	244
Gazeta dos Sports	23
Gazeta Econômica	210
Germinal (O)	58
Gettoni (O)	196
Globo (O)	175
Gloria (A)	55
Graciosa (A)	240
Graphico (O)	290
Grito (O)	276
Guabiru (O)	98
Guarda-Civil (O)	97
Guia do Recife	70
Guilhotina (A)	339
Gymnasio (O)	273
Homenagem do C. C. 6 de setembro ao Centenário da Independência	155
Hora Alegre	239
Hospede (O)	140
Hydro-Avião	166
Idéa (A) — 1917, fevereiro	49
Idéa (A) — 1917, setembro	42
Idéa (A) — 1924	189
Idéa (A) — 1925	198
Ideal (O)	61
Ilustração	278
Ilustração Brasileira	182
Ilustração Escolar	113
Imperador (O)	331
Independência (O)	265
Jahu (O)	245
Jazz-Band	211
Jeca Tatu	94
Jornada (A)	285
Jornal (O) — 1917	53
Jornal (O) — 1925	201
Jornal (O) — 1928	288
Jornal Chic	64
Jornal da Lavoura	155

Jornal das Praias	260
Jornal de Odontologia	233
Jornal do Verão	261
Jornal Militar	306
Kaleidoscópio	106
Kodak	26
Lagartixa (A)	96
Lanterna (A)	57
Látego (O)	281
Legionários das Missões	329
Letras Novas	242
Liberdade	287
Liga da Defeza Nacional	41
Língua Ferina	339
Linguarudo (O)	146
Lírio (O)	64
Lizo (O)	244
Luta (A)	337
Lyceu-Jornal — 1919	87
Lyceu-Jornal — 1928	293
Magdalena-Chic	207
Maracajá (O)	225
Martello (O)	137
Mascarado (O)	265
Mascote	193
Mauricéa — 1923	175
Mauricéa — 1927	259
Medicina e Cirurgia	110
Melindrosa (A)	115
Mensageiro da Paz	243
Mensageiro Parochial	332
Mensário Juvenil	107
Mensário Paramount	238
Mercúrio (O)	242
Mez do Clero	59
Milagroso (O)	28
Mimosa (A)	165
Miss...celanea	306
Mocidade (A)	100
Modernismo	217
Monóculo (O)	75
Motivo	339
Não Pode!	145
Natal	261
Naturista (O)	67
Nocturno (O)	91
Noites de Festa	277

Noites de Junho	54
No Passo	301
Nordeste Brasileiro	285
Nordeste Rural	246
Norte Christão	219
Nossa Terra	118
Nota (A)	28
Novidades	138
Nova Cruzada	58
Occasião (A)	203
Onze e Meia Jornal	102
Opinião (A)	88
Oraculo (O) — 1917	60
Oraculo (O) — 1922	146
Palladino (O)	265
Paladio (O)	271
Pátria (A) — 1918	70
Pátria (A) — 1921	112
Pavão (O)	166
Paz (A)	55
Paz e Trabalho	173
Pé de Anjo	109
Pé de Anjo (O)	115
Penna (A)	105
Pernambucano (O)	233
Pernambuco Illustrado	268
Pernambuco Philatélico	238
Perolas da Infância	142
Phalange	304
Philocritico (O)	93
Picareta (O)	142
Pierrette	300
Pierrot (O) — 1922	142
Pierrot (O) — 1923	159
Pierrot (O) — 1927	243
Pilheria (A)	120
Pina-Jornal	206
Pina-Sportivo	226
Pingassaia	150
Pinto Júnior (A)	309
Platéa (A)	92
Polícia e Justiça	327
Polichinello (O)	90
Política	294
Polyanthéa — 1918	71
Polyanthéa — 1925 I	207
Polyanthéa — 1925 II	208

Polyanthéa a N. S. do Carmo	280
Povo (O)	47
Praieiro (O)	324
P'ra Você	324
Preludio (O)	275
Prêmio Oswaldo Cruz	211
Progresso (O) — 1920	104
Progresso (O) — 1926	238
Propheta (O)	297
Prytaneu	162
Pyrilampo	294
Quatro de Outubro	334
Quem não cheirou... Levante o dedo	196
Raio (O)	113
Ratazana (O)	67
Razão (A)	100
Rabate (O) — 1926	239
Rebate (O) — 1928	269
Recife	322
Recife Sportivo	76
Reclame-Jornal	130
Recreio da Petizada	252
Recreio dos Salões	28
Recreio-Jornal	234
Renascença	130
Renovador	49
Reporter (O)	236
Restauração	335
Revista Acadêmica	230
Revista Cathólica das Famílias	45
Revista Commercial e Industrial	116
Revista Criminal	321
Revista da Cidade	221
Revista da Raça	253
Revista das Classes Conservadoras	86
Revista de Commercio de Pernambuco	85
Revista de História de Pernambuco — 1924	176
Revista de História de Pernambuco — 1927	250
Revista de Medicina	286
Revista de Pernambuco	184
Revista de Seguros	334
Revista do Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco	142
Revista do Lyceu de Artes e Offícios	295
Revista do Moderno	316
Revista do Norte	169
Revista do Tráfego	307

Revista dos Municípios	218
Revista do Turf	298
Revista Forense	60
Revista Judiciária	305
Revista Médica	299
Revista Mercantil	333
Revista Militar	317
Revista Musical	82
Revista Odontológica	317
Revista Penitenciária	98
Revista Pharmacêutica	99
Revista Singer	296
Revista Theatral	256
Ribalta (A)	239
Riso (O)	84
Rua Direita (A)	234
Rua Nova	177
Rumo ao Mar	291
Sanjuaneiro (O)	67
São João em Minha Terra	329
Saúde e Assistência	169
Scentelha (A)	297
Semana (A) — 1917	56
Semana (A) — 1923, janeiro	166
Semana (A) — 1923, agosto	166
Semana Illustrada	272
Serpente (A)	167
Serpentina	301
Singer-Jornal	80
Sorriso (O) — 1919	75
Sorriso (O) — 1929	299
Sphinge	105
Sportman (O)	70
Suburbano (O)	282
Syllogeu	187
Tacape (O)	262
Talisman (O)	43
Tecelão (O)	44
Tigipió (O)	218
Tela (A)	67
The Big Parade	269
Tigipió-Jornal	95
Tony (O)	142
Torpedo (O)	67
Torre-Jornal	204
Trabalho (O)	23
Tribuna do Povo	62

ANTES DE TUDO



Mais um volume da "História da Imprensa de Pernambuco". Ei-lo.

Entrego-o ao leitor e à posteridade.

Reúne o total de 382 publicações periódicas da área recifense, de todos os tipos e formações, postas em circulação no espaço de 15 anos, compreendidos entre 1916 e 1930.

Vale a pena salientar a quase predominância do gênero-revista. Uma avalanche de literatura, da prosa à poesia, madura ou prematura, envolvendo a pena dos medalhões e dos intelectuais imberbes.

Aí está o histórico da vida das revistas de mais nomeada do Recife, com a indicação dos seus dirigentes, redatores e colaboradores, sua atuação nos setores sociais, artísticos, econômicos e até políticos. Assim nos jornais, de maior ou menor estatura, igualmente participantes da nossa vida cultural, envolvente e dinâmica.

Assim os demais órgãos da família jornalística, presentes os livros de sortes, tornados repositórios de literatura, amena ou não.

Decerto que a pesquisa resultante de tudo isto não constituiu um passeio fácil através das bibliotecas. Ao contrário...

O que é certo é que se encontram alinhados, nas páginas a seguir, os títulos dos 382 periódicos nascidos nos referidos quinze anos.

PERIÓDICOS DO RECIFE

1916/1930

1 9 1 6

GAZETA DOS SPORTS — Publicou-se o primeiro número no dia 29 de janeiro de 1916, tendo como redator-chefe José Penante.

O editorial de apresentação começou por citar Pitágoras, segundo o qual “a inteligência e o espírito se modelam exatamente na forma exterior do corpo”, e Eça de Queiroz, que louvava o “vigor do corpo” como “garantia da saúde do cérebro”. Ora, acentuou, “já está suficientemente provado que o desenvolvimento físico não atrofia o desenvolvimento espiritual e não é pela prática de **sports** que um poeta deixa de cantar a sua sensibilidade e um escritor de lançar ao mundo as suas obras. E é assim, religiosamente crente nas vantagens do **sport**, que a **Gazeta dos Sports** inicia a sua vida, sob o lema evangelizador: Tudo pelo **sport**” (**Diário de Pernambuco**, do dia 30).

Ficou, ao que foi possível apurar, na edição de estréia.

O TRABALHO — **Órgão Imparcial e Noticioso** — Obedecendo ao formato pequeno — 19 x 10 — com quatro páginas de duas colunas, impresso em bom papel, começou a circular no dia 5 de março de 1916, sob a direção de Mário Augusto C. da Silveira, tendo como gerente Prescílio Pires Filho. Redação à rua Francisco Jacinto n.º 12, 1.º andar. Assinaturas: anual — 4\$000; mensal — \$400.

Declarou o artigo de apresentação: “... não terá uma existência fictícia, como é comum nos jornais desta capital. Um jornal é o arauto do saber; portanto, não o devemos jamais deixar morrer logo após seu brilhante nascimento”.

No mês seguinte, devido aos seus “relevantes esforços”, Pires Filho era promovido a redator.

A publicação teve curso regular e, no n.º 13, de 11 de junho, melhorou o formato para três colunas de composição, ao mesmo tempo que se tornava também órgão literário e admitia Milton Souto e Prudenciano de Lemos como redatores. Nova tabela de assinaturas: anual — 5\$000; trimestral — 1\$200.

A par dum concurso para apurar “qual a moça mais simpática do Recife”, o interessante jornal, a princípio apenas noticioso, variando com as quadras de Franklin Coutinho, os “Postais” a cargo de **Resedá** e alguma transcrição de trechos célebres, veio a inserir colaboração de Ivete Souto, Zoroastro Araújo, E. Dutra Vila, Adiléa Alencar, etc., além da produção constante dos redatores.

Ao atingir o n.º 15, que circulou a 9 de julho, entrava como redator-tesoureiro Florêncio Cunha. (**Bib. Púb. Est.**).

O AFOGADENSE — Órgão Imparcial, Literário e Noticioso — O n.º 1 circulou a 26 de março de 1916, formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Direção de Antônio Carvalho; secretário — Antônio Carlos; gerente — Roberto Morcourt. Redação à rua de São Miguel n.º 137. Assinaturas: ano — 3\$000; semestre — 1\$500; trimestral — \$800; mês — \$300.

Sem feição partidária, conforme a nota de apresentação, era, “apenas, um cultivador dos que sempre procuram o seu desenvolvimento na vida laboriosa da Imprensa”.

Publicando-se quinzenalmente, a folha atingiu o n.º 5 a 28 de maio, diminuindo o formato para 26 x 15, mas bem servido de matéria, unicamente literária.

Além das produções dos redatores, distinguia-se a colaboração de Bráulio Pereira, Rotílio Marinho, **Lancelote Bigorna**, Samuel Gomes, C. P. e Noronha Filho.

Ficou aí suspensa a publicação.

Vinte anos depois, reapareceu **O Afogadense**, iniciando segunda fase — n.º 1, ano I — a 16 de julho de 1936, formato de 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Órgão Independente, Literário e Noticioso. Diretor responsável —

Antônio C. Pais de Andrade; diretor desportivo — Leonilo Santos; gerente — José de Oliveira, funcionando a redação na rua Carlos Lira n.º 11, Afogados. Tabela de assinaturas: ano — 3\$000; semestre — 1\$500; trimestre — 1\$000.

“Motivos de precariedade financeira”, segundo o artigo de abertura, tinham obrigado a suspensão da folha quando apenas divulgara o seu quinto número, em 1916. Manteria, passados tantos anos, o mesmo programa.

Pretendendo circular, na nova fase, quinzenalmente, não o fez **O Afogadense**, nem conseguiu mesmo chegar à **performance** da primeira tentativa. Sairam, apenas, três números, o último dos quais datado de 7 de setembro, com artigo sobre a data, na primeira página, ao lado do clichê do Presidente Getúlio Vargas.

Na sua curta existência, a folha cuidou dos interesses do subúrbio, através de comentários redacionais, além de noticiar o que por lá ocorria. Foram seus colaboradores: Agripino da Silva, Cláudio Pinto Ribeiro, Aníbal Portela, J. Medeiros e Lourival B. Campos, enquanto o **Reporter** assinava quadras satíricas, sob o título “Notícia”. Poucos anúncios.

Morreu depressa **O Afogadense**, porque os afogadenses deixaram de atender ao apelo financeiro que lhes fôra dirigido (**Bib. Púb. Est.**) (1).

O AREIENSE — Órgão Literário, Noticioso e Recreativo — Surgiu a 2 de abril de 1916, formato de 28 x 20, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na Tip. Popular, à rua Direita n.º 84. Tabela de assinaturas: ano — 1\$500; semestre — 1\$000; trimestre — \$500.

Destinado a circular quinzenalmente, era seu objetivo “colaborar, do modo possível às nossas fôrças, no progresso desta povoação”: Areias, onde tinha sede.

Só após as primeiras edições, lia-se no cabeçalho: Diretor-proprietário — J. M. Virães; diretor secretário — M. R. Miranda; redatores... “diversos”; isto até o n.º 13,

(1) Coleção desfalcada, quanto à primeira fase.

porque, no seguinte, de 1 de outubro, só constava o seguinte: Propriedade de uma Sociedade Anônima.

O **Areinse** circulou com regularidade, apresentando bom noticiário, inclusive o "Album familiar"; "Seção charadística", a cargo de P. Q. N. T., ou **Anonymous** (pseudônimo de Amaro José Rodrigues), e uma página de anúncios. Teve a colaboração, ainda, em prosa e verso, de Henrique Queiroz, **Roland**, João Sampaio, Mário Corbiniano, B. Pires, **Amor Perfeito** ("Perfil"), Eduardo Couto, José C. d'Aguiar, H. Rodrigues, Juvino S. Silva, Saul José da Fonseca e Natanael Marinho.

Com o n.º 20, de 31 de dezembro, o periódico suspendeu a publicação, "temporariamente, devido à falta de papel e ao preço elevado da impressão". Terminou aí sua existência (**Bib. Púb. Est.**).

KODAK — Publicação Quinzenal — Apareceu no dia 8 de abril de 1916, formato de 25 x 16, com 32 páginas de papel **couché**, figurando na primeira retrato de **midinette** francesa, reprodução dum quadro de Virgílio Mauricio, impresso em azul suave, vendo-se o clichê do título sobreposto, as letras em preto. Diretor-proprietário — Carlos de Lima Cavalcanti; redatores — José de Sá, Osvaldo Chateaubriand, Araújo Filho e Umberto Carneiro. Redação na rua do Imperador n.º 65, 1.º andar. Trabalho gráfico da oficina de Júlio Agostinho Bezerra. Assinaturas: anual — 10\$000; semestral — 6\$000. Preço do exemplar: na capital — \$400; nos Estados — \$500.

Revista das mais bem feitas, não adotou o clássico editorial de apresentação, nem indicou programa. Teve, contudo, caráter literário, mundano e de variedades, bastante ilustrada de efígies, instantâneos femininos, caricaturas do desenhista **Craion** (Abelardo Maia) e algumas páginas impressas a cores.

A edição abriu com a crônica "As grandes frases da guerra", de Godofredo Martel, seguindo-se-lhe outra transcrição, de Maeterlink; "Vida elegante", por **Gyp** (pseudônimo de Aníbal Fernandes); "Cartas pagãs", de **Caim** (como se

ocultava Osvaldo Chateaubriand) (1); “Cartas de mulher”, por **Maria**; “Páginas contemporâneas”, “Em flagrante”, “Notas literárias”, “Fatos e comentários”, “Noticiário elegante”, pastiches, crônicas de Antônio Alves de Sousa e soneto de Araújo Filho, dispondo-se os anúncios nas páginas do início e do fim.

O segundo número, datado de 22, apresentou copioso serviço de **charges**, tendo Godofredo de Medeiros assinado a “Crônica” de entrada.

Foi efêmera, porém, a vida de **Kodak**, cujo n.º 3 (último) saiu a 6 de maio, estampado, na capa, fotografura do caricaturista **Emílio Cardoso Aires** no seu atelier, em Paris, onde tinha falecido pouco tempo antes. A edição seguiu o bom ritmo da estréia, incluindo soneto inédito de **Faria Neves Sobrinho** (**Bib. Púb. Est. e Bib. Púb. de Sergipe**) (2).

A **CIGARRA — Revista de Artes e Letras** — Destinada a publicar-se mensalmente, o n.º 1 foi dado a lume em maio de 1916, obedecendo ao formato de 27 x 17, com quatro páginas de três colunas. Excelente trabalho gráfico, impressa em papel **couché**, apresentou a página de frente a duas cores.

Sem indicar corpo redacional, anunciou o jornal (não revista) que a correspondência devia ser enviada para a rua

(1) A primeira das “Cartas pagãs” focalizou a personalidade de **Osvaldo Machado**, redator-chefe do **Jornal do Recife**, que a considerou “de feição imoral e ofensivo à sua dignidade”, pretendendo que a polícia impedisse a circulação da revista (**Jornal Pequeno**, 8 de abril). Mas **Kodak** circulou. Ocorreu, então, “atrito lamentável entre um dos seus redatores (**Osvaldo Chateaubriand**) e o dr. **Osvaldo Machado**, na rua do Imperador, sem consequências devido a terceiros” (**A Província**, 10 de abril).

Escreveria, depois, a **Gazeta de Notícias**, do Rio de Janeiro: “A edição esgotou-se em 12 horas. O escândalo **Machado — Chateaubriand** contribuiu para esse sucesso”.

(2) À Biblioteca Pública do Estado (atual Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco), falta o n.º 2, só existente na Biblioteca Estadual de Sergipe, Aracaju.

Luiz do Rego n.º 41. Também omitiu o rotineiro artigo de apresentação, enchendo-lhe às páginas produções literárias de José Penante, Álvaro Moreira, Osório Borba, Gonçalves Carneiro, Silvino Lopes, Baltazar de Oliveira e Esdras Farias, os dois últimos autores de sonetos.

Ficou na edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

RECREIO DOS SALÕES — Livro de Sortes — Entrou em circulação, edição pela Papelaria Brasil, para as reuniões festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro. Texto “variado e bem organizado”, trazia “muitas sortes, com assuntos interessantes, presidindo as quadras bastante verve e chiste”, além de “uma parte literária bem escolhida” e outra de adivinhações (**Jornal Pequeno**, 24/5/1916).

O **MILAGROSO** — Livro de sortes dos humoristas **Cha-Gaz** e **Black** (pseudônimos de Antônio Chagas Ribeiro e Severino Alves Barbosa, respectivamente), foi “confeccionado a capricho” e posto à venda pelo preço de \$500. “A ém de inocentes sortes”, apresentava “interessantes assuntos” (**Jornal Pequeno**, 7/6/1916).

O **FLAGELLADO** — “Livro de sortes sanjuanescas”, foi editado por Ferreira & Sacramento. Inseriu matéria escolhida, custando \$300 cada exemplar (**Diário de Pernambuco**, 21/6/1916).

A **NOTA** — **Semário, Ilustrado e Independente** — Entrou em circulação a 9 de agosto de 1916, formato de 24 x 14, com 16 páginas, o texto em papel comum e a capa em assetinado; o frontispício em vinhetas e fotogravura no centro, subordinada ao título “O Recife moderno”. Redatores — Osvaldo Anibal de Almeida, R. Neto e Martins Filho; secretário — Luiz G. de Castro; gerente — Euclides de Oliveira. Assinaturas: três meses — 2\$500; um mês — 1\$000; preço do exemplar — 200 réis. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**; redação à rua Duque de Caxias n.º 41.

Visava, segundo a “Nota Programa”, a “um objetivo que a tudo excede, em luminosidade, elevação e força”, acentuando: “Queremos a Verdade, conseguimos-la embora através de uma reta inflexível ou vezes outras se faça necessário lutar para a obter, através de mil obstáculos”.

Batalharia “pelo advento da verdade social, com a realização do elevado princípio da Igualdade”. Depois de ajudar ao operário necessitado “de liberdade e de instrução”, concluiu o articulista: “A Arte, a Ciência, a Literatura terão no nosso órgão a maior e mais possível ampliação”.

Dividiu-se a matéria da modesta revista em “Nota patriótica”; “Notas da guerra” (fotogravuras); “Nota literária”, por José d’Albuquerque; “Nota eleitoral”; “Nota infantil”; “Nota escolar”; “Notas de Oedipo” a cargo do **Dr. Fa. Sustenido**, depois **Labina Oribier** (Anibal da Cruz Ribeiro); “Nota cômica” e “Sportismos”, seção de **Cha-Gaz** (pseudônimo de Antônio dos Chagas Ribeiro); outras produções assinadas, ligeiríssimo noticiário e anúncios nas páginas internas da capa.

Seguiu-se a publicação regularmente, cada semana. Poucos meses após, em novembro, alterava-se o sub-título para “Revista de Atualidades”, e o corpo redacional — com a saída de Luiz de Castro e do gerente, subindo Martins Filho para a direção — ficou acrescido de José d’Albuquerque, Sebastião Caldas, Genésio de Sousa, Chagas Ribeiro e Odilon Vidal de Araújo. Um ano depois, só os três últimos nomes restaram no cabeçalho, juntando-se ao sub-título: “Arte, Letras, Sports, Sociais”. A numeração das edições fez-se ininterruptamente, de ano para ano. E aumentou para 20 a quantidade de páginas.

Afora as produções da equipe redacional, **A Nota** contou com a colaboração de Agripino da Silva; Stanislau de Sousa, que começou polemizando com **Robson**, d’**O Sol**, da Paraíba, e **Robson Filho**, sobre materialismo e espiritualismo; Baltazar Câmara, focalizando artes plásticas; capitão Carlos Afonso; **Pacífico Leão** (pseudônimo de Osvado Almeida) com as “Notas da Semana”; Milton Souto, Dário Souto, Alfredo Campos, Ridelina Ferreira, Astrogildo Calipso de Carvalho, Rodovalho Neves, Moisés Florivaldo, Osório Borba, Emerson Benjamin, Monte Sobrinho, Oscar Lopes, José Minde o, Dário César, Leonardo Selva, Raimundo Pais Barreto, Da Costa e Silva, Hercílio Celso, Brito Macedo, Liberalino de Almeida, **Rosalía Sandoval** (pseudônimo da alagoana Rita de Abreu), João Guerra, Oliveira e Silva, Ovídio Guimarães, Alfredo Sotero, José Antônio da Silveira, Roderick Galvão, L. de Almeida, Olavo Lopes, Esdras Farias, Teixeira de Albuquerque,

Silvino Lopes, **Magister**, José Bandeira Junior, Hermenegildo Rodrigues, Oscar Bandeira, Luiz Moreira, Evangelina Maia Cavalcanti, Fausto Rabelo, Maria Arminda Galvão, **João Jacinto** (pseudônimo de José de Albuquerque); Florentino Pais, Braz de Andrade, inclusive usando a assinatura **Júlio d'Alcazar**; Guedes Filho, Adauto Acton, Antônio Apolinário Tenório de Cerqueira, Guedes Alcoforado, Austro Costa (a partir de abril de 1917); **De Marcos**; Joaquim de Oliveira, José Tertuliano Ferreira de Melo, Landulfo Medeiros, Artur Alves Barbosa, Walkiria Fragoso Lopes, **Lirio do Vale** (pseudônimo de Artur Brasiliense Maia), Nelson Firmo (sonetos), Ruber Van Der Linden, Ana César, Fernando Burlamaqui, Américo Ma'a, Leônidas do Amara', **Dulce Dolores**, ou seja, Maria Emília Pinto da Silveira; Israel Lumach (de Holanda Cavalcanti), **Mário Marino** (primeiro pseudônimo de Silvino Lopes), **Ailalue d'Aramac** (Eulália Câmara), etc.

Saiu com 26 páginas, algumas em papel assetinado, a edição do primeiro aniversário — n.º 47, de 9 de agosto de 1917, farta de anúncios e colaboração original.

A Nota vinha mantendo serviço de clicherie, com instantâneos de rua, moda, aspectos da guerra europeia e capas artísticas, a par de crônicas ligeiras, sobretudo de **Cha-Gaz** ou **Ch**, e notas sociais, dividindo-se a parte literária em prosa e verso. Sucediam-se novos colaboradores, tais como Amadeu Aguiar, o mesmo **Siva Neri** da "Arca de Noé"; Adiléa Alencar, Arnaldo Lelis, João Ezequiel, Ovídio Guimarães, **Lêa de Portugal** (pseudônimo de Augusta Emília L. Alves Barbosa), Salatiel Costa, **Mauro Távora**, autor das "Talas & Telas"; Josué Leite, **Cláudia Fernanda** (pseudônimo de Judite Costa) (1918), Renato de Alencar, Godofredo de Medeiros; **Zumba Trepador**, o das "Trepações"; **Bibi** (como se assinava Hilda Castros); **Ravengar**, ou seja, Hugo de Moraes, autor dos "Pingos & Gotas"; **Príncipe Negro**, que redigia "Perfis normalísticos"; **Cireno** (como se ocultava Cincinato Pires); **Valdo Lenio**, o mesmo Valfrido Leonardo Pereira; Anísio Galvão; **Lise Fleuron** (pseudônimo de Maria Iraci de Oliveira, de Be'o Jardim), etc.

Contou apenas 32 páginas a edição do segundo aniversário d'**A Nota**, n.º 98, de 9 de agosto de 1918, para continuar, sem interrupção, sua marcha, bem colaborada e bem servida de anúncios. A redação transferira-se para à rua do Jardim

n.º 29, vindo a terminar na rua Domingos Teotônio (atual das Calçadas) n.º 122, e as assinaturas custavam: 10\$000 por 48 números; 5\$000 pelos 24, e 2\$400 pelos 12.

O corpo de colaboradores modificava-se constantemente, a maioria deles aparecido esporadicamente, outros indo e vindo, outros entrando em fila. Eis alguns: Prudenciano de Lemos, Maviasel do Prado, Fenelon Barreto, **Dulce Celeste** (pseudônimo de Maria Antonieta Sodré da Mota), Manuel Pessoa Filho, Adalberto Camargo, Cícero Barbosa e **Sílvio da Selva**.

Ao atingir o n.º 131, de 5 de abril de 1919, acrescentaram-se dois centímetros ao formato d'A **Nota**, cujas páginas passaram de duas para três colunas de composição. O sub-título mudou para "Semanário Ilustrado", ocorrendo, igualmente, modificações na feição intelectual, essencialmente literária e mundana, com a criação da "Vida Elegante", a cargo de **Max**, posteriormente subdividida em notas leves, tipo **soçaité**, verso e prosa, humorismo e indiscreções, sob a responsabilidade de **Gi! e Gim; D. Juan, Pau Sou e P. S.**, que eram, todos os três, Paulo Sousa); **Nemo** (outro disfarce de Valfrido Pereira) e **Atcide** (como se ocultava Benedita Lima. Abria o texto o comentário "Motivos...", assinado, alternativamente, por O., C. e G. (Odilon de Araújo, Chagas Ribeiro e Genésio de Sousa).

Odlaviroff (anagrama) divulgava perfis intitulados "Esculápios", e apareceu **Crayon** (Abelardo Maia) firmando caricaturas e crônicas leves, sendo o noticiário social bem servido de fotografuras. Novos colaboradores apareciam, a saber: Durval Pessoa, **Dalila das Flores** (pseudônimo de Maria Isabel Ferreira), Ascenso Ferreira, **Zé de Casa**, ou seja, Eustórgio Vanderlei, autor dos epigramas "Isto e aquilo..."; Djalma Farias; Lincoln Néri, Alfredo Mauricéia Filho, **Margarida do Prado**, que era, na verdade, Alaíde Maranhão, autora dos "Perfis Cabenses"; Cerquinho Nunes, Osvaldo Lima, Cussy d'Almeida Júnior, José Firmo, também firmando-se **Paulo d'Ataíde**; Mário Sete; **Zilda do Prado** (pseudônimo de Celina do Rego Barros); Austro Costa, Aguinaldo de Araújo Lins, Luiz Beltrão Maranhão, **Bebé** (assim oculta Aurebela Cunha); Valdemar S. C. de Amorim, Joaquim Inojosa, Raimundo Diniz, **Duque de Jabotá**, o mesmo que Gumercindo Duque; José Diniz Filho ou **Lírio-Convale**; Rotílio Marinho,

dr. Liciniano de Almeida (temas médicos), Oscar Mendes, João Celso, ainda **Mário Marino**; **Júlio d'Alcazar**, agora feito correspondente no Rio de Janeiro; Frederico Codeceira; **Ledo Gil**, com a seção "Grãos e Flores"; **Japhet**, que iniciou, em agosto, os "Perfis locais", de Barreiros; **Pedro Simples** (pseudônimo de Gabriel Soares Quintas), autor dos "Aspectos"; Júlio Pires Ferreira; **André Lhery** (como se escondia Severino Alves Leite, que depois passou a assinar-se Seve-Leite); Hermógenes Viana; **Dolly**, encarregada dos perfis intitulados "Flores da Pinto Júnior"; **Acácio Silvestre** e outros.

Na edição de 18 de setembro de 1920, acrescentou-se à tríade redacional o nome de Aristóbulo Costa, ao mesmo tempo que tinha início a seção de comentários ligeiros "Na linha...", assinada por **Salomão**. Mas o novo redator não passou de janeiro do ano seguinte.

Ao atingir o n.º 212, de 6 de novembro, assumiu **A Nota** melhor aspecto material, passando a ser confeccionada na oficina da Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca. Cresceu mais dois centímetros e adotou nova tabela de assinaturas: ano — 12\$000; seis meses — 6\$000; para o interior e Estados: 14\$000 e 7\$000, respectivamente. Continuou com 16 páginas, só alteradas nas edições de aniversários, vendido o exemplar a \$300.

Continuava a revista apresentando lisonjeiro serviço fotográfico da vida social do Recife; criara a seção "Irreverências", e manteve o concurso "Qual a mais elegante senhorinha recifense no estio de 1920?" Caricaturas eram assinadas por **Wald** (Valdemar Costa), Felix, **Bero** (Beroaldo Melo) e **A. G.** (Armando Gama).

Atingiu, assim, 1921, para prosseguir o caminho em curso, incluindo seção desportiva, a cargo de Boaventura Tavares, enquanto **G. M.** (Godofredo de Medeiros) abria a seção "Vida Elegante"; ainda **Od'avirolf** perfilando "Esculápios" (1), e

(1) O autor da seção "Esculápios" — Moisés Florivaldo Chaves de Holanda — foi covardemente assassinado, merecendo d'**A Nota**, de 12 de março de 1921, e da imprensa diária, carinhoso necrológio.

Manuel Reinaldo fazendo a parte charadística. Não deixaram de aparecer colaboradores novos, como: Edwiges de Sá Pereira, **Licarião Selva** (nada mais nada menos que Anísio Galvão); Silvino Lopes, já com o próprio nome; Heloisa Chagas; Fernando Burlamaqui, Edmundo Celso, **J. Sério**, que firmava "Impressões", seção de crítica literária; **João José** (travesti de João Pugliesi); E. Castelo Branco, **Jalf** (José Andrade de Luna Freire); Fausto Rabelo; **Mário d'Aguilar** (famoso pseudônimo de Osvaldo Machado), que fornecia artigos sobre "A dramática nacional", Luiz De'gado, Célio Meira, Valdemar de Oliveira; **Samuel Risão**, que era Pedro Rego Barros; **Landal Taveira** (pseudônimo de Racine Guimarães, **Braz Macahubas**, **Mutt e Jeff**, etc.

A **Nota** festejou o transcurso do seu quinto aniversário com excelente edição de 40 páginas, logo mais terminando sua existência.

O derradeiro número divulgado foi o 258, ano VI, datado de 1 de outubro de 1921 (**Bib. Púb. Est.**).

A GAZETA — Órgão da Paróquia da Boa Vista (1) — Entrou em circulação, mediante aprovação eclesiástica, a 17 de agosto de 1916, formato de 53 x 38, com quatro páginas a seis colunas de composição. Quadrinhos, aos lados do título, traziam as sentenças: "**Per crucem ad lucem**" e "**Prodire in eo que salutariter versari opportunum esse**" (Leão XIII). Direção do Cônego Jerônimo de Assunção, sendo redatores José de Sá (chefe) e Apulcro de Assunção. Assinatura anual — 5\$000. Preço do exemplar — 100 réis. A redação localizou-se na sala da Escola Paroquial da Matriz. Composto e impresso na Tip. de J. Agostinho Bezerra, à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) ns. 18/20.

(1) Outra das metas do Cônego Jerônimo, ao assumir a administração da Paróquia, foi a fundação da Escola de Gazeteiros, que começara a funcionar em janeiro de 1916 e depois passou a denominar-se Escola D. Luiz de Brito, funcionando, a partir de 1928, no Juvenato D. Vital, construído pela Paróquia, como complemento da obra grandiosa do grande sacerdote — jornalista e que aglomerou também a Escola Gráfica Alcina Amorim e a Albergue Camilo Pereira Carneiro.

A primeira página da edição de estréia, tendo ao centro grande clichê, foi ocupada por editorial e noticiário sobre a chegada ao Recife do Arcebispo Sebastião Leme, que na mesma data assumia a direção da Arquidiocese de Olinda e Recife. Foi para a segunda página o artigo de apresentação da folha, que, após aludir à necessidade que tinha a Paróquia de um veículo de difusão da “obra do engrandecimento moral e social que a religião propaga e defende”, concluiu:

“A **Gazeta** será também um órgão de utilidade social imediata, apoiando, exaltando, louvando todos os movimentos nobres da opinião pública nas suas relações com os sentimentos católicos do povo pernambucano. Será a propulsora das boas idéias e das boas ações, a tribuna modesta, mas leal, defensora dos direitos de Deus, da Igreja e da Pátria”.

Jornal bem feito, de caráter moderno, empreendeu vida regular dentro da sua periodicidade, ocupando-se dos assuntos de mais palpitante atualidade, defendendo os interesses da Igreja Católica e das classes conservadoras, divulgando Cartas Pastorais, reportagens ilustradas, noticiário social, atos do Governo Arquidiocesano, variedades e anúncios.

A primeira edição de seis páginas ocorreu a 24 de dezembro — Natal — e, a partir de 18 de março de 1917, transferiu-se o trabalho gráfico para a Imprensa Oficial. Pouco depois, a 29 de abril, noticiava-se a participação de Aníbal Fernandes no corpo redacional, o que, aliás, durou pouco tempo, chegando a criar, no mês seguinte, a crônica “A quinzena estrangeira”, assinada F.

Edição de oito páginas comemorou, a 17 de agosto, o primeiro aniversário, quando o Padre Jerônimo, no artigo “Uma data caríssima”, declarou haver vencido “o período mais delicado”, acentuando: “Em tão boa hora eu posso dizer, cheio de consolação: — a minha **Gazeta** é uma obra providencial”. E enumerou os benefícios por ela proporcionados. A edição estampou, na terceira página, uma galeria de retratos, homenageando “A grande Imprensa do Recife”.

No ano seguinte — 1918 — mudou-se o trabalho gráfico, na segunda quinzena de abril, para a oficina do **Jornal do Recife**, mas já a edição do segundo aniversário, sem aumento

de páginas, foi impressa em oficina própria, instaladas numa das dependências da Matriz.

Embora esporadicamente, vinha o quinzenário divulgando artigos assinados por Lacerda de Almeida, Edwiges de Sá Pereira, Conde de Afonso Celso, padre Me.º Lula, Gonçalves Ma'a, Soares d'Azevedo (transcrições), Amélia Rodrigues, etc., e poesias de **Recife-Noel** (pseudônimo de Raquel Lima). Manteve folhetins, a seção "Notas do Interior" e uma "Galeria dos Benfeitores". Empreendeu campanhas contra a dissolução de costumes, contra o protestantismo e a Associação Cristã de Moços, e a favor da policultura no trabalho agrícola. Enquanto isto, ia, concomitantemente, aumentando a parte de anúncios, que, em 1919, já atingia duas páginas. Nesse ano, Roberto Guimarães mandava, do Rio de Janeiro, as "Cartas Cariocas", e, a 25 de dezembro, a edição, de seis páginas, imprimiu-se toda em tinta verde.

Em maio de 1920 entrava em cena Barreto Campelo, com uma série de artigos, em polêmica com Joaquim Pimenta, sob o título "Contradições a um resumo de Emílio Bossi" (2), que se prolongou entre os meses de maio a agosto. O jornal circulava, então, ora com quatro ora com seis páginas, no último caso enchendo mais de três de reclames comerciais.

Com a edição de 22 de outubro de 1922 alterou-se a feição do cabeçalho, ficando o título à esquerda e o espaço à direita reservado à inserção de palavras do novo Arcebispo, D. Miguel Valverde, praxe mantida, invariavelmente, até abril de 1924, quando as substituíram, em cada edição, sentenças e conceitos de autores diversos ou telegramas importantes.

Desde novembro de 1923, assumira a gerência José Nunes do Vale, o que constou do cabeçalho, ao lado do Cônego Jerônimo de Assunção, pela primeira vez mencionado, continuando até o fim, na qualidade de diretor-proprietário.

(2) Artigos igualmente publicados pelo **Jornal Pequeno e A Tribuna**.

Subiu para 12 páginas (sete de anúncios) a edição de 17 de agosto de 1924, que estampou fac-simile de uma benção episcopal de D. Miguel e, em página interna, retrato de São Francisco de Assis, “o patrono da Boa Imprensa”. Afora o diretor e o gerente, eram os seguintes os servidores d’A **Gazeta**, relacionados num quadro de duas colunas: Corpo redacional: Santos Leite (secretário), Andrade Bezerra, José de Sá, Apulcro de Assunção, **Aires Palmeira** (nome jornalístico do piaulense José Augusto de Sousa), Eustáquio Gomes e Maria Brites Lamenha Lins; escritório: Adalzinda Bezerra (guarda-livros), Adalgisa Vanderlei e Napoleão do Amaral; oficina: Emílio Cardoso (administrador) João Demétrio de Almeida Cavalcanti e Agripino Nazaré (tipógrafos) e Airola Barra Cândido (impressor).

Entrava o simpático órgão no nono ano de sua existência, pleno de euforia e entusiasmo. “Temos a impressão — lia-se no editorial alusivo — dos vencedores que se bateram, sem encarar sacrifícios, pela verdade e pelo bem, não sabendo nunca lhes negar a lealdade das atitudes mais arriscadas”.

A referida edição inseriu artigo de Gilberto Freyre e iniciaram-se os “Rabiscos”, comentário de Eustáquio Gomes. Já se publicavam, com certa assiduidade, produções de Perilo Gomes e Andrade Bezerra, afastando-se, esse último, no princípio de 1925, para a redação d’A **Tribuna**. Raros artigos eram assinados por José de Sá; e Carlos de Laet aparecia através de transcrições da imprensa carioca. S. B. firmava crônicas na seção “Variedades”.

Para estimular a leitura do periódico, sua direção instituiu, em 1925, um prêmio, a ser entregue pelo Natal, “a cada assinante ou amigo” que lhe conseguisse “dez novas assinaturas, nos limites da Boa Vontade”.

A edição de 25 de dezembro prestou homenagem ao terceiro aniversário do governo de Sérgio Loreto, com retratos, panegírico e saudações, que ocuparam a 1.^a e a 12.^a páginas.

Em março de 1926 iniciava a redação intensa campanha contra a perseguição religiosa que se vinha desenvolvendo no México. A 17 de agosto a equipe redacional era a seguinte: Eustáquio Gomes (secretário), Soares de Azevedo, Apulcro de Assunção, Maria Bastos Silveira, Alcina Loio Amorim e

Maria Brites. Já não constava do corpo gráfico o nome de Agripino Nazaré.

Subiu para 18 páginas a edição de aniversário de 1927, quando Carlos de Laet começou a fornecer artigos escritos especialmente para **A Gazeta**. Foram poucos, todavia, porque o famoso homem de letras faleceu meses depois, precisamente a 7 de dezembro (2). Fez-lhe o quinzenário o necrológio na edição de 25 e publicou-lhe a última colaboração, redigida cinco dias antes de morrer. Nele, Carlos de Laet, comentando graves acontecimentos recentes, apelava para que se impedisse a divisão nacional e se pedisse “a Deus o acabamento das guerras civis”. Seguiu-se aritmo de Mozart Monteiro.

Já se elevara para 10\$000 o custo da assinatura anual, sendo vendido o exemplar a 200 réis. Prosseguiu o programa enunciado, com a colaboração consecutiva de Soares de Azevedo, em artigos de grande substância, fornecidos durante sua presença no Recife, que se estendeu até junho de 1929, e ainda do Rio de Janeiro, até o fim de 1931. Eram colaboradores bissestos: Cônego Xavier Pedrosa, Padre Dubois; Antão Mendonça, Odilon Nestor e outros, escrevendo **Sicrano**, por pouco tempo, a crônica “De relance”.

Começara, em 1927, o regime das grandes edições, quer de aniversário, quer de Natal. De 20 páginas a princípio, já no fim de 1928 atingia 28 — em geral dois terços de anúncios — e a última de 1929 somava 32. Mantiveram-se, após, numa média de 22 a 28, para bater o recorde em 1936, a 17 de agosto, quando saiu com 36 páginas.

A partir de agosto de 1931, **A Gazeta** contou com a colaboração de Maria de Lurdes Dutra, que fazia o comentário quinzenal “Pela Educação”, assinado **L. D.**, ao mesmo tempo aparecida a seção “Em revista”, na qual **D’Alhures** se ocupava de assuntos internacionais. Versos, aqui e acolá, produzia o poeta místico Manuel Cirilo. No ano seguinte vieram os “Grãos de areia”, por **F. P.**; mais trabalhos de **Artur Costa**,

(2) Comentou **O Jornal**, do Rio de Janeiro, que “a morte de Carlos de Laet fez desaparecer o último representante da geração intelectual do Império”.

T. G., Eudésia Vieira, Filinto Pedrosa, Cônego Melo Lula, Tristão de Ataíde (transcrições), etc.

Na edição de 17 de agosto de 1933 apresenta-se o quadro "Os que fazem **A Gazeta**". Eram eles, a fora o diretor e o gerente: Padre Nestor de Alencar, desembargador Felisberto dos Santos Pereira, Apulcro, Maria de Lurdes Dutra, Maria Bastos Silveira, Adalgisa Vanderlei e Maria Ange'ina Lolo.

Terminou ao mesmo tempo, ao iniciar-se 1934, a colaboração de **L. D.** (Lurdes Dutra) e **D'Alhures**. Em 1935 aparecia um que outro artigo com a assinatura de Everardo Backheuser, e foi admitido, na qualidade de redator-chefe, José Campelo, ao mesmo tempo que se criava o título "Comentários", estes abrindo a primeira e a última co'unas da primeira página. No ano seguinte Gilberto Osório de Andrade firmava artigos de colaboração. Em 1937 transferiam-se a redação e oficina para a rua da Matriz n.º 32, instaladas em préd'io próprio. Era uma fase de melhoramentos que surgia, sobretudo na parte intelectual. O semanário adotara, em definitivo, o regime de seis páginas, variando com edições de oito. Passou de quinzenário a semanário, circulando aos domingos, e fez constar do expediente nova tabela de assinaturas: ano — 20\$000; semestre — 12\$000; para o interior — 25\$000 e 15\$000, respectivamente. Preço do exemplar — 300 réis.

A partir de então, incluiu serviço telegráfico especial. Não faltava o editorial, além dos sueltos, nos quais eram abordados temas da atualidade; mais artigos traduzidos do francês; folhetim; "A nota científica"; "A nota internacional" e seção desportiva. Vieram depois os **copyrights** da Cruzada da Boa Imprensa, que fornecia produções de Soares de Azevedo, Padre Huberto Rohden, Perilo Gomes, **Paulo de Damasco** e outros escritores católicos.

Seguiu-se, normalmente, a vida d'**A Gazeta** pelos anos a fora. Terminou a 6 de fevereiro de 1939 a atuação de José Nunes do Vale como gerente, cargo que ficou sendo exercido, cumulativamente, pelo redator Apulcro de Assunção, por sua

vez encarregado do setor de publicidade (3), instituidor das grandes edições, todo ano — 16 de agosto e 25 de dezembro — a última das quais, em 1951, igualou o máximo de 36 páginas.

Vale salientar que, no Natal a folha tinha toda a primeira página ocupada por expressiva alegria, representada pela cena divina da manjedoura, vendo-se no primeiro plano, entre nuvens, um anjo de corneta em punho. Constavam do desenho os dizeres: “**Glória in excelsis Deo**” e “**Ó Emmanuel! expectatio gentium! veni ad salvandum nos**”. O clichê saiu, pela primeira vez, a 25 de dezembro de 1928 e foi repetido durante 24 anos, em cada edição correspondente.

O periódico, cuja circulação passara a ocorrer às segundas-feiras, contou, ainda, com a colaboração de Luiz Cedro, A. Peregrino, Irineu Cavalcanti, Costa Rego (transcrição autorizada), Padre Arindo Vieira (artigos de combate ao Comunismo, a partir de 1946), José Dias da Silva, Isaac Gondim Filho, dr. Floriano Lemos, Cônego Jonas Taurino, Pimentel Gomes, Jordão Emerenciano (desde 1948) (4), General Pedro Cavalcanti, Edgar Teixeira Leite e, assindualmente, — 1951/52 — Cônego Júlio Cabral.

Atingiu, pois, **A Gazeta** o ano de 1952, somente quando, a 28 de janeiro, entrou a ostentar, no expediente, o nome do

(3) Em artigo de 17/8/1946, historlando os 30 anos vividos pelo jornal, o cônego Jerônimo de Assunção, numa referência carinhosa ao seu irmão Apulcro, “a alma financeira da empresa”, figurou-o com **A Gazeta** “dentro de uma pasta e levando-a ao alto comércio, aos sindicatos, aos clubes, às festas e aos almoços, para trazer novos leitores e novos anunciantes”.

(4) De Jordão Emerenciano foi o artigo “A Imprensa e o seu dever”, na edição de 25/12/1950, no qual frisou: “É tempo de cada responsável pelo jornal ou pelo rádio lembrar-se, sem ironia nem sarcasmo, desse dever de fazer boa imprensa. Boa imprensa significa, antes de tudo, amor à verdade e convicção profunda de que a imprensa é um meio de educação do povo e do seu elevamento moral. A imprensa não pode ficar estranha a essa tarefa de difundir entre os homens o gosto pela compreensão cristã, pela bondade, pela ternura, pela simpatia humana e pela solidariedade”.

redator-chefe José Campelo, abaixo do qual vinha o do redator-secretário: Apulcro de Assunção.

Enlutou-se, porém, logo mais, a empresa, com o falecimento do excelente Apulcro, dedicando-lhe a edição de 16 de junho o editorial "Nosso amigo dileto", e Jordão Emerenciano o rodapé "À memória de um grande amigo", no qual frisou: "A Gazeta perdeu o seu diretor-secretário. A Gazeta continua, mercê de Deus. Mas continua com um enorme claro aberto na sua fisionomia e no seu espírito". O número seguinte destinou toda uma página à repercussão do acontecimento (5). A 30 do referido mês, constava do expediente: Redatora-secretária — Maria José Borba de Assunção.

Ainda conseguiu o periódico dar uma maior edição de aniversário a 17 de agosto, com 40 páginas, repleta, como de costume — e mais do que nunca — de saudações, pe'o transcurso da data, a saber: dos presidentes da Associação Brasileira de Imprensa e da Associação da Imprensa de Pernambuco; de autoridades do Executivo e do Legislativo federais, estaduais e municipais; de altas patentes militares e de expressivas figuras do Clero de todo o país, além da inserção de produções originais de Nilo Pereira, Gilberto Osório de Andrade, cônego Eustáquio de Queiroz, padre José Aparício, Décio França, D. João Batista Porto Carreiro Costa, Apolônio Sales e Geraldo de Freitas. Mas, que manancial de matéria paga!

Finalmente, a 3 de novembro de 1952, quando atingiu o n.º 1224, o prestigioso órgão da Paróquia da Boa Vista publicou a nota a seguir: "Obrigada a entrar em obras, iniciando inadiáveis reparos em suas instalações, A Gazeta comunica aos seus amigos, leitores, assinantes, que não circulará nos próximos dias. Entre outros melhoramentos que pretende introduzir em sua oficina, destaca-se o de instalação de uma Linotipo, a receber dentro em pouco".

(5) Toda a imprensa diária da capital dedicou necrológios ao confrade desaparecido, sobretudo os colunistas Gilberto Freyre, Gilberto Osório de Andrade, Aníbal Fernandes, Andrade Lima Filho, Paulo do Couto Malta, Gomes Maranhão e Mário Melo, que salientou: "Apulcro de Assunção levou consigo o segredo de haver passado pela vida de Imprensa sem deixar uma desafeição".

Nada obstante, o jornal tão bem dirigido pelo cônego Jerônimo, que lhe assegurou, sem alternativas, pelo espaço de 36 anos, o programa de defensor intransigente das tradições católicas, não reapareceu jamais (**Bib. Púb. Est.**).

EU SEI TUDO — Artes. Comércio. Indústria. Teatros. Humorismo. Notícias. Sports. Etc. — Órgão de Propaganda Comercial — Entrou em circulação no dia 1 de setembro de 1916, para publicar-se semanalmente, obedecendo ao programa acima anunciado. Noticiou-o o **Diário de Pernambuco**, segundo o qual, o n.º 2, do dia 8, inseriu, em meio aos anúncios, o Hino Nacional e um artigo redacional sobre o feito da nossa independência.

A publicação prosseguiu regularmente, sem que restem comprovantes arquivados, a não ser o n.º 36, ano II, datado de abril de 1917. Tinha quatro páginas, formato de 48 x 31, a quatro colunas de 16 cíceros, com tiragem declarada de 10.000 exemplares, que se distribuíam gratuitamente. Era proprietário Alfredo Fonseca, tendo como diretor Augusto Teles, instalada a redação no Pátio de São Pedro n.º 2. Liam-se, em meio à publicidade comercial, notas curiosas, transcrições e artigo de Joaquim de Oliveira.

Ainda avistado o **Eu Sei Tudo**, n.º 41, edição extraordinária, de maio, confeccionada na Imprensa Oficial. Apresentava, aos lados do título, os **s'ogans**: “Para os grandes negócios os grandes reclames” e “Anunciando o vosso ramo de negócio tereis lucros garantidos”. No mais, a matéria rotineira (**Bib. Púb. Est.**).

Foi mais adiante a folha de propaganda comercial, cujo n.º 99, ano IV, constou do noticiário do **Jornal Pequeno** de 1 de janeiro de 1919.

LIGA DA DEFESA NACIONAL — Boletim Mensal — Circulou no dia 13 de setembro de 1917, sob a responsabilidade do Diretório Regional de Pernambuco, que tinha como secretário o professor Andrade Bezerra.

Propunha-se “a despertar e alimentar os sentimentos cívicos do povo pernambucano”. Inseriu “brilhantes artigos atinentes a esse assunto, firmados, na sua maioria, por distintos profissionais da imprensa e conhecidos cultores das

letras". Constava do artigo abertura, sob o título "Razão de ser": A publicação deste Boletim obedece ao intuito, que se propôs o diretório da Liga de Defesa Nacional neste Estado, de intensificar a propaganda do seu programa de ação" (Inf. do diário *A Ordem*, do dia 19).

O n.º 2 (único comprovante existente) publicou-se a 31 de outubro, formato de 31 x 23, com doze páginas a três colunas de composição, tiragem declarada de 50.000 exemplares, para distribuição gratuita. No cabeçalho, lia-se o conceito: "A instrução, ainda a instrução, sempre a instrução, primária, profissional, militar e física".

A edição em apreço divulgou artigos firmados por Inácio de Barros Barreto, Dioclécio D. Duarte e Andrade Bezerra; transcrições diversas e comentários específicos; a "Canção do Soldado" e três páginas de anúncios (Bib. Pú. Est. e Bib. Est. de Sergipe).

A IDÉA — Órgão oficial do Comité Pró-Pátria. Cívico, Litero-Humorístico e Noticioso — Exibindo aos lados do título os slogans "**Tudo pela Pátria**" e "**Tudo pelo Brasil**", apareceu o n.º 1 a 23 de setembro de 1917, formato de 47 x 31, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor — Oscar Artur de Medeiros; redatores — "Diversos". Redação à rua da Mangueira n.º 31, e trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Assinaturas: por 50 números — 5\$000 ou 2\$500 pelos 25. Preço do exemplar — 100 réis.

Tinha como "norma de vida uma religião", que lhe servia "de farol": "a religião do patriotismo". Nada de política, ao que adiantava o artigo "O nosso aparecimento e o nosso programa": "Para nós não há partidatismo, nem bandeiras de facção: há brasileiros; todos são brasileiros, filhos da mesma terra..." Findou o articulista com um "Viva o Brasil".

A edição iniciou a divulgação dos Estatutos do Comité; outro editorial patriótico; noticiário; "Seção de charadas" e vasta colaboração de João Pacheco de Medeiros, **Violeta Dulce**, Luiz Beltrão Maranhão, Marce'o Bonaparte, Oscarina Gisalda e Baltazar de Oliveira, que assinou um soneto, enquanto Oscar de Medeiros dirigia uma exposição, sobre a "reserva do nosso Exército", ao ministro da Guerra, a continuar na edição seguinte.

Não continuou, porque o jornal também não continuou (**Bib. Púb. Est.**).

O TALISMAN — **Noticioso, Palpite de bicho, Crítico e Humorístico** — Saiu a lume com assim datado: 18 - a - 23 de setembro de 1916, formato de 30 x 20, com quatro páginas de duas colunas largas. Assinava-se a 1\$000 por trimestre, circulando semanalmente.

Segundo o artigo de apresentação, o periódico contratara dois “afamados mestres conhecedores das ciências ocultas”, que estavam à disposição do jornal “para dar os palpites aos seus leitores todas as semanas, às segundas-feiras”. Eram eles **Changô e Alufa**.

Como primeira impressão dada ao leitor, o desenho do título constava de grande figa preta, sendo **O Talisman** envolvido numa facha de fita branca entrelaçada.

Seguiu-se a publicação normalmente, só se ocupando de palpites, tabelas e decifrações e divulgando clichês das pessoas que acertavam nos palpites semanais. Variava com algumas notícias de caráter social, anedotas e contos ligeiros. Linguagem pouco recomendável.

Atingiu o n.º 14, datado de 21 - a - 27 de dezembro, último avistado (**Bil. Púb. Est.**).

A publicação continuou, nada obstante a inexistência dos respectivos comprovantes, até o n.º 18, registrado pelo **Jornal Pequeno** de 12 de fevereiro de 1917.

A CHIBATA — **Jornal Semanal, Crítico, Humorístico, Literário e Noticioso** — Propriedade de “uma associação anônima”, sob a direção de Paulo de Amaranto, circulou o primeiro número a 9 de outubro de 1916, formato de 38 x 27, com quatro páginas de três colunas largas. Impresso na Tip. Recife, à rua Pedro Afonso (atual da Praia) n.º 50, com redação à rua de São Francisco (hoje Siqueira Campos) n.º 39. Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$500; trimestre — 1\$000. Número avulso — \$100.

Lia-se no artigo-pragrama: “**A Chibata**, com a serenidade de quem transpõe, caiculadamente, uma íngreme montanha

escalvada e rude, profligará, sem diferença de posição nem de cor, o pobre e o **patacudo**, o bacharel e o operário, se para isso concorrer uma fenda que porventura lhes venha abrir o caráter, fazendo-o exvurmar contágio e repugnância sobre o esqueleto deteriorado da sociedade agonizante”.

“Humorístico, ele imporá o riso franco e a'egre; literário, ele inserirá em suas colunas um conto ou fragmento de uma das figuras vivas de destaque no meio intelectual; crítico, ele julgará os fatos políticos com justeza e critério; noticioso, ele publicará os mais graves fatos desenrolados durante a semana”.

Foi realmente desse quilate, porém mal orientada, a matéria do periódico, inclusive no segundo número (o último, ao que tudo indica), datado de 16, sendo a quarta página exclusivamente de anúncios. Primou pela reportagem de escândalo e pela frase indiscreta. O diretor assinou sonetos humorísticos e o **Dr. Amado** fez a seção charadística “Arrepiá cabelo” (**Bib. Púb. Est.**).

O TECELÃO — Número Especial — Datado do subúrbio da Várzea, circu'ou no dia 3 de novembro de 1916, em homenagem ao industrial Joaquim Otaviano de Almeida, que regressava da Europa. Estampou fotografias dele e da esposa, seguidas de artigos e poesias a respeito (Cf. o **Jornal do Recife**).

OS ECHOS DA HISTÓRIA — Antiga, Moderna e Contemporânea — Órgão “de propaganda da Verdade”, dirigido “por um grupo de amadores da História, especialmente de Pernambuco”, saiu no dia 19 de novembro de 1916, formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas.

Além do exposto, constavam do cabeçalho, de cada lado dos sub-títulos, os conceitos a seguir: “Ano 206 da Revolução Clerical — 1711. Glória aos pernambucanos mártires da liberdade de 1632 a 1817. Ano 43 da reação pernambucana contra os jesuítas, banidos da cidade pelo agitador liberal dr. José Mariano” — “Ano 100 do pronunciamento de 6 de março de 1817. Proclamação da Republica” e Martiro'ógio dos heróis pernambucanos Teotônio Jorge, Barros Lima (Leão Coroado) e Padre Pedro de Sousa Tenório”.

Após abrir a página com dois pensamentos, de Alexandre Herculano e Oliveira Martins, vinha o seguinte: “Redação provisória: Avenida dos Mártires Pernambucanos de 1711 e 1817 (antiga rua do Rio n.º 25, Torre). Números do mês — \$200; vende-se na Livraria Nogueira, rua Barão da Vitória n.º 17. Números atrasados — \$400; vende-se na Livraria Francesa, rua 1.º de Março n.º 9”.

Sob a direção e responsabilidades únicas de Francisco Soares Quintas, o jornal abriu sua edição de estréia com dois longos artigos de apresentação, o primeiro dos quais, inexplicavelmente, tendo ao pé os nomes de Saldanha Marinho e S. Q. Ganganelli C.: XIV, dizia: “Os Echos da História têm por fim despertar a mocidade...” E o segundo: “... desejo ver os pernambucanos livres e emancipados e para isso foi que resolvi tentar publicar um jornal onde eles poderão encontrar a orientação e os conhecimentos de suas gloriosas tradições de resistência de 1632 a 1817”.

Mais dois artigos, assinados pelo diretor, completaram a edição: um sobre “os primeiros passos do jesuitismo em Pernambuco”, e outro, de duas páginas, (todos em tipo corpo 7, batido), intitulado “Três dias de terrores da família pernambucana”, reportando-se à revolução de 1710/1711 e clamando contra “o êrro histórico de 10 de novembro”, uma vez que, na referida data, Bernardo Vieira de Melo se encontrava em Palmares...

O segundo número do jornal saiu a 18 de dezembro, com seis páginas, cinco das quais contendo o artigo “O 18 de dezembro e a República em Pernambuco de 15 de novembro de 1889 a 18 de dezembro de 1916”.

Deve ter ficado em apenas duas edições publicadas (Bib. Púb. Est.).

REVISTA CATHOLICA DAS FAMÍLIAS — Publicação quinzenal (Com aprovação eclesiástica) — Entrou em circulação a 21 de novembro de 1916, formato de 30 x 22, com oito páginas de três colunas. Contribuição anual — 4\$000, logo no segundo número reduzida para 3\$000. Trabalho gráfico da oficina do **Diário de Pernambuco**. Redação: rua do Hospício, 159.

Lia-se no editorial de apresentação: "Nós quisemos acorrer ao encontro das famílias católicas pernambucanas e dar-lhes, todas as quinzenas, esta revistinha (na realidade, era jornal) despretenciosa, a fim de que elas pudessem ver, através destas páginas, alguma coisa que porventura interessar lhes pudesse".

Seu objetivo era propagar o "espírito católico"; era "dizer que o Brasil só pode ser grande, forte e feliz apoiado na religião que ele viu primeiro e não com os olhos transviados pela falsa luz das teorias subversivas". Confiava na ajuda das famílias pernambucanas, para que pudesse seguir a sua trajetória (1).

A edição estampou retratos do Papa Bento XV e do Arcebispo Sebastião Leme; iniciou o folhetim "A Religião no Exército Francês", em rodapés da segunda à oitava página; inseriu artigo de X. e abriu as seções "Através do mundo", "Movimento católico", "Máximas e pensamentos" e "Horário das missas".

O n.º 2, de 12 de dezembro, encerrou o ano, começando numeração nova (ano II) a 12 de janeiro de 1917. Prosseguiu, normalmente, repleto de artigos doutrinários e noticiário específico, além de constantes traduções da imprensa francesa. Eram seus colaboradores, com assinatura ou não, Gonçalves Maia, Aníbal Freire, Mário Sete, A. P. (Anselmo Perete), Osiris Caldas, Rosália Sandoval (psedônimo de Rita de Abreu) e um grupo de Noelistas. A confecção material transferira-se para a Imprensa Industrial, à rua do Apolo n.ºs 49/51.

(1) Escreveu, a propósito, o Cônego Alfredo Xavier Pedrosa, no livro "Letras Católicas em Pernambuco" (Recife, 1939), à página 114: "Além do fim muito nobre de manter e propagar em Pernambuco a simpatia pela nobre nação francesa durante a grande guerra, os seus redatores pretendiam pomposamente combater as mentiras e o barba-rismo alemão e defender o espírito e a raça latinas... Pondo de parte esses entusiasmos patrióticos, muito naturalmente explicáveis, a revista tinha intúlto nobres de defesa da nossa religião, era de uma sã e piedosa doutrinação em matéria que se referia à Fé e tinha o amparo e a simpatia de almas de escol, como foram Celestine Melanges e Maria de Aquino Fonseca, de saudosíssima e santa memória".

Encerrado o ano com 23 edições o III, n.º 1, a 10 de janeiro de 1918 e, sem mais alterações, divulgou o n.º 24 a 25 de dezembro, excepcionalmente com 18 páginas. Em artigo de despedida, porque ia suspender a publicação, temporariamente, escreveu o redator:

“O nosso projeto principal, quando iniciamos esta humilde **Revista**, tinha por fim demonstrar quanto injusta era a propaganda feita contra a França, maximé na sua vida íntima e religiosa”. Concluiu que a República Francesa estava “justificada perante o mundo civilizado” e o periódico regozijado ante “o brilhante resultado obtido com esta vitória”.

Reapareceu a **Revista Católica das Famílias** em Número Especial, a 25 de março de 1919, contendo 10 páginas, dedicado ao Coração Eucarístico de Jesus. (**Bib. Púb. Est. e Bib. Púb. Est. de Sergipe**) (2).

O POVO — Órgão Independente, Noticioso, Literário e de Propaganda Cívica — Circulou pela primeira vez no dia 25 de novembro de 1916, formato de 48 x 30, com quatro páginas de quatro colunas, impresso no Atelier Miranda, à rua Padre Nóbrega n.º 18, tendo redação à Praça Barão de Lucena (hoje Avenida Dantas Barreto) n.º 2. Direção do acadêmico Miguel da Fonseca e redatores... diversos. Assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 3\$000. Número avulso — \$100.

Constava do artigo-programa: “... combaterá com fervor o analfabetismo, a maior chaga moral do nosso povo; combaterá arduamente a nossa falta de patriotismo para o engrandecimento da terra que nos viu nascer, deste pedaço da América a que chamamos Brasil; em síntese, combaterá pelo bem estar do povo, desta massa heterogênea, numa linguagem sã, sem macular a honra de quem quer que seja”.

Em conc'usão, “visava, somente, à bemaventurança da humanidade”...

(2) A primeira das coleções manuseadas acha-se desfalcada dos sete primeiros números.

Especializou-se o patriótico jornal em artigos sobre instrução pública, sobretudo assinados por **Paulo Maranguape**, e noticiário amplo. Foram cronistas: **Job Abel** e **Vaz Vasconço**. Quase duas páginas de anúncios.

Vida efêmera, como a de tantos outros. Não conseguiu **O Povo** passar do terceiro número, que foi publicado a 9 de dezembro (**Bib. Púb. Est.**).

O FOCO — Jornal Literário, Noticioso e Sportivo — Com redação na Várzea, à rua do Rosário n.º 20, entrou em circulação a 26 de novembro de 1916, formato de 26 x 17, com quatro páginas de três colunas. Publicação mensal, assinava-se a \$500 por trimestre. Propriedade de D. Gomes; diretor — J. Dias; redator-secretário — Alberto Saldanha.

“O nosso jornal — lia-se no artigo de apresentação — será o modesto reflexo nosso, comentando com interesse as pessoas e os fatos, mas sem arremãos de apaixonado, nem agachamentos inferiores”.

Vigiaria a política, “mas sem partido”; a literatura seria o **plat du jour**; daria “a notícia surpreendente, que estimula as idéias e põe em relevo a vida social”, e, tratando da vida econômica, tratava da inclusão de “anúncios, que tudo podem, porque nos darão **forças** para agir e o velho estímulo monetário, sem o qual as energias se entibiam, as pernas dobram de inanição e a gente morre de desalento...”

Seguiu-se a publicação, obedecendo ao programa mais do que tudo noticioso, redigida em linguagem apurada, focalizando e comentando assuntos do subúrbio que lhe servia de sede. A parte literária esteve a cargo, principalmente, do redator-secretário, que usava, também, a inicial **A**, na “Musa Sportiva”, e **A. S.** na “Revista...”, enquanto Luiz Ribeiro Pessoa concorria com sonetos; Horácio Saldanha assinava raras crônicas e **Lolita** alguns contos, lendo-se ainda produções de **Alado** e do Padre Estanislau. Poucos anúncios.

A existência do interessante periódico, entrado em 1917 sem deter a numeração, e apresentando lacunas nos últimos meses, prolongou-se até o n.º 11, datado de 17 de junho (**Bib. Púb. Est.**).

[1] A coleção manuseada faltam os n.ºs 7 a 10.

RENOVADOR — **Órgão do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade** — Surgiu em dezembro de 1916, formato de 31 x 21, com quatro páginas a duas colunas de composição. Ao lado do título figuravam as sentenças: “O maior mal é a ignorância da verdade” (Platão) e “Amai-vos uns aos outros como irmãos” (Jesus). Diretor — Fausto Rabelo; gerente — José Ribeiro Pessoa. Redação à Avenida Ferreira Gomes n.º 14, Feitosa.

“A aparição do **Renovador** — lia-se no editorial de abertura — representa mais um elemento de luta pela causa da liberdade do pensamento. O seu escopo é o de seus congêneres: combater o erro; propagar a verdade; difundir os ensinamentos da boa moral; trazer ao conhecimento de todos os assuntos tendentes à ciência e à filosofia; e procurar unir as almas pelo incitamento ao amor recíproco, a fim de que a harmonia fraternal, tão apregoada, se torne uma realidade plausível”.

Graficamente bem apresentado, o periódico divulgou matéria de propaganda espirituaísta, sobretudo através de transcrições. Colaboração de José Gomes Montezê e José Batista de Oliveira, tendo êste último, já no fim, assumido a direção.

Folha mensal, até o n.º 5, de abril de 1917, a circulação decorreu normalmente, mas o n.º 6 só apareceu no mês de agosto, com a colaboração de Tomaz Ribeiro, José Ribeiro e **Aires Paímeira** (pseudônimo de José Augusto de Sousa).

Não há notícia de ter prosseguido (**Bib. Púb. Est.**).

1 9 1 7

A IDÉA — **Órgão Independente, de publicação mensal** — Inexistente comprovante da edição de estréia, circulou o n.º 2 em fevereiro de 1917, formato de 22 x 15, com quatro páginas de duas colunas. Direção de Carlos Viegas e José Mindelo. Assinatura semestral — 1\$000; preço do exemplar — 100 réis.

Jornalzinho bem feito, deu à luz o terceiro número no mês de março, apresentando cabeçalho em tinta encarnada. Unicamente dedicado a literatura, inseria produções ligeiras, em prosa e verso, dos redatores e de **Carlos Nazaré** (pseudônimo de Carlos Augusto Ferreira da Costa), Baltazar de Oliveira, Armando Maia, etc.

Não há indício de ter prosseguido (**Bib. Púb. Est.**).

O COLLEGIAL — Periódico mensal dos Alunos do Colégio Salesiano do Sagrado Coração — Começou a publicar-se em março de 1917, formato de 22 x 16, com 16 páginas de papel assetinado e capa em **couché**. Trabalho gráfico da Escola Salesiana do Recife, à rua D. Bosco n.º 551. Assinatura anual — 3\$000; preço do exemplar — \$400. A direção foi atribuída ao padre Estanisláu Lukaszewski.

A propósito da concretização do ideal suspirado de “um jornalzinho no colégio”, lia-se na nota de abertura, dirigida aos Alunos: “Suas páginas relatarão, além das noções científicas e pedagógicas, os vossos trabalhos literários, a vida alegre, nas festas e no **sport**, o vosso procedimento, grata e justa recompensa dos sacrifícios de vossos pais e vossos mestres. Serão celebradas as datas nacionais, fomento do patriotismo. Os redatores, os colaboradores sois Vós”.

Ilustrou a edição de estréia o clichê do Arcebispo Sebastião Leme, da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Seguiu-se a publicação com regularidade, divulgando matéria leve, variada, de interesse do Colégio e dos estudantes, inclusive crônicas e artiguinhos, até poesias, por eles assinadas. Aumentou para 20 e depois para 24 páginas, circulando em dezembro o n.º 10. No segundo ano, apareceu de fevereiro a dezembro, numerando-se as páginas seguidamente, perfazendo o total de 232. Em 1919 saíram, apenas, seis edições, a última datada de setembro/outubro, com 160 páginas ao todo.

A par das seções “Quadro de Honra”; “Correspondência”, por **Tiadoro**, depois substituído por **Inzaquié** (em caçange); “Humorismo”; Charadas, a cargo de Aginaldo de Araújo Lins; “Noticiário” e outra de troças, O **Collegial** inseria produções de Oscar Mendes Guimarães, Agripino de Barros,

A. Venícius (pseudônimo de Luiz Cerquinho), **Vicente Vanderlei**, **Adarico Negromonte**, **Manuel Cirilo**; **Le Lys Rouge**, que era o mesmo **Aguinaldo Lins**; **Davino Nascimento**, **José Maria de Albuquerque Melo**, **Mário Porto**, **Severino Leite**, **Flávio Guerra**, **Juca Monteiro**, **José Brito Passos**, **Incultus**, **Zé B. Deu**, **Luiz de Faria Barbosa**, **K. 7.**, **Manuel Machado**, **João Vanderlei** e vários outros. Não lhe faltava, de vez em quando, algum serviço de clichê.

A revista ficou suspensa, para ressurgir “depois de longo tempo de uma muito sentida e deplorada ausência”, com o n.º 1, ano IV, em julho de 1924. Seria “o bom **Collegial** de sempre, propugnador e propagandista das boas idéias, arauto das boas impressões da vida de colégio”.

Circularam mais duas edições, terminando o ano o n.º 4/5, datado de outubro, novembro, quando aumentou para \$500 o preço da anualidade e para \$500 o do número avulso, este último elevado, em 1927, para 1\$000.

Sem nenhuma outra alteração, prosseguiu pelos anos a fora, com seis a oito edições distribuídas em cada doze meses, com exceção de 1928, quando deu, apenas, em janeiro, uma, extraordinária, de 48 páginas, e de 1929, aí chegando a quatro números. Em 1931, além do normal, saiu uma edição extra, em dezembro, apresentada em formato maior. O manuscrito **O Jacaré**, do 5.º ano seriado, que estreou a 15 de outubro de 1932, fez referência a **O Collegial**, de setembro do mesmo ano, que “saiu **madeira**, tratando de assuntos elevados, etc”.

Mantendo umas seções, iniciando outras, destacavam-se, a partir de 1925: “Crônica”, assinada por **Cronista**; “Instantâneos”, por **Kodak**, logo substituído por **Zeis Traz** e ainda por **Codaque**, este, pseudônimo de Nelson Borba; “Galeria Literária”; “Para desopilar”; “Desportivas”; “Dizem”, por **O Detetive**, etc., além da constante correspondência matuta. De março a novembro de 1926, o já professor Oscar Mendes divulgou, com a assinatura **X. Y. Z.**, o folhetim-novela “José Paulino”, e, no mesmo ano, travaram polêmica literária os colaboradores-alunos **Manuel Cavalcanti** e **Álvaro Lins**. Colaboração ligeira, igualmente, do **Mauritano**, ou seja **Mauro Mota**.

No espaço compreendido desde o reaparecimento até 1938, **O Collegial** contou, entre outros, os seguintes colaboradores, que se substituíam sucessivamente, de acordo com os períodos escolares, além de alguns professores: Paulo Cabral, Adroaldo de Alencar Costa, José Carlos Dias, Aduino Acton, dr. João Bezerra Leite, Augusto Lins e Silva, Eraldo Cavalcanti Valença, padre Nestor de Alencar, Hamilton Fernandes, Júlio A. Maranhão, Alvaro de Barros Lins, professor Adarico Negromonte, Mauro Mota, Estácio Antunes da Silva, professor Landelino Câmara, Fernando Maia Carvalheira, professor padre Belchior Maia de Ataíde, Pedro Martiniano Lins, Jorge Falângola, Uraquitan Bezerra Leite, padre Davino Ferreira, Régis Moura, Jovelino Brito Selva, Tomé Dias Sobrinho, Arbués Sousa, Júlio de Melo, Tadeu Rocha, Carlos Leite Maia, padre Carlos Leôncio, Eros Martim Gonçalves Pereira, Fausto Bacchi, Fausto Pontual Júnior, Nilo Pereira, Paulo da Fonte, Epaminondas de Oliveira, Cícero Galvão, Luiz Rafael Maier, Clemenceau Dutra de Almeida, Alfredo Pessoa de Lima, Rildo Neves, Eudes de Sousa Leão Pinto, Luiz Gonzaga C. Carvalheira, Nildo Carneiro Leão, Fausto Cavalcanti Petribu, Aziz Francisco Elhimas, Floriano Ivo Júnior, Gibrardo de Moura Coelho, Fernando Mota, Clóvis Guedes Gondim, Luiz G. Santos, Napoleão Ivo Júnior e José Mazzoni.

A direção do magazine, em seguida à do seu fundador, Padre Estanisláu, foi exercida, sucessivamente, pelos padres Epifânio Borges, Nestor de Alencar e Belchior Maia d'Ataíde.

O último número aparecido em 1938 foi o 5.^o, ano XX, correspondente a outubro/novembro, com 48 páginas, dedicado ao Congressinho Eucarístico Salesiano. Ficou aí suspensa a publicação.

Ressurgiu **O Collegial** em 1950, ano em que circularam duas edições. Não resta comprovante do n.^o 1, sendo o n.^o 2 datado de novembro/dezembro. Reuniu 32 páginas, inclusive a capa, impresso na tipografia d'**A Tribuna**. Diretor-responsável — padre Belchior Maia de Ataíde. Preço da anualidade — Cr\$ 25. Número avulso — Cr\$ 3.

Seguiu-se a publicação em 1951, quando foram dados a público oito números, tendo voltado a imprimir-se na Escola Salesiana do Recife. Continham as edições de 28 a 44 pági-

nas, tendo capas ilustradas. Matéria variada, inseria as seções “Curiosidades”, “Para rir”, “Correio Colegial”, “Dizem que...”, “O mês em que vivemos”, “Esportes”, “Correspondência da Capitá”, a cargo de **Quinca das Flores**; “Conversa de telefone”, palavras cruzadas e charadas. Produções diferentes eram assinadas por Manuel Rafael Neto, Raimundo Guedes de Araújo Lima, Nilton de Sá Combre, Ivo Ferreira, José Mendonça Bezerra, José Marinho Ribeiro, Israel José Buarque Borges, Agostinho de Arruda Raposo e **P. X.**, que escrevia “É a tua hora, meu Amigo...”

O oitavo e último número saiu no mês de outubro de 1951. Foi o canto de cisne da interessante revista estudantil (**Bib. Púb. Est. e Bib. Colég. Salesiano**) (1).

— O **JORNAL — Literário e Noticioso** — Publicação semanal, a princípio, depois quinzenal, surgiu no dia 18 de março de 1917, formato de 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Diretor — Ildefonso Lopes; repórter — Ezequiel Pirete, funcionando a redação na Estrada do Rosarinho (atual rua Dr. José Maria) n.º 6. Tabela de assinaturas: semestre — 2\$300; trimestre — 1\$200.

Apresentou-se, em artigo de fundo, como “mais um acólito do bem”; destinado a “defender os direitos dos oprimidos, levar aos lares a moral, instruir, deleitar, tudo finalmente que esteja ao alcance do bem, da moral”, sem ligação “com nenhum partido político, tratando os fatos com a máxima imparcialidade”.

Os três primeiros números foram impressos em papel comum, continuando em papel assetinado, com melhor feição material. A partir da quinta edição, afastado o repórter, passaram a figurar como redatores Luiz de Barros, José Austregésilo Filho e Manuel A. Sobrinho. O preço das assinaturas semestral e trimestral elevou-se para 3\$000 e 1\$200, respectivamente. No n.º 8 já não se via o nome de Luiz de Barros e, no n.º 10, apareciam três novos redatores: José Figueiredo, José Simões e Oscar Jucá do Rêgo Lima. Ocorreu uma única edição de seis páginas: foi a de 31 de julho.

(1) Coleções incompletas.

A par de uma galeria de retratos de elementos de projeção social, a matéria do periódico constava das seções “Vida Elegante”, “Carnet”, “Retratinhos”, “Vida desportiva”, “Contos rápidos”, “Postais”, concursos, perfis e, nos três últimos números, o folhetim “O poder do amor”, de A. Lerght, em rodapé; mais a colaboração de Laura Stela, Emanuel de Albuquerque, Jacinto Júnior, D. de Sousa, Joal Neves, J. Soares, Nair de Alencar, além de numerosas produções do diretor, inclusive com a assinatura **Ilde**, e dos redatores. Na última página, só anúncios.

Findou a existência d'**O Jornal** com o n.º 14, de 24 de dezembro. O trabalho material foi executado em tipografia própria, com exceção dos n.ºs 5 a 10, que o foram na Tipografia Brasil, de Olímpio Brederodes (**Colec. Ildef. Lopes e Bib. Púb. Est.**) (1).

A CARTOMANTE — Livro de Sortes — Foi editado pelo semanário **Eu Sei Tudo**, redigido por **Mme. Spinel i d'Avila** e confeccionado na oficina da Imprensa Oficial, constando do noticiário a respeito: “Os assuntos das sortes, bastante espirituosos, são diferentes dos geralmente adotados, sendo desenvolvidos com muita graça, sem entretanto envolver alusões ferinas, desrespeitosas. A parte literária e recreativa foi organizada com critério, sendo nela encontradas apreciáveis produções”. Vendeu-se o exemplar a 1\$000 (**Jornal Pequeno**, 30/05/1917).

NOITES DE JUNHO — Circulou esse “bem feito livro de sortes”, impresso na Tipografia Recife, “destinado a fazer as delícias das noites de Santo Antônio, São João e São Pedro” e servido de “variados escritos literários”. Preço do exemplar — 1\$000 (**Jornal Pequeno**, 31/05/1917).

A VASSOURINHA — “Interessante e bem feito livro de sortes para as noites sanjuanescas”, foi organizado por “antigo e talentoso confrade de imprensa sob o pseudônimo de **Dr. Parafuso**”. Era um fascículo “de impressão agradável e de atualidade, trazendo 300 espirituosas sortes sobre 14 assuntos, uma parte literária bem organizada, tendo à capa a

(1) É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

caricatura de conhecido tipo popular, afora horóscopos instantâneos sensacionais, original concurso de beleza, um prêmio de 100\$00", etc. (**Jornal do Recife**, 03 06/1917).

A PAZ — Órgão da Sociedade Literária Alvares de Azevedo do Ginásio Aires Gama — Circulou no dia 9 de junho de 1917, bom formato, com quatro páginas de quatro colunas, impresso em papel superior. Declarando-se quinzenário, exibiu o seguinte corpo redacional: diretor — Manuel Onofre; redator-chefe — Marcionilo Lins; redator-literário — Lima Pacheco; gerente — Luiz Gomes. Assinaturas: ano — 8\$000; semestre — 5\$000. Número avulso — \$200. Ao lado esquerdo do título trazia a lista dos colaboradores, lendo-se à direita o conceito: "A imprensa é o melhor meio de educação artística e popular. É o reflexo do duplo sentir individual e coletivo".

Constava do artigo-programa: "O escopo que alimentamos, na altura de esforços conjugados, é de cooperarmos para o progresso das letras em nossa terra e justa crítica e estímulo aos iniciados do cultivo do que o pensamento produz. Se é certo que um órgão de imprensa é o veículo de tudo que vai pelo meio donde ele tira a sua própria causa de ser, **A PAZ** é o expoente do sentir artístico e literário da Sociedade Alvares de Azevedo, possante cerebração que fez época em uma saudosa fase de vida intelectual do Brasil".

Além de nítido clichê da diretoria do sodalício, a edição só divulgou mesmo produções literárias, assinadas por João da Paz, Hemetério Fernandes de Queiroz, Hermógenes Viana (a continuar), Jack Reinaldo, José Cordeiro, Alcides dos Anjos, padre Manuel Otaviano, Marcionilo Lins (a continuar), João Pereira Leite, Liberalino de Almeida e Nelson Melo, os dois últimos autores de sonetos.

Ficou no primeiro número (1) (Bib. SPHAN).

A GLÓRIA — Periódico, Literário e Noticioso — Circulou o primeiro número (e último), sob a direção de Paulo de Sousa

(1) Confirmada a existência de "um número. apenas", por Joaquim Inojosa, no Vol. II do livro "Escritos diversos" — Editora Férias Ltda. — Rio, 1962.

e Godofredo de Medeiros, no dia 18 de junho de 1917, consoante o noticiário, na mesma data, do **Diário de Pernambuco** e do **Jornal do Recife**.

A SEMANA — Artes, Letras, Desportos, Teatros, Cinemas, Etc. — Circulou o n.º 1 a 30 de junho de 1917, formato de 31 x 22, com oito páginas de texto, mais a capa, tendo o frontispício trabalhado em vinhetas. Direção de **Aires Palmeira**, como se retraiá o piauiense José Augusto de Sousa; redatores — Agripino da Silva, José Rodrigues da Fonseca, Augusto Gois Teles, Manuel Rodrigues da Fonseca, Antônio Pais de Andrade (também com o cargo de cobrador), Rogério Paiva e Nestor Teixeira.

Constava do Expediente: “Assinaturas — para comerciantes, industriais, médicos, advogados, etc. — 1\$000 por mês, com direito a um anúncio na seção “Anunciador d’A Semana”. Todas as pessoas que contratarem anúncios terão direito a uma assinatura gratuita. Correspondência para a Casa América, de Evaristo Maia, praça da Independência n.º 6”. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial.

Lia-se no artigo da apresentação: “Não tem divisa a seguir... Não tem nenhum programa a realizar, nem tampouco pretende combater os programas alheios... Porque, na realidade, nada mais interessante do que essas “plataformas” jornalísticas: refletindo idéias e princípios que, quase sempre, se não ajustam e que se não arredam nunca do terreno teórico, são, porisso mesmo, desvirtuadas no embate provocado pelo choque das paixões e dos interesses que se agitam nesse vórtice que é o **struggle for life** esmagador...”

“A Semana, portanto, nada mais será do que um expoente de tudo que ocorrer dentro dos seus sete dias, ou, noutros dizeres, dentro das suas 168 horas...”

Em sua curta existência, o periódico teve a colaboração de Teotônio Freire, Costa Rêgo Júnior, Osório Borba, Araujo Filho, Clodoaldo de Oliveira, Cruz Ribeiro e Astrogildo de Carvalho. Foram seções criadas, mas não constantes: “Cartas sem... política”, por Alberto Carrilho; “Os fatos” — **Zé Emídio**; “Ver, Ouvir e... Contar” — **Cego-Surdo-Mudo**; “Caixa d’A Semana” — **Robles**; “A porta do Nogueira” — **Lúcio Palmares**; e “Prosas e Versos” — Brito Macedo. No terceiro número assumiu a gerência Joaquim de Oliveira.

Ao que tudo indica, não passou do n.º 4, de 21 de julho, a publicação da bem feita revista (**Bib. Púb. Est.**).

A **LANTERNA** — **Humorístico, Crítico e Noticioso** — Propriedade “de uma Sociedade Anônima”, teve o primeiro número em circulação a 28 de julho de 1917, formato grande, com quatro páginas de seis colunas. “Esta folha popular — lia-se no expediente — única no seu gênero no norte do Brasil, publica-se duas vezes por semana”. Redação e escritório à rua 15 de Novembro (antiga e atual do Imperador) n.º 277. Preço da assinatura trimestral — 2\$000.

Não era “doutrinário nem um órgão político, ardente, impetuoso e violento”, acrescentando o artigo-programa: “A feição que lhe vamos imprimir é leve e graciosa. Prometemos tratar de todos os assuntos, bordando ligeiras crônicas polvilhadas de inofensiva verve, sem o ranço das chulas grosseiras e sem o sabor irritante das chacotas soezes, sobre os variados aspectos da vida. **A Lanterna** há de ser sutil, maliciosa e mordaz, mas as suas ironias não terão maldade e as suas facécias não serão impregnadas da indecência das frases escabrosas”.

Noutra nota, anunciava que daria notícia completa do movimento da praça em Pernambuco.

A edição de estréia cumpriu o programa de amenidade estabelecido, inserindo crônicas assinadas por Martins Filho, Horácio de Carvalho, A. A., **Rômulo Sílvio**, **Leo Taxil**, **Lívio Tito**, **Juca Pa'heta** (pseudônimo de Antônio I. Borges), **Jorge Clarel**, chamado “o repórter invisível”; **Maciste**, J. A., **Zeba** e **Sentinelá**; poesia de Agripino da Silva; o folhitim “**Notavados originais**”, de Carneiro Vilela, transcrito d'**A Província**, de 1893; “**Conselhos úteis**”; “**A moda**”, notas curiosas, anedotas e variado noticiário, sendo a última página ocupada por anúncios.

Na segunda edição, escrevia o editorialista: “A nossa folha pertence ao número dos que combatem o mal, o vício, o crime, a faduidade, a ignorância e a baixeza de caráter”.

A Lanterna deu seguimento à sua meta, obedecendo ao enunciado. Circulava, porém, uma e não duas vezes por se-

mana. Sua existência estendeu-se até o n.º 7, publicado a 12 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

O **GERMINAL — Revista Literária e Noticiosa** — Destinada a publicar-se mensalmente, o n.º 1 saiu a 12 de agosto de 1917, formato de 26 x 15, com quatro páginas de três colunas estreitas. Deu como procedência o arrabalde do Feitosa, mas instalara redação em Campo Grande, à rua de São João n.º 12. Confecção, utilizando papel superior, da Tipografia Brasil. Assinatura trimestral — 1\$000.

Não teve artigo de apresentação o pequeno jornal, não revista. A par de algumas notícias, a edição inseriu produções ligeiras, em prosa e verso, de José Penante, Napoleão Albuquerque, Joaquim Lima, Luiz Loureiro, Álvaro Moreira Astrogildo de Carvalho, Lauro Moutinho e Hélio Florival; mais as "Pérolas soltas", de pensamentos femininos, assinados com pseudônimos.

Ficou na edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

NOVA CRUZADA — Mensário da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo — Começou a publicar-se em agosto de 1917, formato amplo, com quatro páginas de cinco colunas. Trazia sob o título: "Semeando o A-B-C entre as classes desfavorecidas, colheremos os doces frutos da liberdade". Tiragem declarada de 6.000 exemplares, para distribuição gratuita. Além da matéria redacional, o primeiro número divulgou artigos de Pedro Celso, Manuel Arão, Dioclecio Duarte e Fernando Griz.

Seguindo o ritmo enunciado, o periódico inseria, em cada edição, memoriais, relatórios, movimento das escolas mantidas pela Liga, opiniões da imprensa diária, noticiário e artigos assinados.

Circulou, normalmente, até dezembro. Prosseguiu — ano II, n.º 1 — em janeiro de 1918 e, com lacunas, atingiu o n.º 9 no mês de dezembro. Só ocorreu o n.º 1 de 1919 em março, quando solenizou a data aniversária da Liga e, sem interrupção, chegou ao n.º 9, datado de 15 de novembro. Foi, certamente, o derradeiro publicado.

Nova Cruzada contava com a colaboração, em prosa, de Eustáquio Vanderlei, M. Ribeiro de Almeida, José Césio Regueira Costa, Alfeu Domingues, Alfredo Porto da Silveira, Joaquim de Oliveira, Ezequiel Lopes, Milton da Cruz, Lafaiete Tavares, Martins Filho, Tito Vila Lobos, Oscar Farias, O. Lins e Melo, J. Soares, Luiz Cedro, Dioclécio D. Duarte, Fausto Rabelo, C. Cordeiro e Alfredo Vauthier e poesia de Angeline Ladevèse (em francês) e **Aires Palmeira**, a fora transcrições autores célebres (**Bib. Púb. Est.**).

MEZ DO CLERO — Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Olinda-Recife — A primeira edição foi publicada em setembro de 1917, formato de 23 x 16, com 36 páginas, ora de uma, ora de duas colunas. Impressão da oficina d'A **Tribuna**, custando 10\$000 a assinatura anual. Corpo redacional (por nomeação do arcebispo metropolitano): diretor — Monsenhor Afonso Pequeno; secretário — Padre Alfredo Xavier Pedrosa; gerente — Padre José do Carmo Barata; redatores — Cônego Pereira Alves, Padres Leonardo Mascelo, Sá Leitão, João Carneiro “e, em geral, os professores do Seminário Maior”.

Em circular que temou o n.º 3, o arcebispo Sebastião Leme fez a apresentação da revista, destinada a “tornar conhecidos os atos pontifícios e diocesanos”. Além de outros objetivos, trataria “de ajudar o clero na pregação paroquial, fornecendo-lhe, com ordem e método, pontos doutrinários e morais, de fácil desenvolvimento, cujas linhas mestras poderão ser esboçadas de leve”. Assinatura obrigatória “para todos os sacerdotes seculares, bem como para todas as comunidades regulares”.

O **Mez do Clero** aparecia regularmente, com irregular quantidade de páginas, obedecendo ao seguinte sumário: Atos da Santa Sé — Governo Arquidiocesano — Artigos doutrinários — Pregação para cada mês — Consultório do Clero — Cartas dum velho pároco — Arquivo particular — Grãos de apologética — Efemérides — Várias.

Encerrou-se o primeiro ano com o n.º 12, de agosto de 1918, perfazendo, em numeração seguida, um volume de 308 páginas.

Prosseguindo, veio a tornar-se, desde o n.º 3, ano III, de novembro de 1919, órgão oficial, concomitantemente, das Dioceses de Pesqueira, Nazaré e Garanhuns.

A publicação prolongou-se — a doze edições por ano — até o n.º 12, correspondente ao mês de setembro de 1921 (Bib. da Arquidiocese).

O ORACULO — Entrou em circulação o primeiro número (talvez único), editado pela Sociedade Literária Delphos. Diretoras — Sílvia Carneiro Leão, Isaura Melo, Sefora Oliveira e Ana Reinaux (Diário de Pernambuco, 30/11/1917).

REVISTA FORENSE — Publicação mensal — O primeiro número foi publicado a 1.º de outubro de 1917, formato de 30 x 20, com 20 páginas de duas colunas largas, em bom papel, a fora a capa. Direção de Amaro Gomes Pedrosa e Fernando Barroca. Assinatura anual — 18\$000, mediante pagamento adiantado; preço do exemplar — 2\$000. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**, funcionando a redação na rua da Aurora n.º 469, 1.º andar. A distribuição faz-se pela Livraria Econômica, de Manuel Nogueira, à rua Nova n.º 193.

Destinada exclusivamente às letras jurídicas e precipuamente à jurisprudência pernambucana”, segundo o artigo de apresentação, “seu programa esteriotipa-se em seu próprio título: sem cor política ou preconceitos, seus interesses são os da Justiça e seu fim a coordenação da jurisprudência local e a divulgação das boas doutrinas”. No fim, punham-se as suas colunas à disposição dos cultores do Direito e dos mestres”, dos quais esperava “a valiosa colaboração e honroso apoio moral”.

A primeira página do texto foi dedicada ao presidente do Superior Tribunal de Justiça do Estado, desembargador Argemiro Galvão, com clichê e dados biográficos. Seguiu-se a matéria, dividida em duas partes: Doutrina e Jurisprudência.

O n.º 2, de 1.º de novembro, inseriu clichê e dados biográficos do desembargador José Francisco de Gois Cavalcanti. Precedendo as seções primordiais, abriu-se o título “Várias”, de comentários em torno da vida forense, e terminou com outra seção nova: “Legislação”.

Foram colaboradores da **Revista Forense**: Gondim Filho, Amaro Pedrosa, J. A. Correia de Araujo, Oliveira Lima,

Antonio Inácio, Fernando Barroca, Luiz Salazar, Alfredo Ramos, Miguel José da Mota Junior e Samuel Martins.

Nada obstante a boa aceitação conseguida, o mensário terminou sua existência com o segundo número, formando um total de 40 páginas (**Bib. Púb. Est.**).

A VOZ OPERÁRIA — “Órgão sindicalista, defensor das classes operárias”, **A província**, edição de 14 de outubro de 1917, acusou-lhe o recebimento do n.º 13, ano II.

Nenhuma outra notícia foi possível encontrar, nos diários da época, em torno do referido jornal, que o descuidado Sebatião Galvão registrou, no seu “Dic’ionário Corográfico, Histórico e Estatístico”, como tendo circulado o n.º 1 no dia... 14 de outubro de 1917.

1 9 1 8

O IDEAL — **Revista Bimensal Ilustrada, Literária, Desportiva e Comercial** — Surgindo com o n.º 1, ano III, 2.ª fase, a 1 de março de 1918, substituiu o jornal de igual nome que circulara até 30 de dezembro do ano anterior, em Caruaru. Direção do professor Lauro Simões, redação à rua Vidal de Negreiros n.º 11, 2.º andar, e trabalho gráfico da oficina d’**A Ordem**, à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) n.º 295. Apresentou-se com 16 páginas, a fora a capa, em formato de 26 x 20, adotando a seguinte tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 2\$500; número avulso — \$400. Preço dos anúncios: na capa — \$650 por centímetro quadrado; no texto — \$400.

Lia-se no editorial de abertura: “Mantemos o mesmo programa que nos traçamos ao aparecimento do nosso periódico, diferindo apenas nos meios que teremos de empregar para combater os erros: em vez do combate sisudo, a nossa arma será a crítica fina, irônica, mordaz talvez, quando se fizer mister. Mas o nosso maior desejo é louvar sempre, contanto que seja o mérito real, porque o nosso louvor é sincero”.

Circulou com regularidade, variando o número de páginas, até o total de 26, a capa trabalhada em vinhetas, e

impressa a duas cores. Abria cada edição a crônica de **Seomis** (anagrama), variando a parte noticiosa e a literária com “Seção Inglesa”, “Seção Francesa”, “Seção Áurea” (datas festivas dos assinantes), “Lições de Gramática”, “Seção Charadística”, a cargo de M. F. Diu; “Crônicas Desportivas”, por D. D. (Duarte Dias), “Modas Femininas”, por Madame Louise; “Receitas Domésticas”, “Humanismo”, de Aníbal da Cruz Ribeiro, etc. Outros colaboradores, em prosa ou verso: Brito Macedo, **Dulce Celeste** (pseudônimo de Maria Antonieta Sodré da Mota), Samuel Rosi, Osiris Caldas, Tito Lívio, Esdras Farias, Oliveira e Silva, Xavier Marques, Gaspar Regueira Costa, Josué Leite, José Oiticica, Anísio Galvão, Fernando Griz, Osvaldo de A. Melo, etc. Boa quantidade de anúncios.

Em virtude de dificuldades materiais, deixou de ser publicado o n.º 10. Saiu o 11º, a 27 de julho, sendo a composição e a impressão de metade das páginas feitas na Tip. Moderna, à rua Duque de Caxias n.º 38. Foi o fim d’**O Ideal** (**Bib. Nac. e Bib. Púb. Est.**).

TRIBUNA DO PCVO — Publicação trimensal, começou existir no dia 1 de março de 1918, formato de 38 x 26, com quatro páginas de três colunas. Sem mencionar corpo redacional, advertia no Expediente: “Correspondência e valores deverão ser dirigidos a A. Bernardo Canela”, (no segundo ano substituído por José Néri). Redação e administração à rua Estreita do Rosário n.º 227, 2.º andar. Preço das assinaturas: trimestre — 1\$500; mês — \$500.

Lia-se no início do editorial de apresentação: “Nós vimos continuar a obra que encetamos em Viçosa (Alagoas) no ano de 1916 e que desenvolvemos mais amplamente em Maceió, n’ **A Semana Social**. Somos socialistas revolucionários e vimos espalhar a semente dos nossos ideais no solo fecundo de Pernambuco glorioso”.

Outros tópicos significativos:

“Não viemos para o jornalismo mercadejar e sim apostolizar”.

Nós somos anunciadores do novo sol que está despontando no horizonte da vida social, em substituição ao velho sol do regime autoritário que já produziu quanto podia produzir e

que agora se extingue implacavelmente no firmamento da História”.

“Somos a “gente nova” renovadora da vida social e revivificadora da verdadeira natureza humana, a qual é toda bondade, independência e idealismo”.

O segundo artigo enaltecia o regime vigorante na Rússia. Um terceiro era intitulado “A idéia socialista e indestrutível”. Outro, aconselhando o operariado a excusar-se de votar, apresentava os títulos a modo de anúncio comercial, com os seguintes dizeres: “Cinema República — Hoje-Grande Sucesso-Hoje — 1.^a parte: a caríssima comédia “Eleições para deputados”. 2.^a parte: 11.^a representação da farsa quadrienal “Eleições presidenciais” — Descrição”.

Circulando normalmente, nos dias 1, 10 e 20, ao atingir o n.º 16 tornou-se a **Tribuna do Povo** “Órgão da Sociedade União dos Estivadores, da União de Resistência dos Trabalhadores em Armazém e Carregadores e da União dos Fundidores e Agulheiros de Pernambuco”. Depois, no n.º 26, mudava para “Órgão da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco”.

Continuou em 1919, sem deter a numeração, vindo a duplicar o formato no n.º 32, de 1.º março, ao comemorar o primeiro ano de sua existência, quando escreveu a redação:

“As dificuldades que temos encontrado até agora (1) nos dizem que há de ser penosa a tarefa que nos propusemos; mas era impossível limitar às pequenas colunas da **Tribuna** atual a enorme série de acontecimentos que neste momento grandioso da Revolução Social estão agitando o mundo inteiro”.

(1) Por fomentar a luta operária, foi preso no dia 8 de setembro de 1918, na Vila de Nathan (atual cidade de Moreno), o redator da **Tribuna do Povo**, Antônio Bernardo Canela. Foi, no entanto, libertado no dia seguinte, a pedido de grande comissão de dirigentes trabalhista do Recife.

Algum tempo depois, segundo informação do **Jornal Pequeno**, de 12 de janeiro de 1920, a polícia veio a expulsar do Estado o agitador Antônio Canela.

Só então o jornal admitiu alguns anúncios. Passou a ser confeccionado na oficina (não foi possível identificar a tipografia anterior) da Livraria Americana, de G. Amaral & Cia., à rua da Aurora (então chamada Visconde do Rio Branco) n.º 55.

A matéria da **Tribuna do Povo** constituia-se de artigo redacional de doutrinação socialista ou transcrições no mesmo sentido, além da colaboração assinada por **Lambda**; **Astper**, autor de "Vozes do Rio"; **Zeferino**; **Lira Vermelha**; **João Escorel**; **Silvestre Costa**; **Eufrosino Manuel Carneiro**; **Scipião Fogaré e Salomão Bombarda**, os quais além de proadores, divulgavam sonetos de inspiração socialista; **Silverio Lima** (ou **Saverio Merlino**) e raros outros. Manteve, igualmente, noticiário especializado.

O último número avistado foi o 36.º, datado de 10 de abril de 1919 (**Bib. Púb. Est.**).

JORNAL CHIC — "Pequeno e elegante", entrou em circulação o n.º 2, sob a direção de Maria das Graças. Na primeira página estampou retrato do intelectual Napoleão Cavalcanti (Not. d' **A Columna**, Vitória de S. Antão, 20, 04, 1918).

Também publicou-se o n.º 3, registrado, dois dias após, pelo **Diário de Pernambuco**.

Muito raro, pois, o noticiário sobre o jornalzinho, de cuja edição de estréia não foi possível tomar conhecimento. Nem restam comprovantes nas bibliotecas visitadas.

O LIRIO — **Órgão da Academia São Luís de Gonzaga do Ginásio do Recife** — Publicou-se, pela primeira vez, a 13 de maio de 1918, formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas, funcionando a redação na rua do Hospício n.º 371. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial.

Era "um jornal de jovens, ainda na aurora da vida", que iam "tentar o rumo do futuro", acentuando o editorial de apresentação: "Queremos perflustrar o campo florido das letras, aprendendo hoje para ensinar amanhã e, se não puder-

mos ensinar, aprenderemos sempre. A cultura, pois, de nosso espírito e de nosso coração é o ideal que nos arrasta”.

A edição, bem apresentável, inseriu noticiário especializado, soneto do padre José Landim, literatura colegial e uma “Seção Recreativa”.

De circulação mensal, saíram, no decorrer do ano, cinco edições, a última das quais datada de 7 de setembro, em homenagem à Independência.

Reapareceu — n.º 1, ano II — no dia 28 de fevereiro de 1919, obedecendo ao ritmo inicial, com a colaboração de Arnaldo Lelis, Cerquinho Nunes, Antônio Mariano e outros. Houve mais duas edições: nos meses de março (passou a ser impresso na oficina d’**A Tribuna**) e de maio, incluindo a colaboração de **Maurício Maia** (pseudônimo do professor Eustorgio Vanderlei).

“Depois de um longo silêncio, motivado por causas estranhas” à vontade da redação, foi “reencetada a publicação” do jornalzinho, como homenagem à “Pátria idolatrada”, no dia 7 de setembro de 1920 — n.º 1, ano III. Impresso na Vitória de Santo Antão, Bazar Vitoriense, e adotando o preço de 3\$000 por anualidade, apresentou-se com oito páginas, repletas de matéria. A par do noticiário sobre reorganização da Academia S. Luís de Gonzaga, viam-se artigos de Drault Ernani, professor Júlio Pires e **Cariolano**; outras produções de Heitor de Andrade Lima, A. Vinicius, Antônio Paulo Filho, etc.

Voltou — n.º 1, ano IV — a 20 de janeiro de 1921, com doze páginas, ostentando clichê do diretor do Ginásio, padre Felix Barreto; artigo de abertura, do professor Júlio Pires; soneto de Cerquinho Nunes e amplo noticiário do encerramento do ano letivo, incluindo discursos e fotografuras ilustrativas.

Ei-lo, novamente, no ponto, com o n.º 2 do ano referido, datado de 7 de setembro, noutra “homenagem à Pátria, no glorioso dia da sua Independência”, figurando na primeira das oito páginas um retrato do Monsenhor Deão Pereira Alves. Constavam do texto crônicas de Elísio Condé, Euvaldo da Silveira Barros, Aurélio (Limeira) Tejo, Severino

Nicomedes Alves Pedrosa, etc. Ainda saiu, encerrando o ano, a 12 de outubro, com quatro páginas, em homenagem "ao intrépido Colombo".

Em 1922, o n.º 1, ano V, publicou-se no dia 24 de maio, com quatro páginas, à frente uma fotogravura do Papa Pio XI, como "homenagem d' **O Lirio**". Passando a imprimir-se na tipografia do **Jornal do Recife**, os n.ºs 2 e 3 circularam, respectivamente, a 7 de setembro (oito páginas) e 6 de dezembro.

Em 1923 proporcionou cinco números d' **O Lirio**, o primeiro no dia 13 de maio e o quinto a 3 de dezembro (oito páginas). Neles colaboraram Manuel Gomes Maranhão, Antônio Paulo Filho, Cerquinho Nunes, J. Peixoto, Vinicius Melo, Veneziano, Pio Genésio Guerra e os redatores Caitano Silva e Nicomedes.

De aparição, como se vê, irregular, o n.º 1, ano VII, saiu a 9 de agosto de 1924 e o n.º 2 no dia 7 de setembro. Destacaram-se as produções de Gilberto Costa Carvalho, Otávio Guerra, João Maranhão, Otávio de Amorim, Dinorah Pais Barreto e José Otaviano Filho.

O n.º 1, ano VIII (1925), saiu a lume no dia 15 de agosto, com seis páginas, e o 3.º a 29 de novembro, este exibindo, na primeira de suas oito páginas, clichê do aluno Gomes Maranhão, por haver-lhe sido conferido o "Prêmio de Honra". Outros clichês no texto: quadro dos stenodatilógrafos e a turma de reservistas do ano. Novos colaboradores: professor **Célio Meira Hélio Feijó**, Berguedof Elliot, etc.

De 1926 existe comprovante do n.º 2, ano IX, de 30 de maio, com quatro páginas. Não circulou no ano seguinte.

Reapareceu depois de um mais "longo silêncio" — n.º 1, ano XI — a 13 de maio de 1928, solenizando a data. Prosseguiu até o n.º 4, de 7 de setembro, com seis páginas. Colaboração de Gilberto Osório de Andrade (soneto), João Condé Filho, Emílio Cavalcanti, Raimundo Dantas Carneiro (prosa e verso), Álvaro de Barros Lins, etc.

Não há indício de haver continuado a publicação. **Colec. Rui Coutinho, Eduardo Custódio e Bib. Púb. Est.** (1).

(1) Coleções incompletas, completando-se entre si.

A **TELA** — Sem notícia da edição de estréia, registou o **Jornal Pequeno**, de 22 de maio de 1918, o aparecimento do n.º 2 da “interessante revista mensal, confeccionada em máquina datilográfica”. Literária e noticiosa, tinha redação no arrabalde do Feitosa, sendo redigida “por um grupo de inteligentes senhoritas”.

O **NATURISTA** — “Espirituoso livro de sortes”, foi posto em circulação, tendo como redator “um velho e conhecido humorista”, que se ocultava sob o pseudônimo de **Pedro Banana**. Teria sido um dos melhores órgãos congêneres do ano (**Jornal Pequeno**, 25/05/1918).

O **SANJUANEIRO** — Outro “interessante livro de sortes” apareceu, dedicado às reuniões festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro (**A Ordem**, 25/05/1918).

O **TORPEDO** — **Livro de Sortes familiar para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro** — Circulou no princípio de junho de 1918, em formato de 17 x 11, com 86 páginas. Seu programa constava de “grecejo e malícia, sem ofensa e sem escândalo”. Direção de **Tip-Top** e trabalho gráfico da Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca, Preço do exemplar — 1\$500.

Foi organizado, segundo o “Prefácio”, com o intuito de “provocar o riso; em suas páginas se não pensa encontrar o conto sisudo e grave, mas a pilhéria esfusante e cáustica”...

Sua matéria constituiu-se de algumas páginas de Sortes; transcrições literárias, hinos militares, o soneto original “O Torpedo”, anedotas e grande quantidade de reclamos comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

O **RATAZANA** — **Livro de Sortes** — Circulou em junho de 1918 (1), obedecendo ao formato de 18 x 12, com 100 páginas, sob a direção de **Fortunato Ventura** (pseudônimo de Ernesto de Paula Santos). Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica n.ºs 78/82.

(1) Foi o último na série de livros de sortes de **Fortunato Ventura**, uma vez que o famoso humorista Ernesto de Paula Santos faleceu pouco depois da publicação, ou seja, no dia 30 de junho de 1918.

Dizia-se **O Ratazana** “figura obrigada das festas sanjoanescas, evangelizador da honestidade incondicional”. Quanto ao programa: “Familiar por excelência: gracejo e malícia, sem ofensa e sem escândalo”.

Depois das páginas “Voltando à liça” e “Chapeau-bas”, em que declarava, em bons decassílabos:

“Não sou o ratazana de outras eras,
O roedor das imundas esterqueiras”,
mas... “rato da moda”,
“... conservando, apenas,
O ôlho vivo e os dentinhos aguçados”,

seguiu-se a matéria principal, ocupando várias páginas, assim apresentada:

“Se a sorte quereis ver desmascaradas,
De modo simples, sem fazer despesa,
Lançai um par de dados sobre a mesa:
As consultas aqui não pagam nada!”.

A segunda metade da edição constou de “Literatura & Literatice”, a cargo de **D. Cachochinha**, “cultora de flores literárias em prosa e verso”. Inseriu produções de **F. V.**, Artur Bahia, Edmiges de Sá Pereira e **S. Chupança**; anedotas, gracejos e **charges**, terminando com uma comédia ligeira. Como só a acontecer, não faltaram anúncios. As ilustrações da capa e internas (poucas) eram de autoria do próprio Ernesto (Coleç. **Beatriz dos Santos Alvarez**).

FLORES DE JUNHO — Figurou, ainda, entre as publicações do ano dedicadas aos folguedos de Santo Antônio, São João e São Pedro, a de título acima, em cujo sumário, além da variedade de Sortes, se incluía “interessante seção literária” (**A Ordem**, 10/06/1918).

O CALAMO — Órgão da Associação Cristã de Moços de Pernambuco — O primeiro número circulou ao dia 1 de julho de 1918, formato de 31 x 22, com oito páginas de três colunas. Responsabilidade do Departamento de Propaganda da instituição, chefiado por Samuel Hardman. Assinatura anual — 3\$000.

Constou do editorial de apresentação, entre outros tópicos: “Noticioso apenas, **O Calamo** tem por escopo modesto registar mensalmente os fatos mais importantes da nossa vida associativa, dizendo do nosso trabalho, dos nossos esforços, do nosso acendrado amor e vera dedicação astruista, visando como fim ideal e possível — o Bem. Isto no sentido teórico, amplo, universal do conceito moral; e, mais restritamente, especializando o assunto, o bem da mocidade, que é por assim dizer o nosso objetivo imediato e próximo”.

Constituiu-se sua matéria de artigos educativos, discursos de professores, noticiários e informações do movimento educativo, fotografias ilustrativas e raras produções assinadas, como as de J. Melo e Z. (Zoroastro) de Araújo, na “Coluna do Sócio”.

Manteve o padrão de oito páginas, sendo a última de anúncios, impressas em bom papel. Circulou, pelo menos, até o n.º 9, datado de 1 de julho de 1919 (**Bib. Púb. Est.**) (1).

EVOLUÇÃO MÉDICA — Publicação Mensal — Surgiu no dia 15 de julho de 1918, formato de 22 x 13, com 16 páginas a duas colunas de composição. Redatores — drs. Lins e Silva, Adalberto Cavalcanti, Adauto Brandão e Justino Gonçalves. Redação e administração: Praça da Independência n.º 50, 1.º andar, sendo o trabalho gráfico da Imprensa Industrial. Assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000; para fora da capital — 12\$000 e 6\$000, respectivamente. Número avulso — 1\$000.

Era o seguinte o designio da revista científica, expresso em editorial: “Orientar sempre todas as questões para o ponto sólido que necessitam; facilitar a permuta das idéias novas que surgem; investigar, desbravar muito terreno inculto e áspero; chamar a refulgirem os nossos trabalhadores mentais indecisos e intemoratos; propagar o estímulo das ciências médicas, as observações de hospital, de consultório, de clínica particular, rumando sempre para a frente, para o evolver progressivo”, etc.

(1) Coleção desfalcada.

Seguiu-se a publicação, inserindo estudos e opiniões dos redatores e de outros médicos, tais como: Ulisses Pernambucano de Melo, Flávio Marcja, Pinto de Carvalho, Ulisses Paranhos, Nelson Melo, Luiz Loureiro e Durval de Brito. O poeta Costa Rego Júnior escreveu sobre tema correlato e Fernando Mendonça divulgou o soneto de sua lavra "Tuberculosa".

A Evolução Médica circulava, a princípio, mensal e, depois, bimestralmente. O n.º conjugado 4/5, encerrando o ano, saiu datado de outubro/novembro.

Voltou — n.º 1 2, anc II — em fevereiro de 1919, circulando mais duas únicas edições, a última das quais — n.º 5 6 — de maio/junho. Em numeração seguida, variando entre 16 e 24, as sete edições somaram 136 páginas (**Bib. Púb. Est.**).

O **SPORTMAN** — Entrou em circulação essa nova revista, de "feição moderna", tendo como redator-chefe Raimundo Santos e auxiliares Daniel Viana e Nelson Castro Silva. O clichê da capa incluiu "interessante frase de Wellington, sobre o **foot-ball**". Do seu sumário constavam "vários e bem elaborados artigos" de interesse para "os nossos **players** e seus torcedores, destacando-se, entre eles, a crônica inicial, o perfil de **mademoiselle L. S.**, entrevista com o "distinto **player** Pedro Marzulo" e outros".

O diário **A Ordem**, que, na sua edição de 15 de julho de 1918, forneceu a notícia acima, acusou, também, no dia 21, o aparecimento do n.º 2 d' **O Sportman**, que foi, tudo leva a crer, o último publicado.

A PÁTRIA — Revista manuscrita, foi apresentado aos leitores o n.º 1, confeccionado, "com habilidade notável", pelo preparatoriano Ítalo Joffily Pereira da Costa, seu redator único (**A Ordem**, 18/07/1918).

GUIA DO RECIFE — Informador Néri — Publicação de utilidade prática, apareceu em julho de 1918, com caráter de anuário. Veio, segundo **A Ordem**, do dia 12, preencher uma lacuna, apresentando eficiente "serviço de indicações dos principais estabelecimentos bancários, telégrafos, correios, repartições públicas estaduais, etc., além de completas informações

dos serviços de viação urbana, suburbana e de longo tráfego”. Trouxe mais “um mapa colorido da cidade, com os nomes de todas as suas ruas e arrebaldes”. Preço do exemplar — 2\$000.

Só foi possível avistar comprovante da edição correspondente ao ano de 1920, ano III, que saiu em formato de 17 x 9, com 208 páginas de papel assetinado e capa em cartolina de cor. Direção de Sílvio Néri da Fonseca, sendo o trabalho gráfico da Imprensa Industrial, de Inácio Néri da Fonseca, situada à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) ns. 78/82.

Sua matéria constituiu-se de “informações gerais indispensáveis aos forasteiros” e a todas as pessoas que tinham interesses em Pernambuco, abrindo o texto uma crônica sobre o Recife. Grande quantidade de reclames comerciais (**Bib. do Museu do Açúcar**).

Renovaram-se as edições, cada ano, até, pelo menos a de 1927, noticiada pelo diário **A Província** de 10 de setembro.

POLYANTHÉA — Com oito páginas a quatro colunas de composição, formato de 39 x 29, impressa em papel **couché**, na tipografia do **Jornal do Recife**, circulou no dia 15 de setembro de 1918.

Deu ensejo à publicação (sem mencionar responsável) a Festa Inaugural do Centro Musical Pernambucano, naquela data realizada no Teatro Santa Isabel, cujo programa ocupou a primeira página, circulada de vinhetas, incluindo clichê da referida casa de espetáculos e a nomenclatura dos diretores da novel agremiação, à sua frente, como presidente José Agripino Regueira Costa, então empossados.

A segunda parte da solenidade constava de um concerto sinfônico, a cargo do corpo orquestral do Centro, cujos componentes vêm mencionados nas duas colunas centrais da segunda página, com a designação dos instrumentos de cada um, sob a direção do maestro Euclides Fonseca.

Constituiu-se a demais matéria do poema “A Música”, de J. Armando Oliveira e de artigos específicos assinados por José Agripino, Euclides Fonseca, Osvaldo de Almeida, Carlos Diniz, Aubiérgio M. da Costa, Cândido Duarte, A. Fonseca,

Napoleão Albuquerque e Mário Melo, transcrições, algumas fotografias e uma nota sobre Carlos Gomes, Francisco Braga e Alberto Nepomuceno, autores das composições escolhidas para a Festa Inaugural (Arq. de José Césio R. Costa).

O **ECHO — Periódico Independente. Literário, Crítico e Noticioso** — O primeiro número saiu a 8 de dezembro de 1918, segundo informou, no dia 11, o **Jornal do Recife**.

Só existe comprovante do n.º 5, ano II, de 2 de fevereiro de 1919, formato de 32 x 21, com quatro páginas de três colunas. Diretor — Hamilton Ribeiro; redatores — Irineu de Sousa e Aníbal Cruz Ribeiro; gerente — José Crescêncio Leite. Impresso na Tipografia Comercial, à rua das Trincheiras (hoje superada pela Avenida Dantas Barreto) n.º 136, tinha redação no Pátio de Santo Amaro. Assinaturas: anual — 7\$000; semestral — 3\$500; trimestral — 2\$000.

A edição apresentou editorial a respeito da situação de abandono do bairro de Santo Amaro; suêlto reclamando o alto preço da carne verde; colaboração de Vicente de Paula, Lurdes Valença, Iracema e Jandira; seção de charadas, noticiário e anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda circulou o n.º 6, ano II, d' **O Echo**, segundo o noticiário do **Jornal do Recife**, em sua edição de 11 de fevereiro.

FOLHINHA PAROCHIAL — Editada pela Matriz da Piedade, com aprovação eclesiástica, circulou o n.º 1 em 1918, sendo impressa na Escola Tipográfica do Colégio Orfanológico S. Joaquim, de Colônia (município de Moreno). Com 100 páginas de texto, mais a capa, esta em papel de cor, apresentou, também, algumas páginas especiais, em papel assetinado, intercaladas, representando homenagens, com os respectivos clichês em fotogravuras, ao Papa Bento XV, ao Governador Manuel Borba, ao Arcebispo Sebastião Leme, ao General Joaquim Inácio, à imagem de N. S. da Piedade e duas outras com fotografias da velha igreja e da projetada em substituição.

A publicação visava, justamente, com o produto de sua venda, beneficiar a nova construção. Inseriu farta matéria, a começar pelo calendário, informações do tempo e da

cidade, datas históricas, variedade, instruções sobre o ritual religioso-católico e colaboração literária, em prosa e do Cônego Pereira Alves; em prosa e verso, de d. Antônio Macedo Costa; poesias de d. Francisco (bispo auxiliar de Cuiabá), padre José Landim, Bianor de Medeiros e Jonatas Serrano, além de transcrições diversas. Completaram a edição — que teve o formato esguio de 22 x 13, com todas as páginas circuladas, em lisonjeira apresentação gráfica — algumas páginas de anúncios (**Colec. F. Pio**).

1 9 1 9

EXPOSITOR — Órgão de Espiritualismo — O n.º 1 publicou-se a 1.º de janeiro de 1919, formato de 32 x 23, com quatro páginas de duas colunas largas. Trazia ao lado do título pensamentos de Ellick Morn, Sílvio Pélico e Jesus. Pretendendo circular mensalmente, anunciou achar-se instalada sua redação à Avenida Norte n.º 1175. Diretor — Fausto Rabelo; gerente — Batista d' Oliveira.

Propunha-se, conforme o editorial de apresentação, a difundir os ensinamentos de que tanto carece a humanidade, que vive ainda presa aos dogmas cruéis das religiões, às idéias abstrusas que o materialismo incipiente dissemina”.

A par de artigos dos nomes mencionados, a edição divulgou transcrições, algum noticiário e a seção “Fenômenos”.

Teria ficado no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

BOLETIM — Centro dos Fornecedores de Cana de Pernambuco — Entrou em circulação a 8 de janeiro de 1919, formato de 30 x 20, com oito páginas a duas colunas largas de composição. A direita do título, apresentava a sentença de Gorki: “Ninguém nos dá direitos; temos que tomá-los”. Sairia “até os dias 10 e 25 de cada mês, com seis a oito páginas”, cobrando 15\$000 por assinatura anual e 8\$000 pela semestral, exceto para os associados, que tinham direito de recebê-lo grátis. Confecção da Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca. Redação na Praça Dezessete n.º 80, 2.º andar.

Dizia uma nota: “Destinado à circulação entre as classes produtoras, o **Boletim** fará ampla propaganda de artigos con-

venientes ao comércio com essas classes". Preço dos anúncios: 1/2 coluna, por ano — 120\$000; seis meses — 70\$000. 1/3 de coluna, por ano — 60\$000; seis meses — 40\$000.

O aparecimento do **Boletim** foi uma decorrência da instalação, no mês anterior, do Centro dos Fornecedores de Cana, cujos Estatutos logo nele foram publicados. O editorial de abertura focalizou os problemas a debater, principalmente as relações entre fornecedores e usineiros e bem assim a intervenção nos mercados do açúcar. A missão era trabalhar "dentro das forças de homens de boa vontade".

A edição de estréia inseriu ata, tabela de pagamento de canas, balancete e artigo de Alfredo Campos.

Seguiu-se a existência da folha, obedecendo ao programa de reivindicações da classe de que era órgão, sobretudo informando tudo o que atendesse aos seus interesses. Teve a colaboração especializada de João Liberato, Fernandes e Sá, dr. Otávio de Freitas, sobre moléstias dos trabalhadores do campo; dr. Armando Maia, sobre Veterinária; Otávio Gonçalves Peres, A. Wattes, Joaquim de Arruda Falcão e **Um Agricultor**.

A 30 de junho, a edição foi dedicada ao falecimento do líder agrícola Paulo de Amorim Salgado.

Até o fim do ano, ora mensal ora quinzenalmente, publicaram-se 19 números do **Boletim**, o último dos quais a 22 de dezembro, sempre com oito páginas.

Iniciou 1920 o n.º 1, ano II, datado de 5 de janeiro, apresentando como matéria principal a Plataforma do Governador José Rufino Bezerra Cavalcanti, na qual era feita a promessa de providências que assegurassem "aos lavradores o justo preço de suas colheitas".

Todavia, foi procrastinado o cumprimento da palavra oficial. E o n.º 4, de 7 de abril, lançou um editorial, de quase duas páginas, reclamando contra a demora em solucionar-se uma questão de tamanha envergadura. Segundo o articulista, a lavoura da cana vivia sob regime de hostilidade, adiantando que o peso, os preços, os juros, o transporte, deduções, multas e até incêndios, tudo era à vontade da usina. Concluiu, após

longas considerações: “A lavoura confia e espera”. Ainda inseriu um memorial, dirigido aos poderes Legislativo e Executivo.

Com o referido n.º 4 extinguiu-se a vida do **Boletim**, que contava, apenas, quinze meses de idade (**Bib. Púb. Est.**).

O MONOCULO — Semanário Diversional, Elegante e Desportivo — “Sob a direção de inteligentes jovens”, publicou-se a edição de estréia (e, provavelmente, única) no dia 13 de janeiro de 1919, registado, na mesma data, pelo **Diário de Pernambuco**. Destacavam-se, em meio à matéria geral, três seções: uma dedicada a Olinda, outra ao Teatro Moderno e a terceira aos desportos.

O SORRISO — Entrou em circulação esse “interessante jornalzinho literário e humorístico”, dedicado à festa de Santo Amaro. Foram seus diretores Godofredo de Medeiros e Paulo Sousa. Inseriu produções, em prosa e verso, principalmente, de Austro Costa, Esdras Farias, José Penente, Agripino da Silva e João Monteiro (**A Província**, 14/01 1919).

CORDEIRO-JORNAL — Órgão do Centro Sportivo Cordeirense e defensor dos ideais da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo — Fundado em janeiro de 1919, não lhe registou o aparecimento nenhum dos diários da época. Somente **A Província**, no dia 11 de fevereiro, veio a informar que se achava em circulação o n.º 4 da nova folha hebdomadária.

Continuou a publicar-se, sem alteração, tendo o **Jornal Pequeno**, de 15 de abril, acusado em sua banca o n.º 12. Constatou do noticiário, no mês seguinte, que tinha deixado de ser órgão do Centro Sportivo Cordeirense.

Foi possível, tão somente, encontrar, entre os avulsos da Biblioteca Pública Estadual, um comprovante do **Cordeiro-Jornal**: o n.º 27, ano I, datado de 28 de setembro de 1919, formato de 50 x 30, com oito páginas, três delas de anúncios. Era “semanário independente”, obedecendo ao primitivo ideal de dar combate ao analfabetismo. Tinha como diretor-proprietário José Irineu de Sousa; secretário, Morais de Oliveira, e gerente, A. Teles. A edição difundiu matéria relevante, de

acordo com seu programa, acrescentando literatura, variedade e notícias.

RECIFE SPORTIVO — Iniciou sua circulação hebdomadário no dia 26 de janeiro de 1919, formato de 26 x 17, com 36 páginas, sendo 24 em papel couchê, inclusive a capa, e o restante, abrindo e fechando o texto, em papel comum, com a parte de anúncios. Diretores — Mavíael do Prado, Heitor Costa e Edgar Bezerra Leite, a este cabendo a gerência; redatores — Múcio Leão, Oliveira e Silva, Osvaldo Lima, Nestor Diógenes, Dioclécio Duarte, Henrique Dória, Barbosa Lima Sobrinho, Jaime d'Altavila, Mário Severo; Augusto Dias Simões, J. Ranulfo, Abelardo Gama (**Off-Side**), Abelardo Maia (**Craion**), Fausto Lins e Amaro B. A. Melo. Assinaturas: ano, semestre e trimestre — 12\$000, 6\$000 e 3\$000, respectivamente. Escritório e redação à rua do Apolo n.º 224, 1.º andar. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial.

Apresentou-se com o editorial “Razão de ser...”, declarando, em resumo, que era “mais uma tentativa”, uma vez terem falhado tantas outras de poder uma revista manter-se na capital pernambucana. Almejava contar com a proteção dos “gênios benéficos, que são os favores do público”.

“Antes de tudo — frisou — queremos alcançar o amor das mulheres”, o que já era “um prestígio formosíssimo”, acrescentando: “Depois do amor feminino, a revista aspira um pouco de humorismo. Fazer humorismo é também uma forma de corrigir — quando o humorismo é humorismo. E nós temos em nosso meio esportivo tantas coisas a corrigir...”

A revista seguiu vida normal, aparecendo aos domingos, com as seguintes seções: “Pelo mundo a fora...”; “O que vai pelos clubes”; “Traços e troças”, por **Trocista**; “Indiscreções”, de **Puck**; “A infância linda”; “Bilhetes telegráficos”, por **Estafeta**, e “Os jogos da semana”; noticiário social; serviço de clichê e, incluindo **charges** e caricaturas, e ... literatura, que sobrepujava a matéria desportiva.

Após os primeiros números, novos nomes foram acrescentados ao já vigoroso corpo redacional: Carlos Rios, Misael Domingues Júnior e Manuel Caitano de Albuquerque Melo Filho (o caricaturista **Yoyô**); e outras seções foram surgindo, a saber: “Letras femininas”, por **Duze**; “Pelo mundo elegante”;

“Seção de graça”; por **Zé Engraçado**; “Olimpicas” de **Apolo**; “Quinquilharias”, por **Pickwick**; “Desportos Nauticos”, de **Prôa**; “As flores humanas”, etc.

A colaboração dos redatores revezava-se, para que todos, ora numa ora noutra edição, tivessem uma chance. Era o verso e era a prosa; a crônica de futebol ou o artigo literário; a nota mundana ou a coluna humorística. Ainda apareciam, esporadicamente, produções de nomes estranhos à redação, tais como: Araújo Filho, **Ramiro Ernesto** e **Miro Sereia** (pseudônimos de Nestor Moreira Reis), Fernandes Tavares, Hermes Fontes, Domingos de Albuquerque, Honorina Pessoa, Antônio Correia, Prudenciano de Lemos, Raul Monteiro, Severino Leite, Durval Pessoa, **Rui d' Altamiro**, João Monteiro, Austro Costa, Valdemar de Oliveira, **Tulio Marcus**, Hereílio Celso, **Tenório Smerra**, Leonidas do Amaral, Pedro Lopes Júnior, **Porta-Mira**, autor das “Cartas Geodésicas”; Paulino de Andrade, Lucilo Varejão, **Ismar**, que assinava “Cartas da Roça”; Ferreira dos Santos, **Caliban**, Arlindo de Figueiredo e outros.

Conjugando desportos, literatura e mundanismo, o **Recife Sportivo** foi uma revista que congregou, na realidade, os intelectuais mais credenciados da época. Manteve número de páginas regular, contando com as de reclamos comerciais; boa parte de ilustrações no texto, sobretudo a cargo de **Craion** e **Off-Side**, ac passo que as capas, variando de tonalidades, ostentavam grupos desportivos, desenhos ou retratos artísticos.

Publicação ininterrupta, não pôde, entretanto, viver bastante, encerrando-se-lhe a existência com o n.º 22, de 21 de junho do mesmo ano. (**Bib. Púb. Est. e Bib. da Fac. Dir. UFPE.**)

VIDA MODERNA — Semanário Ilustrado. Arte, Sports, Elegâncias e Atualidades — O n.º 1 publicou-se no dia 1 de fevereiro de 1919, formato de 25 x 16, com 26 páginas, inclusive a capa, utilizando papel superior. Direção de A. Tavares de Almeida; redatores: Araújo Filho, Aníbal Fernandes e Renato Silveira; redatores artísticos — Beroaldo Melo (**Béro**), Vitorino Lima e Vicente do Rego Monteiro, logo afastado. Redação, administração e oficina (Imprensa Industrial) à

rua do Apolo n.^{os} 78/82. Assinaturas: anual— 20\$000; semestral — 11\$000; número avulso — \$400.

Sem haver apresentado artigo de abertura, seguiu-se a jornada da revista, de acordo com a orientação expressa no sub-título. Aparecia cada semana, regularmente, com fotografuras ou desenhos de capa variados, obedecendo à média inicial de páginas, uma parte delas em **couché** e a restante, de anúncios, no papel comum.

Sua matéria constava das seções “Reino da glória”, caricatura de **Béro** e perfil humorístico a cargo de **Maximus**; “Cartas de mulher”, assinando-a, a princípio, **Rosa Nivea**; “Pensamentos femininos”; “Artes e Letras”, por **Emanuel** (pseudônimo de Aníbal Fernandes), depois substituído por **Degas**; “Vida Elegante”, por **Célia**, precedendo o “Noticiário elegante”; página de desportos e uma de transcrições, intitulada “Romance da **Vida Moderna**”; além da colaboração independente.

Com o prosseguimento, surgiram, em substituição: “Nota política”; “Os ridículos”, por **Fra e Fru**; “Letras masculinas”; “Indiscreções”, de **Lulu da Imbiribeira**; “Ver, Ouvir e Contar”, por **Justino Clarel**, às vezes **Jameson**; “Frases”, por **João do Rio** (Paulo Barreto); “Posta Restante”; “Impressões Teatrais”; “Páginas que não morrem”; “Notas e sensações” e “Dos grandes mestres”. Contou com a cooperação artística dos desenhistas L. Castro, Juquinha (João Ranulfo de Albuquerque), Zezé (José Ranulfo de Albuquerque) e (**Craion**) Abelardo Maia.

Ao atingir o mês de maio, via-se no cabeçalho, sozinho, o nome do diretor. No de junho, porém, nem ele era mais visto, reaparecendo, então, o de Araújo Filho, a quem deveria ser remetida a correspondência.

Além das produções constantes de D. M. ou Débora Monteiro, foram colaboradores esporádicos: Olegário Mariano, Augusto Rodrigues, Álvaro Moreira, Mário Sete, Mário Rodrigues, Gilberto Amado, Osiris Caldas, o mesmo Conde dos Alpes; Lucilo Varejão, que, além das crônicas sobre teatro, iniciou, a 19 de abril, a divulgação do seu romance “De que morreu João Feital”; Hermógenes Viana, **Ramiro Ernesto** e **Mirro Sereia** (pseudônimos de Nestor Moreira Reis);

Brito Macedo, Lima Campos, **Fausto Otelo**, Ildefonso Falcão, Osório Borba, Frederico Codeceira, Araújo Filho, Ademar Vidal, Gonçalves Maia, Faria Neves Sobrinho, Aurélio Domingues, Luiz Cedre, etc. O redator Aníbal Fernandes só duas vezes apareceu com o próprio nome, a primeira das quais assinando o soneto "Emanuel", únicos versos conhecidos de sua lavra.

Mantendo o nível iniciado, a revista chegou ao n.º 40 a 8 de novembro, quando, por circunstâncias financeiras, ficou suspensa. (1)

Vida Moderna voltou à liza no dia 6 de março de 1920, com o n.º 1, ano II, ligeiramente acrescido o formato. Sem mencionar corpo redacional, um dos redatores era, no entanto, Osvaldo Lima. Acompanhou a quantidade de páginas e os sistemas anteriores. Lia-se no editorial "Ressurgindo...":

"É desígnio nosso fazer um magazine como um espelho, em que se reflitam todas as facetas da vida de Pernambuco", e um órgão por onde se manifestem as capacidades melhores de Pernambuco: no pensamento e na ação, na crítica e sociabilidade, nas letras e artes". Em conclusão: "Abrigará, nas suas colunas, as idéias mais diversas, as opiniões mais desconcertantes. Contanto que sejam bem pensadas e bem expressa".

Abriram-se interessantes seções, a saber: "Vida elegante", por D. M.; "Ver, Ouvir e Contar"; "Artes e Letras"; "O Moderno revista" (cinematografia); "Irreverências", por Severino Correia de Araújo, ou **Incognitus**; "A semana desportiva"; "Página da elite", de efígies femininas; serviço de clicherie geral, inclusive **charges** e caricaturas de **Craion** e **Yoyô** (Manuel Caitano Filho).

Divulgavam produções assinadas, alternadamente: José Borba, Osvaldo Lima, J. A. Correia de Araújo, Armando Gaioso, com os "Conceitos"; Adalberto de Lira Cavalcanti: "Pelo mundo científico"; Aurélio Domingues, Mavjael do Prado, Araújo Filho Oliveira e Silva, Nestor Diógenes **Vinicius das Neves**, Manuel Caitano, Mário Melo, Austro

(1) É incompleta a primeira das coleções manuseadas.

Costa, Barbosa Lima Sobrinho, Pereira da Costa Filho, José Lins do Rego, Valkiria Fragoso Lopes, Clodomiro de Oliveira, Mário Linhares, Albino Buarque, Valdemar de Oliveira e outros.

Ainda veio o periódico a adotar as seções "Traços grafológicos", a cargo do **Professor Richards**, e "Cartas de mulher", por **V**.

Atingindo o n.º 19, a 24 de julho de 1920, quando aparceu, no cabeçalho, o nome de Alvaro Lima, responsável pela correspondência, **Vida Moderna**, sem jamais haver quebrado o padrão hebdomadário, encerrou, definitivamente, sua existência (**Bib. Púb. Est. e Bib. da Fac. Dir. UFPE.**).

SINGER-JORNAL — Inexistentes comprovantes das seis primeiras edições, publicou-se no n.º 7, que foi último, ano II, no dia 1 de março de 1919, com oito páginas a três colunas de composição. Diretor — J. de Uzeda Lima; redator-secretário — A. Acioli Lins, funcionando a redação na avenida Marquês de Olinda n.º 172. Custava 4\$000 a assinatura semestral. Confeção material da Tipografia Moderna, à rua Pedro Afonso (antiga e atual rua da Praia) n.º 112.

Edição especial, o exemplar manuseado foi impresso em cetim de seda, utilizando tinta verde clara. Constituiu uma homenagem a Mr. Thos B. Austin, que deixava a direção da empresa Singer no Nordeste, para ocupar cargo de maior projeção na metrópole do país. Figurou-lhe o retrato na página de frente, seguindo-se, nas demais, editorial alusivo; artigos de caráter panegírico, assinados por Uzeda Lima, Edgar Pereira, Carlos Pinto Lapa, L. Gondim, J. Vinci, Armindo Mota e soneto de J. Alcides Ferreira. Completaram-na noticiário social, desportivo e carnavalesco e anúncios da Singer (**Bib. Púb. Est.**).

A BESSA — Jornal carnavalesco, estreou sua circulação no dia 2 de março de 1919, trazendo "escolhida colaboração e reclames das principais casas comerciais do Recife. Dirigido, organizado, temperado e feito por três geniais cavadores da zona, tanto que denominaram-no **A Bessa**, órgão de ataque às bolsas alheias, o original campeão de Momo venceu, acreditando-se na opinião pública... dos pagantes".

Assim noticiou-lhe o aparecimento o diário **A Ordem**. Acrescentou **O Intransigente**, na mesma data, que a folha tinha como diretor o folião **Z. Kamello**. Disse o **Jornal do Recife**, por sua vez, que, apesar da enorme quantidade de anúncios, **A Bessa** proporcionava alguma leitura interessante.

O espalhafatoso órgão voltou a publicar-se a 14 de fevereiro de 1920, véspera de Carnaval, tendo ocorrido sua distribuição solenemente, com foguetes, banda de música, mesa de doces, sandwiches, cerveja e discurso do folião Azevedo Filho, dono da Merceria Tempestade, local escolhido para a festança de **A Bessa**, “um primor” de jornal, impresso na tipografia do **Jornal do Commercio**. Tudo isto constou do noticiário d’**A Província**, no dia seguinte.

Continuou, cada ano, tendo a melhor acolhida possível. Ao acusar o recebimento da edição de 1929, escreveu o diário **A Notícia**, de 11 de fevereiro: “Depois de **Jazz Band**, a melhor publicação carnavalesca foi **A Bessa**, do nosso confrade Oscar Melo, confeccionada na “Imprensa Comercial”, dos srs. Cisneiros & Rios”.

Por incrível que pareça, raros são os comprovantes em arquivo. Primeiro encontrado foi a edição de fevereiro de 1939, formato de 31 x 23, transformada em revista, com 44 páginas de cores diferentes, impressa na Tipografia São Luiz. Sua matéria constou de humorismo, letras de canções carnavalescas, colaboração de Romualdo Pimentel e imensa quantidade de anúncios.

Outras edições manuseadas: n.º 28, de março de 1946; n.º 31, de fevereiro de 1949; n.º 33, de fevereiro de 1951, e n.º 36, de fevereiro de 1954 (1). Propriedade e direção de Oscar (Felix de) Melo, não deixou mais de ser revista, cuja quantidade de páginas veio a somar 52, vendendo-se o exemplar a 2\$000, depois (já o Cruzeiro em cena), Cr\$ 3. Quanto à matéria, não variava o padrão de 1939 (**Bib. Púb. Est.**).

A VOZ DO POVO — Órgão do Comitê pró-Dantas Barreto — Publicou-se o primeiro número a 13 de maio de 1919,

(1) **A Bessa** prosseguiu em 1955.

segundo o **Jornal Pequeno** do dia 14, estampando na primeira página o retrato do patrono.

Não ficou nenhuma coleção guardada. Possui a atual Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco, nos seus avulsos, um só exemplar: o n.º 7, de 28 de junho, formato de 41 x 29, com quatro páginas de cinco colunas, impresso na tipografia do **Jornal do Recife**, para distribuição gratuita. Trazia sob o título: "Órgão do Comitê pró-Dantas" e, em seguida: "Jornal de propaganda para Governador do Estado". Sua matéria constituiu-se, nem mais nem menos, de artigos e notas de propaganda do candidato e de ataques ao Governador em exercício, Manuel Borba, e ao candidato oficial à sucessão, José Rufino Bezerra Cavalcanti. Além do clichê, em três colunas, de Dantas Barreto, na página de frente, figurou, na 2.ª, o do professor Joaquim Amazonas, presidente de honra do Comitê.

Em poder de um colecionador particular, foi possível avistar, depois, o n.º 8, de 10 de julho. O retrato do patrono, nele, trazia a legenda: "Ave, Dantas! Hoje, como em 1911, o povo pernambucano estará ao teu lado para vencer ou morrer". Acompanhou o ritmo do precedente, incluindo a poesia "Salve, Dantas!", de João Barreto de Meneses (**Arq. de N.ºs. Barbalho**).

REVISTA MUSICAL — Publicação Mensal — O n.º 1 circulou a 31 de maio de 1919, formato de 32 x 23, com 10 páginas, inclusive a capa, nela impresso retrato de Carlos Gomes. Diretor técnico — Maestro Euclides Fonseca; diretor artístico — Osvaldo Aníbal de Almeida. Redação e administração no Instituto Ginásial Pernambucano, a cujo diretor, professor Cândido Duarte, devia ser enviada "qualquer correspondência". Redatores — Carlos Diniz, Eustórgio Vanderlei, Manuel Monteiro e Armando Oliveira. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Preço do exemplar — 1\$000.

O editorial de abertura — "O nosso programa" — focalizou as atividades do Centro Musical Pernambucano, cujo primeiro aniversário se comemorava com o aparecimento da **Revista**, que seria "a portadora da palavra escrita" dos que quisessem concorrer "para a magnificência do altar a que

teve direito a arte do som”, fugindo por completo às injunções políticas e pessoais.

Foi o seguinte o sumário: Memorial da diretoria do Centro; “Consultório da **Revista**”; “Concurso de composições musicais”; “Notas de Arte”; “Várias”; artigos de J. C. Franco, A. Marinho Reis, Euclides Fonseca e outros; clichês de artistas do canto e da música, de diretores do Centro e do Governador Manuel Borba, General Joaquim Inácio e deputado Agamenon Magalhães, benfeitores da instituição, homenageados. Uma página de anúncios fechou a edição.

Não continuou. Só decorridos alguns meses reapareceu a **Revista Musical** — novamente n.º 1, ano I — a 29 de novembro, figurando Euclides Fonseca como redator-chefe, o qual receberia a correspondência no “armazém de músicas e instrumentos” de Eduardo Paiva, à rua Nova n.º 81, ao passo que Aubiérgio Costa se encarregava da parte financeira, no mesmo local. Eram auxiliares do redator-chefe: Cândido Duarte, João Caminha Franco, Osvaldo Almeida, Armando Oliveira e Augusto Marinho Reis. Adotara o preço de 5\$000 por assinatura anual, porém 6\$000 para fora da capital. Número avulso — \$500.

Escreveu **A Redação** que a diretoria do Centro Musical Pernambucano, desejando dar maior incremento aos seus objetivos, “resolveu manter regularmente uma revista, tendo por escopo principal zelar e defender os legítimos interesses da Arte Musical”, sob o lema “Tudo pela Arte”. Para cumprir a tarefa da associação empenhara-se “um punhado de moços”, entre profissionais e amadores, tendo a ajuda dos sócios beneméritos.

Confeccionada na Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca, apresentou o magazine melhor aspecto, todo em papel **couché**, com 20 páginas (mantido o formato anterior), inclusive a capa, que estampou retrato do professor Alberto Nepomuceno. A matéria constituiu-se de noticiário das atividades do Centro, transcrições, poesia de Armando Oliveira, “Consultório” e ilustrações. Anúncios, só nas páginas secundárias da capa.

Seguiu-se a publicação, cada mês, incluindo a seção “Galeria dos Artistas Nacionais”, homenageados, além disso,

nas capas, nomes de projeção musical. Escreviam artigos assinados: João Caminha Franco, **Ignotus**, A. Marinho Reis, Napoleão Albuquerque, A. C., Mário Melo, França Pereira, Cândido Duarte, Angelina Ladevèse e E. F.

Circulava, invariavelmente, nos dias 29, até março de 1920. Suspensa, passaram-se 14 meses até sair nova edição, datada de 29 de maio de 1921, ao ensejo do transcurso do terceiro aniversário do Centro Musical. Figurou, então, como diretor, o professor Carlos Diniz, ao lado do velho redator-chefe.

Ainda ocorreram duas edições da **Revista**: a 9 de julho e a 16 de outubro do mesmo ano, terminando aí sua existência (**Bib. Púb. Est.**).

O **RISO** — **Micro-Jornal de Graça** . por 100 réis. **Crítico, Literário e Noticioso** — Começou a publicar-se no dia 1 de junho de 1919, formato de 23 x 14, com quatro páginas de três colunas estreitas e boa apresentação gráfica. Diretor — Pio de Sá, funcionando a redação na rua Paula Batista n.º 145, Casa Amarela.

Era seu objetivo “afastar a tristeza de todos os corações, desabrochar um riso em todos os lábios juvenis”.

Publicação irregular, de quinzenário a mensário, seguiu assim a meta traçada, dedicando a quarta página a anúncios, entre os quais, a partir do n.º 4, se fazia discreta propaganda da candidatura do General Dantas Barreto ao Governo do Estado. Ao mesmo tempo começava um concurso para escolher “a senhorita mais elegante do Arraial”.

Da matéria redacional constavam, além da “Vida Social”, carnets e “Postais”, produções literárias, sobretudo de Fernando Burlamaqui, José Leal e Josué Leite da Silva, que terminaram figurando como redatores, e de **Coelho Bisneto**.

Ao atingir o n.º 9, aparecia no cabeçalho, a fora a equipe de redatores, os nomes de Olímpio Santos e Mário Santos, diretor e gerente, respectivamente. Edição especial, datada de dezembro, saiu com oito páginas em cores, divulgando o resultado do concurso de elegância e sonetos dos três reda-

tores, aquele e estes, com fotogravuras, ma's a matéria de rotina.

Não há indícios do prosseguimento da publicação (**Bib. Púb. Est.**). (1).

O APACHE — Album de São João — “Moderno livro de sortes para as noites festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro”, saiu a lume no mês de junho de 1919, formato de bolso — 18 x 10 — com 80 páginas, mais a capa, de papel **couché**. “Caprichosamente confeccionado” por **Mário Marino** (pseudônimo de Silvino Lopes), foi o trabalho gráfico executado na Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca (1).

Consoante a nota “Ao leitor”, nasceu o livrinho “das convicções otimistas que florescem em nossa alma e da certeza que temos da necessidade de um paliativo para as tristezas contemporâneas”, concluindo que, nas suas páginas, se continham “muitas coisas úteis, ótimas curiosidades, anedotas, biografias e também a colaboração de novos e velhos intelectuais de nossa terra”.

Inseriu ligeira corografia do município de Vitória de Santo Antão, seguindo-se poematos de Maria Isabel de Holanda e Corina de Holanda; diversas transcrições de prosa e poesias; dema'is matéria variada e uma “Parte Hierofante”, tudo entremeado de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DE COMMERCIO DE PERNAMBUCO — Edição Mensal — Saiu a lume em julho de 1919, formato de 31 x 23, com 22 páginas, a fora as de anúncios e da capa, esta em papel de cor. Direção de Nestor Diógenes, sendo o trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.º 354, em cujo 1.º andar ficava a redação.

(1) Coleção desfalcada.

(1) Não se encontra, na edição d' **O Apache**, nenhuma indicação de procedência. O certo, porém, é que teve berço duplo: no Recife, onde foi impresso, e na Vitória de Santo Antão, onde residiam os colaboradores e onde foram angariados quase todos os anúncios, ao passo que Silvino Lopes tinha um pé lá, outro cá.

Assinatura anual: para o Brasil — 10\$000; para o exterior — 12\$000.

Lia-se no editorial “O nosso aparecimento”: “O programa da **Revista** é constituir-se um órgão de natureza essencialmente instrutiva e informativa”, adiantando: “... publicará estudos de feição social, econômica e financeira, notas interessantes e dados estatísticos, com sinceridade e elevação de vistas”.

Circulou com regularidade, inserindo artigos originais e transcrições em torno dos temas do programa enunciado, focalizando ainda as relações comerciais e financeiras do Brasil com o exterior, temas agrícolas e bancários, transportes, Direito, Foro, etc., começando e terminando cada edição boa quantidade de anúncios.

Numeradas as páginas seguidamente — só contando a parte redacional — atingiu o total de 152 no n.º 5, do mês de novembro, que foi o último publicado (**Bib. Púb. Est. e Bib. Púb. de Sergipe**).

REVISTA DAS CLASSES CONSERVADORAS — Publicação Mensal — Surgiu em setembro de 1919, obedecendo ao formato de 25 x 17, com 38 páginas, inclusive a capa, tudo em papel assetinado. Diretor-proprietário — Miguel Artur Lima; secretário — Luiz Ribeiro da Silva; redator-chefe — dr. Armando Maia. A redação funcionava no edifício do extinto Banco do Recife, sala 12, na Avenida Rio Branco. Assinatura anual — 10\$000. Número avulso — 1\$000.

Destinava-se, consoante o editorial de abertura, a “propugnar pelos interesses vitais do Comércio, Agricultura, Indústria e Pecuária”. Analisaria “os atos dos poderes públicos, quer estaduais, quer federais”, e punha as suas colunas à disposição dos interessados, dos quais esperava generosidade para a iniciativa. A edição, cujo frontispício estampou fotografia do edifício da Associação Comercial de Pernambuco e, no texto, clichês do diretor e redatores, inseriu matéria especializada, através de transcrições, artigos de Fernandes e Silva e Nestor da Silva Maia; a seção “Consultas e Informações”; noticiário de natureza comercial e financeira e páginas de anúncios.

Publicou-se o n.º 2 no mês de outubro, ilustrada a capa com fotografia do prédio do Banco do Recife. Apresentou outros colaboradores: D. Plácido de Oliveira, Lauro Montenegro e Alberto Rodrigues de Oliveira; estatísticas e "Movimento do Porto".

Ao que tudo indica, não prosseguiu (Bib. Púb. Est.).

LYCEU-JORNAL — Órgão da Associação do Corpo Discente do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco — O segundo número circulou a 30 de setembro e o quarto a 31 de outubro de 1919. Formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Redação na Praça da República n.º 281, sede do Liceu, em cuja tipografia era impresso. Assinava-se a 1\$000 por trimestre. Apresentou: "Seção Biográfica", "Movimento escolar", "Spleen", por E. C.; mais colaboração de Mecorpi e J. Borges Diniz (Bib. Púb. Est.).

A VERDADE — Órgão Litero-Escolar — Saiu a lume em novembro de 1919, para publicar-se mensalmente, formato de 32 x 22, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na tipografia de J. C. Ferreira Chaves, à rua do Rangel n.º 96. Comissão Redacional: Arlindo Lorega, Olímpio Costa Júnior, Murilo Pernambuco da Costa, José de Araújo Firmo Xavier e João Celso este na chefia, funcionando a redação à rua Gervásio Pires n.º 224. Tabela de assinaturas: ano — 8\$000; semestre — 4\$000; trimestre — 2\$000.

Lia-se no artigo de apresentação: "Eis que aparece este nosso órgão, tradutor do nosso ideal, do nosso sentimento, do nosso brio, da nossa dignidade". O editorialista teceu verdadeiro hino à palavra do título: "Verdade! Lema imortal da Justiça, princípio do Bem, revelação severa e onipotente"...; "... encarnação sublime do Direito, estandarte áureo da Lei, símbolo sacrossanto da Virtude, voz do Dever e da Consciência, farol eterno que brilha na escuridão do mundo", etc.

Abaixo do Expediente, vinha o Aviso: "Aceita-se colaboração, ficando ao alvitre da redação publicá-la. São preferidos assuntos científicos, literários ou humorísticos".

Logo no n.º 2 foram acrescentados três nomes ao corpo redacional: Pedro Guilherme de Miranda, Jonas Lemos e José

Alcoforado, os dois últimos constituindo, à parte, a Comissão de Representação.

Os n.ºs 4/5 foram reunidos num só, datado de fevereiro/março de 1920, com oito páginas, alterando-se-lhe o sub-título para “órgão literário-científico”. Outras modificações ocorreram, a saber: assinaturas anual, semestral e trimestral — 6\$000, 3\$000 e 1\$500, respectivamente, e o corpo redacional ficou desfalcado dos nomes de Alcoforado e Olímpio Costa Júnior; mas este permaneceu feito colaborador, saindo suas crônicas históricas com o próprio nome e produções outras com o pseudônimo **Paulo Pinheiro**.

A matéria d' **A Verdade** constituia-se, principalmente, de literatura, a cargo dos redatores, como Murilo Costa, que era, ao mesmo tempo, **Muryllo Amado; João** ou João Celso e José Firmo, além de outros, como José Carlos, **Marcos, Brutus, Ignotus, Lemos Dragão, Mariana, Gedeão Correia, Vicente Vanderlei, Otávio Xavier, Carlos Frederico, Violeta Triste, Maria Irene Coelho de Barros e Lírio do Vale**, como se ocultava Valdemar de Oliveira. No mais, raro noticiário e um soneto célebre, que honrava cada primeira página (**Bib. Púb. Est.**).

Depois do n.º 6, publicado em abril, saiu outra edição conjunta, de n.ºs 7/8, correspondente aos meses de maio e junho, aí terminando a existência d' **A Verdade**.

A OPINIÃO — Jornal Político e Noticioso — Entrou em circulação a 10 de dezembro de 1919, obedecendo ao formato de 58 x 41, com quatro páginas a seis colunas de composição. Diretor — José Irineu de Sousa; gerente — Antônio Go's Teles, funcionando escritório e redação na rua Duque de Caxias n.º 70, 1.º andar. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial. Preço do exemplar — \$100. Lia-se, num quadrinho, à direita do título: “A imprensa é uma força irresistível; por isso mesmo só deve se empenhar nas causas que possam influir para a grandeza deste colosso americano que é o Brasil”.

“Não é propriamente um novo órgão da imprensa pernambucana — dizia o artigo de abertura. — Não o é porque o seu diretor-proprietário, os seus compromissos financeiros-comerciais e o seu programa são os mesmos do extinto **Cordeiro-Jornal**”.

Divulgando matéria variada, sobretudo noticiário, mas com cerca de três páginas de anúncios e literatura comercial, o semanário terminou o ano com três edições, para recomeçar (n.º 1, ano II) a 4 de janeiro de 1920 (seis páginas), cujo editorial declarou apoiar o Governador José Rufino Bezerra Cavalcanti, que acabava de assumir tais funções sob o signo de “Paz e Concórdia”.

Seguiu-se a publicação, às vezes inserindo artigo assinado por Joaquim de Oliveira, dr. Armando Gaioso ou Clóvis de Alencar, até o n.º 6, de 21 de fevereiro.

Transcorrido pouco tempo, transformou-se o jornal em “magazine político, literário, desportivo e noticioso”, assim publicado o n.º 7 precisamente a 11 de março, no formato de 30 x 18, com 16 páginas de três colunas, a fora a capa, impressa em **couché**, figurando no frontispício, trabalhado a vinhetas, fotogravura de personalidade pernambucana, prática que continuou até o fim da publicação. Nenhuma outra alteração, salvo a transferência da redação para a rua do Imperador n.º 303, 1.º andar. Um mês depois, aumentou para 200 réis o preço do exemplar.

Além dos já mencionados colaboradores, outros foram aparecendo nas colunas da revista, a salientar: João Ezequiel, com as “Notas ligeiras”, Dioclecio Dantas Duarte; **Zeca e Tano**, firma encarregada d’ “**A Opinião** Teatral”; Oscar Pereira; **João Modesto**, autor das “Semanais”; Alfredo Mauricéa Filho, Oscar Farias e Da Costa Dourado.

A Opinião manteve viva atuação política, defendendo o governo de José Bezerra, principalmente, da campanha que lhe movia, no **Jornal do Brasil**, do Rio de Janeiro, o jornalista pernambucano Elpídio de Figueiredo. Depois das primeiras edições, intensificou a parte desportiva, mediante comentários, noticiário, reportagens ilustradas, “Perfis de torcedoras”, por **Pierrot**, e concurso para a escolha da “mais bela torcedora” dos campos de futebol. Sucediã-se clichês de homens ilustres, comerciantes e vultos femininos da sociedade, estes integrando “**A Opinião** elegante”. Páginas de anúncios abriam e encerravam o texto.

Publicou-se a revista com regularidade, até o n.º 22, de 16 de julho de 1920.

Faltando notícias do n.º 23 (talvez não publicado), apareceu o n.º 24 a 24 de dezembro, em edição extraordinária, o formato um pouco menor, 26 páginas de papel **couché**, impresso em tipografia diferente. Homenageou assim (a capa era verde-amarela, ilustrada com emblema do Estado) a passagem do primeiro aniversário da administração pernambucana, iniciado o texto com retrato do Governador, de página inteira. Constituiu-se uma poliantéia, colaborada, principalmente, por Gonçalves Maia e Oscar Pereira, repleta de notas redacionais e transcrições da imprensa, do Recife e do Rio de Janeiro, sobre a personalidade de José Rufino Bozerra Cavalcanti, não faltando, ainda, clichês de outros líderes situacionistas e páginas de reclames comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

O POLICHINELLO — Jornal das Crianças — Entrou em circulação a 17 de dezembro de 1919, obedecendo ao formato de 30 x 22, com 14 páginas, inclusive a capa ilustrada com motivos infantis, num desenho de **Craion**. Propriedade de Evaristo Maia; redator-chefe — **Caturra**; redatores — Manuel Machado e Anibal da Cruz Ribeiro; gerente — Amaro Soares de Avelar; caricaturista — Aberlado Maia (**Craion**). Redação à rua Maciel Pinheiro n.º 369, 1.º andar, e tipografia à rua do Livramento. Assinaturas: ano — 11\$000; semestre — 6\$000, acrescidos de 2\$000 quando para outros Estados. Preço do exemplar — 300 réis.

Lia-se no artigo de apresentação: “**O Polichinello** se compromete a trazer sempre boa e variada leitura para seus fregueses; seções várias, charadas, problemas para decifrar, contos ilustrados, caricaturas”, etc. “A sua principal preocupação é trazer a petizada em alegria constante. Quem não ri não goza a vida. O riso é o reflexo da alma”. Anunciou que distribuiria prêmios, mediante concursos semanais; promoveria distrações nos teatros e outras atrações.

Sua matéria constituiu-se de seções realmente variadas, a salientar as “Aventuras de Poli”, por **Vovô**; “**O Polichinello** mundano”, e mais algumas, dosadas de certa verve, ao sabor dos leitores miudos. Assim também no n.º 2, publicado no dia 24, uma vez que se declarava semanário, apresentando capa dedicada ao Natal. Graficamente mal confeccionado, era impresso em papel comum (**Bib. Est. de Sergipe**).

Circularam, pelo menos, quatro outras edições, datadas, respectivamente, de 7, 14, 21 e 28 de janeiro de 1920, consoante o noticiário, cada semana, do **Jornal do Commercio**, que adiantou, no seu registo do dia 18: “Está caindo no gosto da petizada a revista que a Casa América vem publicando”; “... traz as aventuras de **Caturra** e de **Juquinha**, seções de charadas e **foot-ball**, concursos e caricaturas”. Ostentava, nas capas, retratos de crianças ou caricatura de **Craion**.

Não houve mais notícia do “semanário das crianças” no espaço de dois anos e meio.

Outro n.º 1, ano I, d' **O Polichinello** saiu a lume no dia 5 de agosto de 1922, numa segunda fase, contendo 12 páginas. Evaristo Maia manteve-se ao leme, tendo apenas um acessor: Cruz Ribeiro, feito redator-secretário. Redação e oficina à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) n.º 327 (sobrado). Nova tabela de assinaturas: ano — 15\$000; semestre — 8\$000; trimestre — 4\$000. Número avulso — 300 réis.

Ressurgiu, conforme a nota de abertura, “gaiato e folgazão”, como “órgão genuinamente nacionalista, dedicando-se a contar histórias do arco da velha e da carochinha”.

Matéria, a exemplo da primeira fase, constante de prosa e versos ligeiros, retratos de crianças, historietas e uma porção de concursos, além de anúncios. Colaboração de A. C. R., **Jeca**, **Dr. Sabe-Chão**, **Caturra**, **Dindinho** e outros

Na semana seguinte, dia 12, viu-se dado a público o n.º 2 d' **O Polichinello**, sem que se tenha mais notícia do prosseguimento (**Bib. Púb. Est.**).

1 9 2 0

O NOCTURNO — Número único, circulou na Noite dos Solteiros da tradicional festa de N. S. de Belém, padroeira da Encruzilhada, datado de 9 de janeiro de 1920. Com quatro páginas, pequeno formato, foi redigido por Ildefonso Lopes e outros literatos do referido subúrbio, para distribuição gratuita. Sua matéria constituiu-se de crônicas de natureza humorística, “Foguetes”, “Farpas”, “Melindrosidades”, etc. (**Colec. Ildefonso Lopes**).

O **CHROMO** — Folha literária, da qual não resta comprovante da edição de estréia, teve o n.º 2, ano I, em circulação a 15 de fevereiro de 1920, obedecendo ao formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas. Diretores — Arlindo de Figueiredo e Paulo Veloso; redator-chefe — Leduar de Assis Rocha. Redação à rua Antônio Carneiro n.º 371 e trabalho gráfico da Imprensa Oficial. Quinzenário, assinava-se a 5\$000 por ano e a 3\$000 por semestre.

A fora as produções da equipe responsável, a edição divulgou outras, de Sílvio Marques, Leôncio Lucas, o dos "Rabiscos"; Paulo de Castro e Deodoro de Assis, completando a matéria ligeiro noticiário (**Bib. Púb. Est.**).

Publicaram-se, pelo menos, mais dois números d' **O Chromo**, acrescido o corpo redacional do nome de Heitor Ribeiro Dantas (**Jornal do Commercio**, de 8/4 e 3/5/1920).

A **PLATÉA** — Informou o **Jornal do Commercio**, edição de 6 de fevereiro de 1920: "Os srs. Oscar e Djalma Farias, Josué Leite e Fernando Burlamaqui acabam de fundar um órgão das classes estudiosas de Pernambuco. Chama-se **A Platéa**, tem a sua redação à rua Imperial n.º 377, está variado e com interessantes artigos".

A publicação teve curso normal, consoante o registo da imprensa diária contemporânea. No entanto, restam, apenas, quatro comprovantes, sendo o primeiro deles o n.º 12, de 18 de maio. "Semanário literário, elegante e noticioso", saía com oito páginas, em papel assetinado, obedecendo ao formato de 33 x 22, a três colunas de composição, impresso na tipografia do **Jornal do Recife**. Diretor-proprietário — Oscar Farias; redator-secretário — Djalma Farias, funcionando a redação na rua já citada. Assinaturas: ano — 8\$000; semestre — 4\$000; trimestre — 2\$000. Preço do exemplar — 200 réis.

Manuseados, a seguir, os n.ºs 15, 16 e 17, datados, respectivamente, de 5, 12 e 19 de junho, no penúltimo dos quais aparecido o nome de Elpidio Câmara, na qualidade de gerente.

Edições de oito páginas, sendo três de anúncios, o "órgão das classes estudiosas de Pernambuco" especializara-se em

comentários ligeiros e noticiário geral. Manteve “**A Platéa Social**”, “**A Platéa Desportiva**” e “**Seção Diversiva**”. Eram colaboradores: Silvério de Farias, que escrevia “O novo Espiritualismo”; Esau Lima, Antonieta Barreto, Moraes de Oliveira, Fausto Rabelo e Américo Batista (**Bib. Pú. Est.**).

Ainda segundo o **Jornal do Commercio**, de 22 de agosto, a publicação estendeu-se até o n.º 25.

O CARNAVAL — Número único, circulou no dia 15 de fevereiro de 1920, com oito páginas, apresentando o mesmo grande formato do **Jornal do Recife**, em cuja oficina foi composto e impresso, numa tiragem de dez mil exemplares. Diretores — Nelson Firmo, Manuel Ribeiro, Leónidas do Amaral e Clodomiro de Oliveira.

Serviu de veículo de “propaganda dos nossos mais importantes estabelecimentos bancários e comerciais”, ao mesmo tempo que vinha “espalhar o riso e a alegria”. Inseriu “uma parte literária, com excelentes colaborações de nossos melhores intelectuais, além de chistosas seções humorísticas e escolhido serviço de clicherie” (**Jornal do Recife**, 15/2).

A publicação continuou, fora de época carnavalesca. O **Diário de Pernambuco**, de 25 de dezembro de 1921, noticiou o aparecimento do n.º 8, ano II, transformado em revista, chamando-o “órgão essencialmente folgazão, pronto a compartilhar de todas as manifestações a serem prestadas ao festejado Deus da Folia”, ao que acrescentou: “Como no seu primeiro ano, traz **O Carnaval** seções escritas com muito espírito”. Direção de **Pierrot** e **Colombina**.

Depois de outros números, circulou **O Carnaval** — notícia do **Jornal do Commercio** — a 25 de fevereiro de 1922, o “sábado gordo”, contendo 16 páginas, impressas em cores diferentes, repleto de matéria alusiva ao “frevo”. Era redigido, nos dois últimos anos, por Pelópidas Galvão.

O PHILOCRÍTICO — Editado pelo Clube Carnavalesco Filocríticos de Campo Grande, saiu a lume no dia 15 de fevereiro de 1920, ao que noticiou, a 17, o **Jornal do Recife**.

Sem o mínimo indício de qualquer outra edição, existe comprovante do n.º 3, ano III, d’ **O Philocrítico**, que circulou,

“pela terceira vez e talvez a última”, no dia 7 de fevereiro de 1921, formato de 26 x 16, com quatro páginas a duas boas colunas de composição. A redação funcionava no subúrbio de Campo Grande, onde o Clube tinha sede.

A folha estampou fotografias dos responsáveis pela exibição da sociedade carnavalesca, seguindo-se interessante matéria, em prosa e verso, sátira e humorismo, entremeada de vinhetas alusivas, sendo os colaboradores José Austregésilo Filho, Sebastião Barreto, **Jomar** (pseudônimo de João Marques Batista), **Zé Mole** e outros (**Bib. Púb. Est.**).

30 DE NOVEMBRO JORNAL — Órgão do Grêmio Litero-Recreativo 30 de Novembro — Entrou em circulação o primeiro número, destinado a publicar-se mensalmente. Diretor — Agrício Ferreira da Silva; redator-secretário — Teotônio de Vasconcelos. “Feição material simpática”, inseriu “interessantes artigos” e “vários clichês” (**Diário de Pernambuco**, 6/4/1920).

VIDA SPORTIVA — Revista dedicada, “especialmente, ao desporto local”, sua edição de estréia apresentou “feição material bem regular” e interessante sumário. Via-se, na capa, “clichê do afamado **back** alviverde Alexi Nuyens” (**Diário de Pernambuco**, 25/04/1920).

Segundo o **Jornal do Commercio**, edição de 7 de junho, o magazine obedecia à direção de José Penante.

Publicação semanal, **Vida Sportiva** publicou-se com regularidade. O n.º 23 exibiu, na capa, retrato do jornalista Osvaldo Machado, apresentando “variada leitura, principalmente de assuntos desportivos”, amplamente ilustrada, ao que informou o **Diário de Pernambuco** de 24 de outubro.

Sem que se guardasse nenhum comprovante, foi, no entanto, possível verificar que a revista em apreço ultrapassou o ano do seu aparecimento, atingindo o n.º 35, conforme, ainda, o noticiário do **Diário de Pernambuco**, de 6 de abril de 1921.

JECA TATU — **Livro de Sortes** — Saiu com regular quantidade de páginas, editado pela Casa América, de Evaristo Maia. Mostrou, na capa, desenhada por **Craion**

(pseudônimo de Abelardo Maia), “a figura de **Jeca**, de cócoras, joelhos quase à altura do queixo, viola ao lado, maginando, com certeza, em qualquer toada para desabafar o coração”. Cada exemplar continha um bilhete numerado, dando direito “a um prêmio, pela Loteria Federal de 10 de julho, de 50 exemplares de vários romances, à escolha do freguês” (**Jornal do Commercio**, 20/05/1920).

BEM-TE-VI — Periódico Ilustrado, Crítico e Noticioso — Em formato de três colunas, com quatro páginas, o primeiro número foi publicado no dia 20 de maio de 1920. Trazia, sob o título, os **slogans**: “Cada grito é um tostão” e “**Ridendo castigat mores**”. Pretendia, segundo a nota de apresentação, “com o lábaro do humorismo, apenas, fazer comentários em torno dos escandalosos fatos que se multiplicam em nosso meio”.

Assim se constituiu, realmente, a matéria da edição de estréia. Mas, inexplicavelmente, parou aí a publicação.

Só reapareceu, “após longos meses de suspensão”, com novo n.º 1, ano 6.º (?), no dia 26 de março de 1921, constando do Expediente: “Correspondência para a rua do Fogo n.º 157 — As assinaturas serão... conforme às caras dos “caros” assinantes”. Do programa: “... zelará pelo bom nome das pessoas distintas e será o maior inimigo dos cretinos e de todos aqueles que tiverem rabo de palha na sociedade”. Redatores: **Zé das Mulatas**, **Chico Boia** e **Tia Rocha**, os dois últimos, já no fim, substituídos por **Cata-Vento** e **Zé da Horta**.

Seguiu-se a circulação semanalmente, inserindo matéria em geral de caráter licencioso, a destacar as seções “Na zona”; “**Bem-te-vi**, o que foi que tu viste?”; “Coisas da época”, com a assinatura de **Resignado**; “Pelo Santa Isabel”, por **Zé Comparsa**; “Escola do **Bem-te-vi**”, de **Reinaldo Furão**, etc. A partir do n.º 6, o cabeçalho constou de um pássaro desenhado entre as letras do título. Na primeira página de cada edição figurava uma ilustração com legenda de duplo sentido.

Não foi além do n.º 21, datado de 4 de junho (**Bib. Púb. Est.**).

TIGIPIÓ-JORNAL — Órgão Literário, Elegante e Desportivo — Surgiu no dia 30 de maio de 1920, formato de 31 x 24,

com quatro páginas de três colunas. Redator-chefe — Luiz Bezerra; outros redatores — Antônio Estêvão, Herculano Costa, Edésio Barreto, Modack Reis e Francisco Lima, funcionando a redação na Farmácia Santa Isabel, no Peres. Assinaturas: anual — 5\$000; semestral — 3\$000.

“... esse pequeno jornal — lia-se no artigo de apresentação — deseja trabalhar pela grandeza da humanidade, ao lado de seus irmãos nas lides luminosas da imprensa. Litero-noticioso, não ficará impassível diante do movimento que, sob a denominação de Questão Social, abala o mundo em seus alicerces. A emancipação da mulher encontrará em suas colunas um apoio leal e franco”.

Além de comentários e notícias, a edição inseriu produções assinadas por C. Azevedo, Augusto Bandeira, M. de Holanda e Luiz Ribeiro Pessoa; as seções “Traços” e “Carambolas”, e iniciou um concurso feminino de elegância. Na quarta página — reclames comerciais.

Ao que tudo indica, não passou do primeiro número (Bib. Púb. Est.).

A LAGARTICHA — Para as deliciosas noites sanjuanescas — Livro de Sortes familiar — Literatura e Diversões — Publicou-se em junho de 1920, obedecendo ao formato de 23 x 15, com 88 páginas de papel assetinado e capa em **couché**, ilustrada, impressa a cores, tendo ao lado de uma dama um soneto a São João. Redatores — **Chico Pernetá & Leo Pardo**. Confecção da Imprensa Oficial do Estado. Exemplar a 1\$000.

Apresentou-se **A Lagarticha** em figura de mulher “encantadora e **chic**”, em quadras decassílabas, assim terminando a poesia de abertura:

“Saibas, leitor, que **Miss Lagarticha**,
De cuja “força” já ninguém duvida,
Propõe-se a ler a tua **buena-dicha**,
Dizendo coisas sobre a tua vida...”

Das melhores publicações, no gênero, então aparecidas, quer material quer intelectualmente, o opúsculo divulgou, a par de boa série de Sortes, apreciável parte literária com a colaboração de Chagas Ribeiro (ou **Cha-Gaz**); Fernando

Burlamaqui; Silva Lobato; Eustórgio Vanderlei ; Aires Palmeira, que era o mesmo José Augusto de Sousa; Domingos Magarinos; X.; D. Hermengarda Maia; Luiz Loureiro; Sebastião Stanislau, Joaquim Lima, etc., além de variedades, canções, epigramas e anúncios (Bib. Púb. Est.).

AVANTE! — Órgão da Federação Sindicalista de Pernambuco — Apareceu no dia 9 de junho de 1920, formato de 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Trazia ao lado do título, à direita: “Redigido por um grupo de camaradas, destina-se à propaganda do sindicalismo e à defesa dos espoliados do regime burguês”. Com redação à rua da Praia n.º 78, 1.º andar, assinava-se a 1\$200 por trimestre, custando o exemplar \$100.

Do longo editorial de apresentação, destacava-se: “Órgão genuinamente dos trabalhadores, por eles escrito, por eles composto e impresso e que tem por fim orientá-los na verdadeira ação sindicalista, dar com valor e energia franco e decidido combate à organização política burguesa; afastar, o mais possível, de todas as lutas partidárias”. E acentuou: “Nossa política é a sindicalista; nossos parlamentos são as sedes”, concluindo: “... a hora da grande revolução libertária se aproxima”.

Publicação semanal, circulou com regularidade, dando cumprimento ao programa enunciado de propaganda sindicalista e socialista, e teve a colaboração, em prosa, de Antônio Canela, E. Leão, Teodoro César, S. Paixão, Leodegário Jorge, Elesbão, H. Xisto, Sátiro Lima e Sebastião Pereira. Poesias de Otávio Brandão. Foram seções constantes: “Vida Sindical” e “Notas diversas”.

Viveu o periódico até 4 de setembro, quando saiu o n.º 13, provavelmente último (Bib. Púb. Est.) (1).

O GUARDA-CIVIL — Livro de sortes destinado às noites juninas. “Cuidadosamente bem feito por Álvaro Ribeiro e Roderik Pinto”, inseriu curiosidades, boa cota da matéria principal, as sortes; modinhas “e uma agradável parte lite-

(1) Coleção desfalcada.

rária sumamente agradável” (**Jornal do Commercio**, 11/06/1920).

O **GUABIRU** (1) — Número Especial para a Festa dos **Garridos** — Publicou-se no d'a 11 de junho “deste ano” (1920), formato de 36 x 25, com quatro páginas de quatro colunas, impresso na tipografia de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador. Redator — **J. Ratão**; redatores — **Diversos Catitas**.

A edição constituiu uma homenagem aos atores Alda e Américo Garrido, no dia em que realizavam seu festival, no Teatro Moderno, numa segunda temporada de comédias no Recife.

Exibiu, na primeira página, clichê de Alda Garrido, servindo-lhe de legenda um soneto de **Tom Mix** (pseudônimo de Lincoln Néri); na segunda, apareceu a efígie de Américo, com soneto-legenda de **Lili**. Toda a demais matéria constou de humorismo, em prosa e verso, dentro do setor teatral, focalizando, sobretudo, os bastidores, com seu diz-que-diz, trepações e gaiatices, a cargo de **João Po ino**, **Tenente F.**, **Guanabara Filho**, Alvaro Lima e outros colaboradores (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA PENITENCIARIA — Entrou em circulação no mês de junho de 1920, obedecendo ao formato 31 x 22, com 16 páginas de texto, mais a capa, em papel **couché**, só impresso o frontispício. Diretores — Fernando de Sá e Perdígão Nogueira; redator-secretário — Filemon de Albuquerque. Redação à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) n.º 303 e trabalho gráfico da Imprensa Oficial. Assinatura anual — 10\$000; número avulso — 1\$000.

Abriu a edição um “Prefácio” do dr. Raul Azêdo, vindo na página seguinte o editorial, intitulado “O nosso programa”, segundo o qual a **Revista** tinha o objetivo de divulgar, men-

(1) Num quadro à direita do título, esclareceu o colaborador **A. Façasneira**: “Guabiru é um rato muito conhecido entre nós. Dá-se, em teatro, o nome desse roedor aos apaixonados pelas artistas, aos que frequentam as caixas e os bastidores. tal como nas igrejas, onde há os ratos de sacristia”.

salmente, “o movimento policial do Recife, da Detenção e do fôro criminal”, tudo “descriminado em mapas demonstrativos, organizados de acordo com as prescrições científicas”. Punha suas colunas à disposição dos intelectuais que tivessem “uma orientação positiva, para dissertarem a respeito dos árduos problemas da ciência penitenciária” e das que lhe fôssem afins, acentuando: “Queremos ver nas colunas desta revista as teorias hauridas no exame da observação dos fatos do confronto e da experimentação dos mesmos”. Concluiu solicitando o amparo do público, a fim de serem levados de vencida os obstáculos do caminho.

A publicação teve curso normal, passando, desde o n.º 5, a ser impressa na oficina do **Jornal do Recife**. Divulgava matéria específica, conforme o programa traçado, através de comentários redacionais e trabalhos de J. A. Correia de Araújo, Fernando de Sá, Raul Azêdo, Samuel Pontual, Otávio Tavares, Agamenon Magalhães, Carlos Dias Fernandes, Eustáquio Pereira (Faneca), Joaquim Loureiro e Franklin Seve, autor da série “Criminosos célebres”. Não faltaram anúncios, nas páginas do fim.

Mantendo o nível de 20 páginas, capa cartolinada, a **Revista** ultrapassou o ano, vindo a extinguir-se ao circular o n.º 11/12, correspondente aos meses de abril e maio de 1921 (**Bib Púb. Est. e Bib. Est. de Sergipe**) (1).

REVISTA PHARMACÊUTICA — Medicina. Farmácia — Publicou-se o primeiro número em julho de 1920, formato de 28 x 16, com 28 páginas, impressas em papel assetinado, mais a capa, em **couché**. Diretor — farmacêutico Hildeberto Moraes de Vasconcelos; redatores — dr. Abreu Vasconcelos e farmacêuticos José Cândido de Moraes e Mário Carneiro da Cunha, funcionando a redação na rua Larga do Rosário n.º 238. Custo da assinatura anual: Brasil — 10\$000; estrangeiro — 16\$000. Avulso — 1\$000. Circulação mensal.

Lia-se no editoral, sob o título “O nosso aparecimento”: “O nosso escopo imediato será o de pugnar pelo alevantamen-

(1) Na primeira das Bibliotecas mencionadas só existem comprovantes das três primeiras edições. As de n.º 4 por diante são encontradas na outra, em Aracaju.

to moral e intelectual da classe a que pertencemos, ao mesmo tempo que trazer para o domínio público o progresso da farmacopéia mundial...”

Noutro tópico: “A revista tratará, por outro lado, não se tornando demasiado árida, dos aspectos da vida local, no que respeita ao seu objetivo na imprensa”.

Cumprindo o programa traçado, saíram mais duas edições, a última delas — de n.º 3 — datada de setembro/outubro. Do sumário constava, uma página de formulários. Contou, em meio à matéria redacional, com a colaboração dos professores Otávio de Freitas e Antônio Inácio; dr. Ferreira dos Santos; farmacêuticos Pessoa Guedes, J. C. de Moraes Nascimento e Argemiro Costa. A quantidade de páginas baixara para 30 e 28, respectivamente. Ocorriam alguns anúncios específicos (**Bib. Púb. Est.**).

O BAPTISTA REGIONAL — “Cuidadosamente redigido”, circulou “o primeiro número desse órgão de propaganda evangélica, tendo à frente os srs. D. L. Hamilton, Pereira Sales e Tiago C. de Araújo”. Farta “messe de artigos em defesa da causa e notícias de toda parte” (**Jornal do Commercio**, 03/08 1920).

A MOCIDADE — **Periódico Litero-Noticioso** — Estreou sob a direção de Alberto de Oliveira e Reinaldo Breckenfeld. Bem impresso, inseriu “clichês, versos, tópicos de interesse” (**Jornal do Commercio**, 03/08 1920).

O n.º 2 (e último) foi registado pelo **Diário de Pernambuco**, em sua edição de 6 de setembro.

A RAZÃO — **Órgão Independente** — Apareceu no dia 15 de agosto de 1920, bom formato de quatro colunas, com quatro páginas, impresso na Tipografia 11 de Agosto, sob a responsabilidade da Empresa Martins, Rabelo & Cia. Trazia ao lado do título: “O analfabetismo é o maior ultraje aos nossos créditos de povo livre; é uma nódoa indelével na nossa estremecida bandeira”. Redatores — Fausto Rabelo, que assinava o artigo de abertura de cada edição, usando, noutras produções, o pseudônimo **Flósculo Rusor**; Hamilton Martins Ribeiro e Jorge Gomes de Sá, ao mesmo tempo gerente e autor de crônicas ligeiras. Situava-se a redação no Pátio de

Santo Amaro n.º 954. Assinatura semestral — 2\$500; para o interior — 3\$000. Preço do exemplar — 100 réis.

Lia-se no editorial de apresentação: “Não traçará programa, porque é um jornal de livre opinião, imune do predomínio político e religioso. Entrementes, tratará de todas as idéias e fatos, sem pendência sectarista”.

De lisonjeiro aspecto, o periódico inseria — nada obstante encher duas duas páginas de anúncios — regular noticiário, sueltos, crônicas literárias e seções leves, e instituiu concurso para escolher “a senhorinha mais graciosa do set pernambucano”. Eram colaboradores: Alberto Pradines, João Ezequiel, Pedro Lima, C. Sá, Gil, Castor, Thon Lima, M. O., De Marcos e Leo Capeta, autor da seção de epigramas “A rir e a sério”.

Saindo quinzenal e depois semanalmente, **A Razão** atingiu o n.º 10 a 26 de dezembro, prosseguindo no ano seguinte. Quase sempre a primeira página era ilustrada com fotografia de elemento da vida social.

A publicação não foi muito além, pois o n.º 16, provavelmente último, circulou no dia 30 de janeiro de 1921, sem chegar ao fim o concurso de beleza. Nessa edição foram chamados ao cumprimento do dever os assinantes faltosos, sob pena de ver seus nomes estampados em letra de fôrma, como maus pagadores (**Bib. Púb. Est.**) (1).

A VANGUARDA — Órgão da União Geral dos Trabalhadores de Pernambuco — O primeiro número circulou a 11 de setembro de 1920, formato de 38 x 26, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Redação: rua da Pra'a n.º 87, 1.º andar. Trimestre — 1\$200. Preço do exemplar: 100 réis.

Seu lema, segundo o artigo-programa, era “bater-se pelo bem estar das classes, doutrinar, incentivar a propaganda, procurando, na medida de suas forças, orientar bem os trabalhadores”.

(1) Coleção desfalcada.

Nas duas únicas edições conhecidas, o jornal, de orientação marcadamente socialista, inseriu matéria batida, constante de comentários, notícias trabalhistas, apelos anti-imperialistas e artigos assinados por H. Xisto, Pais de Andrade, J. Bezerra e Silva, J. Alexandre e F. Pereira, enquanto Otávio Brandão divulgava dois sonetos, um dos quais intitulado "Toque de clarim".

O segundo número saiu no dia 18. A **Vanguarda** destinava-se a circular semanalmente, faltando notícias da continuação (**Bib. Púb. Est.**).

ONZE E MEIA JORNAL — Órgão do "Bloco das 11½ de Tejipló" — Apareceu a 12 de setembro de 1920, pequeno formato, com quatro páginas de três colunas. Tinha como redator-chefe e redator-secretário, respectivamente, Januário Raposo e Nelson Barros. Na gerência, Demócrito Ramos da Silveira. Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$000; trimestre — 1\$000. Número avulso — 100 réis.

Do artigo-programa constava: "Quando a humanidade se agita e a dinamite ameaça entoar a Internacional por toda parte, a fim de libertar a grande massa operária vítima da injustiça dessa velha organização social; quando um grito de dor parte do fundo de todas as oficinas e os estadistas mais experimentados vacilam sobre o futuro dos povos; quando a imprensa, amoldando-se à nova ordem das coisas, começa a reconhecer o direito dos que mourejam num trabalho exaustivo cujo resultado enche a bolsa dos parasitas, surge o **Onze e Meia-Jornal**, que será defensor da liberdade que se não compra, da justiça que não se prostitui, do Direito que não se vende. E como na vida é preciso rir algumas vezes, este jornalzinho elegante, noticioso, literário, esportivo, saberá rir no humorismo fino que não ofende".

Com aspecto material pouco recomendável, o periódico seguiu sua jornada, inserindo editoriais, noticiário social, perfis, notas pitorescas, seção charadística, concursos de beleza e infantil. Colaboração, em prosa e verso, de Lino de Sá, P. Carvalho, Leonardo Selva, A. Bezerra, Carmelita Lima, Eloi Vieira, Armênio de Macedo (poeta português), **Otonil** (ou Olinto) Filho, Osvaldo Maranhão, Corina Ramos, **Anatólio Nahum** (pseudônimo de João Pacífico dos Santos),

Umbelino B. Pais Barreto e outros, sendo a quarta página ocupada por anúncios.

O corpo redacional, logo no terceiro número, acrescido de Calinício Ramos da Silveira e José da Cunha Viegas, sofreu, mais adiante, assim como a gerência, sucessivas modificações, deles participando, de substituição em substituição (um redator transformava-se em gerente e vice-versa), João Patrício, Luiz Bezerra, Marcelino Medeiros, Lessa, Augusto Lima, Leonardo Selva, Elpídio de Barros, Carlos Amorim, João Pacífico dos Santos e Olinto Filho.

A partir de 17 de abril do ano seguinte, a tabela de assinaturas ficou assim modificada: seis meses — 3\$000; três meses — 1\$500.

Circulando ininterruptamente, embora desprovido de meios, o **Onze e Meia-Jornal**, num esforço digno de nota, só alimentado pelo idealismo dos componentes do “Bloco das 11½ de Tejipió”, conseguiu solenizar o primeiro aniversário de fundação, depois do que desapareceu.

O último número foi datado de 25 de setembro de 1921 (Coleç. J. Viegas).

O **DIA — Órgão da Matriz da Piedade — Per cruce[m] ad lucem** — A edição de estréia — registada pelo **Diário de Pernambuco** de 18 de setembro de 1920 (1) — apresentou-se com oito páginas, nitidamente impressas. Estampou retrato do Arcebispo Sebastião Leme e inseriu variado e escolhido sumário. Direção do padre João Olímpio. Eis um tópico do editorial de apresentação:

“Portador da palavra de Deus, **O Dia** irá ao recesso amovível dos lares levar às almas a palavra da vida. Será o pregador ambulante, nestes tempos em que a impiedade pompeia nas praças públicas, nas colunas dos jornais, invadindo até o santuário do lar por meio de panfletos, distilando

(1) No seu livro “Letras Católicas em Pernambuco”, Cônego Xavier Pedrosa mencionou **O DIA** como “mensário publicado em 1926” (?), acrescentando haver “circulado durante alguns anos”. Muito lacônico.

o veneno que, quando não produz a morte, mina as convicções, assedia a fé, fazendo rebentar o germe terrível da dúvida sobre as eternas verdades”.

Só foi possível avistar raros comprovantes. O n.º 4, ano I, circulou no dia 30 de janeiro de 1921, formato de 37 x 23, com oito páginas de três boas colunas, utilizando papel especial. Trabalho gráfico da oficina da Livraria Moderna, de Granja & Filhos, situada na rua Barão da Vitória (atual rua Nova) n.º 378.

A partir do n.º 6, constou do expediente, além das indicações do sub-título: “Jornal católico, nacionalista, literário e noticioso”, acrescentando: “Com aprovação eclesiástica”. Assinatura anual — 5\$000. Preço do exemplar — 200 réis. Redação e administração na Matriz da Piedade, Santo Amaro.

Jornal bem feito, bem integrado nos objetivos da religião católica, a par de comentários de doutrina e noticiário específico, incluía folhetim, poesia de **Recife-Noel** (pseudônimo de Raquel Lima), Ernesto de Albuquerque, **Aldo**, o das “Farpas”; J. C. S. C.; padre Correia de Almeida, etc., além da colaboração em prosa, terminando com duas páginas de reclames comerciais.

Avistado o n.º 10, ano II, de 16 de julho, aparece, depois, na coleção, o n.º 1, ano III, de 28 de maio de 1922, aumentado o formato para 48 x 31, a quatro colunas de composição, mas somente quatro páginas, a última de anúncios. Confecção da Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca. No expediente, dizia, simplesmente: “Publicação periódica”. Foram novos colaboradores: Maviael do Prado e, póstumo, Barbosa Viana (**Bib. Púb. Est.**).

O PROGRESSO — Órgão Literário, Recreativo e Noticioso — Entrou em circulação, tendo sido fundado “pela inteligente senhorita Leny Galhardo. Esse jornalzinho vem servir de distração para as suas colegas da Escola Normal, onde ela faz brilhante curso. O presente número está variado e traz, como artigo de apresentação, uma saudação de sua jovem diretora”. Contou com a colaboração “de várias colegas de Leny” (**Jornal do Recife**, 27/09/1920).

A PENNA — Mensário de literatura, surgiu em outubro de 1920, obedecendo ao formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas. Ostentando lisonjeiro aspecto material, imprimia-se em papel **couché**. Direção de Valdemar de Oliveira: redator-chefe — João Celso, depois substituído por Abdênago de Araújo; secretário — Otávio Xavier; redatores — José Firmo Xavier, José Luiz Vieira, Heribaldo D. Vieira, Clóvis Lírio Sampaio, Antônio Nascimento, Reinoldo Breckenfeld, Hibernon Borba e Henrique Costa. Tabela de assinaturas: ano — 6\$000; semestre — 3\$000; trimestre — 1\$500. Pensando melhor, a direção resolveu, no segundo número, cancelar a tabela, adotando, apenas, a parcela trimestral, reduzindo o preço para \$600.

Produções literárias, em prosa e verso, dos plumitivos do corpo redacional, ocupavam, praticamente, todas as páginas d'A **Pena**, só reservado diminuto espaço ao noticiário social e uma seção de charadas.

Teve curta existência, extinguindo-se com o n.º 5, de fevereiro de 1921 (**Colec. Abdên. de Araújo**).

SPHINGE — Órgão Charadístico — Saiu a lume no mês de outubro de 1920, formato de 37 x 25, com quatro páginas de quatro colunas. Impresso na Tipografia Pedro de Sousa, tinha a redação instalada à rua Cristóvão Colombo n.º 57. Direção do Pentágono da Esfinge Recifense, assim constituído: Pedro Rego Barros — diretor; J. Martins Sobrinho — redator-chefe; Manuel Reinaldo — redator-secretário; Josué Leite — tesoureiro; Carlos Pedrosa — bibliotecário; Inácio Santos — redator auxiliar. O desenho do cabeçalho, firmado por **Avelino**, exibia figuras simbólicas.

A folha, consoante o editorial de abertura, vinha preencher uma lacuna, verificada não só em Pernambuco, mas em todo o Norte do Brasil, embora à custa de uma série de dificuldades. Após incitar os pansofistas a lutarem em prol da iniciativa, concluiu o articulista solicitando-lhes o valioso concurso.

Como primeira providência, a direção estabeleceu uma seção de Prêmios, a serem distribuídos aos melhores da Charada Antiga, do Enigma Charadístico e do Logogrifo e ao que enviasse todos os pontos do torneio inicial, ficando o julga-

mento a cargo do poeta Silva Lobato, cujo retrato ilustrou a primeira página. Matéria exclusivamente específica.

Sairam mais duas edições de **Sphinge**, em novembro e dezembro, confeccionadas na oficina do **Jornal do Recife**, nelas homenageados, mediante fotogravuras na primeira página, respectivamente, os líderes charadistas Mário Freire e Heitor Maia (**Bib. Púb. Est**).

KALEIDOSCOPIO — “Interessante jornalzinho do Grêmio Literário Chateaubriand”, sua publicação mereceu registo especial do **Diário de Pernambuco** de 16 de novembro de 1920. Sua matéria constou de editorial sobre a proclamação da República, crônicas literárias e sonetos, ilustrando-lhe as páginas retratos de Charles H. Koury, diretor do Colleege Français Chateaubriand, e do aluno Sátiro Ivo da Silva Júnior, orador do Grêmio.

Publicado esporadicamente, para circulação interna, longo tempo transcorreu sem que houvesse notícia do **Kaleidoscopio**. Só a 14 de julho de 1924 registou-lhe **A Província** o aparecimento do n.º 9, ano IV, laconicamente, e, três meses após, **A Pilheria**, em sua edição de 22 de novembro, informava haver entrado em circulação “mais um número” do órgão dos alunos do famoso estabelecimento de ensino médio do Recife.

A VERDADE — **Futuro Órgão do Centro Cívico 6 de Setembro** — Edição única, circulou a 24 de dezembro de 1920, formato de 48 x 32, com quatro páginas a quatro colunas largas de composição, impressa em papel couché. Redatores responsáveis — Libânio Machado, Antônio Scuto de Araújo, Bentes de Miranda, Nelson Firmo e Albino Buarque de Macedo. Preço do exemplar — \$200.

Teve a página de frente trabalhada em linhas e vinhetas, nela espalhados clichês individuais do Governador José Rufino Bezerra Cavalcanti e dos líderes políticos que possibilitaram o “acordo de outubro”.

Visava o aparecimento do jornal a concorrer para a consolidação do conagraçamento dos pernambucanos, “após um quadriênio de lutas as mais acirradas”. Analisaria os fatos com imparcialidade.

A segunda página estampou fotografura do General Dantas Barreto, a “cujos sábios conselhos e lições” se deveu o acordo mencionado. Toda a matéria tipográfica girou em torno da transformação verificada nos arraiais da política de Pernambuco (**Bib. Púb. Est.**).

Apesar de não existirem arquivados outros comprovantes, o “futuro órgão”, deixando de ser “edição única”, continuou a aparecer semanalmente, mantido o programa enunciado. O **Diário de Pernambuco**, que acusava o recebimento das edições publicadas, registou, a 14 de março de 1921, o n.º 10 d'**A Verdade**, último de sua existência regular.

Quase um ano decorrido, o mesmo matutino, em sua edição de 26 de fevereiro de 1922, noticiou achar-se circulando “mais um número” (tendo como redator-chefe João Barreto de Meneses), servido de “copioso sumário além de fotografuras dos candidatos da dissidência e dos próceres da política estadual”.

ESTADO DE PERNAMBUCO — Obra de Propaganda Geral — Grosso volume de 300 páginas, todas em papel couché, circulou datado de 1920, no mês de dezembro, obedecendo ao formato de 36 x 26. Incluiu duas páginas extraordinárias, com oleogravuras do pintor José de Castro Pais Barreto, e uma planta do Recife, dobrada em sexto. Editor — José Coelho, auxiliado por Artur Ferreira Machado Guimarães. Trabalho gráfico de Pimenta de Melo & Cia., no Rio de Janeiro.

A matéria do álbum constituiu-se, em seguida ao artigo de apresentação, assinado pelo Editor, de longo histórico do Estado de Pernambuco, sua vida econômica, imprensa e homens ilustres; retratos, a côres, do Presidente Epitácio Pessoa e do Governador José Rufino Bezerra Cavalcanti, de grupos de presidentes (desde 1889) e de governadores, e publicidade, em caráter literário, das indústrias e estabelecimentos comerciais, tudo amplamente ilustrado de fotografuras, sem que ocorressem anúncios do tipo comum (**Bib. Inst. Arq.**).

1 9 2 1

MENSARIO JUVENIL — Publicação Dedicada às Crianças — Auxiliar da Escola Dominical — Amigo das Sociedades

Juvenis — Surgiu em janeiro de 1921, formato de 21 x 14, com 12 páginas, exclusive a capa, impressa em papel de cor. Propriedade do Instituto Ebenezer. Diretor — Antônio Almeida; redatores — Eliza M. Reed. “e outros”. Assinatura anual — 2\$000, ou 1\$500 quando tomadas dez para um mesmo endereço.

Seguiu existência normal, cada mês, e, ao atingir 1923, tornou-se “**órgão das Sociedades Juvenis do Esforço Cristão**”, acrescentando ao corpo redacional o nome de Rosal na Bitten-court.

Sua matéria constava de lições para a Escola Dominical; tópicos para as Sociedades Juvenis; concurso; traduções; transcrições e colaboração original, em prosa ou verso, ora de mestres, ora de discípulos.

A partir de janeiro de 1924, o **Mensário** passou a sair com 16 páginas, prometendo a direção alguns melhoramento para os leitores, ao passo que a tabela de assinaturas registrava os preços de 3\$000, uma, e 2\$000 quando em série de dez.

Assim atingiu o n.º 12, ano IV, no mês de dezembro, ocupando a gerência, então, Alfeu de Oliveira. Faltam notícias do prosseguimento (**Bib. Púb. Est.**) (1).

O CARNAVAL — Órgão de Propaganda para o Carnaval de 1921 — O n.º 1, ano I, circulou no dia 6 de fevereiro, formato de 44 x 28, com quatro páginas, impresso na oficina d’**A Noite** e dirigido por “alguns rapazes” da redação desse diário.

Uma das páginas, a 3ª, foi dedicada a matéria redacional, nela colaborando **Cha-Gaz** (Chagas Ribeiro), Roderick Plínio, Olavo Lopes e **Mauro**, além de transcrições (**Bib. Púb. Est.**).

Outras edições d’**O Carnaval** foram publicadas, com tiragem declarada de 5.000 exemplares, obedecendo a idêntico programa, a última das quais — n.º 4, ano IV — a 2 de

(1) É incompleta a coleção manuseada. O n.º 1, ano I, existe, unicamente, na Biblioteca Nacional.

março de 1924, segundo noticiou, na mesma data, o **Diário de Pernambuco**.

PÉ DE ANJO — Livro de Canções Carnavalescas — Carnaval de 1921 Apresentou-se em formato de 20 x 13, com 80 páginas de papel comum e capa em **couché** fino, ilustrada com figura de homem-pé-de-anjo. Coordenação de **Só Rico** (pseudônimo de Evaristo dos Santos Maia), e edição da Casa América, de sua propriedade, em cuja tipografia se imprimiu, na Praça da Independência n.º 37. Preço do exemplar — 1\$500.

Editorial de duas páginas abriu o opúsculo, cujo articulista teceu considerações em torno da expressão **Pé de Anjo**, título de recente peça teatral de muito êxito, terminando por exaltar a paciência do colecionador Evaristo Maia.

A publicação especializada constou de 68 “letras” de canções carnavalescas, dos mais diferentes autores, só entremeadas de reclames comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

O DESTEMIDO — Órgão do Clube Carnavalesco Destemidos do Arruda — Circulou no dia 6 de fevereiro de 1921, merecendo o seguinte registo do **Diário de Pernambuco**: “Está escrito com alguma verve e merece ser lido”.

Voltou a publicar-se no Carnaval de 1922, a 25 de fevereiro, e continuou, anualmente, sob a direção dos humoristas **Zé Folião** e **P. Lambança**, até o n.º 5, ano V, de 22 de fevereiro de 1925, que saiu com quatro páginas coloridas, conforme consteu do noticiário do **Jornal do Commercio**.

O DOMINÓ — Revista carnavalesca, apareceu a 6 de fevereiro de 1921, numa edição de 32 páginas. Ao que noticiou o **Diário de Pernambuco**, “teve por fim, especialmente, a propaganda de várias casas comerciais”. Eram seus redatores, segundo o diário **A Noite**, os jornalistas José Penante e Alfredo Porto da Silveira.

Circulou o n.º 2 no dia 28 de fevereiro de 1922, “com nova feição material em verdade simpática”, consoante registo do mesmo **Diário**, trazendo um sumário copioso, do qual se destacaram “os sonoros versos do jovem e distinto poeta Austro Costa”, sob o título “Balada de Pierrot”.

Sempre através do noticiário da imprensa diária, foi possível verificar haverem saído edições d'**O Dominó** a 13 de fevereiro de 1923; a 2 de março de 1924; a 22 de fevereiro de 1925, e a 14 de fevereiro de 1926, quando escreveu o noticiário do **Jornal do Recife**:

“**O Dominó** não desmentiu seus créditos já firmados entre o comércio desta praça e os industriais que por seu intermédio fazem reclame dos seus produtos e de suas casas comerciais”.

Ainda se publicou a revistinha no Carnaval de 1928, a 18 de fevereiro, com 16 páginas, ao que noticiou o **Diário de Pernambuco**.

Prosseguindo, anos a fora, foi possível encontrar finalmente, dois comprovantes d'**O Dominó**: o n.º 16, ano XV, do Carnaval de 1933, publicado a 26 de fevereiro, com vinte páginas, formato de 32 x 23, mais a capa, de papel couché, exibindo anúncio abaixo do título, e a edição correspondente a 1934, dia 3 de março, esta, porém, com ilustração de passista, no frontispício, desenhada por Jota Ranulfo. Ambas foram impressas na oficina do **Diário da Manhã**. Enquanto o n.º 16 só inseriu transcrições escolhidas de prosa e verso, o n.º 17 acrescentou poesias originais de Esdras Farias, Hercílio Celso e Parente Viana. No mais, só reclames comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

MEDICINA E CIRURGIA — Revista Mensal — Apresentada em formato de 24 x 16, com 40 páginas de texto e quatro de capa, esta em papel cartolina de cor, saiu o n.º 1 em fevereiro de 1921, confeccionado na Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) n.ºs 78 e 82, com redação à rua do Imperador n.º 83, 1.º andar. Diretor — Edgar Altino, secretários — Barros Lima, Gustavo Pinto e Arsênio Tavares; redatores — Arnóbio Marques, Francisco Clementino, Meira Lins, Artur de Sá Ulisses Pernambucano, Raul Azêdo, Otávio de Freitas, João Marques, Selva Junior, Gouveia de Barros, Isaac Salazar, Fernando Simões Barbosa, Aurélio Domingues, Olívio A'lvaes, Adolfo Ramires e Paulo Correia. Tabela de assinaturas: anual — 15\$000; semestral — 10\$000; para os Estados e o estrangeiro: anual — 20\$000; semestral — 15\$000.

Assim concluiu o artigo “Ao mundo médico pernambucano”, assinado por E. A.: “Revista talhada em moldes mais modernos, no gênero, contando com excelente corpo de colaboradores no Estado e nos principais centros de cultura médica do país, é de crer que tenha vida venturosa e longa. Bem sabemos das dificuldades a vencer e dos tropeços a que nos arrisca o caminho, mas é este justamente o penhor que se nos afigura a garantia do nosso êxito. Para nossa divisa — **labor omnia vincit**”.

O primeiro número inseriu estudos médicos assinados por José de Mendonça, Ulisses Pernambucano e Arsênio Tavares, ilustrados e acompanhados dum resumo em língua inglesa ou francesa; resenha de sessões da Sociedade de Medicina de Pernambuco e “Análises” por B. L. Cinco páginas de anúncios completaram a edição.

Não houve notícia do prosseguimento (**Bib. Púb. Est.**).

CINEMATÓGRAFO — Publicação da Casa América, propriedade do livreiro Evaristo Maia, situada na Praça da Independência n.º 37, destinava-se à divulgação de novelas, contos, etc.

Sob a direção literária de Lucilo Varejão, este deu início à série em 1921, com a denominação “A mulher do próximo” (1). Volumes mensais, a 1\$000 o exemplar, o 2.º inseriu a novela “Outros olhos...”, de Mário Sete. No reverso da capa vinha uma “Apresentação”, assinada **O Editor**. Outros trabalhos, no gênero, achavam-se programados, de Débora Monteiro, Jaime d’Altavila e Romeu de Avelar.

Comemorando o cinquentenário da “revista pioneira na divulgação de autores pernambucanos”, o jornalista Carlos Leite Maia, em homenagem à memória do seu pai Evaristo, reeditou na sua Dialgraf, em 1971, o **Cinematógrafo**, reproduzindo as duas novelas, acrescentando-lhe notas esclarecedoras e artigos especiais dos acadêmicos Marcos Vilaça, Aderbal Jurema, Orlando Parahym e Luiz do Nascimento.

(1) Essa novela, edição melhorada, foi republicada em 1925, com o título “A mulher do próximo... e outras mulheres”, pela Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, de São Paulo.

EMPRESA COMMERCIAL DE INFORMAÇÕES MARITIMAS E TERRESTRES — Álbum comemorativo de sua fundação, ocorrida 13 anos atrás, circulou no dia 7 de abril de 1921, formato de 30 x 20, com 46 páginas, inclusa a capa, impressa a duas cores, ostentando ilustração alusiva. Propriedade de L. Uchoa & Cia.

Em seguida à página de abertura, cujo editorial focalizou o êxito da Empresa, o álbum inseriu artigos de Leopoldo Luiz dos Santos, Mário Cunha, Murilo de Barros Guimarães e outros, a par de notas redacionais, estatísticas do movimento comercial e numerosos anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

O AREOPAGO — Hebdomadário Ilustrado. Órgão Independente, Literário e Noticioso — Estreado em meados de abril (faltam comprovantes das três primeiras edições), o n.º 4, ano I, saiu no dia 8 de maio de 1921, formato de 47 x 32, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor — Ulisses Vasconcelos, funcionando a redação no subúrbio de Tegipió, à Estrada do Peres n.º 3775. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Tabela de assinaturas: ano — 8\$500; semestre — 4\$500; trimestre — 2\$400; para “outros lugares”, respectivamente: 13\$000, 7\$500 e 4\$000. Preço do exemplar — 200 réis.

De agradável feição material, apresentou matéria bem variada, desde o comentário de abertura ao noticiário social; da seção charadística ao concurso para a escolha da “moça mais bela de Tegipió”. Entretanto, o maior espaço foi dedicado à parte literária, mediante a colaboração de José Mindelo, Otaviano Coutinho, **Rostoff**, Frederico Codeceira e Augusto Andrade, todos poetas; D. Farias, Léa Suffray e Ascendino Silva, estando a “Caixa d’O Arcopago” a cargo do **Dr. Encrenca** (**Bib. Púb. Est.**).

Ao que tudo indica, terminou aí a publicação.

A PÁTRIA — Órgão Litero-Noticioso — Fundado em maio de 1921, apresentou-se no formato de 32 x 22, com quatro páginas de três colunas, impresso na gráfica do **Jornal do Recife**. Trazia, aos lados do título, as frases latinas: “**Labor omnia vincit**” e “**Audaces fortuna Juvat**”. Direção de Leduar de Assis Rocha; redator-secretário — Frederico Freire; redatores — Alcides Lopes de Siqueira, Luiz Manuel

Valença e Jaime Bezerra de Meneses; redator-chefe — Jorge de Assis Rocha. Redação à rua da Aurora n.º 217, 1.º andar. Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$500. Preço do exemplar — 100 réis.

Sem ligação política, nem religiosa, propunha-se a comentar os acontecimentos de maior vulto, trabalhando, concomitantemente, “em prol do progresso das letras”.

Seguindo o seu curso, circularam os n.ºs 2 e 3, este datado de 1 de julho, sempre servidos de matéria variada, inclusive produções assinadas por **Trisolibar** (anagrama de Tristão de Oliveira Barros), Rodrigues Valença, José Neves, José Tejo, **Dido** e outros. Manteve vasto noticiário, sob o título “Pelo mundo social...” e, no segundo número, iniciou concurso para a escolha da “mais bela normalista” (**Bib. Púb. Est.**).

Embora a deficiência de comprovantes, a publicação prosseguiu, consoante os registos da imprensa diária da época, até o n.º 21, noticiado pelo **Diário de Pernambuco**, em sua edição de 17 de novembro.

O **RAIO — Crítico, Literário e Noticioso** — Publicado, pela primeira vez, em junho de 1921 (conforme o **Jornal do Recife** do dia 13), só resta comprovante do n.º 5, ano I, correspondente ao mês de outubro. Tinha o formato de 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas, declarando-se mensário, com redação no Espinheiro, à rua Barão de Itamaracá n.º 112. Direção e propriedade de José Vieira de Melo. Tabela de assinaturas: ano — 4\$000; semestre — 2\$000; trimestre — 1\$200; para fora da cidade: 5\$000, 3\$000 e 1\$500, respectivamente.

A edição inseriu: “A guisa de crônica”, versos de **Nero Netuno**; “Impressões”, por **Zé da Hora**; “Confissionário”, de mote-glosas; charadas e diferentes produções outras, da lavra de Antônio de Barros Lima, Pio Sá, Fernando Burlamaqui, **Enid-Benet** e **Violeta do Arraial** (**Bib. Púb. Est.**).

ILLUSTRAÇÃO ESCOLAR — Revista Mensal de Literatura e Artes, da Escola Normal Oficial — “Criação de um

pugilo de distintas e aplicadas alunas”, reapareceu (1), oferecendo “melhor aspecto”, datada de junho de 1921, conforme o **Diário de Pernambuco** do dia 11, que acrescentou: “A revistazinha, cuja feição material é simpática e se publica mensalmente, encerra variados assuntos e se mostra promissora, graças à operosidade de seu corpo redacional, composto das gentis senhoritas Leni Galhardo, cujo retrato estampa, Armiragy Breckenfeld, Honorina Pessoa e Maria do Carmo Ramos”.

Inexistentes comprovantes da edição acima mencionada e do n.º 2, publicou-se o n.º 3, ano I, no mês de agosto, obedecendo ao formato de 22 x 14, com 16 páginas de texto, mais a capa, só impressa a frente, tendo ao centro pequeno clichê de aluna, a substituir-se em cada edição. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Tabela de assinaturas: semestre — 2\$000; trimestre — 1\$000; para o interior — 2\$2000 e 1\$200, respectivamente. Número avulso — \$400. Oferecia “um brinde” a quem conseguisse cinco assinaturas trimestrais.

Constituído de matéria leve, distribuída por crônicas, poesias, continhos, perfis, postais, pensamentos, “Charadomania” e noticiário, o magazine da juventude estudantil circulou com regularidade, de modo a atingir o ano de 1922 (descansou em janeiro) com o n.º 8, no mês de fevereiro, prosseguindo a jornada.

Foram seus colaboradores, substituindo-se e revezando-se, meses a fora: João Celso, Durval Pessoa, Fernando Burlamaqui, José Diniz Filho, Mário Guimarães, A. Breck, Narciso de Azevedo Sobrinho, Dulce Pedrosa, **Moi-Nice**, Manuel M. Calander, Vicente Noblat, **Violeta do Vale**, Anita Caeté, M. A. Siqueira, Honorina Pessoa, **Maruja**, Isaura de França, M. Almeida Sobrinho, G. Thompson, **Helius Lucius**, **Adelino de Almeida**, **Penhinha** (como pretendia ocultar-se Maria da Penha Quintão), Pedro Fernandes Filho, Otávio Gitirana, João Pirro, Guiomar Carvalho, Nêmia Castro e outros.

(1) Não ficou indício de qualquer edição anterior da **Ilustração Escolar**, provavelmente manuscrita.

Circulou a revistinha, sempre a mesma quantidade de páginas, até o n.º 15, de setembro de 1922 (**Bib. Púb. Est.**).

O PÉ DE ANJO — Livro de Sortes — Destinado às “noitadas festivas de Santo Antônio, São João e São Pedro”, entrou em circulação, tendo como redator **Juca Palheta**. Apresentou “feição agradável, com um grande número de sortes chistosas e moralizadas”, vaticínios de Madame Elza Maria. A parte literária achava-se “confeccionada com muito gosto”, sendo constituída de “interessantes miscelânea” (**Diário de Pernambuco**, 7/6/1921).

A MELINDROSA — Livro de Sortes para as estrepitosas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro — Circulou em junho de 1921, formato de 18 x 11, com 96 páginas, mais a capa, ilustrada de acordo com o título. Continha “vários assuntos de Sortes, além de uma parte literária variadíssima, composta de contos, poesias, anedotas, paródias, modinhas, etc., etc., etc. Tudo escrito originalmente pelo sábio e espirituoso humorista **João Zique**”. Foi impresso na Tipografia São José, de Eudócio Melo, situada à rua das Calçadas n.º 1. Preço do exemplar — 1\$000.

Apresentou extensa versalhada, sob o título “Sinfonia de entrada”, ao que se seguiu a matéria acima referida, entre páginas de anúncios em papel de cor. Findou com uma série de trovas brasileiras (**Bib. Púb. Est.**).

O ESPORTE — Foi dado a lume o primeiro número desse órgão especializado, cuja página de frente estampou retrato do professor Duarte Dias, homenageando, no texto, a memória do jovem Antônio Ciro de Miranda. Imprimiu-se em papel assetinado (**A Noite**, 18/6/1921).

A EVOLUÇÃO — Periódico Independente, Literário e Noticioso — Entrou em circulação a 2 de julho de 1921, formato de 47 x 31, com quatro páginas de cinco colunas, impresso na tipografia do **Jornal do Recife**. Redatores — Pedro Alexandrino da Silva Júnior e Francisco Albuquerque Brasileiro, funcionando a redação na rua da Detenção n.º 221. A direita do título, trazia a frase de Ruy Barbosa: “Simpatizei sempre com os fracos, respeitei sempre os vencidos, patrocinei sempre os oprimidos”. Tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 3\$000.

Surgindo “entre galhardos campeões da imprensa”, consoante o editorial de apresentação, “é mais uma voz que, embora fraca, vai repercutir nesta capital em defesa dos ideais dos jovens republicanos. Recebendo o nome de **A Evolução**, logo demonstra a sublimidade de sua ardente aspiração, que é evoluir sucessivamente no tocante ao progresso material e moral do jornalismo”. Visava, finalmente, a “captar a simpatia popular” e “defender as classes conservadoras”.

Semanário de boa aparência e variada matéria, teve, no entanto, vida efêmera. Não lhe faltava o comentário leve, sobre os temas mais palpitantes, nem o noticiário amplo; assim como entrevistas; o folhetim “A descoberta de um crime”, que não chegou a terminar; uma “Coluna operária”; transcrições ligeiras e anúncios, que ocupavam a quarta página.

Foram seus colaboradores: Teodoro César, Agostinho Santos, João Ezequiel, J. Pernambuco, Cruz Ribeiro, Da Silva Junior, **Rhadamante**, etc.

O último número avistado foi o quatro, datado de 23 de julho (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA COMMERCIAL E INDUSTRIAL — Órgão da Associação Comercial de Pernambuco — O n.º 1, ano I, vol. I, circulou no dia 15 de julho de 1921, formato de 32 x 24, com 70 páginas de papel assetinado e capa em cartolina de cor. Diretor — Orlando Ribeiro Dantas; redatores — José de Sá (secretário), Aurélio Silva e Heráclio Vilar Ribeiro Dantas, encarregado da parte jurídica, funcionando a redação na Avenida Marquês de Olinda, 290, 2.º andar. Circulação mensal, assinava-se a 25\$000 por ano, acrescidos de 5\$000 para o exterior, custando cada exemplar 2\$500. Tabela de anúncios: uma página — 70\$000; 1/2 — 40\$000; — 1/4 — 25\$000; 1/8 — 15\$000. Publicidade: “conforme ajuste”. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca, situada à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) n.ºs 78/82.

O artigo de abertura — “Rumos abertos” — focalizou a fase de progresso então verificada no Estado, acrescentando: “Esta revista se propõe a efetivar em Pernambuco uma tarefa

semelhante (à que se registava em São Paulo), com irradiação inteligente e benéfica por todo o Nordeste brasileiro. Proporcionaremos aos nossos leitores, além de estudo amplo, sem preconceitos doutrinários nem preocupações subalternas, dos problemas essenciais do Estado, que se relacionam com as classes laboriosas e conservadoras, um **compte-rendu** criterioso de dados estatísticos e informações imprescindíveis, pelos quais se terá o confronto sugestivo das necessidades e aspirações de Pernambuco e do Nordeste”.

Nada obstante o contido no cabeçalho, explicou um aviso: “A Associação Comercial de Pernambuco só é responsável pelas publicações feitas na seção — Parte Oficial”.

A edição inseriu farta matéria, dentro do seu programa, inclusive artigos de Joaquim de Arruda Falcão e Eduardo de Lima Castro, e as seções “Pernambuco Industrial”, “Informações e Comentários”, “Através do mundo”, “Indicador”, estatísticas e mapas diversos. Boa quantidade de anúncios.

Proseguiu a publicação, cada mês, com variável quantidade de páginas, adotando novas seções, como “Revistas no Foro” e “Consultas e Pareceres”, e a colaboração, rara, de Domingos de Sampaio Ferraz, Oton Linch Bezerra de Melo, Mário Guedes, Marques Pinheiro e Heráclio Dantas, sendo impressa, desde o n.º 4, em tipografia própria, adquirida pelo diretor Orlando Dantas.

O n.º 12, ano II, vol. II, de 30 de junho de 1922, todo em papel **couché**, comemorou o primeiro aniversário do magazine, registado através dos artigos “Um ano depois”, “Como nascemos” e “Como vencemos”, ilustrados com clichês da equipe responsável.

Ao atingir os n.ºs 15/16, datado de setembro/outubro, com 50 páginas, substituiu-se o sub-título para “Órgão de Defesa e Propaganda das Classes Conservadoras do Nordeste Brasileiro e especialmente de Pernambuco”. Mantido o corpo redacional (menos José de Sá), assumiu a direção e propriedade Maurício Gomes Ferreira (1), em cuja oficina (“The

(1) O comentário a respeito da nova fase da **Revista Commercial e de Propaganda** dizia achar-se Orlando Dantas em preparativos para demandar o Rio de Janeiro, onde ia fixar residência.

Propagandist”), situada à rua 15 de novembro (atual do Imperador) n.º 354, 1.º andar, passou a fazer-se a impressão. Na gerência — João C. Mascarenhas.

Reduziu-se, então, a 40 páginas. Em março de 1923 já não figurava o primitivo corpo redacional; constou do cabeçalho um único e novo redator — Isaac Cerquinho, que permaneceu até o mês de julho.

Cada vez menos volumosa, a **Revista** veio a encerrar sua existência, sempre voltada para os interesses do comércio e da indústria, com as 28 páginas do n.º 28, ano II, vol. II, de outubro de 1923, colaborado por João Nobre, Santos Leite e **Ch. Ballet**, que criara a seção “Cosinha & Jardim” (**Bib. Púb. Est.**) (2).

NOSSA TERRA — Revista Ilustrada de Atualidades — Surgiu no dia 30 de agosto de 1921, formato de 30 x 20, com 24 páginas de papel assetinado e capa em **couché**, ilustrada com fotogravura de grupo desportivo. Diretores — Tomaz de Aquino e Astrogildo Calipso de Carvalho; redator — Samuel Campelo, funcionando a redação na rua Duque de Caxias n.º 106, 1.º andar. Confecção da oficina gráfica da Livraria Francesa. Assinatura até 31 de dezembro — 5\$000; para o interior, Estados do Brasil e exterior — 6\$000. Preço do exemplar — \$400. Circulação determinada para os dias 10, 20 e 30 de cada mês.

“Sem fazer exclusivismo de doutrinas, religiosas e científicas, em qualquer que seja a esfera de ação — lia-se no editorial de abertura — **Nossa Terra** intensificará uma larga propaganda pelo alevantamento material e intelectual deste glorioso Estado do Norte”.

Frisou, mais adiante, o articulista: “Faz-se preciso, mesmo, levar a toda parte, onde possa chegar a nossa voz, a notícia luminosa de que Pernambuco também se preocupa com a cultura da inteligência, em todos os departamentos do saber. E será esta a diretriz que **Nossa Terra** afirma, sob julgamento, pretende seguir com fidelidade”.

(2) Coleção desfalcada.

A edição de estréia inseriu matéria variada, incluindo as seções “À luz do proscênio...”, de **Mussaël do Campo** (Samuel Campelo); “No mundo maçônico”, a cargo de T. A., “Nossa terra”, por S. C.; “Mixed Pickles”, de trepações, redigida por **J. Sério** (pseudônimo de Valfrido Leonardo Pereira), e “Nossa página”, de charadas, sob a direção de **Jomel Filho**, além da colaboração de fora, noticiário, serviço de clicherie e parte comercial.

Tal o programa continuado pelo interessante magazine, na sua curta existência, durante a qual contou com a colaboração, em prosa e verso, de Silvino Lopes, Agripino da Silva, Laiete Lemos, Rodovalho Neves, **F. de Caruaru**, José Simões Coelho, Célio Meira, A. Alves Barbosa, **Dulce Celeste**, Esdras Farias, Argemiro Arôxa, Mariano Lemos, Fausto Rabelo, Mário Sete, Mário Melo, Milton Souto, L. Tavares (“O mundo político”), Enéas Alves, Domingos Vieira, **Márcio**, o das “Notas indiscretas”, e Austro Costa, que, no n.º 5, iniciou a seção de mundanidades “Olinda — Verão”.

Abria cada número de **Nossa Terra** lúcido comentário, em que a redação focalizava tema local e oportuno. Ocorriam entrevistas com personalidades em evidência (1) e reportagens despretivas; “Jardim de Infância”; fotografias de aspectos da vida social, inclusive nas capas, e perfis, em versos, de professorandas de 1921, da Escola Normal Oficial, com as respectivas efígies.

Como só ia acontecer, a parte financeira não correspondeu à expectativa. De redução em redução, causada pela deficiência de anúncios, terminou o magazine com 14 páginas, não ultrapassando o n.º 7, datado de 20 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

A ARTE — Órgão do Círculo de Belas Artes de Pernambuco — Entrou em circulação a 31 de agosto de 1921, tendo como redatores Eustórgio Vanderlei, Aubiérgio Costa Marinho Ribas. Publicação quinzenal, nitidamente impressa, com quatro páginas. estampou, “na primeira, os clichês do maestro Euclides Fonseca, do barítono Asdrubal de Lima, do jovem

(1) **Nossa Terra** foi pioneira, no seu gênero, na divulgação de entrevistas ilustradas com fotografias.

violoncelista Messody Barnel e da professora Virgínia Gasparina da Silva”.

Lia-se no editorial de apresentação, entre outros tópicos: “Numa cidade como o Recife, em que o meio artístico tem-se desenvolvido ultimamente, como era de esperar da cultura de seus habitantes, tornava-se indispensável a publicação de um periódico dedicado, exclusivamente, à Arte, ou melhor, às artes em geral, pois é nossa intenção tratar da música, assim como da poesia, da pintura, assim como da escultura, da declamação, assim como da arte do silêncio”.

Ao propiciar as informações acima, comentou o **Diário de Pernambuco**, em sua edição de 1 de setembro: “Esse novo periódico é bem o fruto de ingentes esforços de um grupo de professores operosos e que muito se empenham pelo desenvolvimento da arte em nosso meio”.

A existência do “magnífico quinzenário”, do qual não foi possível encontrar nenhum exemplar, estendeu-se até o n.º 4, registrado pelo **Diário** de 16 de outubro.

A PILHERIA — Semanário de Mil e Sem por 200 réis — Entrou em circulação a 3 de setembro de 1921, formato de 28 x 21, com doze páginas de texto e capa em papel de cor. Título desenhado a caráter, por **Sem**, igualmente autor da charge do frontispício. Constava do Expediente: “Nenhum compromisso partidário; nenhuma ligação política”. Assinaturas: anual — 10\$000; semestral — 6\$000. Impressa na tipografia do **Jornal do Recife**, tinha redação na rua 15 de novembro (atual do Imperador) n.º 345.

Discorrendo sobre a tristeza do Recife, o redator do artigo “No pórtico” frisou que **A Pilheria** se destinava a “melhorar semelhante situação”, prometendo aos leitores algumas páginas de humorismo sadio”, sem “jamais atacar a vida privada” de quem quer que fosse. Bordaria “comentários em torno de acontecimentos políticos ou não, sem se afastar, em qualquer emergência, das normas da polidez”.

Logo no terceiro número, elevou para \$300 o preço do exemplar, alegando ter constituído o anterior uma “pilheria”, que não podia continuar, “sob pena de os seus proprietários naufragarem”. Também não tardou em aumentar a quan-

tidade de páginas do texto, que passaram a ser 16, com o que, proporcionalmente, surgiram mais reclamos comerciais.

Manteve **A Pilheria** seções de boa verve, redigidas por apreciáveis humoristas, a começar pelos diretores: **Mil** (pseudônimo de Severino Alves Barbosa) e **Sem** (Armando Oliveira). Foram seções fixas, inicialmente: “Figurinhas & Figurões”, soneto decassílabo, perfilando personalidades políticas, com diferentes pseudônimos servindo de assinatura; “Crônica Elegante”, por **Sá Pinho**; “O qui nós vê na capitá”, página de sextilhas em caçange, onde Arnaldo Lopes se escondia sob o disfarce de **Filorenço e Frutunata** (dois matutos caricaturados junto ao título); “Quebra-Cachola”, charadas, a cargo de **João Ratão**; “Mambembe & Cia”, por **Poquelin**, logo substituída por “Teatros”, de **J. Berimbau**; “Espírito... alheio” por **Xico Rato**; “Piadas”, de **Sem**, e “Desportos”, redigida por **Prometeu**, além de modas femininas, historietas para crianças, **charges** políticas e caricaturas, sendo ilustradores **Wald** (Waldemar Costa), **J. Pinheiro** e outros. ocorriam contos em versos assinados por **A. B.** e **Armando Oliveira**; quadras de **Gaspar** e **Alfredo Gama**; sonetos de **Mil**, **Besouro** e **Sem**; produções outras de **F. Caruaru**, **F. B.**, **Gregório Neto**, **Xico Dunga**, **Xisto**, **Silvius**, **Arôxa**, **Alpha Beta**, etc., valendo salientar, ainda, as “Perguntas indiscretas” e os “Despachos” do selecionador da colaboração recebida.

Promoveram-se concursos e ocorreram edições especiais, sobretudo de Natal e de Ano Novo, com acréscimo de páginas, jamais fugindo ao ritmo de capas e textos ilustrados. Invariavelmente, as páginas apresentavam-se circuladas de linhas ou vinhetas estreitas, no caso das de anúncios.

Terminou o ano com o n.º 18, de 31 de dezembro. E, sem deter a numeração, saiu a 7 de janeiro a edição inicial de 1922. Mais quatro páginas e melhor preço de assinaturas, ou seja: ano — 15\$000; semestre — 8\$000. Surgiram novos desenhistas de **charges** e caricaturas, como **Craion** (Abelardo Maia), **K. Lixto**, **J. Ranulfo**, **Manolo**, **Guapy** (Herculano de Albuquerque); outros colaboradores e outras seções, a saber: “Galhofas”, de **Cavador & Cia**; “Vida alheia”, de **João Ratão**; “Cartas da roça”, de **Mané Facunde Garcia**; “Momento político”; “Teatros e Desportos”, de **Oskar**; “Pedalando”, de **X. Y. Z.**, “Elegância”, de **Chico Dunga**; etc. Mudavam-se os pseudônimos a cada instante. Apareciam, por sua vez,

Joachim Conceagá, Pascácio, Inygmatico, Simplicio Júnior, Sá Pato, Dr. Magnésio, Joel, Sicundino Liá, Socopholes, Pangloss, Xico de Lá, Alpha Gama, Mephisto, Hercules, Raul, Arnaldo Pedrosa, (como se ocultava Taurino Batista); **João Rialto** (pseudônimo de Edgar Barbosa de Barrios, poeta humorístico d'A Careta, do Rio de Janeiro), e outros.

Com o n.º 52, de 7 de setembro de 1922, contendo 40 páginas, **A Pilheria** comemorou seu primeiro aniversário, instalando novo clichê de cabeçalho e inserindo enorme quantidade de anúncios. Lia-se na abertura do texto, após algumas considerações sobre a vitória conseguida pela revista: "O nosso amado diretor, o infatigável **Sem**, que é uma espécie de homem dos catorze instrumentos, não perde nunca oportunidade de torná-la cada vez mais interessante e mais simpática".

Retirou-se do cabeçalho o nome de **Mil, ficando**: "Direção de **Sem**". Sempre a proporcionar chiste e alguns infames trocadilhos, encerrou o ano com a edição de Natal, a 23 de dezembro, para prosseguir — n.º 68 — a 6 de janeiro de 1923, assim substituído o subtítulo: "Semanário de **Sem** — Humorístico, Político e Comercial".

Outra edição interessante, toda impressa a duas cores, foi a do Carnaval, com 32 páginas e matéria específica, servida de boa ilustração, mais do original (letra de **Sem**, música de Alfredo Gama) da marcha "Meu bem, me agrade".

Não deixou **A Pilheria**, igualmente, de admitir colaboradores com o próprio nome, tais como: Valfrido Freire, Hugo Mota, Severino Alves Barbosa, que continuou cooperando; Otacílio Gomes e Oliveira Gois, enquanto Carlos Lopes apreciava feito **Crisalvo Lafaiete**.

Nova alteração veio a ocorrer no cabeçalho do magazine, a 5 de maio de 1923, com o afastamento de **Sem, ou seja**, Armando Oliveira. Tornou-se "semanário que não é de graça... por 300 réis", passando à direção e responsabilidade de Alfredo Porto da Silveira. A parte de ilustrações ficou a cargo de J. Ranulfo. Logo foram introduzidas algumas modificações, abrindo o texto a "Salada da semana", com o título geral "O qui é qui hai?" (não redigido o texto em caçanje), e começando o concurso: "Qual a criança mais

bela do Recife”, enquanto as capas passaram a estampar fotografias de elementos femininos da sociedade.

Pouco tempo depois (edição de 21 de julho), **A Pilheria** anunciava nova fase. Embora mantivesse o programa humorístico, trataria “de todos os assuntos de interesse coletivo, fazendo política sem partidarismo, procurando trazer para o Recife uma publicação de que tanto carecemos”.

Passou a abrir o texto “A nota dos sete dias”, de **João de Cá**. Foi quase radical a transformação da revista, nas suas seções e nos seus colaboradores. Logo surgiu: **João-da-Rua-Nova** (Austro-Costa), assinando a crônica em versos “**Do flirt, do footing da rua Nova**”. Foram outras seções de mundanidades: “A porta do Leça”, do **Dr. A. de S.** (assim se ocultava José Penante, em parceria com Ferreyra dos Santos); “Enquanto o bonde não chega”; “Na Bijou”, versos de **Gavroche** (Velho Sobrinho); “Perguntas de **Mutt** (Amadeu Medeiros) e respostas de **Jeff**”; “Bataclan”, por **Luiz de Marialva** (pseudônimo de Joaquim Inojosa, o propugnador da Arte Moderna no Nordeste); “Futilidades”, por **Harold Lloyd**, que era **Anísio Galvão**; “Shoots e Remadas”; além da antiga “Crônica Social”; da página “O qui nós vê na capitá”, jamais interrompida, e do “Quebra Cachola, sob a responsabilidade de **Zig**, depois substituído por **Batelão** (José de Melo Cunha Alvarenga).

Ocorreu a 17 de novembro, ainda de 1923, nova modificação no expediente, substituindo-se o sub-título para “semanário de humorismo, elegância, política, etc.”, ao passo que subia para 20\$000 o preço da assinatura anual. Vieram as “Cartas Enigmáticas”, assinadas por **Florentina Sustenido**, e transcreviam-se crônicas de **X. X.** (Umberto de Campos). Outros colaboradores iam aparecendo, a saber: ainda **Arnaldo Lopes**, escondido sob os pseudônimos de **Fra e Fru** (“Os ridículos”) e **Flávio de Mauricéa** (contos); **Mário Sete**, **Heloisa Chagas**, **Evangelina Maia Cavalcanti**, **José Manuel**, com as “Elegâncias”; **Sady-Garibaldi**, **Juanta Borel Machado**, etc. Autores de **charges** e caricaturas, ao lado de **J. Ranulfo**: **K. Lixto**, **Felix**, **Bero** e outros. Terminado o concurso infantil, promoveu-se o seguinte: “Qual a senhorita do Recife que possui os mais belos olhos?”, a fora outros, carnavalescos.

Novo ano transcorreu, continuando a publicação, já no seu n.º 119, a 5 de janeiro de 1924, sem alterar-se-lhe o ritmo, mas substituindo e revezando colaboradores. Entrou o **Duque de Usten** com "A minha página", o mesmo **Dustan de Miranda** de crônicas diferentes; apareceram **D. Ramon de Capichuela**, cu seja, **Sady Garibaldi**, assinando "Fogos de Bengala", e **Blasco Vaz** os "Chuviscos", enquanto **Sadi Hallot** (Milcíades Barbosa) fazia os "Perfis Grafológicos", depois substituído por **Leo Veiga**.

Ao passo que melhorava o aspecto gráfico d'**A Pilheria**, com páginas do texto em cores, às vezes aumentando de volume, e subia o preço do exemplar para \$500, eram admitidos mais colaboradores literários, em prosa ou verso, tais como: **Oswaldo Santiago**, **R. Danilo** (Arlindo Moreira Dias); **Visconde d'Ardule** (Leduar de Assis Rocha); **Chagas Ribeiro**, o mesmo **Xagás**; **Val d'Oliva** (Valdemar de Oliveira); **Raul Machado**; **João Outro**, assinando "A nota dos sete dias"; **V. V.**; **K. Lino**; **Fly**; **Samuel Campelo**, **Gois Filho**, **Armando Goulart Wucherer**, **Enéas Alves**, **Evandro Neto**, **Gracita**, autora das "Frivolidades"; **Joaquim Didier Filho**, que também era o **Conselheiro XXX** da seção elegante "Mlle. Recife", ilustrada por ele próprio; **Arlindo Figueiredo**; **Astro Costa**, com os "Poemas Impossíveis"; **José Siqueira**; **Parente Viana**; **Fradique Tôres**, como também se firmava o jovem médico **Valdemar de Oliveira**, responsável pela crônica, que ocupava, em geral, duas páginas, "Entre um acesso e outro da alucinada Mauricéa", focalizando temas de teatro, música e, às vezes, o soçaito, o mesmo dono dos pseudônimos **Carlos d'Alcântara** e **Rodolfo Valentino**; **Letácio Jansen**, **Joventino Lopes da Silva**, **Rui**, o das "Estrelinhas"; **Sem K. Beça**, que dava "Risadas"; **Ferreira dos Santos**, **Renê D'Alva**; **Lise Fleuron**; (**Maria Iraci de Oliveira**), de **Belo Jardim**, etc. Esporadicamente, apareciam as "Patuscadas", versos humorísticos assinados por **Patusco da Graça**, que não era outro senão o acadêmico **J. Valença Junior**.

A 16 de julho (1924) ocorreu solene inauguração das novas instalações d'**A Pilheria**, à rua do Imperador n.º 331, 1.º andar. Assinatura anual — 25\$000; semestral — 15\$000. Uma nota da edição de 9 de agosto declarou terminada a polémica travada entre **Austro Costa** e **Esdras Farias**, este da revista **Rua Nova**. Seguidas crônicas tiveram o título-assinatura "Do jornal íntimo de **Carlos Rogério**".

Grande edição de aniversário ocorreu a 30 de agosto, contendo 72 páginas, repletas de boa matéria ilustrada. Entre os clichês estampados figuraram seis, em página dupla, sob o título geral: "Alguns dos que concorrem para o triunfo d'A **Pilheria**". Eram eles: Joaquim Didier Filho, Arnaldo Lopes, Austro Costa, José Penante, Joaquim Inojosa e **Mariinho Reis**.

Vinha se desenvolvendo certo arruído em torno da introdução do futurismo na literatura. Entre outras manifestações, Austro Costa, através d'A **Pilheria**, repeliu críticas dos poetas passadistas Oscar Brandão e João Barreto de Meneses.

A par dos colaboradores efetivos, apareciam os esporádicos, que se revezavam, tais como: **Jaci d'Oliva** (Jair de Oliveira), Leovigildo Júnior; Mário Elias Leal, Antônio Neto, **Zé do Norte**, Lincoln Neri, Bastos e Aníbal Portela, Luiz Marinho, Fernando Burlamaqui, Jaime Griz, Luiz Gomes do Rego Lima e **Nemias**, depois **Johannes Nemo**, pseudônimos com os quais começou a colaboração, logo tornada assídua, de Nehemias Gueiros, também assinando o nome real.

O magazine chegou ao n.º 171 a 3 de janeiro de 1925, circulando sempre ininterruptamente. Logo no mês seguinte **João-da-rua-Nova** mudava o título da sua seção mudana para "De monóculo". Outros colaboradores: Gilliat Schettini, Antero Vidigal, Martins Varela, **Leo-Borba**, encarregado da "S. P. L." ou seja, a seleção da matéria literária; Irene B. Souto Maior, **Musael de Campos** e Samuel Campelo (uma só pessoa), Ildefonso Falcão, **Joel**, Fernandes Tavares, **Oderfla Amag** (anagrama); **Jeca Tatu** (Olegário Mariano); Bruno de Meneses; **Valde de Oliva**, assinando a série de poesias "A vida amorosa da cidade"; Pindaro Barreto, Célio Meira, que começou, no fim de abril, a "Gazeta de Sapateiro", etc. Desenhos de Nestor Silva e outros.

Na edição de 22 de maio, iniciou **A Pilheria** curioso concurso: "Em que profissão se encontram os melhores maridos?" Ainda produções de Anísio Galvão, **K. Pitão**; Luiz do Nascimento (muito rara), Godolfredo Filho ("Da carteira de um repórter"); **Margot**, Leovigildo Júnior, Leni Galhardo, **Judas Isgorogota** (pseudônimo de Agnelo Rodrigues de Melo); Elpidio Dias do Sacramento, João de Deus da Mota, Ferreyra dos Santos; **Policaipo e Candoquinha** (o mesmo

Arnaldo Lopes); continuando os versos matutos, sob o título "O qui nós vê na capitá"; **Crocio Rial**; Evangelina Maia Cavalcanti, **Edna L. Douillette** (Edna Leite Gueiros), de Canhotinho; **Lise Fleuron**, etc.

Com a edição especial de 29 de agosto, o magazine, apresentando original capa de J. Carlos e 90 páginas (preço excepcional: 1\$000), solenizou o quinto ano de existência. Inseriu produções originais de Alvaro Moreira, Eustórgio Vanderlei, Ronald de Carvalho, Ildefonso Falcão, Costa Rego Júnior, Gil Granville e Angeline Ladèvese, a fora outros nomes, mais as seções constantes.

Vinha **A Pilheria** dedicando uma página ao "Enigma de palavras cruzadas". Havia também os "Telefonemas", de troça e chiste; enquanto mais colaboradores surgiam: Teopompo Moreira; **Silvestre Agripa** (pseudônimo de Adolfo Pereira Simões); **Rossani**; Pedro Lopes Júnior, meses depois também aparecido como **Polyantock** na seção de versos humorísticos "Baú de Turco" e ainda como **Sá-Poti**; Arnaldo Lelis, Albérico Benevides Falcão, **Gil Omar**, etc. Encerrava-se, precisamente, a 31 de outubro a seção "De monóculo", e, pouco tempo depois, Valdemar de Oliveira suspendia sua colaboração.

Começou 1926 com o n.º 223, de 2 de janeiro. Permaneciam "A nota dos sete dias"; "Bataclan"; "Gaveta de Ourives", que substituíra a "... de Sapateiro"; "O qui nós vê na capitá" e os "Chuviscos", enquanto aparecia a "Crônica de verão", de **Eva**, e o **Príncipe de Galles** (segundo pseudônimo de Joaquim Inojosa) assinava "Boa Viagem ao som do jazz", passando depois para "Recife ao fonfonar dos automóveis". Os desenhos e ilustrações, inclusive da capa, achavam-se a cargo de Vitoriano, **Cons. XXX, Riralto** e, depois **Zuzu**, ou seja, José Leandro Borges da Silva, assim firmando poesia. A partir de fevereiro a revista adotou serviço próprio de reportagem fotográfica nas reuniões sociais e em instantâneos de rua.

Mais colaboradores: Ascenso Ferreira, Alvaro Moreira, Ivo Moel; Arlequim (pseudônimo de José Penante), que iniciara a página (às vezes dupla) de versos epigramáticos "Feira de Tolices"; **Silvio Ney** esconderijo literário de Ferreyra dos Santos); **Conde d'Austin**, com os "Bilhetes de alugueres";

Heraldo de La Ventura (1), ou seja, Nehemias Gueiros, já feito redator, que iniciou, em março, a seção de crítica “À coup de lorgnette”, depois substituída por “Pot pourri da semana”; Caitano Galhardo, etc. Criara-se a seção “Vida desportiva”, a cargo de Chaves Martins.

Ao atingir o n.º 246, de 12 de junho, o magazine reduziu o formato para 26 x 18, sem mais alterações. Apareceu **Simplicio Júnior**; vieram mais: **João-da-rua-Velha**, com as mundanidades “De óculos...”; **Gastão Penalva** (pseudônimo do capitão-tenente Sebastião de Sousa); Tércio Rosado Maia, etc.

Marcou um recorde a edição de aniversário de 4 de setembro do ano em referência: 104 páginas, mais de metade de anúncios. Organizara-se antes, “O São João dos Gazeteiros” e realizou-se, mais tarde, “O Natal d’A Pilheria”. O jovem Augusto Rodrigues Filho dirige a seção “O Tico-Tico d’A Pilheria”, onde se inseriam as “letras da petizada”, colaborando entre outros, Nelson Rodrigues, Valdeci Lopes, Ceres Vanderlei e Celme Feijó. Ocorriam perfis das professorandas de 1926, da Pinto Júnior. Voltou a colaboração poética de Valdemar de Oliveira. Afastando-se (25 de setembro) José Penante, que foi redator-secretário durante quatro anos, substituiu-o no cargo Célio Meira; e em novembro Nehemias Gueiros deixava a função de redator, ficando a escrever “Comentários”; usando as iniciais N. G. Outros: **Maria do Mar**, as “Cartas cor de rosa”; **Maria da Glória**, as “Cartas cor do mar”; **João da Rua**; **João da Paulicéa** (pseudônimo de Alfredo Mauricéa Filho); Stênio de Sá, Aderbal Galvão, Paulo Fernando Dias da Silva, Leopoldo Lins, Jaime Griz, às vezes feito **Jaime Cinzento**, que, até o fim, foi o mais assíduo, etc.

O ano de 1927 começou com o n.º 275, de 1.º de janeiro. Terminara a última das seções primitivas: “À porta do Leça...”, tendo-a substituído o **Dr. A. de S.** por “Vida dos outros”. Novas “Crônicas de verão”, por **João d’A Pilheria**, nela incluído o concurso “Qual a mais linda veranista olindense?”; “Reflexões”, de Esmeraldino Bandeira; “Cena — Fitas — Sons e Palhetas”; “Telas e Palcos”, por **Maurício**

[1] Com esse pseudônimo publicou Nehemias o romancinho “Violeta”; de 54 páginas, a que atribuiu “emoção quase infantil”.

Maia (pseudônimo de Eustórgio Vanderlei); “Torneio charadístico”, a cargo de **Batelão**; “Carnaval”, do **Dr. Charleston**; “Estudos grafológicos”, por **Leo Veiga**; “Deles e delas”, assinada por **Sílvio Ney**; “Palavras cruzadas”, a cargo de **Alvarenga**, depois de **Ravengar** (pseudônimo de Hugo de Moraes), etc. Ainda: Heloisa Chagas, Israel Fonseca, Waldeimar Lopes, Alberto Porto da Silveira, do Rio; Landulfo Medeiros, Altamiro Cunha, que começara usando o anagrama **Orimatla** e logo mais aparecia, concomitantemente, como **Lúcio d’Atavir**, tornando-se colaborador constante; Velho Sobrinho, Mauro Mota, Baltazar de Oliveira, Pereira de Assunção, Berguedof Elliot, Jonatas Braga, Paulo Malta Filho (o Paulo do Couto Malta atual), etc.

Raul Fateixa (pseudônimo de Belarmino Queiroz) assinava “Quebra Cachola”. Abriu-se novo concurso: “Qual a senhorinha mais bonita do Recife?”. A direção promoveu a “Micareme de 1927”; **Sílvio Ney** começou, em agosto, a “Correspondência”, ou seja, a crítica das produções mandadas à redação, e logo passou a escrever, ao mesmo tempo, “Mundanidades”. Apareciam **Torres - Mendalva** (pseudônimo de Jason Baideira) e Valdemir Queiroga, também feito ilustrador. A 12 de novembro, Célio Meira, que deixara a “Gaveta...”, apareceu com a “Seção Filatélica” e, no ano seguinte, produziu “Alfinetadas...”, além de crônicas sob o pseudônimo de **Príncipe Helvécio**. Não faltava, jamais, a página “O qui nós vê na capitá”, apenas mudando constantemente de assinatura, para terminar o ano feito **Ocrite Vei Fernandez**.

A 7 de janeiro de 1928, já na 328ª edição, ia para o cabeçalho, na qualidade de redator, o nome de Ferreyra dos Santos, que veio a tornar-se secretário no dia 28 de julho, uma vez afastado Célio Meira. As capas vinham apresentando retratos de moças da alta sociedade. Ainda nas primeiras edições do ano estabelecia-se outro concurso, a fim de escolher os mais belos olhos do Recife”, naturalmente femininos. O fotógrafo apanhava aspectos das praias e das ruas; colaboravam: Fernando Pio, **Rosália Sandoval** (pseudônimo de Rita Sandoval de Abreu, de Alagoas), Marta de Holanda, **Flávio Dória**; **Mister Lehar** ou **Monsieur Lefour**, o das “Vinhetas de Galanteios de Ironias”; **Kainara**, como se ocultava Inês de Araújo Lemos; José Neves Sobrinho, etc. No mês de julho via-se o primeiro desenho de capa de Mário Túlio; outro de

Guevera; voltaram os de J. Ranulfo; ainda de vez em quando, **Zuzu**, variando com fotogravuras.

Sem interromper a circulação, começava **A Pilheria**, n.º 383, de 26 de janeiro de 1929, “uma fase nova, melhorada e sob um aspecto mais moderno”. Foi, no entanto, último número impresso na oficina do **Jornal do Recife**. A edição seguinte saiu cinco semanas depois, no dia 2 de março, contendo 36 páginas, em papéis **couché** e assetinado, confeccionada em tipografia própria, que se instalou, com a redação, na rua Visconde do Rio Branco (atual da Aurora) n.º 39. Constituiu-se a Sociedade Anônima **A Pilheria**, assim dirigida: Dr. Alvaro Ramos Leal — presidente; Alfredo Porto da Silveira — secretário; Eugênio de Mendonça Pais Barreto — tesoureiro. O secretário da Sociedade permaneceu na direção da revista, ascendendo Ferreyra dos Santos ao cargo de redator-chefe. Na gerência, Francisco de Assis e Silva e, na chefia da oficina, Pedro Tomaz da Silva. Começou a empresa com o capital de 100.000\$000, dividido em duzentas ações de 50\$000. Nova tabela de assinaturas: ano — 48\$000; semestre — 25\$000; para o exterior, respectivamente, 65\$000 e 45\$000. Preço do exemplar — 1\$000.

A “revista mais antiga do Norte do Brasil” seguiu o mesmo caminho de divulgação literária, mundana e noticiosa, com boa média de páginas, logo escolhendo uma madrinha: a escritora Ida Souto Uchoa, a cujas crônicas era dado o melhor destaque. Mantinha-se a nata dos colaboradores, abrindo a página de rosto o comentário “A margem dos fatos”, enquanto **Sílvio Ney** assinava a “Caixa d’**Pilheria**”, logo mais transferida a **Celyo d’Almada** (Coelho de Almeida). J. Ranulfo fazia a capa e ilustrações do texto. Trabalho gráfico a cores e impressão nítida.

Ainda surgiram produções novas de Pascoal Carlos Magno, Alvaro Moreira, Gilberto Osório de Andrade, o mesmo **Gib Kchorro** da seção de elegante “De Olinda para vocês”; Flávio de Andrade, Murilo de Araújo, Alvaro Lins, Peregrino Júnior, Andrade Lima Filho, Esdras Gueiros, Silvino Olavo, Otacílio Alecrim, Celeste Dutra, Júlio Guaporé (como se ocultava Alfredo do Carmo), Dante Angione Costa, Jaime de Santiago, **Lenita** (pseudônimo de Beatriz Ferreira) e **Maria Helena** (Evangelina Peixoto da Silva), que abriu uma “Seção de Consultas Femininas”. Pedro Lopes Júnior, o mais antigo

colaborador, passou a fornecer um conto por semana, e Jaime d'Altavila assinava "Miniaturas", em verso de sete sílabas.

O magazine atingiu 1930 com o n.º 427, ano X, quando se encontrou sozinho, no expediente, o nome de Ferreyra dos Santos, na qualidade de diretor. A circulação passou a fazer-se quinzenalmente, alterada também a tabela de assinaturas: ano — 15\$000; semestre — 10\$000; para o exterior: 24\$000 e 20\$000; preço do exemplar — \$500. Tinha a colaboração de Mauro Mota e Ascenso Fererira; Heloisa Chagas e **Ktinara**; às vezes, Berguedolf Elliot, Willy Lewin, Raquel de Queiroz, Hilton Sete, Limeira Tejo, Ângelo Cibela, Henrique de Holanda, Salgado Calheiros, Mário Sete, Gentil Mendonça e Austro Costa, que voltara "após alguns anos de ausência".

A 13 de setembro, tendo-se afastado Ferreyra dos Santos, reapareceu o nome do diretor Porto da Silveira, ao lado de Jaime Griz, porém, este assíduo colaborador só figurou até o fim do mês seguinte.

Mais um ano de vida encetou-se com o n.º 450, de 24 de janeiro de 1931. Tinha começado, entretanto, a decadência d'**A Pilheira**: circulação irregular, bastante espaçada; quantidade de páginas reduzida, o material tipográfico deficiente. Atingiu 1932 com o n.º 459, para findar-se-lhe a existência com a edição seguinte, de 19 de março, precisamente quando exibiu o nome de Altamiro Cunha feito redator-secretário.

A coleção manuseada consta de 14 volumes encadernados (**Bib. Púb. Est.**).

RECLAME-JORNAL — O n.º 1 (provavelmente único) circulou a 7 de setembro de 1921, estampando "belo artigo sobre a nossa independência política e vários outros dignos de registro" (**Jornal do Recife**, 14/9).

RENASCENÇA — **Semanário Ilustrado** — Servido de excelente desenho de capa, saiu a lume no dia 17 de setembro de 1921, formato de 28 x 20, com 20 páginas de papel **couché**. Propriedade da Empresa Editora Pernambucana, sob a direção de Augusto Rodrigues. Escritório e redação à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) n.º 378, 1.º andar, e trabalho gráfico da Imprensa Industrial. Preço do exemplar — \$600.

O editorial de apresentação focalizou a “época de confusão e revolta universais” então vivida, salientando que nenhuma manifestação do pensamento podia alhear-se ao “movimento renovador” que se operava no mundo, principalmente no Brasil. Não se envolveria a revista nos tumultos formados “em torno das reivindicações coletivas”, mas seria zeladora dos troféus conquistados.

Em vez da “bomba incendiária — frisou — terá flores, muitas flores para os que, elevando o espírito acima das paixões, nos engrandecem com as suas iniciativas, nos confortem com a sua nobreza ou nos deixem ver, deslumbrados pelas sugestões da Arte, as belezas da Natureza e da Vida”.

Edição caprichada, inseriu interessante matéria artística, constituída de retratos de personalidades das ciências e das letras; fotografias (a cargo de Fidanza) de elementos femininos da sociedade pernambucana e flagrantes da cidade. Colaboração de nomes destacados nas letras. Anúncios ilustrados.

Assim prosseguiu a publicação, ostentando, nas capas, reproduções de quadros célebres, com a média de páginas inicial e o mais lisonjeiro aspecto gráfico. Assinavam produções em prosa: Mário Rodrigues, Afonso Arinos, Mateus de Albuquerque, Umberto Carneiro, Esmaragdo de Freitas, Angeline Ladevèse, Armando Gaioso, Horácio Saldanha e Carmencita Ramos; em verso: Araújo Filho, Silva Lobato, Da Costa e Silva, Raul Monteiro, Mateus de Albuquerque e Aurélio Domingues. Mais notas literárias redacionais, traduções e algum noticiário.

Renascença teve vida efêmera. Só atingiu o n.º 4, que circulou a 8 de outubro (**Bib. Púb. Est.**).

A **FLAMULA** — O **Jornal Pequeno** registrou, em sua edição de 19 de setembro de 1921, haver entrado em circulação o n.º 1, ano I, desse novo periódico, que tinha redação na Encruzilhada, sendo dirigido por Antônio Medeiros.

ETC — **Magazine Trimestral Ilustrado. Variedades e Informações** — Entrou em circulação no mês de setembro de 1921, obedecendo ao formato de 23 x 14, com 112 páginas de duas colunas, todas circuladas e impressas em azul e verme-

lho. Confeccionado em oficina própria (Livraria Americana; à rua da Aurora n.º 55), teve o desenho da capa executado pelo pintor Henrique Moser. Preço de assinatura: por dez números — 15\$000, mediante pagamento adiantado.

“... trata de tudo”; “é feita para todos e para circular em toda parte” — tal o sucinto programa da interessante revista, acentuando a nota de abertura: “... apesar do costumeiro insucesso das publicações ilustradas em Pernambuco, estamos convencidíssimos de que triunfaremos em toda linha...”

Do “Ligeiro sumário” constaram as seções: assuntos históricos, charadas, cinematografia, contos, coisas úteis, curiosidades, divulgação científica, geografia práticas, em torno do mundo, a moda, música, novela e romance (excertos), páginas de arte, poesia, recreações.

Foram colaboradores especiais: Mário Sete, Lucilo Varejão, Austro Costa, Mariano Lemos, Esdras Farias, Luiz Trigueiros, V. A. A. e Targino Amorim. No mais, sucessivas transcrições, sobretudo nos setores históricos e literários. Bastante ilustrada, principalmente na parte cinematográfica. Anúncios em páginas intercaladas.

Ficou na edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

CORREIO DO ESPINHEIRO — Crítico, Literário e Noticioso — Publicação mensal, surgiu em setembro de 1921, formato de 33 x 23, com quatro páginas a três colunas de 12 cíceros. Direção de Augusto Almeida; na gerência — Gilberto R. Carvalho. Imprimiu-se na Tipografia Pernambucana, sendo a redação instalada na rua da Hora n.º 198. Tabela de assinaturas: interior e capital, ano — 6\$000; semestre — 4\$000; exterior — 15\$000 e 8\$000, respectivamente.

Segundo o artigo de apresentação, era seu objetivo “ministrar às distintas famílias leituras instrutivas e agradáveis, já dos seus colaboradores, pessoas que se dedicam à literatura, já transcrevendo trechos, artigos, sonetos de escritores de nomeada, não perdendo o primeiro plano a maior intelectualidade da América e, quiçá, do mundo, o Ruy Barbosa”.

Seguiu-se a publicação, meses a fora, abrindo cada edição a “Crônica”, de **Pupe Júnior**, instituídos, logo no primeiro número, dois concursos, para apurar qual a senhorinha e qual o rapaz “mais simpáticos” do **Espinheiro**, o que não chegou ao fim. Desde o n.º 2 a impressão passou a ser feita na oficina do **Jornal do Recife**.

Contou com a colaboração de Rubens Almeida, K. Lino, Fernandes Tavares e **Zeluv**, autores de poesias, e **Índio do Brasil**, Arlindo Silva, **Tolinha**, **Coração de Pedra**, **Manueliva**, Romeu Luiz Vieira e **Azarbo** (de José Barbosa), este fornecendo prosa e verso, além das seções de humorismo, noticiário e raros anúncios.

O **Correio do Espinheiro** atingiu o ano de 1922 com o n.º 5, publicado em janeiro, daí passando, após três meses de ausência, para o n.º 7, em abril, quando, junto ao diretor, constaram do cabeçalho, três redatores — Rubens Almeida, Arlindo Silva e José Barbosa, desaparecendo o gerente.

Foi, no entanto, o último posto em circulação (**Bib. Púb. Est.**). (1)

BOLLETINO UFFCIALE DELLA CAMERA ITALIANA DI COMMERCIO PER IL NORD BRASILE IN PERNAMBUCO — Começou a publicar-se em outubro de 1921, formato de 22 x 15, com 16 páginas de matéria redacional e 12 de anúncios em papel de cor, capa cartolinada.

“**Il nostro programa**” focalizou a necessidade do intercâmbio comercial da Itália com o Nordeste brasileiro, que já consumia produtos italianos, mas importados através dos Estados do Sul, e diretamente. Nascia, pois, o **Bolletino** para, entre outros objetivos, fomentar esse intercâmbio, além da divulgação de fatos de interesse mais direto da colônia daquele país.

Seguiu-se a publicação, anos a fora, ora mensalmente, ora mediando prazos mais dilatados, com a média de 16 páginas. Ao atingir a edição de dezembro de 1926, juntam-se à designação do ano as iniciais E. F. (Era Fascista) e, abaixo,

(1) Coleção desfalcada.

a expressão: **In ogni tua opera come in ogni tuo proposito ricardati sempre che sei figlio d'Italia**". Esteve suspenso entre os meses de abril de 1929 e junho de 1930.

Continuando, ao atingir o n.º 5/6, de maio/junho de 1931, cresceu o formato para 31 x 23, acrescentando-se ao cabeçalho: Redator-secretário — Cav. Clodomiro Pandolfi; redação — Avenida Rio Branco n.º 104.

Daí por diante a publicação fez-se mais espaçadamente, entre três e cinco edições cada ano, variando a quantidade de páginas, com o mínimo de 12 e o máximo de 22. Manteve boa seção comercial, estatísticas, informações sobre o mercado do câmbio, importações e exportações, movimento do porto, noticiário italiano-brasileiro, crônica colonial, bibliografia, artigos de Carlo de Ryske e outros, atas das reuniões da Câmara Italiana de Comércio, etc., às vezes ilustrando a matéria clichês de aspectos da Itália e do Recife. Sempre anúncios, mas em quantidade reduzida.

Prolongou-se a existência do **Bolletino** até os n.ºs 9/12, correspondentes aos meses de setembro/dezembro de 1936, dotado de 16 páginas (**Bib. Púb. Est. de Sergipe e Bib. Nac.**). (1)

DEZESETE DE AGOSTO — Órgão Literário, Humorístico, Noticioso e Independente — Publicação semanal, com redação em Casa Forte, na Avenida 17 de agosto n.º 1752, começou a circular no dia 1 de outubro de 1921, formato de 36 x 24, com quatro páginas de três colunas, "satisfazendo aos constantes reclamos do progresso do aprazível arrabalde". Diretor-gerente — G. Filgueira Filho; redator-secretário — Jurandir Medeiros; redatores — Nelson Barbosa e Mário Porto. Assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 2\$500; mês — 1\$000.

"... um órgão — dizia o artigo de apresentação — onde pudéssemos, acerca de artes, letras e elegâncias, palestrar com as nossas gentís patricias, e entre os jovens fazer despertar-lhes o gosto literário, tentando erguer-nos do marasmo em que vivemos aqui na terra dos heróis de Casa Forte".

(1) Coleções incompletas, completando-se entre si.

Jornal leve, manteve a seção “Cacetadas”, por **Acadêmico**, que controlava as produções enviadas; concursos de beleza e simpatia e ligeiros anúncios, variando com a inserção de alguma fotogravura. Assinavam trabalhos, em prosa ou verso, a fora a equipe responsável: Pires Filho, Osman Fonseca Lima, **R. de H.**, Mário Maia, De Castro, Lemos, **Tom III**, **Rogério de Heme**, **Hiram** e outros.

Publicou-se até o n.º 10, de 12 de dezembro, ficando suspenso.

Por iniciativa da “Sociedade dos Jovens Brasileiros”, de Casa Forte, o **17 de Agosto** reapareceu quase cinco anos após, precisamente a 23 de janeiro de 1926, lendo-se abaixo do título: “Órgão Livre de Descortino Geral”. Diretores: Nelson Barbosa, Abaeté de Medeiros, Lael Feijó Sampaio e João Vieira.

Ao iniciar a segunda fase — n.º 1, ano IV — dizia o articulista, nas “Credenciais” apresentadas, que a S. J. B., cujo escopo era “incentivar, no ânimo dos seus associados, o sentimento do Belo, encaminhá-los na estrada sublime da Ciência, prestigiar-lhes os pendores”, se sentia “feliz em fazer ressurgir o **Dezesete de Agosto**, reformado, modernizado, cheio de vida nova, mas tendo sempre por pedras angulares a Verdade, a Ponderação, a Moral e a Urbanidade”.

O periódico, que desfrutou grande prestígio, sendo ansiosamente esperado, cada domingo, pelas famílias do bairro, apresentava melhor feição material, sendo impresso, a partir de então, na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.º 45/47. Mas, passou a quinzenário.

Inseria seções de humorismo e galanteios, além da colaboração assinada por Esdras Farias, Eustáquio Pereira (Faneca), Fernando Pio dos Santos, Leonardo Salva, Manuel Morais, Artur Basbaum, José Pereira da Costa Júnior, **Franco Leal**, Lael e Cid Sampaio, Heloisa Chagas, Pires Ferreira e outros. As seções elegantes eras assinadas com os pseudônimos de **Jota Primeiro**, **Noslen**, **Ypsilon d’Hesse**, **Cê d’Heme** e **Alpha de My**, onde se escondiam os nomes de João Vieira, Nelson Barbosa e os irmãos Jurandir, Caeté e Abaeté de Medeiros.

Do n.º 7 ao 14.º, este de 25 julho, figurou Diógenes Braga no quadro de diretores, em substituição a Lael Sampaio. E desde o n.º 12 aumentou o formato para 38 x 26, a quatro colunas de composição. Baixara o preço das assinaturas, vigorando a tabela a seguir: 24 números — 5\$000; 12 — 3\$000. Número avulso, 300 réis. Saia ora com quatro ora seis páginas.

Terminou o ano com 24 edições publicadas, a última das quais a 19 de dezembro, para começar nova numeração a 1.º de janeiro de 1927. A edição seguinte foi em parte dedicada ao necrológio do poeta Faria Neves Sobrinho. E prosseguiu com certa irregularidade, vindo a terminar com a seguinte comissão diretora: Caeté de Medeiros, Lael Sampaio e Elijah Von Sohsten.

Nos últimos tempos, o **Dezete de Agosto** manteve a interessante seção “Donaires e irreverências”, às vezes ocupando mais de uma página, assinada, em partes, por **Jota Segundo, Luiz Cerejo, Dr. Gaforinha, Rialto** e outros. Mais colaboradores: Pindaro Barreto, Augusto Rodrigues Filho (versos, aos 13 anos de idade) e Helena Terez.

O último número a circular foi o 11.º, de 24 de junho de 1927 (**Cols. Caeté de Medeiros e Bib. Púb. Est.**). (1)

A ASSOCIAÇÃO — Órgão dos Ex-Alunos de D. Bosco — Circulou pela primeira vez a 2 de outubro de 1921, formato de 30 x 21, com oito páginas de três colunas. Redação no Colégio Salesiano, em cuja oficina gráfica, à rua Visconde de Goiana n.º 551, foi confeccionado. Do cabeçalho constou o escudo da Associação dos Antigos Alunos Salesianos. Assinava-se a 5\$000 anuais, custando \$500 o número avulso.

Na qualidade de mensário, foram dados a lume mais dois números, sempre utilizando papel **couché**, nitidamente impressos e apresentando matéria de interesse associativo. Havia, também, uma parte de Literatura, com a presença de Mário Libânio, Ascenso Ferreira, F. B. Andrade Lima, Orlando Maia, Cerquinho Nunes e G. Silva.

(1) Ambas as coleções são incompletas, podendo, entretanto, completar-se se reunidas.

Terminou o ano com o n.º 3, de 10 de dezembro. Continuou, nos anos subseqüentes, proporcionando edições salteadas, das quais foi possível manusear as seguintes:

15 de agosto de 1931. Colaboração especial de José (Maria) Dias da Silva e do padre Carlos Leôncio. Boa cobertura, inclusive fotográfica, do almoço dos ex-alunos de igual data do ano anterior. Necrológio do professor Trajano de Mendonça.

15 de agosto de 1932. Homenageado, na primeira página, o Padre Pedro Ricaldone, novo Superior dos Salesianos.

15 de agosto de 1944. Dez páginas. Artigo de A. dos Santos Rosas. Poesia de Jovelino Brito Selva. Carta e discurso de Oscar Mendes.

15 de agosto de 1946. Artigos dos padres Carlos Leôncio e Astério Campos; de Alcides de Sena e Irineu Cavalcanti. Montagem fotográfica (página em sentido oblongo) das comemorações do Dia dos Ex-Alunos no ano anterior (**Bib. Púb. Est.**).

O MARTELLO — Órgão de Saneamento Moral “**Ridendo Castigat Mores**” — Sem que exista comprovante da edição inicial, saiu a lume o n.º 2 no dia 26 de outubro de 1921, formato de 28 x 19, com oito páginas de três colunas. O título envolvia simbólico desenho, em zincografia, assinado por Eck. Abaixo, os slogans: “Em terras de sapo, de cócoras com ele” — “Para os bons, tudo. Para os maus, nada” — “Quem não quer ser lobo não lhes veste a pele”. A redação situava-se na casa editora: “Recife Gráfico”, à rua do Imperador n.º 277.

A matéria d’O Martello cingia-se a trepações, perfídias, epigramas, reportagens de escândalos amorosos, clichês fesceninos, sob o título “Instantâneos rubros”, e raras charges, péssimas, de Farias. As seções assim se denominavam: “Semana pelo avesso”, por Jeca & Tatu; “Pelas esquinas”, a cargo de Traquinas; “De aeroplano”; “Marteladas a êsmo”; “Pelo cabo do Martello”; “Contos apimentados”; “Tagarelices”; “Variedades” e correspondências de cidades do interior e de Estados vizinhos. Ainda ocorriam, às vezes, um soneto humo-

ristico de Aureo da Alvorada ou **Ordnael**; versos soltos de **X.** ou **Chico Lambanca**, e letras de músicas populares.

O desabusado semanário de linguagem licencioso, após o n.º 11, de 28 de dezembro, iniciou série nova, ano II, a 4 de janeiro de 1922, para chegar ao fim com o n.º 23 de março (**Bib. Púb. Est.**).

O **VERANISTA** — Folha semanal, apareceu no dia 6 de novembro de 1921, formato regular, com quatro páginas de três colunas. Propriedade e direção dos Filhos de Netuno. Depois do primeiro número, imprimiu-se em papel assetinado. Redação na Ilha do Pina.

Nenhum outro intuito alimentava, segundo a nota de abertura, “além de ser o portador da alegria entre as distintas senhoritas e alegres rapazes deste recanto aprazível, de sossego e paz noutros dias; de ruídos e encantos novos nos dias de estação”.

Seguiu curso normal, embora efêmero, constando sua matéria de crônicas mundanas, perfis, seções humorísticas, charadas e noticiário praieiro. Entre os colaboradores, salientavam-se, no setor poético, Esdras Farias, Enéas Alves e Mário Holanda.

Não conseguiu ultrapassar o n.º 5, publicado a 4 de dezembro (**Bib. Púb. Est.**).

NOVIDADES — **Política. Ciências. Atualidades. Letras. Artes. Desportos** — Publicou-se o primeiro número a 28 de novembro de 1921, formato de 30 x 20, com 20 páginas de três colunas. Confecção da oficina gráfica da Penitenciária do Estado. Direto-proprietário — José Irineu de Sousa, instalada a redação na rua do Imperador n.º 235, 1.º andar. Preço do exemplar — 200 réis.

Sucinta nota de abertura declarava: “**Novidades** não se apresenta em público com uma dessas plataformas que, por vezes, não traduzem a verdade de orientação. Política, sem a estreiteza do partidarismo; literatura, artes, ciências, informes exatos sobre os fatos mais importantes da nossa vida social, tudo encontrará o leitor em **Novidades**, cuja preocupação única é, sem estardalhaços, trabalhar com maior prumo

pelo desdobramento do progresso recifense. **Novidades** será, enfim, uma novidade a mais na vida da imprensa pernambucana”.

Magazine interessante, inserindo, ao mesmo tempo, artigo panfletário, crônica política, poesias, noticiário e anúncios, circulou com regularidade, mas por pouco tempo. Contou a colaboração de Oscar Pereira, Brito Alves, A. Saraiva, Carlos Escobar, Aloisio Pereira, Potiguar Fernandes, M. Lopes, Prudenciano de Lemos, etc., sendo a parte poética a cargo de Nilo Petrônio e Augusto Aristeu, a fora transcrições. Não lhe faltavam clichês de homens públicos, inclusive na capa.

O n.º 5, de 26 de dezembro, saiu todo em papel **couché**, dedicado aos dois anos de governo de José Rufino Bezerra Cavalcanti.

Bastante matéria paga coroou as edições da revista, cujo n.º 7 foi dado à publicidade no dia 12 de janeiro de 1922 (**Bib. Púb. Est.**).

Até aí os comprovantes encontrados. Entretanto, segundo o **Jornal do Commercio** de 3 de fevereiro, circulou outra edição normal, e consoante o de 5 de março, **Novidades** ainda deu um número dedicado ao Carnaval de 1922, “em maior formato e impresso em tinta rubim”.

1 9 2 2

O **ESPIRITISMO** — Tendo estreado a 3 de janeiro de 1922, conforme noticiou o **Diário de Pernambuco** (não restam comprovantes das três primeiras edições), circulou o n.º 4 desse órgão quinzenal no dia 18 de fevereiro, formato de 38 x 26, com quatro páginas a quatro colunas de composição. À esquerda do título, lia-se, num quadrinho: “Lema espírita — ascender a Deus pela Amor e pela Ciência”. À direita: “Vale mais desprezar dez verdades que aceitar um erro”. Diretor e proprietário — Moisés de Sousa Maia, funcionando a redação e oficina — Tipografia Mercúrio — na rua Francisco Jacinto (atual Siqueira Campos) n.º 174. Assinatura mensal — 1\$000. Preço do exemplar — 100 réis.

Seguiu-se a publicação, ora doutrinando, ora atacando individualidade católicas ou protestantes, além de noticiar os acontecimentos marcantes da vida espírita e criticar as credêncas espúrias. Poucos trabalhos assinados e algumas transcrições. Mais de uma página de anúncios.

Dos raros exemplares manuseados, foi último o n.º 9, datado de 31 de maio (**Bib. Púb. Est.**).

O CENTENARIO — Publicou-se o primeiro número a 15 de janeiro de 1922, para distribuição gratuita, na qualidade de “órgão de propaganda comercial”. Editado pela firma F. Cunha & Cia., propunha-se, consoante o artigo-programa, “a quebrar a dureza fria do reclamo usual, dotando-o de informações lítero-científicas, desportivas e sociais”. Bem impresso, trazia “interessante sumário” (**Jornal do Commercio**, 18/1).

O **Diário de Pernambuco**, de 5 de fevereiro, registrou o aparecimento do n.º 2 d’**O Centenario**, tudo indicando haver terminado aí sua existência.

O HOSPEDE — **Semanário de Política Econômica, Comércio, Indústria e Lavoura. Revista de Cooperação dos Estrangeiros no Norte do Brasil** — Surgiu a 16 de janeiro de 1922, sob a direção de Públio Pugô, formato de 32 x 23, com 12 páginas de três colunas, todas circuladas de linhas. Impresso na gráfica do **Jornal do Recife**, tinha redação e administração na Travessa do Vigário (atual rua D. Maria César) n.º 284. Assinaturas: 15\$000 por 50 números.

Órgão legítimo e genuíno dos estrangeiros que, nesta vasta, futura e ubérrima zona do Norte do Brasil, estabeleceram sua tenda de trabalho” — dizia o artigo de apresentação — **O Hospede** “se conservará, sempre e em absoluto, alieno às competições partidárias locais”. Proporcionando, em cada número, “resumidas notícias da pátria longínqua”, seria o “indispensável **trait d’union** entre os comerciantes, industriais e produtores” da região “e os importadores e exportadores que aqui tenham ou possam vir a ter interesses”.

Ao editorial, firmado pelo diretor, seguiu-se outro, na língua italiana, sob o título “Itália - Brasile”, com a assinatura **La Redazione**. Abriu a Galeria diplomática” uma fo-

togravura do cônsul italiano Bruno Zuculin. Na parte restante, comentários e notas financeiras e econômicas, dentro do programa estabelecido. Mais de um terço da edição constituiu-se de reclames comerciais.

Depois do segundo número, o semanário mudou a denominação para **Monitor Commercial do Norte do Brasil**, ficando em pleno inferior o título primitivo **O Hospede**. E transferiu-se o trabalho material para a tipografia da **Revista Commercial e Industrial**.

Entretanto, não conseguiu manter-se, apesar do prestígio... internacional com que contava. Existe, como derradeiro comprovante, o n.º 5, datado de 13 de fevereiro (**Bib. Púb. Est.**).

A ESCOLA — Órgão do Instituto Polymáthico — Começou a publicar-se no dia 15 de janeiro de 1922, divulgando “soneto do professor Jerônimo Gueiros e outros trabalhos” (**Jornal do Recife**, 18/1).

O Diário de Pernambuco, de 7 de fevereiro, noticiou o aparecimento do n.º 2 da gazeta “dedicada à mocidade estudiosa do Recife”, que inseriu “apreciáveis trabalhos literários, além de “Lições de Arte”, de Eustórgio Vanderlei”. E, na edição de 4 de março, registrou o n.º 3, transformado em revista, exibindo, na capa, retrato de Jerônimo Gueiros.

O ATARRACHA — Circulou esse “interessante jornalzinho foliônico”, de propriedade da firma P. Rufino Filho & Cia. Inseriu “silhetas e perfis, escritos com espírito, além de piadas verdadeiramente gostosas” (**Diário de Pernambuco**, 3/2/1922).

FAZ QUE ÓIA... — Entrou em circulação “a interessante revista carnavalesca, correspondente ao n.º 3, ano III” (sem notícia das edições anteriores), apresentando, na capa, anúncio ilustrado, em tricomia. Direção de **Zé da Guila** (pseudônimo de Guilherme de Araújo). Dispôs de matéria redacional abundante, incluindo “piadas, humorismo, modinhas e canções da época, além de contos e sonetos espirituosos”. Distribuiu-se gratuitamente (**Diário de Pernambuco**, 25/2/1922).

O PICARETA, — Saiu a lume no dia exato do Carnaval. “Folha humorística e de propaganda”, tinha como diretor “o conhecido ator **Le Chocolat**” (**Jornal do Recife**, 26/2/1922).

O TONY — Revista carnavalesca de anúncios, foi editada pela Serraria Moderna, de F. X. Guedes Pereira. Impressa nitidamente, em papel assetinado, compensou a matéria propagandística com matéria redacional variada (**Jornal do Commercio**, 28/2/1922).

O CONQUISTADOR — Órgão da Troça dos Conquistadores de Campo Grande, circulou no primeiro dia do Carnaval, sob a direção “do egrégio folião **José Sabe Tudo**” (**Diário de Pernambuco**, 28/2/1922).

O PIERROT — Órgão do Clube Carnavalesco Portugueses em Folia, distribuiu-se gratuitamente repleto de matéria consagrada aos três dias dedicados a Momo (**Diário de Pernambuco**, 28/2/1922).

PEROLAS DA INFANCIA — Órgão semanal, propriedade do Instituto Ebenezer, circulou o n.º 10, ano II (1) a 5 de março de 1922, formato de bolso, ou seja: 15 x 11, com quatro páginas de duas colunas estreitas. Redatora — Elisa M. Reed. Assinatura anual — 1\$500. “Dez ou mais exemplares para o mesmo endereço, à razão de 1\$000. Pedidos ao dr. Antonio Almeida”. Redação à rua Oitenta e Nove (hoje, Imperial) n.º 1590.

Sua matéria constava de lições primárias da Escola Dominical, historietas e ensinamentos bíblicos.

Manuseado, o pequenino periódico evangélico, até o n.º 13, de 26 de março (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DO INSTITUTO DE SOCIEDADE E LETRAS DE PERNAMBUCO — Publicação trimestral, o n.º 1 apareceu

(1) Além da falta de comprovantes, não foi possível encontrar notícia, na imprensa maior, a respeito sequer da edição de estréia das **Perolas da Infancia**, nem das que se seguiram ao n.º 13, ano II, até atingir o n.º 44, ano XIII, de 29 de outubro de 1933, já a publicação transferida (desde quando?) para Garanhuns (Ver “Imprensa do Interior”, vol. XI, desta “História da Imprensa de Pernambuco”).

datado de janeiro/fevereiro/março de 1922, formato de 21 x 15, com 116 páginas de coluna larga, impressa em papel **couché**, capa cartolinada, trabalho da tipografia da Penitenciária e Detenção do Recife. Comissão de redação — Laiete Lemos, Mário Melo e Cristiano Cordeiro, instalada na rua do Hospício n.º 130 (1). Assinatura anual — 8\$000. Preço do exemplar — 2\$000.

O aparecimento do magazine foi uma das metas do Instituto de Ciências e Letras, instalado a 24 de maio de 1921, conforme o editorial de abertura, que adiantou: "... os do Instituto tentam uma vida nova mais complexa, socialmente mais útil, criando o órgão de relação que lhe faltava, o meio plástico entre o Instituto e o público. Esta revista ficará, pois, constituindo um dos mais expressivos documentos de nossa boa vontade".

A edição inseriu discursos de Lins e Silva e Oscar Brandão da Rocha, pronunciados ao instalar-se o sodalício; artigos sobre Castro Alves, assinados por Mário Melo, Costa Rego Júnior, Lucilo Varejão, Samuel Campelo e Umberto Carneiro; outras produções: de Eustáquio Gomes, Adalberto Cavalcanti, Ulisses Sampaio e Manuel Arão, e poesias de Pedro Celso e Raul Monteiro.

Seis meses após, circulou o n.º 2/3, correspondente ao período de abril/setembro. Dos membros da redação restava, apenas, Mário Melo, sendo os dois outros substituídos por Jerônimo Gueiros e Lucilo Varejão. A fora alguns nomes já mencionados, inseriu colaboração de Edwiges de Sá Pereira, Eustórgio Vanderlei, Silva Lobato, Oliveira Gois, Monsenhor Pereira Alves e Mavial do Prado.

As duas edições, em numeração seguida, somaram 246 páginas, mas o trabalho gráfico da segunda esteve a cargo da Imprensa Industrial, à rua do Apolo n.ºs 78/82. Foi o fim da existência da interessante revista literária (**Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.**).

(1) A exemplo da Academia Pernambucana de Letras, o Instituto de Ciências e Letras foi, durante sua curta existência, hóspede do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

EM VOZ ALTA — Revista de Crença e de Luta pela Grandeza de Pernambuco — Saiu a lume em abril de 1922, formato de 47 x 32, com 20 páginas, a primeira ocupada por vistosa alegoria do desenhista Caio (de Lima Cavalcanti), figurando uma mulher — tendo à cabeça um diadema e nele inscrita a palavra Pátria — diante dum quadro no qual acabava, craion à mão, de escrever as palavras: “José Rufino Bezerra Cavalcanti — Deputado — Senador — Ministro — Governador — Pernambucano”. Ao pé, à guisa de legenda, algumas linhas da “última mensagem apresentada ao Congresso do Estado”. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82.

Constou do expediente, abrindo a segunda página: “**Em Voz Alta** — Arma de inteligência e civismo em prol da grandeza de Pernambuco — Crítica de costumes políticos e estudo dos problemas econômicos — Síntese das possibilidades e aspirações do Norte — Expoente do pensamento da unidade e da soberania nacional”. Direção de Carlos de Lima Cavalcanti. Redatores — José de Sá, Aníbal Fernandes e José Campelo. Enorme lista de “colaboradores efetivos”. Redação e administração à rua 1.º de Março n.º 64, 1.º andar. Assinatura anual para todo o Brasil — 6\$000. Preço do exemplar — \$500. Custava uma página de anúncio, no dorso da capa, 100\$000, descendo até 15\$000 por 1/6; na parte interna, respectivamente: 80\$000, até 10\$000.

O editorial de apresentação, sob o título “Reação”, ocupou vasto espaço da terceira página, ao alto, constando de quatro tópicos com os sub-títulos: “... de Inteligência”, “de Civismo”, “... de Progresso”, “... de Nacionalismo”, cada um deles focalizando o programa do jornal, no respectivo setor. O último tópico, repetindo a pergunta “O nosso programa?”, dizia: “Contribuir para que se estreite, se avigore e se harmonize cada vez mais o sentimento de unidade e de grandeza do Brasil, querendo-o forte, nobre e feliz”.

A par de artigos e comentários políticos, neles focalizada a propaganda da candidatura José Henrique Carneiro da Cunha à sucessão governamental, **Em Voz Alta** divulgou reportagens, intituladas “As obras contra as secas”, “A obra orçamentária da República”, “Estimativa da produção nacional”, “A lavoura exige transportes”, “O Norte e São Paulo”, etc., algumas ilustradas pelo desenhista Caio, e artigos de

Carlos de Lima, Aníbal Fernandes e Osvaldo Chateaubriand, enquanto **Juvenal Caboclo** assinava os "Perfis sagrados" sendo Samuel Hardman o primeiro (e único) perfilado. Duas páginas foram dedicadas a "Literatura e Arte", com produções em prosa de José Campelo, Anísio Galvão e Paulo Barreto, e poesias inéditas de Faria Neves Sobrinho e Silva Lobato.

Não deixou a excelente folha de homenagear o extinto governador José Rufino Bezerra Cavalcanti, apondo-lhe grande clichê, seguido de significativas palavras de homenagem, sob o título "No pórtico da História". Três páginas de anúncios completaram a edição.

Embora a indicação de publicar-se mensalmente, a revista político-literária ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

NÃO PODE!... — **Semanário que não é de graça** — Redigido "com muito espírito e inteligência, por um grupo de rapazes da imprensa" (José Penante era o diretor), circulou o primeiro número a 1.º de maio de 1922. Com o "comentário leve, humorístico, desprezioso, castigando, rindo com o ferrete do ridículo, a imbecilidade e os desmandos de meia dúzia da humanidade", protestaria — escreveu, na véspera, o **Diário de Pernambuco** — contra "os abusos do poder, as violências da polícia, o mau serviço da Tramways, os descabros da Great Western e outras coisas mais, calamitosas, que há por este mundo a fora".

Único comprovante encontrado da interessante revista, que se publicava às segundas-feiras, foi o n.º 3, ano I, de 15 de maio, formato de 32 x 23, com 16 páginas, porém sete de anúncios, tendo na capa uma **charge** de crítica política, além de outras no texto. Vendia-se a 200 réis cada exemplar. Dentre a matéria candente e contundente de edição, ressaltavam as seções: "Eles e Elas", por **Tip-Top**; "Shorts e Remadas" e "Peles e Películas". Boa feição material (**Bib. Púb. Est.**).

Tendo ficado suspensa, reapareceu a folha no dia 14 de agosto segundo noticiou, no dia seguinte, o **Diário de Pernambuco**, apresentando escolhido corpo de colaboradores e desenhos de J. Ranulfo. E voltou a 21.

Não houve qualquer outra informação a respeito, tudo indicando que a publicação não pode continuar.

O **DOMINGO** — Entrou em circulação “mais esse órgão de publicação semanal”, com redação no arrabalde de Santo Amaro, editado pela empresa Sá e Seve. Do seu programa constava: “defender o que julgar direito, reprovar o que julgar errado, sem credo político-partidário nem religioso”.

Proporcionou a informação acima o **Diário de Pernambuco**, de 13 de junho de 1922, continuando a fazê-lo com relação às edições subsequentes do periódico, cujo último número posto em circulação foi registrado a 28 de setembro.

O **BEIJA-FLOR** — **Jornal Literário, Humorístico e Noticioso** — O primeiro número apareceu no dia 20 de julho de 1922, com redação instalada no arrabalde da Capunga, a cujos moradores se distribuía gratuitamente, consoante noticiou, no dia seguinte, o **Diário de Pernambuco**.

Dele resta comprovante do n.º 4, ano I, de 21 de outubro, formato de 31 x 22, com quatro páginas de papel couché, o título impresso em tinta vermelha. Trabalho material da Tipografia Costa Pinto & Cia., situada à rua Duque de Caxias n.º 96. Inseriu crônicas de **Harmonia** e de **Margarida**; aspecto fotográfico da Capunga; as seções “Perfis”, assinada por **Fox-Trot**; “Curiosidades”, de **Sabe-Tudo**; “Humorismos”; “Notas desportivas” e “Notas sociais” e soneto de Guilherme de Almeida, enchendo-se a quarta página de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

O **ORACULO** — **Periódico Literário e Noticioso** — Surgiu esse novo órgão no subúrbio de Tegipió, sob a direção da Sra. Leonia Esteves. Apresentava “sumário variado”, sendo “digno de leitura” (**Jornal do Commercio**, 4/8/1922).

O **LINGUARUDO** — Surgiu a 22 de agosto de 1922, em formato de 32 x 22, com quatro páginas, figurando na primeira uma **charge** de cena amorosa, a legenda de duplo sentido. Confecção a cargo da tipografia do **Jornal do Recife**.

“Causticar para curar — será o nosso lema, na trajetória que vamos encetar — lia-se inicialmente, no artigo de apresentação, segundo o qual a nova folha seria humorística, “sem jamais descer à pilhéria soez e à graça pornográfica”; faria rir a todos quase de graça — apenas por cem réis; e gritaria contra os que procuravam perverter a sociedade.

A edição, que foi única, divulgou, realmente, matéria de boa verve, inclusive assinalada por Gomes Cereja e Regina de Alencar, terminando com a transcrição de uma crônica de **XX (Bib. Púb. Est.)**.

BOLETIM DA SECÇÃO DE ESTATÍSTICA (Associação Comercial de Pernambuco) — Entrou em circulação no mês de setembro de 1922, obedecendo ao formato de 32 x 23, com 12 páginas de papel assetinado e capa de cor. Direção de Gaspar Peres e impressão da Tipografia Galvão, situada na extinta Travessa das Belas Artes n.º 36.

Trataria, segundo o editorial de apresentação, de problemas atinentes às classes produtoras, “processos comerciais, de indústria, de lavoura, esclarecendo-se para solução legislativa, promovendo-os, dependam da ação dos poderes públicos ou da iniciativa individual”.

O n.º 2, de outubro, saiu com 36 páginas, continuando, daí por diante, a imprimir-se na oficina da Penitenciária de Detenção.

Prosseguindo mensalmente, variada a quantidade de páginas, a capa em cartolina, sua matéria constituia-se de informações gerais de estatística do Estado, mapas de importação e exportação, cotações de gêneros, movimento bancário, atos oficiais, etc.

Atingiu o n.º 8 em maio de 1923. Ainda ocorreu outra edição, datada de maio (mês repetido) a setembro do mesmo ano, correspondente aos n.ºs 9 a 12 (**Bib. SAAP e Bib. Est. de Sergipe**). (1)

DOM CASMURRO — Crítica Social. Alta Política. Literatura e Arte — Entrou em circulação no dia 1 de novembro de 1922, formato de 32 x 22, com 12 páginas a três colunas de composição. Direção de Osório Borba e José Lins do Rego. Trabalho gráfico da firma Costa Pinto & Cia., à rua Duque de Caxias n.º 96, aí também instalada a redação. Circulava

(1) A Biblioteca de Aracaju possui os n.ºs 1 a 8. A da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco guarda os n.ºs 2 a 9/12. Não existem comprovantes em outras bibliotecas.

às segundas-feiras, cobrando 4\$000 por assinatura semestral. Número avulso — \$200.

O artigo de apresentação veio encimando a última página. Dizia haver iniciado uma “feição nova de jornalismo, apresentando um programa de imprensa panfletária. Não se entendam, entre tanto, pela palavra panfleto as coisas rubras e inconseqüentes que à sua significação tem ligado a concepção mais vulgarizada”. E acentuou: “Entra em nosso traçado de ação o comentário de todos os acontecimentos do nosso meio; a crítica ousada, porque livre e honesta, dos atos administrativos; a ação social, com o debate dos problemas existenciais; a crítica política, tomada esta palavra no seu mais nobre sentido, política geral, liberta de toda expressão de personalismo, política construtiva, de que está suspenso o nosso engrandecimento”. Concluindo: “Procurará refletir o movimento das idéias de hoje, com a divulgação do pensamento novo que uma geração de elite elabora na obscuridade dos meios nortistas, forçando a inércia e a indiferença provincianas”. (1)

Seguiu-se a meta do bem feito jornal-renista, que fez época no Recife, causticando a política situacionista e seus mentores, ora no âmbito federal ora no estadual e no municipal, sem deixar sob a sua crítica sensata certa instituições particulares de caráter coletivo.

Inseria artigos redacionais como: “A oficialização do jaburú”; “O escândalo administrativo das obras contra as secas”; “Prodígios burocráticos, apenas”; “Que falta de homens”; “Congresso da lavoura ou cilada vilipendiosa?”; “Arregimentar de nulidades e subserviências”; “Mentiras convencionais e imbecilidades irritantes”. etc., ou assinados por Julio Sales, Oscar Pereira, Joaquim Pimenta, Bazilio Monteiro, **Juvenal Caboclo**, **Dom B'io** (pseudônimo de Osorio Borba) e **João das Hervas**. Literatura a cargo de Paulino de Andrade, Olívio Montenegro, Vicente de Medeiros, Godofredo de Medeiros e Campos de Meneses. Heloisa Chagas dirigia a

(1) Em carta à direção inserta no n.º 17, de 19 02/1923, Barbosa Lima Sobrinho aludiu aos “homens terríveis do **Dom Casmurro**, o heróico panfleto que procura despertar a sociedade pernambucana, há muito atingida da moléstia do sono”.

página "Letras Femininas" e Valdemar de Oliveira escrevia sobre Música. Poucos anúncios.

Não foi suave a existência de **Dom Casmurro**. Bem recebido pela população independente, era, no entanto, visto com rancor pela gente do governo, sofrendo ameaças e perseguições. (2) Mas não se deteve a publicação, que continuou em 1923, numerada seguidamente, para atingir, com oito páginas, o n.º 25 — ano II — no dia 16 de abril (**Bib. Púb. Est. eolec. Oséas Borba**). (3)

Segundo revelaria, depois, **A Noite**, de Nelson Firmo, **Dom Casmurro** passara a imprimir-se na sua oficina, que foi empastelada a 30 de abril de 1923, tendo "os vândalos" carregado todas as páginas da revista em ponto de impressão.

O **ACADÊMICO — Órgão de Mocidade Acadêmica de Comércio** — Destinado a publicar-se mensalmente, saiu o n.º 2 (não existe comprovante do 1.º) no dia 28 de dezembro de 1922, formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas. Diretor intelectual — professor Cristiano Cordeiro; diretor — Luiz de Barros. Confecção da oficina gráfica do **Jornal do Recife**.

Declarava-se "forte e livre para, ao lados dos confrades, defender o Direito, a Justiça e a Liberdade, quando ameaçadas pela prepotência dos autocratas, dos que se julgam superiores aos outros seus semelhantes perante a natureza e a própria Lei".

(2) Escreveria depois Oscar Pereira, nas suas "Memórias", de 1945, à página 78: "... os amigos de Sérgio Loreto ameaçaram Agostinho Bezerra de prisão e outras coisas mais, caso continuasse a imprimir **Dom Casmurro**. Ao mesmo tempo, procuraram Tomé Gibson, exigindo-lhe a demissão sumaria de Osório Borba do cargo de redator do **Jornal Pequeno**". "Tomé revoltara-se. Nada tinha a ver com a vida particular do seu amigo Osório, senhor das suas atitudes. Não cedeu uma linha".

(3) Coleções, ambas, desfalcadas.

Abriu a primeira página clichê dos bacharéis do Centenário, e a terceira página exibiu fotografatura do aviador Pinto Martins. Divulgou artigos assinados por Manuel Arão, Cristiano Cordeiro, Renato de Alencar, Raul Monteiro e Maria Vitória. No mais, noticiário e concurso de beleza e fealdade dos alunos da Academia de Comércio.

Não passou do segundo número (**Bib. Púb. Est.**).

DIRECTORIO COMMERCIAL BRASILEIRO — Brasil'an Commercial Directory — Órgão de informações, redigido em português e inglês, publicou-se em 1922, com 352 páginas, impressas em bom papel, formato de 23 x 15. Organizador — Orlando Ribeiro Dantas, com escritório e tipografia à rua Marquês de Olinda n.º 290. Preço do exemplar — 25\$000; para o exterior — 30\$000.

Ocupou a página de rosto uma "Introdução", focalizando a honestidade das informações contidas na brochura, não passíveis de contestação. Para melhor autenticá-las, ocupou-se o próprio diretor organizador da revisão tipográfica.

Seguiu-se uma "Súmula Geográfica" do Estado de Pernambuco, ilustrada fotograficamente. No mais, uma infinidade de notas, de oito a dez linhas, a respeito dos estabelecimentos comerciais e industriais do Estado.

Verificada a transferência do domicílio de Orlando Dantas para o Rio de Janeiro, o **Directorio Commercial Brasileiro** instalou redação e escritório na rua 1.º de Março n.º 131, 2.º andar. Após dedicar, em 1924, um volume especial à Capital Federal, proporcionou, em 1926, outra "Edição do Estado de Pernambuco", que saiu com 380 páginas, inclusive a capa, sendo impressa no Recife, na Repartição de Publicações Oficiais.

Dividiu-se-lhe a matéria em cinco partes, para os diferentes tipos de informações, abrindo o texto um estudo original do historiador Mário Melo, intitulado "Aspecto Econômico, Comercial e Financeiro do Estado", também vertido para os idiomas inglês, francês e alemão. Completou a edição boa messe de anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

PINGASSAIA — Jornalzinho de estudantes do Ginásio do Recife (não mais existente), publicou-se (provavelmente) no

decorrer de 1922, sob a direção de **Zé Chupa Pedra**, pseudônimo de Limeira Tejo, auxiliado por João Pires de Sá. “Órgão independente, de combate à castidade e à hipocrisia”, era ilustrado com **charges** de Joaquim Didier Filho e redigido “em letra de imprensa, a fim de impossibilitar a identificação, no caso de um número ser apreendido”.

“Estava sempre a favor daquilo que éramos ensinados a ser contra, e contra tudo o que nos diziam que deveríamos ser a favor”. Nele escreveram poesias satírico-humorísticas Flávio Lira Pires e Antônio Paulo (Paulo Filho), a fora outros poetas e prosadores...

“Era um exemplar só por edição — e seis edições foram tiradas”.

Drault Ernani foi o financiador, que “emprestava cinco mil réis para receber seis no fim do mês” (**Notas colhidas no livro de memórias “Enéias”, de Limeira Tejo, págs. 170/175/177 — Editora Globo, Rio, 1956**).

1 9 2 3

A SEMANA — Surgiu no dia 21 de janeiro de 1923, em pequeno formato, com quatro páginas, sob a direção e redação, respectivamente, dos “jovens cultores das letras João de Queiroz Cabral e Fernando Rodrigues”. Constava do editorial de apresentação: “Anima aos seus diretores o espírito de justiça sem convencionalismo. Não tem programa político. Tratará de política no encarar a ciência que rege os povos essencialmente organizados”. Divulgou poesia de Araújo Filho e “variada matéria redacional” (**Diário de Pernambuco, 21/1**).

Ao que tudo indica, **A Semana** limitou-se ao número de estréia.

BOLETIM DE ENGENHARIA — Editado pelo Clube de Engenharia de Pernambuco, surgiu em janeiro de 1923, formato de 28 x 18, com 30 páginas, a duas colunas de composição, impresso em papel superior.

Sem editorial de abertura, nem expediente, a edição de estréia abriu com a ata da seção de instalação do Clube, ocorrida em junho de 1919, ilustrada com clichê do primeiro presidente, engenheiro Moraes Rego, seguindo-se-lhe: "A questão das caldas", conferência do professor Justus Liebig; artigos diversos; outra ata e relatório, lista de sócios e balançes.

O n.º 2 só apareceu em dezembro de 1924, trazendo, então, artigo-programa de praxe. Declarou, inicialmente: "Órgão oficial do Clube de Engenharia de Pernambuco, este **Boletim** se destina a servir ao programa de reação, reação contra o retraimento, a abstenção e a quase ausência do engenheiro nos movimentos sociais do país e do mundo".

Mais adiante: "Quando até o operário elementar mantinha associações de classe, sempre alerta na defesa de seus interesses sociais, o engenheiro, que é um operário evoluído, andava arredio, isolado, quase sem convivência e sem contato imediato com a sua classe. Ainda agora a reação começa apenas a se esboçar, as publicações periódicas iniciam as suas edições, e as primeiras sociedades de engenharia, realmente consagradas aos interesses de classe, vão se fundando".

Frisou o articulista que o Clube procurava reunir, "aproximando cada vez mais, para uma intimidade maior, mais perfeita harmonia e melhores entendimentos, os engenheiros, os arquitetos, agrônomos e industriais", que eram os seus associados, concluindo: "O **Boletim de Engenharia** fará a parte intelectual desta obra de socialização, enquanto que o Clube, pelas suas deliberações, promoverá o progresso social das classes por ele congregadas".

Entre outros trabalhos assinados, a edição inseriu o estudo "Fossas sépticas e liquefatores", de José Apolinário de Oliveira, acompanhado de gráficos ilustradores. Terminou com noticiário e seção bibliográfica.

A partir do n.º 3 — fevereiro de 1925 — o **Boletim** regularizou sua circulação bimestral, fazendo inserir abaixo do título um quadro de expediente, como a seguir: Comissão de redação: engenheiros João Holmes, Lauro Borba, Luís Freire, Newton Maia, Luiz Ribeiro e Samuel Pontual. Redação: rua do Imperador n.º 447, 1.º andar. "Esta revista é distribuída

gratuitamente aos principais departamentos públicos e associações técnicas do Brasil e do estrangeiro e a todos os sócios do Clube de Engenharia de Pernambuco”.

Com programa inalterável de divulgação técnica, seguiu o **Boletim** sua meta, pelos anos a fora, servido da colaboração dos nomes mais credenciados nos diversos ramos da engenharia.

A Comissão de Redação sofreu sucessivas modificações, dela participando outros engenheiros, a saber, de substituição em substituição: Paulo Guódes Pereira, Nestor Moreira Reis, George Ribeiro, José Estelita e Alde Sampaio. Ficou constituída, a partir de outubro de 1930, de Lauro Borba (de volta), Newton Maia (de volta) e Lino Colona dos Santos, este substituído, em setembro de 1933, por Álvaro Celso Uchoa Cavalcanti. A redação fora transferida para a rua da Aurora n.º 277.

Teve como colaboradores, além dos nomes mencionados: Napoleão Albuquerque, João Caminha Franco, J. F. Brandão Cavalcanti, Umberto Gondim, Raul G. Porto, Domingos Medeiros, Teixeira de Melo, Carlos Tigre, Aurino Duarte, Teófilo de Freitas, R. William Zoeller, Luther K. Zaleriskle, M. A. Morais Rego, Raul Ribeiro da Silva, Justus Liebig, O. Campos Gois, Edgar Teixeira Leite, Guilherme Geissner, J. C. Cotrim, Osvaldo Maurício de Abreu, F. S. Rodrigues de Brito, Luiz Dias Lins, O. B. Arantes, J. Carneiro da Cunha, Álvaro Celso Uchoa Cavalcanti, F. Saturnino de Brito, Alfredo Watts, Filipe dos Santos Reis, João Cleofas de Oliveira, Júlio Marinho, Jerônimo Monteiro Filho, Ubaldo Gomes de Matos e João Pereira Borges. Ainda: transcrições, resenhas das atividades do Clube, notícias diversas, problemas e informações, quase sempre a matéria principal ilustrada de estatística e gráficos.

Dividiu-se a publicação do **Boletim** em seis tomos: o primeiro constituído de edições de 30 a 38 páginas, numeradas de per si, terminando com o n.º 8, ano III, de dezembro de 1925. Daí por diante a numeração das páginas fez-se ininterruptamente, oferecendo os seguintes totais: Vol. II, 276, até agosto de 1927. Vol. III, 278, até junho de 1929. Vol. IV, 288, até agosto de 1931. Vol. V, 260, até junho de 1933. Vol. VI, até o n.º 6, de setembro de 1934.

O n.º 1, ano XIII, correspondente ao Vol. VII, circulou em março de 1935, com 48 páginas, tendo como redator único o engenheiro Joaquim Cardoso. Inseriu produções técnicas de Roberto Burle Marx, C. A. Barboza de Oliveira, Luiz Nunes, J. C. Francisco e Nivaldo Farias.

Segue-se largo hiato nas coleções consultadas, aparecendo, então, o n.º 7, ano XVII, datado de novembro de 1939. Voltara a ter Comissão de Redação, assim constituída: João Caminha Franco, Alvaro Celso e Luiz Ribeiro (**Bib. Púb. Est. e outras fontes**). (1)

Consoante editorial da **Revista de Engenharia**, fundada anos depois, em junho de 1948, o **Boletim de Engenharia de Pernambuco** existiu até 1943, “quando foi interrompida a publicação em face de exigências governamentais”.

A FOLHA — Circulou pela primeira vez no Carnaval de 1923, a 11 de fevereiro, segundo o noticiário do **Diário de Pernambuco**.

Neva edição publicou-se quando do segundo Carnaval do ano, no dia 1 de abril, conforme o **Jornal do Commercio** do dia 2, “bem impresso e bem redigido”.

O CARA-DURA — Foi outro jornal carnavalesco de 1923, noticiado pelo **Jornal do Recife** de 11 de fevereiro.

Circulou o n.º 2, ano II, a 2 de março de 1924, consoante informação d'**A Notícia**.

(1) Várias coleções foram manuseadas, para a efetivação da bibliografia do **Boletim** com o mínimo de falhas. Todas encadernadas e bem cuidadas, compõem-se de edições ininterruptas, mas só atingindo 1933 ou 1934, como a da Biblioteca Pública do Estado, a do Clube de Engenharia e a do engenheiro Lauro Borba. A coleção do professor Newton Maia inclui o número de março de 1935 (único existente) e o de novembro de 1939, este também encontrado na biblioteca da Escola de Engenharia. Não restam indícios da publicação referente aos anos de 1940 a 1943.

HOMENAGEM DO C. C. 6 DE SETEMBRO AO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA — “Número ilustrado d’**A Verdade**”, circulou no dia 13 de fevereiro de 1923, com quatro páginas, formato médio, impresso na oficina gráfica da Papelaria Brasil. Foi dedicado “aos que contribuíram para a confraternização da política pernambucana”.

Da matéria constou, a fora a apresentação, um resumo da exposição feita pelo Centro Cívico na sessão do Teatro Santa Isabel, a 7 de setembro de 1922; mais clichê e apologia dos políticos situacionistas e uma página da diretoria da agremiação, que tinha como presidente José Libânio Machado e oradores Oscar Brandão e João Barreto de Meneses (**Bib. Est. Sergipe**).

JORNAL DA LAVOURA — Órgão Defensor das Classes Produtoras do Nordeste — Destinado a circular às sextas-feiras, com redação e administração instaladas à rua do Imperador n.º 452, 1.º andar, teve seu primeiro número divulgado no dia 15 de março de 1923, sob a direção de Samuel Junior, tendo como redator secretário Adauto Xaxier. Impressão da oficina gráfica d’**A Notícia**, à rua da Aurora n.º 39.

Apareceu em formato grande, de sete colunas, com quatro páginas, dizendo, no editorial “O nosso programa”, que iria pugnar pelo interesse de todos os plantadores e usineiros, “sem, contudo, imiscuir-se nas suas lutas intestinas”, fomentando também a policultura. E frisou:

“Procuraremos, tanto quanto nos for possível, dar conhecimento aos nossos leitores de todas as descobertas que tenham dado resultados satisfatórios, ou que nos pareçam de aproveitamento para nós, relativas à agricultura e criação de gado. Ao mesmo tempo nos esforçaremos para apresentar uma estatística, o mais aproximadamente possível da verdade, da plantação de cana e beterraba em Cuba e nos Estados Unidos, de modo a facilitar aos interessados calcularem as oscilações de preços do açúcar, na época da colheita”.

Concluiu o articulista: “Entregamos o nosso jornal ao público legente e confiamos que ele nos auxiliará, para que possamos, nos afastando do terreno estéril do partidarismo,

cumprir o nosso dever de trabalhar pela lavoura e indústria pernambucana”.

Seguiu-se regularmente a publicação, inserindo, a par de artigos e notas redacionais, matéria variada, dentro do seu programa, inclusive as seções “Movimento Comercial”; “A quinzena agrícola”, com “informes e crítica dos acontecimentos que mais interessarem à lavoura, comércio e indústria, ocorridos dentro e fora do Estado”; “Consultas”; “No domínio da ciência”; “Avicultura”; “Indicador Profissional” e anúncios.

No sexto número, o **Jornal** diminuiu o formato para 47 x 32, passando a sair, invariavelmente, com oito páginas e cobrando 15\$000 pela assinatura anual. Entre outros, teve a colaboração, com artigos assinados, de Otávio Peres, Arquimedes Magno de Miranda, Silvio Torres, Leonardo Arcoverde, Inácio de Barros Barreto, Lino Gomes Arruda Falcão, Canuto Guimarães, José Teofilo, Fernandes e Silva e Carlos Moreira.

Em sua edição de 18 de maio, a folha divulgou um comentário, através do qual agradecia a sanção, pelo Governador Sérgio Loreto, da lei que subvencionava o **Jornal da Lavoura**, “mediante a obrigação desse órgão dar à publicidade oficial a tudo que se relacione com a agricultura”. A 27 de julho iniciou a divulgação de longo memorial do engenheiro Samuel Pontual Junior, sob o título “Instrumentos agrícolas atualmente mais usados na lavoura do Nordeste”, e a 21 de agosto começou a inserir uma série de conferências, entremeadas de gráficos, da autoria do dr. W. E. Cross, sob a epígrafe geral “Estudos relacionados com a experimentação da cana de açúcar”.

Os Estatutos da Empresa **Jornal da Lavoura** foram publicados a partir de 31 de agosto; e, a 30 de novembro, era a edição dedicada à fundação da Carteira de Crédito Móvel Agrícola do Banco do Recife, sendo louvada a administração estadual, em números seguidos, pela iniciativa do empreendimento.

Desde 23 de novembro, não mas permaneceu no cabeçalho o nome do redator-secretário Adauto Xavier. Findou o ano com o n.º 42, de 28 de dezembro.

O n.º 1 do ano II saiu a 4 de janeiro de 1924, lançando a idéia da mudança da sede do governo estadual para Garanhuns.

O então denominado “órgão da lavoura, indústria e criação, publicado às sextas-feiras”, prosseguiu sua tarefa com regularidade, sempre com oito páginas, incluindo boa parcela de anúncios. Sairam, durante o ano, 52 edições, iniciando nova numeração em 1925 (ano III), a 2 de janeiro, para chegar ao n.º 49 no dia 18 de dezembro. Passara a ser impresso, desde o n.º 25, na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.º 47.

Após uma interrupção de três meses, abriu o **Jornal da Lavoura** o seu ano IV, n.º 1, a 19 de março de 1926. Nenhuma outra alteração verificou-se, a não ser quanto à periodicidade, pois a circulação passou a ocorrer em dias indeterminados, quando muito duas vezes por mês. E assim arrastou-se até encerrar suas atividades com o n.º 14, datado de 1 de outubro.

Além dos nomes já mencionados, o importante órgão especializado teve mais a colaboração de Carlos Tigre, Apolonio Sales, José Constantino, Carlos Belo, Lauro Borba, Júlio da Santa Cruz Oliveira, Guilherme Geissner, Dias Martins, etc. (**Bib. Púb. Est.**).

CORREIO DOUTRINAL — Órgão Batista Construtivo —
Começou a publicar-se no dia 23 de março de 1923, formato de 30 x 22, com oito páginas a três boas colunas de composição. Redator — William Carey Taylor, funcionando a redação e oficina (do Colégio Americano Batista) no Parque Amorim (rua Dom Bosco) n.º 1553. Distribuição gratuita. Publicação semanal.

Não apresentou o rotineiro editorial-programa. O n.º 2 reuniu 20 páginas, mas prosseguiu na jornada com 8, às vezes doze. Inseria artigos de doutrinação evangélica, assinados ou não, e, a partir do número conjugado 7/8, divulgou a seção “Ecos da Seara”, assim encabeçada: “Doravante, o **Correio Doutrinal** dará notícias das Igrejas e instituições da Convenção Batista Brasileira, em cuja defesa nos empenhamos, e notaremos o que de significativo chegar à nossa aten-

ção na vida religiosa do mundo, que tenha interesse para os nossos leitores”.

Ao iniciar-se, após as primeiras 45 edições, o ano II, n.º 1, a 28 de março de 1924, foi elevado W. C. Taylor à função de diretor, figurando H. H. Muirhead na qualidade de gerente. Atingido, porém, o n.º 40, de 26 de dezembro, ficou a folha suspensa em virtude de dificuldades financeiras.

Reapareceu — n.º 1, ano III — datado de 27 de março/3 de abril de 1925, contendo 12 páginas. Alterou-se o sub-título para “Órgão Noticioso de Doutrinação Cristão”, vindo abaixo a divisa: “. . . para que em tudo adornem a Deus, nosso Salvador”. Inalterada a direção e a gerência, acrescentaram-se um redator-secretário, Luiz Ângelo de Santana, e um Conselho Administrativo e Colaborador, com a participação de Orlando do Rego Falcão, Carlos Barbosa, Leslie Leonidas Johnson, A. N. Mesquita, Everett George Wilcox e R. S. Jones. Passou a cobrar 7\$000 por assinatura anual, ou então: “Pacotes de dez jornais a uma Igreja, ou representante, à razão de 5\$000 por mês”.

A circulação decorreu ininterrupta e, ao começar o ano IV — n.º 1, de 26 de março de 1926 — lia-se no eufórico editorial intitulado “Mais um ano de vida”: “Há um ano tínhamos nenhum assinante. Atualmente, temos 1.100. O número dos colaboradores aumentou e inclui os melhores escritores batistas do Norte brasileiro”. Mais adiante: “Passamos do terreno de controvérsia para os misteres edificadores da paz e nos temos mantido dentro deste programa”.

A fora a produção normal da equipe mencionada, relatórios das igrejas e hospitais e noticiário geral, o semanário inseria produções de Edésio Guerra, C. C. Duclero, Severino M. Batista, De Freitas Lins, John Mein, Munguba Sobrinho, Gabino Bralaz, Lívio Lindoso, Zacarias Campelo, Fernando Rodrigues, Josué Teles de Sousa, Eurico Calheiros, A. Maurício, Jonas B. Macedo, H. A. Zimmerman, Firmino Silva, Acácio Vieira, Paulo Marcus, José Feitosa, Adalgisa W. Vieira Cardoso e Filinto A. Costa, que se revejavam, anos a fora, ocorrendo, igualmente, poesias de Jonatas Braga, Stela Câmara, etc.

Criou-se, em 1927, a seção “Retalhos”; apareceu o “Calendário Batista”; Uriel veio a assinar as “Reflexões”, e Antônio

Santos Filho mandava "De quando em vez", de Maceió. Mudou-se, no ano seguinte, a epígrafe do noticiário específico para "Ecos de Doutrina e Vida". Ainda: "Novas do Reino". Em 1929 entrou a vigorar o regime normal de doze páginas, impressas em papel assetinado, elevando-se a 10\$000 o custo da anualidade, ou 15\$000 pelo Correio, em envelope fechado.

Dada a edição de 7 de novembro de 1930, ano VIII, findou a atuação do dr. Muirhead, que foi assumir importante missão no Rio de Janeiro. No ano seguinte, o **Correio** circulou com lacunas. Em 1932 voltou a sair com oito páginas e, excepcionalmente, dez. Manteve, todavia, o ritmo inicial, doutrinando e informando.

Finalmente, atingiu o n.º 52 a 23 de março de 1933, precisamente quando completou o décimo ano de existência. Ficou suspenso, não mais voltando à liça, embora ficasse para continuar na edição seguinte o longo artigo "Resposta a uma réplica desairosa", já vindo de seis edições anteriores, relativo ao opúsculo "Moinhos de vento", no qual Ernesto Luiz de Oliveira, da Faculdade de Engenharia do Paraná, criticara acerbamente importante estudo do Professor Taylor, divulgado no **Correio Doutrinal** (**Bib. Púb. Est. (1)** e **Bib. Semin. Teol. Batista**).

O **PIERROT** — Veio à luz no dia 1 de abril de 1923, data do segundo Carnaval, "contendo espirituosas canções" e "um bom serviço de gravuras, sob a direção "de um conjunto de animados foliões" (**Jornal do Commercio**, 2/4).

O **FIAU** — **Panfleto semanal de grande sucesso. Alta crítica — Artes — Literatura — Vida geral** — Apareceu no dia 7 de maio de 1923, formato de 32 x 23, com oito páginas de três colunas. Direção de Rotílio Marinho; redatores — Jarbas Peixoto, Armando de Assunção, Pindaro Barreto (só até o segundo número) e Abel Freire, funcionando a redação na rua Duque de Caxias n.º 96, onde se localizava a tipografia impressora, da firma Costa Pinto & Cia. Assinatura anual — 10\$000; preço do exemplar — \$200.

Estampou o artigo de apresentação na última página, lendo-se nele o seguinte tópico: "Refletindo, sempre quando

(1) É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

possível, o trabalho dos bons e os desperdícios dos maus, a serviço de uma crítica imparcial em todos os meandros da atividade coletiva, este panfleto não enveredará por caminhos sinuosos na expectativa de bem servir”.

Dentre os editoriais d'**Fiau**, havia os com títulos assim: “Triste aspecto de uma república de incompetentes” e “Os desvários políticos do pessoal caviloso do Marechal Dantas Barreto”. Teve a colaboração de **Genésio Caldas**, **Tobias Jacome**, **F. Vieira de Mendonça**, **Djalma de Tal**, **Abel Freire**, **Pindaro Barreto**, **Conde de Til** e outros. Inseria também **chargas** e anúncios.

Circulou regularmente, mas só até o n.º 3, datado de 21 de maio. Parou a publicação em virtude de divergências no corpo redacional. A propósito, o diário **A Rua**, de 1 de junho, divulgou carta de **Jarbas Peixoto**, segundo a qual ele deixara a redação d'**O Fiau** devido à “deslealdade” com que foi tratado pelos companheiros de trabalho (**Bib. Púb. Est.**).

O FOGO — Semanário Crítico, Político e Noticioso — Surgiu no dia 7 de maio de 1823, formato de 31 x 20, com oito páginas a três colunas de composição. Diretor-proprietário — **De Sá Leal**; redatores — **Batista de Oliveira** e **João Monteiro**. Redação e oficina d'**A Tribuna** à rua da Aurora n.º 197. Tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 6\$000. Preço do exemplar — 200 réis. Circulação às segundas-feiras.

Declarou-se, “No pórtico”, editorial de página inteira, haver nascido animado “do desejo de bem servir à causa pública”, adiantando: “Faremos uma política larga, livre, sem preconceitos de partidos, cooperando no congraçamento das correntes partidárias do Estado, visando à educação dos nossos costumes nesse particular”. Noutro tópico: “A nossa crítica será desapaixorada. Feriremos o alvo com elevação de vistas”. Não desceria “ao uso de uma linguagem violenta, a termos de baixo calão e aos ataques pessoais”. Esperava o favor público.

De início, criou as seguintes seções: “No pórtico... humorístico”, “... político”, “... artístico”, “... feminino” e “... do mundanismo”; “Petardos”, versos ligeiros, por **Juvenal**; “Prosas confidenciais”, crônica de **Fausto Rabelo**; página de poesias de **Sá Leal**; notícias soltas e anúncios.

A partir do n.º 2 circulou com dez a doze páginas e, no n.º 4, mudou-se o trabalho gráfico para a oficina do **Jornal do Recife**. Novas seções foram, pouco a pouco, substituindo as primeiras, a salientar: “Do meu diário”, a cargo de João Monteiro; “Sem... propósito”, por **Simplicio**; “Pilheriano...”, com a assinatura **Pi-Léria**; “**O Fogo Falado**” (notas de arte); “Bilhetes postais”; “Semanais”, por **Joca Leitão**; “Queimando”; “Futilidades”, de **Dom Jaime**; “Perfis”, por **Anatólio**; “Alfinetadas”; “Página Infantil”, etc. Focalizava, em comentários redacionais, os acontecimentos da política regional.

A partir do n.º 15 tomou o caráter de revista, ostentando, na capa, retratos de belezas femininas. Além da matéria de rotina, inseria produções, em prosa ou verso, de Sady Garibaldi, o modernista Joaquim Inojosa, Osvaldo Santiago, Alves Pedrosa, Chagas Ribeiro, Severino de Albuquerque, José Mindelo, Leonardo Sirva, Albino Silveira, Stanisláu de Sousa, **João do Recife** (correspondências de Timbaúba), **Madame Georgete**, Landulfo Medeiros, Esdras Farias, Lucilo Varejão, Amaro P. Cavalcanti (também ilustrador) e outros. Não faltou, como era costume, um concurso de beleza feminina, bastante movimentado, do qual foi vencedora Tomazinha de Macedo Viana. Houve-os, também, de “poética” e de charadas.

No mês de junho retirou-se João Monteiro da redação e, em agosto, Batista de Oliveira, substituído por Selon de Albuquerque. E a redação já funcionava na rua Padre Nóbrega n.º 394. A edição de 24 de outubro teve 54 páginas, extraordinariamente, comemorando o primeiro aniversário do governo de Sérgio Loreto.

Terminou o ano com o n.º 35, de 29 de dezembro, para começar o II, n.º 1, a 5 de janeiro de 1924. Atingido o mês de março, reduziu-se o formato para 26 x 16. Por outro lado, desceu o custo das assinaturas, anual e semestral, para 5\$000 e 3\$000, respectivamente.

O Fogo chegou ao fim a 19 de abril, quando saiu o n.º 9, ano II, após o que mudou a denominação para **Rua Nova (Bib. Púb. de Sergipe)**. (1)

(1) Na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco só existem três exemplares, salteados, d'**O Fogo**.

ZÉFUM — Livro de Sortes — Entrou em circulação, dirigido pelo **Dr. Pinga Fogo**, “pseudônimo de conhecido humorista”. Apresentou, além “de copiosas sortes, uma seção de arte e literatura, entremeadada de contos humorísticos”. Preço do exemplar — 1\$000 (**Jornal do Commercio**, 30/5/1923).

CHIQUE-CHIQUE — Circulou o primeiro número no dia 30 de maio, tendo como redatores Antônio Freire, Barros Lima e Cussy (de Almeida) Júnior. Constava do sumário: “Carlito, o cavalheiro da pena irresistível”, “Expoente carnavalesco de um povo macambúσιο”, “A estratégia chinesa das muralhas”, “O partido bernardista em Pernambuco”, “A Cruz Vermelha pernambucana”, “Uma improbidade comercial”, “Epitáfios”, por **Mosqueteiro**, etc. (**Jornal do Recife**, vesp., 1/6/1923).

PRYTANEU — Ciências. Letras. Artes. — Entrou em circulação em maio de 1923, obedecendo ao formato de 22 x 15, com 62 páginas de papel assetinado e capa em cartolina branca. Diretor — Mota e Albuquerque Filho; redatores — Trajano de Mendonça, João Augusto de Sousa Leão, Luiz de Barros Freire e Baltazar da Câmara; secretária — Noemi de Brito Lira, funcionando a redação na rua Barão de São Borja n.º 192. Trabalho material da Tip. Costa Pinto & Cia., na rua Duque de Caxias n.º 96.

Foram as seguintes as “Duas palavras” de apresentação: “**Prytaneu** é o órgão da Academia Prytaneu, organizada e constituída pelas alunas deste conceituado estabelecimento de educação e ensino que é o Colégio Prytaneu no Recife. Alunas e professores, numa íntima comunhão de idéias, fundam uma sociedade com o alto fim de incentivar o entusiasmo pelas ciências, que ensinam estes e aprendem aquelas, pelas letras e belas-artes, pelo amor à pátria; e para fazerem repercutir lá fora, no grande mundo, a sua vida intelectual, o seu amor à estética e ao bem, resolvem publicar uma revista e põem em execução tão grande quão nobre idéia.

“**Prytaneu** é assim um prologamento do Colégio; é uma embaixatriz da inteligência e da Alma do Colégio Prytaneu junto às potências intelectuais do país. Modesta, ela ocupará um pequeno lugar e pede apenas a proteção necessária para viver”.

Seguiu-se artigo de J. A. de Sousa Leão, de encômios à iniciativa dos fundadores da revista, acentuando que ela, “fazendo uma obra de arte, faz também uma obra de educação” e “deve ser um coeficiente positivo do grande desenvolvimento nacional que já se percebe, apesar de tudo, pela instrução educativa”.

Destinado a publicar-se trimensalmente, autêntico repositório de conceitos e pensamentos dos mestres da famosa casa de ensino, o interessante magazine passou a ser confeccionado na oficina gráfica d'A **Tribuna** a partir do n.º 3, que circulou em dezembro, utilizando papel **couché**, para assim continuar — n.º 4 — no mês de março de 1924, reduzida a quantidade de páginas para 52, 54 e 40, respectivamente. Os n.ºs 2 e 3 exibiram, na capa, expressivas alegorias do pintor Baltazar da Câmara.

Desde a primeira edição, a revista adotou páginas especiais, ilustradas, dedicada a primeira à eminente diretora do Colégio, Clotilde de Oliveira; depois, ao mérito de ex-alunas; à memória de antigos educadores e à eficiência de docentes atuantes. Inseria biografias ligeiras e discursos das solenidades ccelegiais.

A par de produções dos membros do corpo redacional, composto de professores, a salientar João Feliciano da Mota e Albuquerque Filho, prosador e poeta, também aparecido com o pseudônimo M. S., **Prytaneu** teve a colaboração de outros pedagogos, a saber: Angeline Ladevèse, Olinto Victor, Eustórgio Vanderlei (prosa e verso), Waldemar de Oliveira, Gervásio Fioravanti (poesia), Landelino Câmara (poesia), José Magarinos de Sousa Leão e Carmita Mendonça.

No quarto número, servido de desenhos, no texto, de Baltazar da Câmara, impresso a cores, as páginas circuladas de linhas trémulas, instituiu-se um concurso literário, a prêmio, entre alunas e ex-alunas, para novela, conto ou poesia (**Colec. Mota e Albq.**).

Embora a inexistência de mais comprovantes, ainda ocorreu uma edição de **Prytaneu**, correspondente ao mês de agosto, conforme o noticiário do **Diário de Pernambuco** de 13 de setembro de 1924.

A VOZ DO AGNES ERSKINE — Órgão da **Sociedade Literária Delfos** — Circulou pela primeira vez em maio de 1923, formato de 22 x 14, com 20 páginas de papel **couché** e capa cartolinada. Redatora-chefe — Mariana Moreira Reis; 1.^a tesoureira — Lídia Leitão; 2.^a tesoureira — Romilda Ferreira; cronista social — Nina Machado; humorista — M. Conceição; caricaturista — Paula Canel. Redação no Colégio, à rua Ponte d'Uchoa n.º 704. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo n.ºs 78/82.

A edição inseriu clichê da turma de 1922; hino do Colégio Agnes Erskine, da lavra de Louisa Hesse; literatura de alunas; noticiário específico e algumas páginas de anúncios.

Publicaram-se, nas mesmas condições, mais dois números no decorrer do ano; outro em 1924, quando a equipe diretora ficou assim constituída: Albertina Farias, Edna Gueiros Leite, Conceição Medeiros, Ezilda Oliveira e Sara V. Melo; outro em 1925, tendo à sua frente Anaide Barbosa, Eugênia Araújo, Ezilda, Marta Silveira e Diná Canuto, excluída a função de caricaturista, por não ter o que fazer. Cada edição tinha uma página especial, abrindo o texto, com fotograuras de concluintes ou elementos da diretoria da “Delfos”.

A Voz, só aparecida como revista na edição de estréia, publicava-se, ora com quatro, ora com seis, ora com oito páginas, circulando, regularmente, uma vez por ano, no mês de novembro. A edição de 1927 apresentava, no cabeçalho, os nomes de Francisquinha Fontenele Ribeiro, redatora-chefe; Maria Reis, cronista; Araci Bezerra e Rina Gueiros, tesoureiras.

Passou a imprimir-se na oficina do **Diário da Manhã**, em 1930; na do **Jornal do Recife**, em 1931 e 1932; na do periódico **A Esquerda**, em 1933 e 1934, e, daí por diante, novamente na do **Diário da Manhã**.

Tendo ficado suspenso em 1937, a folha reapareceu a 21 de novembro de 1939, “após dois longos anos de férias”, indicando uma única redatora: Hilda Furtado Marinho, substituída, em 1940, por Linda Gama; esta, no ano seguinte, por Vanda Silveira, e esta, em 1942, pela aluna Rilda Correia.

A fora a das equipes responsáveis, **A Voz** divulgava colaboração de outras colegiais, que se iam substituindo à proporção que terminavam os cursos, tais como: Olindina Ferreira, Azenete F. Marinho, Edite Modesto, Juraci F. Viana, Elsa Correia, Heloisa Amaral, Olinda M. Siqueira, Lucila Vital, Hermantine Cortês, Lindalva M. Rezende, Ruth Gonçalves, Talita Montenegro, Carmen Furtado, Eunice Sencades, Lourdes Loureiro, Iraci Gondin de Oliveira, Almeri de Almeida, Julieta Gouveia, Edla Oliveira, Lígia Varela, Nair Gonçalves, Gilka Barbalho e tantas outras. Havia constante noticiário das atividades estudantis e, no fim, uma página de anúncios. Constou do cabeçalho, desde a edição de 26 de novembro de 1940, ano XVIII, o slogan: “Até às estrelas pelas dificuldades”.

O encontro de comprovantes do anuário, nem sempre seguidos, passa, finalmente, de 1942 para a edição de 23 de novembro de 1951, ano XXVIII, com quatro páginas, cujo editorial de abertura, dizia tratar-se de um ressurgimento, depois “de alguns anos de ausência”. Trazia novo slogan: “**Ad Astra Per Aspera**”. Inseriu produções assinadas por Glice Gonçalves de Freitas, Fani Mandel, Cilene Sousa de França, Luci Ritz de Sousa, Diva Cavalcanti Portela, etc.; mais “Conselhos”, “Breves notícias”, “Leilão” e notas soltas.

Não restam indícios do prosseguimento (**Bib. Púb. Est. e Arq. do Coleg. Agnes**). (1)

A MIMOSA — Órgão dedicado aos amáveis fregueses d'A Mimosa — Publicação mensal (inexistentes comprovantes das duas primeiras edições), circulou o n.º 3 em junho de 1923, obedecendo ao formato de 24 x 15, com doze páginas a duas colunas de composição. Responsável — Abrahão C. Alliz, então gerente do armazinho, com redação à rua Duque de Caxias n.º 355. Distribuição gratuita.

Edição extraordinária, ocupou ponderável espaço uma série de sortes para as noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, em versos de sete sílabas. No mais, colaboração literária de Olga Galvão, poesia de Abrahão e reclamos do estabelecimento comercial.

(1) Coleções desfalcadas.

Seguiu-se a publicação até o n.º 7, de quatro páginas, datado do mês de outubro, quando ficou suspensa, segundo esclareceu uma nota final (**Bib. Púb. Est.**). (1-A)

Algum tempo decorrido, ressurgiu **A Mimoso**, cujo n.º 10, contendo quatro páginas, foi registrado pelo **Jornal do Commercio** de 8 de março de 1924.

O BOLICHE — Livro de Sortes — Foi dado à publicidade nos primeiros dias de junho, contendo 130 páginas, nitidamente impressas em papel **couché**, e capa artística, “representando um salão de boliche com todo o pessoal a postos”. Texto “dos mais atraentes”, dele constava: “Os boliches”, de **Chico Boia**; Sortes, em versos, para ambos os sexos, compreendendo 14 assuntos; escrínio literário, onde se encontram poesias, contos, curiosidades e humorismo; “Poesia a vapor” e a “Arte de Fazer Versos”; “O Oráculo”, célebre livro dos destinos de Napoleão; a “Arte de Fazer Perfis de Senhorinhas” e outras interessantes variedades”. Custo do exemplar — 3\$000 (**Jornal do Commercio**, 7/6/1923).

O PAVÃO — Livro de Sortes — Apareceu repleto de “pilhérias familiares próprias para ser proferidas nas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro”. Além “das quadras especiais para os folguedos dessas noites”, havia “diversos clichês, colaboração em prosa e verso, chistes, etc. (**Jornal do Commercio**, 15/6/1923).

HYDRO-AVIÃO — Outro Livro de Sortes posto em circulação, teve como redatores **Dr. Sacatrapo** e **Sabe-Chão**. Continha “variedades em literatura, poesia, charadas, anedotas, contos, etc.” (**Jornal do Commercio**, 22/6/1923).

A SEMANA — Órgão da Classe Estudantina de Pernambuco — Literatura, Arte, Moda, Crítica, Sport e interesse da Classe — Apareceu no dia 20 de agosto de 1923, formato de 32 x 23, com dez páginas, inclusive capa, a matéria em quatro colunas de composição. Direção de M. Cordeiro; redatores — Oscar de Moraes Cordeiro, Ecila Socorro, J. Toscano de Brito e Cerquinho Nunes; colaboradores — “todos os professores das nossas escolas, jornalistas e estudantes”. Impresso

na Tipografia Chaves, à rua do Rangel n.º 96, montou redação à rua Augusta n.º 603, 1.º andar. Assinatura semestral — 7\$000; número avulso — \$300.

Em nota de apresentação, dizia militar “dentro dos limites do critério reto e severo da crítica em todas as suas modalidades e desdobramentos”.

Constou da primeira página clichê do Colégio Santa Margarida. Inseriu produções literárias de Heloisa Chagas, João Barreto de Meneses, Doralice de Barros Correia, Cerquinho Nunes e Gouveia de Albuquerque. Boa quantidade de anúncios. Não há notícia de ter prosseguido (**Bib. Púb. Est.**).

A SERPENTE — **Semanário de SEM** — Entrou em circulação a 5 de setembro de 1923, obedecendo ao formato de 23 x 16, com 20 páginas, impressas em bom papel, inclusive a capa. Redação à rua 15 de Novembro (atual do Imperador) n.º 145 e trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Preço do exemplar — 400 réis.

Constava do editorial, intitulado “Na porta da rua”: “... iniciamos hoje a publicação d’ **A Serpente**, a famosa heroína da legenda bíblica, que, por haver feito tanto mal à humanidade, com a história da célebre maçã, vem agora reparar a sua grave falta, trazendo a essa mesma humanidade sofredora farta messe de alegria, alegria que é vida, alegria que é saúde, alegria que é felicidade”.

Revista essencialmente dedicada à verve, ao bom humor, bastante ilustrada de desenhos em zincografia, às vezes enveredando para o fescenino, **A Serpente** seguiu jornada regular de “semanário humorístico e noticioso”. Ao atingir o n.º 11, de 14 de novembro, o cabeçalho exibiu: “Propriedade de Armando Oliveira. **Sem** diretor, gerente, noticiarista, repórter, etc. (**Sem** era o mesmo Armando).”

A matéria divulgada constituía-se de contos, crônicas, teatrics, epigramas, poesias; versos em caçanje, sob o título “Da Capitá prô Sertão”, assinados, alternadamente, por **Fredegonda Catolé** e **Mané Lope Cavaigante**; concurso de respostas a prêmio; “Palpites da semana”; “Encrenca bestunto”, de charadas, a cargo de **Hércules**; “Galhofas”; “Registo Elegante”, por **Xico Dunga**; “Na esquina da Lafaiete” e... anúncios.

Os colaboradores raramente apareciam sem travesti. Eram eles: **Mário Elias Leal, João Ratão, Márcio, Símplicio Júnior, Jota Só, Ziul, Cláudio Gil, Sá Pato, Dom Fuas, Jacinto do Prado, Beiro Júnior, Pharos, Florestam, André Brum, Sá-Poti** (Pedro Lopes Júnior), **Cavador, Rialto** (Edgar Barbosa de Barros), **Esdras Farias, Lauro Sílvio e Alves Barbosa** (Severino), o dos contos em versos, sendo mais constantes e mais bem humoradas as produções de **Armando Oliveira**, o impagável **Sem**. Capas sempre ostentando **charges** expressivas.

Encerrado o ano, **A Serpente** penetrou 1924 ao divulgar o n.º 18, de 15 de janeiro, o formato um pouco majorado, mas transformado o magazine em quinzenário, passando à média de 30 páginas, em papel comum. Adotou novo programa, a saber: "contos, poesias, novelas de ação intensa, informações científicas, crônicas de atualidades, anedotas, modas e elegância, noções de História, curiosidades, teatro, desportos, contos para crianças, etc".

Entre as recentes seções, salientavam-se: "Recreio Infantil", com historietas em quadrinhos, por **Sem**; "Grafologia"; "Espírito alheio" e "Sapiência culinária". Outros colaboradores: **Chagas Ribeiro, Leovigildo Júnior, Max Beller, Job Leão**, o do "Registo Elegante"; **Misael de Melo, Enéas Alves, Lize Fleuron e Batelão** (pseudônimo de José Alvarenga).

Encerrou-se a publicação com o n.º 26, de 15 de maio de 1924 (**Bib. Púb. Est.**).

O COMBATE — Órgão defensor do Caixeirato Pernambucano — Publicação quinzenal, saiu o n.º 1, ano I, a 16 de setembro de 1923. Diretor — **G. Thompson**. Redatores — **Mavignier Bittencourt e Fernando Burlamaqui**. Redação: rua Pedro Afonso (atual da Praia) n.º 183. Preço do exemplar — \$200.

Do Expediente constava: "Não aceita assinaturas, não devolve autógrafos, não diz mal da vida alheia, nem tão pouco silencia ante perseguições que porventura osem fazer-lhe. A sua missão única é defender os interesses da classe caixeiral de Pernambuco, até hoje por toda a imprensa esquecida".

De formato regular — 32 x 23, em três colunas, com quatro páginas — o terceiro número (faltam mais dados sobre os dois primeiros) circulou a 19 de outubro de 1923, homenageando o prefeito Antônio de Gois, com o respectivo clichê, na primeira página, ao ensejo da data do primeiro aniversário de sua gestão. Na segunda metade da mesma página, exibiram-se “Os fazedores d’**O Combate**”, em clichês individuais. Teve a colaboração, em versos, de João Aurélio e Honorina Pessoa, além de artigos de Lúcio de Andrade, Pedro de Oliveira, Luiz Coimbra e outros, a par de comentários e noticiário.

Depois, acrescentou ao cabeçalho: redator-chefe — Antônio Carvalho; redator-gerente — Gentil Gomes. O número 6, com quatro páginas (provavelmente o último) tem a data de 12 de janeiro de 1924.

Bateu-se **O Combate**, valentemente, pelo fechamento do comércio às 18 horas (**Bib. Púb. Est.**). (1)

SAÚDE E ASSISTÊNCIA — Órgão do Departamento de Saúde e Assistência — Editado pela Inspeção de Estatística, Propaganda e Educação Sanitária, surgiu em setembro de 1923, circulando regularmente, pelo espaço de três anos. Apresentou-se em bom formato de 44 x 27, com quatro páginas a três colunas de 16 cêrcos.

Divulgava conselhos de saúde e higiene e artigos esclarecedores do perigo das contaminações, acompanhados de gráficos, sendo cada primeira página ilustrada com desenhos da autoria de J. Ranulfo, todos dentro do programa de extermínio dos vícios que provocavam enfermidades.

Impresso, algumas vezes, em papel **couché**, publicou-se, nos dois primeiros anos, mensalmente, terminando trimestralmente. O último número conhecido é o 32/34, datado de julho/setembro de 1926 (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DO NORTE — Semanário Ilustrado — O n.º 1, ano I, circulou no dia 8 de outubro de 1923, formato de 24 x 15, com 14 páginas de papel assetinado e capa em **couché**,

(1) Avistados apenas, os n.ºs 3 e 6.

ilustrado o frontispício por Manuel Bandeira, que apresentou retrato, a cores, do ministro Oliveira Lima. Diretores proprietários — José Maria de Albuquerque Melo e Amaro B. de Albuquerque Melo. Assinaturas: ano — 20\$000; semestre — 10\$000; Preço do exemplar — \$400. Trabalho gráfico da oficina d' **A Tribuna**, à rua da Aurora n.º 197.

Longo editorial de abertura focalizou o desenvolvimento do periodismo brasileiro e a necessidade da multiplicação, país a fora, das publicações votada à história e às artes, assim como a irradiação do progresso em Pernambuco, frisando:

“Reviver as páginas sugestivas do nosso passado, estudando homens e fatos de nossa história, eis um dos pontos principais do programa da **Revista do Norte**. Em artigos cuidadosamente ilustrados, iremos reproduzindo também o que de mais valioso e interessante possuímos em matéria de arte antiga e moderna.

“Sempre acompanhados de contos, notas e narrativas, silhuetas de coqueiros, de caiçaras e de velas arrojadas ao mar, de vaqueiros ousados e de cantadores, cenas típicas da natureza e vida pernambucana ilustrarão constantemente as páginas desta revista”.

“Páginas de caricaturas, de humorismo, de **sports**, de comentários e de atualidades serão também assiduamente publicadas”.

O sumário constou de produções, em prosa, de Oliveira e Silva, Oscar Mendes, Costa Monteiro e Domingos Olímpio e poesias de João Monteiro, Benedito Monteiro, Luiz Marinho e Rodovalho Neves; serviço de clichéria e alguns anúncios.

Por motivos “que não foi possível evitar”, retardou-se bastante a aparição do segundo número, só dado à estampa na 1.ª quinzena de janeiro de 1924. Passou, então, a quinzenário; acrescentou-se ao quadro de diretores proprietários o nome de João Monteiro, e a tabela de assinaturas ficou assim alterada: ano — 10\$000; semestre — 5\$000; trimestre — 3\$000.

O n.º 3 circulou na data certa; todavia, decorreram mais três meses para vir a lume o 4.º, na 1.ª quinzena de maio,

quando passou a ser confeccionado na tipografia adquirida por um dos diretores — José Maria, a princípio utilizando impressora manual. (1) Entretanto, só foi regularizada a circulação na 2.^a quinzena de outubro, com o n.º 5, para atingir o 7.º na segunda de novembro, aí terminando as atividades do ano.

Proporcionando edições de 22 a 24 páginas, as capas variando de ilustração, a **Revista do Norte** apresentava texto igualmente bastante ilustrado, ora de fotografias (efígies e aspectos da cidade), ora de desenhos e caricaturas da autoria de artistas categorizados, tais como: **V** ou Vitoriano Lima; **Zuzu** (José Borges da Silva); Manuel Bandeira, J. Ranulfo, Mauro, Manuel Caitano Filho, Luiz Soares, **Fininho** (Fausto Silveira) e Joaquim Cardoso; vinhetas de alto e pé de página e reprodução de telas de Franz Post.

Sem designação do mês, publicou-se o n.º 1 de 1925 — ano III — contendo 30 páginas de papel **couché** e **bouffant** especial, algumas ilustradas, como a capa, tendo o reverso em branco, por Odilon Tucuman, (paisagem), Neves Daltro (perfil-caricatura de Pedro Celso), Vitoriano (caricatura de Pereira Leça), Joaquim Cardoso (estudo em craion — Moça) e J. Carlos (caricatura de Edgar Altino) e fotografias da vida regional. Poucos trabalhos de literatura.

Depois circulou, obedecendo ao ritmo anterior, o n.º 2 (e último) do ano. A capa (Negro Velho) deveu-se a Neves Daltro, aparecendo também páginas de M. Caitano Filho (Remanescentes do Recife antigo), Manuel Bandeira (Aspecto de Olinda), Vicente do Rêgo Monteiro (A caça) e outros, além do serviço fotográfico.

Tendo como sub-título, igualmente ao ano anterior, "Aspectos da Vida Regional", a **Revista do Norte**, apresentando caprichoso feitio gráfico, surgiu, em 2.^a fase — n.º 1 — no mês de junho de 1926, tendo sido o segundo dos diretores substituído por Joaquim Cardoso. Adotou nova modalidade

(1) Num comentário dedicado à **Revista do Norte**, no **Diário de Pernambuco** de 30 de outubro de 1924, ressaltou o escritor Gilberto Freyre que a mesma era "composta e impressa pelo próprio diretor, com a paciência dum copista medieval".

de assinaturas: série de doze números — 10\$000; de seis — 5\$000; preço do exemplar — 1\$000, achando-se a redação e a oficina, inclusive bem montada seção de gravuras, instaladas na rua Numa Pompílio (atual das Crioulas) n.º 536, em dependências da residência de José Maria. Ao pé da capa, ilustrada com alegoria de M. Bandeira, anunciava: “Em Suplemento — Informações gerais sobre o Brasil; notas sobre a vida hispanica”. A edição, de 20 páginas, circulou acompanhada de uma plaqueta com a conferência “A propósito de D. Pedro II”, de Gilberto Freyre.

Constou do editorial de abertura: “. . . a **Revista do Norte** aparece agora toda em letras de velho talhe, de firme e sincero aspecto. Quer continuar um trabalho interrompido, uma ação tradicionalmente ligada ao nosso sentimento. E se enche e há de se encher de iniciais vermelhas, de vinhetas e de frontispícios, de cores e de linhas, de cajus e de coqueiros, de jangadas e de chapéus de couro e de capelas de engenho. A **Revista do Norte** quer fixar o ritmo do que vimos e fizemos, do que sentimos e havemos de sentir”.

Várias páginas foram dedicadas ao recente falecimento do intelectual Benedito Monteiro, com artigos-necrológicos de João Vasconcelos e José Maria; versos do extinto e o respectivo retrato, trabalhado por Cardoso.

Seguindo o luxo gráfico enunciado, saíram a lume mais duas edições em 1926: o n.º 2 em agosto — que incluiu longo estudo, vastamente ilustrado, “Sobre a pintura de Teles Junior” — e o 3.º em novembro, enriquecido com desenho inédito de De Garo.

Outra edição foi composta e impressa, abrindo o ano de 1927, mas não chegou a ser distribuída, por motivos supervenientes. Um único exemplar, brochurado, ficou com o hoje falecido poeta Manuel Bandeira.

Além dos nomes mencionados, o excelente magazine contou com a colaboração, bissexta ou única, de Austro Costa, Osório Borba, Enéas Alves, J. Carneiro Filho, Jarbas Peixoto, Manuel Caitano Filho, Semíramis Borba, com a seção “Femina”; Anísio Galvão, Agripino da Silva, Sadi-Garibaldi, Umberto Carneiro, Domício Rangel, Heloisa Chagas, Luiz

Delgado, Hercílio Celso, Gilberto Freyre, Joaquim Cardoso, Júlio Belo, João Vasconcelos, Samuel Campelo, Lauro Borba, A. Bandeira de Moraes, Domingos de Albuquerque, A. Alves Barbosa, Manuel Lubambo e Manuel Bandeira, o poeta.

Transcorreram quase 16 anos e a **Revista do Norte**, obedecendo ao sub-título "Literatura, História, Artes e Ofícios", direção única de José Maria de Albuquerque Melo, reapareceu (n.º 1, série III) no mês de abril de 1924. Redação-residência e oficina — rua Manuel Caitano n.º 74. Preço do exemplar — 5\$000. 60 páginas, em papel superior. A capa exibiu pequeno desenho, extraído de uma inicial da "**Missa in festo gaudiorum — B. V. M.**", autoria do Cônego Caitano da Silva, "calígrafo e decorador de livro", que foi estudado, no texto, por José Maria, incluindo seis páginas especiais de ilustrações. Na página de rosto figurou um clichê com as palavras: "**Spiritus Sancti Gratia Illuminet Sensus et Corda Nostra**". Três produções, apenas, completaram a edição: de Olímpio Costa Júnior ("Estintos aldeamentos de índios em Pernambuco"), Arnóbio Tenório Vanderlei e Willy Lewin.

O n.º 2 da série só saiu a lume em dezembro de 1944, com idêntica quantidade de páginas e os mesmos colaboradores.

Finalmente, circulou em outubro de 1947 o n.º 3, ainda com 60 páginas, papel de alta qualidade e, como sempre, excelente trabalho gráfico, transferidas a redação-residência e oficina para o n.º 42 da mesma rua. A edição foi inteiramente dedicada ao ex-diretor Joaquim Cardoso, em homenagem ao seu 50.º aniversário natalício, só divulgando poesias dele e, em reprodução, o estudo "Sobre a poesia de Teles Júnior" (**Bib. Púb. Est.**).

Não voltou a publicar-se a revista do professor José Maria, embora fosse ele proprietário de bem organizada tipografia, servida de seção de gravuras, por puro amadorismo.

PAZ E TRABALHO — Poliantéia comemorativa do primeiro aniversário do governo de Sérgio Loreto, circulou em outubro de 1923, formato de 32 x 24, com 262 páginas, no melhor **couché**, e capa em fino papel de cor, apresentando simbólica alegoria, encimada pelo título, feita a impressão, alvi-azul, em alto relevo. Trabalho gráfico da Imprensa

Industrial, de I. Néri da Fonseca, estabelecida à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) n.ºs 78/82.

Abriu o texto pequena nota de página, sob o título “A razão deste livro”, assinada por Manuel Gonçalves da S. Pinto, José Pessoa de Queiroz, José Marques de Oliveira, Bartolomeu Anacleto, José Valeriano Lobo, Eugênio Lauro de Almeida, Pedro Paranhos e José Tomaz Pinto Lapa. Dizia: “Dentre as homenagens que hoje se tributam ao Exmo. Sr. Dr. Sérgio Loreto, esta se há de ter por uma manifestação da inteligência e do civismo, porque, tratando dos atos do seu governo, onde se vai elaborando o futuro econômico de Pernambuco, em verdade, conjuntamente ao mérito dessa administração, se está fazendo obra patriótica da divulgação do nosso progresso. São tais os sentimentos de que nos fizeram depositários os 41 colaboradores desta publicação. E disso — que importa para nós em honroso mandato— nos desempenhamos com redobrado regozijo, na certeza de estar prestando à nossa terra um serviço de utilidade”.

Seguiu-se uma página com a bandeira de Pernambuco, nas suas cores próprias, saudada pelo Arcebispo Sebastião Leme. Após alentada descrição de Pernambuco, a cargo de Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, apresentou-se a página de honra: retrato do governador, no seu gabinete de trabalho. Os artigos de colaboração, daí por diante, entremearam-se de páginas com fotogravuras individuais dos altos auxiliares da administração, para terminar com exaustiva exibição no setor “Obras Públicas”.

Foram autores de trabalhos sobre Sérgio Loreto e seu governo: Gilberto Freyre, Estácio Coimbra, Sebastião do Rego Barros, Odilon Nestor, Otávio Peres, Alfredo de Moraes Coutinho, Samuel Hardman, Genaro Guimarães, Aníbal Fernandes, Carlos Rios, Gaspar Peres, Anísio Galvão, Antônio Inácio, Abelardo Alves Fernandes, M. J. da Mota Júnior, José de Sá, Ulisses Pernambucano, Franklin Seve, Mário Castro, Leovigildo Júnior, Edgar Altino, Fernando de Sá Eládio dos Santos Ramos, Xisto Vieira, José de Gois Cavalcanti, Eugênio Almeida, Cícero Brasileiro de Melo, Amaro Pedrosa, Agamenon Magalhães, João Augusto Falcão, Bartolomeu Anacleto, Tomaz Lobo, Otávio Hamilton Tavares Barreto, José Campelo, Antônio Pinto Lapa, Neto Campelo, Demócrito de Sousa, Eurico Chaves e Gastão França Marinho (**Bib. Púb. Est.**).

MAURICÉA — Artes e Letras — Entrou em circulação a 10 de novembro de 1923, obedecendo ao formato de 25 x 17, com 44 páginas de papel comum e assetinado e capa em **couché**, ilustrada, impressa a cores e com orelha, (uma novidade), aí inserido o sumário. Direção e propriedade de Joaquim Inojosa. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Commercio**, funcionando a redação na rua da Matriz n.º 146, 1.º andar. Assinaturas: anual — 15\$000; semestral — 10\$000; preço do exemplar — \$500.

A página de apresentação, encimada por fotografia de aspecto da cidade, constituiu uma exaltação à “Mauricéa, Venesa ideal do poeta! Cidade dos rios calmos e das planícies interminas”.

Bem feita e bastante ilustrada, seguiu-se a publicação da revista em datas indeterminadas, contendo matéria essencialmente literária, com a colaboração de Austro Costa, Araújo Filho, Odilon Nestor, Anísio Galvão, Armiragi Brekenfeld, **Aires Palmeira** (pseudônimo de José Augusto de Sousa), Sérgio Olindense, Jair Oliveira, Mário Sete, Silvino Lopes, Sadi Garibaldi, **Guido Cepadoglio**, Sílvio Rabelo, Dustan Miranda, Heloisa Chagas, Carlos Rios, Baltazar de Oliveira, João Pugliesi, Ascenso Ferreira, Velho Sobrinho, Zeferino, Galvão, França Pereira, Gois Filho, Lucilo Varejão, Maviael do Prado, Mário Porto, **Luiz de Marialva** (pseudônimo de Joaquim Inojosa), Antônio Inácio, Juanita Machado e outros; mais notas literárias da redação e a competente parte de anúncios.

Variando a quantidade de páginas, que antighiu 68 no n.º 3, dedicado ao Natal (excepcionalmente vendido a 1\$000 o exemplar), veio a circular o n.º 4 (e último) de **Mauricéa** no dia 21 de janeiro de 1924 (**Bib. Púb. Est.**).

O **GLOBO** — Jornalzinho manuscrito, publicou-se o n.º 1, ano II, em fins de 1923, redigido pelo ginasiano Edgar dos Anjos, “em caracteres de fantasia e de estilos variados”. Trabalho “bem acabado”, demonstrava “o espírito artístico do seu autor”.

O exemplar único foi mostrado à redação do **Floresta-Jornal**, de Carpina, que forneceu a notícia acima, em sua edição de 20 de janeiro de 1924.

1 9 2 4

DOM BIBAS — Revista de Crítica a Atualidades Carnavalescas — Entrou em circulação no dia 2 de março de 1924, concorrendo, segundo registrou o **Diário de Pernambuco**, “para o brilhantismo da literatura... cavadora”. Direção de Otávio Malta. Contendo quatro páginas, três e meia inseriam “bem feitos anúncios comerciais. No resto, piadas, chistas, sal de Momo, caricaturas, notícias, etc”.

REVISTA DE HISTÓRIA DE PERNAMBUCO — Publicação semanal, surgiu no princípio de março de 1924, formato de 23 x 16, com oito páginas de papel assetinado e capa de cor. Diretor-proprietário — Carlos Pereira da Costa, funcionando a redação na Avenida Rio Branco n.º 50, logo transferida para a rua da Imperatriz n.º 70, 1.º andar. Assinaturas: 48 números — 24\$000; para o interior e Estados — 30\$000. Número avulso — 1\$000; atrasado — 2\$000. Confecção da Tip. e Livraria Universal, de Eugênio Nascimento, instalada na Avenida Rio Branco. Tiragem: 500 exemplares.

Destinava-se, conforme o artigo de apresentação, do diretor, a publicar a obra geral do historiador Francisco Augusto Pereira da Costa, a começar pelos “Anais Pernambucanos”, considerado o trabalho de pesquisa mais completo sobre a vida do Estado, compreendendo o período de 1493 a 1850.

Teve seguimento normal a publicação, iniciada com a primeira crônica, datada de 4 de maio de 1493, transportando-se a matéria de edição para edição, sempre com oito páginas. A capa, ilustrada com emblema do Estado, substituiu-o, a partir do n.º 11, pequeno clichê de F. A. Pereira da Costa, que só permaneceu até o n.º 15, ocupando-lhe o lugar Manuel de Carvalho Pais de Andrade e, depois, personalidades vivas.

Do n.º 16 por diante, quando igualmente passou a imprimir-se na oficina d'A **Tribuna**, à rua da Aurora n.º 106, a revista tornou-se mensal, duplicando a quantidade de páginas e inserindo trechos de diferentes trabalhos do famoso historiador, tais como: “Pernambucanos célebres”, “Enciclopédiana Brasileira”, “Igrejas de Pernambuco” e “Dicionário de

Pernambucanismos”, continuando os “Anais” à guisa de folhetim, numeradas as páginas independentemente, em continuação à parte antes publicada.

Entretanto, era negativo o resultado financeiro e, para minorar a situação, o diretor-proprietário criou, na edição de agosto, de n.º 17/18, a seção remunerada “Municípios de Pernambuco”, ilustrada com fotografias. E assim circulou o n.º 19/21, correspondente aos meses de setembro e outubro, com retrato, na capa, do Governador Sérgio Loreto e um texto de 28 páginas. Terminou aí sua existência, ficando em meio a nota dos “Anais” datada de 27 de setembro de 1940, assim como outra, do “Folk-Lore Pernambucano”, intitulada “Superstições populares”. (V. pág.) (Col. Ol. Costa Jr.).

RUA NOVA — Arte, Literatura e Notícias — O primeiro número circulou a 7 de maio (1) de 1924, com a indicação: n.º 10, ano II, assim continuando a numeração d’**O Fogo**, a que substituiu. Formato de 26 x 16 e impressão da oficina do **Jornal do Recife**. Diretor-proprietário — De Sá Leal; redatores — Solon de Albuquerque e Amaro Pê Cavalcanti, funcionando a redação na rua Padre Nóbrega n.º 388. Assinaturas: ano — 7\$000; semestre — 3\$500. Preço do exemplar — 300 réis.

Comemorando, assim, o primeiro aniversário o magazine reuniu 60 páginas, empregando diferentes tipos de papel e estampando, na capa, retrato do Professor Sérgio Loreto Filho. O editorial, “Um ano de lutas”, ilustrado com clichês do pessoal da empresa, narrou a odisséia passada, para concluir: “Rua Nova, porém, é o mesmo **O Fogo**. O programa é o mesmo, obedecendo ao mesmo critério e à mesma orientação”.

A edição seguinte, datada de 22 de maio, apresentou-se como n.º 2, desprezada, portanto, a idéia de seguir a numeração anterior. Continuou feito quinzenário, alterando o subtítulo para “Revista de Artes, Letras e Notícias”, e Amaro passou a figurar, no cabeçalho, como ilustrador.

Com uma média de 40 páginas, algumas de anúncios, a revista inseria matéria mundana, variada, a salientar:

(1) Por engano tipográfico, a capa do magazine regista 7 de abril.

“Página feminina”, por **Madame Georgete**; “Da Imperatriz à rua Nova”, por Solon de Albuquerque, que aparecia como **D’Alb** em crônicas diferentes; “Graça, beleza, fealdade, elegância e maledicência da rua Nova”, por **João Paulistano** (pseudônimo de Alberto Carrilho); “Rua-Mulher — Seus gestos... seus sorrisos... seus perfumes...”, a cargo d’**O Príncipe das Estrelas**, ou seja, Esdras Farias, que utilizava, noutras produções, o próprio nome; “No Boulevar”, por **Crócio Rial**; “Gazeta do Velho Mundo”, por **Informador**; “Do elegante protocolo...”, reunindo o noticiário social, e “Ciência de Edipo”, sob a responsabilidade de **Batelão**, (pseudônimo de José de Melo Cunha Alvarenga). A assinatura anual logo subiu para 12\$000 e o número avulso para \$500.

Numerosos foram os colaboradores da revista. Apareciam, assinando prosa ou verso, Joaquim Inojosa, José Penante, Austro Costa, (2) Osvaldo Santiago, Raul Machado, De Sá Leal, A. Alves Barbosa, Gois Filho, Mário Sete, Lucilo Varejão, Araújo Filho, Luiz Delgado, Evandro Neto, Olavo Lopes, **Cê** ou Carmencita Ramos Cavalcanti, também com o **Romulo Romanoff**, na seção “Pas de Quatre”; Fausto Rabelo, Durval César, Fernando Burlamaqui, Amaro Pê Cavalcanti, João Pugliesi, Chagas Ribeiro, Amaro Abdon, Batista de Oliveira, Novais de Campos, Alves Pedrosa, **Zé do Norte** (pseudônimo de Alcides Ferreira), **João Ratão**, Enéas Alves, Heloisa Chagas, Dustan de Miranda, Paulo Geraldino, Arnaldo Lelis, Letácio Jansen ou **Oicatel**; Rodovalho Neves, Ascenso Ferreira, Samuel Campelo, José Mindelo, Armando Oliveira, Arlindo Figueiredo, Laudulfo Medeiros, De Matos Pinto (Francisco), Virgínia Vitorino, **Azulíneo** (seção) “Moderníssima”, José Ribeiro dos Santos, **João da Tarde**, João Monteiro, Eudes Barros, **João do Recife**, da Paraíba, com a seção “Bric-a-Brac”, **Mário Ribas** (de Timbauba), Pereira da Costa Filho, Paulo Fernando Dias da Silva, Natanael Marinho, Américo Falcão, Boulanger Uchoa, Stênio de Sá, Godofredo de Medeiros, Targino Filho, **Batelão**, **Petrus**, Anibal Portela, Rocha Ferreira, **João da Mauricéa**, Anísio Galvão, Armiragy Bræckenfeld, Leduar de Ascis Rocha, etc, todos de passagem, ora substituindo-se ora desaparecendo.

(2) Austro Costa, redator d’**A Pilheria**, publicou um poema na estréia da **Rua Nova** e desapareceu. Depois, entrava em polêmica literária com o **Príncipe das Estrelas**, a qual chegou a azedar-se, mas terminou sem outras conseqüências.

A 17 de julho deixava a redação Solon de Albuquerque, cuja crônica, "Da Imperatriz à rua Nova", passou a ter a assinatura de **Oicatel**; e, a 11 de setembro, via-se Osvaldo Santiago na função de redator-secretário.

A edição de 18 de outubro ostentou cem páginas de texto (50% de anúncios), comemorando o segundo aniversário do Governo de Sérgio Loreto, cujo **clichê** ocupou a página de rosto, seguido do respectivo panegírio. A par da colaboração assinada, divulgou a partitura musical do **fox-trot** "Rua Nova", oferta do musicista Nelson Ferreira, com letra de Osvaldo Santiago.

Ao findar o ano — n.º 17, de 24 de dezembro — afastando-se De Sá Leal, assumiram a direção e propriedade Osvaldo Santiago e Godofredo de Medeiros, ficando Esdras Farias (por um mês, apenas) no cargo de redator-secretário. Segundo o editorial de apresentação da nova fase, a revista continuava apoiando o governo estadual.

Na segunda edição de 1925, n.º 19, de 25 de janeiro, foi o formato ligeiramente aumentado, passando o trabalho gráfico a ser efetivado na seção técnica da Repartição de Publicações Oficiais. Os motivos da capa, a cargo de Amaro Pê Cavalcanti, modestamente gravados em madeira, foram substituídos por ilustrações expressivas, a cores, de autoria do pintor J. Ranulfo, só eventualmente variando com fotografuras.

Modificou-se o panorama intelectual, suprimidas as primeiras seções de mundanidades e alterado o corpo de colaboradores, enquanto as páginas principais se imprimiam em papel superior, utilizando diferentes tintas. Surgiram as notas de **Ninguém**, sob o título "Correio da Rua Nova", vindo depois "Foguetes e Foguetões"; os "Pedacinhos...", de **Vasco**; "De leve", por **João Glicério**; "Do alto da torre", por **Marcos Petrônio**; "Alfinetes", de **Silvestre Agripa**, também autor de poesias e que não era outro senão Adolfo Pereira Simões, "Para uma crônica fútil..." por **X.**; "Notas grafológicas", por **Suzi**; "Notas e Comentários", de **D. M.**, e "Correio Oedípico", começado na última edição do ano.

A par de alguns nomes já mencionados, a colaboração geral distribuiu-se entre Valdemar de Oliveira, Antônio

Fasanaro, Bastos Portela, Armando Goulart Wucherer, **R. Danilo** (pseudônimo de Arlindo Moreira Dias), o dos contos humorísticos; **Príncipe das Madressilvas**, Hermes Fontes, Alvaro Moreira, **Johanes Nemo** (pseudônimo de Nehemias Gueiros), Mavíael do Prado, Lincoln Néri, Alvaro Sodré, Djalma Trindade, João de Deus da Mota, Israel Fonseca, Gilliatt Schettini, etc. Mais a transcrição de contos e noticiário social, servido de regular clichéria.

Rua Nova também divulgava **charges** políticas, e nelas focalizou, sobretudo, o “coronel” Faria, diretor do **Jornal do Recife**, numa campanha de ridículo que empreendera contra ele.

Ocorreram modificações no corpo redacional. O diretor Godofredo de Medeiros pouco demorou no cargo. João Pugliesi figurou como redator-secretário durante os meses de abril e maio, após o que, permaneceu o diretor Osvaldo Santiago sozinho no cabeçalho.

A exemplo do ano anterior, o terceiro aniversário da administração Sérgio Loreto foi solenizado com edição extraordinária, n.º 39, que saiu a lume no dia 18 de outubro de 1925, contendo 112 páginas, metade em papel especial e metade em papel comum, de anúncios, afora a capa, no qual se estampou alegoria alusiva ao Trabalho e à Justiça, tendo ao centro fotografura do governador. Preço, também especial, do exemplar: 1\$500. Em meio à colaboração costumeira, viam-se produções originais de Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Leonor Pousada e Austro Costa; “Caretas” (bico-de-pena), e conto humorístico de **Arm. Colysio**, etc.

Mais duas edições, apenas, encerraram o ano, a última delas dedicada ao Natal. O primeiro número de 1926 foi o 42.º, de 9 de janeiro, prosseguindo, regularmente, cada quinzena. Ao atingir o 46.º, de 13 de março, uma página de encomios foi dedicada ao jornalista Carlos Rios, que assumia a direção da revista, na ausência temporária de Osvaldo Santiago, cujo nome permanecia no cabeçalho e logo voltou a seu lugar.

Rua Nova passou, então, a sair semanalmente, impressa na oficina do **Diário do Estado**, utilizando, ao mesmo tempo,

papéis **couché** e assetinado de primeira qualidade, elevando para \$400 o custo do exemplar. Foi como que uma fase nova iniciada, subindo para o cabeçalho dois outros nomes: Renato Vieira de Melo — redator-secretário; Moraes de Oliveira — gerente, este, porém, logo substituído por Solon de Albuquerque. Ocorreram novas seções, em consonância com o primitivo programa literário, social, noticioso, ilustrado, a saber: “A Semana Política”, de comentários; “Arte Cinematográfica”, a cargo de **Diretor de Cena**; “A Linda Página da Mulher”; “A Página das Crianças”; “Pelos Desportos”, sob a direção de Solon Sócrates Cabral de Moura, e uma página dupla, ao centro, de reportagens fotográficas.

Afora a produção de Osvaldo e Solon de Albuquerque, surgiam colaboradores esporádicos, outros voltavam, sendo principais **João-da-Rua-Nova** (Austro Costa), com a crônica, em versos, de duas págs., intitulada “Set-Flirt-Jazz-Footing”, depois substituída por “De Monóculo”; Esdras Farias, que também assinava a página “Vida Humorística”, aí usando o pseudônimo **Roberto do Diabo**; Virgínia Vitorino, poetisa portuguesa; Heloisa Chagas; V. **Magnólia**, autora da “Crônica da Semana”; Seve-Leite; Jason Bandeira, que era o mesmo **Tôrres-Mendalva**; José Leite de Almeida; José Mindelo; Juanita Borel Machado; **Silvestre Agripa**; Bastos Portela, Aníbal Portela, Celso Pinheiro, Inácio de Melo, Armando Goulart Wucherer, Altamiro Cunha, Stênio de Sá, também usando o pseudônimo A. M. C., ou seja, Abdias Cabral de Moura, que, assíduo, assinava o comentário “Cavacos”, depois “Comentos”; Antônio Marrocos, Maria Sabina de Albuquerque, Prado Kelly, Lucilo Varejão; X. P. T. O., o das notas “Visto, Ouvido... e Imaginado”; Silvino Lopes, Edésio Guerra; Flávio Doria, que vivia “Voejando”; **Falira** (Josefa Pereira de Lira Cavalcanti), Dourado Ferreira, Armiragi Breckenfeld, Píndaro Barreto; **Creusa** (pseudônimo da professora Ana Eufrásia Cabral de Moura); **Gracito**, autor das “Futilidades”; Bruno de Meneses, Gilliat Schettini, Cleofas de Oliveira, etc. Criam-se, ainda, as seções: “Ver, Ouvir e... Contar”, firmada por **Mário & Silla**, e, já no fim, “Informações”, a cargo de **Justino**, que não era outro senão Solon de Albuquerque. Capas em policromia, exibindo alegorias de J. Ranulfo ou **Belmonte** (pseudônimo do paulista Benedito Carrero de Barros Barreto).

Terminou **Rua Nova** com o n.º 75, de 9 de outubro de 1926, verificada uma nova alteração na equipe do cabeçalho: tinham permutado suas funções o gerente e o redator-secretário (**Bib. Púb. Est., Coleç. Abdias Moura, Bib. da Fac. Dir. — UFPE., arquivo de J. Soares e Bib. Púb. de Sergipe**) (3).

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA — Grande revista mensal do Rio de Janeiro, propriedade da Sociedade Anônima **O Malho**, com redação à rua do Ouvidor n.º 164. Diretores — Alvaro Moreira e J. Carlos. Gerente — Leo Osório. O n.º 46, ano V, circulou em junho de 1924, feito “Órgão do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano nas comemorações do centenário da Confederação do Equador”. Organizador da edição — Osvaldo Sousa e Silva. Preço do exemplar — 10\$000.

Reuniu 204 páginas em papéis **vergé** e **couché**, além da capa em cartolina especial e duas folhas diferentes contendo telas, em tricromia, superpostas, do Cardeal Arcoverde e da Batalha de Guararapes, trabalhos dos famosos pintores Rodolfo Chambelland e Victor Meireles de Lima.

Abriu o texto, sob o título “Este número”, a nota a seguir: “Pernambuco comemora, na data de 2 de julho, o primeiro centenário do movimento republicano conhecido na história pátria como Confederação do Equador — movimento elevado pelos princípios e pelos seus fins, movimento que tanto dignifica o espírito de liberdade do altivo Leão do Norte. Convidada pelo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, que é naquele Estado o guarda vigilante das tradições do nobre povo, para, associando-se à comemoração, dedicar um número a Pernambuco, a **Ilustração Brasileira** acedeu de bom grado a tão honrosa deferência, enviando a tempo, para o grande Estado do Norte, um dos seus redatores, a fim de organizar o presente número, em que, através da grandeza do passado da nova Lusitânia de Duarte Coelho, se reflete o progresso desse povo a quem o Brasil deve a sua unificação territorial”.

(3) Coleções incompletas, completando-se entre si, menos quanto aos n.ºs 41 e 42, jamais encontrados.

Seguiram-se: página de Joaquim Nabuco, intitulada "Recife"; páginas especiais de fotografias de autoridades públicas, a começar pelo governador Sérgio Loreto; secretariado do governo; Estácio Coimbra, vice-presidente da República; personalidades da Justiça, das letras, do comércio, da indústria, da sociedade; aspectos da capital; desenhos de pintores contemporâneos; notas históricas sobre a Confederação do Equador e sobre o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, documentação sobre serviços públicos e, na parte final, reportagens dos municípios e a parte de anúncios.

A colaboração, fartamente ilustrada, foi a seguinte: "Súmula histórica de Pernambuco", Mário Melo; "Se eu for para Pernambuco serei vítima", Adalberto Matos; "O aleijadinho da ocarina", Ademar Tavares; "A Imprensa em Pernambuco", Aníbal Freire; "Pernambuco", Osvaldo Sousa e Silva; "Pernambuco e a sua situação financeira", José de Gois; "As igrejas do Recife", redacional; "Tributo de sangue", Eusébio de Sousa; "Frei Caneca", Bianor de Medeiros; "Serenata", poema de 1860, de Manuel de Carvalho Pais de Andrade, neto; "A bandeira da Confederação do Equador" (póstumo), Alfredo de Carvalho; "O Recife" (póstumo), poema de Gonçalves Dias; "A velha e a nova mentalidade brasileira", Plínio Cavalcanti; "A Cidade", sonetos de França Pereira; página sobre a Academia Pernambucana de Letras; "Pernambuco e o problema sanitário do Nordeste", Amauri de Medeiros; "Frei Caneca", Mário Sete; "Aníbal Fernandes", Lucilo Varejão; "As artes em Pernambuco", José Campelo; "Lembranças da terra natal", Antônio Austregésilo; "A evolução da literatura em Pernambuco", Manuel Arão; "Pernambuco e o regionalismo nordestino", Morais Coutinho; "A revolução republicana de 1817", Vicente Temudo Lessa; "Alfredo de Carvalho", Umberto Carneiro; "O busto de um sábio" (Osvaldo Cruz), Odilon Nestor (Bib. Púb. Est. e Bib. Inst. Arq.).

O ATIRADOR — Órgão Oficial do Tiro Pernambucano 13 de Guerra Equiparado — Publicou-se em junho de 1924, conforme noticiou o **Jornal do Commercio** do dia 22, sob a direção de T. Vieira de Melo, secretariado por Antônio Marrocos. Edição única, inseriu "interessantes trabalhos em prosa e verso" e circunstanciado noticiário das comemorações do 16.^o aniversário da fundação do Tiro.

REVISTA DE PERNAMBUCO — **Ciência e Arte, Política e Indústria** — Começou sua existência de mensário no dia 2 de julho de 1924, obedecendo ao formato de 32 x 25, com 36 páginas de papel **couché**. Elaborada pelo corpo redacional do **Diário do Estado**, foi editada pela Repartição de Publicações Oficiais. Assinaturas: ano — 25\$000; para o Exterior — 30\$000. Preço do número avulso — 2\$000. A capa, em excelente cartolina branca, ostentou artística alegoria de Heiner Moser, a cores, em homenagem à Confederação do Equador, cuja bandeira se via erguida por Frei Caneca, este apontando a efígie da República, enquanto o saudava uma grupo de homens, e, à direita do primeiro plano, um trabalhador negro erguia o punho, cujas algemas quebrara.

Lia-se, na primeira página do texto: “**A Revista de Pernambuco** inicia, hoje, um serviço de publicidade tendente a dizer lá fora o que somos, o que valem os. Em tantos anos de existência política, sob o Império ou sob a República, nenhuma das nossas virtudes de trabalho, de organização e de vigor mental pôde fazer realce às somente conhecidas aptidões do povo guerrilheiro, audaz, excessivamente libertário e por isso mesmo inquietador e turbulento para a quietude e o marasmo da vida nacional”.

Mais algumas palavras e ressaltou o editorialista que, “entrado na posse definitiva de seus ideais”, o Estado iniciava “uma era de recomposição”, concluindo:

“**A Revista de Pernambuco** acha oportuno que essa nova fase, realizada por um programa de Paz e Trabalho, tenha um mais largo pregão, para que apresente lá fora, em todo o esplendor, as nossas virtudes de organização e de cultura, tão altas quanto o heroísmo e o vigoroso espírito revolucionário”.

Com algumas páginas de anúncios abrindo e encerrando a matéria, a edição de estréia da bem feita **Revista** — que prestou, no texto, nova homenagem à memória do mártir Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, divulgando-lhe a fotografia do busto existente no Instituto Arqueológico — inseriu vasta chacherie de obras realizadas pelo Estado e pela Municipalidade, acompanhada de notas elucidativas, a par de artigos assinados por nomes ilustres das letras indígenas.

Duplicando a quantidade de páginas, seguiu-se a publicação normalmente, obedecendo aos objetivos para que foi fundada, com capas sugestivas, nas quais o mesmo desenhista famoso focalizava as comemorações mais efusivas de cada mês, a saber: agosto — criação dos Cursos Jurídicos no Brasil; setembro — a Independência; outubro — Paz e Trabalho, **slogan** do Governo Sérgio Loreto, cujo segundo ano se solelizava; novembro — a República; dezembro — o Natal; e assim sucessivamente. Outras ilustrações, no texto, estiveram, ainda, a cargo de Moser.

Decorrido com a máxima regularidade, o primeiro ano do periódico, publicou-se o n.º 13, em julho de 1925, com 108 páginas (um terço de anúncios), comemorativo do evento, declarando o respectivo editorial:

“... a **Revista de Pernambuco** tem sido um arauto constante das belezas de nossa terra, do labor incessante dos seus homens e dessas tradições gloriosas que lhe grangearam o epíteto excelso de Leão do Norte”. E acrescentou:

“Vasto repositório de informações gerais do nosso Estado, desde a vida da capital à dos nossos mais longínquos municípios, desde o que há feito a iniciativa particular ao que vai criando a economia pública, mostrando ainda os nossos aspectos naturais, divulgando Pernambuco em todos os ramos de atividade, e preparando para o nosso Estado esse ambiente de admiração e simpatia através de tantas obras relevantes. **A Revista** tem logrado, por toda parte, a mais carinhosa acolhida dos amigos de Pernambuco”.

Concluiu com “a certeza de haver atingido a sua finalidade nessa fase de ressurgimento que bem se pode chamar de Renascença Pernambucana”.

Continuou a publicação, obediente ao programa inicial, com uma média de 80 páginas, vindo a tornar-se mais mundana e literária, com vasta documentação fotográfica dos acontecimentos da vida local e dos municípios interioranos, em artísticas montagens de página, a cargo do ilustrador Nestor Silva. E assim iniciou o terceiro ano de sua existência, para extinguir-se com o n.º 28, em outubro de 1926, precisamente quando findou a gestão do governador Sérgio Loreto.

Desde o início, a **Revista de Pernambuco** divulgava produções, em prosa, ora sobre assuntos administrativos, econômicos ou agrícolas, ora literários ou artísticos, assinadas por Andrade Bezerra, Sérgio Loreto Filho, Carlos Rios, Gaspar Peres, Fernandes e Silva, Ageu Magalhães, Samuel Hardcan, Joaquim de Arruda Falcão, Luiz Cedro, Alfredo Mauricéia Filho, Mário Sete, C. Oliveira Melo (ou Célio Meira), Armando Gaioso, Angaline Ladevése, Estêvão Pinto, Luiz Delgado, Umberto Carneiro, Barros Lima, J. A. Correia de Araujo, Valdemar de Oliveira, Armando Goulart, Joaquim Inojosa, Luiz da Câmara Cascudo, Lucilo Varejão, Leovigildo Júnior, Débora do Rego Monteiro, Anísio Galvão, Silvio Rabelo, Ildelfonso Falcão, Gois Filho, Eládio Ramos, C. Mairink de Andrade, Oscar Mendes, José Teófilo, Osiris Carneiro, Heloisa Chagas, Sá Leal, Paulino de Barros, João Cabral, Rocha Pereira, etc., e versos de Hercílio Celso, Osvaldo Santiago, Enéas Alves, Araújo Filho, Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, Gilliat Schettini, Anísio Galvão, Gois Filho, Alcides Lopes de Siqueira, Ulisses Lins de Albuquerque, A. J. Pereira da Silva, Lincoln de Sousa, José Mindelo, Durval César, Bastos Portela, Murilo Costa, Esdras Farias, Tomaz Pará, Campos Ribeiro, Stênio de Sá e outros. Além de Moser e Nestor, ilustravam páginas do texto. Jaime Oliveira, Pena, Cardoso, Joaquim e, já no último número, a “Empresa de Artes Decorativas”, que também desenhou a única capa não confeccionada pelo ilustrador oficial. Contou, também, com uma “Página de Recreio”.

Impresso, uniformemente, em papel **couché**, o magazine manteve, porém, a parte de anúncios em assetinado branco ou de cor, cujas páginas, bem numerosas, abriam e encerravam cada edição.

Foram principais redatores da **Revista de Pernambuco**: Sérgio Loreto Filho, Eládio dos Santos Ramos, Leovigildo Samuel da Silva Costa Júnior, Clínio Mairink de Andrade, Lucilo Varejão, José Eustáquio da Silva, Enéas Alves e Sá Leal, tendo como gerente Carlos Rios (**Bibs. Púb. Est. e Bib. do Inst. Arq.**).

O BRASIL LITTERÁRIO — Mensário de Ciências, Letras e Artes — Apareceu em setembro de 1924, formato de 22 x 14, com 66 páginas de papel comum e capa em **couché**. Direção de Romeu Avelar; redator — Oscar Moreira Pinto; secretário

— Filgueiras Filho. Redação à rua do Imperador n.º 221, 1.º andar, e trabalho gráfico da oficina d'A **Notícia**. Tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 6\$000; para os Estados — 15\$000 e 8\$000, respectivamente. Preço do exemplar — 1\$000; para fora — 1\$500.

Constou do editorial de abertura, sob o título “Livre crônica”: “Queremos trabalhar pelo engrandecimento das letras pátrias, pela dilatação dos belos pensamentos, dos surtos novos do espírito contemporâneo, afastados, porém, das contendas e guerrilhas literárias, sempre ridículas e inúteis, a fim de fazer sentir em todo o Brasil, como além do Atlântico, a produtividade do nosso esforço mental”.

Seria a revista, finalmente, “o propulsor de todo o movimento intelectual do Norte e do Sul do país”, pedindo para isto o concurso das “inteligências moças”.

Cumprindo o programa enunciado, seguiu-se a publicação, impressa, desde o n.º 2, na tipografia da Imprensa Industrial. Teve, nas poucas edições dadas a público, a colaboração, alternada, de Faria Neves Sobrinho, Lucilo Varejão, França Pereira, Mário Sete, Armando Goulart Wucherer, Portugal Ramalho, Álvaro de Carvalho, Ângelo Guido, Osório Borba, Letácio Jansen, dr. Lins e Silva, Célio Meira, Heloisa Chagas, Carlos Rubens, Mateus de Lima, Velho Sobrinho, dr. Sílvio Moura, Jarbas Peixoto, João Barreto de Meneses, etc. Adotara as seções “Movimento Literário”, “Pintura” e “Radioeletricidade”, esta a cargo de Oscar Moreira Pinto, que usou, inclusive, o pseudônimo **Oscar de Capanema**. Ocorriam, também, como era natural, várias páginas de reclamos comerciais.

A redação foi alterada no n.º 3, mediante a substituição do redator-secretário Filgueiras por Salgado Bastos.

Chegou ao fim **O Brasil Litterário** ao divulgar o n.º 4, correspondente ao mês de dezembro, somando as edições, numeradas seguidamente, 170 páginas (**Bib. Púb. Est.**).

SYLLOGEU — Órgão do Silogeu Machado de Assis, do **Ginásio Osvaldo Cruz** — Circulou, pela primeira vez, a 7 de setembro de 1924, formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Aos lados do título, as divisas “**Pro aris et focis**” e “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”, substituídas nas edições seguintes.

Justificando o aparecimento da folha, dizia a nota de apresentação: "Todo ser humano, toda associação ou coletividade precisa de ter um órgão pelo qual manifeste os seus sentimentos, exponha as suas idéias".

"Este pequeno jornal que hoje inicia a sua existência será, portanto, a nossa escola. Debaixo do pavilhão de nossa pátria, hoje em festa pela passagem do aniversário de sua emancipação política, havemos de sair vitoriosos na luta pela conquista do saber".

A edição de estréia exibiu, na página de frente, fotogra-
vura, em duas colunas, do diretor do Colégio, Aluísio Pessoa de Araújo, seguindo-se produções, em prosa e verso, assinadas por professores e alunos.

Sem periodicidade determinada, o segundo número publicou-se a 22 de novembro. O terceiro, abrindo o ano de 1925, saiu a 13 de maio. Passou a constar do cabeçalho: diretor — professor Aluísio Araújo; redator-chefe — Augusto de Almeida Oliveira. Ao n.º 4, de 2 de julho, sucedeu, a 7 de setembro, interessante edição de aniversário, com oito páginas, impressas em tinta de cor, aparecendo, na primeira, fotogra-
vura dos diretores do *Sillogeu* Machado de Assis. No n.º 6, de 15 de novembro, foi o redator-chefe substituído por Flávio Castelo Branco.

Os n.ºs 7 a 10 circularam em 1926, entre as datas de 6 de março e 7 de setembro (oito páginas). Correu, então, maior espaço de espera, até que veio a público o n.º 11, ano IV, no dia 7 de setembro de 1927, com o qual, segundo tudo indica, chegou ao fim da existência.

A par do noticiário especializado e de artigos assinados pelos diretores e redatores, *Sylogeu* divulgou colaboração de Ulisses Lins e Joaquim Dionísio dos Santos (poesias), professor Alberto Moreira, José R. da Fonseca, Rui Lucena, João C. Vasconcelos, José Guerra de A. Lima, José Crisanto, Xavier Morais, Rui Jorge, Artur Marinho, Luiz de Gonzaga Cavalcanti, Correia Neto (poesia), Neves de Araújo, Elsa Urquiza Valença, *Do Império*, Raimundo Coelho, João Rufino da Silva Melo e outros (*Colec. Aluísio Araújo e Bib. Púb. Est.*). (1)

(1) É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

A **IDÉA** — Saiu a lume o n.º 1 dessa nova revista, cuja capa exibiu ilustração da lavra de A. C. Propriedade e direção de Godofredo de Medeiros e Artur Lemos Filho. “Impressa a cores, em papel assetinado”, estampou “diversos clichês e trabalhos, em prosa e verso, de plumitivos conterrâneos” (**Diário de Pernambuco**, 2/10/1924).

A **CRUZADA** — Surgiu no dia 4 de outubro de 1924, com 22 páginas, para publicar-se mensalmente, na qualidade de propaganda da Cruzada Espírita Pernambucana. “Boa feição material e farta colaboração doutrinária e noticiosa”. Constava do editorial de apresentação: “Deixando a cada um dos nossos amigos e colaboradores a liberdade de suas opiniões nos detalhes de cada assunto, reservamo-nos o pensamento uniforme nas coisas de caráter coletivo, desde que não queremos considerar a nossa missão senão como uma cooperação de paz, de harmonia e progresso espiritual...” (**Diário de Pernambuco**, 5/10/1924).

O n.º 2 d’**A Cruzada** só foi dado à circulação um ano depois, segundo noticiou o diário **A Notícia** de 14 de outubro de 1925.

Em edição especial, apareceu o n.º 3, ano X, no dia 1 de outubro de 1933, formato de 33 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Aos lados do título, viam-se dois quadrinhos: no primeiro, a frase “Deus o quer”; no segundo, um pensamento de Allan Kardec. Diretor — Aluísio Santos Pereira; secretário — Joaquim Arcelino dos Santos; gerente — A. S. Queiroz. Redação na rua Filipe Camarão, n.º 44.

Conforme o artigo de abertura, manteria, no seu ressurgimento, o mesmo programa enunciado dez anos atrás.

Impressa em papel assetinado, utilizando tinta azul, a edição inseriu bastante matéria, doutrinária e noticiosa, incluindo as seções “Sementeira Evangélica” e “Bibliografia”, achando-se a colaboração a cargo de Djalma Trindade, Armando Costa, Bittencourt Sampaio, Beatriz Louvor, Edwige Lee e outros (**Bib. Públ. Est.**).

CORREIO DA TARDE (1) — Já com 14 anos de existência, transferiu-se de Maceió, Al., para o Recife esse órgão diário.

Publicou-se o n.º 1 da nova fase no dia 7 de outubro de 1924, sob a direção de Costa Bivar, tendo como redator-secretário José Penante e redator-gerente Fernandes Tavares. Com oito páginas, era “bem impresso, agradável aspecto material, noticiário abundante, clichês, colaboração, etc.

Constava do artigo de fundo: “Sem compromissos políticos nem ligações partidárias, não trazemos prevenções contra Roma nem contra Alba. Este jornal aqui surge pelo povo e para o povo, respeitando o princípio da autoridade como condição essencial para a boa marcha e harmonia das sociedades na sua estrutura e na sua ética indestrutível, interessando-se muito por todos os problemas vitais e agentes fomentadores do progresso e da grandeza de Pernambuco, a cujos destinos estamos desde agora vinculados pelo dever que nos impõe a acolhida generosa e boa com que fomos distinguidos pelo invicto povo pernambucano.

Também não nos anima o espírito de ódio contra os que nos perseguiram, violentaram e enxovalharam. Para eles o nosso perdão, o nosso esquecimento. Não esqueceremos, entretanto, a terra querida que lá ficou distante.

Com essas premissas, entramos reverentemente no grande palco da cultura impressa pernambucana, saudando, com efusão e cordialidade o nobre e culto povo de Pernambuco, sob cujos alevantados auspícios pretendemos ter a honra de mourejar”. (Notícia extraída do **Jornal do Commercio** de 9.10.1924, não existindo, nas bibliotecas locais, nenhum comprovante).

O FACHO — Órgão de Propaganda Colegista dos Auxiliares da Western Telegraph C.º — Circulou o n.º 1 a 15 de outubro de 1924, formato de 35 x 25, com seis páginas a três colunas de composição e as letras do título em tinta vermelha.

(1) O **Correio da Tarde** (primeiro com este título), fora omitido na relação do Vol. III, que faz o histórico dos diários do Recife do período de 1901 a 1954.

Redação à rua Coronel Suassuna n.º 659. Redator-chefe — Aristófanes Renan da Trindade; secretário — Juventino Lopes da Silva; gerente — Valdemar M. de Almeida. Mensário “lítero-social”, dizia o Expediente: “A redação d’**O Facho** publicará, depois de competentemente julgados, todos os trabalhos, em prosa ou verso, que lhe forem remetidos por seus assinantes”. Preço da assinatura anual — 8\$000.

Do editorial de apresentação, intitulado “Duas palavras”, constava o tópico a seguir: “Não delineamos programa. **O Facho** acolherá com carinho todas as idéias úteis. E os bons desejos que nos animam para o conagraçamento de todos sob o mesmo pálio; o desenvolvimento deste coleguismo, ainda de tantos tão mal compreendido; a aproximação destes irmãos do Sul — trabalhadores do mesmo ideal; o auxílio mútuo para o adestramento coletivo, todas as boas ambições que nos impelem são a melhor segurança da nossa vitória”.

A edição de estréia, a par de matéria assinada pelos redatores e o gerente, inseriu colaboração de Salatiel Esberard de Siqueira Costa, **Nicácio**, Augusto de Oliveira, **Dom Ramon** (pseudônimo de Lopes da Silva), **Heliotrope**, Franco Leal, **Comendador K. K.** e **Jeru-Salém**; as seções “Caixa” e “Diversas” e um balancete da Sociedade Beneficente dos Empregados da Western Telegraph.

Seguiu-se a publicação normalmente, no dia 15 de cada mês, tendo o redator-chefe e o gerente sido substituídos, logo no n.º, 3, por Salatiel Costa, uma vez que Aristófanes ia transferir-se para o Rio de Janeiro (o que não ocorreu), e por Carlos Afonso de Sousa Paraiso. Mantido o padrão inicial, abria cada edição uma coluna editorial, sem faltar noticiário ligeiro, epigramas e curiosidades. Ao número de colaboradores já mencionado, outros foram admitidos, como Luiz Vanderlei, Mário, **Dom Lacaio**, **Tomé Saboia**, Amaro Medeiros ou **Ama**, Baltazar de Oliveira, **Agno**, **Túlio Lavenere** (outro disfarce de Lopes da Silva, assim como **Don Bibas**), **K. Pinto**, Píndaro Barreto, J. S. Camerino, Diógenes, Mário Guimarães, **De Sade** e Bezerra da Cunha.

Não durou mais que um ano a existência d’**O Facho**, cujo último número, de 15 de setembro de 1925, estampou a nota abaixo, sua derradeira pá de terra: “Suspendendo, por tempo indeterminado, a publicação deste jornal, sua direção torna público que está satisfeito o compromisso assumido com os

seus assinantes, a quem agradece os amáveis incentivos” (Coleç. Sônia Costa).

A VERDADE — Órgão do Centro Cívico 6 de Setembro
Foi dado à circulação no dia 18 de outubro de 1924, em homenagem ao Governador Sérgio Loreto, por motivo do segundo aniversário de sua administração. Diretor — José Libânio Machado; redatores — João Barreto de Meneses, Otávio Coutinho e Buarque de Macedo. Impresso em papel assetinado, estampou alegoria, na primeira página, nela entrosados retratos do chefe do governo e de seus principais auxiliares, constando das páginas restantes vários clichês e artigos alusivos à data (Dados colhidos no **Diário de Pernambuco**, 19/10/1924).

A UNIÃO — Órgão do 1.º Ano Normal da Escola Normal de Pernambuco (1) — O primeiro número, Edição Especial, circulou a 18 de outubro de 1924, formato de 33 x 24, com quatro páginas. Editado pela Caixa Escolar, foi impresso na Repartição de Publicações Oficiais do Estado. Distribuição interna.

Lia-se no editorial de abertura, sob o título “o nosso programa — Inteligência e Coração”: “**A União** tem um programa tão modesto quanto saudável. Será nem mais nem menos que uma prova escrita dos nossos sentimentos cívicos. Órgão de solidariedade e propaganda escolar, terá cumprido os seus desígnios se corresponder ao orgulho com que nos proclamamos alunos da Escola Normal de Pernambuco”.

A edição de estréia constituiu uma homenagem ao juiz Sérgio Loreto, por motivo do transcurso do segundo aniversário de sua gestão no governo do Estado. Teve o caráter de poliantéia.

(1) “Além de controlados pela Diretoria, os trabalhos das alunas, publicados pela **União**, são revisados pelos professores de Português do Curso Normal. Tornam-se, por essa forma, lições práticas de redação e estilo, contribuindo para a maior eficiência do ensino daquela matéria” (exceto do capítulo “O jornal das Normalistas”, do livro “O ensino normal em Pernambuco — 1922/1926”, da lavra de José de Sá, secretário da Escola Normal e da Fiscalização do Ensino Normal em Pernambuco, publicado em junho de 1926).

Tendo mudado para “órgão do corpo discente”, seguiu-se a publicação, com oito páginas, mas circulando em datas muito distanciadas entre si. A par de comentários e noticiário específicos, contava com a colaboração do professor Pinto de Abreu, do jornalista José de Sá e dos alunos Hulmo Passos, Jeanete Almeida de Moraes, Anita Pais Barreto, Graziela Loio Duarte e outros. A primeira edição de 1925 saiu no mês de maio, quando comemorou o segundo ano da gestão do dr. Ulisses Pernambucano como diretor da Escola Normal.

Atingiu 1926, cuja edição de 1 de agosto foi a última encontrada (**Bib. Púb. Est.**).

MASCOTE — Revista Ilustrada Quinzenal — Saiu a lume em meados de novembro de 1924, obedecendo ao formato de 25 x 18, com 32 páginas, impressas em papel especial. Direção e responsabilidade de Aládio do Amaral; repórter fotográfico — Fausto Lins. Confeccionada em tipografia própria, funcionava a redação na Livraria Acadêmica, à rua da Imperatriz n.º 76. Assinaturas: série de 52 números — 25\$000; de 25 — 13\$000. Preço do exemplar — \$600; fora da cidade — \$700. Constatou do expediente o programa: “Artes, letras, variedades, informações, vulgarização científica, problemas nacionais, propaganda do Nordeste, atualidades. Desenvolvida parte de magazine. O útil ao agradável. Tudo para todos”.

Intitulou-se “384 palavras” a página de apresentação, assim terminando: “Eis-nos em campo, animosos, com um mundo de esperanças. A ponta do lápis está feita, a pena aparada, a kodak pronta e a bússola regulando. Sobra-nos vontade de trabalhar e vencer. Se o público nos prestigiar, esgotando-nos as edições, e se o comércio nos der a preferência de seus anúncios, iremos longe, realizando o grande milagre que outros, embora mais cheios de talento, não conseguiram realizar”.

Ainda uma nota: “**Mascote** não tem redatores, contando, no entanto, com a colaboração selecionada de intelectuais deste e de outros Estados”.

Revista atraente, graficamente bem trabalhada, impressão nítida, variando de cores, capas do desenhista Vitoriano Lima, servida de instantâneos fotográficos e ilustrações diferentes, ao mesmo tempo bem sortida de anúncios, marcou um tento, embora fugaz, na imprensa do Recife.

Sua matéria constituiu-se das seções “Etc., Etc., Etc. — Tudo em uma página”; “Vida internacional”; “Sociedade recifense”; “Mundo feminino”; “Vida frívola”, a cargo de **Élio**; “A página de Zé Povinho”; “Comentários e atualidades”; “Recife novo”; mais a colaboração de Faria Neves Sobrinho, Esdras Farias, Targino Amorim, **Dorina** (pseudônimo de Alice Pimenta), Píndaro Barreto, Carmencita Ramos, **Sônia** (como se ocultava Ester Azevedo), Enéas Alves, Célio Meira e Arnaldo de Paula Batista, algumas transcrições e raras notícias.

Três edições, apenas, de **Mascote** foram encontradas, a última das quais publicada na semana do Natal (**Bib. Púb. Est.**)

Entretanto, a publicação estendeu-se até o n.º 8, de 17 de fevereiro de 1925, registado, na mesma data, pelo **Jornal do Commercio**.

1 9 2 5

ALMANACH ILLUSTRADO PERNAMBUCANO — Edição correspondente ao ano de 1925, circulou com antecipação de dois meses, tendo como diretor Armando Oliveira. Escreveu, a propósito, a revista **Rua Nova**, de 6 de novembro de 1924:

“Com um belíssimo número de 150 páginas, inicia a sua vida esse novo confrade, que surge sob a guarda de honra do distinto e apreciado beletista pernambucano Armando Oliveira.

O **Almanach Illustrado Pernambucano** apresentou-se com uma feição sugestiva, atraindo a sua leitura não só os que apreciam a literatura leve das revistas elegantes, como também ao comércio e ao público trabalhador em geral”.

Ao que noticiou o **Diário de Pernambuco** de 8 de outubro de 1925, já se achava em circulação, nessa data, o n.º 2 do **Almanach**, referente ao ano de 1926.

ARCHIVOS DE MEDICINA DE PERNAMBUCO — **Publicação mensal** — Entrou em circulação no mês de janeiro de 1925, obedecendo ao formato de 23 x 15, com 74 páginas de texto, além de um Suplemento, a capa em cartolina de cor.

Diretor-científico — Adolfo Simões Barbosa; secretário — Alfredo de Moraes Coutinho; redatores — Gouveia de Barros, Castro Silva, Ulisses Pernambuco, Costa Carvalho, Amauri de Medeiros, Meira Lins, Lins e Silva, Armando Gaioso, Fernando Simões Barbosa, Artur de Siqueira Cavalcanti, Otávio de Freitas e Arsênio Tavares. Redação e administração à rua Barão da Vitória (atual rua Nova) n.º 193, 1.º andar. Assinatura anual — 20\$000; para o exterior — 25\$000. Preço do exemplar — 2\$000. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo n.ºs 78/82.

Segundo o artigo de apresentação, os **Archivos**, “nascidos de uma feliz convergência de propósitos, sem exclusivismo em idiosincrasias de grupos ou de pessoas”, pretendem “corresponder, em indole e oportunidade, a reais solicitações da nossa vida médica regional”.

Publicou-se regularmente, divulgando estudos e opiniões de caráter científico, assinados pelos redatores e outros médicos, às vezes contendo ilustrações; um Suplemento noticioso e a “Revista das revistas”, constituída de apreciações sobre livros publicados.

Circularam, durante o ano, doze edições, perfazendo, em numeração seguida, 240 páginas, mais CXIV correspondentes aos doze suplementos. Estes números foram reduzidos (na primeira parte) a 172 e CXIV, respectivamente, para as doze edições que, em continuação, se publicaram em 1926.

Partindo, ainda, de janeiro, até o mês de maio, saíram mais cinco edições em 1927, num total de 90 páginas, a fora LXIV dos cinco suplementos. Foi o fim.

Mantido o diretor científico, a revista chegou às últimas com seu corpo redacional acrescido dos seguintes nomes, todos de médicos: Raul Azêdo, Adalberto Cavalcanti, Armando Tavares, Jorge Lobo, Isaac Salazar, Arnaldo Marques, Andrade Médicis, Jorge Bittencour, Aguinaldo Lins, Ageu Magalhães, Avelino Cardoso e Mauricéa Filho. Castro Silva e Artur de Siqueira Cavalcanti apareciam como fundadores e diretores proprietários (**Bib. Púb. Est. e Bib. da Fac. Med.**). (1)

(1) É incompleta a segunda das coleções manuseadas.

O **CAMELLO** — Órgão do **Clube Carnavalesco Misto Camello de Campo Grande** — Saiu a lume no dia 22 de fevereiro de 1925, “bem impresso, em ótimo papel, contendo interessante matéria comemorativa do frevo” (Inf. do **Diário de Pernambuco**).

O **GETTONI** — **Revista Carnavalesca** — O n.º 1, ano I, foi publicado na mesma data do precedente, repleto de motivos folionescos em prosa e verso, à base do humor e da sátira (**Diário de Pernambuco**, 22/02/1925).

QUEM NÃO CHEIROU... LEVANTE O DEDO — Sem nenhum indício de edição anterior, publicou-se o n.º 2, ano II, no dia 22 de fevereiro de 1925, contendo 80 páginas a cores, sendo o trabalho gráfico da oficina d'A **Notícia**. Direção e propriedade de **Zé da Guila** (pseudônimo de Guilherme de Araújo. Tiragem declarada de 5.000 exemplares. Inseriu matéria variada, de caráter folionesco, entremeada de fotografias, **charges** e caricaturas, completando-a duas composições musicais carnavalescas: o **fox-trot** “D. Vitalina” e o tango “Quem não cheirou...” **Diário de Pernambuco**, 22/2/1925).

GAZETA ACADÊMICA — Órgão de publicação mensal, propriedade do Centro Acadêmico de Comércio Metódio Maranhão, surgiu no dia 30 de abril de 1925, bom formato de 45 x 31, com quatro páginas de cinco colunas. Redação à rua da Imperatriz n.º 67 e trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.ºs 45/47. Corpo redacional: diretor — José Simão Campelo; redator-chefe — Mário José de Assunção Lima; secretário — Cruz Ribeiro. Na gerência — Alberto Teófilo Braga. Assinaturas: anual — 2\$000; semestral — 1\$500; trimestral — 1\$000. Número avulso — \$200.

Segundo o artigo de apresentação, a folha aparecia “no cenário da imprensa brasileira por uma necessidade de ordem social, para defender e definir os interesses da mocidade estudiosa e incentivar-lhe os gostos e a pendência para as coisas elevadas e que mais de perto se relacionam ao espírito”.

Seu programa era “liberal, afastado de todos os preconceitos, procurando o colocar bem alto o nome das classes estudantinas, a cujo futuro se prende o destino do Brasil”. Respeitaria todas as convicções e acataria os credos religiosos.

A edição de estréia inseriu discurso, clichê e relatório do diretor da Academia de Comércio de Pernambuco e patrono do Centro Acadêmico; noticiário especializado e produções literárias de Félix de Sá, Augusto de Sousa Bandeira, Virgílio Aragão, Luiz de Araújo Farias, Euclides Gonçalves e outros. Sobre o tema "L'instruction", escreveu, em francês, o professor Charles Koury.

Embora faltem comprovantes das edições seguintes do ano, a **Gazeta** atingiu o n.º 4 no mês de julho, conforme registo do **Diário de Pernambuco** de 5 de agosto.

Reapareceu — n.º 1, ano II, — a 30 de abril de 1926, juntando ao cabeçalho: "Mensário de circulação no período letivo". O corpo redacional estava assim constituído: diretor — Antônio Ramos de Azevedo; redator-chefe — Alberto Teófilo Braga; secretário — Everardo Breckenfeld, passando Cruz Ribeiro para a gerência. Assinatura anual — 5\$000. Exemplos: do ano — 1\$000; ano anteriores — 2\$000.

A edição, com dez páginas em papel róseo, já incluindo anúncios, solenizou a entrada no "seu segundo ano de existência", frisando num tópico do editorial de abertura: "Diferentemente do que acontece com os homens, a velhice, para um jornal, se torna elemento de vida, de combate e, coisa interessante, de mocidade também".

Seguiu-se a publicação da **Gazeta** regularmente, com seis páginas, até o n.º 5, e depois com quatro, exibindo colaboração assinada; perfis; "Notas sociais"; clichês e noticiário das atividades centro-acadêmicas.

Atingindo n.º 7, de 31 de outubro é último do ano, ocorreu nova alteração no corpo redacional, que passou a ser o seguinte: diretor — Virgílio Aragão; redator-chefe — Jaime Vieira; secretário — Antônio Almeida. Novo gerente — Marciel Costa.

Recomeçou no dia 13 de maio de 1927, com o n.º 8, ano III, então substituído o redator-secretário por Déllio de Oliveira Coragem, (faltam os seguintes... ou ficou suspenso?)

Comprovantes de 1928: n.º 2, ano IV, de julho (6 páginas), e n.º 3, de agosto (4 páginas). Formato aumentado de cinco centímetros, a seis colunas de composição.

Nenhuma menção do corpo redacional nos dois últimos números. Colaboração de Antônio Cavalcanti, **Dhoc**, Da Silva Costa, **Bolearis III**, artigos de redação, noticiário, discursos e anúncios.

Reapareceu — ano V, n.º 1 — em junho de 1929, com seis páginas de cinco colunas, como sempre divulgando boa matéria editorial, artigos assinados por Jehovah W. Rocha, M. G. de Sousa Lima e Afonso Bezerra; versos de Salatiel Costa e Luiz Wanderlei; “Reflexões e Observações”, de **Dhoc**, e crônica de **Bio**.

Não voltou a circular, senão dois anos depois, precisamente no dia 21 de agosto de 1931. Jinha, então, como diretores Antônio Cavalcanti, Severino Mazar e Argemiro Lins, sendo gerente Alonso Costa. Colaboração de J. C. Valença, Orlando Passos, Godofredo Revoredo e professor José Burlamaqui, que manteve a seção “**Through my Consulting Office**” (Consultório da língua inglesa). A segunda edição saiu a 20 de setembro, após o que ficou suspenso.

Ainda como “mensário de circulação restrita ao período letivo”, reapareceu, “após um longo período”, em agosto de 1936 — n.º 1, ano XIII — tendo como diretores Júlio de Barros e Silva, Clodoaldo José da Anunciação, José de Oliveira e Silva e Antônio Lobo de Miranda. Colaboração de Durval César, Artur Seabra Nogueira, S. Moura, Hildebrando de Gusmão e Silva, etc. Matéria variada. A segunda edição do ano saiu em setembro.

Voltou em agosto de 1937, com o n.º 1, ano XIV, sob a direção de Lourival de H. Beltrão e José Fragoço Filho. Colaboração de Daniel Ramos Pinto. Perfis de contadores. Findou aí a existência da irregular **Gazeta Acadêmica (Bib. Púb. Est.)**.

A **IDÉA** — **Semanário Independente, de Literatura e Artes** — “Jornalzinho bem feito”, com redação em Tejipió, surgiu em dia da segunda quinzena de maio de 1925. Diretor — Edmar de Oliveira; redatores — Estêvão Ribeiro e Nelson Ávila. Foi “impresso em papel assetinado, dispondo de apreciáveis trabalhos em prosa e verso”, clichê, etc. (**Diário de Pernambuco**, 27/5/1925).

Prosseguiu a publicação, pelo menos até o n.º 3, noticiado pelo mesmo **Diário**, em sua edição de 5 de agosto.

BOLETIM MENSAL DA ARCHIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE — Órgão oficial do Governo Metropolitano. (1) Entrou em circulação no mês de maio de 1925, obedecendo ao formato de 22 x 15, com 16 páginas de papel assetinado e capa em cartolina de cor, ilustrando-lhe o frontispício o emblema arquiépiscopal, com a divisa "**Quis tu Deus**". Redator-gerente — cônego Euvaldo Souto Maior, funcionando a administração na Curia Metropolitana, Palácio de São José do Manguinho. Publicação na segunda quinzena de cada mês. Assinatura anual — 10\$000. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) n.ºs 78/82.

Ainda constava do expediente: "O **Boletim** será enviado a todos os R. R. Vigários, Curas d'Almas, Sacerdotes em uso de ordens, Fábricas de Matrizes, Diretorias de Casas e Colégios religiosos, Irmandades e Associações canonicamente aprovadas neste Arcebispado".

A publicação supria, conforme o artigo de abertura, a necessidade de um órgão autorizado, que transmitisse "ao Clero os decretos e decisões da Santa Sé e os atos e leis do Governo Diocesano", devendo "ser lido por todos do Clero secular e regular e ainda pelos membros das corporações e sodalícios religiosos". Publicaria os "casos de consciência", mantendo seção de consultas e proporcionando informações sobre a "vida diocesana em seus múltiplos aspectos".

Seguiu-se o aparecimento do **Boletim** cada mês, obedecendo estritamente ao programa enunciado. Com 16 páginas a princípio, a fora a capa, aumentou-as depois para 20, formando, em numeração seguida, um volume de 232 o primeiro ano, terminando com o n.º 12, de abril de 1926.

Circulando ano após ano, a partir de 1930 veio a alterar-se a periodicidade, variando entre mensal, bimensal e trimensal. O trabalho gráfico transferiu-se para a oficina

(1) Não consta da relação do Cônego Xavier Pedrosa in "Letras Católicas de Pernambuco".

do **Jornal do Comercio** em 1934, passando às d'A **Tribuna** em 1943.

Até maio de 1942 figurara no expediente o nome do Cônego Euvaldo Souto Maior, substituído, então, pelo Cônego Getulio Uchôa, este na qualidade de Administrador do **Boletim**. Só em 1948 foi elevado, para Cr\$ 20,00 o preço da assinatura anual.

O magazine católico oficial atingiu abril de 1951 regularmente, daí passando para o mês de dezembro. Em 1952 circulou, apenas, o n.ºs 1/2, datado de janeiro /fevereiro, correspondente ao ano XXIX, quando ficou suspenso (2) (**Bib. Púb. Est. (3) e Arq. da Sec. Arcebisado**).

VIDA FEMININA — Mensário de Letras, Modas e Assuntos Femininos em Geral — Surgiu datada de maio de 1925, formato oblongo de 18 x 24, com 28 páginas, inclusive a capa, toda em papel **couché**, impressa a cores. Diretores: Solon de Albuquerque e Severino Nicomedes Alves Pedrosa. Ilustrações de Amaro Pê Cavalcanti. Trabalho material da tipografia d'A **Notícia**, à rua da Aurora n.º 39, onde funcionava provisoriamente a redação. Assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 3\$000; número do dia — \$400; atrasado — \$500.

Dizia, em concisa nota de abertura, sob o título "O que será **Vida Feminina**", ter a presunção de preencher uma lacuna, pois o Recife, que acompanhava, "de perto, os surtos de progresso dos mais civilizados centros do país, ressentia-se de uma publicação que patenteasse o grau de cultura da mulher pernambucana, tratasse de modas, elegâncias, enfim, de tantos outros assuntos concernentes à sua vida feminina". Esperava contar "com a dedicação e a inteligência das distintas senhoras e encantadoras senhorinhas de Pernambuco".

Ilustraram a edição de estréia algumas fotografias do "belo sexo" e, em página de honra, uma da Sra. do Governador Sérgio Loreto. A par de noticiário social, inseriu colaboração de Heloisa Chagas, Olga Galvão, Angéline Ladevèse, Austro

(2) Só continuou em 1955.

(3) É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

Costa, Joaquim Inojosa, Dustan de Miranda, **João do Recife** (pseudônimo de Alves Pedrosa), S. A., Carmencita Ramos, Margot e Zezé Lindalva, em prosa, e sonetos de Edwiges de Sá Pereira e Gomes de Moura. Poucas páginas de anúncios.

Duas outras edições saíram a lume, nos meses de junho e de agosto, acrescentando ao número de colaboradores Enéas Alves, João Pugliese e outros. Foi o fim da **Vida Feminina**. (**Bib. Púb. Est.**).

A FOGUEIRA — Livro Familiar de Sortes. Artes, Literatura, Contos Humorísticos — Dedicado às noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, apareceu em junho de 1925, formato de 23 x 16, com 66 páginas de bom papel e capa ilustrada a caráter. Dirigida por **Zé Fogueteiro**, foi editado pela Tipografia Santo Antônio, à rua Duque de Caxias n.º 7, propriedade de Armando de Carvalho & Cia.

Vinha, consoante cocisa nota de apresentação, manter as tradições juninas, representadas, principalmente, pela fogueira.

Em seguida às séries de Sortes, a revista inseriu matéria variada, grande quantidade de transcrições e sonetos originais de Agra Dernelas e Luiz Vanderlei, tudo entremeado de reclamos comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

Publicou-se um segundo número d'**A Fogueira** em 1926, conforme o noticiário do **Jornal do Recife**, de 5 de junho.

O JORNAL — Órgão Independente e Noticioso — Começou a circular no dia 20 de julho de 1925, formato de 44 x 29, com quatro páginas de quatro colunas. Composto e impresso na oficina gráfica d'**A Notícia**, à rua da Aurora n.º 39, apresentou-se sob a direção de Epifânio Bezerra, substituído, logo na edição seguinte à de estréia, pelo comerciante Rodolfo Silva. Redatores — Luiz Ribeiro Pessoa, Paulino Costa, Abdenago de Araújo e Costa Pirro; secretário — Da Costa Soares. Tabela de assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 2\$500; trimestre — 1\$500 Preço do exemplar — 100 réis. "Semanário de grande circulação", destinou-se a sair às segundas-feiras.

Em sucinta nota de abertura, declarou a redação: "É um jornal livre, criado para o povo, sendo o seu programa intei-

ramente moldado nos interesses da coletividade”. E concluiu: “Defender direitos postergados, trazer a lume fatos que não devem ficar no olvido, pugnar pelas causas nobres — eis o seu lema”.

Periódico bem feito, publicou-se regularmente, começando com as seções: “Pela Medicina”, a cargo de **Hipócrates**; “Coluna espírita”, assinada com a inicial **P.**, e “No mundo e pelo mundo”, crônica de L. R. P., também autor do folhetim “Cenas de Boa Viagem” (romance pernambucano). Vieram depois: “Mastigando”, romances humorísticos de **Projoy Horã**; “Página feminina”, por **Clélia**; “A semana”, crônica de Abdenago de Araújo, etc. Teve, mais, a colaboração de Júlio Pires Ferreira, Raul Azêdo, Luiz Passos, Murilo Costa, Augusto Andrade e Enéas Alves, os quatro últimos fornecedores de poesias.

A partir do n.º 8, de 7 de setembro, edição em homenagem à independência do Brasil, **O Jornal** adotou formato grande, páginas de seis colunas, para melhorar o noticiário, às vezes ilustrado de fotografuras, no qual se incluía “No mundo dos desportos”; o serviço telegráfico e a parte de reclamos comerciais, sempre crescente. E duplicou o preço das assinaturas.

Nada obstante, foi curta a existência do semanário, cujo último número, o 10.º circulou no dia 21 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

DIREITO E COMMERCIO — Publicação Mensal — Saiu o fascículo I, vol. I, em agosto de 1925, obedecendo ao formato de 23 x 15, com 60 páginas de papel assetinado e capa em cartolina de cor. Direção de Orlando de Aguiar; redator-chefe — Artur Marinho; secretário — Alberto Aguiar. Assinatura anual — 24\$000. Preço do exemplar — 2\$000. Redação à rua Duque de Caxias n.º 119, 1.º andar, e confecção do “A B C Gráfico”, situado na rua das Flores n.º 117.

A página de rosto prestou homenagem, ilustrada com clichê, ao Desembargador Antônio da Silva Guimarães, presidente do Tribunal de Justiça do Estado, seguindo-se, no reverso, as respectivas notas biográficas.

Constou do artigo de apresentação: “**Direito e Commercio** é criação inspirada pelo desejo de servir à clássica cultura do

Direito na terra pernambucana e de catalogar, metódica e racionalmente, a vida comercial do Estado. Nela serão estudados e resolvidos temas de relevo jurídico e judiciário”; “magnos problemas mercantis”; “o direito que disciplina e o comércio que é veículo de progresso”; “teses industriais, agrícolas, agrária e pastoris”.

Dividiu-se-lhe a matéria em três partes: “Jurídica”, contendo artigos de Hersílio de Sousa, Artur Marinho e Gondim Filho; debates no Superior Tribunal; comentários; jurisprudência; sentenças; palestras com o Professor Otávio Tavares; “Perfis na Justiça” e noticiário; “Comercial”; ser-vida de produções de Oton Linch Bezerra de Melo, Abelardo Alves Fernandes e Antônio Nemésio; comentários diferentes e início da transcrição do “Código Comercial”, e “Outros assuntos”, na qual apareceram Oscar Brandão e Artur Marinho, terminando com algumas notícias. Só ocorreram anúncios nas páginas inferiores da capa (**Bib. Púb. Est.**).

O n.º 2, datado de setembro, saiu com 52 páginas, impresso na Tipografia Salesiana, repleto, como o precedente, de matéria especializada (**Bib. Púb. de Sergipe**).

Embora a inexistência de outros comprovantes, prosseguiu a publicação de **Direito e Commercio**, que atingiu o n.º 5 em abril de 1926, para chegar ao fim com o n.º 6, noticiado pelo **Jornal do Recife** de 5 de outubro.

A OCCASIÃO — Órgão Literário e de Idéias — Entrou em circulação a 11 de agosto de 1925, formato de 30 x 20, com 26 páginas, sendo 18 de papel assetinado, e 8 de papel comum, estas destinadas a anúncios, mais a capa, em **couché**, ilustrado o frontispício com fotogravuras de senhorinhas da alta sociedade. Diretores — Álvaro Palhano, Luiz Barbosa Passos e Rodolfo Silva, os dois últimos encarregados da gerência e da secretaria, respectivamente. Redação à rua Larga do Rosário n.º 235, 1.º andar, e trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Assinaturas: anual — 6\$000; semestral — 3\$000. Preço do exemplar — \$500.

“Como seu próprio título está a definir — lia-se na página de abertura — esta revista deseja ser um expoente das idéias que o progresso das letras e das ciências sociais impõe, no momento, ao estudo e ao exame dos que, pela sua cultura

e princípios, têm o direito de falar, discutir e guiar a grande massa confusa e anônima, por vezes heteróclita, que é isto que convencionou em chamar Opinião Pública”.

Noutro tópico: “Magazine que pretende ser o reflexo do que se pensa, do que se lê e do que os problemas atuais, científicos, literários e sociais sugerem aos espíritos cultos do seu tempo e do seu meio, dará curso, assim, a todas essas opiniões sinceramente emitidas...”

A **Occasião** seguiu sua meta, brilhantemente iniciada, dispondo de escolhida matéria, inclusive noticiosa, inserindo colaboração, em prosa, de Manuel Arão, Raul Azêdo, Estêvão Pinto, Luiz Delgado, João Barreto de Meneses, Renato Vieira de Melo, Elfego Jorge de Sousa, Tiago Vila Nova, Fausto Rabelo, Gil Campos, Arlindo Figueiredo, Rotílio Marinho, De Matos Pinto, Chagas Ribeiro, etc., e poesias de Luiz Ribeiro Pessoa, Oscar Brandão, **Rosália Sandoval** (pseudônimo da alagoana Rita de Abreu), Aníbal Portela, d. Augusto Alvaro da Silva (soneto inédito), Heloisa Chagas, Ulisses Lins de Albuquerque, Alcides Lopes de Siqueira, Enéas Alves, Armando Gaioso, Laiete Lemos, Pereira de Assunção, Didier Filho (Joaquim), também autor de crônicas por ele mesmo ilustradas; Valfrido Leonardo Pereira, o mesmo **J. Sério** das notas intituladas “Mixed Pickles”, além de outros, a fora as produções dos diretores, a salientar A. Palhano, com a série de artigos “A Chiromancia — seus erros, suas verdades”, e Luiz B. Passos, prosador, ilustrador e poeta, também aparecido com a assinatura **Sossopl** nos “Perfis & Perfídias”. Ocorriam ainda as seções “Nankins per... versos”, caricatura e epigrama; “**A Occasião** das graças”, de contos rápidos, às vezes assinados por **R. Danilo** (anagrama de Arlindo Moreira Dias); “A ocasião Social” e clichês de aspectos paisagísticos pernambucanos. Algumas capas eram desenhadas por J. Ranulfo. Mantida a quantidade inicial de páginas, os anúncios, que não foram poucos, acomodavam-se nas do princípio e nas do fim de cada edição.

A publicação, que era mensal, parou com o n.º 6, de 31 de janeiro de 1926 (**Bib. Púb. Est.**).

TORRE-JORNAL — Artes. Letras. Mundanismo — O n.º 1 saiu a 17 de agosto de 1925, formato de 33 x 24, com seis páginas a três colunas de composição. Constava do

Expediente: “Incentivar os novos da terra, aceitando de bom grado a sua colaboração, eis os propósitos do **Torre-Jornal**”. Diretores — J. Lira Junior, Stênio de Sá, Aníbal Portela e Antiógenes Cordeiro; secretário — Carlos Paiva, depois substituído por Constantino Caldas. Redação à rua da Conceição n.º 186, subúrbio da Torre. Assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 5\$000.

Impresso, quase sempre, com tinta azul sobre papel assetinado, às vezes ilustrado, o quinzenário teve existência mais ou menos regular. Mostrava-se repleto de literatura ligeira e mundana, a cargo dos diretores-redatores, incluindo a crônica social “**Ite, missa est...**”, a cargo de S. de S.; as “**In... discretas**”, sonetinhos de **João da Esquina**, e a “**Correspondência**”, por **Tesoura**. Acolheu, igualmente, produções originais de Luiz Teixeira, Osvaldo Santiago, Enéas Alves, Hulmo Zoroastro Passos, B. Cotrin, Zacarias Maial, Esdras Farias, Gil Duarte, Abelardo Silveira, Edésio Guerra e outros. Manteve um concurso para apurar qual “a mais bela da Torre”, que não chegou ao fim.

Ora com seis, ora com oito e uma vez com quatro páginas, maior ou menor a messe de reclamos comerciais, o **Torre-Jornal** atingiu o n.º 8 (e último) a 15 de novembro, sendo os três finais impressos no “**A B C Gráfico**”, de Carlos Pereira da Costa, já transferidas as respectivas instalações para a Praça Joaquim Nabuco n.º 159 (**Bib. Púb. Est.**) (1).

AREIAS-JORNAL — Hebdomadário Político, Matutino — Apareceu no dia 30 de agosto de 1925, formato de 40 x 27, com quatro páginas de quatro colunas, dizendo-se órgão do Centro Republicano de Areias e Peres. Diretor-proprietário — Francisco de A. Brasileiro; diretor-secretário — João Abrantes Pinheiro, funcionando a redação na Avenida Dr. José Rufino n.º 1372 (agência do Correio). Impressão do “**A B C Gráfico**”. Assinatura semestral — 4\$000. Preço do exemplar — 200 réis.

Destinava-se, consoante o editorial de apresentação, a irradiar, do subúrbio “aonde ergueu a sua tenda humilde”, a “palavra de ordem” do Governador Sérgio Loreto, cujo retra-

(1) Falta, na coleção manuseada, o número de estréia.

to figurou no centro da primeira página, seguido de comentários louvaminheiros.

A par desse pronunciamento, a folha transporta “as regiões da política partidária, como órgão informador”, não poupando empenhos e sacrifícios para nivelar-se aos melhores”. Sua reportagem penetraria “todos os sítios, todas as camadas, no papel do jornal honesto”.

De início, teve as duas páginas centrais repletas de anúncios, que ainda transbordavam para a seguinte.

De curta existência, contou com a colaboração de Durval César, Armando Goulart Wucherer, Bráulio Fernandes Tavares e Hamilton Ribeiro. A par dos editoriais de natureza política, divulgava notas ligeiras, “Carnet Social” e informações gerais.

O n.º 5, que foi o derradeiro dado a público, saiu no dia 7 de outubro (**Bib. Púb. Est.**). (2)

PINA-JORNAL — Verão de 1925 — Surgiu a 5 de setembro, formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas, impresso na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.º 47, em cujo escritório instalou a redação. Diretor — Elpidio Dias do Sacramento; redatores — Batista de Oliveira e Oscar Farias; gerente — Francisco Faria.

Lia-se no editorial de abertura: “A vida balneária, a estação que se inicia, o mundanismo da nossa principal praia de banhos, um pouco de elegância e de futilidade — eis o objetivo da **Pina-Jornal**”. E acentuou: “O Pina, aprazível praia de banhos de onde surgimos e onde circularemos, dada a ascendência extraordinária que está tomando sobre as outras estações balneárias, de que se servem as famílias da nossa capital, precisava de um jornalzinho como este, para defender-lhes os interesses, divulgar-lhe os surtos de progresso e da civilização”.

Apartir do n.º 2, o semanário teve oito páginas, estabelecendo o preço de 5\$000 por assinatura correspondente à estação e de \$200 por exemplar.

(2) Não avistados comprovantes dos n.ºs 2 e 4.

As edições manuseadas divulgavam matéria interessante, como requeria o caráter do jornal, inclusive trabalhos de literatura assinados por Severo Portela, Rotílio Marinho, **Marisco**, Chagas Ribeiro, **Chilon**, A. Monteiro e **Lúcio de Roberval**; noticiário; epigramas; ilustrações e farta mesa de reclamos comerciais.

Nada obstante a boa disposição do início, o **Pina-Jornal** ficou no terceiro número, dado à luz no dia 19 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

CINEMA — Entrou em circulação, “nas casas de espetáculo da cidade”, a revista de título acima, “mandada editar pela firma desta praça Fratelli Vita”. Fazia reclamo dos produtos da fábrica de refrigerantes e ocupava-se “do movimento cinematográfico, fazendo propaganda dos filmes das melhores empresas do gênero” (**Diário de Pernambuco**, 10/9/1925).

MAGDALENA-CHIC — **Bimensário de Artes, Letras, Mundanismo e Variedades** — Publicou-se o primeiro número a 14 de setembro de 1925. Diretores — Jason Bandeira, Oscar Sacramento, Manuel G. Santos e Elpídio Sacramento; redator-secretário — **Aires Palmeira** (pseudônimo de José Augusto de Sousa) (**A Província**, 15/9).

Jornalzinho de boa feição material, impresso em papel assetinado, circulou regularmente, até pelo menos o n.º 10, registado pelo **Jornal do Commercio** de 24 de janeiro de 1926.

CONCORDIA-CHIC — Surgiu no dia 17 de outubro de 1925. Escreveu a respeito, no dia seguinte, o **Diário de Pernambuco**: “É um jornalzinho de circulação para crianças e se diz turíbulo das garotas de São José”, tendo como redatores Aldo Castro, **Braz de Santilhana** (pseudônimo de Gildo Metódio Maranhão) e **Dandinho** (João Tavares de Andrade).

Entrou em circulação o n.º 2, noticiado pelo **Jornal do Commercio** de 4 de novembro, apresentando “seções de mundanismo, literatura e variedades”. Mas, o terceiro dos redatores foi substituído por Ariosto Dória.

POLYANTHÉA — Organizada pelos “funcionários das Obras Complementares do Porto, em homenagem à passagem

do terceiro aniversário do governo do eminente estadista dr. Sérgio Teixeira Lins de Barros Loreto”, circulou no dia 18 de outubro de 1925, com 84 páginas, inclusive capa, impressa em papel **couché**, formato elegante.

Grande fotogravura do Governador figurou no frontispício, abrindo o texto o editorial “O motivo desta **Polyanthéa**”, assinado por Maria Teresa de Magarinos Silva, Abelardo Montarroios, Marcelino Neto, Olavo Martins Mendes, Manuel do Rego Lins Filho e Antônio Barreto Gonçalves. Seguiam-se artigos, em torno das realizações da administração Sérgio Loreto, entre outros, de Bezerra Leite, Carlos Pereira da Costa, Oscar Melo, Dustan de Miranda, Célio Meira, Umberto Carneiro, Osvaldo Santiago, Abdias Cabral de Moura, Joaquim Inojosa, José Penante, Paulino de Barros, Mário Sete, Rodolfo Fuchs, José Estelita; transcrições; e poesias de Seve-Leite, Enéas Alves, Hercílio Celso, José de Quintela e Américo Moreira (**Bib. Púb. Est. e Bib. Est. de Sergipe**).

POLYANTHÈA — Editada no dia 19 de outubro de 1925, foi distribuída em homenagem ao padre João Olímpio, vigário da Piedade, por motivo do seu regresso da Europa e dos “lugares santos” que visitara (**Jornal Pequeno**, 20/10).

BOLETIM COMMERCIAL — Entrou em circulação, tendo como diretor Amaro Santos de Oliveira. Visava a “fornecer, mensalmente, dados estatísticos sobre o movimento comercial de Pernambuco, o que conseguiu, francamente, no seu primeiro número” (**Jornal do Commercio**, 26/10/1925).

O CENACULO — Órgão do **Cenáculo Pernambucano de Letras** — Circulou, pela primeira vez, no dia 26 de outubro de 1925, formato de 34 x 24, com 16 páginas a duas colunas largas de composição. Comissão de publicação: Oscar Montenegro de Farias, Odilon Vidal de Araújo e Pereira da Assunção. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Commercio**, à rua do Imperador n.º 346, e redação à rua Domingos Teotônio (atual das Calçadas) n.º 122.

Não adotou artigo de apresentação. Substituiu-o uma resenha das atividades do sodalício desde sua fundação, ocorrida precisamente um ano atrás, sendo a edição comemorativa da data. Seguiu-se a inserção de trabalho literários

dos associados, divulgando também o resultado do primeiro concurso de literatura, do qual saiu vencedor Chagas Ribeiro.

O n.º 2 publicou-se em dezembro e o 3.º em janeiro de 1926, tendo descido para oito a quantidade de páginas. Mais atas e pareceres a respeito das produções lidas no plenário e submetidas a concurso.

Nessa primeira fase, **O Cenáculo** inseriu trabalhos, em prosa e verso, dos seguintes associados: Otávio Xavier, Amaro Benício de Medeiros, Carlos Afonso, Chagas Ribeiro, Antônio Neto, Mário Elias Leal, Mário Guimarães, Djalma Farias, Salatiel Costa, Alfredo Mignac, João de Deus da Mota, Artur Pinto de Lemos Filho, Píndaro Barreto, Francisco Brilhante, Bento Maciel, Fernando Burlamaqui, Severino Tiné, Alfredo Afonso, Batista de Oliveira, Cruz Ribeiro, Daniel Câmara, Olegário Azevedo, Carlos Lopes, Odilon de Araújo, Pereira de Assunção, João Celso, Oscar Farias, Abel de Sá e Luiz do Nascimento, autor da conferência "O amor, as Mulheres, a Poesia", pronunciada a 4 de maio.

Ficou suspenso o jornal, em consequência, por sua vez, da suspensão das atividades do Cenáculo.

Decorreram dois anos. Reorganizou-se o sodalício e reapareceu, concomitantemente, o seu órgão de divulgação, de n.º 4, ano IV, dado à estampa no mês de maio de 1928. Adotou quatro páginas, amplo formato de 52 x 33, a três colunas largas, sendo impresso na oficina gráfica do **Diário da Manhã**. Comissão Redacional — Carlos Rios, Odilon de Araújo, Miguel Pereira de Sousa e Amaro Benício de Medeiros.

Abriu a segunda fase com palavras de apresentação, em manchete, assim resumindo o seu programa, que não se alterara: "... trabalhar pelo aperfeiçoamento intelectual da mocidade, irmanando-se num grupo com ideias positivados e concretos". Divulgou fotografias da reunião comemorativa do 3.º aniversário do Cenáculo, realizada no salão de conferências do **Diário de Pernambuco**, quando discursava Joaquim Pimenta, presente o patrono Ademar Tavares, na ocasião homenageado. Na mesma edição: discurso de posse do cenaculista Velho Sobrinho, e trabalhos outros de Carlos Rios, Odilon de Araújo, Silveira Paula, Miguel Pereira de Sousa, Amaro de Medeiros, Abelardo Calafange, Salatiel Costa e Astrogildo Calipso de Carvalho (exceto de discurso de posse).

A publicação seguiu-se mensalmente, inserindo trabalhos em prosa e verso, a salientar: "Apologia do escritor Coelho Neto, patrono da cadeira n.º 1 do Cenáculo", feita pelo ocupante Odilon de Araújo (n.º 5 do mensário); "Ligeiro estudo" sobre o poeta Gervasio Fioravanti, patrono da cadeira n.º 2, pelo ocupante Pereira de Assunção (n.º 6); trabalhos de Salatiel Costa (também prosador de mérito), de João Celso, Aristóфанes Trindade e Silveira Paula; poesias de Seve-Leite, Abelardo Calafange, etc., e resultados dos concursos literários. Isenta de anúncios.

Ao atingir o n.º 8, de setembro de 1928, ano IV, extinguiu-se o jornal **O Cenáculo** e logo mais em 1930, extinguiu-se o **Cenáculo Pernambucano de Letras**, que constituiu um marco de luz nas letras pernambucanas, embora bastante efêmero (**Colec. Sônia Costa e Bib. Púb. Est.**).

ENCRUZILHADA-JORNAL — Órgão do Centro Republicano de Encruzilhada — Publicou-se o primeiro número a 15 de novembro de 1925, sob a direção de Hermilo Ferreira Gomes. Estampou, na primeira página, clichês do Presidente Artur Bernardes, do Governador Sérgio Loreto e de Estácio Coimbra. Era do seu programa "constituir-se um veículo disseminador de congraçamento, de boas idéias e palavras entre os habitantes deste futuroso recanto do município, preparando assim e melhoramente o povo da Encruzilhada a fornecer à nação o contingente celular de que ela não prescinde para a evolução geral do país" (Cf. **Jornal do Commercio**).

GAZETA ECONÔMICA — Revista Mensal de Estatística e Informações — Salu a lume em dezembro de 1925, obedecendo ao formato de 30 x 18, com 32 páginas (papel couché), mais a capa (assetinado de cor). Redatores-proprietários — Gaspar Peres e Urbano Gonçalves. Redação e oficina — **Imprensa Industrial** — à rua do Apolo n.º 78/82. Assinaturas: para o país — 55\$000; para o exterior — 60\$000. Preço do exemplar — 5\$000. Tabela de anúncios: página — 60\$000, até 1/4 — 15\$000.

Segundo a nota de apresentação, o magazine destinava-se a sumariar tudo o que pudesse ser útil às classes conservadoras, a saber: atividades das usinas de açúcar; cadastro dos municípios; valor das propriedades territoriais; indús-

trias; relação de exportadores e importadores; entradas e saídas de produtos agrícolas; movimento bancário e do porto; câmbio, preços correntes, etc.

A *Gazeta* distribuía-se gratuitamente aos assinantes do desaparecido **Boletim Commercial**, de propriedade de Amaro Santos de Oliveira.

Na edição de janeiro de 1926 repetiu-se o n.º 1, acrescentando: ano II. Continuou a publicação até o n.º 3, que saiu no mês de março, mantendo o padrão inicial. Reduziu, na referida edição, para 35\$000 a anualidade, com direito a 1/3 de página de anúncio.

Entretanto, terminou aí a existência da revista especializada (**Bib. Púb. Est.**).

PRÊMIO OSWALDO CRUZ — Publicação da Inspeção de Estatística, Propaganda e Educação Sanitária, saiu data de 1925, divulgando os trabalhos, em verso e prosa, de Olegário Mariano e Píndaro Barreto, Mário Sete e Jojó Freitas, premiados no concurso lítero-sanitário organizado pelo Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco, em homenagem à memória do cientista Oswaldo Cruz (**Bib. Púb. Est.**).

1 9 2 6

O BABACÃO — “Original, esse jornalzinho”, datado de 14 de fevereiro, que circulou durante os dias “consagrados à pilhéria e à troça” do Carnaval. Constituiu “uma inocente charge a tipos e coisas do nosso meio escolar”, tendo “graça a valer” (**Jornal do Recife**, 16/02/1926).

JAZZ-BAND — **Revista Carnavalesca, Satírica e Anunciante** — Surgiu no dia 14 de fevereiro de 1926, assim noticiada, dois dias após, pelo **Jornal do Recife**:

“**Zé da Guila**, conhecido folião que não se esquece de aproveitar o ensejo das festas carnavalescas para fazer a propaganda das casas comerciais, deu mais um número do seu apreciado jornalzinho (no ano anterior chamava-se

Quem não cheirou... levante o dedo), que neste ano tomou o nome acima, impresso a cores e com 68 páginas. Além da parte comercial, é variadíssima a sua parte literária, trazendo contos, poesias, **charges**, caricaturas, músicas, etc. Está deveras apreciável o **Jazz-Band do Zé da Guila**, que tem ainda a vantagem de ser uma revista cheia de graça e que se lê... de graça”.

Só a partir de 1928 existem comprovantes da bem feita revista, cujo n.º 9, ano IX (indicações, estas, arbitrárias), circulou a 19 de fevereiro de 1928, formato de 26 x 16, com 80 páginas, mais uma folha dupla, no centro, contendo original musical. Distribuição gratuita.

Apresentando-se “Na porta da rua”, ao “generoso povo desta terra”, dizia a redação não ter outra pretensão que não fosse fazer rir, uma vez que o riso não pagava imposto.

Realmente, não lhe faltou matéria humorística, inclusive o “Carnaval da Imprensa Recifense”, tudo em bom estilo carnavalesco, juntando-se a colaboração, em prosa e verso, de Marques Júnior, Alfredo Gama, Tércio Rosado Maia, **Pedro Sem**, Aníbal Portela, Inácio de Melo, Cruz Ribeiro, José Alves da Fonseca e **Zé de Guilé**. Entretanto, o forte mesmo era o reclamo comercial, ocupando 3/4 do volume.

Continuou a publicação nos anos seguintes, mantendo o ritmo de página numerosas, sempre ilustrada a capa (papel **couché**) com anúncio abaixo do cliché do título, prática prevalente até 1938, variando depois com alegorias carnavalescas.

Atingido o n.º 20, ano XX, substituiu-se, no cabeçalho, o pseudônimo pelo nome real do diretor-proprietário — Guilherme (Barreto) de Araújo. Trazia a declaração: “Devidamente registada no D. I. P.”.

Na edição de 1946, datada de 8 de março, verificado o falecimento do Senior, assumiu a direção Guilherme de Araújo Filho.

A fora os nomes antes mencionados, **Jazz-Band** divulgava produções literárias de Jaime Griz, **Phocion**, Teopompo Moreira, José Penante, Mauro Mota, Stênio de Sá, Jaime de Santiago, Fernando Pio dos Santos, Berguedof Elliot, Esdras

Farias, Ascenso Ferreira, Heloisa Chagas, Ananias Cavalcanti, Agripino da Silva, **Gaspar Doido**; **João-do-Moka**, o mesmo Austro Costa e o mesmo **João-da-Rua-Nova**; Leopoldo Lins, Enéas Alves, Ferreira dos Santos, Pedro Lopes Cardoso Júnior, Baltazar de Oliveira, José de Sousa, **Inocência Candura**, **Silveroff**, Altamiro Cunha, Chagas Ribeiro, Álvaro Lins, Luiz Cisneiros, Godofredo de Medeiros, Carlos Amorim, **Fantoche**, etc.; mais transcrições; originais (música e letra) de marchas carnavalescas e variada ilustração.

A edição de 1929 foi impressa na oficina da **Revista da Cidade**; as de 1932 a 1934, na tipografia d'**A Pilhéria**; a de 1935, na do **Jornal do Recife**, e as demais, até o fim, na do **Jornal do Commercio**.

Findou a existência de **Jazz-Band** com o n.º 27, correspondente ao Carnaval de 1946 (**Bib. Púb. Est.**).

FACULDADE DE COMMERCIO — Órgão do Corpo Discente da Faculdade de Commercio de Pernambuco — Saiu a lume em fevereiro de 1926, formato de 38 x 26, com quatro páginas. Consagrou-se à festa solene da colação de grau dos bacharéis de 1925, cujo quadro de formatura figurou na página frente. Direção do Centro Acadêmico de Comércio e trabalho material do "A B C Gráfico".

Só inseriu matéria alusiva às atividades da Faculdade e do Centro, incluindo grupos fotográficos de professores e alunos (**Bib. Púb. Est.**).

ESTUDANTINA — Órgão dos Estudantes da Faculdade de Direito do Recife — Publicou-se o n.º 1 no dia 20 de março de 1926, formato de 27 x 15, com 32 páginas, utilizando papel couché e assetinado, este último nas de abertura e fim do texto, com a parte de anúncios. Ilustrou a capa, impressa a cores, pequeno desenho da Faculdade de Direito, lendo-se, mais em baixo, as palavras: "Pela Academia". Diretor-responsável — Boulanger Uchoa; comissão de redação: Alcides Carneiro, Salviano Leite, Ulisses Lins de Albuquerque, Arlindo de Figueiredo e Graciliano Melo. Redação e oficina: Imprensa Industrial, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) n.ºs 78/82.

Constava do editorial de apresentação: “É um mensário de interesse real, em empenho muito vivo da vida acadêmica. A isso juntaremos seções especiais, permitidas pelo desenvolvimento e aceitação da **Estudantina**. Estamos decididos a trabalhar pela nossa classe, estudando-lhe os problemas, auscultando-lhes as necessidades, defendendo-lhes os verdadeiros interesses”.

Noutro tópico: “Não acirraremos ódios, dissensões, rivalidades. Nunca desceremos ao ataque pessoal, à injúria, à virulência. Não diremos com isso, porém, que fugiremos à livre discussão de todos os assuntos. Nunca personalizaremos debates”.

Tendo como ilustrador J. Ranulfo, autor de títulos e retratos, a edição, também dotada de serviço fotográfico, inseriu artigos de Clóvis Bevilacqua e Luiz Delgado, biografia do professor Gervásio Fioravanti e iniciou as seções “Estudantadas”, em versos decassílabos, de **João da Academia**, (pseudônimo de Ulisses Lins); “Fitas Acadêmicas”; “Gabinete Feminino”, a cargo de A. R., e “Arte”, a fora noticiário e notas soltas de curiosidades.

Obedecendo à média de páginas da estréia e ostentando capas alegóricas, policrômicas, seguiram-se as edições de 20 de abril e de 20 de maio, n.ºs 2 e 3, nelas acrescentando-se “Cartas sem selo” e produções de Gil Fernandes Campos, professor Hersílio de Sousa, **Zé de Vilas** (pseudônimo de José Vilas Boas), Pedro Montenegro, Pio Valongo, Osvaldo Grilo, Henrique Martins e outros, e biografias dos professores Neto Campelo e Laurindo Carneiro Leão, ilustradas com retratos a bico-de-pena, assinados por **Fininho** (como se ocultava Fausto Silveira).

O n.º 2, os redatores Ulisses Lins e Graciliano Melo foram substituídos por Fernando Baltazar Mendonça e Alves Pedrosa. O 3.º, Salviano Leite cedeu o cargo a Artur Neves. Completava cada edição o “Expediente do Centro Acadêmico”.

Juntaram-se num só os n.ºs 4 a 7, aparecido no mês de agosto, cuja capa exibiu, em verde-amarelo, a balança da Justiça. Impressa na oficina do **Jornal do Recife**, a edição saiu com 136 páginas, dedicada à Embaixada Acadêmica que percorreu, a título de intercâmbio cultural, os Estados do

Nordeste e do Norte, da Paraíba ao Amazonas, prestando, igualmente, homenagens aos respectivos governadores. Divulgou farto serviço noticioso e ilustrado fotograficamente da excursão e artigos da lavra de João Barreto de Meneses, L. D. (Luiz Delgado), Gomes de Moura, Sabiniano Mais, Paulo Eleutério, Mac-Dowel de Montenegro, Ulisses Lins, etc., além de discursos, recortes da imprensa e "Perfis Acadêmicos da turma de 1926".

Após ligeira suspensão, reapareceu **Estudantina** — n.º 1, ano II — em janeiro de 1927, na qualidade de "mensário do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito", contendo 32 páginas, impressa na tipografia da Escola de Aprendizes Artífices. Aumentou alguns centímetros no formato e, mantida a direção, o corpo redacional ficou assim constituído: João Medeiros, Arlindo Figueiredo, Graciliano Melo, Artur Neves, Torquato Castro e Nicomedes Neves, este feito redator-secretário, mas substituído, na edição subsequente, por Alves Pedrosa. Novo endereço da redação: rua Velha n.º 334, 1.º andar.

Tornara-se regular a circulação, cada mês, com a ocorrência de amplo noticiário das atividades acadêmicas, aparecendo, inquanto isto, novos colaboradores, tais como: Teodoro Braga, Hercio Fontes, E. Reis, Brito Alves, Alcenor Celso, Tristão da Cunha, Carlos Dias Fernandes, Miguel Pereira de Sousa, professor Luiz Freire, dr. José Júlio Rodrigues, José Maria Mac Dowell e Gonçalves Maia, a fora transcrições.

Tendo o n.º 5 circulado em maio, os n.ºs 6, 7 e 8 constituiram uma edição conjunta, que saiu no dia 11 de agosto de 1927, servida de excelente desenho de capa, representado por um ângulo do edifício da Faculdade de Direito, encimado pelo símbolo da Justiça, em bicolor. Reuniu 84 páginas, 43 das quais exclusivas de reclamos comerciais. Mudara para "órgão do Diretório de Bacharéis do Centenário", subordinada a redação a um Conselho Supremo.

No editorial, intitulado "A razão de ser desta edição", focalizaram-se recentes acontecimentos que haviam dividido a classe acadêmica e posto em evidência alguns professores. Diante do que, não comemorava o centenário dos Cursos Jurídicos no Brasil, mas saudava a Pátria, na pessoa de um "grupo de mestres nobres e decididos".

Noutro artigo, com a própria assinatura, Boulanger Uchoa fez a entrega da direção e responsabilidade da revista e, bem assim, do saldo, em dinheiro, de 500\$000 ao primeiranista Élfego Jorge de Sousa, aconselhando-lhe, como boa política, “evitar os amigos ursos”.

A página imediata narrou “o incidente de 23 de junho, entre o bacharelado Boulanger Uchoa e o acadêmico Samuel Melo”. Seguiram-se reportagens sobre violência policiais contra estudantes, verificadas quando da passagem, pelo Recife, do Presidente eleito Artur Bernardes; manifesto à nação, apelos, recortes da imprensa diária; “Realizações” do Diretório; perfis, ilustrados com clichês, dos bacharéis do ano; artigos-reminiscências de Mário Melo e Boulanger Uchoa, intitulados, respectivamente: “Como se fazia...” e “Como se faz um Bacharel”; outros, diferentes, de Fernando Nóbrega, João Velho Sobrinho, Valdemar de Oliveira, Mozart Morais, Fernando Baltazar Mendonça, Lacerda de Almeida e Élfego Jorge de Sousa, que focalizou a atuação do diretor da **Estudantina**, “prestes a entrar em sua nova fase”.

Não se efetivou, todavia, a pretendida nova fase, terminando aí a existência do bem feito magazine acadêmico (**Bib. Púb. Est.**).

CAPUNGA-JORNAL — Dizendo-se semanário, saiu a lume o n.º 1, ano I, tendo à sua frente os nomes a seguir: diretor — Rubens Gomes; redator-chefe — Israel de Castro; secretário — Costa Alencar, instalada a redação na rua Numa Pompílio (atual das Crioulas) n.º 243. Mostrou-se “bastante variado, com interessante feição material, vindo preencher uma lacuna de que, há muito, as ressentiam os habitantes daquele populoso arrabalde” (**Jornal Pequeno**, 29/3/1926).

VOZ ALTA — **Semanário Político e Literário** — Apareceu no dia 19 de abril de 1926, formato de 42 x 28, a quatro colunas de composição, com oito páginas, sob a direção de Rafael Xavier, Silvio Rabelo, Luiz Delgado e Lucilo Varejão. Preço do exemplar — \$200. Apresentou-se aos leitores com as “Razões...” abaixo transcritas:

“**Voz Alta** pretende batalhar em público pela tradição política e pela tradição literária de Pernambuco. Lutando pela tradição, nós queremos sobretudo lutar em prol da vida

intensa e nobre que havia, subterrânea e calada, animando o eco chegado até nós. Não olhamos para os resultados que essa movimentação, hoje não mais existente, conseguiu. O que é certo, porém, é andar na vida pernambucana um estacionamento doloroso de faculdades.

“**Voz Alta** vai procurar, na medida de suas forças, resuscitar essa vida, combatendo na defesa de um espírito que a continuidade histórica faz velho, mas a que a sinceridade dos ideais torna eloqüentemente inédito”.

Da política à literatura, o periódico, em sua curta existência, atacou a oposição e seu líder Manuel Borba; teceu encômios à candidatura Estácio Coimbra ao governo do Estado; ironizou as Academias de Letras Brasileira e Pernambucana; escreveu que “Mário Melo, Carlos Dias e Dioclécio Duarte redimem a tradição da ingenuidade brasileira”, a propósito da indicação dos três para representarem o Brasil no Congresso Panamericano de Jornalistas; ridicularizou “Carlinhos, o cavalgador de posições”; comentou a “fragilidade distribuiu carapuças políticas e literárias, tudo através da mais fina verve, contundente ironia e terrível ridículo. Toda a matéria aparecia sem assinatura, salvo alguma crônica literária de L. V. ou O. M. Cada edição exibia uma caricatura, em ponto grande, na primeira página, a começar pelas de Borba e Estácio, trazendo como assinatura duas interrogações: ?? . Raras fotogravuras. Alguns anúncios.

O n.º 2 saiu no dia 26. (Bib. Púb. Est.) .

Sem que restem mais comprovantes, circularam três outras edições de **Voz Alta** — publicação, na verdade, do mais elevado nível intelectual — datadas de 2, 9 e 16 de maio, consoante noticiário constante da imprensa diária.

MODERNISMO — **Órgão Litero-Humorista** — Sem notícia das edições anteriores, circulou o n.º 6, conforme o **Jornal do Commercio** de 29 de abril de 1926, contendo “farta colaboração”. Diretora — Lucila Albertim.

Publicação quinzenal, mudou o sub-título para “órgão de mundanismo e literatura”, em seu n.º 8, registado pelo **Jornal do Recife** de 5 de junho, aparecendo, também, um segundo diretor: o acadêmico Alberto Teófilo Braga. Apresentava “excelente aspecto material, inserindo clichês”, etc.

Só conhecido através de escassas informações da imprensa diária, o “jornalzinho feminino” publicou-se até, pelo menos, o n.º 11, consoante **A Província** de 3 de agosto.

O TEGIPIÓ — Jornal Noticioso e Independente. Portavoz do Povo Tigipióense — Fundado em maio ou junho de 1926, raro é o noticiário encontrado a respeito de sua vivência hebdomadária.

Dois únicos comprovantes existem arquivados: os números 21 e 27, datados de 19 de setembro e 31 de outubro, respectivamente. Formato de 38 x 27, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Diretores — José Amaro Vilela e Calinício Ramos da Silveira; redatores — Henrique Acioli e J. Afonso; gerente — Demócrito Ramos da Silveira. Redação à rua Dr. Martins Júnior, n.º 645, sendo impresso na tipografia da Federação Espírita Pernambucana. Tabela de assinaturas: ano — 6\$000; semestre — 3\$000; trimestre — 1\$500. O número avulso custava 100 réis.

A par de editoriais, pugnando pelos interesses do subúrbio, e de noticiário local, **O Tegipió** inseria colaboração, literária ou não, de Siqueira Cavalcanti, Dalila Alves; **Zé Inocente**, que assinava a seção “Salpicando de leve...”; José Mariz, José do Carmo; José Cidreira, Ascendino Silva, Bernardino de Carvalho, Gomes de Barros e **Yokanam**, autor do “Consultório Cartomântico”. Precisamente no n.º 27 criava-se a “Seção Proletária”. Os anúncios eram colocados nas páginas centrais (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DOS MUNICÍPIOS — Mensário Ilustrado — Circulou, pela primeira vez, em maio de 1926, obedecendo ao formato de 28 x 16, com 24 páginas, em bom papel, mais a capa, cartolinada, de cor. Do clichê do cabeçalho constava, à esquerda, o emblema da União. Diretor — Carlos Augusto Pereira da Costa; redator-secretário — Samuel Campelo. Impressão em oficina própria, instalada, junto à redação, na rua das Flores n.º 117. Assinatura anual — 10\$000; para o interior e Estados — 15\$000. Preço do exemplar — 1\$000.

Tinha por objetivo “tornar o Brasil conhecido dos brasileiros”, segundo o conciso editorial de apresentação, que assim concluiu: “**A Revista dos Municípios** tratará não somente de ciências, artes, letras, jurisprudência, estatísticas,

teatro, sociais, comércio, indústria, agricultura, etc., como também da história e geografia de cada município, em seção especial, cujas colunas publicarão todos os informes que nos forem remetidos”.

Seguiu-se a publicação regularmente, tendo variável quantidade de páginas, servidas de vasta ilustração fotográfica. As partes histórica e geográfica dos municípios eram extraídas das obras específicas de F. A. Pereira da Costa e Sebastião Galvão. Inseria, a par de matéria redacional, artigos assinados ou poesias de Lucilo Varejão, Mário Sete, Oton, L. Bezerra de Melo, **Maurício Maia** (pseudônimo de Eustórgio Vanderlei), Velho Sobrinho, Marta de Holanda, Samuel Campelo, **Paulo de Tarso**, Herundina Prazeres Bandeira, João Vasconcelos, Guedes Alcoforado, Hercliano Pires, Monteiro de Melo e **Carlos de Nazaré** (como se ocultava o diretor do magazine). Expressiva quantidade de reclamos comerciais.

O n.º 3, que saiu a lume no mês de julho, foi dedicado ao tricentenário da fundação da Vitoria de Santo Antão, exibindo capa alegórica de **Paula Judeu**, ou seja, Osvaldo Almeida.

A **Revista dos Municípios** chegou ao n.º 6 em novembro, quando adotara o sub-título: “Órgão de Propaganda do Brasil”. A edição ocupou-se por inteiro, nas suas 52 páginas, do município de Correntes, figurando na capa expressivo desenho (de Vilares), nele incluído retrato de Antônio Machado Dias, fundador da cidade, ao ensejo do respectivo centenário (**Bib. Púb. Est.**).

NORTE CRISTÃO — Órgão oficial da Convenção Regional do Nordeste — Surgiu em maio de 1926, obedecendo ao formato de 40 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Sob o título, para permanecer toda a vida, a frase bíblica: “Para que a Palavra do Senhor se propague e seja glorificada”. Direção de Sinésio Lira; secretário e gerente — Anísio Lira; tesoureiro — Artur Pereira Barros; expedidor — Luiz de França; redatora da seção “Auxiliadora das Senhoras” — **Eugênia Araújo**. Redação à rua Dr. Sá Pereira n.º 208. Assinatura anual — 5\$000.

Seu programa consistia em batalhar a “prol dos sãos princípios do Evangelho, sem vacilações, sem temor”, sob o ponto de vista “doutrinário, polêmico e social”.

Seguiu-se a publicação cada mês, regularmente, aumentando o formato, no ano seguinte, para 46 x 30, a cinco colunas de composição. Melhor apresentação gráfica, sendo impressa na oficina do **Jornal do Recife**, transferida a redação para a rua D. João Perdigão n.º 328. Dividia-se a matéria em editoriais, artigos assinados e seções fixas, tais como: "Biografias Femininas" (só no primeiro ano), a cargo de C. P.; "Notícias do nosso campo"; "Esboços"; "Pensamentos" e "Notas Sociais".

Transposto o período convencional, mudou a indicação para "órgão oficial da União Evangélica Regional do Nordeste". A partir de outubro de 1928, foi o diretor responsável substituído por Júlio Leitão de Melo; novo tesoureiro — James H. Haldano; redatores auxiliares — Luiz de França e Artur Barros. Iniciado 1930, voltou Sinésio Lira feito redator, para, no quinto mês, reassumir a direção. Outro endereço da redação; rua Cinco n.º 9, bairro da Estância. Ainda serviram no corpo redacional, mediante substituições, a partir de 1931, José Barbosa, Cláudio L. Santiago e Joel Leitão de Albuquerque.

Longo artigo ocupou toda a primeira página da edição de maio de 1931, sob o título "A pátria de luto", no qual Sinésio Lira disse, inicialmente, haver ecoado "como dobre de finados", dolorosamente, "a merencórea nova" segundo a qual fôra "decretado, pelo governo provisório da República brasileira, o ensino religioso nas escolas primárias, secundárias e normais mantidas pelo Estado". Desenvolveu o tema enfaticamente, lamentando o caminho errôneo tomado pelo governo.

Em 1932 criava-se, ao lado da anualidade, a parcela: semestre — 3\$000, admitindo vendagem avulsa, à razão de 500 réis do exemplar. Outra modificação, no mês de maio: "órgão oficial da União Evangélica Congressional do Nordeste". A época, foi o tesoureiro substituído por B. Torsph.

Apesar das dificuldades financeiras que vinha atravessando, vivendo de assinaturas, nem sempre pagas, e de raros óbulos, Norte Christão não alterara a periodicidade. Mas ausentou-se, novamente, o professor Sinésio Lira, entrando como redator responsável Charles E. Glass e como secretário Joel Leitão de Melo, o que ocorreu em julho de 1934, ano

durante o qual, pela primeira vez, circularam, apenas, nove números.

Já no ano X, após as duas primeiras edições de 1935, ficou o mensário suspenso por alguns meses. Reapareceu, todavia, em agosto, consoante resolução adotada na reunião dos pastores, confiantes “no interesse geral” das igrejas. No cabeçalho, ficou figurando, unicamente, o nome de Joel, na qualidade de diretor-gerente.

Ainda se arrastou até o n.º 6 de 1935, publicado em dezembro. E não houve mais notícia do órgão evangélico.

A fora a produção da equipe da empresa, inclusive, em 1928, a seção de comentários “Respigando”, de **Ary Loisenys** (anagrama), **Norte Cristão** contou, desde o princípio, com a presença de diversos colaboradores, de substituição em substituição, a saber: José Elmo Ferreira, Paulo Marcus, J. Fialho Marinho, José Dorotéia Dutra, Rodolfo Fernandes, **Alynia**, Lídia Leitão, João dos Santos, A. J. Sobrinho, Stela Câmara, Erasmo Braga, Heli Leitão, Adiel Araújo, Celênia D. Pires, Samuel Falcão, Elias Alves, Harry G. Briault, Caroline Kilgore, A. C. P. da Fonseca Júnior, Diocleciano J. Cavalcanti, Jerônimo Gueiros, Jonatas Braga, Mardônio Coelho e outros (**Bib. Púb. Est.**) (1).

REVISTA DA CIDADE — Órgão cultural e de mundanidades, ilustrado, entrou em circulação a 29 de maio de 1926, formato de 27 x 18, com 28 páginas, em papel couché, inclusive a capa, e assetinado. Propriedade da Empresa Gráfico-Editora, de Moraes, Rodrigues & Cia., com redação e oficina instalada à rua do Imperador n.º 207. Diretor — José Rodrigues dos Anjos; diretor-gerente — Otávio Moraes; secretário — José Penante; redator — Júlio de Melo Filho; encarregado do serviço fotográfico — J. B. Puig; gravador — Benevenuto Teles Filho; dirigente da tipografia — Albérico Pena. Assinatura anual — 25\$000; preço do exemplar — \$600.

O artigo de apresentação, assinado pela firma proprietária, focalizou a “era auspiciosa de progresso” por que passava a “formosa urbs maurícia”, salientando:

(1) Coleção desfalcada.

“... ainda há lugar entre nós, ao lado das revistas, excelentes sem dúvida, que o Recife já possui, para mais um magazine que seja propriamente a revista da cidade, o solícito e indefesso campeão da causa do seu progresso, abordando com o mais sereno e elevado critério de crítica os problemas vários e complexos que são em toda parte os do urbanismo, fixando no comentário fino e leve, mas sempre moralizador e impessoal, e na documentação fotográfica, que pretendemos venha a ser a mais perfeita e copiosa tentada já no Recife, os aspectos mais interessantes da nossa vida cidadina, nas suas mais claras e palpitantes manifestações de atividades econômica, social, estética e mundana”.

Procuraria “sempre exceder-se pelo apuro, cada vez mais esforçado, das suas linhas intelectuais, pela atualização constante dos processos técnicos de sua feição material, de sorte que ela venha a ser considerada, com a mais justa e desvanecedora propriedade, a revista da cidade, a revista que o Recife merece e nós desejamos dar-lhe”.

Com capa trabalhada em vinhetas, tendo ao centro clichê de aspecto da cidade e, em baixo, pequeno anúncio, a edição de estréia inseriu farta ilustração, amplo noticiário social, notas curiosas, crônicas assinadas por Meira Lins, A. D., José Júlio Rodrigues, R. T. e X. e poesias de Francisco Matos e Armando Goulart Wucherer. Algumas páginas de anúncios.

Publicada semanalmente, seguiu-se a jornada da moderna revista, gráfica e intelectualmente bem feita, obediente ao programa enunciado. Adotou logo as seções: “Bonecos — Bonecas”, em versos, por **Arlequim** (pseudônimo de José Penante); “Notas fúteis”; “Se amou, por que deixou de amar?”, com respostas em poucas linhas, e “Pílulas amargas”, por **Kam** (como se ocultava Samuel Campelo, continuando com humorismo até 1928). Outros colaboradores: Alvaro Moreira, Austro Costa, Estêvão Pinto, Esdras Farias, padre Nestor de Alencar, João Vasconcelos, Marcelino Ramalho, Fernando Mendonça, Samuel Campelo, Otávio Morais, Júlio Belo, **Gastão Penalva**, (pseudônimo do capitão-tenente Sebastião de Sousa); Júlio Belo, Mateus de Lima, **Mme. X.**, etc. Desenhos a cargo de **Bero** (Bervaldo Melo), **Wladmir** e Lauro Vilares; contribuindo com fotografias especiais, de aspectos históricos ou curiosos da cidade, os artistas Phil Schafer e Francisco Rabelo.

A partir da edição de 2 de outubro, mudou-se a fisionomia das capas moldadas pelo n.º 1, passando a apresentar desenhos alegóricos de Vilares, tornado ilustrador oficial até o fim, só de raro em raro substituído por **Zuzu** (travesti de José Borges da Silva) Mário Túlio, **Lula** (Luiz Cardoso Aires) ou **Guevara**. Começou, no dia 9, a movimentar-se um concurso para a escolha da “Madrinha da **Revista da Cidade**”, bastante disputado, chegando ao fim no n.º 32, de 1.º de janeiro de 1927, com a eleição da senhorinha Alexina Loio Duarte, cujo clichê figurou em página dupla, ao lado da segunda e da terceira colocadas.

Havendo divulgado, a 29 de janeiro, o “Manifesto dos incorporadores”, veio a empresa a transformar-se, definitivamente, em “Sociedade Anônima **Revista da Cidade**” (1) a partir de 16 de abril, com capital de 200.000\$000, dividido em 4.000 ações nominais de 50\$000, ficando assim constituída a sua diretoria: Adolfo Cavalcanti — presidente; José Rodrigues dos Anjos — secretário; Valfredo Pessoa de Melo — tesoureiro; Otávio Moraes — gerente, em nada se alterando o corpo redacional. Toda a turma, mais a do Conselho Fiscal, teve clichê individual estampado em página dupla. Ao mesmo tempo, dizia uma nota que se iniciavam **demarcas** para a aquisição de material destinado a ampliar o magazine, “de modo a dar-lhe uma feição compatível com a atual cultura de Pernambuco”.

Mantida a média inicial de páginas, o magazine proporcionou a primeira grande edição a 28 de maio de 1927, de 68 páginas, comemorativa do seu primeiro aniversário, extraordinariamente ilustradas, em que, além de outros nomes, apresentou produções originais de Faria Neves Sobrinho (póstumo), Ademar Tavares, Silva Lobato, Olegário Mariano, Álvaro Moreira, Perilo de Oliveira, José Júlio Rodrigues, Valdemar de Oliveira, Célio Meira e Eudes Barros.

Outra edição especial foi a de 11 de junho, dedicada à chegada do “Jahu” ao Recife, aparecendo na capa retrato do aviador Ribeiro de Barros.

Cresceu para 88 páginas a de 15 de outubro do mesmo ano, motivada pelo centenário da fundação do curso primá-

(1) Estatutos arquivados na Junta Comercial de Pernambuco.

rio no Brasil, ostentando, inclusive, clichês do governador Estácio Coimbra e de realizações administrativas.

O município de Garanhuns mereceu edição especial a 14 de janeiro de 1928. Nesse ano, ocorreu, no mês de abril, a única alteração na diretoria da Sociedade Anônima **Revista da Cidade**: despediu-se o diretor-gerente Otávio Moraes, passando José dos Anjos a substituí-lo, na função, enquanto José Penante ascendia a diretor-secretário.

Nova grande edição ocorreu a 26 de maio, 84 páginas, solenizando o segundo aniversário, pela primeira vez vendido o exemplar a 2\$000, já o normal estabelecido em 1\$000, custando as extras 1\$500. O segundo aniversário do governo de Estácio Coimbra, a 20 de outubro, foi solenizado com 72 páginas, repletas de clichês e matéria redacional alusiva. Terminou o regime de edições extraordinárias a 6 de julho de 1929, quando se comemorou, com atraso, devido à falta de papel, o terceiro aniversário da **Revista**. Apenas 52 páginas.

Ainda no princípio de 1927 criaram-se as seções "O conto da semana" e "O que ficou da poeira da semana"; depois vieram "Cidade maliciosa" e a "Caixinha de surpresas": "um dia, literatura; outro dia, **potins**; outro, poesia" e até notícia... No ano seguinte, em maio, a seção de língua inglesa "**Our english page**" (quase sempre duas páginas), dirigida por P. J. Tobin. Enquanto isto, **Luciano** (pseudônimo de Napoleão de Albuquerque) mantinha a seção "Música". Havia, também, "Um pouco de Cinema" e página de Teatro. Fez-se nova escolha da Madrinha da **Revista** para 1928 e, já no fim do ano, aparecia um "Consultório de beleza", a cargo de **Mme. Marina Del Lorena**. Eram comuns reportagens e noticiário desportivos. Novos retratistas de paisagens: Manuel Parahim, Abelardo Gonçalves e Batista. Alguns desenhos de Rubens e constantes bonecos e ilustrações de texto do titular Vilares.

Divulgando a poesia permanente de Austro Costa, o magazine contou, igualmente, com a colaboração, ora mais assídua, ora de passagem, ora por períodos, de Antônio Fassanaro, Silvino Olavo, **Jesovi** (pseudônimo do poeta humorístico baiano Jerônimo Sodré Viana), Valdemar de Oliveira, Alvaro Moreira, Manuel Bandeira (versos ligeiros sobre sua vinda ao Recife — "Diabo leve quem fez bonita a minha terra!"); Rafael Barbosa, Anísio Galvão, Araújo Filho,

Luiz Delgado, Osório Borba, Orestes Barbosa, Joaquim Cardoso, Armando Goulart, Rodrigues de Abreu, Silva Lobato, Júlio Belo, Nelson Vaz, Samuel Campelo, **Théo Filho** (como se assinava Teofilo de Barros Filho), José Fasanaro, Palmira Vanderlei, Mauro Mota, Ascenço Ferreira, Jaime d'Altavila, Rui Cirne Lima, Pádua de Almeida, Olímpio Bonald (começou em fevereiro de 1928, com a série de sonetos humorísticos "Adágios", divulgando depois traduções), Fernando Pio dos Santos, Mário Melo, Raimundo Pais Barreto, Samuel Tristão, **Arlequim** (que substituiu os "Bonecos" pela interessante seção "Carnaval", em 1928), Arnaldo Lelis, Mário Túlio, Teresinha Caldas, Silvino Lopes (uma única produção, em versos), Harold Daltro, Rocha Ferreira, Marcelo Ramalho, **J. B. de Sousa Filho**, Aderbal Melo, Joaquim Inojosa, etc. enquanto José Penante fazia o comentário da página de rosto.

Ao iniciar-se março de 1929 era admitido um encarregado de anúncios: Espindola Pessoa. A matéria paga vinha escasseando.

Com 40 páginas por algum tempo, no fim reduzidas para 32, circulou a **Revista** ininterruptamente, mantendo a cidade bem informada das atividades sociais, sempre bom serviço fotográfico geral, graficamente bem apresentável, utilizando papel superior, menos nos últimos meses, quando sobrevieram dificuldades financeiras.

Atingiu, assim, o n.º 176, ano IV, a 5 de outubro de 1929, quando terminou sua existência (**Bib. Púb. Est.**).

O MARACAJA — Circulou a 1.º de junho de 1926, bom formato, o título, em diagonal, ocupando quase toda a página, sob a direção de Sousa Barros e Raul Karacik. Trabalho gráfico da empresa do **Jornal do Recife**, custava o exemplar 300 réis. Completou a capa, ao pé, o sumário seguinte: "Apresentação", redação; "O anti-pimentismo", redação; "Anatole France", Victor Serge; "Na rebalta da política internacional", redação; "Agrarismo e Industrialismo", Fritz Mayer; "Para um saneamento mental", Raul Karacik; "A luta anglo-americana", El Libertador; "Bibliografia", redação.

Assim abriu a página de apresentação da moderna revista: "Todos sabem a diferença flagrante que existe entre um gato doméstico e um maracajá, o nosso gato do mato. Um recuan-

do com a mata para própria mata, para o intrincado das nossas florestas, selvagem e perseguido como o nosso selvagem que as missões catequisadoras extinguiram. Outro, **raffiné** como a civilização que transplantamos às pressas para estas novas plagas, agarrado aos mesmos hábitos, que não mudaram, “com a mesma graça ondulosa e o mesmo assopro, o ronron e a garra, a língua **espinhosa** e a **calinério**”. “Gêmeos e diferentes”.

Noutro tópico: “O que “Os gatos” foram em Portugal, quando Fialho encabeçava uma nova fase literária, com uma crítica mordaz que tudo destruiu e com um esforço penoso que se tornou criador, não poderá ser **O Maracajá** entre nós, muito embora estejamos também numa época de declínio mental. Nem nos seduz também o mesmo programa. Queremos, antes, preencher uma lacuna, apresentando uma revista de cultura e de assuntos sociais, num país onde, com raras exceções, só existem revistas mundanas”.

E concluiu a redação: “Miaremos sempre, arranharemos muito e não temeremos nunca”.

Não restam comprovantes, nas bibliotecas visitadas, das três únicas edições d'**O Maracajá** (1), a última das quais teve sua circulação noticiada pelo **Jornal do Commercio** de 6 de julho. Os dados acima foram colhidos em cópias fotográficas de duas páginas obsequiosamente fornecidas pelo escritor Sousa Barros, residente no Rio, Gb.

PINA-SPORTIVO — Órgão do Pina Sport Clube — Foi dado a lume o número de estréia (provavelmente único), inserindo, a par das seções de desportos propriamente ditas, outras de artes e mundanismo e variada colaboração literária (**Jornal do Commercio**, 3/6/1926).

(1) Escreveu Sousa Barros, 44 anos depois (carta ao Autor), que **O Maracajá** “teve uma importância relativa, pois originou uma política entre os redatores do panfleto e o líder sindicalista Joaquim Pimenta. Aliás, não foi o Pimenta o primeiro a aparecer na lista contra os panfletários, mas o seu sogro Raul Azêdo. Também Cristiano Cordeiro surgiu, não sei se pela **Hora Social** ou outro qualquer jornal da época, escrevendo alguns artigos sob o título “À margem de uma polémica”.

Esclarecimento: Não foi a **Hora Social**, que viveu entre 1919 e 1920.

O **DEBATE** — **Samanário Crítico e Humorístico** — Sem que se encontrasse nenhuma referência ao n.º 1, o aparecimento do n.º 2 foi noticiado pelo **Jornal do Commercio**, em sua edição de 13 de maio de 1926.

Existem comprovantes a partir do n.º 10, que circulou no dia 22 de agosto, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas. Equipe responsável: diretores — João Augusto do Rego Barros e José da Nóbrega Simões; redator-chefe — O. Santos; redator-secretário — F. J. Rego Barros. Redação em Casa Forte, na rua Marquês de Tamandaré n.º 205, podendo a correspondência ser dirigida, também, à Farmácia do Poço. Assinava-se a 5\$000 por série de 26 números ou 3\$000 pela de treze, custando 200 réis cada exemplar.

Impresso com tinta de cor, em papel **couché**, na Tipografia Confiança, situada na rua das Trincheiras (hoje envolvida pela Avenida Dantas Barreto) n.º 49, o periódico constituiu-se um repositório de crônicas e notas ligeiras em torno da vida social do subúrbio onde circulava, focalizando, igualmente, através de artigos redacionais, as necessidades daquela área recifense. Bateu-se, sobretudo, pela transformação da famosa Campina de Casa Forte numa praça ajardinada, para “uma convivência mais alegre” das famílias. Teve, em seu prosseguimento, a colaboração de Luiz de França Costa Lima, De Aquino Fonseca, Múcio Deniz, José Maria do Nascimento, etc. Foram seções principais: “Na Missa” e “Elas”, a cargo de **Gasi Nobre** (como se ocultava Nóbrega Simões); “De rebenque”, pelo **Diretor**, e “Relembrando”, por **Jogusto** (ambos pseudônimos de J. A. do Rêgo Barros, que também era **Gugu**); “No anzol...”, assinada por **Gargalhada & Cia. Ltda.**, e “As águias da Casa Forte”, de **Grauna**.

Manteve, como era costume da época, um concurso para saber qual “a senhorita mais bela da Casa Forte”, que, todavia, parece não ter chegado a concretizar-se.

O último número manuseado foi o 15.º, de 26 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

A CENSURA — **Órgão de Defesa das Classes Proletárias de Pernambuco** — Publicou-se o primeiro número (sem

segundo) no dia 5 de junho de 1926, tendo como redatores Áureo Lins, Antônio de Barros Lins e José Antônio da Silva. Constava do artigo de abertura: “De há muito que se vinha sentindo, entre as classes obreiras, a grande e urgente necessidade de um jornal que, encarnando o valor e a energia desta poderosa classe, a defendesse sem peias partidárias, sem fiscalizações políticas, sem auxílios de estranhos aos interesses dos trabalhadores”. A edição inseriu variada matéria em torno das reivindicações do operariado (**A Província**, 12/6).

FLORES DE JUNHO — Revista Sanjuanessa — Entrou em circulação pela primeira vez (e única), tendo como redator **Dos Santos**. Divulgou “variada colaboração de Sortes, humorismo, versos, novidades literárias e musicais” (**Jornal do Commercio**, 10/6/1926).

O CULTIVADOR — Órgão Literário, Noticioso e Instrutivo — Publicação quinzenal, surgiu no dia 15 de junho de 1926, formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Direção da professora Clara R. Cordeiro; redatora-secretária — Cremilda R. Cordeiro; redatores auxiliares (só atuantes nos primeiros números) — Joaquim Dias Sobrinho, José Dias Filho e Teresa J. Baudel; gerente — Otávio Domingues. Imprimia-se, utilizando papel superior, na oficina do **Jornal do Recife**.

Era “colaborado por um grupo de alunos da 17.^a Escola Estadual Mista”, lendo-se, a seguir, no artigo de apresentação, assinado pela diretora: “O referido órgão tem por fim estimular a infância brasileira ao amor às letras, qualidades que, no futuro, serão a base fundamental para formar o caráter individual”.

Esperava que os leitores se dignassem de “auxiliar a obra encetada em benefício da passarada ridente que ensaia o primeiro vôo no cultivo do saber, esse ideal sublime, que encerra todas as virtudes...”

Circulando com regularidade, o periódico, a par da incipiente literatura escolar e noticiário ligeiro, inseria colaboração de professoras, sobretudo Armiragy Breckenfeld, e de intelectuais como Murilo Costa, Vicente Noblat e outros.

Divulgou, a partir da primeira edição, a novela "Si-Kiang", da lavra de C. Cordeiro.

Ao atingir o n.º 20, aumentou o formato para 46 x 32, a cinco colunas de composição. Estampou, então, a seguinte tabela de assinaturas: ano — 15\$000; semestre — 8\$000; trimestre — 4\$000; mês — 1\$500. O número avulso era vendido a 800 réis. Havia, também, uma tabela de anúncios, estes cobrados por linha, à razão de \$400 na 1.ª página; \$300 na 2.ª; \$200 na 3.ª e \$150 na 4.ª.

O transcurso do primeiro aniversário, a 15 de junho de 1927, foi solenizado com edição de doze páginas, bastante ilustrada, incluindo clichê do Governador Estácio Coimbra, servida de vasta colaboração. Em artigo a respeito, ressaltou o poeta Leopoldo Lins: "Tem conseguido viver graças à altivez de espírito dos que se mantêm à sua frente, que com tanto brilhantismo têm sabido dispersar de sua trajetória as maiores e mais confusas e vivas dificuldades".

Mereceu-lhe uma edição de oito páginas o Centenário do Ensino Primário no Brasil. Outras edições especiais vieram a acontecer, nas grandes datas, chegando a circular uma de 16 páginas.

A começar de janeiro de 1928, a direção d'**O Cultivador** reduziu o custo das assinaturas para: ano — 10\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000; mês — 1\$000, isto porque, tendo crescido a quantidade de assinantes, a renda tornara-se suficiente para cobrir as despesas e não havia a idéia de lucro. Passou a constar do expediente: "Quinzenário de grande circulação — Único que se publica nesta cidade".

Já a colaboração dos alunos da 17.ª Escola havia sido suprimida, substituindo-a produções, em prosa e verso, unicamente, de nomes conhecidos nos círculos letrados, tais como Esdras Farias, Píndaro Barreto, Antônio Neto, Alfredo Craveiro Leite, Corina de Gusmão, Adalberto Santos, Berguedof Eliot, José de Santa Rosa, Pereira de Assunção, José Miranda, Fernandes Tavares, Cromwell Leal, Nelson Nogueira Pinto, Leonardo Serva, Normando Filgueiras, Antônio Marrocos, Cleofas de Oliveira, Arlindo Maia, Aduino Acton, Teopompo Moreira, Jaime de Santiago, Israel de Castro ou **Del Castro**, etc.

A 31 de janeiro de 1931 criava-se a firma Domingos, Cordeiro & Cia., proprietária da Empresa d'O Cultivador. Foi dissolvida em janeiro de 1933, quando se tornou proprietária única a professora Clara Cordeiro, sem que, enquanto isto, sofressem alteração as funções de diretora, secretária e gerente, mantidas até o fim.

No decurso do quinto ano, a folha publicou-se mensalmente; mas, no seguinte, voltou ao regime quinzenal. Avançou mais ao começar 1933, adotando o formato definitivo de 55 x 37, a seis colunas de composição. Assumiu ares importantes, "sem compromissos políticos ou religiosos", ostentando manchetes, divulgando reportagens sensacionais, criando as seções "Mundo da petizada", "Página Feminina" e "Variedades", a fora a constante literatura dos beletristas locais. Foi a grande fase d'O Cultivador, que ainda admitiu a colaboração de José César Borba, Bernardo de Oliveira, Lindolfo Mascarenhas e outros nomes novos.

A publicação prolongou-se até 7 de maio de 1934, depois do que ainda ocorreu, para completar-lhe a existência, uma edição datada de 2 de julho, com oito páginas, comemorativa do oitavo aniversário do prestigioso órgão, que, indubitavelmente, marcou uma época na imprensa periódica recifense (Bib. Púb. Est.).

REVISTA ACADEMICA — Órgão do Centro Acadêmico de Medicina do Recife — Impresso na oficina gráfica do **Jornal do Recife**, formato de 23 x 16, surgiu em julho de 1926, como publicação mensal. Corpo redacional: diretor — Fernando Campelo; redator-secretário — José Eustáquio Duarte; redatores — Gildo Neto, Jorge de Sá, Djalma Farias, Mateus de Lima e Arnaldo Galvão; gerente — Abelardo Calafange.

O aparecimento do periódico constituía o resultado do movimento de renovação iniciado com o ressurgimento do Centro Acadêmico de Medicina, destinado a "incentivar e desenvolver a cultura médico-científica no meio estudantino". Porta-voz de tal movimento, a **Revista Acadêmica** seria o elo a unir conhecimentos, crenças e ideais. Acentuava o artigo-programa:

"Aqui serão tratados assuntos não só médicos e científicos, como também literário, artísticos e outros de interesse social

e da classe. A finalidade deste opúsculo é despertar e alimentar o desejo, em todos os estudantes, do cutlo à Medicina, principalmente, e, de outro lado, ser um órgão de divulgação de nossa Faculdade”.

A edição de estréia, com um total de 28 páginas — o texto em papel assetinado e a capa em cartolina de cor — a primeira, trabalhada em vinhetas, exibiu, ao centro, fotografia da maquete do edifício da Faculdade de Medicina, em construção. Iniciou a matéria uma página em homenagem ao diretor do estabelecimento de ensino médico, dr. Otávio de Freitas, seguindo-se outra, ambas com os respectivos clichês, de homenagem postuma ao professor Armando Gaioso. Divulgaram trabalhos científicos: Fernando Campelo, Luiz de Barros Noé, Eustáquio Duarte, Mateus de Lima e Gildo Neto, enquanto Silveira Paula se ocupava do movimento renovador, completando o sumário notícias e atas das reuniões do Centro.

Manteve-se inalterado o programa estabelecido pela redação, sendo criada, a partir do terceiro número, uma seção de Literatura, ao passo que a capa trazia, sempre, ao centro, fotografia de casa de saúde e, no texto, prestavam-se homenagens a diferentes cientistas. Vieram a ser divulgados anúncios, cobrando-se 10\$000 por assinatura anual e 1\$000 pelo número avulso.

A **Revista** circulou regularmente, vindo a englobar num só volume os n.ºs 5 e 6, de novembro/dezembro. Seguiu-se a a numeração em 1927, saindo conjuntos os n.ºs 9 e 10, de março/abril, para despedir-se com o n.º 11, do mês de maio.

No mês de outubro ocorrera a primeira alteração no corpo redacional, sendo Djalma Farias substituído por Luciano de Oliveira. Nova modificação verificou-se em janeiro de 1927, com o afastamento de Fernando Campelo, Mateus de Lima e Gildo Neto, que terminou o curso médico. Assim é que Abelardo Calafange assumiu a direção, entrando como redatores César Rezende e Silveira Paula e, como gerente, Agápito Freitas.

As edições da **Revista Acadêmica** tiveram, a fora os nomes mencionados, outros colaboradores, na parte científica, a saber: Júlio de Oliveira, Coelho de Paiva, Heraldo

Maciel, Abel Caldas, Freitas Lins, Sotero de Sousa, Caitano Galhardo, dr. Renato de Sousa Lopes, professor Miguel Couto, Hermógenes de Miranda dr. Belisário Pena, Alcides Benício e Valdemar Valente, fazendo-se igualmente, transcrições diversas. Na parte literária apareciam: Gomes de Barros, Jaime d'Altavila, Jorge de Lima, Fernandes Viana, Hostilio Cruz, José Pinho, Antônio Fasanaro, Augusto Maurício, Paulo Emílio, Dourado Ferreira e Leonel Coelho (**Bib. Púb. Est. e Bib. Est. de Sergipe**).

AS VESPAS — Panfleto Mensal da Vida Brasileira — Circulou o Fasc. I, Vol. I, datado de maio/agosto de 1926, formato de 19 x 14, com 48 páginas de colunas larga, mais a capa, em papel **couché**, ilustrada com alegoria bicolor de Luiz B. Campelo. Redator — Jarbas Peixoto. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, de I. Néri da Fonseca, instalada à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) n.ºs 78 82.

“Eis aí **As Vespas**, meus senhores! — assim começou o artigo de abertura — Elas trazem, ao aparecer, uma diretriz prefixada: ferretear impiedosamente os manjões de toda casta que andam sujando de canalhice e covardia a vida brasileira; dar em terra com uns ídolos de lama fantásticamente equilibrados na idioteira raza de um povo d'imbécis e mariolas; zumbir sempre, com sarcasmo e irreverência, à cara dos fantoches doirados que ascendem e dos sabujos recheios e matreiros, na descida. Nada lhes escapara à dissecação impiedosa e gargalhante. Elas serão, antes de tudo, uma investida sem recuos, destemerosa, à cretinocracia do momento”.

Acentuou, depois de outras considerações: “Um panfleto deste gênero é publicação inteiramente inédita no Brasil”, concluindo: “E agora afastem-se, que lá vai pedrada!”.

Foi o seguinte o sumário da irreverente publicação: “Que é feito da Revolução?”, “Rocha Vaz: **papão** e diretor...”, “Fora o Partido da Mocidade!”, “História dum homem que passou pela vida como um cão”, “Marinetti no Rio: de como se esborrachou o sr. Graça Aranha”, “Machado de Assis traído pela Academia”, “Recife?” e “O perigodo d'**As Vespas**”.

Temas foram esses comentados com senso crítico e a navalha da ironia, às vezes ridículo e mofa, versadeiras far-

peadas; mas também a apologia de um bêbado de talento: o poeta Aires Palmeira, que amargou uma vida de sofrimentos, para quem a morte se revestiu, apenas, “de uma aparência consoladora de liberdade e ausência de miséria”. (1)

“As **Vespas** ficaram na edição de estréia, embora anunciasse, para o número seguinte, “panfletos d’interesse”.

JORNAL DE ODONTOLOGIA — Entrou em circulação o n.º 1, ano I, sob a direção de Ferreira dos Santos. Dedicado “aos interesses da classe odontológica”, pretendia sair mensalmente (**Jornal do Commercio**, 20/8/1926)

O PERNAMBUCANO — Órgão de Livre Opinião — Com redação em Beberibe. “destinado a pugnar pelos interesses da localidade”, “bem impresso e digno de leitura”, assim registou seu aparecimento o diário **A Noite**, edição de 20 de agosto de 1926.

Existe comprovante (único) do n.º 2, publicado a 30 do referido mês, formato de 44 x 25, com quatro páginas de quatro colunas. Confeccionado na oficina do **Jornal do Recife**, vendia-se o exemplar a \$200.

Com apenas meia página de anúncios, a edição inseriu matéria interessante e variada, constituída de comentários breves e amplo noticiário, sendo toda a segunda página redigida em inglês. Foi um dos colaboradores o poeta Murilo Costa (**Bib. Púb. Est**).

ESTELLARIO — Revista de Letras, Artes e Cinematografia — Saiu a lume no dia 22 de agosto de 1926, impressa na oficina gráfica da Escola de Aprendizes Artífices. Direção de Costa Monteiro e Hercilio Celso, tendo como redatores Samuel Campelo, Eustórgio Vanderlei e J. Maciel Filho. Preço do exemplar — 1\$000. Sua matéria constou de escolhida colaboração literária, seção de Cinematografia, “informadora das últimas novidades do ecran”, e “farto serviço de clicherie” (**Diário de Pernambuco**, mesma data).

(1) Aires Palmeira era pseudônimo, tornado efetivo, do poeta piauiense José Augusto de Sousa, que atuou intensamente na imprensa do Recife, igualmente como jornalista.

VANGUARDA — Revista destinada a aparecer mensalmente, teve o seu primeiro número publicado a 18 de setembro de 1926. Propriedade da Empresa **Vanguarda** Ltda.; diretor — Aristófares Renan da Trindade; redator-secretário — José da Nóbrega Simões; gerente — Teófilo Braga. Alimentava — conforme o artigo-programa — a “benéfica esperança de um acolhimento” que reafirmasse o “testemunho do desenvolvimento espiritual de um povo culto como é o pernambucano”. Impressa em papel **couché**, apresentou lisonjeira feição material, escolhida colaboração e farto serviço de clichêira (Do noticiário da revista **Rua Nova**, 25/9).

Foi possível encontrar (oferta de Bruno Mário Verri) comprovante, único, de outra edição da **Vanguarda**, sem capa e sem data, mas do mesmo ano, 28 páginas, formato de 28 x 19, parte em papel **couché**, parte em assetinado. Dizia o expediente: “Revista Quinzenal Ilustrada — Administração — rua Coronel Suassuna n.º 476”. Mas a correspondência devia ser enviada para a rua das Trincheiras n.º 49, onde funcionava a Livraria Confiança, em cuja tipografia foi impressa, em bom estilo. Direção: De Aquino Fonseca, José Felix de Sá, Theo Braga, Renan Trindade e Nóbrega Simões.

A par de noticiário geral, serviço fotográfico e **charge** do ilustrador **Tyro**, a edição inseriu colaboração, em prosa, de Odilon de Araújo, Mário Guimarães, Pereira de Assunção, Múcio Diniz, Djênane Azadêe e Anz Colaço, e poesias de Landulfo Medeiros, Salatiel Costa, Esdras Farias, Eugênio Coimbra Júnior, José de Azevedo Machado, Eustórgio Vanderlei, De Aquino Fonseca, João de Deus da Mota, Olavo Lopes e Alcides Ferreira.

A RUA DIREITA — Órgão noticioso, literário, artístico e de propaganda comercial dos negociantes da rua Marcílio Dias (antiga e atual Rua Direita), teve o seu primeiro número distribuído gratuitamente. Era diretor Eustórgio Vanderlei, achando-se confiada a gerência a Rubens Vanderlei (**Diário de Pernambuco**, 19/9/1926).

RECREIO-JORNAL — Periódico semanal, Literário, Humorístico e Noticioso — O N.º 1, ano I, circulou no dia 19 de setembro de 1926, sob a direção de **R. Danilo** e **Visconde d’Ardule** (pseudônimos, respectivamente, de Arlindo Moreira Dias e Leduar de Assis Rocha). Redator — Fernando Vander-

lei. Adotou o formato de 50 x 31, a cinco colunas, com oito páginas iniciais, continuando com quatro. Trabalho gráfico oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.ºs 45/47. A correspondência enviar-se-ia para as caixas: rua de São João n.º 115 — Arraial, e Bufet Caetano de Sá — Ponto Casa Amarela. Tabela de assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000. Número do dia — \$200; atrasado — \$500. Clichês e anúncios — conforme ajuste.

Periódico bem feito, variado e interessante, publicou-se com regularidade, aos domingos, pugnando pelo progresso de Casa Amarela (subúrbio ainda à época conhecido como o Arraial) e informando os fatos e acontecimentos da semana, além de agasalhar quase duas páginas de anúncios. Em seu n.º 4 iniciou o concurso: “Qual a senhorita do Arraial que tem os olhos mais lindos?”, e fez publicar, a partir do n.º 6, um cupão, a ser recortado e enviado à redação para sorteio, cujo vencedor teria direito, como presente de Natal, a frequentar, durante um ano, o Cine-Odeon, de Casa Forte.

Como matéria literária principal do semanário, salientavam-se a “Galeria Voronoffiana”, “A hora encantadora das comidas” e as “Chispas”, todas em versos humorísticos, do Visconde d’Ardule ou V. d’A., e contos de meia coluna, no mesmo estilo, de R. Danilo; sendo colaboradores: Dom Casmurro (Cleofas de Oliveira), Milcíades Barbosa, inclusive assinando-se Ed Limacis; Castro Meneses; Zé Matuto (Arlindo Moreira Dias), com as notas de mundanismo “De tocaia...”; Delmiro Santos; Lys; Caitano de Sá; Flor de Lotus; Chagas Ribeiro, Fernandes Viana, José Pinho e outros.

Em seu n.º 17, o **Recreio-Jornal** iniciou a inserção, em rodapé, da “minuciosa narrativa histórica” intitulada “D. João VI no Brasil”, da autoria de Leduar de Assis Rocha, a qual, prolongando-se até o n.º 22, ficou inacabada. Começou na mesma ocasião, “A página dos petizes”, que se reduzia a um rodapé. Acrescentava-se, então, ao corpo redacional o nome de Milcíades Barbosa, e a redação fôra transferida para a rua da Harmonia n.º 572.

A edição comemorativa de Natal, a 25 de dezembro, saiu, excepcionalmente, com 6 páginas, ilustrando a primeira, nas

três colunas centrais, expressiva alegoria do pintor Alvaro Amorim, alusiva ao tema "O nascimento do Salvador".

Proseguindo em 1927, sem alteração, o semanário abriu campanha, a partir do n.º 21, contra a pretendida transferência, do domingo para o sábado, da feira de Casa Amarela, inclusive através de comícios promovidos pela redação.

A maneira, porém, de conduzir essa campanha produziu desentendimento entre os dois diretores, consoante carta de Leduar a Arlindo, publicada no n.º 23 de 20 de fevereiro.

Depois do que... não circulou mais o **Correio-Jornal (Bib. Púb. Est.)**. (1)

O REPORTER — Entrou em circulação o n.º 1, ano I, desse "apreciado hebdomadário, propriedade de uma sociedade anônima e direção do sr. Max Figueiredo" (**A Noite**, 27/9/1926).

ALVORADA — Revista literária, teve seu primeiro número publicado no dia 11 de outubro de 1926, formato de 28 x 19, com 16 páginas, papel **couché**, servindo a primeira de capa, o título num desenho simbólico, impresso em bicolor. Direção de Anísio Galvão; redator principal — Joaquim Inojosa; diretor-gerente — Altamiro Cunha. Redação à Avenida João de Barros n.º 354, sendo o trabalho gráfico da oficina da **Revista da Cidade**.

Apresentou-se com as palavras a seguir: "**Alvorada** é uma revista pequena e, por isso mesmo, com espaço somente para os que sabem dizer, em poucos períodos, o que é uma expressão de inteligência. Não está adstrita a escolas ou a correntes. Seu programa é ela própria. Pensamento, bom gosto, crítica social e artística, recreio de espírito, modernidade. Há quem lhe ache o título um tanto acadêmico, e há mesmo quem o condene por igual a marcas de café ou cigarros. Frivolidade. **Alvorada** é um clarim, e quando sôa é para todos".

Magazine bem feito, ilustrado, divulgou o n.º 2 a 1.º de novembro, exibindo diferente clichê de cabeçalho. Sua ma-

(1) Não foi possível encontrar comprovante da edição de estréia, em forma de jornal, dirigida por Pedro Soares Germano.

téria constava de editorial, na página de frente, sobre tema internacional; as seções "... de Elegância"; "Caixa de graxa"; "Biblioteca"; constituída de crítica de livros, a cargo de Joaquim Inojosa e A. G.; "Cinelândia"; "Mundo desportivo"; "Perfis", em poucas linhas; "A semana", de noticiário; "Hora-Mulher", crônica mudana, em versos, de **João-da-Rua-Nova**, ou seja, Austro Costa; produções outras, prosa ou poesia, de Araújo Filho, Silvino Lopes, Esdras Farias, Tomaz de Aquino, Samuel Campelo, Ascenso Ferreira, Marcel Rossignol de Rives (em francês), Barreto Filho e Aníbal Portela; original musical, ocupando as duas páginas do centro; concurso para a escolha da "rainha das veranistas de Boa Viagem"; ligeiro serviço fotográfico; caricaturas, por **Zuzu** (José Borges da Silva) e poucos anúncios (Coleç. **Joaq. Inojosa — Rio de Janeiro, BG.**).

Ainda saiu o n.º 3 (e último) a 27 de novembro, registado pelo noticiário d'**A Província**, acrescentando ao corpo redacional o nome de Dustan de Miranda, na qualidade de redator-secretário.

VIDA BANCARIA — Publicação Quinzenal — Publicou-se o n.º 1 a 15 de outubro de 1926, formato de 26 x 17, com 22 páginas, incluída a capa. Papel **couché** e assetinado. Diretores — Artur Lima, Antônio Bernardetti e José Santos, funcionando a redação na rua São José de Ribamar n.º 143. Assinaturas: ano — 12\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000. Preço do exemplar — \$500. Trabalho material do "A B C Gráfico".

A página de abertura, sob o título "Porque...", assim concluiu: "**Vida Bancária** nasce para defesa dos interesses mútuos da coletividade bancária e viverá sempre escudada nesse grande e básico princípio de vitalidade das modernas organizações sociais: **"L'uniou fait la force"**".

Constou sua matéria de artigos de Artur Lima, Renato de Almeida, J. C., Ademar Coimbra e Bartolomeu Ribeiro; produções literárias de A. Alves Barbosa, A. Almeida, Heloisa Chagas, Alcindo Coimbra, Murilo Costa e outros; noticiário, às vezes ilustrado, e anúncios.

Ficou na edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

PERNAMBUCO-PHILATÉLICO — **Revista dos Colecionadores de Selos, Postais, Moedas, Etc.** — Órgão oficial do “**Brasil-Echange Club**” — Fundada em 1924, para aparecer trimestralmente, existe arquivado o n.º 12, ano III, de outubro de 1926, apresentando 18 páginas, formato de 22 x 14, impresso na oficina do **Jornal do Recife**. Diretor — Clotário B. Lima; redator-secretário — João de Barros Lima. Cotização por ano — 5\$000 ou 10 francos; preço do exemplar — \$500. Redação — rua do Bomfim n.º 171, em Olinda.

Outra edição encontrada: n.º 13, ano IV, de janeiro de 1927, quando comemorou, com o editorial “Ano Novo”, seu terceiro aniversário.

Matéria absolutamente especializada, focalizava todos os aspectos do movimento filatélico de Pernambuco e o intercâmbio com outros países (**Bib. Púb. Est.**)..

O **PROGRESSO** — Órgão independente, “da classe dos barbeiros de Pernambuco”, teve o seu primeiro número registado, sem pormenores, pela revista **A Pilheria**, de 23 de outubro de 1926.

Ocorreu, também, o n.º 2, conforme a edição de 13 de novembro, da mesma revista.

MENSÁRIO PARAMOUNT — Órgão de Propaganda — Editado pela Seção de Publicidade da Agência Paramount do Recife, o n.º 2, ano I, entrou em circulação no mês de novembro de 1926, obedecendo ao formato de 23 x 15, com 14 páginas, mais a capa em *couché*, ilustrada com desenho de artista da tela. Direção de Benjamin Ramos; redatores — Nehemias Gueiros e Otoniel F. Gueiros. Trabalho gráfico da oficina d’**A Tribuna**, à rua do Riachuelo, funcionando a redação na rua Conde da Boa Vista n.º 193. Distribuição gratuita, nos cinemas.

Consoante nota de abertura, passou de jornal a revista (1), para melhor satisfazer às exigências dos exibidores e **habitués**.

Continuando, meses a fora, a difundir noticiário, informações, reportagens e narrativas cinematográficas ilustradas, estendeu-se a publicação até agosto de 1927, quando saiu o

n.º 11, com capa policrômica, como o fizera em cada edição, sempre focalizando “astros” populares.

Terminou aí, sendo substituído, em setembro, pela revista **Cinema (Bib. Púb. Est.)**.

O **REBATE** — Jornalzinho manuscrito, de circulação adstrita ao arrabalde do Zumbi, deu edição especial, impressa tipograficamente, no dia 15 de novembro de 1926, dedicada à data comemorativa da proclamação da República (**A Província**, 17/11).

A **RIBALTA** — Órgão do **Corpo Cênico da Sociedade Dramática do Feitosa** — Raro o encontro de comprovantes, publicou-se o n.º 9, ano II, no dia 5 de novembro de 1926, formato de 31 x 23, com quatro páginas a três colunas de composição. Inseriu matéria específica, incluindo produções de Furtado Coelho, Sebastião Pereira, **Zé Sabido**, **Amador e Encrenqueiro**. Ocupava a quarta página programa do espetáculo da Sociedade Dramática.

Outro único exemplar manuseado: n.º 9, ano IV, de 4 de fevereiro de 1928, mantido o padrão anterior, sendo colaboradores A. Galvão, Joaquim Lima, **Verbena**, etc. (**Colec. Sebast. Pereira**).

HORA ALEGRE — **Revista Semanal Ilustrada** — **Artes. Teatros. Cinemas** — Apareceu no dia 16 de dezembro de 1926, formato de 32 x 19, com 18 páginas, inclusive a capa, que exibiu artística alegoria de A. A., em homenagem ao Teatro. Diretor — Nelson Paixão; diretor-artístico — Álvaro Amorim. Redação e oficina à rua Larga do Rosário n.º 232. Assinaturas: anual — 25\$000; semestral — 13\$000. Número avulso — \$500.

Abriu o texto um comentário, cuja composição tipográfica formava um ponto de interrogação, no centro da página, no qual Nelson expressou as dúvidas que o assaltavam quanto ao êxito do empreendimento de sua iniciativa.

Na página seguinte veio o programa delineado, a ressaltar o tópico: “**A Hora Alegre** não quer mais do que dar aos leitores informações rigorosamente honestas sobre artistas e teatro, pelo que estará em constante correspondência

com os mais abalisados críticos de arte do país e com os mais prestigiosos elementos da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, entidade máxima no assunto”.

O magazine apresentou vasta ilustração, mas pecou pelo mau serviço material, imprimindo-se as páginas em cores diferentes. Na parte intelectual, contou com a colaboração de Pedro Mones, cônsul uruguaio; Flávio Marciano, Carlos de Azambuja, L. C. Cardoso Aires, A. Maurício, Augusto Rodrigues e outros. Iniciou dois concursos: “**Hora Alegre de Caridade**” e “As mais belas freqüentadoras de cinemas”. Boa colheita de anúncios. (*Colec. Osv. Araújo-Fortaleza Ce.*).

Apesar de muito bem recebido nos círculos intelectuais, sobretudo pelos noticiaristas da imprensa diária, o simpático magazine não chegou ao segundo número.

BRASIL NOVO — Apareceu no dia 30 de dezembro de 1926, constituindo “verdadeiro acontecimento jornalístico”. Orientação de Paulo Fernando. Apresentou “colaboração magnífica e bom serviço de clichéria”. Ao seu noticiário, acima resumido, acrescentou **A Noite**, no dia seguinte:

“**Brasil Novo** entra na liça cheio de ardor e entusiasmo, empunhando a clava do combate dos que sabem enfrentar a luta com destemor. É um panfleto de reação desassombrada, fadado aos maiores triunfos”.

Ao que tudo indica, não triunfou, ficando mesmo na edição de estréia.

1 9 2 7

A GRACIOSA — Órgão de propaganda do estabelecimento do mesmo nome, publicou-se, pela primeira vez, em janeiro de 1927, para continuar mensalmente. Formato de 24 x 15, com quatro páginas de duas colunas, imprimiu-se na oficina do **Jornal do Recife**. Propriedade de Abrahão Allis & Irmão. Distribuição gratuita e tiragem declarada de 20.000 exemplares.

Visava, conforme o artiguete de apresentação, a tornar mais conhecido o sistema de negócio da firma e o seu lema traçado.

A partir do n.º 7, de julho, admitiu assinaturas, a 2S000 anuais, somente para outros Estados, mas o subscritor tinha “direito a notícias sociais”. Passou, então, além da matéria de propaganda, que era única, a ter “o seu lado literário e noticioso”. Logo mais, de setembro em diante, saía com oito páginas.

Decorridas as doze edições do ano, a de janeiro de 1928 — n.º 1, ano II — circulou, excepcionalmente, com 14 páginas, incluindo calendário. Nova alteração veio a ocorrer no n.º 10, quando o formato d’**A Graciosa** foi elevado para 33 x 22, ficando com quatro páginas. Assim continuou em 1929, 1930 e 1931, com doze edições por ano, sendo as respectivas edições do mês de junho transformadas em livrinhos de sortes sanjuanescas, com 24 páginas, obedecendo ao formato primitivo.

Ao iniciar-se 1932, o mensário duplicou o formato para 44 x 32, inserindo vasta matéria e poucos anúncios.

Desde que atraiu colaboração literária, a folha veio divulgando produções, em prosa ou verso, entre outros, de João e Luiz de Oliveira Maia, João Martins de Oliveira, Antônio Paulo das Neves, Aristóteles Cavalcanti Meira, Cícero Galvão, Jaci Monteiro, Armando Malheiro Filho, **Pedro III**, Adolfo Tourinho; Arlindo Maia, feito redator a partir de 1930; José de Vasconcelos, Lourival Lima, Cromwell Leal, Chagas Ribeiro e Manuel Ribeiro, que, em junho de 1932, iniciou a publicação de sua novela “Asas douradas”, não passando da segunda inserção.

Chegou ao fim a existência d’**A Graciosa**, invariavelmente impressa em tinta de cor, com a sétima edição de 1932, correspondente ao mês de julho (Coleç. A. Alliz e Bib. Púb. Est.). (1)

(1) A primeira das coleções manuseadas contém diversas lacunas, e a da Biblioteca Pública se resume a comprovantes de 1931 e 1932.

LETTRAS NOVAS — **Revista de Letras, Artes e Mundanismo** — Surgiu no dia 1 de janeiro de 1927, destinada (em vão) a publicar-se quinzenalmente, sob a “direção de uma sociedade anônima”. Exibiu, na capa, retrato de senhora da alta sociedade, estampando no texto, a par da matéria programada, farto serviço de clicherie (**Diário de Pernambuco**, 3/1).

O CARNAVAL — Publicou-se o primeiro número no dia 1 de janeiro de 1927, impresso em papel **couché**, sob a responsabilidade de **Pierrot & Colombina**. Vinha incentivar, como dizia seu programa, “todas as homenagens a serem prestadas a Momo, deus da Folia”, divulgando colaboração “variada e agradável” (**Jornal Pequeno**, 4/1).

Circulando samanalmente, só chegou o n.º 6, noticiado pelo **Jornal do Commercio** de 15 de fevereiro, morrendo, portanto, antes do Carnaval propriamente dito.

Ressuscitou **O Carnaval**, anos depois, saindo o n.º 7 (do qual existe comprovante) em 1932, a 6 de março, feito revista, com 28 páginas, no formato de 30 x 21. Direção e Propriedade dos mesmos **Pierrot & Colombina**, que eram Cícero e Pelópidas Galvão. As páginas da capa foram impressas por **Fratelli Vita** e o texto na tipografia d'**A Pilheria**, custando cada exemplar 5\$000. Inseriu noticiário carnavalesco, letras de canções, notas satíricas, poesias dos irmãos Galvão e de Teopompo Moreira e o natural acervo de reclamos comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

O MERCURIO — Não avistado noticiário algum em torno das edições anteriores, saiu o n.º 4, ano I, desse “órgão do Partido Branco dos Acadêmicos de Comércio”, tendo como diretor Batista de Oliveira e redator-chefe Eduardo Mohaupt. Inseriu “variada colaboração e farto noticiário” (**Jornal do Commercio**, 12/2/1927).

COLOMBINA — **Revista Carnavalesca** — Circulou com alguns dias de antecipação, para distribuir-se gratuitamente, obedecendo à direção de **Madame Pompadour** e **Cardeal Richelieu**. As páginas da capa foram impressas na tipografia **Fratelli Vita**, sendo o frontispício ilustrado, a cores, por **Fininho** (pseudônimo de Fausto Silveira). O texto constituiu-se, na maior parte, de propaganda comercial, “havendo uma

parte redacional escrita com finura e espírito carnavalesco” (A *Província*, 24/2/1927).

MENSAGEIRO DA PAZ (1) — Órgão da Freguesia de N. S. da Paz, de Afogados — Saiu a lume no dia 27 de fevereiro de 1927, “com licença eclesiástica”, obedecendo ao formato de 25 x 15, com quatro páginas de três colunas. Diretor — O Vigário da Paróquia. Trabalho material da tipografia d’A *Tribuna*, situada na rua do Riachuelo n.º 109.

“Com a doce esperança de uma vida longa”, segundo o editorial de abertura, colocava-se, “sobretudo, ao serviço da população operária” daquele arrabalde, além de dedicar-se à “propaganda moral e cívica”, que levasse “ao seio das famílias a palavra da fé, o conselho prudente e oportuno”.

Publicou-se o **Mensageiro da Paz** com assiduidade (embora a raridade de comprovantes encontrados), inserindo comentários doutrinários; notícias sociais; a “Liturgia Semanal”; a cargo de **Alix**; “Movimento Paroquial”, por **Violeta**; artigos de Oscar Siqueira, Aimbiré Kanimura, que também se assinava A. K. na “Crônica da Semana”; A. Felício dos Santos, etc., além de prosa e verso de **X**.

O cabeçalho exibia, a princípio, clichê de emblema religioso, à esquerda do título, e por fim, pequena fotografura da igreja-matriz de Afogados. E, em cada edição, um pensamento célebre.

Depois do n.º 3, de 12 de março do primeiro ano, só existem exemplares a partir do n.º 16, ano II, de 24 de junho de 1928, quando o trabalho gráfico já se achava a cargo da Empresa **Diário da Manhã**.

Último avistado foi o n.º 24, de 19 de agosto (**Bib. Púb. Est.**).

O **PIERROT** — Jornal dedicado aos foliões, publicou-se pela primeira vez no Carnaval de 1927, sob a direção de “um pugilo de intelectuais pernambucanos”. Divulgou boa colaboração, noticiário específico, sátiras e humorismo (**Jornal do Commercio**, 27/2).

(1) Não mencionado em “*Letras Catholicas em Pernambuco*”.

CARNEIRO LEÃO-JORNAL — Órgão do Centro Cívico-Literário Ruy Barbosa — “Recentemente aparecido”, achava-se em circulação, “redigido e colaborado por alunos do estabelecimento de ensino que lhe deu o nome”, apresentando “uma leitura sadia e interessante” (d’A Serra, Timbauba, 9/3/1927).

A VOZ DA CLASSE — Órgão dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira de Pernambuco — Circulou a 20 de abril de 1927, em pequeno formato, editado por Barbosa Júnior, Silveira Lins, Barros Lins e J. P. Cavalcanti, ocupando a gerência Toser Ramos. Teve “suas páginas refertas de matéria redacional, com artigos e noticiário” (**Jornal do Comercio**, 21/4).

Seguiu-se a publicação, quinzenalmente, até o n.º 8, registado pelo **Diário de Pernambuco** de 28 de agosto.

O LIZO — Órgão do Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas — Circulou a 17 de abril de 1927 (segundo Carnaval), formato de 33 x 22, com quatro páginas, impresso na Tipografia Oriente, à rua das Trincheiras (hoje inexistente), utilizando papel couché. Diretor — Elias Moura de Santana.

Sua matéria constou de poesia do diretor e ligeira colaboração de **Lizeu** e **Sandy**, além da letra de uma marcha do Clube Vassourinhas. No mais, só reclamos comerciais, objetivo principal da publicação, que ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

GAZETA COMMERCIAL — Órgão Exclusivamente Comercial e Anuncioso — Foi dado à publicidade no dia 25 de abril de 1927, formato de 33 x 23, com 16 páginas. Diretor-proprietário — A. Medeiros; encarregado — Otilio Buarque. Constava, ainda, do cabeçalho: “Circulação intensa pelos Estados de Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Tiragem inicial: 20.000 exemplares”. Redação e oficina (Tipografia Fenix) à rua Direita n.º 160. Preço do exemplar — 100 réis.

Seria o porta-voz e o defensor dos direitos do comércio, “quando oprimidos ou tolhidos pela prepotência dos Césares de fancar.a”. Quase toda a primeira página foi ocupada pelo artigo de apresentação, onde se fizeram, sobretudo, apreciações sobre o valor do anúncio.

A edição dedicou resumido espaço à matéria redacional, constituída de notas econômicas, bancárias e comerciais, compensando o leitor com dois sonetos jocosos, assinados por **Joãozinho**.

Teria ficado na edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

O **JAHU** — Jornal impresso em cetim, confeccionado pela Conciliação e Abrigo dos Artistas Gráficos, foi dado à publicidade em homenagem aos aviadores que tinham acabado de fazer a travessia do Atlântico no avião com aquele nome (**Jornal do Commercio**, 7/6/1927).

O **BATUTA DE SÃO JOÃO — Livro de Sortes** — Surgiu no dia 10 de junho de 1927, segundo informação, no dia seguinte, d'**A Província**, mostrando-se “assás espirituoso e variado”. Impresso na oficina da **Revista dos Municípios**, oferecia um prêmio de 100\$000, em fogos de salão, ao possuidor da centena — impressa em cada número da revista — que correspondesse à da sorte grande da Loteria Federal do dia 20.

A publicação teve seguimento nos anos subseqüentes, sendo possível manusear boa quantidade de comprovantes.

Publicou-se o n.º 8, ano VIII (devia ter sido 6 e VI) d'**O Batuta de São João** em junho de 1932, formato de 25 x 18, com 60 páginas, incluída a capa, esta em cores, ilustrando-a uma estampa do Batismo de Jesus. Inseriu bastante matéria, custando o exemplar 1\$5000. A edição de 1933, obedecendo ao mesmo ritmo, exibiu diferente estampa na capa: a de São João com o cordeiro.

Desde 1936, a revista de Sortes teve o formato aumentado para 32 x 23, variando entre 40 e 60 a quantidade de páginas, em diferentes qualidades de papel, mas a capa sempre em **couché**, ilustrada com estampas do santo junino.

A confecção material, de 1937 a 1939, esteve a cargo da oficina de Renda, Priori Irmão & Cia. e a de 1941 na d'**A Tribuna**, imprimiu-se, em 1948, na “Editanobras S. A.”, situada na rua Aníbal Falcão n.º 148, bairro das Graças. Não foram indicadas outras tipografias.

Só a partir de 1940 colocara-se no expediente a alínea: Direção e propriedade de Oscar (Felix de) Melo.

Ocorreu em 1944 a primeira elevação no preço do exemplar: passou para Cr \$2. Subiu para Cr \$3 no ano seguinte; para Cr \$4 em 1947 e para Cr \$5 em 1952.

Colaboraram, em prosa ou verso, nas edições conhecidas d'O **Batuta**, sucessivamente: Abdias Cabral de Moura, Martins Filho, Leopoldo Lins, Antônio Dias, Arnulfo Falcão, Israel de Castro, Gaspar de Azevedo, Celeste Dutra, Aguinaldo Barreto de Meneses, Romualdo Pimentel, Esdras Farias, Osvaldo Botelho Fagundes, Alvaro Fonseca, Jaime de Santiago, Norberga Vale, João Rogério, Raul Lelis, Armando Maia, Maita de Mendonça, Manuel Bezerra, **Torres Mendalva** (pseudônimo de Jason Bandeira), Otoniel Marinho, Célio Meira, Sanelva de Vasconcelos, Eustórgio Vanderlei, Paulo Matos e outros. A fora as Sortes, em grupos de quadras de sete sílabas, ocorriam notas curiosas, humorismo, originais de música, charadas, clichéria e larga messe de reclamos comerciais.

O anuário atingiu o n.º 29, ano **XXIX**, em junho de 1953 (1), deixando de aparecer em 1954 (2) (**Bib. Pvb. Est.**).

NORDESTE RURAL — Mensário Ilustrado, de Agricultura e Indústria Rurais — Começou a circular em julho de 1927, obedecendo ao formato de 27 x 18, com trinta páginas de texto e vistosa capa. Diretores — Ildefonso Lopes, Ulisses de Melo e Fernandes e Silva; gerente — Paulo de Ataíde. Confeção material da Seção de Artes Gráficas da Escola de Aprendizes Artífices de Pernambuco, funcionando a redação na rua Gervásio Pires n.º 301. Assinatura anual — 15\$000; para o estrangeiro — 25\$000. Número avulso — 1\$500.

Lia-se no artigo de apresentação: “**Nordeste Rural**, dirigida por um grupo de profissionais que conhece de perto as necessidades e os defeitos da nossa agricultura e de suas

(1) A coleção acha-se desfalcada das primeiras edições até 1931; das de 1934 e 1935 e das de 1941 a 1943.

(2) Prosseguiu a publicação de 1955.

indústrias derivadas, procurará de preferência tratar dos assuntos que diretamente se prendem à sua prosperidade”.

Além de tratar dos temas específicos que lhe são inerentes, auxiliaria os dirigentes públicos na solução dos problemas relacionados “com estes dois elementos dos mais poderosos da nossa grandeza e do nosso bem-estar”.

A edição de estréia estampou, em caráter de homenagem, retratos do Governador Estácio Coimbra e do Secretário da Agricultura, Samuel Hardman, a par de vasta matéria em torno dos temas enunciados. Boa messe de reclamos comerciais de produtos especializados.

Seguiu-se normalmente a publicação, cujo terceiro número foi dedicado à agricultura cafeeira, tendo contado, até findar o ano, com a colaboração, entre outros, de José Constantino, Urbano Gonçalves, Osman Silveira, Brandão Cavalcanti, José Hardman, Guilherme de Carvalho, D. Bento Pickel, Antônio A. Pombo, Clodomiro Pereira da Silva, Carlos Belo e Juvêncio Mariz de Lira.

Prosseguindo em janeiro de 1928, passou a ser impressa, desde a edição seguinte, na oficina da **Revista da Cidade**, substituindo-se o corpo diretivo pelos nomes de Ulisses Melo, Osman Silveira e Manuel Cunha, este último, depois, transformado em gerente. Sem alterar o programa, tornou-se o mensário, a partir de julho, “órgão oficial da Associação dos Agrônomos”. E contou, entrando pelo ano de 1929, com a colaboração técnica de Apolônio Sales, Antônio Pombo, Jaime Gusmão, D. Pedro Bandeira de Melo, D. Agostinho Ikas, Américo Braga, Francisco Querquis, Frederico Ferracini, J. Maurício Vanderlei e outros.

Nordeste Rural mantinha, sobretudo, seções especializada de conselhos agrícolas, avicultura, pecuária, etc., intercalada a matéria de gráficos, desenhos e fotografias. Média de 30 páginas. Capas igualmente ilustradas e coloridas.

Nem sempre circulando mensalmente, mas reunindo, às vezes, três meses numa só edição, a revista não conseguiu alongar sua existência, terminando-a com o número conjunto 26/27/28, ano III, datado de agosto/setembro/outubro de 1929 (**Bib. do Museu do Açúcar**).

O ABRIGO — **Quinzenário Noticioso e Independente** — Surgiu no dia 15 de julho de 1927, formato de 44 x 30, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Propriedade do Abrigo Espírita Teresa de Jesus. Diretor — Costa Alecrim; redator-chefe — Cruz Ribeiro; secretário — José Carlos de Santana; gerente — Antônio de Azevedo Ramos, funcionando a redação na rua Deão Faria n.º 155. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo n.ºs 78/82. Assinatura anual — 10\$000; semestral — 5\$000. Número avulso — \$100, elevado, meses depois, para \$200.

Lia-se no artigo de apresentação: “Livre de partidarismo, sua rota está preconcebidamente traçada no estendedor liberal da crítica desapassionada e da análise imparcial. Todos os atos mundanos, públicos ou governamentais, serão apreciados com esmero sob um raciocínio severo e suave, independente de censuras acerbas e de aplausos turiferários. Não desceremos jamais a retaliações pessoais, sejam quais forem as contenções em litígio”.

Ao editorial seguiu-se artigo de J. d’Almeida, sob o título “Apelo”, conclamando os “sentimentos altruísticos da população do Recife”, no sentido de prestar ajuda ao Abrigo, prestes a entrar em atividade, “destinado a amparar a infância e a velhice desvalidas”.

A publicação ocorreu normalmente, com uma página de reclamos comerciais e as três restantes repletas de comentários em torno da doutrina espírita, noticiário e propaganda da obra que lhe dava o nome.

Ao atingir o n.º 15, ano II, datado de 29 de fevereiro de 1928, cresceu um pouco o formato, passando a seis colunas de composição. Mudara-se a redação para a Avenida Rui Barbosa n.º 1523 e a confecção material ficou aos cuidados da tipografia do **Diário da Manhã**, constando do expediente nova designação: “Doutrinário, Noticioso e Literário”. A partir de junho do mesmo ano, tornou-se mensário.

Jornal bem redigido, contou com a colaboração de Otávio Coutinho, Armando de Alencar, J. A. da Silveira, **Violeta do Passo**, Odilon de Araújo, Rego Barros, Yvon Costa, J. Carlos, **Ignotus**, Antônio Guimarães Júnior, Araújo Filho, De Marcos, Oscar Nunes de Amorim, **Alpha**, **Mirandola**, **Três Xis**, A.

Quiroga, Alfredo Miguel, Leonardo Selva, Ernesto Gameiro, Batista de Oliveira (Tomaz Tenório Vila Nova, Ulisses de Carvalho, Mário Travassos, Maria de Lourdes Sousa, João Bezerra de Lima, Zeferino Lima, etc.), divulgando, ao mesmo tempo, diversas transcrições.

Do corpo redacional, ainda em 1927, também participaram M. Alecrim e Astrogildo Calipso de Carvalho, mas a partir de dezembro foi a secretaria definitivamente entregue ao colaborador principal: Fausto Rabelo, suprimida a função de redator-chefe. O gerente (signatário de artigos) Antônio R. de Azevedo, foi substituído, no ano III, pelo comentarista Ernesto Gameiro Álvares. Teve atuação das mais intensas o diretor Costa Alecrim, o qual, além de redigir editoriais, assinava poesia e crônicas sucessivas.

A inauguração do Abrigo Teresa de Jesus (janeiro de 1928) e as datas aniversárias mereceram ampla cobertura do periódico, que divulgou, a partir de fevereiro de 1929, o folheto de J. A. Nogueira, "De Além-Túmulo", e reuniu a matéria mais ligeira sob o título geral "Registo" e o sub-título "Notícias — Fatos — Curiosidades — Fenômenos".

Para facilitar a difusão do jornal, reduziu-se a tabela de assinaturas, em agosto de 1930, passando a ser cobrados 10\$000 e 5\$000 por ano e semestre, respectivamente.

Ao atingir 1931, **O Abrigo** ocupava-se, detidamente, do Catolicismo Oficial, travando debate com o padre Felix Barreto, que defendia, pelas colunas do **Diário da Manhã**, o ensino religioso nas escolas.

Os grandes temas do Espiritismo eram debatidos no mensário, além de outros que diziam respeito à moralidade pública, através de substanciosos editoriais e artigos assinados.

Prolongou-se sua existência até o n.º 61, do mês de outubro de 1931 (**Bib. Púb. Est.**).

COMMERCIO E FINANÇAS — Revista Quinzenal de Informações e Estatísticas — Entrou em circulação a 15 de julho de 1927, formato de 30 x 18, com 48 páginas, inclusive a capa, utilizando papel assetinado e **couché**. Propriedade

de L. Silva & Cia., com tipografia instalada na rua Guararapes, bairro do Recife, n.º 61. Tabela de assinaturas: ano — 50\$000; seis meses — 26\$000; para o estrangeiro: 65\$000 e 35\$000, respectivamente.

Embora sem o caráter de substituição, a nota de abertura indicou o mesmo programa de atividades da extinta **Gazeta Commercial**, utilizando idênticas palavras.

A matéria comum, a edição de estréia acrescentou clichês de personalidades das classes conservadoras; monografias agrícolas; seção sobre cooperativismo e grande quantidade de anúncios.

Seguiu-se a publicação, com igual quantidade de páginas, a capa sempre ilustrada de fotogravuras. Só no segundo número apareceu em letras de forma o corpo redacional, assim constituído: H. Fernandes, Olavo Figueira e Lourival Torres da Silva. Retirado o primeiro deles, foram admitidos, no n.º 4, Aurélio Santos, Durval Santos, Valfrido Andrade e Valdemar Santos. Ao mesmo tempo, juntou-se ao sub-título: “Órgão das publicações officiosas da Associação Commercial de Pernambuco”.

Não ultrapassou, entretanto, o n.º 5, que circulou a 15 de setembro (**Bib. Pú. Est.**).

REVISTA DE HISTÓRIA DE PERNAMBUCO — Mensário de Cultura Histórica, cujo objetivo é publicar as obras completas do escritor conterrâneo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa — Entrou em circulação no mês de agosto de 1927, obedecendo ao formato de 23 x 15, com 64 páginas, composição em coluna larga, utilizando papel assetinado de segunda classe e capa em cartolina de cor. Diretor — Carlos Pereira da Costa, funcionando a redação e oficina (própria) na praça Joaquim Nabuco n.º 159. Assinaturas: por doze números — 60\$000; para o interior e Estados — 72\$000.

Retratos do historiador e do governador Estácio Coimbra, desenhados por Manuel Bandeira, ocupando páginas especiais, em **couché**, cobertas com papel de seda, abriram a edição. Seguiu-se a apresentação “Aos leitores”, assinada pelo diretor-editor, que se reportou à iniciativa de março de 1924, fracassada meses depois, declarando haver decidido

começar uma nova fase, para cuja consecução conseguiu o necessário auxílio do governo do Estado e de algumas prefeituras municipais. Depois de outras explicações, concluiu:

“A diversidade de tipos e papel que se nota nos 17 fascículos dos **Anais Pernambucanos**, já em circulação, obriga-me a reeditá-los embora isso acarrete maiores despesas, a fim de que seja corrigido semelhante defeito e este mensário possa apresentar-se com uma feição material tanto quanto possível isenta de senões”.

As páginas seguintes foram ocupadas por uma nota crítica de Gilberto Freyre, intitulada “Acerca da **Prosopopéia**”; o estudo bio-bliográfico “Bento Teixeira Pinto (1) e a **Prosopopéia**”, por F. Augusto Pereira da Costa, e, finalmente, o famoso poema do vate quinhentista, “o primeiro brasileiro (2) que cultivou a literatura e principalmente a poesia”, nascido na “freguesia de Muribeca, (3) situada a quatro léguas ao sudoeste da cidade do Recife”.

O n.º 2 saiu mais volumoso, com 120 páginas, nelas compreendidos dois trabalhos: “A conspiração mineira perante a História” e a “Enciclopedia brasileira”.

Subiu para 166 a quantidade de páginas do número conjunto 3/4, outubro/novembro, precedido de prefácio de Júlio Belo, inserindo o “Mosaico Pernambucano” — coleção de excertos históricos, poesias populares, anedotas, curiosidades, lendas, antiquilhas, usanças, ditos célebres, agudezas, inéditos, etc. — e a conclusão da “Enciclopedia brasileira”.

Seguiram-se os n.ºs 5/6, de dezembro; 7, de janeiro/fevereiro de 1928, e 8, de março do mesmo ano, num total de 334 páginas, todas elas ocupadas com o início da obra principal “Anais Pernambucanos”, precedido de “Apontamentos para o prólogo”, “Apêndice” e apreciações da imprensa diária.

(1) (2) (3) Pesquisa mais detida do historiador José Antônio Gonçalves de Melo, Neto, posterior à obra de Pereira da Costa, colhida nas melhores fontes portuguesas, chegou à evidência irrefutável de que o nome do poeta era simplesmente Bento Teixeira, não era brasileiro de Muribeca, Jaboatão, mas português legítimo, nascido na cidade do Porto.

Os "Anais" constituem uma crônica completa da vida de Pernambuco, através de dados e documentos sobre política, ciências, literatura, artes, etc., a partir do ano de 1493. Mas a publicação atingiu, apenas, as notas de 1577, ficando suspensa (4) (**Bib. Púb. Est.**).

RECREIO DA PETIZADA — Semanário Infantil, Ilustrado — O n.º 1, ano I, circulou a 15 de setembro de 1927, formato de 31 x 22, com 20 páginas e capa em papel couché. Edição do **Jornal do Recife**, funcionavam em conjunto a redação, escritório e oficina à rua do Imperador Pedro II n.ºs 331/345. Responsável pela publicação — **Professor Terêncio** (pseudônimo de Eustórgio Vanderlei), auxiliado por Batista de Oliveira e Oscar Farias. Assinaturas: anual — 20\$000; semestral — 10\$000. Preço do exemplar — 500 réis.

Antiga seção daquele diário (em 1919), apareceu "ao mundo infantil"; conforme o editorial "No pórtico", sob uma nova forma, com uma feição nova". Desembaraçara-se "dos liames que o prendiam aos limites de uma página de jornal", página que "se tornou pequena de mais "para conter o volume, cada vez maior, da produção dos colaboradores mirins. Era independente, embora continuasse ligado ao **Jornal**, "sob o aspecto moral e financeiro".

O cabeçalho e o desenho da capa, originais de Nestor Silva, com a assinatura **NHS**, apresentaram os "heróis" do **Recreio**: "Cazuza", "Arara", "Tição" e "Fininho".

Magazine interessante, constituído de matéria leve, adotou as seguintes seções: "Na cátedra do **Terêncio**", "O Correio Infantil"; "Correspondência"; "Moda infantil"; "Festas e aniversários", ou seja, o registo social da infância; "Cinemas e Fitas"; contos escolhidos, por meio de trans-

(4) Autorizada por lei estadual, na gestão do Governador Agamenon Magalhães, começou em 1951 a publicação geral, definitiva, dos "Anais Pernambucanos", de F. A. Pereira da Costa, a cargo do Arquivo Público. O primeiro volume apresentou 644 páginas, continuando a publicação, com volumes mais ou menos idênticos, porém morosamente, de modo a só ter atingido o décimo volume em 1966, compreendendo as datas de 1834 a 1850, fim da obra, faltando o volume de índices e Referências.

crições; prosa e verso de crianças; anedotinhas, clichês da petizada, desenhos, “quebra-cabeças”; palavras cruzadas; “Suplemento para Olinda”; “Página para armar”; concurso de beleza infantil; “Exames e festas”; até alguns anúncios.

A par dos colaboradores miúdos, o **Recreio da Petizada** também os teve graúdos, que, no entanto, escreviam para aqueles, tais como Eustórgio Vanderlei, que era o mesmo **Maurício Maia**; **R. Danilo** (pseudônimo de Arlindo Moreira Dias), Augusto Vanderlei Filho, Parente Viana, Cruz Ribeiro, Rodovalho Neves, **Rosália Sandoval** (como se assinava a alagoana Rita de Abreu), Antônio Fasanaro, Sotero de Sousa, etc.

Entre os colaboradores miúdos, destacavam-se Alcione Ramos, Alcides Nicéas, Mauro Luna, Pajuaba Neto, Celme Feijó, Maria Emilia Meira de Vasconcelos (Mamy); Gastão de Holanda, Luiz Peri, Teodorico Cadena, Asdrubal G. de Assis, Maria Coríntia, Ércio Rabelo, José Veiga, Iris de Faria (desenhista), Carlos Leite Maia, Nelita Lopes Pereira, etc.

Recreio da Petizada manteve nível atraente, à altura dos leitores, nem sempre unicamente pequenos. Além de Nestor Silva, exibiu capas ilustradas, a cores, por J. Ranulfo, Avelino e Euclides.

Dezesseis edições foram dadas a público até 29 de dezembro. Iniciou-se 1928 com o n.º 1 (ano II) de 5 de janeiro, ilustrando a capa artístico retrato da menina Vanita Gusmão, vencedora do concurso de beleza infantil.

O magazine teve, porém, curta existência, atingindo o n.º 5 a 2 de fevereiro, para não mais retornar (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DA RAÇA — Cultura do Pensamento Brasileiro
— Surgiu a 17 de setembro de 1927, formato de 32 x 23, com 32 páginas, utilizando papel couché e assetinado. Direção de Aurélio de Limeira Tejo; redatores — Abaeté de Medeiros, Nehemias Gueiros, Antiógenes Cordeiro e Valdemar de Oliveira, o cronista de arte; ilustrador — Manuel Bandeira; gerente — Aquilino Porto. Publicação quinzenal, assinava-se a 20\$000 por ano, custando 1\$000 cada exemplar. Redação à rua Marquês do Herval (atual Concórdia) n.º 766, 1.º andar, e trabalho gráfico da oficina do **Diário da Manhã**.

A edição apresentou excelente capa alegórica, desenhada por J. Carlos, alusiva ao título e trabalhada em litogravura. A página de rosto, ilustrada por Bandeira, estampou, ao centro, concisa nota-programa, assim iniciada:

“**Revista da Raça** é uma revista de ideal. É certo que esse ideal ainda não está integralizado. Apenas deixou de ser uma fantasia para sentir o primeiro remoeir da evolução. O espírito regionalista, que é o seu fundamento, a sua razão de ser, apenas se esboça, apenas se ensaia. É que ainda há uma fria indiferença, uma despreocupação dolorosa por tudo que seja puramente nosso. Daí, a variedade de sua matéria”.

Após alguns conceitos, concluiu: “É apenas a primeira nota — um pouco desafinada — do canto de guerra do nosso espírito”.

“Nacionalismo” — Reintegração — Atualidades sociais” — eram outros pontos altos do programa do bem feito magazine.

Constaram do sumário: editoriais, de página inteira, sobre os temas enunciados; poesias de Ferreira dos Santos, Esdras Farias e Assis de Machado; o comentário “Das primeiras filas”, por W.; páginas de cinematografia; magníficos desenhos do ilustrador oficial; algumas transcrições e a “novela esquisita de crítica nacional”, intitulada “Um quadro humano”, iniciada com uma página de Limeira Tejo, que devia continuar (não continuou) redigida pelos outros redatores, um em cada edição, ocupando idêntico espaço. As sete páginas de abertura e as oito do fim foram ocupadas com anúncios.

Ainda Bandeira desenhou a capa e as diferentes ilustrações (uma também de Joaquim Cardoso) do n.º 2 da **Revista**, que circulou (impressão da oficina de Fratelli Vita) na 1.ª quinzena de outubro, com apenas 24 páginas, bastante reduzido de matéria paga. Teve caráter quase que exclusivamente literária e social, inserindo, além de W., colaboração de Anísio Galvão, Ascenço Ferreira, Araújo Filho e Antiógenes Cordeiro. Impressão a cores diferentes, como no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

O **VARZEANO** — Circulou o primeiro número desse jornalzinho humorístico, declarado semanário, sob a direção de **J. Seno** (*A Província*, 27/9/1927).

CINEMA — **Revista Cinematográfica de Grande Circulação** — Surgiu em setembro de 1927, formato de 23 x 16, com 24 páginas, a metade de anúncios, em papel assetinado, trazendo na capa retrato de “estrela” de filme. Direção e propriedade de Benjamin Ramos e Nehemias Gueiros; redatores — **J. Maciel Filho**, **Anteógenes Cordeiro** e **Otoniel F. Gueiros**. Trabalho gráfico da oficina d’**A Tribuna**, para distribuição gratuita nas casas exibidoras. Tabela de anúncios: página — 100\$000; 1/2 página — 60\$000; 1/4 — 40\$000. Redação à rua Sete de Setembro n.º 200.

Constava do artigo de apresentação: “Não somos mais que a transformação do **Mensário Paramount**, editado até o último mês pelo Departamento de Publicidade da Paramount nesta cidade, e que agora surge com vida própria e independente”. Esperava sobreviver, embora fosse o Recife “um inimigo cruel das publicações periódicas, de difícil e não raramente efêmera vida de circulação”.

Constituída de matéria específica, seguiu-se o ritmo mensal da publicação, a que não faltava crônica original de **Anteógenes Cordeiro**, além de notas sociais, servida cada edição de copiosa messes de ilustrações fotográficas. Variada quantidade de páginas.

Passando a ser impressa na tipografia do **Diário da Manhã**, deixou logo a revista de ser distribuída grátis, cobrando 400 réis por exemplar. Depois do n.º 4, datado de dezembro, começou janeiro de 1928 com o n.º 1, ano II, de 20 páginas, utilizando papel **couché**.

Teria ficado suspensa a publicação, só restando comprovantes das edições de setembro, de outubro e de novembro de 1933, em segunda fase. Propriedade e direção de **Manuel C. Araújo** e **Otoniel Gueiros**; redatores — “diversos”, funcionando a redação na Avenida Marquês de Olinda como anteriormente. Tinha 24 páginas de papel assetinado. Liam-se, nessas edições, trabalhos literários de **Danilo Lobo Torreão**, **Jaime de Santiago**, **Jónatas Serrano**, **Sá-Poti** (pseudônimo de

Pedro Lopes Cardoso Júnior) e G. Mylord, a fora a matéria de rotina (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda circulou **Cinema** em 1934, segundo o jornal **A Glória**, de Gararanhuns que acusou o recebimento da edição de fevereiro ou março.

O BATISTA BRASILEIRO — Órgão Oficial da Associação Batista Brasileira — O n.º 13, ano IX, circulou no dia 30 de setembro de 1927, prolongando-se a publicação até, pelo menos, o n.º 45, de 30 de julho de 1930. Esta é uma parte da coleção existencial em poder do atual desembargador Vidal de Freitas, residente em Teresina, capital do Piauí. Não foi possível examiná-la. Nem, tão pouco, constatar, nas diversas fontes procuradas, quando ocorreu a fundação da folha, que se distribuía mensalmente.

Apenas a Biblioteca Pública do Estado guarda três comprovantes d'**O Batista Brasileiro**, o primeiro deles, de n.º 21, ano IX, datado de 10 de junho de 1928. Contendo seis páginas, formato de 35 x 24, imprimia-se na oficina do **Diário da Manhã** e tinha redação à rua Dr. Júlio de Melo, bairro da Madalena. Eram redatores: Tiago de Araújo, Vidal de Freitas e Rosalino Lima. Assinatura anual — 5\$000.

As duas outras edições foram os n.ºs 32 e 33, ano X, de 30 de abril e 31 de maio de 1929, ambos de oito páginas. Constituído de matéria específica, divulgava artigos doutrinários, noticiário, relatórios, etc. Colaboradores anotados: Lírio Momasali, Alberto Sales e Natanael Dantas, este último travando polêmica com **O Jornal Batista**, do Rio de Janeiro.

REVISTA THEATRAL — Magazine Semanal de Teatro, Cinema, Música e Literatura — Entrou em circulação a 1.º de outubro de 1927, obedecendo ao formato de 32 x 23, com 16 páginas de texto, em papel assetinado, e capa em couché. Direção e propriedade de Abdenago de Araújo; redatores — Samuel Ponce de Leon e Ovídio de Carvalho; gerente — Antônio Nascimento, funcionando a redação na extinta rua Sigismundo Gonçalves, 118, 1.º andar. Tabela de assinaturas: ano — 20\$000; semestre — 15\$000; para o exterior — 25\$00 e 18\$000, respectivamente. Preço do exemplar — \$600, depois reduzido para \$500. Confecção material do "A B C Gráfico", de Carlos Pereira da Costa, na Praça Joaquim Nabuco.

Ligeira nota de abertura dizia: “A sentença cruel, desesperadora, terrível, que sempre aguarda, entre nós, a saída de um jornal, é esta demonstração de desânimo, de fraqueza e falta de fé: — Vai morrer logo no berço”! A sentença produzia, sempre, resultados marcantes; mas a redação da **Gazeta Theatral** era resoluto: “... surgimos para vencer, alentados por uma esperança bem forte de vitória. Os propósitos melhores nos animam. Por que não confiar?”.

A sua vez, escreveu o colaborador Valdemar de Oliveira, abrindo a crônica “Assunto de sobremesa”: “Preenche-se uma lacuna com o aparecimento desta revista. Uma grande lacuna. Eu trago também a minha agulha e a minha linha para juntar os meus esforços a outros e refazer este rasgão largo no cenário da vida teatral do Recife”.

No segundo número, do dia 8, o artigo redacional rejubilava-se com a vendagem de 1.500 exemplares do primeiro. Mas acentuou: “Não somos otimistas de mais para julgarmos permanente esses lances de vitória. O meio é ingrato e a deslealdade campeia assustadoramente”.

Começou a circular aos sábados; porém o terceiro número saiu a 20 de outubro, numa quinta-feira.

Exibindo na capa clichês de artistas, a **Revista** apresentava, igualmente, ilustrações no texto, variando a matéria com páginas cinematográficas. A colaboração sobre teatro esteve a cargo de Eustorgio Vanderlei, Samuel Campelo, U. S., ou seja Umberto Santiago, Raul Valença, A. N., **Guarani**, Samuel Ponce de Leon e **Sidério Vega**; sonetos de **Bela Assis** e **J. Batista** e crônicas mundanas de Nelson Melo, Altamiro Cunha e **Marialva**. Mais noticiário e anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

Nada obstante a inexistência de outros exemplares arquivados, a publicação prosseguiu até o n.º 6, de 17 de novembro, registado pelo **Jornal do Recife** do dia 18.

FREI CANECA — Mensário de Pensamento — Regionalista — Separatista — Distribuitista — Circulou o n.º 1 a 17 de outubro de 1927, edição de oito páginas, trabalhada na oficina do **Diário da Manhã**, obedecendo ao formato de 48 x 26, a seis colunas de composição. Diretor — **Delfino Caval-**

canti (assim oculto o nome do escritor Manuel Lubambo) e redação à rua Primeiro de Março n.º 84, 1.º andar.

Ao que salientou o artigo de apresentação, bastante longo, o título do jornal significava justa homenagem ao “guerreiro sonhador”, ao “santo carmelita” frei Joaquim do Amor Divino Caneca, nome que traduzia “firmeza de caráter, espírito de coerência, emprego de energia ativa para uma finalidade prevista”.

Os “assuntos de crítica e revisão histórica, interessando particularmente o Nordeste brasileiro”, seriam o seu núcleo de ação, a destacar o regionalismo “econômico-produtivo, político, social, religioso, etc”. A orientação era Católica. Nada tinha com os partidos políticos da Europa ou qualquer outro”. Acima de tudo, visava aos “interesses da gleba”. Na ordem política nacional vinculava-se ao separatismo, como movimento que se impunha “vitoriosamente”.

Seguiu-se artigo de M. L. (Manuel Lubambo), sob o título “A idéia separatista nas revoluções de Pernambuco”. Quatro colunas da terceira página foram ocupadas por substancial artigo de redação, intitulado “Distribuitismo”, em que o editorialista lançou um “programa de reação mental” contra “certas emulsões perigosas: anarquismo, comunismo e até ridículos paliativos, como é o fascismo”. Dizia, a certa altura:

“Nós queremos para cada cristão uma casa; a pequena propriedade rural; uma organização industrial baseada em corporações; no comércio, a vitória do pequeno comerciante sobre o atacadista”.

Jornal de idéias altas, inseriu também artigos literários ou a respeito de artes plásticas (ilustrados), nas duas únicas edições que deu a lume, as quais contaram, do mesmo modo, com alguns anúncios. Foram seus colaboradores: João Vasconcelos, Juanita Borel Machado, Luiz Jardim, (1) Joaquim Cardoso e N. de Azevedo Melo. Não chegou a terminar um conto de Joseph Conrad, em tradução especial,

(1) Foi o primeiro trabalho em letra de fôrma assinado pelo garanhunense **Luiz** Inácio de Miranda **Jardim**.

nada obstante haver ocupado três páginas, começado na primeira edição.

O segundo número, com dez páginas, foi divulgado a 21 de novembro (**Bib. Púb. Est.**).

Frei Caneca desapareceu “após a publicação de apenas três números”, segundo revelou o escritor José Wamberto. (1)

MAURICÉA — Revista de Formação das Inteligências Novas — Órgão do Silogeu Machado de Assis, do Ginásio Osvaldo Cruz, circulou em outubro de 1927, no formato de 23 x 16, com 34 páginas, inclusive a capa, ilustrada com clichê da Faculdade de Direito. Diretor — A. Fernandes da Costa; secretário — Luiz B. Neto; redatores — Odorico Tavares, José Pires Ferreira e Aderbal Mariano; gerente — Ermírio Maciel da Fonseca. Impressão da oficina gráfica d'A **Tribuna**.

Não se ajustava o magazine, cosoante a página de abertura, à “rigidez platafórmica dos programas”, acrescentando: “Ela é o que a mocidade é. A cor de ouro do nosso lindo sonho. O perfume suave das nossas idéias”. Suas edições — dizia, no fim, — serão em louvor de Pernambuco e das terras do Nordeste...”

Divulgou produções dos professores Aluísio Araújo e José Júlio Rodrigues; de Plácido de Oliveira, Odorico Tavares, Aderbal de Araújo Jurema, Luiz Burgos Neto, Ênio de Azevedo e Luiz de Gonzaga Cavalcanti; concisas transcrições, início de discurso do Cônego Alfredo Xavier Pedrosa, fotografuras e anúncios (**Bib. Púb. Est.**).

A CENTELHA — Quinzenário do Bairro de São José — Surgiu no dia 1 de novembro de 1927. Boa feição material e quatro páginas, formato pequeno (30 x 20) a três colunas. Diretor — Ari da Silva Lira; redator-chefe — Jonas Mendonça; gerente — Socrates Solon Cabral de Moura; — redatores — Antônio Carneiro, Clóvis Marinho e João Garrett. Impreso na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.º 47,

(Conferência proferida na sede da Academia Pernambucana de Letras, publicada na edição de 1 de março de 1970 do **Jornal do Commercio**.

a redação funciona à rua do Livramento n.º 72, 2.º andar. Assinaturas: anual— 4\$000; semestral — 2\$000; trimestral — 1\$000. Número avulso — \$200.

Dizia-se “um jornalzinho interessante, humorístico (às vezes), com trabalhos leves, indiscrições (um tanto discretas) e primando em amar com todas as veras de sua publicidade as lindas filhas desta abençoada terra”.

Uma particularidade d'**A Centelha**: o cabeçalho era repetido em cada página, com quadrinhos de cada lado, neles distribuídas as palavras do Expediente. Nos da última lia-se o seguinte:

“A deturpação de uma língua está no aceite de palavras estrangeiras”. Portanto, **A Centelha** alijará dos trabalhos publicados qualquer termo estrangeiro suscetível de tradução”.

Em seu único número encontrado (talvez único publicado), o jornalzinho nada mais divulgou senão literatura, a cargo de Murilo Costa, **Ceddy Limaro**, **Boliçoso**, Carneiro da Silva, **K. Louro**, Paulo de Tarso, Jonas Mendonça, Ribeiro dos Reis e **Trintoito**. Terminou abrindo um concurso para apurar qual a senhorinha de mais belo sorriso de São José (**Bib. Púb. Est.**).

JORNAL DAS PRAIAS — Circulou o n.º 1 a 5 de novembro, no “verão **chic** de 1927”, bom formato de 45 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-proprietário — **Marialva**. Imprimiu-se, utilizando tinta azul, na tipografia d' **A Tribuna**, à rua da Aurora n.º 197, funcionando a redação no mesmo local. Preço do exemplar — 200 réis.

Sob o título “Começando...”, lia-se no editorial de abertura: “É nosso intuito dizermos a realidade das coisas que se prendam a esta temporada **chic** de verão, discriminando os fatos e anotando as faltas que sejam dignas de nossa atenção”. Nada de política nem de religião; só interessava “a Alegria e o Bom Humor”.

Inicialmente, apelou a redação, em longo artigo, para a criação de postos de salvamento nas praias. Seguiram-se crônicas, reportagem praiana, ecos e comentários, modas e

mundanismo, concursos, poesias e alguns anúncios. Os colaboradores, além de Celestino Soares, escondiam-se sob os pseudônimos de **Onildo, J. Banhista, Rej Petrus, Keli e Peregrino (Bib. Púb. Est.)**.

Mais quatro números do semanário foram publicados, o último dos quais registado pelo diário **A Notícia**, edição de 5 de dezembro.

O VERÃO — Apareceu no dia 27 de novembro de 1927, “feito cuidadosamente por um grupo de rapazes veranistas naquela aprazível praia”. Dedicado ao movimento social do Pina, apresentava “farto serviço de reportagem, além de variada parte editorial, estudo crítico, literatura”, etc. (**Jornal do Recife**, 30/ 11).

JORNAL DO VERÃO — **Homenagem ao Verão de 1927** — Publicou-se o número de estréia a 3 de dezembro, em formato de 45 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Impressão, em papel assetinado, da tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.ºs 47/49, cujo escritório lhe servia de redação.

A par de divagações em torno da estação de veraneio, constava do artigo “Salve!”, de apresentação do periódico: “Ele é feito de mocidade para a mocidade, homenageando o verão e homenageando o próprio mar na sua festa de sol e de saúde”.

Ilustrada com aspectos fotográficos de banhistas e completada com reclamos comerciais, a edição inseriu poesias de Stênio de Sá e **Edcamaragibe**; crônicas e reportagens sobre a vida social nas praias de Boa Viagem, Pina e Olinda, assinadas por **João de Olinda, Mlle Cinema, Zé do Pina, Wall Flor, Adamastor, Munduca e Zé Olindense**; notas humorísticas e o início de concursos de beleza e elegância (**Bib. Púb. Est.**).

A publicação só prosseguiu até o n.º 3, registado pelo **Jornal do Recife** de 18 de dezembro.

NATAL — **Jornal de graça por 100 réis** — Editado no decorrer dos festejos em benefício da Matriz de São José, entre o Natal de 1927 e a véspera do Ano Novo, apareceu,

nitidamente impresso, formato de 24 x 16, com quatro páginas a duas colunas de 15 cículos. Diretora — Maria Cecília; gerente — Zélia Leitão.

Divulgava crônicas literárias, versinhos românticos, noticiários, concurso, notas elegantes e “Telegramas”. O n.º 4, ano I, saiu no dia 31 de dezembro (e foi o último da temporada), inserindo na primeira página a produção intitulada “Bethsabé”, de A. M. L., cuja composição tipográfica formou o n.º 1928. Foram outros colaboradores da edição: Arlindo Maia, **Lyrio do Norte** (pseudônimo de Luiz do Nascimento) e **Lêda**, autora dos gracejos “Eles e Elas...” (**Colec. do Autor**).

Voltou a publicar-se em 1928, nas mesmas circunstâncias, como “órgão das barracas de São José e Pia União”. O n.º 2, ano II, teve a data de 25 de dezembro. Noticiário leve e humorismo, com a colaboração de J. Carlos, **Vesper**, **Veronése** e **Lêda** (**Bib. Púb. Est.**)...

1 9 2 8

O TACAPE — Quinzenário de Crítica Social e Educação Popular — Entrou em circulação a 1.º de janeiro de 1928, obedecendo ao formato de 25 x 18, a duas colunas de 14 cículos, com 24 páginas, inclusive as de anúncios e a capa, esta representada por mal feito desenho de mapa do Brasil, encimado por um tacape e um quadro com o seguinte tópico:

“Órgão de pensamento e ação; refletindo a realidade como ressalta do testemunho sereno da experiência; sem inclinações que não venham de princípios que a verdade ditar; buscando, para material de suas páginas, de suas análises, de suas críticas, os múltiplos aspectos de existir de uma comunidade humana, idêntico às demais pelo seu intrínseco determinismo histórico, pelas suas necessidades profundas, por horizontes que se rasgam em uma época em que a nenhum povo é dado isolar-se do vasto e tumultuoso campo de batalha onde se acham interesses e aspirações, onde se decide, enfim, o destino de uma civilização”.

Impresso na Tipografia Central, à rua das Flores n.º 22, a redação localizava-se à rua Barão da Vitória (atual rua

Nova) n.º 340, 2.º andar. Mas, a partir do n.º 14, segunda quinzena de julho, tomou oficina própria, instalada, com redação e escritório, na Travessa (hoje, rua) Marquês do Herval n.º 176. Tabela de assinaturas: ano — 12\$000; para o interior e Estados — 15\$000; para o exterior — 20\$000. Preço do exemplar \$500; atrasado — 1\$000. Anúncios — conforme ajuste.

Lia-se, em substancioso editorial, inicialmente: “Sem ligações com esta ou aquela facção partidária, sem ferir de preferência indivíduos ou corporações, sem pleitear favores ou postos, o programa deste periódico será, tanto quanto possível, impessoal. Sereno em julgar; veemente, se necessário for, no combate a erros e desmandos. Uma escola para os que colocam a verdade acima de conveniências, quaisquer que sejam. Um apostolado sem o espírito obtuso de seita, norteando-se, ao contrário, pelo desejo de sempre encarar a realidade sem fantasias e sem rancores: como ela realmente é, ou deva ser”.

O articulista focalizou a fisionomia histórica do povo brasileiro e suas deficiências nos setores cívico, social e educacional. para concluir que adotaria uma “política ao mesmo tempo construtiva e defensiva”, esta última “contra velhos hábitos, velhos preconceitos que não mais comportam os anseios da consciência contemporânea; contra os embustes, as mistificações de um liberalismo de fachada; contra toda e qualquer tirania — mental, política ou econômica. Enfim, contra todas as forças destruidoras do pouco que nós somos e, sobretudo, do mais que poderíamos ser”.

Ainda uma nota à parte: “Esta revista consagrará uma parte das suas colunas ao que diz respeito a interesses e direitos das classes populares; poderão, pois, dirigir-se a ela o operário, o funcionário público, o pequeno comerciante, o pequeno industrial, o pequeno proprietário, quem quer que necessite de defesa ou queira fornecer elementos que se relacionem com o viver dessas classes, reservado, porém, à redação o critério que lhe convém manter de só aceitar uma causa quando reconhecidamente legítima, de só se utilizar de informações rigorosamente exatas. Também não alcançará acolhimento neste periódico o escrito que contiver insultos ou insinuações malévolas contra quem quer que seja, ou pecar pela sua extrema parcialidade”.

O Tacape seguiu sua trajetória, vindo a substituir, no n.º 6, o clichê da capa por outro mais sugestivo — busto de homem exibindo músculos, a mão erguida sustentando um tacape, o que permaneceu até a morte da revista; abaixo, um quadro com palavras de homens ilustres, substituídas em cada edição.

A par de artigos redacionais, versando temas consonantes ao programa de independência de atitudes a que se impusera, o bem acolhido órgão divulgava, invariavelmente, produções também firmadas pelos redatores — Joaquim Pimenta, Metódio Maranhão, Rual Azêdo, Hersílio de Sousa e João Barreto — e por alguns colaboradores, que iam aparecendo, a saber: Luiz da Câmara Cascudo; (1) Alice Azedo Pimenta, usando o pseudônimo **Dorina**; Cristiano Cordeiro, Cisneiros de Albuquerque, Fernando de Sá, **Spartacus**, Élfego Jorge de Sousa, Jarbas Peixoto, Josué d'Alenquer, Baltazar de Mendonça, Leonardo Mota e outros.

Encerrado o ano com uma edição extraordinária de 36 páginas, entrou **O Tacape** em 1929 com o n.º 25. Pouco depois, o corpo redacional foi acrescido de uma secretária: Alice Azedo Pimenta (Sra. Joaquim Pimenta) e, no mês de agosto, era admitido novo redator: o acadêmico Nelson Coutinho. Outros nomes surgiram entre os colaboradores: João Augusto de Sousa Leão, Osias Gomes, Djacir Meneses, Gomes Maranhão, Carlos de Sousa Duarte, etc.

Já no fim do ano, a revista emprestou apoio a campanha da Aliança Liberal em torno da sucessão presidencial, através da divulgação de discursos, noticiário e comentários.

Publicado o n.º 47/48, na segunda quinzena de dezembro de 1929, encerrou **O Tacape** sua existência regular, sem la-

(1) Em seu primeiro artigo, ocupou-se o grande escritor norteriograndense do significado da palavra **tacape**, assim concluindo:

“Tacape só evoca lutas. As grandes e largas batalhas sem nome e sem história, no mistério das florestas de antanho. Onde cair o tacape, fique o guerreiro. É frase que lembra versos antigos, rompan-tes e valentes. A valentia cheia de cor e de beleza do Brasil madru-gada”.

cunas, marcada pelos surtos de linguagem ativa e idéias elevadas dos seus redatores (**Bib. Púb. Est., Bib. do Inst. Arq. e Bib. da Fac. Dir. UFPE**).

O **PALADINO** — Órgão de “propaganda do movimento evangélico em Pernambuco e especialmente do Hospital Evangélico”, saiu a lume o primeiro número, tendo como diretor M. W. e redator-chefe Domingos Lima. Apresentou boa colaboração (**Diário de Pernambuco**, 4/1/1928).

O **INDEPENDÊNCIA** — Órgão do **Bloco Independência da Roseira** — Circulou no dia 19 de fevereiro, antecipando-se ao Carnaval. “Jornalzinho de quatro páginas”, estava “bem redigido e impresso em fino papel couché” (**Diário de Pernambuco**, 21/2/1928).

O **MASCARADO** — Sob a direção de **Aristóteles e Platão**, a 19 de fevereiro publicou-se o primeiro número dessa nova folha carnavalesca, “como reclamista de casas comerciais”, em meio a alguma matéria noticiosa e humorística (**A Província**, 26/2/1928).

ARLEQUIM — Revista carnavalesca, estreou sua publicação no dia 19 de fevereiro de 1928, com 28 páginas, para distribuição gratuita. Propriedade de **Jazz-Band & Cia.**, apresentou “muito humor e farta colaboração adequada com a época”, a par de “copioso serviço de anúncios” (**Diário da Manhã**, da mesma data).

Prosseguiu, nos anos subseqüentes, só existindo comprovantes a partir do n.º 4, ano IV, de 15 de fevereiro de 1931, que obedeceu ao formato de 50 x 37, com 16 páginas, impressas a cores. Era “órgão de defesa dos interesses carnavalescos”, com tiragem declarada de “15.000” exemplares, trabalhado na oficina do **Diário da Manhã**. A edição inseriu interessante matéria redacional, literária e humorística, além de grande quantidade de reclamos comerciais. Entre os colaboradores contava-se Altamiro Cunha.

Segundo a notícia, na mesma data, do **Diário da Manhã**, **O Arlequim** tinha como diretores-proprietários “Anésio Mota (**Dr. Perereca**) e Antiógenes Cordeiro (**Oscar Wilde** de fancaria)”.

Defendendo idênticos “interesses”, circulou o n.º 6, ano VI, no dia 26 de fevereiro de 1933, declarando-se “o melhor jornal do mundo”. Mudou a propriedade e direção para a firma **Blanchou & Cia.**, reduzindo-se a seis a quantidade de páginas. Impressão da tipografia do **Jornal do Recife**.

Ainda apareceu o n.º 7 de **Arlequim**, no Carnaval de 1934, a 3 de março, bastante ilustrado, divulgando noticiário, troças, epigramas, pensamentos de foliões e até poesias de Carlos Leite Maia e Borges da Silva (**Bib. Púb. Est.**).

ALTOS COQUEIROS — Órgão Literário dos Alunos do Colégio Marista — Com aprovação eclesiástica, saiu a lume o n.º 1 datado de fevereiro/março de 1928, (1) formato de 23 x 14. 36 páginas, inclusive a capa, ilustrada com fotogravura alusiva. Direção de Clodoaldo Peixoto S. Oliveira; redatores — Manuel Cavalcanti e Pedro Cavalcanti. Redação à rua Conde da Boa Vista n.º 385. Assinatura anual — 5\$000. Preço do exemplar — 1\$000; número de férias — 2\$000. Tabela de anúncios: página — 50\$000; 1/2 página — 30\$000; 1/4 — 20\$000, oferecendo 20% nos contratos anuais. Trabalho gráfico da oficina d’A **Tribuna**, à rua da Aurora, 197.

O título do magazine, repetido na abertura do texto, sobressaía, em caracteres fortes, dos seguintes versos do coro do Hino de Pernambuco:

“Salve, ó! terra dos
ALTOS COQUEIROS,
De beleza soberbo estendal;
Nova Roma de bravos guerreiros,
Pernambuco imortal, imortal!”

Segundo o editorial de apresentação, referido de conceitos e considerações, o que conduziu à publicação da revista, enfrentando “empresa tão afanosa”, foi um “ideal nobre: o desejo incontido pelo estudo, a ânsia do saber”.

Seguiu-se a publicação bimestralmente, conforme programara, divulgando matéria interessante e variada,

(1) O Cônego Xavier Pedrosa (“Letras Catholicas em Pernambuco” registara **Altos Coqueiros** como tendo começado a publicar-se em 1932.

inclusas as seções: “Piparotes”, em versos, de **Ceno Satúrnio**; “Picuinhas...”, a cargo de **K. C. T.**; “Curiosidades” e “Para dar tratos à bola”, sob a direção do **Dr. X.** Assinavam contos, crônicas ou poesias, além do diretor e dos redatores: Jonatas Serrano, Mário Medeiros, **Servus Dei**, José Alves da Silva, Aureliano Teixeira de Albuquerque (ex-aluno), Vieira Vidal, Lúcio José, Navarro Brayner de Mendonça, Fausto Pontual Júnior, Abelardo Peixoto de Oliveira, Orlando Rocha, **Justus**, **Mico d’Olho**, etc. Inseria notas de interesse colegial, serviço de clichê e, ao atingir o n.º 4, **Altos Coqueiros** passou a “órgão do Grêmio Literário Joaquim Nabuco”.

Arrematou o ano o n.º 5, de novembro/dezembro, contendo 76 páginas impressas em papel **couché** e **bouffant**, fartamente ilustradas, divulgando, principalmente, o resumo das atividades do ano letivo e páginas especiais de homenagens.

Recomeçou — n.º 1, ano II — em março/abril de 1929, acrescido o corpo redacional do nome de Mário Medeiros. Reuniu 36 páginas, incluída a capa, que apresentaria, cada ano, motivo diferente. Teve mais a colaboração especial de Israel Fonseca e Mauro Mota; do ex-aluno Gomes Maranhão e dos alunos José Carlos Dias, René Ribeiro, Gabriel Maurício, Zoé Borba, Severino Bezerra de Carvalho, etc., sendo extintas as seções fixas e intensificado o noticiário escolar e social. Manuel Cavalcanti — o mesmo **Leunam Vatic** das crônicas ligeiras — continuou a firmar artigos de refutação ao professor Hersílio de Sousa, que se manifestara, na revista **O Tacape**, contra a presença da imagem de Cristo no Júri. Clodoaldo P. de Oliveira ocupou páginas seguidas de várias edições com a sua novela “A triste epopéia do meu amigo Calixto...”, terminada com um capítulo escrito por Manuel Cavalcanti.

Circularam, durante o ano, cinco edições normais, até novembro, e uma extraordinária em agosto, comemorativa do primeiro aniversário do Grêmio Joaquim Nabuco, cuja capa exibiu retrato do patrono, figurando, no texto, em papel **couché**, fotografuras individuais dos dirigentes do sodalício.

Mais cinco números publicaram-se em 1930, o primeiro em abril e o quinto em dezembro. Novos diretor e redatores: Umberto Cavalcanti de Vasconcelos (também caricaturista), Benício Wattley Dias, Severino Bezerra “e os demais sócios

do Grêmio”, todos, porém, desaparecidos do cabeçalho no n.º 2 do referino ano, quando assumiram a direção e a crefia da redação, respectivamente, Antônio Correia de Sousa e Guilherme Martínez Auler. A assinatura anual subiu para 8\$000 e o número avulso para 2\$000, exceto a edição correspondente ao segundo aniversário do Grêmio, de julho/agosto, que custou 3\$000, reunindo 52 páginas de papel **couché**, bastante ilustradas, e divulgando produções originais de Oscar Brandão da Rocha, professor Teódulo de Miranda, Mário Melo, poetas Baltazar de Oliveira e Eudes Barros; Peixoto Sobrinho, Jaime de Santiago, acadêmico J. Régis de Moura, José Rego Vieira e **Cilro Meigo** (pseudônimo de Arquimedes Cavalcanti de Albuquerque), além dos colaboradores habituais. A capa exibiu desenho de Regueira.

Tendo saído o n.º 6 feito anuário, apareceu o n.º 7, ano III, no dia 13 de fevereiro de 1931, voltando ao expediente os nomes dos retadores fundadores (**Bib. Púb. Est.**).

Interrompida a coleção manuseada, foi possível encontrar noutra fonte o n.º 2, ano V, de **Altos Coqueiros**, datado de 19 de agosto de 1932, compreendendo as páginas 55 a 104. A turma do cabeçalho estava assim constituída: diretor e responsável — Guilherme Auler; redator-chefe — Euclides Leite; redator-secretário — Romildo Torres e Silva; gerente — Armando Lins. Uma nota redacional deu conhecimento da constituição do organismo intitulado “Revistas Unidas”, compreendendo todas as revistas dos Colégios Maristas, sob uma só bandeira — Deus e Pátria. A edição inseriu produções, entre outros, de Luiz Delgado, José Maria Mousinho, J. Valdevino e Arquimedes Dantas, ao passo que o diretor-responsável se ocultava sob o pseudônimo de **Gui Relua**. Ainda notas e variedades e a seção “Vida colegial” (**Exemplar de Alvaro Alvim**)..

O n.º 3, ano V, circulou a 31 de janeiro de 1933, continuando a numeração das páginas da edição precedente: 105 a 184. Só então deixara de imprimir-se na tipografia d’**A Tribuna**. Apresentou capa sóbria: no alto, o título, à esquerda; em baixo, à direita, os nomes dos colaboradores, ilustrando o texto clichês de professores, alunos e grupos. Ampla noticiário escolar (**Arq. de Albertino Santos, João Pessoa, Paraíba**) .

THE BIG PARADE — Número único, circulou a 1.º de março de 1928, no formato de 50 x 31, com quatro páginas, impresso, em papel especial, na oficina do **Diário da Manhã**.

Edição comemorativa da inauguração da temporada da Metro Goldwyn Mayer — First National Pictures, no Cine-Teatro Helvética, com o filme “The Big Parade”, exibiu no cabeçalho o emblema da Metro: o velho leão simbólico. Só divulgou literatura cinematográfica, ilustrada, aparecendo também clichê de Nelson Ferreira (“um catedrático na arte dos sons”, conforme dizia a legenda), organizador do conjunto orquestral do Helvética (**Bib. Púb. Est.**).

O REBATE — **Órgão de Livre Opinião** — O n.º 1, ano I, circulou a 12 de março de 1928, em formato de 52 x 38, com quatro páginas de seis colunas, destinado a sair às segundas-feiras. Propriedade de L. Ferreira & Cia.; diretor — **J. Castelar** (pseudônimo de Joaquim de Oliveira), funcionando a redação e oficinas à rua Matias de Albuquerque n.º 66. Preço do exemplar — 100 réis. Assinatura anual — 5\$000.

Lia-se na nota de apresentação: “Somos uma publicação independente: de crítica imparcial, serena, de fato verdadeiramente impessoal; política, noticiosa, literária, artística e de defesa do povo”.

A firma proprietária assumiu a responsabilidade dos anúncios do **Correio-Jornal**.

Inseriu artigo de Joaquim de Oliveira; versos de Jorge Amado; “A marcha da Coluna Prestes” (3.º capítulo, para continuar; (1) um quadro, sob o título “Meio de morte”, contendo uma lista de preços de gêneros considerados exorbitantes; a seção “Sal, Pimenta e Limão”, de bom humorismo, por **Sancho Pansa**; além de comentários diversos, noticiário e muitos anúncios.

Não há indício de ter prosseguido (**Bib. Púb. Est.**).

(1) “A marcha da Coluna Prestes” fora publicada, até o capítulo 2.º, no **Correio-Jornal**, de publicação diária, que deixou de existir no mês anterior.

O ESPORTE — Jornal de Propaganda Física — Começou circular, na qualidade de semanário, a 2 de abril de 1928, formato de 46 x 35, com quatro páginas de cinco colunas, o clichê do título impresso em tinta vermelha. Diretor — Manuel Markman; secretário — Aníbal Portela; redatores Nehemias Gueiros, Stênio de Sá e Luiz Gaioso, funcionando a redação e administração na rua da Imperatriz n.º 27, 1.º andar. Trabalho gráfico da Imprensa Comercial, situada à rua do Apolo n.º 170. Tabela de assinaturas: ano — 15\$000 (para o interior — 18\$000); semestre — 8\$000. Preço do número avulso — \$300.

Em conciso editorial de abertura, declarou a redação tratar-se de um jornal “sem a música de pancadaria da reclame, naturalmente modesto, porém cheio de uma esperança que é toda a razão de ser de sua vida agora iniciada”.

Circulando com regularidade, aos domingos, apresentava-se o periódico bem servido de comentários e noticiário relativo às diferentes manifestações desportivas do Recife, fartamente ilustrado de fotografuras, estampando clichês de escudos com as cores dos respectivos clubes. Manteve interessantes seções de comentários, tais como: “Kodak”, de João Monteiro; “Cabeçadas”, assinadas por **Lux**; “Carta... das”, a cargo de **Garça Júnior** (como se ocultava Luiz Gaioso), e a “Crônica da Semana”, por **Billy**. Ocorriam, igualmente, os “Perfis e perfídias”, uma série de sonetos satírico-humorísticos, com a assinatura de **Marcus Vinitius** e, depois, do **Substituto**. Mais a crônica de **Essesse** (Stênio de Sá) e outras.

Ao atingir o n.º 5, Nehemias foi substituído por Antônio Almeida, o qual logo mais passou à função de redator-secretário, terminando por ocupar a direção. De substituição em substituição, o corpo redacional admitiu, ainda, Hercílio Celso, América Magalhães e Caitano Câmara, exercendo a gerência J. Lindolfo Silva.

No n.º 11 melhorou mais a feição d'**O Esporte**, cujo formato foi aumentado para 53 x 37, a seis colunas de composição. Já nos últimos números, mudou o sub-título para “Semanaário esportivo de grande circulação”.

Publicação ininterrupta, fiel ao programa traçado, veio a terminar sua existência com o n.º 40, de 2 de fevereiro de 1929 (**Bib. Púb. Est.**).

O PALLADIO — Órgão do Grêmio Literário Ruy Barbosa, do Colégio Batista Brasileiro — Ressurgiu (1) a 21 de abril de 1928, formato de 32 x 23, com seis páginas de três colunas. Corpo redacional: diretor — José Lins de Albuquerque; redator-chefe — Eduardo Gonçalves; secretário — Eduardo Rocha; redatora auxiliar — Rute Silva; cronista — José de Freitas Ramos. Redação na rua Júlio de Melo n.º 501, arabalde da Madalena.

“Há muito que desaparecera do amplo cenário das lides da imprensa”, sendo o editorial de abertura, colocado na 3.ª página. Adiantou tratar-se de um jornal de colegiais, para o qual pedia “a dissimulação do leitor inteligente e criterioso”.

A primeira página foi dedicada a Ruy Barbosa, cercandolhe o retrato o artigo “Vivis”. Na segunda veio um “esboço histórico” do Colégio Batista Brasileiro, completando a edição comentários diversos e o Hino do Colégio, letra do professor Jerônimo Gueiros e música de Hostílio Carvalho.

Seguiram-se as edições de setembro e de 23 de novembro, acrescido o formato para 50 x 35, a seis colunas de composição, trabalho gráfico da oficina do **Diário da Manhã**. Retirara-se o redator-chefe, substituído pelo secretário, e este por Zila Cerqueira, desaparecendo a função de redatora auxiliar.

Voltou a 26 de maio de 1929, com seis páginas, sendo a redatora-secretária substituída por Manuel Valadão Paiva, sem constarem outros nomes além do diretor e do redator-chefe.

Nas edições em apreço, a par de anúncios do educandário, viam-se produções de Rosalino Costa Lima, Vidal de Freitas, Isa Queiroz, Pedro Buarque Filho, Eduardo Gonçalves, Gilberto Duarte, Didi Amorim, Mário Pessoa, e outros. Mais as seções “No jardim da vida”, constituída de noticiário, e “Fagulhas”, de notas humorísticas.

(1) Não foi possível encontrar comprovante da primeira fase d’**O Palladio**, provavelmente constituída de números manuscritos, fáceis de sumir.

Embora a deficiência de comprovantes, voltou a publicar-se **O Palladio** a 25 de abril de 1930, conforme noticiou, no dia 27, o **Jornal do Commercio**.

Foram manuseados, finalmente, os n.^{os} 2 e 3, ano VIII (?), respectivamente, de agosto e de 24 de outubro de 1931, o primeiro com seis páginas de seis colunas, dedicado, em parte, à memória do presidente paraibano João Pessoa, e o segundo, com quatro páginas de cinco colunas, em homenagem ao aniversário da revolução brasileira de 1930, inserindo clichês dos respectivos heróis e artigos alusivos, de João Barreto de Meneses, Mário Pessoa de Oliveira, Brígido Portela e outros. Eram membros do corpo redacional: José de Freitas Ramos, Artur Ferreira da Silva, João Lipo e Eduardo Rocha (**Bib. Púb. Est.**).

SEMANA ILUSTRADA — Surgiu no dia 21 de abril de 1928, formato de 30 x 20, com 20 páginas em **couché**, inclusive a capa, e outras 20 em papel comum. Diretor — **Caio Maracajá**. Redação e escritório na rua Sigismundo Gonçalves (extinta) n.^o 113, 1.^o andar, e trabalho gráfico da oficina do **Diário da Manhã**. Assinaturas: anual — 36\$000; semestral — 20\$000; para os Estados — 40\$000 e 24\$000, respectivamente. Preço do exemplar — \$600; nos Estados — \$700.

Magazine “da vida moderna”, conforme o editorial “O que somos”, orientavam-no os melhores intuits de oferecer aos leitores algo de novo e interessante, acentuando não ter ligações partidárias. Não seria “um reduto dos clássicos”; os novos tinham entrada franca em suas colunas e, bem assim, o elemento feminino.

Do seu programa constava — e cumpriu-o — a inserção de contos, crônicas, poesias, humorismo, anedotas, fotos e **charges**, estas de excepcionalmente mau gosto, a cargo do desenhista Felix, o gazeteiro, que também assinou as alegorias de capa do primeiro e do segundo número, representando, no primeiro, Tiradentes, e no segundo, Lampião, o bandoleiro do Nordeste.

As duas edições contaram com a colaboração de Ângelo Guido, escritor e pintor paulista; Arnaldo Magalhães, Albino Buarque, que era o mesmo **Visconde da Mauricéia** ou **V. M.**;

Aristides Carneiro, Milton Turiano, Beatriz Beirão, **D. Casmurro** (pseudônimo de Cleofas de Oliveira), Mauro Mota, Esdras Farias, Leopoldo Lins, Hugo de Moraes, etc.

O n.º 2, de 5 de maio, vendido o exemplar a 1\$000, dedicou grande espaço, bastante ilustrado, ao município de Goiana (1) (**Bib. Púb. Est.**).

Ainda entrou em circulação o n.º 3, datado de 26 de maio, segundo notícia do **Jornal do Commercio** do dia 30, que atribuiu a direção da revista a A. de Oliveira.

O GYNASIO — Órgão dos estudantes do Ginásio Pernambucano (1) — Surgiu a 25 de abril de 1928, formato de 50 x 32, com quatro páginas de seis colunas e boa feição gráfica, trabalho da oficina do **Diário da Manhã**, à rua do Imperador n.º 227. Direção de Mário Pessoa. Redatores — Antônio Persivo, Milton Malta Maranhão e Evaldo Coutinho; gerente — J. Buriel, depois substituído por Evaldo Altino. Redação à rua da Aurora n.º 703.

Era objetivo do periódico, consoante o artigo de abertura, “difundir, entre os ginasianos, os seus ideais e incentivar, com a publicação dos seus trabalhos literários, o gosto pela literatura e o afinco pelo trabalho”.

Circulando mensalmente, teve a colaboração de Orlando Parahym, Moacir de Albuquerque, Naum Basbaum e outros

[1] O semanário **A Voz de Goyanna**, em sua edição de 29 de abril de 1928, registrou a visita, a 27, “jovens intelectuais Alcides de Oliveira Melo, Alcedo Melo e Cleofas de Oliveira, todos da **Semana Ilustrada**, que se edita no Recife”, acrescentando:

“Vieram a Goiana em serviço da nóvel e simpatizada revista e com eles o hábil fotógrafo Eduardo Batista, que apanhou várias vistas e instantâneos, especialmente fotografias de obras recém-acabadas pelo sr. Serafim Luiz Pessoa de Melo, governador da cidade. Daqui seguiram aqueles jovens com destino a Timbaúba. Nazaré e outras praças, ainda em propaganda da **Semana Ilustrada**”.

[1] Posteriormente, mudou a denominação para Colégio Estadual de Pernambuco.

alunos, mais a dos professores Osvaldo Machado, Eládio Ramos e Correia Neto. Atingida a edição de setembro, divulgou a nota a seguir: "Avisamos aos nossos leitores que, devido à aproximação dos exames, suspendemos, por este ano, a publicação do nosso órgão".

Reapareceu — n.º 6 — a 25 de abril de 1929, data do primeiro aniversário, numa edição de oito páginas, quando iniciou intensa campanha em prol da armada nacional.

Continuou com a quantidade normal de páginas, divulgando produções do diretor, dos redatores e de João Barreto de Meneses, Danilo Lobo Torreão, Correia Neto, Edson Mouri Fernandes, Fábio Correia, Ramires Azevedo, Erasmo Chaves Peixoto, Djalma Barbosa e outros.

A partir do n.º 10, agosto, o sub-título foi substituído por "Órgão do Centro Ginásial Pernambucano". Com a edição seguinte, correspondente a setembro/outubro, ficou novamente suspenso, em virtude dos preparativos para exames.

Outros comprovantes manuseados: n.º 2, ano III, de julho/agosto de 1930, e n.º 3, de outubro/novembro. Comissão de redação: Erasmo Chaves Peixoto, Mário Torres e José de Madureira Pará. Seis páginas. Contaram com a colaboração, entre outros, de Edson Mouri Fernandes, Hilton Sete, João Roma, Moacir de Albuquerque (poema intitulado "Conto sertanejo"), Correia Neto (conferência), José Inojosa e Ramires Azevedo.

Adotando a ortografia simplificada, reapareceu **O Ginásio** — n.º 1, ano II (?) — em julho de 1933, novamente "órgão dos alunos do Ginásio Pernambucano", tendo como redatores Antônio Braga de Sousa, Jeová Vanderlei Rocha, Fernando Costa, Luiz Rio e Milton Persivo. Impressão da tipografia do **Jornal do Recife**, ligeiramente reduzido o formato. Tabela de assinaturas: anual — 1\$500; semestral — 1\$000. Preço do exemplar — \$200.

Ocorreram, iniciando a nova fase, dois artigos de apresentação: o primeiro, do professor Osvaldo Machado (homenageado com clichê), que aplaudiu a iniciativa dos seus alunos; e o segundo, de J. Vanderlei Rocha, o qual focalizou a necessidade do "dever de solidariedade e cooperação recípro-

ca". Logo em agosto saiu o n.º 2. O periódico dedicou espaço, então, à "Vida Esportiva" e, pela primeira vez, inseriu anúncios. Além do que escreveram os redatores, a edição de julho divulgou uma conferência do quintanista Mardônio Coelho, e a seguinte mereceu estampar artigo do escritor Olívio Montenegro.

Em setembro de 1934 — n.º 1, ano I (?) — viu-se outra vez em cena **O Gymnasio**, que voltara à primitiva ortografia, impresso na oficina do **Diário da Manhã**, sem alteração de formato. Corpo redacional: A. J. Cavalcanti, João José Ribeiro e Antônio Braga de Sousa. Visava, segundo o editorial "Apresentemo-nos...", ao "alevantamento da classe". Nem política, nem ideologias; apenas a "crítica sincera, imparcial, desapaixonada", presidida pelo "maior espírito de imparcialidade".

O segundo do mencionado ano saiu em outubro, tendo as duas edições contado com a colaboração de Amenaide Damasceno Viração, Agamenon Malta, Julião, Elmano, David Vainstok, Edwiges Pontes, Itagiba Júnior, Alien Cherques, Ribas e outros.

Não restam indícios de haver prosseguido a publicação (1) (**Bib Púb. Est.**).

O **PRELUDIO** — **Arte... Ciências e Letras...** — Formato acima de médio, a seis colunas de composição, com quatro páginas, saiu a lume no dia 6 de julho de 1928, tendo como diretor Severino Pereira d'Albuquerque; redator-secretário — Erotides Ribas, e gerente — Januário Queiroz. Impresso na oficina gráfica do **Diário da Manhã**, instalou escritório de redação e administração na Praça Joaquim Nabuco n.º 63, 1.º andar. Assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 6\$000; mês — 2\$000.

Dizendo-se, na sucinta nota de apresentação, "órgão matutino semanal, editado às segundas-feiras", concluiu: "A direção d'**O Preludio** não está entregue a jornalistas, mas

(1) Três outros pequenos jornais denominados **O Ginásio** vão mencionados no volume seguinte da "História da Imprensa de Pernambuco".

a uma plêiade de moços capazes de corresponder à expectativa dos leitores e que não recuarão ante quaisquer obstáculos que se antepõem à conquista dos seus ideais”.

Ainda sobre o aparecimento da folha, escreveram Severino Pereira, G. S. (Gilberto Silva), João Duarte Filho, e Mário Cordeiro. Outros colaboradores: Gomes Maranhão, Heloisa Chagas, João Barreto de Meneses, José Firmino Novais, J. de Queiroz, **Rinaldo**, Erotides Ribas, Palmira Vanderlei, A. Silva, Joaquim Pessoa de Queiroz, **Gilsilva** e Aurélio de Limeira Tejo, criador do sistema de exclusão das letras maiúsculas, desde o título do artigo até a assinatura. Ligeiríssimo noticiário de “Mundanismos” e quase uma página de anúncios completaram a edição.

Ficou na edição de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

O GRITO — Órgão Semanal de Críticas Sensatas — Apareceu no dia 9 de junho de 1928, trazendo ao lado do título: “A César o que é de César, nem que César seja nosso inimigo”. Direção de Reinaldo Lins, tendo como redator-chefe Arlindo Maia (só no primeiro número) e redator-secretário Cláudio Lins. De agradável feição material, formato de 50 x 32, com quatro páginas de quatro colunas, tinha redação à rua Direita n.º 178, 2.º andar. Tabela de assinaturas: ano — 12\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000. Preço do exemplar — \$100.

Lia-se no artigo de apresentação: “Surgimos escudados apenas num princípio: combater, leal e desapaixonadamente, ao lado dos oprimidos, mostrando aos opressores não ser de relho em punho que se calca a vontade de um povo que anseia, há mais de três decênios, por uma democracia concretizada em fatos”.

O semanário iniciou campanha de moralização dos costumes, atacando as danças modernas, as modas exageradas e os namoros escandalosos. Instituiu o “Dia do Homem da Vassoura” e começou a publicar, em folhetim, o romance passional “A Enjeitada”, da autoria de Reinaldo Lins.

Além da produção da equipe redacional, inseriu colaboração literária de Durval Macedo, Berguedof Elliot, De Santa Rosa, José Lins e Amaro Silva.

Apesar de tão bem iniciado, **O Grito** calou-se após o terceiro número, que circulou a 25 de junho. (**Bib. Púb. Est.**).

O EMBRULHO — Entrou em circulação esse “interessante livro de sortes”, de “aspecto atraente”, organizado por Alberto Sandoval. Além “de numerosas e variadas sortes”, continha “diversas poesias, anedotas, quadrilhas” e demais matéria alusiva à época sanjuaneca (**A Província**, 23/5/1928).

NOITES DE FESTA — **Revista Familiar de Sortes. Santo Antônio, São João e São Pedro. Ditos, Literatura e Variedades** — “Edição original”, saiu a lume em junho de 1928, formato de 23 x 14, com 76 páginas, sendo as da capa impressas em papel especial, a duas cores, ilustrado o frontispício com desenho de São João, o pastor, ficando em branco as internas. Preço do exemplar — 1\$000. Esmerada confecção da tipografia da **Revista do Norte**, situada à rua Numa Pompílio (atual rua das Crioulas) n.º 536, Capunga. Tiragem declarada: 31.300 exemplares.

A página inicial do texto, sob o título “Sinfonia da abertura”, focalizou a tradição das festas juninas, que faziam o encanto dos salões e das salas mais modestas, onde não faltava o livro de sortes com os vaticínios rimados. Mediante a publicação em lide, visavam os editores “tornar mais alegres as noites festivas das fogueiras”.

Outra nota, localizada na última página, adiantava que a “revista de arte, cinematografia, etc., etc.” era “destinada a parecer nos meses de junho, dezembro e fevereiro”, acrescentando: “... com um pouco mais de luta conseguiremos dar ao Recife o que ele ainda não tem: uma publicação genuinamente pernambucana e exclusivamente popular”, contribuindo “para o deleite espiritual dos leitores”.

Repleto de matéria, constante de sortes, pilhérias, curiosidades e literatura, o bem feito magazine contou, além de escolhidas transcrições, com a colaboração de Luiz Delgado, Silvino Lopes, José Mariz, Raul C. Moraes e Mário Maranhão, também com o pseudônimo **Sergio de Madrigal**. Apresentou serviço de clichê, a salientar expressiva caricatura do professor Odilon Nestor e uma cabeça de Mário Nunes, em bico-

de-pena de Vitoriano. Inteligente distribuição de reclamos comerciais.

Não passou do primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

ILLUSTRAÇÃO — Revista de Arte e Cultura Cinematográfica. Atualidades Fotográficas — Entrou em circulação no princípio de junho de 1928, obedecendo ao formato de 31 x 23, com 24 páginas de papel **couché**, inclusive a capa, ilustrando-a grande retrato de “estrela” do cinema, e oito de assetinado, as de anúncios. Diretor — Carvalho Ramos; secretário — Antiógenes Cordeiro; redatores — Racine Guimarães e Nehemias Gueiros; repórter fotográfico — Antônio de Sousa Brasil. Redação à rua Conde da Boa Vista n.º 193, 1.º andar. Trabalho gráfico da oficina do **Diário da Manhã**. Assinaturas: ano — 12\$000; semestre — 6\$000; com porte registado — 16\$000 e 10\$000, respectivamente.

A nota de abertura, formando a página de rosto, aludiu ao efêmero das publicações periódicas do Recife, para acentuar: “Vamo-nos despedir da retórica: é do nosso programa fazer uma revista, tanto quanto o possa ser, de arte e cultura, sem fugir ao registo das atualidades sociais”.

E aduziu: “Versaremos assuntos literários e científicos, sem o cansaço das profundezas nem o enfaro das sistematizações; preferiremos ser antes catálogo que monografia. E far-nos-emos veículos dos assuntos mais em foco para ambos os sexos”.

Publicação quinzenal, seguiu o ritmo enunciado, estampando desenhos de capa de grande feito e ilustrações internas, sobretudo de Mário Túlio. Adotou as seções: “Perfídias”, por **Cicuta & Curare**; “Notas da quinzena”; “Curiosidades dos filósofos”; Modas de Paris; reportagens fotográficas de aspectos da vida social; variedades, a fora produções literárias dos redatores e de outros nomes, a saber: Artur Coelho, correspondente especial em Nova York; Lúcio Otávio, Edna Leite Gueiros, Esdras Farias, Raul Machado, Heloisa Chagas e Lucy.

A coleção manuseada interrompe-se com o n.º 4, datado de 15 de julho, do extraordinariamente bem feito magazine (**Bib. Púb. Est.**).

Entretanto, a publicação foi mais longe, atingindo o n.º 8, registado pelo **Jornal do Commercio** de 22 de setembro.

CORREIO ELEGANTE — **Literatura. Artes. Mundanidades** — Publicou-se o n.º 1 no dia 3 de julho de 1928, formato de 48 x 33, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Impressão da oficina do **Jornal do Recife**, utilizando papel superior. Título em expressivo clichê. Corpo redacional — Berguedof Elliot, José Borges de Santa Rosa e Noely Correia; gerente — Clodomir de Almeida. Redação à rua da Imperatriz n.º 76, 1.º andar. Preço do exemplar — \$200.

Abriu a edição o editorial intitulado “O nosso fim”, em que se lia, entre outras considerações: “... procuraremos apenas prodigalizar a cultura, o desenvolvimento intelectual da mocidade, que se ergue altaneira, repleta de esperança e vontade, pois ela encontrará em nossas colunas um campo, conquanto que não seja vasto, mas propício e favorável às explanações dos pensamentos sãos, à disseminação duma literatura sadia”.

Mais alguns tópicos e concluiu o articulista: “O caro leitor tem, em suas mãos, o **Correio Elegante** e, se, de algum modo, ele lhe agrada, nós, que o fazemos, saberemos responder à expectativa de todos, não traíndo as nossas palavras nem mentindo às nossas asserções”.

O interessante jornal exibiu, na primeira página, fotografuras dos redatores, outras nas páginas internas, constando sua matéria de produções literárias, tais como: “O nacionalismo na literatura”, de Noely Correia; “Cipodadas”, de **Fábio da Mauricéa**, e “Galanterias”, do **Coronel Surdina**, ambos pseudónimos de Berguedof; conto de Pereira de Assunção; a seção de crítica “Literândia”, pelo **Duque de Literândia**, como se ocultava De Santa Rosa; poesia de Otaviano de Carvalho e de outros; transcrições; raras notícias e uma página, a última, de reclamos comerciais.

Nada obstante a disposição com que os quatro jovens se lançaram à aventura, o **Correio Elegante** não conseguiu atingir o segundo número (**Bib. Púb. Est.**).

POLYANTHÉA A N. S. DO CARMO (1) — Fundada em 1928, circulou, pela segunda vez, a 16 de julho de 1929, formato de 32 x 23, com 44 páginas de papel **couché** e assetinado de cor. Na capa figurou expressiva estampa de “Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Recife”. Autorizada por licença eclesiástica, apresestou o “**Nihil Obstat**” de Frei Elias de Assunção e o “**Imprimatur**” do Arcebispo Miguel Valverde.

Sua matéria constou de artigo de Frei Lucas de São José, seguindo-se algumas páginas sobre “O santo escapulário de N. S. do Carmo”; outros trabalhos a respeito da Virgem; versos e biografia sobre Santo Elias e noticiário da festa da padroeira. Reclamos comerciais encheram metade da edição.

Continuou a publicação da **Polyanthéa**, cada ano, com uma média de 40 páginas, sempre ilustrada a capa com estampas de N. S. do Carmo e repleto o tetxo de clichês de elementos do Clero, sem faltar a efigie constante do Arcebispo Metropolitano e de bemfeitores, juizes da festa anual e colaboradores.

Ao atingir 1937, o censor foi substituído por Frei José Maria Casanova. Em 1945 era censor **ad hoc** Frei Romeu Peréa, declarando-se estar o magazine registado no Departamento de Imprensa e Propaganda. E apareceu, no expediente, o nome do diretor-proprietário — Oscar Felix de Melo.

Em 1948, encontrava-se Frei Manuel Carneiro Leão mencionado como **Censor Deputatus**, substituído, no ano seguinte, por Frei Ângelo Braga, tendo exercido tal função, em 1952, eventualmente, Vicente Aguiar.

Distribuída gratuitamente, a poliantéia dedicada à tradicional festa de N. S. do Carmo, celebrada em novenário, a partir de 16 de julho, todos os anos, passou, depois das primeiras edições, a custar Cr \$2, subindo para Cr \$3 e, ainda, para Cr \$5. De substituição em substituição, divulgava produções de frei Tomaz Hikspoor, irmão João Calibita, frei Tomaz Jansen, irmão Alberto de Sicília, frei Eliseu Van de Weijer, frei Antônio Gonçalves da Silva, Antônio Dias, José

(1) Não registada pelo cônego Alfredo Xavier Pedrosa, no seu livro “Letras Católicas em Pernambuco”, publicado em 1939.

Amadeu Cunha, frei Alberto Gramático, frei Bartolomeu M. Xiberta, frei Luiz Maria Galli, Álvaro Palhano, frei Romeu Perêa, frei José Maria Casanova, Eustáquio Gomes, frei Simão Bezalduch, padre Severino Nogueira, Marta Maria, José Diógenes de Sousa, Aguinaldo Barreto de Meneses, Israel de Castro, Joaquim de Sousa Neto, João Matos Guimarães, Costa Rego Júnior, Minervino Feitosa, Eustógio Vanderlei, Lindolfo Mascarenhas, etc.

O trabalho material variou de oficinas gráficas, efetuando-se n' "A Poligráfica", à rua do Caju n.º 30; na empresa **Diário da Manhã**; na "Imprensa Comercial", à rua do Apolo n.º 198; na "Editanobras", à rua Anibal Falcão (Graças) n.º 148, e n' **A Tribuna**, à rua do Riachuelo n.º 105.

A **Poliantéa** (grafia adotada desde 1945) atingiu 1954, mês de julho, com uma edição de 32 páginas, (2) quando pela primeira vez se ausentou da capa N. S. do Carmo (em 1948, a Virgem apareceu em retrato desenhado, especialmente, pelo pintor Manuel Bandeira), substituindo-a uma tela, a óleo, da Basílica do Carmo, executada pelo pintor Murilo La Greca (**Bib. Púb. Est.**). (3)

O **LATEGO — Órgão de Arte, Humorismo e Crítica** — Fundado em meados de 1928, não restam comprovantes das seis primeiras edições. O n.º 7, conjugado ao 8.º, ano II, saiu a lume no dia 5 de janeiro de 1929, formato de 27 x 19, com oito páginas de duas colunas, a primeira impressa em azul e encarnado. Propriedade de elementos do escritório da antiga Great Western, tinha como redatores Pereira de Assunção, Ludovico de Ataíde Cavalcanti e Nestor Cândido da Luz. Nenhuma nota de expediente. Trabalho gráfico da firma Renda, Priori Irmão & Cia.

Edição interessante, a par de comentários, noticiário e notas satírico-humorísticas, inseriu colaboração, em prosa, de José de Azevedo e Téo-Silva e poesias de Fernando Pio e Pereira de Assunção.

(2) Continuou em 1955.

(3) A coleção acha-se desfalcada de alguns números, inclusive o da estréia.

Outro exemplar manuseado foi o n.º 9, de quatro páginas, datado de 15 de fevereiro, bem servido de matéria jocosa, inclusive a continuação dos "Tipos de casa" e "Nos domínios do frevo". Encerrado o concurso para apurar qual "o mais urso" do escritório central, iniciou outro para escolher "o mais feio" (**Bib. Púb. Est.**).

O SUBURBANO — Bissemanário Desportivo, Noticioso e Independente — Propriedade de Depaula Ribeiro & Cia, apareceu a 24 de julho de 1928, tendo como diretor B. de Paula Ribeiro; diretor-substituto — José O. Melo; diretor-gerente — Bianor J. Pereira; redator-chefe — Alexandre Filipini; e redator-secretário — Armando G. da Silva. Formato regular: 38 x 26, com quatro páginas de cinco colunas estreitas. Redação à rua das Flores n.º 39, logo transferida para a rua da Palma n.º 177. Assinaturas: ano — 10\$000; semestre — 6\$000; trimestre — 3\$000; número avulso — \$100.

Segundo o longo artigo de apresentação, **O Suburbano** vinha marcar "o advento de uma nova era na sociedade desportiva". E destinava-se a uma "vitória certa".

Circulou durante algumas semanas, contendo bastante matéria desportiva e bastante anúncios, pecando, sobretudo, pela apresentação gráfica. Atingido o número 5, dizia-se "publicado sob os auspícios do Departamento Geral de Serviços úteis", ao nome do diretor juntando-se diferente equipe. a saber: Celso N. Silva — diretor-substituto; Raimundo M. Pereira — diretor-gerente; Clementino Pontes — redator-chefe; José Alves da Fonseca — redator-secretário.

O n.º 7, possivelmente último, saiu a 10 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

TRIBUNA EVANGÉLICA — Órgão Presbiteriano sob os auspícios dos Revms. Dr. A. Almeida e J. Gueiros — Inexistentes comprovantes das duas primeiras edições, o n.º 3, ano I, circulou no dia 28 de julho de 1928, formato de 50 x 33, com quatro páginas a seis colunas de composição. Trazia à direita do título a frase de São Paulo: "Pregamos a Cristo". Redator — Pedro Chaves Peixoto; secretário — Edgar Régis; tesoureiro — J. Cabral. Com redação instalada na rua Visconde de Goiana n.º 213, imprimia-se na tipografia do

Diário da Manhã. A edição, bastante ilustrada de fotografias, solenizou o jubileu da Igreja Presbiteriana no Norte do Brasil.

Outro único número manuseado foi o 15.º, ano II, de 10 de outubro de 1929. Apresentava menor formato, além de outras alterações, divulgando matéria específica (**Bib. Púb. Est.**).

DISTAMAR-BOLETIM — Publicação de Propaganda da Companhia Distribuidora de Acessórios — O primeiro número circulou no mês de julho de 1928, formato de 23 x 15, com 32 páginas de papel **couché**, inclusive a capa, ilustrada com vista do Recife. Impressão em oficina própria, instalada, com a redação, na Avenida Marquês de Olinda n.º 125. Direção de Alberto Amaral, criador da empresa. Distribuição gratuita.

Segundo o editorial “A razão de ser do nosso aparecimento”, a revista não tinha pretensões literárias. Daria conhecimento aos clientes do **stock** da casa, “proporcionando-lhes, por outro lado, a leitura de notícias interessantes do mundo inteiro”.

O n.º 2 publicou-se em fevereiro de 1929, com igual quantidade de páginas, mas o formato acrescido para 28 x 22, abrindo o texto retrato e panegírico do diretor aniversariante.

Continuou trimestralmente, depois bianualmente, ostentando artísticas capas-propaganda, ora de J. Carlos, ora de José Queiroz, em clichês de Pimenta de Melo (Rio); mas a partir do n.º 6 (junho de 1930) apareceu com gravura do Atelier Moser (Recife) e craions de Ferdinando Dala Nora.

A par da matéria programada, inclusive fotografias e mapas, **Distamar-Boletim** passou, desde o n.º 5, a divulgar artigos originais de diferentes escritores, a saber: Máio Melo, J. F. Brandão Cavalcanti, Eusébio de Sousa, J. L. J., Paulo Façanha, Justo Dalba e João Duarte Filho, além de trabalhos de Alberto Amaral, em torno da história do Ceará.

Entre a penúltima e a última edição decorreu o interregno de um ano. Assim é que o n.º 8 só veio a circular em dezembro de 1931, com 52 páginas de matéria variada, a maior parte impressa em papel **couché**, sendo bem lisonjeira a

apresentação gráfica. (Bib. Pú. Est., Bib. Pú. de Aracaju e Coleç. Osv. Araújo, de Fortaleza). (1)

A VOZ DA MOCIDADE — Revista Mensal Ilustrada — Editou-se pela primeira vez em julho de 1928, obedecendo ao formato de 30 x 22, com 28 páginas, inclusive a capa, cujo frontispício estampou fotogravura de alto comerciante lusitano. Diretor — Antônio Júlio Pires; redatores (só na edição de estréia) — Antônio Cardoso da Silva, Luiz Gonzaga Cavalcanti e Eraldo Antunes. Redação à Avenida Conde da Boa Vista n.º 1330 e trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Commercio**. Preço do exemplar — \$800.

Em poucas linhas de apresentação, com sua assinatura, frisou o diretor: “Jovens ainda, este nosso esforço é a primeira oferenda que depomos na ara sagrada no nosso querido Brasil”.

Seguiu-se a publicação, cada mês, com 24 páginas, a capa sempre ilustrada e em cores. Não tendo circulado em dezembro, a edição de janeiro de 1929 apareceu com 68 páginas, dedicada à Exposição Geral de Indústria e Comércio, inserindo clichês de personalidades administrativas e grande messe de anúncios.

A Voz teve a colaboração, desde o princípio, de Mauro Mota. Fernando Pio dos Santos, este, igualmente, com o pseudônimo de **Felício Plínio**, os quais mantiveram a primeira linha, divulgando ao mesmo tempo prosa e verso; Álvaro Lins, padre Nestor de Alencar, Eraldo Antunes, José Alves da Fonseca, Baltazar de Oliveira, Raimundo Dantas Carneiro, J. Nemésio, **Felix Peralta** (pseudônimo do juiz Felisberto Santos Pereira), Luiz Gaioso, A. Pereira de Melo, Mário Coelho Pinto, Sotero de Sousa, Eustórgio Vanderlei, **Rosália Sandoval** (pseudônimo de Rita de Abreu), etc. Além de firmar contos e crônicas, o diretor Antônio J. Pires perpetrava ilustrações e **charges**, estas com detestáveis legendas.

De modo geral, manteve-se variada a matéria da revista, incluindo charadas e clichéria, mas abundante publicidade

(1) Das três Bibliotecas visitadas, a primeira possui coleção do **Distamar-Boletim** a partir do n.º 3 e a segunda a partir do n.º 2 ao passo que a edição de estréia só existe em poder do colecionador particular cearense.

comercial. Chegou ao fim, a revista, com a edição única de 1929 (**Bib. Púb. Est.**). (1)

A JORNADA — **Órgão do Grêmio Filomático Ildefonso Rego** — Surgiu a 5 de agosto de 1928, formato de 48 x 30, com quatro páginas de cinco colunas. Direção de Marques Júnior; redator-secretário — Eliel Erem; gerente — Antenor Queiroz.

Tratava-se, consoante o editorial de apresentação, dum “**orgãozinho pobre de idéias, sem realce material, modesto em tudo, apenas um fruto pequeno de um grande esforço**”. Fôra criado “**para o desenvolvimento intelectual dos jovens do Liceu de Artes e Ofícios, para os adestrar no campo das idéias e polir a sua inteligência**”.

Quase que exclusivamente dedicado à literatura, variando com algumas charadas e noticiário social, teve a folha, nas duas edições postas em circulação, a colaboração de José Vieira de Alencar, H. B. Melo, Olindina Lima, A. Neves, Abel Serpe, **Serrano**, Milcíades Barbosa, Maria Laura, S. Lins, **Realista**, Eudas Simpício, **Flor do Bosque** e José Oliveira, além das produções da equipe responsável. Poucos anúncios.

O segundo e último número saiu sem data (**Bib. Púb. Est.**).

NORDESTE BRASILEIRO — **Revista Mensal, Útil e Interessante para Todos** — Apareceu em agosto de 1928, formato de 27 x 18, com 36 páginas, mais a capa, ilustrada com paisagem campesina. Propriedade da Empresa Editora Nordeste Brasileiro, tinha como redatores os agrônomos Fernandes e Silva, Carlos Belo e Ildefonso Lopes e gerente Carmelina de Aataíde. Trabalho da oficina da Escola de Aprendizes Artífices de Pernambuco, com redação e escritório à rua da Independência (atual avenida Manuel Borba) n.º 755. Assinatura anual: para o Brasil — 12\$000; para o estrangeiro — 25\$000. Preço do exemplar — 1\$000.

Constava do editorial de apresentação: “**Nordeste Brasileiro** é dirigida e colaborada por pessoas de reconhecidos créditos profissionais e intelectuais; não é somente uma pu-

(1) Falta, na coleção manuseada, o n.º 1, só avistado em poder do livreiro Albertino Santos, de João Pessoa, Paraíba.

blicação simpática à classe agrária, sendo também a todas as outras, seus escritos são fundados em razões lógicas, perfeitas e práticas; destina-se a conviver com os lavradores e todas as outras classes”.

De vida efêmera, o bem organizado magazine incluía no sumário uma parte literária, outra de interesses domésticos, inclusive página de “Avicultura”, e a parte principal, de temas agrícolas, com a colaboração de Carlos de Sousa Duarte, J. P. de Lima Rabelo, Antônio da Cunha Baima, d. Bento Pickel, A. Watts, Armando Maia, Evaristo Leitão e Gilberto Rei, além de notas curiosas, conselhos, anedotas e alguma ilustração. Também anúncios.

Parou a revista com o n.º 4/5, correspondente a novembro/dezembro, não voltando mais à tona (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DE MEDICINA — Órgão declarado bimestral, circulou o n.º 1, ano I, datado de agosto/setembro de 1923, formato de 23 x 15, com 48 páginas de papel **bouffant** e capa em **couché**. Diretor e redator-chefe — Paulino de Barros; secretário — Napoleão de Brito; gerente — José Otaviano Filho. Redação na Avenida Caxangá n.º 1185 e trabalho gráfico de Amadeu & Cia., à rua dos Guarapes (bairro do Recife) n.º 61. Assinatura anual — 20\$000; para estudantes — 10\$000; para o estrangeiro — 3 dólares. Tiragem: 2.000 exemplares.

Segundo o editorial de abertura, “Pernambuco ainda não oferecia à imprensa médica do país uma revista na altura de seu nível científico”. Embora órgão de membros da mocidade acadêmica, a **Revista de Medicina** não se estreitaria no âmbito da classe, desejando “acolher, na mesma bandeira de confraternização, estudantes, médicos e professores, e assim merecer o honroso atributo de que se intitulou”. Esperava, pois, prestar “benefícios inestimáveis: o de divulgar os trabalhos dos nossos estudiosos, o de incentivá-los às novas conquistas nos campos da observação e da experiência, o de incrementar a medicina regional”.

A edição inseriu produções, dentro do seu programa, de Paulino de Barros (farmacêutico e acadêmico de Medicina), dr. Mauricéa Filho, Napoleão de Brito, professor Manuel de

Abreu, dr. Aguinaldo Lins e dr. Otávio de Freitas Júnior, terminando com noticiário específico.

“Dificuldades de toda natureza” fizeram que a publicação ficasse no primeiro número (**Colec. P. de Barros, Fort., Ceará**).

LIBERDADE — Órgão mensal — O primeiro número, “dedicado aos alunos do Ginásio Osvaldo Cruz”, circulou no dia 1 de setembro de 1928, formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Lia-se aos lados do título: “Tudo com Deus e nada sem Deus” e “A Liberdade é um dos dons mais preciosos, que o homem recebeu do céu” (Cervantes). Direção de Rubens Pimentel Marques; secretário — Odorico Tavares; redatores — Mariano Vila Nova, Aderbal Jurema e Elias Dias; gerente — Jurandir Miranda de Azevedo; diretor desportivo — Ado Câmara; repórter fotográfico — Abelardo Jurema; repórteres e cobradores — João Campos e José Gomes. Funcionava a redação ao — \$400. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**.

Constava do artigo-programa: “... pugnará pelo aperfeiçoamento das nossas inteligências e pelo desenvolvimento do nosso nível mental”.

Publicado com regularidade, inseria matéria de interesse estudantil. Além das produções do pessoal da redação, teve a colaboração de Fernandes da Costa, Rubens Bemvindo, Newton Barbosa Pinto e Valfrido Freire.

Ao atingir o n.º 4, em dezembro, entrou mais um redator: José Carlos Dias. Prosseguiu, sem deter a numeração, em janeiro de 1929, aumentando o formato para 50 x 23, a seis colunas de composição, contendo bastante matéria e alguns anúncios. Impresso na tipografia do **Diário da Manhã**, tornou-se o mensário, acima de tudo, literário.

O n.º 12, do mês de setembro, reuniu oito páginas, em comemoração ao primeiro aniversário. Na primeira, figuraram manchete e editorial em torno do evento, entremeando-o fotografuras individuais da “falange moça” componente do corpo redacional. Dentre os colaboradores especiais “para o número de aniversário”, destacavam-se o Cônego Xavier Pedrosa, Fernando da Costa, José de Barros Lima e Alcides Siqueira.

Apareceu datado de outubro / novembro o n.º 13 do interessante jornal, que, durante sua existência, manteve páginas de literatura e feminina, divulgando produções de João Barreto de Meneses (só no n.º 5), Renê Ribeiro, Aureliano Dias, Sebastião Dias, Alvaro Lins, Zilma Braga, Luiz de Gonzaga, etc.

Não continuou a publicar-se o órgão dos preparatorianos do Ginásio Osvaldo Cruz (**Bib. Púb. Est.**).

PERNAMBUCO ILUSTRADO — Órgão de Propaganda do Estado — O n.º 1 entrou em circulação a 1.º de setembro de 1928, obedecendo ao formato de 25 x 16, com vinte páginas, circuladas de vinhetas, a duas cores, figurando no frontispício o escudo pernambucano. Redação e oficina: A B C Gráfico situado na Praça Joaquim Nabuco n.º 159. Assinaturas: por doze números — 10\$000; para o interior — 12\$000. Número avulso — 1\$000.

Destinava-se a reproduzir aspectos da natureza, “edifícios públicos e particulares, ruas, praças, estradas, pontes, jardins, parques, estátuas, monumentos, igrejas, engenhos, usinas, estabelecimentos de ensino” e “homens ilustres”, conforme explicou na página de apresentação.

Abrindo com retrato do Governador Estácio Coimbra (desenho de Manuel Bandeira), só divulgou mesmo fotografias, na parte restante, e respectivas legendas.

Não voltou a publicar-se (**Bib. Púb. Est.**).

O **JORNAL** (Rio de Janeiro) — **Edição especial de Pernambuco** — Circulou no Recife a 17 de setembro de 1928, com 72 páginas (três cadernos), ocupando a primeira expressivo desenho do professor E. Visconti, figurativo da chegada de Duarte Coelho à Capitania de Pernambuco.

Abriu o texto o editorial “Pernambuco”, seguindo-se produções originais, em prosa, de Basílio de Magalhães, Comandante Eugênio de Castro d. Sebastião Leme (excerto do discurso e assinatura autógrafa), **Tristão de Ataíde** (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), José Mariano Filho, Sebastião do Rego Barros, Carlos Malheiros Dias, Oscar Weinschenck, Antônio Carneiro Leão, Carolina Nabuco,

Samuel Campelo, Pandiá Calogeras, Max Fleiuss, engenheiro Brandão Cavalcanti, Anísio Galvão, Tavares Cavalcanti, Teixeira Soares, Cid Braune, F. Labouriau, Otávio de Freitas, Umberto Carneiro, Aníbal Fernandes, Sílvio Rabelo, J. de Barros Barreto, Valdemar de Oliveira, João Vasconcelos, Antiógenes Chaves, Carlos Pereira da Costa, Oton L. Bezerra de Melo, José Mariz, Paulo C. de Amorim Salgado, Ageu Magalhães, Edgar Teixeira Leite, Luiz Delgado, Luiz Cedro, João Aires, dr. Geraldo de Andrade, M. Ferreira Leite Júnior, Arlindo Figueiredo, Renato Farias, Olivio Montenegro, F. Pinto de Abreu, Ubaldo Gomes de Matos, Apolônio Peres, C. A. Sfezzo, Carlos Porto Carreiro, Rodolfo Garcia, Medeiros e Albuquerque, Agripino Grieco, Meneses Sobrinho, Horácio Saldanha, Júlio Belo, Paulo Machado, Otávio Gomes, Antônio Pombo, Lauro Montenegro, Afonso Costa, Honório Monteiro Filho, Rafael Xavier e Amauri de Medeiros, que focalizaram todos os aspectos da história e da vida cultural, social e econômica de Pernambuco. Divulgaram poesias: Maroquinha Rabelo, Bastos Tigre, Afonso Costa, Willy Lewin, Olegário Mariano, Ascenso Ferreira, José Rodrigues Filho, Abaeté de Medeiros, Austro Costa, Odilon Nestor, Joaquim Cardoso, Araújo Filho, Osvaldo Santiago e Baltazar Pereira.

Uma página alegórica, trabalhada por José Néri e M. Néri, foi dedicada a “Estrelas e Telas”; outra, em boa montagem, apresentou flagrantes fotográficos de Pernambuco; outra apresentou o “Solar de Monjope”, construído, no Rio, por José Mariano Filho e reproduzido em desenhos magistrais do professor Henrique Cavalleiro, autor de mais algumas ilustrações. Por diferentes páginas distribuíam-se desenhos de Manuel Bandeira, um de **Audax** e um de Lula Cardoso Aires. Estampou-se desenho inédito de Rugendas, além de numerosas fotografias, inclusive de aspectos do interior do Estado e tipos populares. Boa messe de reportagens comerciais e anúncios (**Bib. Púb. Est. e da Fac. de Dir. — UFPE.**).

AMÉRICA ILUSTRADA — Folha “quinzenal”, saiu a lume o n.º 1, ano I, sob a direção de Vicente Feijó de Melo, O. S. Cavalcanti e Xisto Gomes de Melo. Constava do seu artigo-programa: “**América Ilustrada** não é um jornal de humorismo e literatura tão somente; ocupa, na forma simples de boletim, uma função Patriótica, publicando algo que se relacione com as questões sociais da atualidade” (**Diário de Pernambuco**, 18/9/1928).

Não ocorreu nenhuma outra informação em torno do novo órgão, que só teve, naturalmente, o direito de nascer.

O GRAPHICO — Órgão da Associação Gráfica de Pernambuco — Entrou em circulação a 30 de setembro de 1928, bom formato de 45 x 27, com quatro páginas de cinco colunas. Ao lado esquerdo do título, lia-se, num quadrinho: “Gráficos! uni-vos, se quereis evoluir no âmbito da liberdade!” Do outro lado, assinado por Horacio Carvalho: “O trabalho, a solidariedade e a perseverança são os fatores primordiais do bem social”.

“Jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores e para trabalhadores”, abriu com uma manchete saudando “as associações congêneres, a imprensa e o proletariado brasileiro”.

O artigo de apresentação, na terceira página, intitulado “A tribuna dos gráficos”, declarou ser o “órgão de defesa dos nossos direitos e aspirações legítimas, uma “sentinela indormida”, uma “vanguarda sempre alerta, sempre perseverante”, pronta para “a nova batalha”. Concluiu conclamando a solidificação da “obra iniciada, prestigiando o jornal e a Associação”.

Em nota à parte, dizia-se que o periódico não manteria, “em suas colunas, escritos que descambem para um terreno fútil: literatice ôca, ataques pessoais e propaganda ou polémicas sobre qualquer credo religioso”.

Outra nota destacou a cooperação dos companheiros do **Diário da Manhã**, em cuja oficina se imprimiu **O Graphico**, sobretudo a ação do administrador Horácio de Carvalho.

A primeira página da edição de estréia exibiu a reprodução de um quadro representativo da homenagem prestada a Guttenberg pelas artes anexas: Gravura, Imprensa e Este-reotipia, cercado-o longo artigo biográfico, sob o título “Ave! Guteenberg!”

O n.º 2 saiu a 24 de novembro, contendo amplo noticiário da instalação da Associação Gráfica de Pernambuco, efetuada no dia em que circulou o primeiro número do seu órgão, mais o discurso do orador oficial: Calinício Silveira.

Nas duas únicas edições dadas a público, a folha inseriu colaboração específica de Vicente Duarte, S. L., Diógenes Laércio, **Jotelho**, Chagas Ribeiro, José Medeiros, Clementino Pontes, **Spartacus**, J. Bandeira, V. e Ubirajara. No segundo número foi publicada, na íntegra, a **Lei de Férias**. **Noticiário** de interesse da classe (**Colec. Lindolfo C. Josué**). (1)

RUMO AO MAR — Órgão da Confederação das Colônias dos Pescadores de Pernambuco — Circulou pela primeira vez em setembro de 1928, formato de 32 x 23, com 80 páginas de papel **couché** e assetinado. Diretor-responsável — Antônio C. da Fonte; diretor-gerente — Nelson Paixão, funcionando a redação e administração no edifício da Associação Comercial. Trabalho gráfico da Escola de Aprendizes Artífices, toda a impressão em tinta azul. Assinatura anual — 20\$000; para os Estados — 24\$000; Número avulso — 2\$000. Ocupou a capa expressivo desenho de J. Ranulfo, representando motivos marinhos.

O artigo de abertura frisava: “Órgão destinado a amparar a laboriosa e humilde gente do mar, será também uma revista de ataque às pragas que a corrompem, isto é, a verminose e o analfabetismo”. Concluiu, após longas considerações: “**Rumo ao Mar** virá facilitar a sua ação, procurando colonizá-la para fortalecê-la, disseminando o ensino primário e o escoterismo, e incitando-a aos preceitos da higiene, para que atinja em futuro próximo o fim colimado — o de constituir um contingente sadio e capaz como reserva naval do país”.

A primeira página estampou retrato e panegírico do governador Estácio Coimbra. Outra, homenageou o capitão do Porto, Comandante Velho Sobrinho, adiante aparecido assinando um poemeto. Seguiu-se matéria literária, informativa e fotográfica a respeito da pesca em Pernambuco, através de relatórios, regulamentos, comentários, etc. Foram colaboradores: Apolônio Peres, Joaquim de Arruda Falcão, Valdemar Amorim, Guilherme d’Azevedo, capitão-tenente Fábio de Sá Earp, Luiz Fernando, Ernesto de Lucena, Nelson Paixão, os três últimos assinando poesias; I. A. da Silveira e Joaquim Maciel Filho (conto, continuado nas duas edições seguintes).

(1) Os dois exemplares d’**O Gráfico**, ofertados ao pesquisador, encontram-se arquivados na Biblioteca Pública do Estado.

Copioso foi o serviço de clichês de aspectos das praias de Olinda, colônias de pescadores e ilhas de Fernando de Noronha. Algumas páginas de anúncios.

O n.º 2, datado de outubro/novembro, saiu com 48 páginas, impresso na Tip. F. Sousa & Cia., à rua de São Francisco (atual Siqueira Campos) n.ºs 116/124.

Rumo ao Mar ficou, então, suspensa, para voltar em junho de 1929, circulando ainda nos dois meses seguintes, sem alteração material, mantido o desenho da capa, apenas utilizadas cores diferentes.

Além da exuberante parte informativa e fotográfica, divulgava colaboração de Osvaldo Machado, Cônego Alfredo Xavier Pedrosa, Armando Goulart Wucherer, B. Fernandes Tavares, Joaquim de Oliveira, A. Vasconcelos, Álvaro de Araújo Fernandes, Marcelino Neto (redator e encarregado da seção de propaganda), João Roma, Osiris Caldas, Artur Alves Barbosa, Tefístocles de Andrade, Lourival Gonçalves, Chagas Ribeiro e outros.

Após o n.º 5, de agosto de 1929, não voutou a publicar-se (**Bib. Púb. Est.**).

O VIGILANTE — Semanário Maçônico — Apareceu no dia 12 de outubro de 1928, formato de 33 x 23, com oito páginas de três colunas. Diretores — Carlos Rios e Guedes Alcoforado Filho. Trabalho gráfico da Imprensa Comercial, de Cisneiros & Rios, à rua do Apolo n.º 170, funcionando a redação na rua Duque de Caxias n.º 307, 1.º andar.

Lia-se ao pé da primeira página: “As colunas d’**O Vigilante** asseguram a liberdade de pensamento aos seus colaboradores, acolhendo francamente as opiniões, desde que estas venham aparelhadas ao serviço grandioso da perfeitibilidade da Ord. . . .”

Divulgando, apenas, temas específicos, em forma de doutrina e propaganda, inclusive artigos assinados por Carlos Rios, Aluizio Jordão e Trajano, a par da série “Origens do rito escocês antigo e aceito”, além do competente noticiário das atividades maçônicas locais, o periódico circulou com regularidade até o n.º 10, de 17 de dezembro, precisamente

quando Guedes Filho deixava a parte que lhes cabia na direção, sendo ao mesmo tempo admitidos, como redatores, Euclides de Holanda e Abdísio Vespasiano.

Entretanto, **O Vigilante** ficou suspenso, só vindo a publicar-se o n.º 11 a 7 de maio de 1929. E findou aí sua existência (**Bib. Púb. Est.**).

LYCEU-JORNAL — Órgão da **Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco**, mantenedora do **Liceu de Artes e Ofícios** — Saiu a lume no dia 13 de outubro de 1928, formato de 38 x 26, com quatro páginas a cinco colunas de nove cíceros, composto e impresso nas próprias oficinas do educandário.

“Verdadeiramente literário”, não media “barreiras de impecilho” para seguir a marcha encetada, pedindo apenas o “auxílio das classes intelectuais” e bom acolhimento do público em geral.

Apresentando lisonjeiro aspecto material, o semanário circulou com regularidade, inserindo produções de Paulo Fernando Ramos, João Meneses, **Jomarsil**, Eliel Erem. Azael Lira, Cromwell Leal, Maria Laura da Silva, Manuel V. Carneiro, E. Chaves Peixoto, José Vieira, **Flor do Bosque**, Juraci Nunes Machado, Berguedof Elliot, João Paulo de Sá, Milton Costa Lima, **Realista**, etc. Não faltavam, também, notas humorísticas e variedades, a fora o noticiário das atividades do Liceu. Poucos anúncios.

O n.º 5, impresso em cores, homenageou a data da proclamação da República, estampando clichês de D. Pedro II, Deodoro da Fonseca e Presidente Washington Luiz.

Logo mais, apareceu uma edição extraordinária, de oito páginas, datada de 25 de novembro, solenizando o 92.º aniversário da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais. Apresentou fotografias da diretoria, professorado, edifício e seções técnicas da instituição. Páginas em cores diferentes. Boa matéria assinada. Divulgou o resultado do concurso para apurar qual “o mais estudioso aluno do Liceu”, tendo obtido maior votação Antenor de Queiroz.

A publicação encerrou-se, ao que tudo indica, com o n.º 9, de 15 de dezembro (**Bib. Púb. Est.**).

PYRILAMPO — **Magazine Político, Ilustrado, Noticioso e Comercial** — Entrou em circulação essa nova revista, sob a direção de Armando Dias, ao que noticiou, sem mais pormenores, o **Jornal do Commercio**, em sua edição de 6 de novembro de 1928.

A publicação prosseguiu, mas só existe, arquivado, um único comprovante: o n.º 20, ano II, de 15 de novembro de 1929. Apresentou-se em formato de 26 x 16, com 32 páginas, mais a capa, impressa a duas cores, por Fratelli Vita, sendo o texto confeccionado na Tipografia Industrial, de I. Néri da Fonseca, situada à rua do Apolo n.ºs 78/82. Além do diretor, igualmente proprietário, tinha como redator-chefe João Lopes de Albuquerque, funcionando a redação na Avenida Lima Castro (atual rua Imperial) n.º 695. A edição foi dedicada ao prefeito de Olinda, Umberto Gondim, cujo retrato figurou na capa. Ocorreram outros clichês, no texto, de elementos políticos, sobretudo de Estácio Coimbra, como homenagem ao terceiro aniversário de sua gestão como governador do Estado. A par de reportagem sobre o vizinho município e notas sociais, inseriu artigo de Odilon de Araújo e poesias de Luiz Capibaribe, Cromwell Leal e Alfredo Mignac. No mais, grande quantidade de reclamos comerciais (**Bib. Púb. Est.**)..

Outra notícia, também única, do **Pyrilampo**, apareceu no **Jornal Pequeno** de 27 de dezembro de 1930, que lhe acusou o recebimento do n.º 3, ano III. Apresentava “colaboração variada, amplo serviço de clichéria”, sem alteração de diretriz.

POLÍTICA — **Revista de Alta Cultura** — Surgiu a 21 de novembro de 1928, sob a direção de Antônio Fassanaro, tendo como redatores Luiz da Câmara Cascudo, Da Costa Aguiar, Orris Barbosa e José Penante. Lia-se no editorial de apresentação: “Cbedecendo a um programa que visa ao debate de questões de alta cultura, relacionando-se com as várias atividades da vida brasileira, **Política** destina-se a marcar, aqui no Norte, uma nova fase, igual à exercida, anos atrás, pela **Revista do Brasil**, de São Paulo”. Inseriu o seguinte sumário redacional: “A sucessão presidencial da República”; “O prurido separatista”; “As boas campanhas pela alfabetização do país”; “Política internacional”; “Crônica do mês”. Colaboração assinada por Valdemar de Oliveira, Mateus de Lima, Mário Melo, Otávio de Freitas, Luiz da Câmara Cascudo,

Rodrigues de Carvalho, Antônio Inácio, Silvino Olavo e Gino Romizi (**Diário de Pernambuco**, 22/11/1928).

REVISTA DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS — Edição única, comemorativa do 91.º aniversário da fundação da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais, saiu a lume no dia 25 de novembro, impressa na oficina do Liceu, com 30 páginas de papel couché. Inseriu “numerosas produções, em prosa e verso, entremeadas de copiosa e nítida clichéria”. Prestou homenagem à imprensa local, através de expressiva alegoria (**Jornal do Commercio**, 25/11/1928).

O ARTIFICE — Órgão Oficial dos Alunos da Escola de Aprendiz Artífices — Publicou-se o n.º 1, ano I, tendo como diretores os alunos Laonte C. Lima, Valdemar Vieira, Reginaldo de Assis, José T. Silva e Pedro Fontes. “Bem impresso”, apresentava “copiosa matéria literária, além de vários clichês” (**Diário de Pernambuco**, 2/12/1928).

Circulou datado de 1932 o n.º 1, ano II, formato de 31 x 23, com oito páginas, em papel couché, impresso na tipografia do próprio educandário, situada, junto à redação, no edifício do atual Colégio Estadual de Pernambuco, lado da rua da União. Diretores — Albérico J. de Oliveira, Ponciano B. da Costa, Luiz Rosa Neves, Antônio A. Calazans, Francisco J. de Lima e Arsênio Cruz, representantes do 1.º ao 6.º ano.

Tendo surgido em 1928 — lia-se no editorial de abertura — “morreu no nascedouro. Voltando, não poderia aparecer amiudadas vezes”. Entretanto, envidaria esforços para sair trimestralmente.

Outros comprovantes encontrados: n.º IV, ano de 1933; n.º V, novembro do mesmo ano; n.º VI, junho de 1934, incluindo Suplemento dedicado à Escola de Aprendiz Artífices do Estado de Alagoas.

O n.º VII, ano VI, apareceu em maio de 1935, feito revista, com 32 páginas de texto e capa em cartolina, ilustrando-a uma alegoria em alto relevo. Solenizou, assim, a inauguração do novo prédio da Escola de Aprendiz Artífices, localizado no bairro do Derby. Todas as páginas ímpares, circuladas de vinhetas de cor, estampavam clichês de persona-

lidades administrativas ou aspectos de aulas de trabalho. Inseriu artigos, em torno do acontecimento, assinados por Antônio José Henrique Lima, Rodolfo Fuchs, o diretor; Maria de Jesus Peregrino, Abílio de Castro, Maria do Carmo Sete, Santina Monteiro e aluno José de Sousa Lira.

Seguiu-se a publicação, em datas indeterminadas, com edições de quatro (uma só) a dez páginas. Ao atingir o n.º 13, de dezembro de 1937, mudou para "órgão dos alunos do Liceu Industrial de Pernambuco". Depois da edição de novembro de 1941, que acumulou 16 páginas, **O Artífice** tornou-se anuário, terminando por sair de dois em dois anos, de modo que o último número publicado foi o 27.º, ano XIX, datado de junho de 1949.

A quantidade de páginas, a partir de 1942, bastante elevada, medeou entre 36 e 48. Todas as edições apresentavam diferente ilustração, a cores, na capa e no cabeçalho da página de rosto, além de outros desenhos no texto, assim como fotografias, gráficos e mapas.

Constava, a matéria tipográfica, de produções educativas, cívicas e de caráter histórico; comentários e noticiário sobre as atividades letivas da Escola Técnica do Recife e, às vezes, colaboração especial dos professores José de Oliveira Cruz, Raquel Viana de Moura, José Fontes, Maria do Carmo Sete, Assuero Alceu de Carvalho, Maria de Jesus Peregrino e Luiz Capibaribe, além de alunos e ex-alunos.

A equipe responsável pelo órgão, que sofria alteração cada ano, achava-se, na edição final, assim constituída: diretor — Manuel V. Vasconcelos; orientador intelectual — Haydn Porto Goulart; orientador artístico — Edison B. Lima (**Bib. Púb. Est.**).

1 9 2 9

REVISTA SINGER — Sem que restem comprovantes das duas primeiras edições, publicou-se o n.º 3, ano I, datado de janeiro de 1929, formato de 31 x 22, com oito páginas a três colunas de composição, impressa em papel superior. Destinava-se a circular, unicamente, "entre os membros da

Organização Singer”, não devendo “ser entregue a estranhos”. Trabalho gráfico da oficina do **Diário da Manhã**.

Só divulgou matéria especializada, referente a vendas, propaganda, noticiário sob o título “Dizem por aí...”, etc.

Três meses decorridos, em abril, saiu o n.º 4, mas o n.º 5 foi dado à estampa no mês seguinte, sem alteração quanto ao programa. Colaboração dos singerianos J. Gomes, Oscar de Azevedo Brandão, Ek, **Precavido** e **Zeca do Norte** (**Bib. Púb. Est.**).

A SCENTELHA — Órgão do Tattwa Parabrahm — Obediente à orientação do Sup.:. Cons.:. do C.:. E. da C. do P.:. , surgiu no dia 1 de janeiro de 1929, formato de 32 x 22, com quatro páginas de três colunas. Direção de Cursino Oliveira e Silva; redator — João Steinmetz. Redação à rua Antônio Carneiro (atual rua Velha) n.º 386.

Sua apresentação constou de dois alentados artigos, o segundo, na quarta página, assinado pelo diretor, ambos declarando ser o jornal o porta-voz do Círculo Esotérico do Pensamento, que tinha sede em São Paulo. A edição foi completada por comentários de doutrina.

O n.º 2 publicou-se a 27 de março, ostentando melhor aspecto material, páginas de quatro colunas estreitas. E prosseguiu, não mensalmente, como pretendia, mas em datas indeterminadas. Tinha como colaboradores Violeta-Odete, João F. C. de Vasconcelos, Tomaz Tiago Vila-Nova (autor do “Hino do Tattwa Jeanne d’Arc”), José Antônio da Silveira, Constantino Silva e José Lopes.

Não ultrapassou o n.º 5, de 1 de setembro (**Bib. Púb. Est.**).

O PROPHETA — Periódico de Ciências Herméticas, Filosofia, Literatura e Astrologia — Saiu a lume no dia 1 de janeiro de 1929, formato de 45 x 30, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-proprietário — José Adão Filho, tendo a redação situada ao subúrbio de Tegipió, à rua Martins Júnior n.º 323. Imprimiu-se no Recife Gráfico, à rua de Horta n.º 38.

Consoante o editorial de abertura, destinava-se “à explicação de todos os fenômenos chamados **espíritas** e de todos

os casos considerados **misteriosos**, que a ciência oficial, por circunstâncias ignoradas, nem sempre os explica de modo racional e definitivo”.

Seguiram-se “Predições do Prof. Adão para 1929”; comentários diversos; seção de Cartomancia; um “louvor” ao poeta Leonardo Mota, etc.

Ficou no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DO TURF — Estatística. Crônicas. Notas sobre o Movimento Turfista do Estado e do País — Entrou em circulação a 12 de janeiro de 1929, formato de 26 x 17, com oito páginas de papel assetinado e capa em **couché**. Propriedade do Jockey Clube de Pernambuco; diretor — Renato Vieira. Trabalho material da oficina da **Revista da Cidade**. Custo do exemplar — \$300.

Nasceu com o objetivo de “desenvolvimento entre nós o gosto pelas corridas de cavalos”, acentuando o editorial de apresentação: “... procurará divulgar todos os informes necessários sobre o nosso **turf**, noticiando e comentando os fatos de maior importância. Publicará semanalmente o programa oficial da corrida a realizar-se e ainda o resultado detalhado de corridas passadas”.

“Além disso, terá seções outras em que dará conta aos seus leitores do que se vai passando em outros centros do país e até do estrangeiro”.

Ocorreu a publicação com toda regularidade, aos sábados, sem fugir ao programa traçado, mantido o ritmo de páginas e a capa invariavelmente ilustrada com clichê de animal de corrida. Também inseria fotografuras de flagrantes sociais e de pessoas homenageadas. A página de fundo da capa e as intermediárias eram servidas de reclamos comerciais.

Desde o n.º 38, de 5 de outubro, a **Revista do Turf** mudou o trabalho gráfico para a oficina de Renda, Priori Irmão & Cia., imprimindo-se, exclusivamente, em papel **couché**. Terminou o ano com o n.º 49, de 21 de dezembro.

Abriu o ano II — 1930 — com o n.º 1, de 11 de janeiro, em cujo editorial frisou a redação: “A **Revista do Turf** con-

tinuará sempre a se bater pelo engrandecimento do fidalgo **sport** hípico entre nós, que felizmente conta com um grupo de verdadeiros **turfmen**, que não têm poupado esforços no sentido de melhorar as condições de nosso hipódromo e facilitar a aquisição de animais de boa classe, a fim de melhorar os nossos programas”.

Concluiu fazendo um apelo aos frequentadores das corridas da Madalena, no sentido de, prestigiando o Jockey Club, abandonarem “a condenável prática de aposta particular”, que constituía “o maior entrave ao progresso do nosso prado”.

O magazine prosseguiu sem alteração, mas aumentada para 10 a quantidade de páginas. Sua direção veio a ser exercida, a 22 de fevereiro, por Otávio Moraes, voltando, em julho, a Renato Vieira, que a transferiu, a 20 de setembro, a O. Guimarães. Entretanto, a edição subsequente, n.º 33, de 27 do referido mês, foi a derradeira do ano.

Decorridos mais de três meses de suspensão, reapareceu a **Revista do Turf** — n.º, ano III — a 10 de janeiro de 1931, sob a direção, novamente, de Otávio Moraes, que permaneceu até o fim.

Tendo o n.º 47 circulado a 31 de dezembro, encetou o ano IV, n.º 1, a 30 de janeiro de 1932, para atingir o n.º 15 no dia 11 de junho, fim da existência da revista hípica (**Bib. Púb. Est.**).

O **SORRISO** — **Órgão Chic e Humorístico** — Saiu a lume o n.º 1, ano I, tendo sido publicado “especialmente para deliciar os frequentadores da tradicional e ruidosa festa de Santo Amaro”. Contava, entre os colaboradores, o nome de Esdras Farias (**O Intransigente**, 15/1/1929).

REVISTA MÉDICA — **Órgão Mensal de Grande Circulação em Todos os Estados do Brasil, Especialmente nos do Nordeste** — Apareceu em janeiro de 1929, obedecendo ao formato de 26 x 16, com páginas de texto, a fora a capa e quatro folhas em **couché**, com fotografuras de casos científicos. Diretor — dr. Jorge de Sá; redator — doutorando Abelardo Calafange. Redação na rua do Imperador n.º 441,

1.º andar. Assinatura anual — 10\$000; número avulso — 1\$000.

Ligeira nota de apresentação aludiu à “temerária aventura” que constituía o lançamento de uma revista de cultura em Pernambuco. A semelhantes iniciativas antepunha-se sempre o desânimo, o indiferentismo. Mas a **Revista Médica** desfrutava de real apoio, partindo para a vitória”.

A edição inseriu produções de caráter científico, assinadas pelos drs. João Alfredo, Agenor Bomfim, Coelho de Almeida e Pessoa de Campos; necrológio do professor Amauri de Medeiros; uma página de “Notícias e Comentários” e alguns anúncios. Falharam, todavia, os bons propósitos e o magazine especializado não conseguiu ultrapassar o primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

PIERRETE — Revista Carnavalesca — Anunciando “grande tiragem”, para distribuição gratuita, circulou pela primeira vez em 1929 — sábado, 9 de fevereiro — formato de 31 x 23, com 32 páginas, mais a capa, impressa em papel **couché**. Nenhum expediente nem editorial de apresentação. Pouco espaço foi dedicado à literatura, sem nenhuma variedade, porque quase toda a edição se encheu de reclamos comerciais, inclusive a frente da capa, logo abaixo do cabeçalho.

Reduzido o formato para 27 x 19, melhor feição material, sendo impressa na oficina do **Diário da Manhã**, outras edições foram publicadas, nos anos de 1931, 1933, 1934 e 1935, bem supridas de matéria redacional de caráter carnavalesco.

A colaboração geral, a contar do primeiro número, esteve a cargo de Austro Costa, igualmente assinando-se **João-da-Rua Nova**; **Enéas Alves**, **José Penante**, **Musael do Campo** (disfarce de Samuel Campelo), **Jaime de Santiago**, **Susie**, **Marion Delorme**, **Costa Rêgo Júnior**, **Armando Goulart**, **Prof. Bombardino**, **Jaime Griz**, **Israel Fonseca**, **Willy Lewin**, **Neves Sobrinho**, **Durval César**, **Paulo Gonçalves**, **Hugo de Verlaine** e **Teófilo de Barros Filho**, além de transcrições, noticiário e notas satírico-humorísticas.

Tendo subido até 36, a quantidade de páginas diminuiu até 24 nos três últimos números. Manteve boa messe de

anúncios, inclusive nas capas, ilustrados. No texto, máscaras e tipos carnavalescos.

A derradeira edição — 1935 — circulou no dia 8 de março (**Bib. Púb. Est.**).

NO PASSO — Revista carnavalesca, saiu a lume no dia 9 de fevereiro de 1929, formato de 30 x 22, com 22 páginas de papel **couché**, inclusive a capa.

Bem acabado trabalho gráfico, a cores, da empresa “The Propagandist”, tendo como dirigente responsável Edmundo Celso, página de rosto ilustrada por Luiz Jardim, surgiu, “alegre, sapeca e sacudida”, para animar o passo e o frevo. Preço do exemplar — 1\$000.

Sua matéria constou de notas leves, epigramas, trepações, versos de **D. Xiquote** e **Piff-Puff**, prosa humorística de João Monteiro e **U. Sarará** e grande quantidade de anúncios, incluindo a ilustração da capa (**Arquivo de Celso**).

SERPENTINA — Revista Carnavalesca — Circulou a 10 de fevereiro de 1929, “organizada por elementos da imprensa”. Estampou, na capa, clichê-reclamo de serpentinas (**Diário de Pernambuco**, mesma data).

É DO MATTO — Apareceu “mais uma revista de enorme tiragem e que é de graça” (**Jornal do Commercio**, 10/2/1929).

BOLETIM DA U. G. T. P. — Órgão de informações da **União Geral dos Trabalhadores de Pernambuco** — Apareceu em fevereiro de 1929, formato de 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas. Trazia, sobre o título, o **slogan**: “Operários de todos os países, uni-vos!”.

Sua publicação, segundo a nota de abertura, derivava da necessidade de a União precisar de ter maior contacto com a massa dos trabalhadores. Era a segunda tentativa, obedecendo a “um plano mais largo de ação”.

Toda a edição foi ocupada com as resoluções do I Congresso Operário Regional de Pernambuco, realizado no mês anterior.

Não passou do número de estréia (**Bib. Púb. Est.**).

VOZ DO ARRAYAL — Circulou a 3 de março de 1929 o primeiro número desse novo jornal, cuja redação se localizava no subúrbio de Casa Amarela, tendo como diretor o estudante Gentil Mendonça.

Surgiu, consoante notícia do **Jornal do Commercio**, “com o exclusivo propósito de pugnar pelos interesses materiais e morais daquele arrabalde”.

ARRAIAL-CHIC — **Órgão de Literatura, Humorismo e Crítica** — Entrou em circulação a 10 de março de 1929, formato de 33 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de Luiz Periquito, Severino Carneiro e Délio Araújo; redator-chefe — Pereira de Assunção. Assinaturas: seis meses — 5\$000; três meses — 3\$000. Preço do exemplar — 3\$000. Impresso no Atelier Miranda, de Alfredo Saldanha & Cia., situado na rua Padre Nóbrega, instalou redação em Casa Amarela, à rua D. Ana Xavier n.º 129.

Apareceu, conforme o artigo “A vitória é dos que lutam”, modesto como “os seus preceptores, porém grande pela finalidade do seu programa”. Elaborava-o uma plêiade de moços que fugia “dos epinícios baratos para o terreno onde a glória é conquistada com honestidade, pelo trabalho de cada um”. Outros jornais tinham existido naquele subúrbio — acrescentou — mas de duração efêmera. Esperava, porém, o **Arraial-Chic** que melhor sorte o acolhesse.

Seguiu-se a publicação regularmente, logo criando os concursos “Qual a mais bela do Arraial?” e “O melhor jogador dos campos arraialenses...”. Dava edições de seis páginas, às vezes ilustradas. Matéria leve e variada, ora de autoria da turma responsável, em que aparecia Pereira de Assunção, não só com o nome, mas usando o pseudônimo **Zé do Recife**; ora de Lucilo Varejão, **Theo Silva** (Teodoro Silva), José de Azevedo Machado, Carlos Amorim, **Conde do Arraial**, **K. Veira**, o dos “Epitáfios”; A., com a crônica “Farrapos...; Mário Túlio, **De Campos**, **K. C. Tinho**, autor das “K. C. Tadas”; R. Danilo, ou seja, Arlindo Moreira Dias; **Wandy** (como se ocultava Vicente Vanderlei), **Arraialense**, etc. Não faltavam o indispensável noticiário, sobretudo social, e cerca de uma página de anúncios.

Ao antigir o n.º 6, de 21 de abril, o samário tinha, apenas, como responsável **Luys Pery** (nome literário de Luiz Periquito), ao lado do redator-chefe.

“Depois de um interregno de quase cinco meses” (não avistados os n.ºs 7 e 8), voltou o **Arraial-Chic**, trazendo o sub-título “Órgão Independente”, a 9 de novembro — n.º 9. Ao diretor e ao redator-chefe acrescentava-se: auxiliares — Carlos Amorim, Minona Carneiro e Noely Correia, este último logo mais substituído por Manuel Ribeiro. Passou a quinzenário. A redação transferiu-se para a rua Evaristo da Veiga n.º 135. Obedecia a novo programa, deixando de ser “um jornal essencialmente fútil”. Focalizaria assuntos mais sérios, tornando-se o porta-voz do povo de Casa Amarela.

Reuniu dez páginas o derradeiro número do ano, datado de 14 de dezembro. Prosseguiu — n.º 1, ano II — a 1.º de janeiro de 1930, com seis páginas, ocupando a primeira uma alegoria dedicada ao Ano Novo.

Na fase em apreço, o **Arraial-Chic** ocupava-se, mais detidamente, dos problemas do subúrbio onde tinha sede, através de comentários e reportagens de títulos vistosos. Admitiu a colaboração de Odilon Vidal de Araújo, Milcíades Barbosa, De Filgueiras (Normando), Carmen Lúcia e Ceci. Precedia o noticiário da “Vida Social” uma quadra romântica de **Lupe** (Luiz Periquito). Como estivesse próximo o Carnaval, **Tiririca** abriu a seção “Na poera do frevo...”

Tendo falhado, por desistência, o concurso da “mais bela”, instituiu-se outro, para a escolha da “madrinha do **Arraial-Chic**”, também fadado a não chegar ao fim, não passando das primeiras votações.

Não pôde ir mais longe o interessante órgão, que terminou sua existência de dificuldades uma vez publicado o n.º 2, de 1930, que teve a data de 19 de janeiro.

Já antes queixava-se a redação do “modo hostil” como tinha o jornal sido recebido por parte dos habitantes de Casa Amarela. Foi uma etapa toda de crises, e estas, finalmente, não lhe permitiram dar a grande edição de aniversário prometido (**Bib. Púb. Est.**).

PHALANGE — Revista literária e mundana, circulou pela primeira vez no dia 16 de março de 1929, formato de 24 x 16, com 16 páginas, inclusive a capa, ilustrada e impressa a duas cores. Propriedade de Raimundo Pereira e **Cilro Meigo** (pseudônimo do tenente Arquimedes de Albuquerque), funcionando a redação na rua da Palma n.º 177. Ilustrador — Armando Santos. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Preço do exemplar — \$300.

A página de abertura, assinada por Ascendino Neves, constituiu um acróstico, nele se consubstanciando o programa a cumprir, assim resumido: Pregar a verdade... — Honrar as tradições da Imprensa e da Literatura pernambucana... — Amar a Pátria e a Pernambuco... — Lutar pela República... — Afastar-se dos mercenários... — Não abrigar interesses personalíssimos... — Gritar contra as olhadelas do estrangeiro..."

As vezes quinzenal, às vezes mensalmente, seguiu o magazine sua trajetória, apresentando capas artísticas e aumentando o número de páginas, até o total de 24, no n.º 5, quando também majorou para \$400 o preço da vendagem avulsa. Foram seus colaboradores, em prosa ou verso: Eglantine Albert, Berguedof Elliot, A. Maciel, Noely Correia, **Cilro Meigo**, Chagas Ribeiro, Odion Vidal de Araújo, Mateus de Pernambuco, Neves Sobrinho, Júlio do Carmo, Nóbrega Simões, M. Ribeiro, Olívio Ferreira, Hilderico Matos, **Adão d'Avila**, Theo-Pompo, Antônio Marrocos, Farias da Silveira e outros. Manteve seções de elegância e mundanismo, de cinema e desportos, ilustrando-as desenhos e fotografuras sociais. Boa quantidade, também, de reclamos comerciais.

Passando à propriedade de Medeiros Martins, a partir do n.º 4, **Plalange** foi impressa na Tipografia dos irmãos Medeiros, situadas à rua da Direita n.º 257.

A pesquisa atingiu o n.º 5, que circulou a 30 de junho, tendo ocorrido, porém, uma outra edição, de data não identificada (**Colec. Cilro Meigo**). (1)

(1) Da coleção manuseada, só existem os n.ºs 1, 3 e 5. A Biblioteca Pública do Estado possui, unicamente, o 1.º.

SEMANARIO PORTUGUEZ — Apareceu no dia 25 de março de 1929, sob a direção de M. Azevedo, servido de matéria variada e “bom serviço de clichê”. Constou do artigo-programa: “O fim a que ele se destina, qual o seu programa, a sua aspiração, são coisas que se podem definir em poucas palavras: estabelecer um conagraçamento, unir, dar notícias da pátria distante, da terra estremecida, aos inúmeros filhos de Portugal que habitam neste pedaço da terra brasileira” (**Jornal do Commercio**, 27/3).

A publicação prosseguiu, invariavelmente registada pelo mesmo órgão diário, até o n.º 8, conforme notícia de 12 de maio.

REVISTA JUDICIARIA — **Mensário Noticioso e Doutrinário** — Publicou-se o primeiro número em abril de 1929, formato de 28 x 21, contendo 20 páginas, mais a capa em cartolina, ilustrada com fotogravura do Secretário da Justiça, professor Genaro Guimarães. Direção de Asdrubal Vilarim; redatores — Liberalino de Almeida, Agripino T. Nogueira Lima, Cândido Marinho, Irineu Joffily, Brito Alves, Evandro Neto, Joaquim Inojosa e Ramos de Freitas (seção policial). Correspondência para a rua da União n.º 61; depois, da Concórdia, 545. Assinatura por seis números — 10\$000; preço do exemplar — 2\$000. Confecção da Imprensa Industrial, de I. Nery da Fonseca, à rua Visconde de Itaparica (atual do Apolo) n.ºs 78/82.

Ocupou a primeira metade da página de rosto da edição de estréia, sob o título “Uma tradição gloriosa”, pequeno clichê de Martins Júnior, com a legenda: “A maior glória jurídica de Pernambuco”, completando-a o editorial de apresentação, que teceu considerações em torno do retraimento dos juristas pernambucanos, para concluir:

“A **Revista Judiciária** tratará exclusivamente de assuntos forenses, tendo, porém, uma seção policial. Ela tem as suas colunas abertas a quantos desejarem comungar conosco nessa jornada que empreendemos pelas letras jurídicas”.

Seguiu-se a meta do órgão especializado, o qual, no terceiro número, substituiu o sub-título para: “Jurisprudência, Doutrina, Legislação”, vindo a acrescentar, no quinto: “... e Crítica”.

O corpo redacional reduzira-se, no n.º 2, ao nome de Evandro Neto, na qualidade de redator-secretário, e foram admitidos: Maurício F. Pinheiro Guimarães e José Julião Regueira Neto. Entretanto, a partir do n.º 6 ficava o diretor Asdrubal sozinho no cabeçalho.

Sendo a capa invariavelmente ocupada com clichês de personalidades políticas ou judiciárias, o texto inseria em cada edição (número de páginas variável, até um total de 38), substanciosos artigos, conferências, pareceres, comentários, apelações, acórdãos, recursos, sentenças, agravos, etc., dos tribunais local e de outros Estados. Raros anúncios.

Publicou-se até o n.º 9, do mês de dezembro, sem que houvesse nenhuma solução de continuidade. Foi-lhe acrescentado um índice alfabético remissivo da matéria publicada desde o primeiro número.

Esperava continuar em 1930, melhorando o aspecto material. Não foi possível (**Bib. Púb. Est. e Bib. Est. de Sergipe**).

MISS... CELANEA — Circulou essa nova revista no dia 30 de abril de 1929, trazendo “reportagem, principalmente fotográfica, a respeito do concurso de beleza ultimamente realizado no Brasil” e ainda “retrato de misses estrangeiras e uma alegoria do filme Ben-Hur” (**Jornal do Commercio**, 1/5).

JORNAL MILITAR — **Quinzenário Dedicado aos Camaradas da Caserna** — Fundado a 11 de maio de 1929 e dirigido pelo tenente Olímpio Augusto de Oliveira, com redação na Companhia de Bombeiros da Força Pública do Estado, apresentou-se em bom formato de 44 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.ºs 45/47. Assinatura anual — 10\$000; para fora do Estado — 12\$000. Número avulso — \$200.

A um lado do título exhibia, em quadro, a divisa: “Brasileiros! A pátria espera que cada um de vós cumpra seu dever”. Do outro lado: “Trabalhai — para honra e nobreza de vosso nome. Para futuro e grandeza de nossa pátria”.

Do “Regulamento” constava, entre outros itens: “O **Jornal Militar** tem por fim transmitir aos seus leitores o sentimento de cada um, dentro ou fora da caserna, uma vez que não venha melindrar seus superiores e camaradas.

“Nenhuma colaboração será publicada em linguagem estrangeira, bem como será inutilizado, independente de satisfação, qualquer artigo ofensivo à moral pública ou a quem quer que seja”.

Na página de frente da edição de estréia figurou fotografia do chefe de polícia Eurico de Sousa Leão, com o respectivo panegírico de homenagem.

Seguiu o periódico sua curta jornada, divulgando colaboração assinada por V. P., M. Veloso dos Santos, sargento Américo Lins e Silva, dr. Adalberto Cavalcanti, sargento Gadelha e outros. Manteve, também, a seção “Caixa e Cesta”, por **K. Neta**. Noticiário especializado, às vezes com fotografuras, dedicando uma coluna ao registo social.

Ao atingir o n.º 3, de 12 de junho, uma nota, fechando a edição, informava haver-se encerrado a vida do **Jornal Militar**, para, no seu lugar, publicar-se a **Revista Militar** (1) (Bib. Púb. Est.).

REVISTA DO TRÁFEGO — Publicação Mensal, Ilustrada, Dedicada aos Intesesses dos Auxiliares do Tráfego da Pernambuco Tramways — Entrou em circulação a 15 de maio de 1929, formato de 25 x 16, com 16 páginas, em couché e assetinado, inclusive a capa, ilustrando o frontispício nítida fotografia de aspecto da cidade, impressa sobre fundo verde. Diretor — Sotero de Sousa, funcionando a redação e administração na Avenida João de Barros. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Assinaturas: ano — 4\$000; seis meses — 2\$500; preço do exemplar — \$400; para os empregados da empresa — \$100.

Surgiu, consoante ligeira nota de abertura, “para servir aos interesses da numerosa classe”, não deixando, por outro lado, “de conter leitura variada e um cuidadoso serviço informativo”.

(1) Ver páginas adiante.

Abriu o número de estréia a seção "De toda parte", seguindo-se artigos e noticiário; crônica do dr. Adalberto Cavalcanti; poesias de Mariano Lemos e Fernando Pio; "Vida Sportiva"; serviço fotográfico e boa parte de anúncios, nas páginas iniciais e do fim, inclusive as internas da capa.

Continuou o magazine, com aparição regular nos dias 15 de cada mês, tendo mudado o título, no n.º 3, para PERTRAPOCO, (1) que impunha "um desdobramento de atividade, uma atuação mais ampliada". Na edição seguinte criava-se a seção "The English Page", cuja apresentação, assinada por A. Smith, assim concluiu: "The English Page is open to all of you; therefore use it and help us make an unqualifying success of the Pertrapoco review". Outras apareceram no decorrer da publicação, que melhorou, intelectual e materialmente, tais como: "Seção Infantil"; "O conto da Revista"; "Arte Culinária"; "Variedades"; "To interest-To elevate-To amuse", a qual substituiu a primeira de língua inglesa; "Bisbilhotices", a cargo de Pio; "Vida Social", etc.

Desde o n.º 5, quando saiu do cabeçalho o nome do redator, não inseriu mais anúncios alheios e passou a utilizar, apenas, papel couché. As capas, em bicolor, ostentavam desenhos ou fotografias expressivos. Substituiu-se o subtítulo, em 1930, para "Publicação da Pernambuco Tramways and Power Co. Ltda. e da Telephone Company of Pernambuco Ltda."

A par da matéria especializada, a revista inseria, aqui e acolá, produções poéticas, não só dos nomes antes mencionados, mas de Silvino Lopes, Marques Júnior, Luys Pery (como se ocultava Luiz Periquito), Rodolfo de Carvalho, José Alfredo e outros. Ocorriam charges e caricaturas assinadas por Manuel Bandeira e J. Ranulfo e clichês de flagrantes sociais.

Após o n.º 9, de janeiro de 1930, Pertrapoco ficou suspensa, só divulgando a edição seguinte a 15 de janeiro de 1931. Prosseguiu até o n.º 12 (duas com idêntico número),

(1) Nome formado com as sílabas iniciais de PERnambuco TRAMways and POWER Company.

de 15 de abril. Encetou numeração nova no mês de maio, para finir-se uma vez publicado o n.º 3, ano III, de 15 de julho de 1931, aparecido este último, como singular despedida, impresso em péssimo papel (**Bib. Púb. Est.**).

A "PINTO JÚNIOR" — **Revista de Educação e Ensino** — Órgão do Centro de Educação Ruy Barbosa, da Escola Normal Pinto Júnior, saiu a lume em maio de 1929, obedecendo ao formato de 23 x 16, com 40 páginas de papel assetinado e capa em cartolina de cor, só impresso o frontispício: título e sumário. Orientação e direção efetiva, embora não mencionada, do professor Cândido Duarte, diretor do importante educandário, situado na rua do Riachuelo, 646, onde funcionava a redação. Trabalho gráfico da oficina da **Revista da Cidade**. Preço do exemplar — 3\$000.

O surgimento do magazine, consoante o editorial de abertura, resultou de velha aspiração, posta em prática mediante a reorganização da sociedade cultural mencionada. Não apresentava programa específico. Nasceu do seio da "Pinto Júnior" e era quanto bastava; para vencer, requeria, apenas, a simpatia e o concurso intelectual do professorado.

Surgiu-se a publicação, elevando para 56 a quantidade de páginas, impressas em papel **bouffant**, e reduzido para 2\$000 o preço do exemplar, passando o trabalho gráfico, no n.º 3, a executar-se na oficina d'A **Pilheria**. Encerrou o ano com o n.º 5, correspondente aos meses de novembro/ dezembro.

Sua matéria constituía-se de produções de professores e alunas, palestras, pensamentos de educadores famosos; lições; fotografias de grupos, em páginas especiais, e, passados os primeiros números, anúncios nas páginas de fundo e internas da capa, mas unicamente de casas de ensino. Escreveram: L. C. Cardoso Aires, Lurdes Dutra, Ida Souto Uchoa, Celecina Jofily de Azevedo, Maria José Miranda, Maria Dolores Pontes, Dalka Mesquita, Maria Isabel Temporal, Adriana Caeté, Judite dos Anjos, Eurídice Cadaval, Lúcia Barros Barreto, dr. J. P. da Veiga Miranda, dr. Francisco Pinto de Abreu, Maria José Cotias, Graziela Duarte, Nair Ramos, Maria de Lurdes Sousa, etc.

Sem comprovação de ter sido publicada no ano seguinte, o n.º 1, ano III, circulou em maio de 1931, impresso na

Tipografia São Luís, de J. Barros & Cia., à rua Marcílio Dias (atual rua Direita) n.º 18, sem outras alterações, salvo a designação da equipe de redatoras a seguir: 5.º ano — Maria Helena R. de Carvalho, Iracema de Melo e Maria da Graça Araújo; 4.º — Elza Uchoa, Druzila Alves da S. Guedes e Isabel Celina Figueiroa Costa; 3.º — Maria José T. de C. Barbosa; 2.º — Semiramis C. Alves da Silva; 1.º — Eunice Correia de Araújo Sousa.

Outra edição ocorreu no mês de junho, com 64 páginas, e o n.º 3 em outubro, faltando notícias da continuação.

Reapareceu A “**Pinto Júnior**” — n.º 1, ano IV — em abril de 1937, após “uma ausência de quase quatro anos” (?), obedecendo ao mesmo programa, ainda órgão do Centro Ruy Barbosa. Apenas 44 páginas, incluída a capa, imprimindo-se no estabelecimento “Artes Gráficas”, de Djalma Sousa, à rua **Diário de Pernambuco** n.º 33. Baixou, novamente, o preço do exemplar: 1\$000.

Sem corpo redacional declarado, apresentou-o no n.º 2 da nova fase, que saiu em agosto (Tip. The Propagandist, à rua do Rangel n.º 154), assim constituído: Maria de Lurdes Cavalcanti, Liége Oliveira, Nadége Oliveira, Creusa Andrade de Sousa, J. Peretti e Joana Cardoso. Boa colaboração e alguns reclamos comerciais.

Nova lacuna no encontro de edições remanescentes impossibilitou o conhecimento de outros números da revista, cuja existência teria ou não ultrapassado 1937.

Reapareceu **Pinto Júnior** feito álbum — n.º 1 — em dezembro de 1952, numa edição de 42 páginas, papel **couché**, formato de 27 x 18 e trabalho gráfico da oficina da Polícia Militar do Estado.

Abriu o texto uma página do Conselheiro João José Pinto Júnior, datada de 1892, do Livro de Ouro da Sociedade Propagadora de Instrução Pública, seguindo-se páginas ilustradas de homenagens e lembranças; discursos; pensamentos; crônicas dos professores José Lourenço, Zulmira de Paula Almeida, Lucilo Varejão e Horácio Moreira Rocha; poesias dos professores Fernando de Oliveira Mota e Lucilo Varejão

Filho e retratos individuais (cinco por página) de todas as professoras do ano.

Outra edição, saída do mesmo estabelecimento tipográfico, circulou em dezembro de 1953, acrescido o formato para as dimensões de 37 x 24, 50 páginas de papel couché e capa de boa cartolina branca, figurando no frontispício fotografia do edifício do então denominado Ginásio Pinto Júnior. Artigo do professor José Gastão Cardoso, na página de rosto, focalizou o reaparecimento da **Revista Pinto Júnior**, que “era uma das maiores vaidades do professor Cândido Duarte”, a cuja memória rendiam homenagem as professorandas. Reportou-se, igualmente, à iniciativa da publicação, que vinha solucionar um problema economicamente difícil: a substituição do quadro de formatura pela Revista; ao mesmo tempo proporcionando às tituladas a “oportunidade de demonstrar conhecimentos adquiridos durante o currículo escolar”.

Com as mesmas características da edição anterior, a de 1953 apresentou maior volume de matéria, a saber: discursos, artigos assinados por Valfredo Lisboa, Paulo Vieira, Lucilo Varejão, Tércio Rosado Maia, Moacir de Albuquerque e José dos Anjos e palavras de estímulo de Heitor de Andrade Lima, padre José Lamartine, Marlene Correia e outros professores. A maioria das páginas foi ocupada com clichês das tituladas (**Bib. Púb. Est. e Arquivo do Gin. Pinto Júnior**). (2)

CRÍTICA — Política. Atualidades. Questões Sociais. Letras e Artes — Saiu a lume no dia 15 de junho de 1929, formato de 32 x 24, com 16 páginas de papel assetinado, impressa na oficina da Escola de Aprendizes Artífices, situada à rua da União n.º 520, parte posterior do prédio do atual Colégio Estadual de Pernambuco, onde também funcionavam a redação e administração. Direção e propriedade de Clodomiro de Oliveira; redator-chefe — José Firmo de Oliveira; redatores — Edgar Ramos (só na primeira edição) e Mac Dowell Montenegro. Publicação semanal, aos sábados. Assinatura anual — 25\$000; preço do exemplar — \$400.

(1) Só encontrados, em ambas as fontes, números esparsos. Voltou a publicar-se em 1956.

Aparecia “no periodismo do Nordeste” — conforme o editorial “Definindo atitudes” — “para um largo programa de idéias”, mas “sem promessas, sem as responsabilidades dos compromissos”. Nada de tendências partidárias, nem do “estreito espírito de facção”, acentuando: “**Crítica** permitir-se-á, no entanto, as análises mais contundentes, desde que se torne necessário o argumento dinâmico e severo das reações esclarecedoras”.

Abordando fatos do momento, em linguagem panfletária, com oportunas ilustrações, sobretudo caricaturas (autoria de Armando Santos), seguiu o magazine a meta programada, circulando com regularidade. Sua matéria constituía-se, quase integralmente, de artigos e notas redacionais de caráter político, aqui e acolá inserindo alguma produção literária, assinada pelos redatores, por Garcia de Rezende ou L. C. Cardoso Aires. Mas o objetivo da publicação era, na realidade, combater a atuação da Aliança Liberal, nos setores nacional e estadual, criticando acerbamente os diretores e redatores dos diários **da Manhã** e **da Tarde**. Enquanto isto, tecia encômios ao situacionismo, fazendo a apologia do Presidente Washington Luiz e do Governador Estácio Coimbra.

A atuação do redator Mac Dowell terminou com o n.º 6. Tornaram-se redatores correspondentes: em Maceió — Aurino Maciel; na Paraíba — Luiz Gomes; em Natal — Otacílio Alecrim. Passou à categoria de redator, por algum tempo, Nehemias Gueiros, que assinava crônicas cinematográficas e, às vezes, de fundo histórico.

Crítica atingiu o ano de 1930 ao publicar-se o n.º 29 de 4 de janeiro. Pouco depois, esboçavam-se as candidaturas à sucessão presidencial e governamental, e o panfleto deu franco apoio aos nomes de Júlio Prestes e José Maria Belo, respectivamente, intensificando a série de ataques desbragados à turma oposicionista e revolucionária. Carlos de Lima Cavalcanti, José Campelo, Agamenon Magalhães e Arruda Falcão eram os mais visados, no setor local, pelos epítetos e baldões dos redatores do jornal-revista, e os caravaneiros da Aliança Liberal sofriam tremendos ataques, a começar pelo candidato ao Catete, Getúlio Vargas.

Ora numa, ora noutra edição de *Crítica* encontravam-se produções assinadas por Esdras Gueiros, Raimundo Moraes, Otacílio Alecrim, Racine Guimarães, Altamiro Cunha, Antônio Freire, Eudes Barros, Osiris Carneiro, Alfredo Miguel, Mauro Mota, etc., nem todos tratando de tema político. Divulgava reclamos comerciais, porém moderadamente.

O “panfleto de grande tiragem” — como se auto-denominava — deu excelente edição de 44 páginas a 14 de junho, comemorativa do seu primeiro aniversário, amplamente ilustrada, inserindo abundante matéria, incluindo colaboração especial de João Aureliano Correia de Araújo, Paulino de Andrade, Ida Souto Uchoa, Heloisa Chagas, Jerônimo Gueiros, Débora Gonzaga e Araújo Filho. Na capa, **charge** política, de Mário.

Prosseguindo, com algumas lacunas na circulação, *Crítica* não conseguiu ultrapassar o n.º 54, datado de 6 de setembro de 1930, finando-se antes que a revolução de outubro lhe embargasse o passo (**Bib. Púb. Est.**).

AO PÉ DA FOGUEIRA — Livro de Sortes para as festas noites de São João e São Pedro — Circulou em junho de 1929, formato de 22 x 15, com 60 páginas de papel **bouffant** e capa em **couché**, apresentando expressiva ilustração alusiva ao título (autoria de Cardoso), em tricromia. Lisonjeiro trabalho gráfico da oficina da **Revista do Norte**, instalada na Capunga, à rua Numa Pompilio (atual rua das Crioulas) n.º 536. Preço do exemplar — 1\$000. Redatores: Edmundo Celso e Joaquim Cardoso.

O editorial de abertura, focalizou o tema “Os livros de Sortes”, terminando por dizer que **Ao pé da fogueira** nasceu para continuar a tradição vinda do século passado, o gênero de graça leve, ingênua, dos nossos antepassados.

Divulgou interessantes séries de Sortes; conto de João Vasconcelos; artigo de Odilon de Araújo; poesia de Ascenço Ferreira, humorismo e curiosidades; páginas, em **couché**, com fotografias de aspectos de Pernambuco e, como de praxe, boa quantidade de anúncios.

Outra edição publicada foi a de junho de 1933 (ano V, n.º 4), com idêntica quantidade de páginas e nova capa

ilustrada, em tricomia, sendo o trabalho material da oficina do **Jornal do Recife**. Na redação, Cardoso foi substituído por Nelson Avila. Repleta de transcrições, teve mais a colaboração de Raimundo Pais Barreto, Araújo Filho e Carlos Leite Maia (**Bib. Púb. Est.**).

DOM FUAS — Política, Literatura, Atualidades —
Dirigido por Pedro Lopes Cardoso Júnior e Valdemar de Amorim, o primeiro número, formato de 31 x 21, com 16 páginas de três colunas, circulou no dia 2 de julho de 1929. Redação e administração à rua Padre Nóbrega n.º 280, sobrado. Assinaturas: ano — 8\$000; semestre — 4\$000; para fora da cidade: 10\$000 e 5\$000, respectivamente; mas logo no n.º 3 foram aumentadas, na primeira parcela, para 12\$000 e 6\$000; e, na segunda, para 14\$000 e 7\$000. Preço do exemplar — \$300.

Declarou-se “sem programa, mas com o propósito deliberado de seguir uma linha de conduta coerente com os princípios daqueles que o dirigem, já calejados em lutas político-partidárias governistas, oposicionistas, revolucionárias, e com experiência suficiente para encarar os problemas nacionais e regionais, sob os seus verdadeiros aspectos”.

Apresentou bons editoriais (1) e variada matéria, a salientar a “Página do Diabo”, sendo colaboradores L. C. Cardoso Aires, Esdras Gueiros, Aldemar Correia de Amorim, Landulfo Medeiros, Chagas Ribeiro e outros, não lhe faltando boa messe de anúncios.

Confeccionado na oficina do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.ºs 45/47, prosseguiu a publicação do veemente órgão, mas não quinzenal nem decenal, como anunciara, e sim mensalmente, em datas indeterminadas. Variou também

(1) Um dos artigos da redação — “A matança dos jornalistas” — comentou a notícia de que o senador Celso Bayma tinha apresentado ou ia apresentar “um projeto isentando de culpa a todo aquele que matar ou ferir um jornalista, quando for por ele atacado em sua honra”. Ora, muitas vezes um adjetivo mal interpretado podia ser considerado ofensivo, fazendo um inofensivo homem de jornal ser fuzilado de acordo com tal lei. Diante do que, concluiu pedindo permissão ao chefe de polícia para os jornalistas andarem armados...

o número de páginas, até o máximo de 24, focalizando aspectos da vida social e política do Estado, encarando-lhe os problemas com sentido crítico-construtivo, além de ter uma parte literária.

No segundo número iniciara **Dom Fuas** interessante correspondência de Paris, intitulada "Verdun" e assinada por Valdemar de Almeida. Nas suas poucas edições, teve, ainda, a colaboração de Luiz da Câmara Cascudo, Renato de Alencar, Palmira Vanderlei, Flodoaldo Caliope, Joaquim de Oliveira, Adriel Lopes, etc.

"Qual é o seu candidato?" foi um concurso estabelecido pelo bem feito jornal, em face das eleições presidenciais marcadas para março do ano seguinte. Coube de início, o primeiro lugar à dupla Getúlio Vargas-João Pessoa, candidatos apoiados pela redação.

Entretanto, ficou suspensa a publicação da revista depois do n.º 5, datado de 19 de outubro.

Só reapareceu, mais de um ano decorrido, a 14 de fevereiro de 1931: n.º 1, ano III, 2.ª fase. Voltava — conforme artigo de abertura — na esperança de que o Recife não mais se tornasse "o cenário incivil e bárbaro que foi até então". E acentuou:

"**Dom Fuas**, órgão de oposição ao estadista dos girasóis, panfleto revolucionário a fazer cócegas ao malogrado e infeliz pupilo do herói de Macaé, não poderia viver. Era um indesejável. Ou aderiria à fuzarcada republicana da época, e teria paz, ou então entraria na madeira, como diria o ortodoxo político de visão curta, que foi o último presidente do Brasil. O dilema era terrível. Antes morrer que capitular. E foi este o caminho que escolhemos".

Seu programa seria "o que foi: pugnar pelo saneamento do país, sem medir sacrifícios, sem olhar entraves".

A edição teve apenas doze páginas, sendo o diretor Lopes Júnior substituído por Landulfo Medeiros. Aplaudiu a Revolução de 1930 e a nova administração de Pernambuco.

Entretanto, parou novamente, não voltando a publicar-se (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DO MODERNO — Semanário Cinematográfico de Distribuição Gratuita — Surgiu no dia 5 de julho de 1929, formato de bolso: 19 x 8, coluna única de composição, com 16 páginas de papel almasso e capa em **couché**. Propriedade de **Bandeira & Cia.**, funcionando a redação no Cinema Moderno, à Praça Joaquim Nabuco n.º 85. Trabalho gráfico da oficina da **Revista dos Municípios**.

Apresentou-se através da nota intitulada “Prelúdio”, segundo a qual o pequeno magazine era feito para as senhorinhas, contendo, não só a programação daquele cinema, e literatura correspondente, mas também “croniquetas sutis” e variedades.

Impressa a cores, a capa sempre ostentando retratos de atrizes e atores, com uma parte de anúncios diferentes, seguiu a **Revista** a sua meta, em caráter de brinde aos **habitués**. A partir do n.º 18, a impressão passou a efetuar-se na Tip. Guarani, à rua da Concórdia n.º 52, e, desde o n.º 23, na oficina d’ **A Pilheria**, à rua da Aurora n.º 97.

Segundo o enunciado, inseria produções ligeiras, em prosa, e a seção poética “Album de Mademoiselle”, constituída de transcrições ou versos originais. Foram colaboradores bissextos: Mariano Lemos, Mauro Mota, Frederico Rosa, Borges da Silva, **Crisanteme**, Oscar Lopes, João José, Maria da Paz, Eraldo Antunes, Ferreira dos Santos, Luiz do Nascimento, etc. Ocorreram, ainda, as seções “Futilidades” e “Femina”.

A interessante revistinha publicou-se, ininterruptamente, até 7 de março de 1930, quando saiu o n.º 31, ano II, jamais voltando à tona (**Bib. Púb. Est.**).

O ECHO (De Afogados) — Saiu a lume no dia 13 de julho de 1929, para publicar-se quinzenalmente. A par de colaborações diversas, iniciou “um concurso para saber qual a mais bela afogadense”.

O Jornal do Commercio (14/7), que forneceu a informação acima, noticiou, na sua edição de 25 de agosto, haver sido posto em circulação o n.º 3 d’ **O Echo**, sem mais permeiros.

REVISTA MILITAR — **Publicação Mensal, Ilustrada e Literária** — Surgiu em julho de 1929, formato de 28 x 16, com 20 páginas, inclusa a capa, impressa em papel couché, estampando fotogravura das **misses Brasil e Pernambuco**, numa “merecida homenagem”. **Diretor-proprietário** — Tenente Olímpio Augusto de Oliveira; **secretário** — Américo Lins e Silva, funcionando a redação na rua Dr. José Mariano n.º 222 (sede do Corpo de Bombeiros). Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Recife**. Assinatura anual: na Força Pública — 10\$000; na capital — 12\$000; nos outros Estados — 15\$000. Preço do exemplar — 1\$000.

O editorial de abertura, sob o título “Esta página”, foi ilustrado com retrato de mulher despida, ao lado esquerdo da composição. Falando em “altar da Pátria”, “trabalho cívico-intelectual” e “altaneiro gigante”, afora outros conceitos de incentivo à “cultura intelectual”, pedia, finalmente, amparo e ajuda, a fim de preencher os objetivos a que se propunha.

Seguiu-se a publicação, crescida a quantidade de páginas, até o máximo de 40, capas variadas, divulgando literatura, em prosa e verso; parte social ilustrada, matéria de interesse militar, noticiário e reclamos comerciais. A colaboração dividia-se entre civis e militares, a saber: Jaime de Santiago, Augusto Aristeu, Célia Oliveira, sargento Américo Lins, Manuel Ribeiro, tenente J. L. Serrano de Andrade, J. Teles de Sousa, sargento Hugo de Moraes, J. Siqueira Campos, Agra Dornelas, Israel de Castro, Aimbiré Kanimura, Cromwell Leal, Leopoldo Lins, R. de Meneses, Neves Sobrinho e Renato Gouveia.

Manteve a seção “Caixa e Cesta”, a cargo de **K. Neta**, e estabeleceu concurso para apurar “qual o mais perfeito soldado”. Vasto serviço de clichéria.

Não se prolongou a existência da **Revista Militar**, cujo último número foi o 4.º, datado de 18 de outubro, quando prestou homenagem, estampando clichê na página de rosto; ao terceiro aniversário do governo de Estácio Coimbra (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA ODONTOLÓGICA — **Órgão da Sociedade de Cirurgiões Dentistas de Pernambuco** — Publicação mensal,

apareceu em julho de 1929, obedecendo ao formato de 23 x 15, com 16 páginas, exclusive a capa, esta impressa em **couché superior**. Diretor — Sílvio Pélico Leitão; redator-chefe — Esdras Gueiros; secretário — Ovidio Daniel de Carvalho; gerente — Gustavo H. de Sá; redatores — Samuel Ponce de León, Nelson Melo, Tessalônico Tenório, Leopoldo da Rocha, Pinto de Campos, Alfredo Sá, Aquilino Barreto e Otávio Avelar. Redação na rua 1.º de Março n.º 85, 1.º andar. Trabalho material da tipografia do **Diário da Manhã**. Assinatura anual — 20\$000; número avulso — 2\$000, preços reduzidos no n.º 3, para 10\$000 e 1\$000, respectivamente.

Consoante o editorial de abertura, sob o título “**Havemos de vencer**”, nascera a **Revista** para defender os interesses da classe, dispondo-se a envidar os necessários esforços a fim de atingir tal desiderato. Acolheria, nas suas colunas, todos aqueles que pugnassem “pelo soerguimento da profissão”.

Durante o primeiro ano, o cabeçalho do magazine constou de modesto clichê, ao alto, à esquerda do qual se via o emblema da Sociedade em meio ao escudo (tudo a bico-de-pena) do Estado de Pernambuco. Completava a capa de cada edição pequena fotogravura de diferente membro da classe, prática que continuou até o terceiro ano. A princípio com tiragem de 200 exemplares, aumentou-a, no n.º 6, para 500, depois 600, até chegar a 1.000. A quantidade de páginas elevou-se pouco a pouco, vindo a atingir 48 no n.º 12, de junho de 1930, comemorativo do primeiro aniversário de fundação.

Colaborada pelos redatores e outros elementos da classe, mais o médico Mauricéia Filho e o advogado Buarque de Macedo, a revista ainda transcrevia trabalhos científicos, além de proporcionar noticiário específico e anúncios.

Proseguiu a meta, tendo reduzido o corpo redacional aos nomes do diretor (acrescido da qualidade de proprietário) e do secretário. Depois de setembro, alterou-se-lhe a periodicidade para bimestral, e a derradeira edição do ano II reuniu os n.ºs 8, 9 e 10, datada de fevereiro a abril de 1931. Nada obstante a promessa de voltar à normalidade, parou aí a publicação.

O n.º 1, ano III, circulou em fevereiro de 1933, passando a figurar no cabeçalho o nome único de Sílvio Pélico Leitão,

o qual assinou artigo sobre a volta da **Revista Odontológica**, que entrava em “nova fase após um prolongado colapso de 365 dias”, porque não lhe fora ministrado em tempo o tônico do Estímulo. Permanecia como o porta-voz da classe.

Circulando ora mensal, ora bimestralmente, com edições que variavam de 20 a 50 páginas, prosseguiu a publicação alguns anos afora, sem alterar-se-lhe o ritmo antigo. A partir da primeira edição de 1934, adotou clichê único para a capa, em cujo desenho integral figurava, ao centro, o símbolo da classe, impressão em cartolina de cor, mudando de tinta cada vez.

A matéria achava-se assim dividida: “Concepções médicas” — dr. Medeiros Brito; “Seção farmacêutica” — João Pugliese; “Seção jurídica”, — Buarque de Macedo; “Preceitos e Conceitos” — Jorge de Barros, e a colaboração geral de Hamilton Guimarães, Ovídio de Carvalho, Sílvio Pélico Leitão, J. Liberato Filho, Paulo A. Lustosa, Evaristo Leitão, farmacêutico Lindolfo Mascarenhas, dr. Sílvio Caldas, professor Fraga Rocha, dr. Sílvio Campos, Osvaldo de Araújo, Samuel Ponce de Leon e outros, a fora transcrições, noticiário e a competente parte de reclamos comerciais, garantidora das despesas de impressão.

Atingido 1935, a **Revista** deixou de ser órgão da Sociedade de Cirurgiões Dentistas; admitiu um redator-secretário, Ovídio de Carvalho, e um gerente, Vantuil Barroso.

No ano seguinte encerrava-se a existência, no Recife, do magazine especializado, quando circulou o n.º conjugado 1, 2 e 3, correspondente aos meses de janeiro a março, sempre impresso na oficina do **Diário da Manhã**.

Transferindo-se Sílvio Pélico Leitão para o Rio de Janeiro, na qualidade de deputado federal, representante da classe, ali continuou a editar a **Revista Odontológica**, ficando a confecção material a cargo da Gráfica Olímpica. E ali viveu até o n.º 5/6, ano X, de novembro/dezembro de 1938 (**Bib. Púb. Est**). (1)

(1) Coleção incompleta quanto aos sete números publicados na ex-capital federal, deles existindo os dois últimos no arquivo da Casa Vantuil.

DEUTSCHER CLUB PERNAMBUCO — Simples folha mimeografada, apareceu feito revista mensal em julho de 1929, formato de 28 x 18, com 10 páginas de papel assetinado e capa de cartolina de cor, ilustrada com desenho do Clube Alemão do Recife, que era localizado na rua Conde de Irajá n.º 30, subúrbio da Torre. No alto do clichê viam-se as bandeiras do Brasil e do Nazismo; em baixo, o escudo da Alemanha. Confecção material do Estabelecimento Gráfico Drechsler & Cia. (atual Indústria Gráfica Brasileira S. A.), situado à rua do Bom Jesus n.º 183.

Exclusivamente redigida em língua alemã, o editorial de abertura, assinado P. J. (Peter Jurisch, Presidente do Clube), intitulou-se, conforme a tradução, “De roupa nova”. Dizia-se “um folheto de comunicação” das atividades daquele “centro de cultura e do pensamento alemão”. Nas suas páginas não havia lugar para partidarismo: nem político nem religioso, assim como não tinha ligações econômicas. Apenas um trabalho unido em prol do desenvolvimento social. (1)

Seguiu-se a publicação, pelo tempo afora, constando sua matéria de artigos redacionais ou assinados; notas econômicas e de estatística; noticiário local e do exterior; informações úteis e anúncios. A colaboração principal achava-se a cargo de Theodor Kadletz, Ernst Milarch, Jurisch, Luedemann, Argus (pseudônimo de Herman Mackelburg), **Felix** (como se assinava Ernst Settmacher, ou E. S.), **Maximilian**, ou seja A. E. Paashaus, também aparecido com a assinatura XYZ; **Studio Bierseidel** (travesti de Roland Luettjohann), etc.

Ao atingir o n.º 19, março de 1931, o magazine divulgou a tradução em português dos estatutos do Clube Alemão. Variou a quantidade de páginas, até o máximo de 26. Não era regular a periodicidade mensária, ocorrendo, aqui e acolá, alguma lacuna. A partir de outubro de 1936, a capa apresentou diferente desenho: grande águia sobre um círculo com as iniciais D. K. P., entrelaçando-as as bandeiras do Brasil

(1) Resumo da tradução, da qual se encarregou, obsequiosamente, o brasileiro Werner Drechsler.

e do Nazismo, mais a legenda, em tipos fortes: "Monatschrift". Abaixo do clichê, uma frase de Adolf Hitler.

Em novembro de 1937 circulou o n.º 82 de **Deutscher Club Pernambuco**, terminando aí sua existência (**Colec. Drechsler e Bib. Púb. Est.**). (2)

O **ATHENEU — Órgão do Centro Cívico Literário Gabriel de Araújo** — Circulou o n.º 1 em setembro de 1929, formato de 50 x 35, com quatro páginas de seis colunas. Impressão la oficina do **Diário da Manhã**, servindo de redação o Instituto Carneiro Leão. Direção mental de Gentil Mendonça; redator-chefe — Aduino Correia de Araújo; secretário — Simão Foigel; redatores — Juraci Nunes Machado e Sérgio Maia; gerente — Austregésilo Santiago. Preço do exemplar — \$400.

Constituiu o aparecimento do jornal um dos marcos da inauguração do Centro, conforme o editorial de abertura, que rendeu homenagem à memória do professor Gabriel de Araújo e reduziu assim o seu programa:

"... será nesse modesto jornal que os componentes desse Grêmio virão apresentar os primeiros frutos da sua vida intelectual, sequiosos pelo desenvolvimento da linguagem escrita dentro das normas do bom gosto".

Só inseriu mesmo literatura, tendo menos de uma página de anúncios. Nele escreveram, além dos nomes referidos acima: José Portela, Alarico Franco, J. Lins, Fernando da Veiga Pessoa, Hilton Sete, Lacerda de Melo, Eolo Ramos e outros.

Ficou, ao que tudo indica, no primeiro número (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA CRIMINAL — Publicação Mensal — Apareceu em setembro de 1929, obedecendo ao formato de 28 x 17, com 40 páginas de texto em papel assetinado e capa em **couché**, nela figurando desenho-redoma com fotogravura do chefe de

(2) A Coleção, em um volume, da Biblioteca Pública do Estado, começa do n.º 45.

polícia Eurico de Sousa Leão. Propriedade de Brasil & Melo; diretores — Antônio de Sousa Brasil e Oscar Melo. Redação e atelier de gravuras à rua da Imperatriz n.º 17, 2.º andar, encarregando-se da confecção material o “A B C Gráfico”, situado na Praça Joaquim Nabuco. Preço do exemplar — 2\$000.

Declarando-se, na página de abertura, único no gênero que surgia, no Nordeste, “sem feição partidária”, o magazine prometia ao público “torná-lo conhecedor de todos os fatos criminosos ocorridos nesta capital e no interior do Estado”. Trataria, também, “de assuntos do Forum federal, estadual e militar” e dos “problemas policiais”.

A par da matéria redacional específica, a edição de estréia incluiu artigos firmados por Tomaz Pará, Evandro Neto, Mário Melo, Sóstenes Cavalcanti, Oscar Melo e Cisneiros de Albuquerque. Várias páginas foram dedicadas a reclamos comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

Embora não haja outros comprovantes arquivados, publicaram-se mais três números da **Revista Criminal**, o último dos quais registado pelo **Jornal do Commercio**, em sua edição de 26 de fevereiro de 1930. Depois, mudou o título para **Polícia e Justiça** (Ver pág. . . .).

RECIFE — Revista de Contos e Novelas — Publicou-se o primeiro número datado de setembro de 1929, formato de 23 x 15, com 52 páginas de papel **bouffant** e capa em **couché**, ilustrada e impressa a duas cores. Responsável — N. de Azevedo Melo, da Agência Moura, à rua Nova. Excelente trabalho gráfico da oficina da **Revista do Norte**, instalada na rua Numa Pompílio (hoje das Crioulas) n.º 536. Preço do exemplar — \$500.

Sem nenhuma nota de apresentação, só divulgou mesmo matéria relativa ao programa exarado no sub-título, algum humorismo e anúncios.

Órgão mensal, prosseguiu sua meta. A não ser a colaboração original do escritor João Vasconcelos, todas as demais produções eram recortes de escolhidos autores estrangeiros, já traduzidos.

Mantendo média idêntica de páginas, o bem feito magazine atingiu o n.º 4 no mês de dezembro, quando se lhe encerrou a existência (Coleç. Ed. Celso e Bib. Púb. Est.).

(1)

EXCELSA (2) — A Nossa Senhora da Penha — Homenagem do Comércio do Recife à sua Padroeira — Publicou-se, pela primeira vez, em setembro de 1929, formato de 32 x 23, com 32 páginas de papel assetinado e capa em *couché*, ilustrada com estampa da santa, numa homenagem da tipografia da Fratelli Vita.

O editorial “Nosso objetivo” teceu considerações e explicações em torno da necessidade duma publicação exclusivamente dedicada à Padroeira do Comércio, para mostrar “aos crésus e aos incréus” o esforço despendido pelos missionários capuchinhos em prol da obra da fé e do Cristianismo. Prestava toda solidariedade às festas tradicionais de N. S. da Penha”.

Com o “Imprimatur” do Vigário Geral, Monsenhor Ambrosino Leite, e o “Nihil obstat” do censor Frei Angélico de Campora, a revista apresentou texto variado e ilustrado e boa messe de reclamos comerciais.

Obedecendo ao mesmo ritmo, circularam três outras edições, em setembro de 1930, de 1931 e de 1932, as duas últimas tendo o formato reduzido para 26 x 19 e 25 x 16, respectivamente, impressas na Tip. Santo Antônio, à travessa da Concórdia n.º 249. Na capa, invariável estampa de N. S. da Penha; no texto, clichês de membros do Clero.

A colaboração assinada do magazine variou de nomes, a saber: frei Angélico, Jaime de Santiago, A. Carneiro da Silva, Benedito de Almeida, Israel de Castro, Cromwell Leal, Virginia Cândida de Figueiredo, frei Daniel, F. R. e Carlos Leite Maia.

(1) Na Biblioteca Pública do Estado só existem comprovantes das duas primeiras edições.

(2) Não consta da relação de “Letras Católicas em Pernambuco”, do Cônego Xavier Pedrosa.

A edição de 1932 (última), além de porta-voz da festa religiosa, solenizou dois cinquentenários: o da reconstrução da Basílica da Penha e o da chegada ao Recife dos restos mortais do bispo D. Vital (**Bib. Púb. Est.**).

PRAIEIRO — “Jornal de feição leve, tratando de assuntos referentes à estação balneária”, apareceu no dia 27 de outubro de 1929, segundo noticiou, na mesma data, o **Diário de Pernambuco**, adiantando tratar-se de um semanário, impresso a cores, em papel especial, “editado para circular nas praias de Boa Viagem, Olinda e Pina” e que apresentava “copiosa matéria de assuntos elegantes”.

Nem comprovantes nem qualquer outra notícia foi possível encontrar a respeito do prosseguimento da publicação. Entretanto, dois meses após, precisamente a 29 de dezembro, comunicava o poeta Esdras Farias ao **Diário de Pernambuco** que, em virtude da falta de tempo para redigi-lo, ficava suspenso **O Praieiro**.

ARCA DE NOÉ — “Jornalzinho de humorismo são, feito para as delícias da mocidade, em comemoração à passagem do Natal”, saiu a lume na data respectiva, em 1929, sob a direção de Artur de Moura (Cf. a rev. **Altos Coqueiros**).

BONUS-JORNAL — Órgão de propaganda da Empresa Anunciadora Comercial Bonus Recife, de Freitas & Cia., acusou o **Diário de Pernambuco**, de 28 de dezembro de 1929, o recebimento do 1.º e do 2.º números. Distribuição gratuita. Juntamente à parte de reclamos comerciais, divulgava “literatura, notas sociais, artigos sobre finanças e curiosidades”.

1 9 3 0

P'RA VOCÊ — **Revista Semanal Ilustrada** — Surgiu no dia 22 de fevereiro de 1930, formato de 30 x 22, com 32 páginas de papel couché, inclusive a capa. Propriedade da Empresa **Diário da Manhã S. A.**, instalada à rua do Imperador n.º 227. Direção de Willy Lewin e Luiz Cardoso Aires (Lula). Preço do exemplar — 1\$000.

A apresentação constou de concisa nota, na qual se aludiu a modas, poesias, cinema, mundanismo, temas que constituíam o programa do magazine, igualmente dedicado à Literatura.

Mostrou-se **P'ra Você** à altura do enunciado, estampando páginas e mais páginas de reportagens fotográficas do movimento social recifense, proporcionando, sobretudo, grande cobertura aos festejos carnavalescos do ano e ao concurso para a escolha de Miss Pernambuco e Miss Brasil. Criaram-se as seções: “Diz-se...”; “A Sociedade”, precedida de crônica leve, firmado por **Jean**; “Bom humor dos outros”; “Ruas”; “Cinema”; “Sports”; “O Brasil anedótico”, etc. Willy Lewin assinava prosa ou verso, na página de rosto, enquanto o outro diretor, também aparecido como poeta, encarregava-se da alegoria da capa, a cores, substituída cada semana, e ilustrava o texto, depois ajudado pelos desenhistas Euclides, Hélio Feijó e Nestor.

Foram colaboradores especiais: Austro Costa, o mesmo Crispim Fialho e o mesmo João-da-Rua-Nova; Esdras Farias, Alvaro Lins, Carlos J. Duarte, Jorge de Lima, **João de Avenida** (pseudônimo de Olegário Mariano), Débora Gonzaga, Pelópidas Gracindo, Carlos Paurílio, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Mauricéia Filho, Valdemar Cavalcanti, Paulo Malta Filho (registre-se a afluência de intelectuais alagoanos), Vicente Fittipaldi, Gilberto Osório de Andrade, José Auto, Josué de Castro, Teresinha Caldas e outros, afora traduções de escritores estrangeiros. Ocorriam motivos de arte fotográfica, a cargo de F. Rabelo e A. C. Gonçalves. Alguns anúncios completavam cada edição.

Tão auspiciosamente iniciada, a excelente revista não foi muito adiante, como era de esperar, ficando suspensa uma vez divulgado o n.º 18, de 21 de junho.

P'ra Você reapareceu mais de dois anos após, saindo o n.º 19 a 31 de outubro de 1932, na qualidade de “publicação quinzenal, ilustrada, da Empresa **Diário da Manhã S. A.**”, sendo confiada a direção a José Campelo e a secretaria a Eugênio Coimbra Júnior. Tabela de assinaturas: anual — 36\$000; semestral — 18\$000; para os Estados: 48\$000 e 24\$000, respectivamente. Preço do exemplar — 1\$500; fora da cidade — 2\$000.

Consoante o editorial de abertura da segunda fase, insistia a editora em “dotar o Recife de uma revista capaz de corresponder aos foros de cultura da sociedade pernambucana”. Para os desenhos de capa e ilustrações do texto, foi contratado o famoso pintor Manuel Bandeira, ficando J. Ranulfo encarregado de “pequenos desenhos, charges políticas e caricaturas”.

Tornou-se o magazine, que adotou a média de 40 páginas, metade em papel couché, mais variado e menos literário, criando as seções: “O questionário das doze perguntas”; “Humorismo de gente célebre”; “Consultório sentimental”, a cargo de **A Mulher Psicóloga**; “Conselhos úteis para o lar”; “A boa cozinha”, por **Mary Ana**; “Consultório de Clínica Médica”, assinado por Antônio Fasanaro; “Para conservar e adquirir beleza”, pelo dr. Valdemir Miranda; “Kermesse”, de Esdras Farias; “A alma através da letra”, por **Frei Lucas**; “A moda e suas tendências”; “Cinema”; “A charge política”, a cores; “Fatos da quinzena”; “Esporte”; “Adágios ilustrados” e “Aventuras de **Nequinho** e **Lapito**”, ambas firmadas pelo pintor Manuel Bandeira; “Os tipos populares da cidade”, em fotografias de Oscar Maia; “Concurso de Beleza Infantil”; “Coisas amenas e instrutivas” e “Sociais”.

Caliban e A. Fasanaro encarregavam-se, ora um, ora outro, da crônica de abertura do texto. Eram outros colaboradores: Estêvão Pinto, Mateus de Lima, Ascenso Ferreira, Paulo Malta Filho, Joaquim Cardoso e **Ariel**. Ocorriam dois contos ou novelas traduzidos, de escritores estrangeiros, em cada edição; **charges**, também, de Vilares, e alguma ilustração de Nestor Silva.

Sem nenhuma alteração material, nem administrativa, **P'ra Você** manteve o padrão inicial, sempre bem recebida pelos leitores, não prolongando, todavia, sua nova existência, como aconteceu da primeira vez. Atingiu, apenas, o n.º 32, ano III, divulgado a 24 de junho de 1933.

Voltou, ainda uma vez, o magazine, iniciando a terceira fase — n.º 1, ano XX — em agosto de 1950. Imprimiu-se, ainda, na oficina do **Diário da Manhã** (a empresa tornada proprietária), em papel comum, só a capa em couché, tendo 40 páginas de texto. Diretor-gerente — Josafá Rosas; redator-secretário — Esdras Farias. Preço do exemplar —

Cr \$5. Era, conforme a página de abertura, uma “tentativa honesta” de sumariar “os principais acontecimentos da capital”, compreendendo “fatos mundanos, políticos, artísticos”, tudo o que despertasse “a atenção pública”.

Bastante variada de matéria, trouxe da fase anterior as seções “Kermesse” e “A boa cozinha”, criando outras, a saber: “Rádio”, por Júlio Amaral; “Teatro”, a cargo de Telga de Araújo; “Variedades Esportivas”, sob a responsabilidade de Nilson Sabino Pinho; “Música”, “Cinema”; “Páginas para a mulher”; “Página social” e reportagens literárias retrospectivas, além de poesias e crônicas diversas.

O n.º 2 envolveu os meses de setembro e outubro, logo reduzido para Cr \$3 o custo do número avulso. Mas o n.º 3 só surgiu em janeiro de 1951, não mais reaparecendo.

Nessa última tentativa de sobrevivência, contou **P'ra Você** com a colaboração de Baltazar de Oliveira, Austro Costa, Hermógenes Viana, Mário Melo, Celio Meira, Altamiro Cunha, Adeth Leite, Henrique de Figueiredo, Everardo de Vasconcelos, Maria das Graças Santos Leite, Geraldino Brasil, Enilde Medeiros, A. Alves Barbosa, Stanislau de Sousa, Telha de Freitas, Sotero de Sousa, Silvino Lopes, Armando Maia, **Théo Filho** (Teófilo de Barros Filho), Carmencita Ramos Cavalcanti, Gabriel Dourado, Luiz do Nascimento, etc. Capas ilustradas com fotogravuras e amplo serviço interno de clichéria (**Bib. Púb. Est.**).

POLÍCIA & JUSTIÇA — Revista de Jurisprudência Criminal, Polícia Judiciária e Técnica — Em substituição à **Revista Criminal**, apareceu com o n.º 5, datado de março de 1930. Só existe, no entanto, comprovante do n.º 7, ano II, mês de maio, formato de 28 x 19, contendo as páginas 71 a 120, mais 16 de anúncios, não numeradas, e a capa, igualmente bem servida de reclamos comerciais. Diretor — Ramos de Freitas; secretário — Oscar Melo, funcionando a redação e administração na rua da Imperatriz n.º 254, 1.º andar. Tabela de assinaturas: 12 meses — 24\$000; 6 meses — 12\$000; para os Estados — 30\$000 e 15\$000, respectivamente. Número avulso — 2\$000.

Sua matéria constituiu-se de temas específicos, de acordo com o enunciado no sub-título, através de transcrições; um

parecer do professor Edgar Altino, do Conselho Penitenciário de Pernambuco, e artigo de N. de Salvi, em torno da Pena de Morte (**Arquivo Filem. de Albuq.**).

Não ficou aí a publicação. Circularam, ainda, os n.ºs 8 e 9, este último noticiado pelo **Jornal do Commercio** de 23 de agosto.

ACADÊMICA — Revista da Sociedade dos Internos dos Hospitais do Recife — Surgiu em abril de 1930, obedecendo ao formato de 26 x 19, com 22 páginas, inclusive a capa, esta em papel de cor, inserindo anúncios abaixo do cabeçalho, além de outros no texto. Direção de Luciano de Oliveira; redatores — Coelho de Paiva, Costa Júnior e Ferreira dos Santos, que tinha a função de secretário. Redação na rua da Imperatriz n.º 51, 1.º andar.

Nascera, segundo sucinto editorial de apresentação, “do esforço entusiástico, do idealismo moço dos que faziam a Sociedade dos Internos”, em busca da glória, “a glória dos que partem, resolutos, para chegar”.

Sairam os quatro primeiros números com toda regularidade, mensalmente, pouco variável a quantidade de páginas, apresentando a primeira do texto, cada vez, em papel **couché**, fotogravura de um professor de Medicina. Após o n.º 2 aparecia Emiliano Nobrega feito redator-gerente. Afora os redatores, escreviam sobre temas científicos os professores Ageu Magalhães, João Alfredo, Adalberto Cavalcanti, Ulisses Pernambucano, outros médicos e doutorandos, ocorrendo, por fim, ligeiro noticiário específico.

A partir do n.º 4, o magazine tornou-se concomitantemente, órgão da Associação Médica dos Hospitais do Recife. Circulou os n.ºs 5/6 datado de agosto/setembro, finalizando sua existência com os n.ºs 7/8/9, de outubro/novembro/dezembro. Neste último via-se o diretor substituído por A. Aureliano e, no lugar de Coelho de Paiva, figurava Djair Falcão.

As duas derradeiras edições divulgaram trabalhos, de caráter científico, de Zacarias Maciel, Gonçalo de Melo e Artur Coutinho (**Bib. Púb. Est.**).

SÃO JOÃO EM MINHA TERRA — Livro de Sortes — Foi dado à publicidade na primeira semana de junho, tendo como editores Tavares & Farias, ou seja, Orlando Tavares e Esdras Farias. Um dos melhores do ano, “além de assuntos relacionados com os folguedos sanjuanescos”, apresentou colaboração literária em prosa e verso, bem como informes e variedades” (**Jornal do Commercio**, 11/6/1930).

DEDE — **Livro de Sortes** — Propriedade e direção de **Fortunato Sapeca** (pseudônimo de Guilherme de Araújo), entrou em circulação, apresentando “boa feição material e abundante matéria apropriada às publicações do gênero”. Estava o texto dividido em quatro partes, assim resumidas: 1.^a — Sortes, revelações de cartomancia, trovas e sambas de S. João; 2.^a — literatura, humorismo; 3.^a — músicas; 4.^a — sortes por meio de dados (**Jornal do Commercio**, 13/6/1930).

LEGIONARIOS DAS MISSÕES (1) — A. M. D. G. — **Colégio Nóbrega** — Inexistentes comprovantes relativos aos primeiros nove anos, circulou o n.º 6, ano X, no dia 15 de maio de 1930, formato de 35 x 17, contendo as páginas 223 a 270, quantidade correspondente às seis edições do ano iniciado em julho pretérito. Trabalho gráfico da oficina do **Diário da Manhã**, imprimiu-se em papel assetinado, com capa em couché. Tabela de assinaturas: ano — 9\$000; dois anos — 15\$000; bemfeitores: ano — 20\$000; três anos — 50\$000.

Revista “publicada cum permissu superiorum, para promover os ideais da Legião Missionária da Juventude Brasileira”, tinha por fim: A) Tornar conhecidos os trabalhos e a vida dos missionários, os progressos da Fé através do mundo pagão. B) Estimular na juventude desejos de tomar parte nesses trabalhos e de escolher como carreira, digna da amizade de Deus e das bênçãos dos homens, a vocação eclesiástica ou religiosa. C) Fomentar sacrifícios generosos e preces ferventes em benefício das almas sepultadas ainda nas trevas do paganismo”.

(1) Não foi relacionada no livro “Letras Católicas em Pernambuco”, do Cônego Xavier Pedrosa.

Mais dois comprovantes (e últimos) foram encontrados: n.º 2, ano XI, de 15 de setembro de 1930, e n.ºs 3/4, ano XI, datado conjuntamente de 15 de novembro de 1930 e 15 de janeiro de 1931, reunindo as páginas 49 a 96 e 97 a 160. Publicação bimestral.

A matéria da revista **Legionários das Missões**, bastante vasta, sem anúncios, constava de editoriais, variedades, bibliografia, humorismo, curiosidades e transcrições, tendo como colaboradores, em prosa ou verso: J. Cabral, padre Serafim Gomes, Xavier de Jesus, padre Foulquier, padre A. Neto, J. H. F., autor dos "Rabiscos na minha carteira"; Padre A. Monteiro, João de Deus Ramalho, padre Silva Gonçalves e **Structor (Bib. do Coleg. Nóbrega)**.

O **CLANGOR** — Órgão da **Convenção das Uniões da Mocidade Batista de Pernambuco** — Surgiu no dia 13 de junho de 1930, formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas, apresentando, sob o título, a advertência: "Lembra-te do teu Criador nos dias de tua mocidade". Diretor — Edésio Guerra; redator-secretário — Carlos Dubois; gerente — Eliezer Oliveira, funcionando a redação no Parque do Amorim n.º 1553. Assinatura anual — 3\$000; preço do exemplar — \$200.

Constava do artigo de abertura: "**O Clangor** servirá como escola de treinamento para futuros **leaders** da imprensa batista". Seria mantido com o auxílio das UU. MM., às quais fora solicitada a devida cooperação, dizendo o articulista: "A tiragem será sustada quando faltar o dinheiro para o ajuste de contas".

Publicação bimestral, encerrou o ano com o n.º 3, de dezembro, para só aparecer o 4.º em julho do ano seguinte, quando deixou de figurar o nome de Dubois no Expediente.

Três meses após circulava o quinto número, mas o seguinte só foi dado à publicidade em março de 1932. Colaboração de Munguba Sobrinho, Correia de Oliveira, Antônio Silva, Jaime Andrade, Livio Veloso, Hermes Silva, Jonatas Braga, Carlos Câmara, Elmo Ferreira, etc.

Até o fim de 1933 circulou normalmente, tendo entrado Laercio C. de Barros, no mês de junho, para o corpo reda-

cional. Logo mais, Ebenezer Cavalcanti assumia o cargo de diretor-gerente, passando Eliezer para redator-secretário.

Não circulou durante o ano de 1934. Voltou em 1935, trazendo acima do título: "Eis a voz do que diz: **CLAMA**". Mais dois anos de publicação irregular e assumiu as funções de redator-responsável Jonas Macedo Filho.

Em abril de 1938 saía Eliezer. No mês seguinte, iniciava-se nova fase d'**O Clangor**, sendo redator único Belmiro Sampaio, que depois admitiu Otoniel Andrade como redator auxiliar. Pretendia editar-se mensalmente, mas só o fez até setembro. Apareceu o número 6 em dezembro, deixando então de circular definitivamente, o que se verificou em face das constantes dificuldades financeiras com que sempre se defrontou a direção da folha.

Sua matéria constituía-se, invariavelmente, de literatura evangélica doutrinária, além do noticiário das atividades das igrejas batistas.

Publicaram-se, ao todo, 32 edições. Impresso em diversas tipografias, passou, em 1938, para a de Oséas Mota, situada à rua das Trincheiras (hoje inexistente) (**Bib. Púb. Est.**)..

CAXANGÁ -JORNAL — Órgão Literário e Humorístico — Entrou em circulação o n.º 1, sob a direção de Gaspar Costa, tendo como redatora-chefe Suzete Altino e redatores Edison Vitor, Paulo Amazonas e Romeu Frota. Divulgou "contos, versos e noticiário, prometendo, em seu artigo-programa, facultar as suas colunas à discussão de qualquer assunto, exceto política" (**Jornal do Commercio**, 22/7/1930).

O IMPERADOR — Jornal Literário e Humorístico — Editado pelo Grêmio D. Pedro II, do Recife, surgiu no dia 30 de julho de 1930. Diretor — dr. Pedro de França; redator-chefe — Djalma Peixoto; redator-secretário — Ludovico de Ataíde. "De publicação mensal. o referido periódico tem a sua parte técnica muito bem cuidada e está escrito com aprumo e elegância de linguagem" (**A Serra**, Timbaúba, 9/8).

Outra notícia, esta do **Jornal do Commercio**, de 2 de setembro, informou o aparecimento do n.º 2 d'**O Imperador**, apresentando "variada colaboração literária em prosa e verso, além de noticiário e clichês".

MENSAGEIRO PAROCHIAL (1) — Sem notícia de qualquer outro comprovante, circulou o n.º 2, ano II, na 1.ª quinzena de agosto de 1930, formato de 31 x 16, com quatro páginas a três colunas de composição. Impressão da oficina do **Jornal do Recife**. Autorizava o expediente: Correspondência para o padre Gonzaga Lira, à rua da Paz n.º 319, Afogados.

A edição inseriu artigos de Severino de Albuquerque e do cônego Xavier Pedrosa; noticiário e curiosidades (**Bib. Púb. Est.**).

CULTURA MUSICAL — Órgão da Sociedade de Cultura Musical de Pernambuco — Saiu a lume em agosto de 1930, obedecendo ao formato de 21 x 16, com 30 páginas de papel **couché** e capa cartolinada. Redator-secretário — Valdemar de Oliveira, funcionando a redação na rua Nova n.º 223. Trabalho gráfico da oficina do **Jornal do Commercio**. Custo da assinatura anual: para o Brasil — 10\$000; para o exterior — 15\$000.

“Primórdio”, o editorial de apresentação, aludiu ao aparecimento da revista como a consequência lógica da “campanha que se tem feito em prol da cultura musical do Recife e que vai, dia a dia, avançando passos, vencendo resistências, destruindo, construindo, firmando bases que serão, amanhã, o apoio do grande edifício”. Acentuou:

“**Cultura Musical** não tem programa. Tem um ideal. E entre o lugar-comum da norma pré-estabelecida e o fogo sagrado do idealismo, vale mais o segundo rumo. Por ele a meta visada foge à banalidade dos acontecimentos normais e avulta, na visão dos que a sonham, com o esplendor iluminado das grandes conquistas”.

Após analisar a coragem do empreendimento, concluiu o articulista: “... há vago um caminho de ascensão que esperamos, mercê de esforço e persistência, vencer, para que, onde chegue a notícia da nossa existência, se saiba que a

(1) Não registado pelo Cônego Xavier Pedrosa no seu livro “**Letras Católicas em Pernambuco**”.

capital de Pernambuco vive também pelo espírito. Iniciativa da Sociedade de Cultura Musical de Pernambuco, esta revista há de servir, certamente, a mesma brilhante e vitoriosa trajetória que a tem colocado, até hoje, na vanguarda do movimento musical do Recife, e nesse ideal firmamos a orientação da nossa atividade”.

Circulando regularmente, cada mês, o magazine inseria completo noticiário sobre o movimento musical, o bel-canto, vida de artistas e as seções “Crônica Musical”, por W.; “Música Mecânica”, de Otávio Morais, e “Notas Internacionais”. Contou com a colaboração especial de Odilon Nestor, Manuel Augusto, Sibila Odenheimer, Mário Melo, S. D. Frois, J. Lindemann, M. Antoinette D. de O. Guimarães, Napoleão Albuquerque, Luiz da Câmara Cascudo, Arnaldo Rabelo, Zara Miranda, Ceição de Barros Barreto e Aurides Magalhães, além das produções firmadas pelo redator responsável e várias transcrições. Matéria, em geral, ilustrada, não faltando alguns anúncios.

Variando a quantidade de páginas entre 30 e 48, **Cultura Musical** estendeu sua publicação até o n.º 12, de julho de 1931, que foi o mais volumoso, dedicado à arte brasileira, cujo artigo redacional saudou todos aqueles que — pianistas, cantores, violinistas, compositores, regentes e críticos — procuravam elevar mais alto o nível artístico do Brasil” (Coleç. V. de Oliv.).

REVISTA MERCANTIL — Propriedade da Sociedade Editora Nordeste Brasileiro Ltda., entrou em circulação a 1.º de setembro de 1930, formato de 27 x 19, com 32 páginas, inclusive a capa, impressas em papel **couché** branco e assetinado de cor. Direção de Alberto Monteiro Gomes e Elima Nunes Cavalcanti Gomes. Impressão da tipografia do **Jornal do Recife**. Redação na rua do Imperador n.º 295, 1.º andar. Assinava-se a 50\$000 semestrais (60\$000 para o exterior), custando o número avulso 2\$000.

Segundo o editorial de apresentação, o magazine “fechava um vácuo existente no seio do comércio em geral”, adiantando: “... será realmente um repositório exato de informações de ordem benéfica para a comunhão, obedecendo a um critério seguro para assim poder inspirar confiança”.

O conteúdo da edição de estréia constituiu-se de matéria especializada, entremeada de numerosos anúncios, e biografias ilustradas, como matéria remunerada, de personalidades do governo e do alto comércio.

Pretendia circular semanalmente, mas o n.º 2 só saiu no dia 13, obedecendo ao programa anterior. E desapareceu do cenário da imprensa periódica (**Bib. Púb. Est.**).

REVISTA DE SEGUROS — Órgão Oficial das Companhias de Seguros — O primeiro número foi publicado a 1.º de setembro de 1930, tendo como proprietário e diretor Olímpio Augusto de Oliveira. Constatou do noticiário a respeito: "Destina-se a referida publicação a assuntos que interessem às companhias de Seguros e ao serviço profissional das corporações de bombeiros. Seu noticiário e comentários são feitos em torno de fatos que pertinem à sua orientação" (**Jornal do Commercio**, 2/9).

O **ECO** — Surgiu no dia 25 de setembro de 1930, com redação no arrabalde do Derby, sob a orientação de Hilda Monteiro de Moraes. Trazia "variado sumário" (**Jornal do Commercio**, 26/9).

A **VANGUARDA** — "Periódico revolucionário", apareceu no dia 14 de outubro de 1930, sob a direção de Joaquim de Oliveira, apresentando, nas suas oito páginas, "copiosa e interessante matéria" (**Diário de Pernambuco**, 15/10).

Publicaram-se mais dois números, o último dos quais registado, pelo mesmo **Diário**, a 29 de outubro.

QUATRO DE OUTUBRO — Surgiu a 3 de novembro de 1930, com sede em Tejiptió, para circular aos sábados.

Noticiando-o, comentou, no dia seguinte, o **Diário da Manhã**: "... nasce à hora em que o Brasil se reintegra na vida republicana amparado pela mão segura daqueles que jamais desceram, um instante sequer, no seu ressurgimento e na sua vitalidade de nação tiranizada, mas não vencida".

Prosseguiu a publicação, da qual resta, em arquivo, um único comprovante: n.º 9, de 1 de janeiro de 1931, formato de 43 x 25, com quatro páginas a cinco colunas de composição,

impresso na tipografia do **Jornal do Recife**. Apresentava a seguinte equipe responsável: diretor — Reinaldo França; redator-chefe — Calinício Ramos da Silveira; redatores — Alfredo Meneses, Alfredo Freitas e Henrique Acioli, sendo a redação instalada na rua do Progresso n.º 157, naquele subúrbio. Tabela de assinaturas: ano — 12\$000; semestre — 6\$000; mês — 1\$000.

A edição inseriu artigo de Oscar Nunes de Amorim, Sinésio Lira, Lino de Sá, A. E. Paula Mendes e Otávio Cavalcanti; a seção “Metralhas”, a cargo de P.; poesias de Chagas Ribeiro; clichê do ex-governador Estácio Coimbra, com a legenda: “O invicto corredor”; a coluna “Quebra-Quengo”; noticiário e reclamos comerciais (**Bib. Púb. Est.**).

RESTAURAÇÃO — Panfleto Independente, de Publicação Mensal — Com oito páginas de três colunas, formato de 32 x 23, o primeiro número circulou a 19 de novembro de 1930. Propriedade de J. Carlos & Irmãos. Diretor — José Carlos Dias; gerente — Eugênio Dias. Redação na Avenida Rui Barbosa n.º 1067 e escritório à rua São Miguel n.º 431. Tabela de assinaturas: ano — 5\$000; semestre — 3\$000; para o interior — 7\$000 e 4\$000, respectivamente. Número avulso — \$500 e \$600.

Lia-se no artigo de apresentação: “... comentará, livremente, os acontecimentos da vida brasileira, fazendo-lhes a crítica oportuna e honesta, apontando sem condescendências e tolerâncias partidárias ou sentimentais os erros dos homens a quem estão confiados os destinos e as funções políticas e administrativas do país”.

Abaixo do cabeçalho, repetido na última página, declarava, em manchete, ser preciso evitar voltássemos “ao descalabro de que ficamos livres”. Aconselhou “o cultivo de nossas terras, o aperfeiçoamento de nossas indústrias” e a libertação “do jugo norteamericano”, para tomarmos “o exemplo da Alemanha, grandiosa e industrial”.

Jornal de boa feição material e vida efêmera, inseriu colaboração de Apolônio Sales, Eudes Barros, Carlos Monteiro e outros. Apoiou o governo revolucionário de Carlos de Lima Cavalcanti.

Só circularam três números, os dois últimos com doze páginas, impressos na tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.º 47, sendo o último datado de 31 de janeiro de 1931 (**Bib. Púb. Est.**).

O **FUJÃO** — **Semanário Humorístico** — Apareceu em cena no dia 29 de novembro de 1930, formato de 41 x 32, com quatro páginas de cinco colunas, impresso na tipografia do **Jornal do Recife**, à rua do Imperador n.ºs 331/345, onde ficava também a redação. Diretor-proprietário — **Sá Poty** (pseudônimo de Pedro Lopes Cardoso Júnior), custando cada exemplar 200 réis. Assinatura anual — 10\$000; semestral — 5\$000.

Constava do expediente: “É inútil escreverem ao nosso diretor pedindo empregos públicos e outras “cavações”. O ilustre homem público não pode distrair o seu precioso tempo em afazeres estranhos à sua tarefa patriótica de endireitar as coisas públicas”.

O “Artigo de fundo”, narrou, apenas, uma anedota justificativa do aparecimento d’**O Fujão**, que desembuchou, todavia, uma série de quadras, na última página, duas das quais vão aqui transcritas:

“Não tem programa. Aliás, não traçou normas.
Normas, programas foram abolidos,
pois, como as decantadas plataformas,
são traçadas, porém não são cumpridas”.

.....

“**O Fujão**, meus senhores, desopila,
desengorgita o fígado da gente;
seus leitores terão vida tranqüila
e morrerão em paz, com os pés prá frente!”

Através do craion de Armando Santos, o número de estréia estampou excelentes caricaturas do governador Estácio Coimbra — que fugira do palácio quando da revolução de 4 de outubro, dando lugar ao título do jornal — e do governador eleito, mas não empossado, José Maria Belo, ambos com legenda em versos de **S. P.** (o mesmo **Sá Poty.**).

Toda a matéria do interessante jornal, edições afora, constituiu-se de blagues, historietas, anedotas, ditos, a seção “Há núncios analfabéticos”, tudo vasado no mais sadio humorismo, entremeado de boa sátira, pondo em ridículo os figurões da administração decaída. A prosa ligeira, seguia-se o verso chistoso.

Além da matéria geral sem assinatura, **Sá Poty** assinava crônicas e poesias cheios de verve, lendo-se, igualmente, produções de **Píndaro Barreto de Meneses**, **Cromwell Leal**, **Zé do Norte**, **Léo Dlopo**, **Chopp Nhauer**, **Mário Marmelo**, **Mr. Brown**, **Eduardo**, **Jaime Giz**, **Juca do Morro**, etc.

Já caminhando para o fim (novo preço do número avulso — 100 réis), abriu a seção “Culônia de Portugali — Diretoire, Antônio Dias”. Modificou-se, por sua vez, o cabeçalho, passando a figurar aos lados do título dois desenhos, em zinco-grafia, representando **O Fujão** e **O Rebocador**. A par dos anúncios, em quantidade reduzida, ocorreram dois concursos, para a eleição da “melhor cerveja” e do “melhor café”. Poucos clichês ilustravam a matéria.

A publicação ultrapassou o ano de 1931 sem interromper a numeração e prolongou sua existência até o n.º 20 de 9 de maio (**Bib. Púb. Est.**). (1)

A LUTA — Órgão da União dos Operários Católicos de Pernambuco (com aprovação eclesiástica) — Surgiu no dia 8 de dezembro de 1930, formato de 48 x 30, com quatro páginas de quatro colunas a 14 cículos, ladeado o título de símbolos de trabalho. Direção do cônego João Olímpio; gerente Eugênio Bandeira dos Santos, funcionando a redação na rua da Piedade n.º 59. Tabela de assinaturas: Ano — 10\$000; semestre — 5\$000; de proteção: 20\$000 e 10\$000, respectivamente; grátis aos operários.

Destinava-se, consoante a apresentação, “ao aperfeiçoamento moral e intelectual” da classe proletária.

(1) A coleção manuseada acha-se desfalcada dos n.ºs 1 e 2, encontráveis na biblioteca da IPHAN-Recife.

Divulgou os Estatutos da agremiação; artigos do Cônego Xavier Pedrosa e do Padre Nestor de Alencar; notícias e anúncios.

O n.º 2 — ano II — só saiu à luz no dia 7 de setembro de 1931, reduzido o sub-título para órgão da U. O. C. de Santo Amaro. Matéria do mesmo tom, sendo os colaboradores Carmelita Mousinho e C. B. Lira.

Ao que parece, acabou **A Luta (Bib. Púb. Est.)**..

BRAZIL NOVO — Revista literária e mundana, surgiu a 23 de dezembro de 1930, formato de 28 x 19, com 24 páginas de papel couché, inclusive a capa, ilustrado o frontispício por Joaquim Cardoso, e 24 em papel comum, onde se acomodava a parte de anúncios. Diretor — Edmundo Celso; secretário — Oscar Siqueira; redatores — “diversos”. Redação à rua Larga do Rosário n.º 138, 1.º andar, e trabalho gráfico da oficina do **Diário da Manhã**. Preço do exemplar — 1\$000.

Consoante “Algumas palavras”, na página de rosto, o título do magazine constituía uma homenagem à revolução de outubro, que abria, para o Brasil, “novo ciclo na sua vida política e econômica”, concluindo: “**Brazil Novo** terá circulação quinzenal e tratará não só dos variados e palpitantes assuntos da atualidade, como ainda de teatro, **sport**, literatura, mudanismo, etc., pretendendo dar o melhor do seu esforço para bem servir aos seus leitores e anunciantes”.

Páginas especiais da edição de estréia estamparam fotografuras dos líderes político-revolucionários Carlos de Lima Cavalcanti e Juarez Távora e do extinto João Pessoa.

O n.º 2 circulou a 31 de janeiro de 1931, passando a constar do cabeçalho: Direção de Edmundo Celso e Cleofas de Oliveira.

Revista bem feita, variada, seguiu sua meta, numa média de 36 páginas, exibindo, na capa e no texto, alegorias e desenhos outros de Manuel Bandeira, Cardoso e J. Ranulfo, serviço fotográfico da vida social do Recife e de “astros” do cinema. Divulgou colaboração, em prosa e verso, de João Monteiro, Paulino de Andrade, Pedro Lopes Cardoso Júnior, Graciete Branco, Gilda Ramos, Ascenso Ferreira, Seve-Leite, Odilon Vidal de Araújo, José Antônio da Silveira, Aimbiré

Kanimura ("Sociedade"), Jaime Griz, Ida Souto Uchoa, João Vasconcelos, Filgueiras Lima, Mauro Mota, Gilberto Osório de Andrade, Nelson Nogueira Pinto, Joaquim de Oliveira, José Pinho, Chagas Ribeiro, Willy Lewin, com ilustração de Zuzu, ou seja, José Borges da Silva, etc. Cleofas de Oliveira assinava, invariavelmente, a crônica de abertura.

Sem abandonar o inexplicável **Z, Brazil Novo** terminou sua existência com o n.º 5, de 11 de abril (**Bib. Púb. Est.**).

A GUILHOTINA — Circulou na véspera do Natal, sob a direção de H. Olímpio da Rocha. "Panfleto de muita vibração", "evangelho de amor cívico, aberto para a oração do povo", "hebdomadário revolucionário intransigente", apresentou-se com "feição interessante, revelando, através de suas locais", que era "feito com muito talento" (**A Noite**, 24/12/1930).

MOTIVO — Jornalzinho manuscrito, circulou (em que ano?) com quatro páginas, confeccionado por Luiz Beltrão (de Andrade Lima) e outros colegas do Ginásio Pernambucano (atual Colégio Estadual de Pernambuco). Sumário constituído de contos, crônicas, poesias, etc. (**Inf. de L. B.**, na "**Folha da Manhã**" de 4.3.1955).

LÍNGUA FERINA — **Órgão Humorístico** — Datilografado, tendo como redator-chefe **Zé Pontes**, publicou-se em data não apurada. Relembrando-o, escreveu Andrade Lima Filho, na sua crônica diária "O Amigo da Onça", do **Diário da Noite**, edição de 7 de junho de 1954:

"Ninguém pense que um jornalzinho desses não tem importância social e política. Tem, e muita. Foi com jornais de bolso desse tipo, muitas vezes murais, que o povo fez revoluções no passado e derrubou realezas. Rindo e troçando dos tiranos, como fazia Villon, por exemplo, na França, com as suas sátiras rimadas. Ou, mais recentemente, o famoso padre Lopes Gama, o **Carapuceiro**, aqui entre nós, em prosa e verso ferozmente sarcásticos".

Segundo o diário **A Noite**, no seu noticiário de 18 de janeiro de 1927, houve um bloco carnavalesco, na Encruzilhada, chamado "Língua Ferina".



ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ABDON, Amaro — 178.
ABREU, Francisco Pinto de — 193, 289, 309.
ABEL, João — 48.
ABREU, Manuel — 286.
ABREU, Osvaldo Maurício — 153.
ABREU, Rita — 29, 46, 128, 204, 253, 284.
ABREU, Rodrigues — 225.
ACIOLI, Henrique — 218, 335.
ACTON, Adanto — 30, 52, 229.
ADÃO FILHO, José — 297.
AFONSO, Alfredo — 209.
AFONSO, Carlos — 29, 209.
AFONSO, J. — 218.
AGRIPA, Silvestre — 179.
AGUIAR, Alberto — 202.
AGUIAR, Amadeu — 30.
AGUIAR, Da costa — 294.
AGUIAR, José C. d' — 26.
AGUIAR, Orlando de — 202.
AGUIAR, Vicente — 280.
AIRES, Emílio Cardoso — 27.
AIRES, João — 289.
AIRES, Luiz Cardoso — 223, 240, 309, 312, 314, 324.
ALBERTIM, Lucila — 217.
ALBUQUERQUE, Cisneiros de — 322.
ALBUQUERQUE, Domingos de — 77, 173.
ALBUQUERQUE, Emanuel de — 54.
ALBUQUERQUE, Ernesto de — 104.
ALBUQUERQUE, Filemon de — 98.
ALBUQUERQUE FILHO, João Feliciano da Mota — 162, 163.
ALBUQUERQUE, Gouveia de — 167.
ALBUQUERQUE, Herculano — 121.
ALBUQUERQUE, João Lopes — 294.
ALBUQUERQUE, João Ranulfo de — 78.

- ALBUQUERQUE, Joel Leitão de — 220.
ALBUQUERQUE, Maria Sabina de — 181.
ALBUQUERQUE, Mateus de — 131.
ALBUQUERQUE, Moacir de — 273, 274, 311.
ALBUQUERQUE, Napoleão — 58, 72, 84, 153, 224, 333.
ALBUQUERQUE, Severino de — 161, 332.
ALBUQUERQUE, Solon de — 100, 161, 177, 178, 179, 180, 181.
ALBUQUERQUE, Teixeira de — 29.
ALBUQUERQUE, Ulisses Lins de — 186, 204, 213.
ALCOFORADO, José — 88.
ALCOFORADO, Guedes — 30, 219.
ALCOFORADO FILHO, Guedes — 292.
ALECRIM, Costa — 248, 249.
ALECRIM, M. — 249.
ALECRIM, Otácilio — 129, 312, 313.
ALENCAR, Adiléa — 24, 30.
ALENCAR, Armando de — 248.
ALENCAR, Clóvis — 89.
ALENCAR, Costa — 216.
ALENCAR, José Vieira de — 285.
ALENCAR, Nair de — 54.
ALENCAR, Nestor de (Padre) — 38, 52, 222, 284.
ALENCAR, Regina de — 147.
ALENCAR, Renato de — 30, 150, 315.
ALFREDO, João — 300, 328.
ALFREDO, José — 308.
ALLIZ, Abrahão C. — 165.
ALMEIDA, A. — 237, 282.
ALMEIDA, A. Tavares de — 77.
ALMEIDA, Adelino de — 114.
ALMEIDA, Almeri de — 165.
ALMEIDA, Antonio — 108, 142, 197.
ALMEIDA, Augusto — 132.
ALMEIDA, Benedito de — 323.
ALMEIDA, Clemenceau Dutra de — 52.
ALMEIDA, Clodomir de — 279.
ALMEIDA, Coelho de — 129, 300.
ALMEIDA, Correia de — 104.
ALMEIDA, Eugênio Lauro de — 174.
ALMEIDA, Guilherme de — 146.
ALMEIDA, J. — 248.
ALMEIDA, Joaquim Otaviano de — 44.
ALMEIDA, José Leite de — 181.
ALMEIDA, Lacerda de — 35, 216.
ALMEIDA, Liberalino de — 29, 55, 305.

- ALMEIDA, Liciniano de — 29, 32.
ALMEIDA, M. Ribeiro de — 59.
ALMEIDA, Osvaldo — 219.
ALMEIDA, Oswaldo Anibal de — 28, 71, 82, 83.
ALMEIDA, Pádua de — 225.
ALMEIDA, Renato de — 237.
ALMEIDA, Rubens — 133.
ALMEIDA, Valdemar M. de — 191, 315.
ALMEIDA, Zulmira de Paula — 310.
ALMEIDA JÚNIOR, Cussy de — 162.
ALMEIDA SOBRINHO, M. — 114.
ALTINO, Edgar — 110, 171, 174, 328.
ALTINO, Evaldo — 273.
ALTINO, Suzete — 331.
ALVARENGA, José — 123, 128, 168, 178.
ALVARES, Olívio — 110.
ALVES, Brito — 139, 215, 305.
ALVES, Castro — 143.
ALVES, Dalila — 218.
ALVES, Elias — 221.
ALVES, Enéas — 119, 124, 138, 168, 172, 178, 186, 194, 201,
202, 204, 205, 208, 213, 300.
ALVES, Leão. Pereira (Cônego) — 59, 65, 73, 143.
ALVORADA, Aureo de — 138.
AMADO, Gilberto — 78.
AMADO, Muryllo — 88.
AMARAL, Aládio do — 193.
AMARAL, Alberto — 283.
AMARAL, Heloisa — 165.
AMARAL, Júlio — 327.
AMARAL, Leônidas do — 30, 77, 93.
AMARAL, Napolião do — 36.
AMARANTO, Paulo de — 43.
AMAZONAS, Joaquim — 82.
AMAZONAS, Paulo — 331.
AMORIM, Alcina Loio — 36.
AMORIM, Aldemar Correia de — 314.
AMORIM, Álvaro — 235, 239.
AMORIM, Carlos — 213, 302, 303
AMORIM, Celso — 103.
AMORIM, Oscar Nunes de — 248, 335.
AMORIM, Otávio de — 66.
AMORIM, Targino — 132, 194.
AMORIM, Valdemar S. C. de — 31, 291.
ANACLETO, Bartolomeu — 174.

- ANDRADE, Antonio Pais de — 25, 56.
ANDRADE, Augusto — 112, 202.
ANDRADE, Clinio Mairink de — 186.
ANDRADE, Flávio de — 129.
ANDRADE, Geraldo de — 289.
ANDRADE, Gilberto Osório de — 38, 40, 66, 129, 325, 339.
ANDRADE, J. L. Serrano — 317.
ANDRADE, Jaime — 330.
ANDRADE, João Tavares de — 207.
ANDRADE, Lúcio de — 169.
ANDRADE, Manuel de Carvalho Pais de — 176, 183.
ANDRADE, Otoniel — 331.
ANDRADE, Pais de — 30, 102.
ANDRADE, Paulino de — 77, 148, 313, 338.
ANDRADE, Tefistocles de — 292.
ANDRADE, Valfrido — 250.
ANJOS, Alcides dos — 55.
ANJOS, Edgar dos — 175.
ANJOS, José Rodrigues dos — 221, 223, 224, 311.
ANJOS, Judite dos — 309.
ANTUNES, Eraldo — 284, 316.
ANUNCIAÇÃO, Clodoaldo José da — 198.
AQUINO, Tomaz de — 118, 237.
APARÍCIO, José — 40.
ARAGÃO, Virgílio — 197.
ARANTES, O. B. — 153.
ARÃO, Manuel — 58, 143, 150, 183, 204.
ARAÚJO, Abdênago de — 105, 201, 202, 256.
ARAÚJO, Adauto Correia — 321.
ARAÚJO, Adiel — 221.
ARAÚJO, Aluísio Pessoa — 188, 259.
ARAÚJO, Antônio Souto de — 106.
ARAÚJO, Correia de — 60.
ARAÚJO, Délio — 302.
ARAÚJO, Eugênia — 164, 219.
ARAÚJO, Gabriel de — 321.
ARAÚJO, Guilherme Barreto — 141, 212, 329.
ARAÚJO, João Aureliano Correia de — 79, 99, 186, 313.
ARAÚJO, Manuel C. — 255.
ARAÚJO, Maria da Graça — 310.
ARAÚJO, Murilo de — 129.
ARAÚJO, Neves de — 188.
ARAÚJO, Odilon Vidal de — 29, 31, 208, 209, 210, 234, 248,
294, 303, 313, 338.
ARAÚJO, Osvaldo — 319.

- ARAÚJO, Severino Correia — 79.
ARAÚJO, Telga — 326, 327.
ARAÚJO, Tiago C. de — 100, 256.
ARAÚJO, Zoroastro — 24, 69.
ARAÚJO FILHO, — 26, 27, 56, 57, 77, 78, 79, 131, 151, 178,
186, 212, 224, 237, 248, 254, 289, 313, 314.
ARCOVERDE, Leonardo — 156.
ARINOS, Afonso — 131.
ARISTEU, Augusto — 139, 317.
ARÓXA, Argemiro — 119.
ASSIS, Asdrubal G. de — 253.
ASSIS, Bela — 257.
ASSIS, Deodoro de — 92.
ASSIS, Reginaldo de — 295.
ASSIS, Silogeu Machado de — 188, 259.
ASSUNÇÃO, Apulcro de — 33, 36, 38, 40.
ASSUNÇÃO, Armando de — 159.
ASSUNÇÃO, Elias de — 280.
ASSUNÇÃO, Jerônimo de — 33, 35, 39, 41.
ASSUNÇÃO, Maria José Borba de — 40.
ASSUNÇÃO, Pereira de — 128, 204, 208, 209, 210, 229, 234,
281, 279, 302.
ATAÍDE, Belchior Maia de — 52.
ATAÍDE, Carmelina de — 285.
ATAÍDE, Ludovico — 331.
ATAÍDE, Paulo de — 246.
AUGUSTO, Manoel — 333.
AURELIANO, A. — 328.
AUSTIN, Mr. Thos B. — 80.
AUSTREGÉSILO, Antônio — 183.
AUSTREGÉSILO FILHO, José — 53, 94.
AUTO, José — 325.
AVELAR, Amaro Soares de — 90.
AVELAR, Otávio — 318.
AVELAR, Romeu de — 111, 186.
AVILA, Nelson — 198, 314.
AZADÉE, Djênane — 234.
AZAMBUJA, Carlos de — 240.
AZÊDO, Raul — 195, 202, 204, 226.
AZEVEDO, Antônio Ramos de — 197, 249.
AZEVEDO, C. — 96.
AZEVEDO, Celina Jofily de — 309.
AZEVEDO, Ênio de — 259.
AZEVEDO, Ester — 194.
AZEVEDO, Gaspar de — 246.

- AZEVEDO, José de — 281.
AZEVEDO, Jurandir Miranda — 287.
AZEVEDO, M. — 305.
AZEVEDO, Olegário — 209.
AZEVEDO, Ramires — 274.
AZEVEDO, Raul — 98, 99, 110.
AZEVEDO, Soares do — 36, 37, 38.
AZEVEDO FILHO, — 81.
AZEVEDO SOBRINHO, Narciso de — 114.
BACCHI, Fausto — 52.
BACKHEUSER, Everardo — 38.
BAHIA, Artur — 68.
BAIDEIRA, Jason — 128.
BAIMA, Antônio da Cunha — 286.
BANDEIRA, Augusto — 96, 197.
BANDEIRA, Esmeraldino — 127.
BANDEIRA, Herudina Prazeres — 219.
BANDEIRA, J. — 291.
BANDEIRA, Jason — 181, 207, 246.
BANDEIRA, Manuel — 170, 171, 172, 173, 224, 250, 253, 254,
281, 289, 308, 325, 326, 338.
BANDEIRA, Oscar — 30.
BANDEIRA JÚNIOR, José — 30.
BARATA, José do Carmo — 59.
BARBALHO, Gilka — 165.
BARBOSA, Adolfo Simões — 194.
BARBOSA, Anaide — 164.
BARBOSA, Artur Alves — 30, 119, 173, 178, 237, 292, 327.
BARBOSA, Augusti Emilia L. Alves — 30.
BARBOSA, Carlos — 158.
BARBOSA, Cícero — 31.
BARBOSA, Djalma — 274.
BARBOSA, Fernando Simões — 110, 195.
BARBOSA, José — 133, 220.
BARBOSA, Luiz de Faria — 51.
BARBOSA, Maria José T. de C. — 310.
BARBOSA, Milcíades — 124, 235, 285, 303.
BARBOSA, Nelson — 134, 135.
BARBOSA, Orestes — 225.
BARBOSA, Orris — 294.
BARBOSA, Rafael — 224.
BARBOSA, Ruy — 115, 132.
BARBOSA, Severino Alves — 28, 121, 122, 168.
BARBOSA JÚNIOR — 244.
BARNEL, Messody — 120.

- BARRETO, Anites Pais — 193.
BARRETO, Antonieta — 93.
BARRETO, Aquilino — 318.
BARRETO, Benedito Carrero de Barros — 181.
BARRETO, Ceição de Barros — 333.
BARRETO, Dinarah Pais — 66.
BARRETO, Edésio — 96.
BARRETO, Eugênio de Mendonça Pais — 129.
BARRETO, Felix — 65, 249.
BARRETO, Fenelon — 31.
BARRETO, Inácio de Barros — 42, 156.
BARRETO, J. de Barros — 289.
BARRETO, José de Castro Pais — 107.
BARRETO, Lucia Barros — 309.
BARRETO, Otávio Hamilton Tavares — 174.
BARRETO, Paulo — 145.
BARRETO, Píndaro — 125, 136, 159, 160, 181, 191, 194, 209, 210, 211, 229.
BARRETO, Raimundo Pais — 29, 225, 314.
BARRETO, Sebastião — 94.
BARRETO, Umbelino B. Pais — 103.
BARRETO FILHO, — 237.
BARROCA, Fernando — 60, 61.
BARROS, Agripino de — 50.
BARROS, Artur Pereira — 219, 220.
BARROS, Celina do Rego — 31.
BARROS, Edgar Barbosa de — 122, 168.
BARROS, Elpídio de — 103.
BARROS, Eudes — 178, 223, 313, 335.
BARROS, Euvaldo da Silveira — 65.
BARROS, F. J. Rego — 227.
BARROS, Gomes de — 218, 232.
BARROS, J. A. do Rego — 227.
BARROS, Gouveia de — 110, 195.
BARROS, Jorge — 319.
BARROS, Laércio C. de — 330.
BARROS, Luiz de — 53, 149.
BARROS, Maria Irene Coelho de — 88.
BARROS, Nelson — 102.
BARROS, Paulino de — 186, 208, 286.
BARROS, Pedro Rego — 33, 105.
BARROS, Rego — 248.
BARROS, Sebastião do Rego — 174, 288.
BARROS, Souza — 225, 226.
BARROS, Tristão de Oliveira — 113.

- BARROS FILHO, Teofilo — 225, 300, 327.
BARROSO, Vanuil — 319.
BASBAUM, Artur — 135.
BASBAUM, Naum — 273.
BASTOS, Salgado — 187.
BATISTA, Américo — 93.
BATISTA, Arnaldo de Paula — 194.
BATISTA, Eduardo — 273.
BATISTA, J. 257.
BATISTA, João Marques — 94.
BATISTA, Severino M. — 158.
BATISTA, Taurino — 122.
BAUDEL, Teresa J. — 228.
BAYMA, Celso — 314.
BEIRÃO, Beatriz — 273.
BELO, Carlos — 157, 247, 285.
BELO, José Maria — 312, 336.
BELO, Júlio — 173, 225, 251, 289, 222.
BELTRÃO, Lourival de H. — 198.
BENÍCIO, Alcides — 232.
BENJAMIN, Emerson — 29.
BENTO XV (papa) — 72.
BENVINDO, Rubens — 287.
BERNARDES, Artur — 216.
BERNARDETTI, Antônio — 237.
BESALDUCH, Simão (frei) — 281.
BEVILAQUA, Clóvis — 214.
BEZERRA, A. — 102.
BEZERRA, Adalzinda — 36.
BEZERRA, Afonso — 198.
BEZERRA, Agostinho — 149.
BEZERRA, Andrade — 36, 41, 42, 186.
BEZERRA, Araci — 164.
BEZERRA, Epifânio — 209.
BEZERRA, José Mendonça — 53, 89.
BEZERRA, Júlio Agostinho — 26, 98.
BEZERRA, Luiz — 96, 103.
BEZERRA, Manuel — 246.
BIGORNA, Lancelote — 24.
BITTENCOURT, Jorge — 195.
BITTENCOURT, Mavignier — 168.
BIVAR, Costa — 190.
BOMBARDA, Salomão — 64.
BOMFIM, Agenor — 300.
BONALD, Olímpio — 225.

- BONAPARTE, Marcelo — 42.
BORBA, Hiberman — 105.
BORBA, José — 79, 230.
BORBA, Lauro — 152, 153, 154, 157, 173.
BORBA, Manuel — 72, 82, 83, 217.
BORBA, Nelson — 51.
BORBA, Osório — 28, 29, 56, 79, 147, 148, 149, 172, 187, 225.
BORBA, Semíramis — 172.
BORGES, Antonio I. — 57.
BORGES, Epifânio (Pe.) — 52.
BORGES, Israel José Buarque — 53.
BORGES, João Pereira — 153.
BRAGA, Alberto Teófilo — 196, 217.
BRAGA, Américo — 247.
BRAGA, Ângelo (frei) — 280.
BRAGA, Diógenes — 136.
BRAGA, Erasmo — 221.
BRAGA, Francisco — 72.
BRAGA, Jonatas — 128, 158, 221, 330.
BRAGA, Teodoro — 215.
BRAGA, Teófilo — 197, 234.
BRAGA, Zilma — 288.
BRALAZ, Gabino — 158.
BRANCO, Graciete — 338.
BRANDÃO, Adauto — 69.
BRANDÃO, Oscar — 125, 155, 203, 204, 297.
BRANDÃO, Otávio — 97, 102.
BRASIL, Antônio de Sousa — 278, 322.
BRASIL, Geraldino — 327.
BRASILEIRO, Francisco Albuquerque — 115, 205.
BRAUNE, Cid — 289.
BRECKENFELD, Armiragy — 114, 175, 178, 181, 228.
BRECKENFELD, Everardo — 197.
BRECKENFELD, Reinaldo — 100, 105.
BREDERODES, Olímpio — 54.
BRIAULT, Harry G. — 221.
BRILHANTE, Francisco — 209.
BRITES, Maria — 37.
BRITO, Durval de — 70.
BRITO, F. S. Saturnino de — 153.
BRITO, F. Saturnino de — 153.
BRITO, J. Toscano de — 166.
BRITO, Medeiros — 319.
BRITO, Napoleão de — 286.
BRUM, André — 168.

- BUARQUE, Albino — 80.
BUARQUE, Otilio — 244.
BURGOS NETO, Luiz — 259.
BURIL, J. — 273.
BURLAMAQUI, Fernando — 30, 33, 84, 92, 96, 113, 114, 125, 168, 178, 209.
BURLAMAQUI, José — 198.
CABOCLO, Juvenal — 145, 148.
CABRAL, J. — 282, 330.
CABRAL, João de Queiroz — 151, 186.
CABRAL, Júlio (cônego) — 39.
CABRAL, Paulo — 52.
CADAVAL, Euridice — 309.
CADENA, Teodorico — 253.
CAETÉ, Adriana — 309.
CAETÉ, Anita — 114.
CAIARANGE, Abelardo — 210.
CAITANO FILHO, Manuel — 79, 171, 172.
CALAFANGE, Abelardo — 209, 210, 299, 230, 231.
CALANDER, Manuel M. — 114.
CALAZANS, Antônio A. — 295.
CALDAS, Abel — 232.
CALDAS, Constantino — 205.
CALDAS, Evaristo — 319.
CALDAS, Genésio — 160.
CALDAS, Osiris — 46, 62, 73, 292.
CALDAS, Sebastião — 29.
CALDAS, Terezinha — 225, 325.
CALHEIROS, Eurico — 158.
CALHEIROS, Salgado — 130.
CALIBITA, João — 280.
CALÍOPE, Flodoaldo — 315.
CALCGERAS, Pandá — 289.
CÂMARA, Ado — 287.
CÂMARA, Baltazar — 29, 162, 163.
CÂMARA, Carlos — 330.
CÂMARA, Daniel — 209.
CÂMARA, Elpidio — 92.
CÂMARA, Landelino — 52, 163.
CÂMARA, Stela — 158, 221.
CAMARGO, Adalberto — 31.
CAMERINO, J. S. — 191.
CAMPELO, Barreto — 35.
CAMPELO, Fernando — 230, 231.
CAMPELO, José — 38, 40, 144, 145, 174, 183, 196, 312, 325.

- CAMPELO, Luiz B. — 232.
CAMPELO NETO, — 174, 214.
CAMPELO, Samuel — 118, 119, 219, 222, 124, 125, 143, 173, 178, 218, 225, 233, 237, 257, 289, 500.
CAMPELO, Zacarias — 158.
CAMPORA, Angélico — 323.
CAMPOS, Alfredo — 29, 74.
CAMPOS, Astérico — 137.
CAMPOS, Gil Fernandes — 204, 214.
CAMPOS, J. Siqueira — 317.
CAMPOS, João — 287.
CAMPOS, Lima — 79.
CAMPOS, Lourival B. — 25.
CAMPOS, Novais de — 178.
CAMPOS, Pessoa de — 300.
CAMPOS, Pinto de — 318.
CAMPOS, Sílvio — 319.
CAMPOS, Umberto — 123.
CANDIDO, Airola Barra — 36.
CANECA, Joaquim do Amor Divino (frei) — 184, 258, 259.
CANEL, Paula — 164.
CANELA, A. Bernardo — 62, 63, 97.
CANUTO, Dina — 164.
CAPIBARIBE, Luiz — 294, 296.
CAPICHUELA, Ramon de — 124.
CARDOSO, Adalgisa W. Vieira — 158.
CARDOSO, Avelino — 195.
CARDOSO, Emílio — 36.
CARDOSO, Joana — 310.
CARDOSO, Jcaquim — 154, 171, 173, 225, 254, 258, 289, 313, 326, 338.
CARDOSO, José Gastão — 311.
CARDOSO JÚNIOR, Pedro Lopes — 213, 255, 256, 314, 336, 338.
CARLOS, José — 24, 88, 105, 248, 254, 283.
CARMO, Alfredo do — 129.
CARMO, José do — 218.
CARNEIRO, Alcides — 213.
CARNEIRO, Antônio — 259.
CARNEIRO, Aristides — 273.
CARNEIRO, Eufrosino Manuel — 64.
CARNEIRO, Gonçalves — 28.
CARNEIRO, João — 59.
CARNEIRO, Manuel V. — 293.
CARNEIRO, Minona — 303.

- CARNEIRO, Osiris — 186, 313.
CARNEIRO, Raimundo Dantas — 66, 284.
CARNEIRO, Severino — 302.
CARNEIRO, Umberto — 26, 131, 143, 172, 183, 186, 208, 289.
CARNEIRO FILHO, J. — 172.
CARNEIRO, Carlos Porto — 289.
CARRILHO, Alberto — 56, 178.
CARVALHEIRA, Fernando Maia — 52.
CARVALHEIRA, Luiz Gonzaga — 52.
CARVALHO, Alfredo de — 183.
CARVALHO, Álvaro de — 187.
CARVALHO, Antonio — 24, 169.
CARVALHO, Assuero Alceu — 296.
CARVALHO, Astrogildo de — 29, 56, 58, 118, 209, 249.
CARVALHO, Bernardino de — 218.
CARVALHO, Costa — 195.
CARVALHO, Gilberto R. — 132.
CARVALHO, Gilberto Costa — 66.
CARVALHO, Guilherme de — 247.
CARVALHO, Guiomar — 114.
CARVALHO, Horácio de — 57, 290.
CARVALHO, Otaviano de — 279.
CARVALHO, Ovidio Daniel de — 256, 318, 319.
CARVALHO, Pinto de — 70, 102.
CARVALHO, Rodolfo de — 308.
CARVALHO, Rodrigues — 295.
CARVALHO, Ronald de — 126.
CARVALHO, Ulisses de — 249.
CASANOVA, José Maria (frei) — 280, 281.
CASCUDO, Luiz da Câmara — 186, 294, 315, 333.
CASTELO BRANCO, E. — 33.
CASTELO BRANCO, Flávio — 188.
CASTRO, Abílio de — 296.
CASTRO, Aldo — 207.
CASTRO, Eduardo de Lima — 117.
CASTRO, Eugênio de (comandante) — 288.
CASTRO, Israel de — 216, 229, 246, 281, 317, 323.
CASTRO, Josué de — 325.
CASTRO, Luiz G. de — 28, 29, 78.
CASTRO, Mário — 174.
CASTRO, Noemia — 114.
CASTRO, Paulo de — 92.
CASTRO, Torquato — 215.
CAVALCANTI, A. J. — 275.
CAVALCANTI, Adalberto — 69, 79, 143, 195, 307, 308, 328.

- CAVALCANTI, Adolfo — 223.
CAVALCANTI, Álvaro Celso — 153, 154.
CAVALCANTI, Amaro P. — 161, 177, 178, 179, 200.
CAVALCANTI, Ananias 213.
CAVALCANTI, Antônio — 198.
CAVALCANTI, Artur de Siqueira — 195.
CAVALCANTI, Brandão — 247, 289.
CAVALCANTI, Caio de Lima — 144.
CAVALCANTI, Carlos de Lima — 26, 144, 312, 335, 338.
CAVALCANTI, Carmencita Ramos — 178, 327.
CAVALCANTI, Delfino — 257.
CAVALCANTI, Diocleciano J. — 221.
CAVALCANTI, Ebenezer — 331.
CAVALCANTI, Emílio — 66.
CAVALCANTI, Evangelina Maia — 30, 123, 126.
CAVALCANTI, Irineu — 39, 137.
CAVALCANTI, J. F. Brandão — 153, 283.
CAVALCANTI, J. P. — 244.
CAVALCANTI, João Demétrio de Almeida — 36.
CAVALCANTI, José de Góis — 174.
CAVALCANTI, José Francisco de Góis — 60.
CAVALCANTI, José Rufino Bezerra — 74, 82, 88, 90, 106, 107,
139, 144, 145.
CAVALCANTI, Josefa Pereira Lira — 181.
CAVALCANTI, Ludovico de Ataíde — 281.
CAVALCANTI, Luiz de Gonzaga — 188, 259, 284.
CAVALCANTI, Manuel — 51.
CAVALCANTI, Maria de Lourdes — 310.
CAVALCANTI, Napoleão — 64.
CAVALCANTI, O. S. — 289.
CAVALCANTI, Otávio — 335.
CAVALCANTI, Pedro (general) — 39.
CAVALCANTI, Pedro Celso Uchoa — 174.
CAVALCANTI, Plínio — 183.
CAVALCANTI, Siqueira — 218.
CAVALCANTI, Sóstenes — 322.
CAVALCANTI, Tavares — 289.
CAVALCANTI, Valdemar — 325.
CAVALLEIRO, Henrique — 289.
CEDRO, Luiz — 39, 59, 79, 186, 289.
CELSO, Alcenor — 215.
CELSO, Álvaro — 154.
CELSO, Edmundo — 33, 301, 313, 338.
CELSO, Hereílio — 29, 77, 208, 233.
CELSO, João — 32, 87, 88, 114, 209, 210.

- CEPADOGLIO, Guido — 175.
CEREJA, Gomes — 147.
CEREJO, Luiz — 136.
CERQUEIRA, Antônio Apolinário Tenório de — 30.
CERQUINHO, Luiz — 51.
CÉSAR, Ana — 30.
CÉSAR, Durval — 178, 186, 198, 206, 300.
CÉSAR, Teodoro — 116.
CHAGAS, Heloisa — 33, 123, 128, 130, 135, 148, 167, 172, 175,
178, 181, 186, 187, 200, 204, 213, 237, 276, 278, 313.
CHAMBELLAND, Rodolfo — 182.
CHATEAUBRIAND OSWALDO — 26, 27, 145.
CHAVES, Antiógenes — 289.
CHAVES, Eurico — 174.
CHAVES, J. C. Ferreira — 87.
CHERQUES, Alien — 275.
CIBELA, Angelo — 130.
CIDREIRA, José — 218.
CIRILO, Manuel — 37, 51.
CISNEIROS, Luiz — 213.
CLAREL, Jorge — 57.
CLAREL, Justino — 78.
CLEMENTINO, Francisco — 110.
CODECEIRA, Frederico — 32, 79, 112.
COELHO, Artur — 278.
COELHO, Furtado — 239.
COELHO, Gibrardo de Moura — 52.
COELHO, José — 107, 119.
COELHO, José Simões — 119.
COELHO, Leonel — 232.
COELHO, Mardônio — 221, 275.
COELHO, Raimundo — 188.
COELHO BISNETO — 84.
COELHO NETO — 210.
COIMBRA, Ademar — 237.
COIMBRA, Alcindo — 237.
COIMBRA, Estácio — 174, 183, 217, 224, 229, 247, 250, 291,
294, 312, 317, 335, 336.
COIMBRA, Luiz — 169.
COIMBRA JÚNIOR, Eugênio — 234, 325.
COLAÇO, Anz — 234.
COMBRE, Nilton de Sá — 53.
CONDE, Elísio — 65.
CONDE FILHO, João — 66.
CONRAD, Joseph — 258.

- CONSTANTINO, José — 157, 247.
CORAGEM, Délio de Oliveira — 197.
CORBINIANO, Mário — 26.
CORDEIRO, Antiógenes — 205, 253, 254, 255, 278.
CORDEIRO, C. — 59, 143, 149, 150, 229.
CORDEIRO, Clara R. — 228, 230.
CORDEIRO, Cremilda R. — 228.
CORDEIRO, Cristiano — 226.
CORDEIRO, José — 55.
CORDEIRO, M. — 166.
CORDEIRO, Mário — 276.
CORDEIRO, Oscar de Moraes — 166.
CORINTIA, Maria — 253.
CORREIA, Antônio — 77.
CORREIA, Doralice de Barros — 167.
CORREIA, Elsa — 165.
CORREIA, Fábio — 274.
CORREIA, Gedeão — 88.
CORREIA, Marlene — 311.
CORREIA, Nely — 279, 303.
CORREIA, Paulo — 110.
CORREIA, Rilda — 164.
CORREIA NETC — 188, 274.
CORTÊS, Hermatine — 165.
COSTA, Adroaldo de Alencar — 52.
COSTA, Afonso — 289.
COSTA, Alonso, — 198.
COSTA, Antônio Macedo — 73.
COSTA, Argemiro — 100.
COSTA, Aristóbulo — 32.
COSTA, Armando — 189.
COSTA, Artur — 37.
COSTA, Aubiérgio — 71, 83.
COSTA, Austro — 30, 31, 75, 77, 80, 109, 119, 123, 124, 125,
130, 132, 172, 175, 178, 180, 181, 201, 213, 222, 224, 237,
289, 300, 325, 327.
COSTA, Carlos Augusto Ferreira da — 50, 218.
COSTA, Carlos Pereira da — 176, 205, 208, 250, 256, 289.
COSTA, Dante Angione — 129.
COSTA, F. A. Pereira da — 210.
COSTA, Fernandes da — 287.
COSTA, Fernando — 274, 287.
COSTA, Filinto A. — 158.
COSTA, Francisco Augusto Pereira da — 176, 250, 251, 252.
COSTA, Gaspar Regueira — 62, 331.

- COSTA, Heitor — 76.
COSTA, Henrique — 105.
COSTA, Herculano — 96.
COSTA, Ítalo Joffily Pereira da — 70.
COSTA, Izabel Celina Figueiroa — 310.
COSTA, João Batista Porto Carreiro — 40.
COSTA, José Agripino Regueira — 71.
COSTA, José César Regueira — 59, 72.
COSTA, Judite — 30.
COSTA, Maciel — 197.
COSTA, Murilo Pernambucano da — 87, 88, 186, 202, 228, 233, 237, 260.
COSTA, Paulino — 201.
COSTA, Ponciano B. da — 295.
COSTA, Salatiel Esberard da Siqueira — 30, 191, 198, 209, 210, 234.
COSTA, Silvestre — 64.
COSTA, Waldemar — 32, 121.
COSTA, Yron — 248.
COSTA FILHO, Pereira da — 80, 178.
COSTA JÚNIOR — 328.
COSTA JÚNIOR, José Pereira da — 135.
COSTA JÚNIOR, Leovigildo Samuel da Silva — 186.
COSTA JÚNIOR, Olímpio — 87, 88, 173.
COTIAS, Maria José — 309.
COTRIN, B. — 205.
COTRIM, J. C. — 153.
COUTINHO, Alfredo de Moraes — 174, 195.
COUTINHO, Artur — 328.
COUTINHO, Evaldo — 273.
COUTINHO, Franklim — 24.
COUTINHO, Moraes — 183.
COUTINHO, Otaviano — 112.
COUTINHO, Otávio — 192, 248.
COUTINHO, Rui — 66.
COUTO, Eduardo — 26.
COUTO, Miguel — 232.
CRISANTO, José — 188.
CROSS, W. E. — 156.
CRUZ, Arsênio — 295.
CRUZ, Hostilio — 232.
CRUZ, José de Oliveira — 296.
CRUZ, Milton da — 59.
CUNHA, Altamiro — 128, 130, 181, 213, 236, 257, 313, 327.
CUNHA, Aurebela — 31.

- CUNHA, Bezerra da — 191.
CUNHA, Florêncio — 24.
CUNHA, José Amadeu — 281.
CUNHA, J. Carneiro da — 153.
CUNHA, José Henrique Carneiro da — 144.
CUNHA, Manuel — 247.
CUNHA, Mário Carneiro da — 99, 112.
CUNHA, Tristão da — 215.
CUSTÓDIO, Eduardo — 66.
D'AGUILAR, Mário — 33.
DALBA, Justo — 283.
D'ALBUQUERQUE, José — 29.
D'ALBUQUERQUE, Severino Pereira — 275.
D'ALCAZAR, Júlio — 30, 32.
D'ALHADA, Celyo — 129.
D'ALMEIDA JÚNIOR, Cussy — 31.
D'ALTAMIRO, Rui — 77.
D'ALTAVILA, Jaime — 76, 111, 129, 225, 232.
DALTRO, Harold — 225.
DALTRO, Neves — 171.
DAMASCO, Paulo de — 38.
DANTAS, Heitor Ribeiro — 92.
DANTAS, Heráclio Vilar Ribeiro — 116, 117.
DANTAS, Natanael — 256.
DANTAS, Orlando Ribeiro — 116, 117, 150.
D'ATAÍDE, Paulo — 31.
D'AZEVEDO, Guilherme — 291.
D'AZEVEDO, Soares — 35.
DEL PICCHIA, Menotti — 180.
DELGADO, Luiz — 33, 172, 173, 178, 186, 204, 214, 215, 216,
217, 225, 277, 289.
DENIZ, Múcio — 227, 234.
DERNELAS, Agra — 201.
DIAS, Antônio — 246, 280, 337.
DIAS, Arlindo Moreira — 124, 180, 204, 234, 235, 236, 253, 302.
DIAS, Armando — 294.
DIAS, Aureliano — 288.
DIAS, Carlos Malheiros — 217, 288.
DIAS, Duarte — 62, 115.
DIAS, Elias — 287.
DIAS, Eugênio — 335.
DIAS, Gonçalves — 183.
DIAS, J. — 48.
DIAS, José Carlos — 52, 287, 335.
DIAS, Sebastião — 288.

- DIAS FILHO, José — 228.
DIAS SOBRINHO, Joaquim — 228.
DIAS SOBRINHO, Tomé — 52.
DIDIER FILHO, Joaquim — 124, 125, 151, 204.
DINIZ, Carlos — 71, 82, 84.
DINIZ, Raimundo — 31.
DINIZ, J. Borges — 87.
DINIZ FILHO, José — 31, 114.
DICGENES, Nestor — 76, 79.
DIU, M. F. — 62.
DLOPO, Léo — 337.
DOMINGUES, Alfeu — 59.
DOMINGUES, Aurelio — 79, 110, 131.
DOMINGUES, Otávio — 228.
DOMINGUES JÚNIOR, Misael — 76.
DCRIA, Ariosto — 207.
DORIA, Flávio — 181.
DÓRIA, Henrique — 76.
DORNELAS, J. Teles Agra — 317.
DOURADO, Da Costa — 89.
DOURADO, Gabriel — 327.
DRAGÃO, Lemos — 88.
DUARTE, Alexina Loio — 223.
DUARTE, Aurino — 153.
DUARTE, Cândido — 71, 82, 83, 84, 309, 311.
DUARTE, Carlos de Sousa — 286.
DUARTE, Carlos J. — 325.
DUARTE, Dicclecio — 42, 58, 59, 76, 89, 217.
DUARTE, Gil — 205.
DUARTE, Graziela Loio — 193, 309.
DUARTE, José Eustáquio — 230, 231.
DUARTE, Vicente — 291.
DUARTE FILHO, João — 276, 283.
DUBOIS, Carlos — 330.
DUCLERO, C. C. — 158.
DUQUE, Gumercindo — 31.
DUTRA, Celeste — 129, 246.
DUTRA, José Dorotéia — 221.
DUTRA, Maria de Lourdes — 37, 38, 309.
EARD, Fabio de Sá — 291.
ELEUTÉRIO, Paulo — 215.
ELIHIMAS, Aziz Francisco — 52.
ELLIOT, Berquedof — 66, 128, 130, 212, 229, 276, 279, 293.
EMÍLIO, Paulo — 232.
EMERENCIANO, Jordão — 39, 40.

- EREM, Eliel — 285, 293.
ERNANI, Drault — 65, 151.
ESCOBER, Carlos — 139.
ESCOREL, João — 64.
ESTELITA, José — 153, 208.
ESTEVÃO, Antonio — 96.
ESTEVES, Leonio — 146.
EVANDRO NETO — 305, 306, 322.
EZEQUIEL, João — 30, 89, 101, 116.
FAÇANHA, Paulo — 283.
FAGUNDES, Osvaldo Botelho — 246.
FALÂNGOLA, Jorge — 52.
FALCÃO, Alberico Benevides — 126.
FALCÃO, Américo — 178.
FALCÃO, Arnulfo — 246.
FALCÃO, Arruda — 156, 312.
FALCÃO, Djacir — 328.
FALCÃO, Tedefonso — 79, 125, 126, 186.
FALCÃO, João Augusto — 174.
FALCÃO, Joaquim de Arruda — 74, 117, 186, 291.
FALCÃO, Orlando do Rego — 158.
FALCÃO, Samuel — 221.
FARIA, Francisco — 206.
FARIA, Iris de — 253.
FARIAS, Albertina — 164.
FARIAS, Djalma — 31, 92, 112, 209, 230, 231.
FARIAS, Esdras — 28, 29, 62, 75, 110, 119, 124, 132, 135, 138,
161, 168, 178, 179, 181, 186, 194, 205, 212, 213, 222, 229,
234, 237, 246, 254, 273, 278, 299, 324, 325, 326, 329.
FARIAS, Luiz de Araújo — 197.
FARIAS, Nivaldo — 154.
FARIAS, Oscar — 59, 89, 92, 206, 208, 209, 252.
FARIAS, Renato — 289.
FARIAS, Silvério — 93.
FASANARO, Antonio — 180, 224, 232, 253, 294, 326.
FASANARO, José — 225.
FEIJÓ, Celine — 127, 253.
FEIJÓ, Hélio — 66, 325.
FEITOSA, José — 158.
FEITOSA, Minervino — 281.
FERNANDES, Abelardo Alves — 174, 203.
FERNANDES, Álvaro de Araújo — 292.
FERNANDES, Aníbal — 26, 34, 40, 77, 79, 144, 145, 174, 289.
FERNANDES, Carlos Dias — 99, 215.
FERNANDES, Edson Mouri — 274.

- FERNANDES, Hamilton — 52, 250.
FERNANDES, Potiguar — 139.
FERNANDES, Rodolfo — 221.
FERNANDES FILHO, Pedro — 114.
FERNANDO, Luiz — 291.
FERNANDO, Paulo — 240.
FERRAZ, Domingos de Sampaio — 117.
FERREIRA, Ascenso — 31, 126, 130, 136, 175, 178, 213, 225, 237, 254, 289, 313, 326, 338.
FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda — 325.
FERREIRA, Beatriz — 129.
FERREIRA, Davino — (pe) — 52.
FERREIRA, Dourado — 181, 232.
FERREIRA, Ivo — 53.
FERREIRA, J. Alcides de — 80, 125, 178, 234.
FERREIRA, José Elmo — 221, 330.
FERREIRA, José Pires — 259.
FERREIRA, Júlio Pires — 32, 135, 202.
FERREIRA, Maurício Gomes — 117.
FERREIRA, Olindina — 165.
FERREIRA, Ridelina — 29.
FERREIRA, Rocha — 178, 225.
FERREIRA, Romilda — 164.
FIALHO, Crispim — 325.
FIGUEIRA, Olavo — 250.
FIGUEIREDO, Arlindo — 77, 92, 124, 178, 204, 213, 215, 289.
FIGUEIREDO, Elpídio de — 89.
FIGUEIREDO, Henrique de — 327.
FIGUEIREDO, José — 53.
FIGUEIREDO, Max — 236.
FIGUEIREDO, Virginia Cândida de — 323.
FILGUEIRAS, Normando — 229, 303.
FILGUEIRAS FILHO, G. — 134, 187.
FILIPINI, Alexandre — 282.
FIORAVANTI, Gervásio — 163, 210, 214.
FIRMO, José — 31, 88.
FIRMO, Nelson — 30, 93, 106, 149, 179.
FITTIPALDI, Vicente — 325.
FLEIUSS, Max — 289.
FLORIVAL, Hélio — 58.
FLORIVALDO, Moisés — 29.
FLEURON, Lise — 126.
FOGARÉ, Scipião — 64.
FOIGEL, Simão — 321.
FONSECA, A. — 71.

- FONSECA, Alfredo — 41.
FONSECA, Álvaro — 246.
FONSECA, De Aquino — 227, 234.
FONSECA, Erminio Maciel da — 259.
FONSECA, Euclides — 71, 82, 83, 119.
FONSECA, Inácio Néri — 32, 67, 71, 73, 83, 85, 104, 116, 174,
199, 232 294, 305.
FONSECA, Israel — 128, 180, 300.
FONSECA, José Alves — 212, 282, 284.
FONSECA, José Rodrigues da — 56, 188.
FONSECA, Manuel Rodrigues de — 56.
FONSECA, Maria de Aquino — 46.
FONSECA, Saul José da — 26.
FONSECA, Sílvio Néri — 71.
FONSECA JÚNIOR, A. C. P. da — 221.
FONTE, Antônio C. da — 291.
FONTE, Paulo da — 52.
FONTES, Hercio — 215.
FONTES, Hermes — 77, 180.
FONTES, José — 296.
FONTES, Pedro — 295.
FOULQUIER (Pe) — 330.
FROGOSO FILHO, José — 198.
FRANÇA, Cilene Sousa de — 165.
FRANÇA, Décio — 40.
FRANÇA, Isaura de — 114.
FRANÇA, Luiz de — 219, 220.
FRANÇA, Pedro de — 331.
FRANÇA, Reinaldo — 335.
FRANCISCO, J. C. — 154.
FRANCO, Alaico — 321.
FRANÇO, João Caminha — 83, 84, 153, 154.
FREIRE, Abel — 159, 160.
FREIRE, Aníbal — 46, 183.
FREIRE, Antônio — 162, 313.
FREIRE, Frederico — 112.
FREIRE, José Andrade de Lima — 33.
FREIRE, Luiz de Barros — 152, 162, 215.
FREIRE, Mário — 106.
FREIRE, Teotônio — 56.
FREIRE, Valfrido — 122, 287.
FREITAS, Agápito — 231.
FREITAS, Alfredo — 335.
FREITAS, Esmaragalo de — 131.
FREITAS, Geraldo — 40.

- FREITAS, Glice Gonçalves de — 165.
FREITAS, Otávio de — 74, 100, 110, 195, 231, 289, 294.
FREITAS, Ramos de — 305, 327.
FREITAS, Telha de — 327.
FREITAS, Teófilo de — 153.
FREITAS, Vidal de — 256.
FREITAS JÚNIOR, Otávio de — 287.
FREYRE, Gilberto — 36, 40, 171, 172, 173, 174, 251.
FROIS, S. D. — 333.
FROTA, Ronieu — 331.
FUCHS, Rodolfo — 208, 296.
FURTADO, Carmem — 165.
GAIOSO, Armando — 79, 89, 131, 186, 195, 204, 231.
GAIOSO, Luiz — 284.
GALHARDO, Caitano — 127, 232.
GALHARDO, Leny — 104, 114, 125.
GALLI, Luiz Mário (frei) — 281.
GALVÃO, A. — 239.
GALVÃO, Aderbal — 127.
GALVÃO, Anísio — 30, 33, 62, 123, 125, 145, 172, 174, 175, 178,
186, 224, 236, 254, 289.
GALVÃO, Argemiro — 60.
GALVÃO, Arnaldo — 230.
GALVÃO, Cícero — 52, 241, 242.
GALVÃO, Maria Arminda — 30.
GALVÃO, Olga — 165, 200.
GALVÃO, Pelopidas — 93, 242.
GALVÃO, Roderick — 29.
GALVÃO, Sebastião — 61, 218, 219.
GAMA, Abelardo — 76.
GAMA, Alfredo — 121, 122, 125, 212.
GAMA, Armando — 32.
GAMA, Linda — 164.
GAMA, Lopes — 339.
GAMEIRO, Ernesto Alvares — 249.
GANGANELLI, S. Q. — 45.
GARCIA, Rodolfo — 289.
GARIBALDI, Sady — 123, 124, 161.
GARRETT, João — 259.
GARRIDO, Alda — 98.
GARRIDO, América — 98.
GEISSNER, Guilherme — 153, 157.
GERALDINO, Paulo — 178.
GERMANO, Pedro Soares — 236.
GIBSON, Tomé — 149.

- GIL, Ledo — 32.
GITIRANA, Otávio — 114.
GIZ, Jaime — 337.
GLESS, Charles E. — 220.
GLICÉRIO, João — 179.
GOIS, Antonio de — 169.
GOIS, José de — 183.
GOIS, O. Campos — 153.
GOIS, Oliveira — 122, 143.
GOIS FILHO — 124, 175, 178, 186.
GOMES, Alberto Monteiro — 333.
GOMES, Carlos — 71.
GOMES, D. — 48.
GOMES, Elima Nunes Cavalcanti — 333.
GOMES, Eustáquio — 36, 143, 281.
GOMES, Gentil — 169.
GOMES, Hermilo Ferreira — 210.
GOMES, José — 287, 297.
GOMES, Lino — 156.
GOMES, Luiz — 55, 312.
GOMES, Otacílio — 122.
GOMES, Otávio — 289.
GOMES, Perilo — 36, 38.
GOMES, Pimentel — 39.
GOMES, Rubens — 216.
GOMES, Samuel — 24.
GOMES, Serafim — 330.
GONÇALVES, A. C. — 325.
GONÇALVES, Abelardo — 224.
GONÇALVES, Antônio Barreto — 208.
GONÇALVES, Euclides — 197.
GONÇALVES, Justino — 69.
GONÇALVES, Lourival — 292.
GONÇALVES, Nair — 165.
GONÇALVES, Paulo — 300.
GONÇALVES, Ruth — 165.
GONÇALVES, Silva — 330.
GONÇALVES, Urbano — 210, 247.
GONDIM, Clóvis Guedes — 52.
GONDIM, L. — 80.
GONDIM, Umberto — 153, 294.
GONDIM FILHO, Isaac — 39, 60.
GONZAGA, Débora — 313, 325.
GONZAGA, Luiz de — 288.
GOULART, Armando — 186, 225, 300.

- GOULART, Haydn Porto — 296.
GOUVEIA, Julieta — 165.
GOUVEIA, Renato — 317.
GRACINDO, Pélopidas — 325.
GRANVILLE, Gil — 126.
GRIECO, Agripino — 289.
GRILO, Oswaldo — 214.
GRIZ, Fernando — 58, 62.
GRIZ, Jaime — 125, 127, 130, 212, 300, 339.
GUANABARA FILHO — 98.
GUAPCRÉ, Júlio — 129.
GUARANI — 257.
GUEDES, Druzila Alves da S. — 310.
GUEDES, Mário — 117.
GUEDES, Pessoa — 100.
GUEDES FILHO — 30, 292.
GUEIROS, Edna Leite — 126, 278.
GUEIROS, Esdras — 129, 313, 314, 318.
GUEIROS, Jerônimo — 141, 143, 221, 282, 313.
GUEIROS, Nehemias — 125, 127, 180, 238, 253, 255, 278, 312.
GUEIROS, Otoniel F. — 238, 255.
GUEIROS, Rina — 164.
GUERRA, Edésio — 158, 181, 205, 330.
GUERRA, Flávio — 51.
GUERRA, João — 29.
GUERRA, Otávio — 66.
GUERRA, Pio Génesio — 66.
GUIDO, Angelo — 187.
GUIMARÃES, Antonio da Silva — 202.
GUIMARÃES, Artur Ferreira Machado — 107.
GUIMARÃES, Canuto — 156.
GUIMARÃES, Genaro — 174, 305.
GUIMARÃES, Hamilton — 319.
GUIMARÃES, João Matos — 281.
GUIMARÃES, M. Antoinette D. de O. — 333.
GUIMARÃES, Mário — 114, 191, 209, 234.
GUIMARÃES, Maurício F. Pinheiro — 306.
GUIMARÃES, Murilo de Barros — 112.
GUIMARÃES, O. — 299.
GUIMARÃES, Oscar Mendes — 50.
GUIMARÃES, Ovídio — 29, 30.
GUIMARÃES, Racine — 33, 278, 313.
GUIMARÃES, Roberto — 35.
GUIMARÃES JÚNIOR, Antonio — 248.
GUSMÃO, Corina de — 229.

- GUSMÃO, Jaime — 247.
GUSMÃO, Vanita — 253.
HALDANO, James H. — 220.
HAMILTON, D. L. — 100.
HARDMAN, Samuel — 68, 145, 174, 186, 247.
HARMAN, José — 247.
HEME, Rogério de — 135.
HERCULANO, Alexandre — 45.
HESSE, Louisa — 164.
HIKSPOOR, Tomaz (frei) — 280.
HITLER, Adolf — 321.
HOLANDA, Corina de — 85.
HOLANDA, Euclides de — 293.
HOLANDA, Gastão de, — 253.
HOLANDA, Henrique de — 130.
HOLANDA, M. de — 96.
HOLANDA, Maria Izabel de — 85.
HOLANDA, Mário — 138.
HOLANDA, Moisés Florivaldo Chaves — 32.
HOLANDA, Marta de — 128, 219.
HOLMES, João — 152.
IKAS, D. Agostinho — 247.
INÁCIO, Antonio — 295.
INÁCIO, Joaquim — 72, 83.
INOJOSA, Joaquim — 31, 123, 125, 126, 161, 175, 178, 186,
201, 208, 225, 236, 237, 305.
INOJOSA, José — 247.
IVO JÚNIOR, Clóvis — 32.
IVO JÚNIOR, Napoleão — 52.
JACOME, Tobias — 160.
JANSEN, Letácio — 124, 178, 187.
JANSEN, Tomaz (frei) — 280.
JARDIM, Luiz — 258, 301.
JESUS, Xavier de — 330.
JOFFILY, Irineu — 305.
JOHNSON, Leslie Leonidas — 158.
JONES, R. S. — 158.
JORDÃO, Aluizio — 292.
JORGE, Leodegario — 97.
JUDEU, Paula — 219.
JUREMA, Abelardo — 287.
JUREMA, Aderbal de Araújo — 111, 259, 287.
JURISCH, Peter — 320.
KADLETZ, Theodor — 320.
KANIMURA, Aimbiré — 243, 248, 317, 338.

- KARACIK, Raul — 225.
KELLY, Prado — 181.
KILGORE, Caroline — 221.
KOURY, Charles H. — 106, 197.
LABOURIAU, F. — 289.
LADEVESE, Angeline — 59, 84, 126, 131, 161, 186, 200.
LAÉRCIO, Diogenes — 291.
LAET, Carlos de — 36, 37.
LA GRECA, Murilo — 281.
LAMARTINE, José — 311.
LANDIM, José (Pe) — 65, 73.
LAPA, Antonio Pinto — 80, 174.
LAPA, Carlos Pinto — 80.
LAPA, José Tomaz Pinto — 174.
LEAL, Álvaro Ramos — 129.
LEAL, Cromwell — 229, 241, 293, 294, 317, 323, 337.
LEAL, Franco — 135, 191.
LEAL, José — 84.
LEAL, Mário Elias — 125, 168, 209.
LEAL, Sá — 160, 177, 178, 179, 186.
LEÃO, E. — 97.
LEÃO, Eurico de Sousa — 307, 322.
LEÃO, Job — 168.
LEÃO, Mício — 76.
LEÃO, Laurindo Carneiro — 214.
LEÃO, Manuel Carneiro — 280.
LEÃO, Nildo Carneiro — 52.
LEÃO, Silvia Carneiro — 60.
LEÇA, Pereira — 171.
LEE, Edwiges — 189.
LEITÃO, Evaristo — 286, 319.
LEITÃO, Heli — 221.
LEITÃO, Lúcia — 164, 221.
LEITÃO, Sá — 59.
LEITÃO, Silvio Pélico — 318, 319.
LEITÃO, Zélia — 262.
LEITE, Adeth — 327.
LEITE, Alfredo Craveiro — 229.
LEITE, Ambrosino — 323.
LEITE, Bezerra — 208.
LEITE, Edgar Bezerra — 76.
LEITE, Edgar Teixeira — 39, 153, 289.
LEITE, Edna Gueiros — 164.
LEITE, João Bezerra — 52.
LEITE, João Pereira — 55.

- LEITE, José Crescêncio — 72.
LEITE, Josué — 30, 62, 92, 105.
LEITE, Maria das Graças Santa — 327.
LEITE, Salviano — 213, 214.
LEITE, Santos — 36, 118.
LEITE, Severino — 32, 51, 77, 210.
LEITE, Uraquitan Bezerra — 52.
LEITE JÚNIOR, M. Ferreira — 289.
LELIS, Arnaldo — 30, 65, 126, 178, 225.
LELIS, Raul — 246.
LEME, Sebastião (arcebispo) — 33, 46, 50, 59, 72, 103, 174, 288.
LEMOS, Floriano — 39.
LEMOS, Inês de Araújo — 128.
LEMOS, Jonas — 87.
LEMOS, Laiete — 119, 143, 204.
LEMOS, Mariano — 119, 132, 308, 316.
LEMOS, Prudenciano de — 24, 31, 77, 139.
LEMOS FILHO, Artur — 189, 209.
LENIO, Valdo — 30.
LEON, Samuel Ponce de — 256, 257, 318, 319.
LEÔNCIO, Carlos (Pe) — 52, 137.
LEOVIGILDO JÚNIOR — 125, 168, 174, 186.
LERGHT, A. — 54.
LESSA, Vicente Temudo — 183.
LEWIN, Willy — 130, 173, 289, 300, 324, 325, 339.
LIBÂNIO, Mário — 136.
LIBERATO, João — 74.
LIBERATO FILHO, J. — 319.
LIEBIG, Jístur — 152, 153.
LIMA, Agripino T. Nogueira — 305.
LIMA, Alceu Amoroso, — 38, 288.
LIMA, Alfredo Pessoa de — 52.
LIMA, Alvaro — 80, 98.
LIMA, Antonio de Barros — 113.
LIMA, Antônio José Henrique — 296.
LIMA, Artur — 237.
LIMA, Asdrubal de — 119.
LIMA, Augusto — 103.
LIMA, Barros — 44, 110, 162, 186.
LIMA, Benedita — 31.
LIMA, Carlos de — 145.
LIMA, Carmelita — 102.
LIMA, Clotário B. — 238.
LIMA, Edison B. — 296.

- LIMA, Esau — 93.
LIMA, F. B. Andrade — 136.
LIMA, Filgueiras — 339.
LIMA, Francisco — 96, 295.
LIMA, Heitor de Andrade — 311.
LIMA, J. de Uzeda — 80.
LIMA, João Bezerra de — 249.
LIMA, João de Barros — 238.
LIMA, Joaquim — 53, 97, 239.
LIMA, Jorge de — 232, 325.
LIMA, José de Barros — 287.
LIMA, José Guerra de A. — 188.
LIMA, Laonte C. — 295.
LIMA, Lourival — 241.
LIMA, Luiz Beltrão de Andrade — 339.
LIMA, Luiz de França Costa — 227.
LIMA, Luiz Gomes do Rego — 125.
LIMA, M. G. de Sousa — 198.
LIMA, Mário José de Assunção — 196.
LIMA, Mateus de — 187, 222, 230, 231, 294, 326.
LIMA, Miguel Artur — 86.
LIMA, Milton Costa — 293.
LIMA, Olindina — 285.
LIMA, Oliveira — 60, 170.
LIMA, Oscar Jucá do Rêgo — 53.
LIMA, Osman Fonseca — 135.
LIMA, Oswaldo — 31, 76, 79.
LIMA, Pedro — 101.
LIMA, Raimundo Guedes de Araújo — 53.
LIMA, Raquel — 35, 104.
LIMA, Rosalino — 256.
LIMA, Rui Cirne — 225.
LIMA, Sátiro — 97.
LIMA, Silverio — 64.
LIMA, Victor Meireles de — 182.
LIMA, Vitoriano — 77, 171, 193.
LIMA, Zeferino — 249.
LIMA FILHO, Andrade — 40, 129, 339.
LIMA SOBRINHO, Barbosa — 76, 80, 148.
LIMARO, Caddy — 260.
LINDEMANN, J. — 333.
LINDOSO, Lívio — 158.
LINHARES, Mário — 79.
LINS, A. Acioli — 80.
LINS, Aguinaldo de Araújo — 31, 50, 51, 195, 287.
- *

- LINS, Álvaro de Barros — 51, 52, 66, 129, 213, 284, 288, 325.
LINS, Américo — 317.
LINS, Antônio de Barros — 228.
LINS, Argemiro — 198.
LINS, Aureo — 228.
LINS, Barros — 224.
LINS, Cláudio — 276.
LINS, De Freitas — 158, 232.
LINS, Fausto — 76, 193.
LINS, J. — 321.
LINS, José — 276.
LINS, Leopoldo — 127, 213, 229, 246, 273, 317.
LINS, Luís Dias — 153.
LINS, Marcionilo — 55.
LINS, Maria Brites Lamenha — 36.
LINS, Meira — 110, 195, 222.
LINS, Pedro Martiniano — 52.
LINS, Reynaldo — 276.
LINS, S. — 285.
LINS, Silveira — 244.
LINS, Ulisses — 188, 214, 215.
LINS e Silva — 69.
LINS FILHO, Manuel do Rego — 208.
LIRA, Anísio — 219.
LIRA, Ari da Silva — 259.
LIRA, Azael — 293.
LIRA, C. B. — 338.
LIRA, Gonzaga — 332.
LIRA, José de Sousa — 296.
LIRA, Juvêncio Mariz de — 247.
LIRA, Noemi de Brito — 162.
LIRA, Sinésio — 219, 220, 335.
LIRA JÚNIOR, J. — 205.
LISBOA, Valfredo — 311.
LOBATO, Silva — 97, 106, 131, 143, 145, 223, 225.
LOBO, Jorge — 195.
LOBO, José Valeriano — 174.
LOBO, Tomaz — 174.
LOIO, Maria Angelina — 38.
LOISENYS, Ary — 221.
LOPES, Adriel — 315.
LOPES, Arnaldo — 121, 123, 125, 126.
LOPES, Carlos — 122, 209.
LOPES, Ezequiel — 59.
LOPES, Idelfonso — 53, 91, 246, 285.

- LOPES, José — 297.
LOPES, M. — 139.
LOPES, Olavo — 29, 108, 178, 234.
LOPES, Oscar — 29, 316.
LOPES, Renato de Sousa — 232.
LOPES, Silvino — 28, 30, 33, 85, 119, 175, 181, 225, 237, 277, 308, 327.
LOPES, Valdeci — 127.
LOPES, Valkiria Fragoço — 30, 80.
LOPES, Waldemar — 128.
LOPES JÚNIOR, Pedro — 77, 126, 129, 168, 315.
LÓREGA, Alindo — 87.
LORENA, Marina del — 224.
LORETO, Sérgio — 36, 149, 156, 161, 173, 174, 177, 179, 180, 183, 185, 192, 200, 205, 208.
LORETO FILHO, Sérgio — 177, 186.
LOUREIRO, Joaquim — 99.
LOUREIRO, Lourdes — 165.
LOUREIRO, Luiz — 58, 70, 97.
LOURENÇO, José — 310.
LOUVOR, Beatriz — 189.
LUBAMBO, Manuel — 173, 258.
LUCAS, Leôncio — 92.
LUCENA, Ernesto de — 291.
LUCENA, Rui — 188.
LÚCIA, Carmem — 303.
LUEDEMANN, Jurisch — 320, 333.
LUETTJOHANN, Roland — 320.
LUKASZEWSKI, Estanisláu (Pe) — 50.
LUIA Melo (Pe) — 35, 38.
LUMACH, Israel — 30.
LUNA, Mauro — 253.
LUSTOSA, Paulo A. — 319.
LUZ, Nestor Cândido da — 281.
MACAHUBAS, Braz — 33.
MAC DOWELL, José Maria — 215.
MACEDO, Albino Buarque de — 106, 192, 318, 319.
MACEDO, Armênio de — 102.
MACEDO, Brito — 29, 56, 62, 79.
MACEDO, Durval — 276.
MACEDO, Jonas B. — 158.
MACEDO FILHO, Jonas — 331.
MACHADO, Assis de — 254.
MACHADO, José de Azevedo — 234, 302.
MACHADO, José Libâno — 155, 192.

- MACHADO, Juanita Borel — 123, 175, 181, 257.
MACHADO, Juraci Nunes — 292, 321.
MACHADO, Libânio — 106.
MACHADO, Manuel — 51, 90.
MACHADO, Nina — 164.
MACHADO, Osvaldo — 27, 33, 94, 274, 292.
MACHADO, Paulo — 289.
MACHADO, Raul — 124, 178, 273.
MACIEL, Aurino — 312.
MACIEL, Bento — 209.
MACIEL, Heraldo — 231.
MACIEL, Zacarias — 328.
MACIEL FILHO, Joaquim — 233, 255, 291.
MACKELBURG, Herman — 320.
MAGALHÃES, Agamenon — 83, 99, 174, 252, 312.
MAGALHÃES, Ageu — 186, 195, 289, 328.
MAGALHÃES, Aurides — 333.
MAGALHÃES, Basílio de — 288.
MAGARINOS, Domingos — 97.
MAGNO, Pascoal Carlos — 129.
MAIA, Abe'ardo — 26, 31, 76, 78, 90, 95, 121.
MAIA, Américo — 30.
MAIA, Arlindo — 229, 241, 262, 276.
MAIA, Armando — 74, 86, 246, 286, 327.
MAIA, Artur Brasiliense — 30.
MAIA, Carlos Leite — 52, 111, 253, 314, 323.
MAIA, Evaristo dos Santos — 56, 90, 91, 94, 109, 111.
MAIA, Goncalves — 35, 46, 79, 90, 215.
MAIA, Heitor — 106.
MAIA, Hermengarda — 97.
MAIA, João de Oliveira — 241.
MAIA, Luiz de Oliveira — 241.
MAIA, Mário — 125.
MAIA, Maurício — 65, 253.
MAIA, Moisés de Sousa — 139.
MAIA, Nestor da Silva — 86.
MAIA, Newton — 152, 153, 154.
MAIA, Orlando — 136.
MAIA, Oscar — 326.
MAIA, Sérvio — 321.
MAIA, Tércio Rosado — 127, 212, 311.
MAIAL, Zacarias — 205.
MAIER, Luiz Rafael — 52.
MAIS, Sabiniano — 215.
MALHEIRO FILHO, Armando — 241.

- MALTA, Agamenon — 275.
MALTA, Otávio — 176.
MALTA, Paulo de Couto — 40, 128.
MALTA FILHO, Paulo — 128, 325, 326.
MANDEL, Fani — 165.
MARANGUAPE, Paulo — 43.
MARANHÃO, Alaíde — 31.
MARANHÃO, Gildo Metódio — 207.
MARANHÃO, Gomes — 40, 66, 276.
MARANHÃO, João — 66.
MARANHÃO, Júlio A. — 52.
MARANHÃO, Luiz Beltrão — 31, 42.
MARANHÃO, Manuel Gomes — 66.
MARANHÃO, Mário — 277.
MARANHÃO, Milton Malta — 273.
MARANHÃO, Osvaldo — 102.
MARCELINO NETO — 208, 292.
MARCIANO, Flávio — 240.
MARCUS, Paulo — 158, 221.
MARCUS, Tulio — 77.
MAURICÉIA FILHO — 318, 325.
MARIA, José — 171, 172, 173.
MARIA, Marta — 281.
MARIALVA — 257, 260.
MARIANO, José — 44.
MARIANO, Aderbal — 259.
MARIANO, Antônio — 65.
MARIANO, Olegário — 78, 125, 211, 223, 289, 325.
MARIANO FILHO, José — 288, 289.
MARINHO, Artur — 188, 202, 203.
MARINHO, Azenete F. — 165.
MARINHO, Cândido — 305.
MARINHO, Clóvis — 259.
MARINHO, Gastão França — 174.
MARINHO, Hilda Furtado — 164.
MARINHO, J. Fialho — 221.
MARINHO, Júlio — 153.
MARINHO, Luiz — 125, 170.
MARINHO, Natanael — 26, 173.
MARINHO, Otoniel — 246.
MARINHO, Rotílio — 24, 31, 159, 204, 207.
MARINHO, Saldanha — 45.
MARINA, Mário — 30, 32.
MARIZ, José — 218, 277, 289.
MARMELO, Mário — 337.

- MAROJA, Flávio — 70.
MARQUES, Arnaldo — 195.
MARQUES, Arnóbio — 110.
MARQUES, João — 110.
MARQUES, Rubens Pimentel — 287.
MARQUES, Silvío — 92.
MARQUES, Xavier — 62.
MARQUES JÚNIOR — 212, 308.
MARRCCOS, Antonio — 181, 183, 229.
MARTEL, Godofredo — 26.
MARTINS, Chaves — 127.
MARTINS, Dias — 157.
MARTINS, Henrique — 214.
MARTINS, Oliveira — 45.
MARTINS, Pinto — 150.
MARTINS, Samuel — 61.
MARTINS FILHO — 28, 29, 57, 59, 246.
MARTINS JÚNIOR — 305.
MARTINS SOBRINHO, J. — 105.
MARZULO, Pedro — 70.
MARX, Roberto Burle — 154.
MASCARENHAS, João C. — 118.
MASCARENHAS, Lindolfo — 230, 231, 319.
MASCELO, Leonardo (Pe) — 59.
MATOS, Adalberto — 183.
MATOS, Francisco — 222.
MATOS, Paulo — 246.
MATOS, Ubaldo Gomes de — 153, 289.
MAURICÉA, João da — 178.
MAURICÉA FILHO, Alfredo — 31, 89, 127, 136, 195, 226, 325.
MAURÍCIO, A. — 158, 232, 240.
MAURÍCIO, Virgílio — 26.
MAYER, Fritz — 225.
MAZAR, Severino — 198.
MAZZONI, José — 52.
MEDEIROS, A. — 244.
MEDEIROS, Abaeté de — 135, 253, 289.
MEDEIROS, Amadeu — 123.
MEDEIROS, Amaro — 191, 209.
MEDEIROS, Antonio — 131.
MEDEIROS, Amauri de — 183, 195, 289, 300.
MEIRA, Aristóteles Cava'canti — 241.
MEDEIROS, Amaro Benício de — 209.
MEDEIROS, Bianor de — 73, 183.
MEDEIROS, Caeté — 135, 136.

- MEDEIROS, Conceição — 164.
MEDEIROS, Domingos — 153.
MEDEIROS, Enilde — 327.
MEDEIROS, Godofredo de — 27, 30, 32, 56, 75, 148, 178, 179,
180, 189, 213.
MEDEIROS, J. — 25.
MEDEIROS, João — 215.
MEDEIROS, João Pacheco de — 42.
MEDEIROS, José — 291.
MEDEIROS, Jurandir — 134, 135.
MEDEIROS, Landulfo — 30, 128, 161, 178, 234, 314, 315.
MEDEIROS, Marcelino — 103.
MEDEIROS, Oscar Artur de — 42.
MEDEIROS, Vicente de — 148.
MÉDICIS, Andrade — 195.
MEIN, John — 158.
MEIRA, Célio — 33, 66, 119, 125, 127, 128, 186, 187, 194, 223,
246, 327.
MEIRELES, Cecília — 180.
MELANGES, Celestine — 46.
MELO, Aderbal — 225.
MELO, Aenelo Rodrigues de — 125.
MELO, Alcedo — 273.
MELO, Alcides de Oliveira — 273.
MELO, A. Pereira — 284.
MELO, Amaro B. de Albuquerque — 76, 170.
MELO, Bernardo Vieira de — 45.
MELO, Beroaldo — 32, 77, 222.
MELO, C. Oliveira — 186.
MELO, Cícero Brasileiro de — 174.
MELO, Eudoxio — 115.
MELO, Gonçalo de — 328.
MELO, Graciliano — 213, 214, 215.
MELO, H. B. — 285.
MELO, Inácio de — 181, 212.
MELO, Iracema de — 310.
MELO, Isaura — 60.
MELO, J. — 69.
MELO, João Rufino da Silva — 188.
MELO, Joel Leitão de — 220.
MELO, José Maria de Albuquerque — 50, 170, 173.
MELO, José O. — 282.
MELO, José Tertuliano Ferreira — 30.
MELO, José Vieira de — 113.
MELO, Júlio de — 52, 220.

- MELO, L. Bezerra de — 219.
MELO, Lacerda de — 321.
MELO, Mário — 40, 71, 79, 84, 119, 143, 150, 183, 216, 217, 225, 294, 322, 327, 333.
MELO, Misael de — 168.
MELO, Monteiro de — 219.
MELO, N. de Azevedo — 258, 322.
MELO, Nelson — 55, 70, 257, 318.
MELO, O. Lins e — 59.
MELO, Oscar — 81, 208, 246, 280, 322, 327.
MELO, Civaldo de A. — 62.
MELO, Oton L'nch Bezerra de — 117, 203, 289.
MELO, D. Pedro Bandeira de — 247.
MELO, Renato Vieira de — 181, 204.
MELO, Samuel — 216.
MELO, Sara V. — 164.
MELO, Serafim Luiz Pessoa de — 273.
MELO, T. Vieira de — 183.
MELO, Teixeira de — 153.
MELO, Ulisses de — 70, 246, 247.
MELO, Valfrido Pessoa — 223.
MELO, Vicente Feijó de — 289.
MELO, Vinicius — 66.
MELO, Xisto Gomes de — 289.
MELO FILHO, Júlio de — 221.
MELO FILHO, Manuel Caetano de Albuquerque — 76.
MELO NETO, José Antônio Gonçalves de — 251.
MENDES, A. E. Pau'a — 335.
MENDES, O'avo Martins — 208.
MENDES, Oscar — 32, 51, 137, 170, 186.
MENDONÇA, Ana Amélia Queiroz Carneiro de — 186.
MENDONÇA, Antão — 37.
MENDONÇA, Carmita — 163.
MENDONÇA, F. Vieira de — 160.
MENDONÇA, Fernando — 70, 222.
MENDONÇA, Fernando Baltazar — 214, 216.
MENDONÇA, Gentil — 130, 302, 321.
MENDONÇA, João — 111.
MENDONÇA, Jonas — 259, 260.
MENDONÇA, Maita de — 246.
MENDONÇA, Trajano de — 137, 162.
MENESES, Agui'naldo Barreto de — 246, 281.
MENESES, Alfredo — 335.
MENESES, Bruno de — 125, 181.
MENESES, Campos de — 148.

- MENESES, Castro — 235.
MENESES, Jaime Bezerra de — 113.
MENESES, João Barreto de — 82, 107, 125, 155, 167, 187, 192, 204, 215, 274, 276, 288, 293.
MENESES, Píndaro Barreto de — 337.
MENESES, R. de — 317.
MERLINO, Saverio — 64.
MESQUITA, A. N. — 158.
MESQUITA, Dalka — 309.
MIGNAC, Alfredo — 209, 294.
MIGUEL, Alfredo — 249, 313.
MILARCH, Ernest — 320.
MINDELO, José — 29, 49, 112, 161, 178, 181, 186.
MIRANDA, Antônio Ciro de — 115.
MIRANDA, Antônio Lobo — 198.
MIRANDA, Arquimedes Magno de — 156.
MIRANDA, Bentes — 106.
MIRANDA, Dustan de — 124, 175, 178, 201, 208, 237.
MIRANDA, Hermógenes de — 232.
MIRANDA, José — 229.
MIRANDA, M. R. — 25.
MIRANDA, Maria José — 309.
MIRANDA, Pedro Guilherme de — 87.
MIRANDA, Valdemir — 326.
MIRANDA, Zara — 333.
MODESTO, Edite — 165.
MODESTO, João — 89.
MOEL Ivo — 126.
MOHAUPT, Eduardo — 242.
MOMASALI, Lírio — 256.
MONES, Pedro — 240.
MONTE SOBRINHO — 29.
MONTEIRO, A. — 207, 330.
MONTEIRO, Bazílio — 148.
MONTEIRO, Benedito — 170, 172.
MONTEIRO, Carlos — 335.
MONTEIRO, Costa — 170, 233.
MONTEIRO, Débora do Rego — 78, 111, 186.
MONTEIRO, Jaci — 241.
MONTEIRO, João — 75, 77, 160, 161, 170, 178, 301, 338.
MONTEIRO, Juca — 51.
MONTEIRO, Manuel — 82.
MONTEIRO, Mozart — 37.
MONTEIRO, Raul — 77, 131, 143, 150.
MONTEIRO, Santana — 296.

- MONTEIRO, Vicente do Rego — 77, 171.
 MONTEIRO FILHO, Honório — 289.
 MONTEIRO FILHO, Jerônimo — 153.
 MONTENEGRO, Lauro — 87, 289.
 MONTENEGRO, Mac-Dowel de — 215, 311, 312.
 MONTENEGRO, Olivio — 148, 275, 289.
 MONTENEGRO, Pedro — 214.
 MONTENEGRO, Talita — 165.
 MONTERROIOS, Abelardo — 208.
 MONTEZE, José Gomes — 49.
 MORAIS, A. Bandeira de — 173.
 MORAIS, Hilda Monteiro de — 334.
 MORAIS, Hugo de — 30, 128, 273.
 MORAIS, Jeanete Almeida de — 193.
 MORAIS, João — 317.
 MORAIS, José Cândido de — 99.
 MORAIS, Manuel — 135.
 MORAIS, Mozart — 216.
 MORAIS, Otávio — 221, 222, 223, 224, 299, 333.
 MORAIS, Raimundo — 313.
 MORAIS, Raul C. — 277.
 MORAIS, Xavier — 188.
 MORCOURT, Roberto — 24.
 MOREIRA, Alberto — 188.
 MOREIRA, Álvaro — 28, 58, 78, 126, 129, 180, 182, 222, 223, 224.
 MOREIRA, Américo — 208.
 MOREIRA, Carlos — 156.
 MOREIRA, Célio — 208.
 MOREIRA, Luiz — 30.
 MOREIRA, Teopompo — 126, 212, 229, 242.
 MORN, Elick — 73.
 MCSER, Henrique — 132, 184, 185, 186.
 MOTA, Armindo — 80.
 MOTA, Fernando — 52.
 MOTA, Fernando de Oliveira — 310.
 MOTA, Hugo — 122.
 MOTA, João de Deus da — 125, 180, 209, 234.
 MOTA, Leandro — 298.
 MOTA, Maria Antonieta Sodré da — 31, 62, 119.
 MOTA Mauro — 51, 52, 128, 130, 212, 225, 273, 284, 313, 316, 339.
 MOTA, Oséas — 331.
 MOTA JÚNIOR, Miguel José da — 61, 174.
 MOURA, Abdias Cabral de — 181, 208, 246.

- MOURA, Ana Eufrásia Cabral de — 181.
MOURA, Artur de — 324.
MOURA, Gomes de — 209, 215.
MOURA, Raquel Viana de — 296.
MOURA, Régis — 52.
MOURA, S. — 198.
MOURA, Silvio — 187.
MOURA, Solon Sócrates Cabral de — 181, 259.
MOUSINHO, Carmelita — 338.
MOUTINHO, Lauro — 58.
MUIRHEAD, H. H. — 158, 159.
MUNGUBA SOBRINHO — 158, 330.
MYLORD, G. — 256.
NABUCO, Carolina — 288.
NABUCO, Joaquim — 183.
NASCIMENTO, Antonio — 105, 256.
NASCIMENTO, Davino — 51.
NASCIMENTO, Eugênio — 176.
NASCIMENTO, J. C. de Moraes — 100.
NASCIMENTO, José Maria — 227.
NASCIMENTO, Luiz do — 111, 125, 209, 262, 316, 327.
NAZARÉ, Agripino — 36, 37.
NAZARÉ, Carlos — 219.
NEGROMONTE, Adarico — 51, 52.
NEMÉSIO, Antônio — 203.
NEMÉSIO, J. — 284.
NEPOMUCENO, Alberto — 72, 83.
NÉRI, José — 62, 239.
NÉRI, Lincoln — 31, 98, 125, 180.
NÉRI, M. — 289.
NESTOR, Odilon — 37, 174, 175, 277, 289, 325, 333.
NETO, A. — 330.
NETO, Antônio — 209.
NETO, Evandro — 322.
NEVES, A. — 285.
NEVES, Antonio Paulo das — 241.
NEVES, Artur — 214, 215.
NEVES, Joal — 54.
NEVES, José — 113.
NEVES, Luiz Rosa — 295.
NEVES, Nicomedes — 215.
NEVES, Rildo — 52.
NEVES, Rodovalho — 29, 119, 170, 178, 253.
NEVES, Vinicius das — 79.
NEVES SOBRINHO — 300.

- NEVES SOBRINHO, Faria — 27, 79, 136, 145, 187, 194, 223, 317.
NEVES SOBRINHO, José — 128.
NEY, Sílvio — 128, 129.
NICÉAS, Alcides — 253.
NOBLAT, Vicente — 114, 228.
NOBRE, João — 118.
NOBREGA, Emiliano — 328.
NOBREGA, Fernando — 216 .
NOÉ, Luiz de Barros — 231.
NOGUEIRA, Artur Seabra — 198.
NOGUEIRA, J. A. — 249.
NOGUEIRA, Manuel — 60.
NOGUEIRA, Perdigão — 98.
NOGUEIRA, Severino (Pe) — 281.
NORA, Ferdinando Dala — 283.
NCRANHA FILHO — 24.
NOVAIS, José Firmino — 276.
NUNES, Cerquinho — 31, 65, 66, 136, 166, 167.
NUNES, Luiz — 154.
NUNES, Mário — 277.
ODENHEIMER, Sibila — 333.
OITICICA, José — 62.
OLAVO, Silvino — 129, 224, 295.
OLÍMPIO, Domingos — 170.
OLÍMPIO, João (Pe) — 103, 208, 337.
OLINDENSE, Sérgio — 175.
OLINTO FILHO — 102, 103.
OLIVEIRA, A. de — 273.
OLIVEIRA, Albérico J. de — 295.
OLIVEIRA, Alberto Rodrigues de — 87, 99.
OLIVEIRA, Alfeu de — 108.
OLIVEIRA, Amaro Santos — 208, 211.
OLIVEIRA, Armando — 82, 83, 121, 122, 167, 168, 178, 194.
OLIVEIRA, Augusto de Almeida — 188, 191.
OLIVEIRA, Baltazar de — 28, 42, 128, 175, 191, 213, 284, 327.
OLIVEIRA, Batista de — 73, 160, 161, 178, 206, 209, 246, 249,
252.
OLIVEIRA, Bernardo de — 230.
OLIVEIRA, C. A. Barbosa de — 154.
OLIVEIRA, Célia — 317.
OLIVEIRA, Cleofas de — 180, 181, 229, 235, 273, 338, 339.
OLIVEIRA, Clodoaldo de — 56.
OLIVEIRA, Clodomiro de — 80, 93, 311.
OLIVEIRA, Clotilde de — 163.
OLIVEIRA, Correia de — 330.

- OLIVEIRA, Edla de — 165.
OLIVEIRA, Edmar de — 198.
OLIVEIRA, Eliezer — 330.
OLIVEIRA, Epaminondas de — 52.
OLIVEIRA, Ernesto Luz de — 159.
OLIVEIRA, Euclides de — 28.
OLIVEIRA, Ezilda — 164.
OLIVEIRA, Iraci Gondim de — 165.
OLIVEIRA, J. Armando — 71.
OLIVEIRA, Jaime — 186.
OLIVEIRA, Jair — 125, 175.
OLIVEIRA, João Cleofas de — 153.
OLIVEIRA, João Martins de — 241.
OLIVEIRA, Joaquim de — 30, 41, 56, 59, 89, 292, 315, 334, 339.
OLIVEIRA, José Apolinário de — 152.
OLIVEIRA, José Batista de — 49.
OLIVEIRA, José de — 25, 285.
OLIVEIRA, José Firmo de — 311.
OLIVEIRA, José Marques de — 174.
OLIVEIRA, Júlio da Santa Cruz — 157, 231.
OLIVEIRA, Liège — 310.
OLIVEIRA, Luciano de — 231, 328.
OLIVEIRA, Maria Iraci de — 30, 124.
OLIVEIRA, Morais de — 75, 93, 131.
OLIVEIRA, Nadége — 310.
OLIVEIRA, Olímpio Augusto de — 306, 317, 334.
OLIVEIRA, Pedro de — 169.
OLIVEIRA, O. Plácido de — 87, 259.
OLIVEIRA, Perilo de — 223.
OLIVEIRA, Sefora — 60.
OLIVEIRA, Valdemar de — 33, 77, 80, 88, 105, 124, 126, 127,
149, 163, 179, 186, 216, 223, 224, 253, 257, 289, 294, 332.
OLIVEIRA E SILVA — 76.
ONOFRE, Manuel — 55.
OSÓRIO, Leo — 182.
OTAVIANO FILHO, José — 66, 286.
OTAVIANO, Manuel (Pe) — 55.
OTÁVIO, Lúcio — 278.
OTELO, Fausto — 79.
PAASHAUS, A. E. — 320.
PACHECO, Lima — 55.
PAIS, Florentino — 30.
PAIVA, Carlos — 205.
PAIVA, Coelho de — 231, 328.
PAIVA, Eduardo — 83.

- PAIVA, Rogério — 56.
PAIXÃO, Nelson — 239, 291.
PAIXÃO, S. — 97.
PAJUABA NETO — 253.
PALHANO, Álvaro — 203, 204, 281.
PALMARES, Lúcio — 56.
PANDOLFI, Clodomiro — 134.
PARÁ, José de Madureira — 274.
PARÁ, Tomaz — 186, 322.
PARAHIM, Manuel — 224.
PARAHYM, Orlando — 111, 273.
PARAÍSO, Carlos Afonso de Sousa — 191.
PARANHOS, Pedro — 174.
PARANHOS, Ulisses — 70.
PASSOS, Hulmo Zoroastro — 193, 205.
PASSOS, José Brito — 51.
PASSOS, Luiz Barbosa — 202, 203, 204.
PASSOS, Orlando — 198.
PATRÍCIO, João — 103.
PAULA, Silveira — 209, 210, 231.
PAULA, Vicente de — 72.
PAULO FILHO, Antônio — 65, 66, 151.
PAURÍLIO, Carlos — 325.
PAZ, João da — 55.
PAZ, Maria da — 316.
PEDROSA, Alfredo Xavier (cônego) — 37, 46, 59, 103, 199,
259, 280, 287, 292, 323, 329, 331, 332.
PEDROSA, Alves — 161, 178, 201, 214, 215.
PEDROSA, Amaro Gomes — 60, 174.
PEDROSA, Arnaldo — 122.
PEDROSA, Carlos — 105.
PEDROSA, Dulce — 114.
PEDROSA, Flinto — 38.
PEDROSA, Severino Nicomedes Alves — 66, 200.
PEIXOTO, Djalma — 331.
PEIXOTO, Erasmo Chaves — 274, 293.
PEIXOTO, J. — 66.
PEIXOTO, Jarbas — 159, 160, 172, 187, 232.
PEIXOTO, Pedro Chaves — 282.
PÉLICO, Silvio — 73.
PENA, Albérico — 221.
PENA, Belisário — 232.
PENANTE, José — 23, 28, 58, 75, 94, 109, 123, 125, 126, 127,
145, 178, 190, 208, 212, 221, 222, 224, 225, 294, 300.
PEQUENO, Afonso (Monsenhor) — 59.

- PEREGRINO, A. — 39.
PEREGRINO, Maria de Jesus — 296.
PERÉA, Romeu (Frei) — 280, 281.
PEREGRINO JÚNIOR — 129.
PEREIRA, Aluisio Santos — 139, 189.
PEREIRA, Baltazar — 289.
PEREIRA, Bianor J. — 282.
PEREIRA, Bráulio — 24.
PEREIRA, Edgar — 80.
PEREIRA, Edwiges de Sá — 33, 35, 68, 143, 201.
PEREIRA, Eros Martim Pereira — 52.
PEREIRA, Eustáquio — 99, 135.
PEREIRA, F. — 102.
PEREIRA, F. X. Guedes — 142.
PEREIRA, Felisberto dos Santos — 38, 284.
PEREIRA, França — 84, 175, 187.
PEREIRA, Nelita Lopes — 253.
PEREIRA, Nilo — 40, 52.
PEREIRA, Oscar — 89, 90, 139, 148, 149.
PEREIRA, Paulo Guedes — 153.
PEREIRA, Raimundo M. — 282.
PEREIRA, Rocha — 186.
PEREIRA, Sebastião — 97, 239.
PEREIRA, Severino — 276.
PEREIRA, Valfrido Leonardo — 30, 31, 119, 204.
PERES, Apolônio — 289, 291.
PERES, Gaspar — 147, 174, 186, 210.
PERES, Otávio Gonçalves — 74, 156, 174.
PERETE, Anselmo — 46.
PERETTI, J. 310.
PERI, Luiz — 253.
PERIQUITO, Luiz — 302, 303, 308.
PERNAMBUCANO, Artur de Sá Ulisses — 110, 111, 174, 193,
195, 328.
PERRACINI, Frederico — 247.
PERSIVO, Antônio — 273.
PERSIVO, Milton — 274.
PERY, Luys — 303.
PESSOA, Durval — 31, 77, 114.
PESSOA, Epitácio — 107.
PESSOA, Espindola — 225.
PESSOA, Fernando da Veiga — 321.
PESSOA, Honorino — 77, 114, 169.
PESSOA, João — 315, 338.
PESSOA, José Ribeiro — 49.

- PESSOA, Luiz Ribeiro — 48, 96, 201, 204.
PESSOA, Mário — 273.
PESSOA FILHO, Manuel — 31.
PETRIBU, Fausto Cavalcanti — 52.
PETRÔNIO, Marcos — 179.
PETRÔNIO, Nilo — 139.
PICKEL, D. Bento — 247, 286.
PIMENTA, Alice — 194.
PIMENTA, Joaquim — 35, 148, 209, 226.
PIMENTEL, Romualdo — 81, 246.
PINHEIRO, Celso — 181.
PINHEIRO, J. — 121.
PINHEIRO, João Abrantes — 205.
PINHEIRO, Marques — 117.
PINHEIRO, Paulo — 88.
PINHO, José — 232, 235, 339.
PINHO, Nilson Sabino — 327.
PINHO, Sá — 121.
PINTO, Daniel Ramos — 198.
PINTO, Estevão — 186, 204, 222, 326.
PINTO, Eudes de Sousa Leão — 52.
PINTO, Francisco Matos de — 178, 204.
PINTO, Gustavo — 110.
PINTO, Manuel Gonçalves da S. — 174.
PINTO, Mário Coelho — 284.
PINTO, Nelson Nogueira — 229, 339.
PINTO, Newton Barbosa — 287.
PINTO, Oscar Moreira — 186, 187.
PINTO, Roderik — 97.
PINTO JÚNIOR, João José — 127, 310.
PIO, Fernando — 128, 281, 308.
PIO XI (Papa) — 66.
PIRES, Antônio J. — 284.
PIRES, B. — 26.
PIRES, Celência D. — 221.
PIRES, Cincinato — 30.
PIRES, Flávio Lira — 151.
PIRES, Hercliano — 219.
PIRES, Júlio — 65.
PIRES FILHO, Prescílio — 23, 135.
PIRETE, Ezequiel — 53.
PIRRO, Costa — 201.
PIRRO, João — 114.
PITÁGORAS — 23.
PLÍNIO, Roderick — 108.

- POMBO, Antonio A. — 247, 289.
PONTES, Clementino — 282, 291.
PONTES, Edwiges — 275.
PONTES, Maria Dolores — 309.
PONTUAL, Samuel — 152.
PONTUAL JÚNIOR, Fausto — 52.
PONTUAL JÚNIOR, Samuel — 156.
PORTELA, Aníbal — 25, 125, 178, 181, 204, 205, 212, 237.
PORTELA, Bastos — 180, 181, 186.
PORTELA, Diva Cavalcanti — 165.
PORTELA, José — 321.
PORTELA, Severo — 207.
PORTO, Aquilino — 253.
PORTO, Mário — 51, 134, 175.
PORTO, Raul G. — 153.
POST, Franz — 171.
POUSADA, Leonor — 180.
PRADINES, Alberto — 101.
PRADO, Jacinto do — 168.
PRADO, Mavíael do — 31, 76, 79, 104, 143, 175, 180.
PRESTES, Júlio — 312.
PUGLIESI, João — 33, 175, 178, 180, 201, 319.
PUGÔ, Público — 140.
PUIG, J. B. — 221.
QUEIROGA, Valdemir — 128.
QUEIROZ, A. S. — 189.
QUEIROZ, Antenor — 285, 293.
QUEIROZ, Belarmino — 128.
QUEIROZ, Eça de — 23.
QUEIROZ, Eustáquio de (cônego) — 40.
QUEIROZ, Hemetério Fernandes de — 55.
QUEIROZ, Henrique — 26.
QUEIROZ, J. de — 276.
QUEIROZ, Januário — 275.
QUEIROZ, Joaquim Pessoa de — 276.
QUEIROZ, José Pessoa de — 174.
QUEIROZ, Raquel de — 130.
QUERQUIS, Francisco — 247.
QUINTÃO, Maria da Penha — 114.
QUINTAS, Francisco Soares — 45.
QUINTAS, Gabriel Soares — 32.
QUINTELA, José de — 208.
QUIROGA, A. — 249.
RABELO, Arnaldo — 333.
RABELO, Ércio — 253.

- RABELO, F. — 325.
RABELO, Fausto — 30, 33, 49, 59, 73, 93, 100, 119, 160, 178, 204, 249, 325.
RABELO, Francisco — 222.
RABELO, J. P. Lima — 286.
RABELO, Maroquinha — 289.
RABELO, Sílvio — 175, 186, 216, 289.
RAFAEL NETO, Manuel — 53.
RAMALHO, João de Deus — 330.
RAMALHO, Marcelino — 222.
RAMALHO, Marcelo — 225.
RAMALHO, Portugal — 187.
RAMIRES, Adolfo — 110.
RAMOS, Alcione — 253.
RAMOS, Alfredo — 61.
RAMOS, Antônio de Azevedo — 248.
RAMOS, Benjamim — 238, 255.
RAMOS, Carmencita — 131, 194, 201.
RAMOS, Carvalho — 278.
RAMOS, Corina — 102.
RAMOS, Edgar — 311.
RAMOS, Eládeo dos Santos — 186, 274.
RAMOS, Eolo — 321.
RAMOS, Fernando de Sá Eládio dos Santos — 174.
RAMOS, Gilda — 338.
RAMOS, Maria do Carmo — 114.
RAMOS, Nair — 309.
RAMOS, Paulo Fernando — 293.
RAMOS, Toser — 244.
RANGEL, Domicio — 172.
RANULFO, J. — 76, 110, 121, 122, 123, 129, 145, 169, 171, 179, 181, 204, 214, 253, 291, 308, 326, 338.
RAPOSO, Agostinho de Arruda — 53.
RAPOSO, Januário — 102.
REED, Eliza M. — 108, 142.
RÉGIS, Edgar — 282.
REGO, Costa — 39.
REGO, José Lins do — 79, 147.
REGO, M. A. Moraes — 152, 153.
REGO JÚNIOR, Costa — 56, 70, 126, 143, 281, 300.
REGUEIRA NETO, José Julião — 306.
REI, Gilberto — 286.
REINALDO, Manuel — 105.
REINAUX, Ana — 60.
REIS, Augusto Marinho — 83, 84.

- REIS, E. — 215.
REIS, Flípe dos Santos — 153.
REIS, Maria — 164.
REIS, Mariana Moreira — 164.
REIS, Marinho — 125.
REIS, Modack — 96.
REIS, Nestor Moreira — 77, 78, 153.
REVOREDO, Godofredo — 198.
RESENDE, César — 231.
REZENDE, Garcia de — 312.
REZENDE, Lindalva M. — 165.
RIAL, Crocio — 126.
RIBAS, Aubiérquio Costa Marinho — 119.
RIBAS, Erotides — 275, 276.
RIBAS, Mário — 178.
RIBEIRO, Álvaro — 97.
RIBEIRO, Aníbal da Cruz — 29, 62, 72, 90, 91.
RIBEIRO, Antônio Chagas — 28, 29, 31, 96, 108, 124, 161, 168, 178, 204, 207, 209, 213, 235, 241, 291, 292, 335.
RIBEIRO, Bartolomeu — 237, 282.
RIBEIRO, Campos — 186.
RIBEIRO, Chagas — 209, 314, 335, 339.
RIBEIRO, Cláudio Pinto — 25.
RIBEIRO, Cruz — 56, 116, 196, 197, 209, 212, 248, 253.
RIBEIRO, Estevão — 198.
RIBEIRO, Francisquinha Fontenele — 164.
RIBEIRO, George — 153.
RIBEIRO, Hamilton Martins — 72, 100, 206.
RIBEIRO, João José — 275.
RIBEIRO, José — 49.
RIBEIRO, José Marinho — 53.
RIBEIRO, Luiz — 152, 154.
RIBEIRO, Manuel — 93, 241, 303, 317.
RIBEIRO, René — 288.
RIBEIRO, Tomaz — 49.
RICALDONE, Pedro (Pe) — 137.
RICARDO, Cassiano — 180.
RIO, Luiz — 274.
RIOS, Carlos — 76, 174, 175, 180, 186, 209, 292.
RISÃO, Samuel — 33.
RIVES, Marcel Rossignd de — 237.
ROBERVAL, Lúcio de — 207.
ROBSON FILHO — 29.
ROCHA, Fraga — 319.
ROSA, Frederico — 316.

- ROCHA, H. Olímpio da — 339.
ROCHA, Horácio Moreira — 310.
ROCHA, Jehovah W. — 198, 274.
ROCHA, Jorge de Assis — 113.
ROCHA, Leduar de Assis — 92, 112, 124, 178, 234, 235, 236.
ROCHA, Leopoldo da — 318.
ROCHA, Oscar Brandão da — 143.
ROCHA, Tadeu — 52.
RODRIGUES, Amaro José — 26.
RODRIGUES, Amélia — 35.
RODRIGUES, Augusto — 78, 130, 240.
RODRIGUES, Fernando — 151, 158.
RODRIGUES, Hermenegildo — 26, 30.
RODRIGUES, José Júlio de — 215, 222, 223, 259.
RODRIGUES, Mário — 78, 131.
RODRIGUES, Nelson — 127.
RODRIGUES FILHO, Augusto — 127, 136.
RODRIGUES FILHO, José — 289.
ROGÉRIO, João — 246.
ROHDEN, Huberto (Pe) — 38.
ROMA, João — 274, 292.
ROMANOFF, Romulo — 178.
ROMIZI, Gino — 295.
ROSAS, A. dos Santos — 137.
ROSAS, Josefá — 326.
ROSI, Samuel — 62.
RUBENS, Carlos — 187.
RUI, Jorge — 188.
RYSKE, Carlo de — 134.
SÁ, Abel de — 209.
SÁ, Alfredo — 318.
SÁ, C. — 101.
SÁ, Caitano de — 235.
SÁ, Felix de — 197.
SÁ, Fernando de — 98, 99.
SÁ, Gustavo H. de — 318.
SÁ, João Paulo de — 293.
SÁ, João Pires de — 151.
SÁ, Jorge Gomes de — 100, 230, 299.
SÁ, José de — 26, 33, 36, 116, 117, 144, 174, 193, 234.
SÁ, Lino de — 102, 335.
SÁ, Pio de — 84, 113.
SÁ, Stênio de — 127, 178, 181, 186, 205, 212, 261.
SABOIA, Tomé — 191.
SACRAMENTO, Elpídio Dias do — 125, 206, 207.

- SACRAMENTO, Oscar — 207.
SALAZAR, Isaac — 110, 195.
SALAZAR, Luiz — 61.
SALDANHA, Alberto — 48.
SALDANHA, Horácio — 48, 131, 289.
SALES, Alberto — 256.
SALES, Apolônio — 40, 157, 247, 335.
SALES, Júlio — 148.
SALES, Pereira — 100.
SALGADO, Paulo de Amorim — 74, 289.
SALVA, Leonardo — 135.
SALVI, N. de — 328.
SAMPAIO, Alde — 153.
SAMPAIO, Belmiro — 331.
SAMPAIO, Bittencourt — 189.
SAMPAIO, Cid — 135.
SAMPAIO, Clóvis Lírio — 105.
SAMPAIO, João — 26.
SAMPAIO, Sael Feijó — 135, 136.
SAMPAIO, Ulisses — 143.
SAMUEL JÚNIOR — 155.
SANDOVAL, Alberto — 277.
SANTA ROSA, José — 229, 276, 279.
SANTANA, Elias Moura de — 244.
SANTANA, José Carlos de — 248.
SANTANA, Luiz Ângelo de — 158.
SANTIAGO, Austregésilo — 321.
SANTIAGO, Jaime de — 129, 212, 229, 246, 255, 300, 317, 323.
SANTIAGO, Osvaldo — 124, 161, 173, 179, 180, 186, 205, 208,
239.
SANTIAGO, Umberto — 257.
SANTOS, Adalberto — 229.
SANTOS, Agostinho — 116.
SANTOS, Armando — 312, 336.
SANTOS, Aurélio — 250.
SANTOS, Delmiro — 235.
SANTOS, Durval — 250.
SANTOS, Ernesto de Paula — 67.
SANTOS, Eugênio Bandeira dos — 337.
SANTOS, Felício dos — 243.
SANTOS, Fernando do Pio dos — 135, 212, 225, 284.
SANTOS, Ferreyra dos — 77, 100, 123, 124, 125, 126, 128, 129,
130, 213, 233, 254, 316, 328.
SANTOS, Inácio — 105.
SANTOS, João Pacífico dos — 102, 103, 221.

- SANTOS, Joaquim Arcelino dos — 189.
SANTOS, Joaquim Dionísio dos — 188.
SANTOS, José Ribeiro dos — 178, 237.
SANTOS, Leonilo — 25.
SANTOS, Leopoldo Luiz dos — 112.
SANTOS, Lino Colona dos — 153.
SANTOS, Luiz G. — 52.
SANTOS, M. Veloso dos — 307.
SANTOS, Manuel G. — 207.
SANTOS, Mário — 84.
SANTOS, Olímpio — 84, 227.
SANTOS, Raimundo — 70.
SANTOS, Valdemar — 250.
SANTOS FILHO, Antônio — 159.
SARAIVA, A. — 139.
SCHAFER, Phil — 222.
SCHETTINI, Gilliat — 125, 180, 181, 186.
SELVA, Jovelino Brito — 52, 137.
SELVA, Leonardo — 29, 102, 103, 249.
SELVA, Zicarião — 33.
SELVA, Sílvio da — 31.
SELVA JÚNIOR — 110.
SENA, Alcides de — 137.
SENA, Pedro — 212.
SENCADES, Eunice — 165.
SENO, J. — 255.
SÉRIO, J. — 33.
SERPE, Abel — 285.
SERRANO, Jonatas — 73, 255.
SERVA, Leonardo — 229.
SETE, Hilton — 130, 274, 321.
SETE, Mário — 31, 46, 78, 111, 119, 123, 130, 132, 175, 178, 183,
186, 187, 203, 211, 218, 219, 296.
SEVE, Franklin — 99, 174.
SEVERO, Mário — 76.
SETTMACHER, Ernest — 320.
SICÍLIA, Alberto de — 280.
SILVA, A. — 276.
SILVA, A. Carneiro — 323.
SILVA, A. J. Pereira da — 186.
SILVA, Agrício Ferreira da — 94.
SILVA, Agripino da — 25, 29, 56, 57, 75, 119, 172, 213.
SILVA, Amaro — 276.
SILVA, Américo Lins e — 307.
SILVA, Antônio — 330.

- SILVA, Antônio Cardoso da — 284, 330.
SILVA, Antônio Gonçalves da (frei) — 280.
SILVA, Arlindo — 133.
SILVA, Armando G. da — 282.
SILVA, Ascendino — 112, 218.
SILVA, Augusto Álvaro da — 204.
SILVA, Augusto Lins e — 52.
SILVA, Américo Lins e — 116, 317.
SILVA, Borges da — 316.
SILVA, Caitano da 66, 173.
SILVA, Carneiro da — 260.
SILVA, Castro — 195.
SILVA, Celso N. — 282.
SILVA, Clodomiro Pereira da — 247.
SILVA, Constantino — 297.
SILVA, Costa e — 29, 98, 131.
SILVA, Cursino Oliveira e — 297.
SILVA, Estácio Antunes da — 52.
SILVA, Evange'ina Peixoto da — 129.
SILVA, Fernandes e — 86, 156, 186, 246, 285.
SILVA, Firmino — 158.
SILVA, Francisco de Ass's e — 129.
SILVA, G. — 136.
SILVA, Gilberto — 276.
SILVA, Hermes — 330.
SILVA, Hi'debrando da Gusmão e — 198.
SILVA, J. Bezerra e — 102.
SILVA, José Antônio da — 228.
SILVA, José Borges da — 171, 223, 237, 339.
SILVA, José de Oliveira e — 198.
SILVA, José Eustáquio da — 186.
SILVA, José Leandro Borges da — 126.
SILVA, José Maria Dias da — 39, 137.
SILVA, José T. — 295.
SILVA, Josué Leite da — 84.
SILVA, Joventino Lopes da — 124.
SILVA, Júlio de Barros e — 198.
SILVA, Juventino Lopes da — 191.
SILVA, Juvino S. — 26.
SILVA, Leonardo — 161.
SILVA, Lins e — 143, 137.
SILVA, Lopes da — 191.
SILVA, Lourival Torres da — 250.
SILVA, Luiz Ribeiro da — 86.
SILVA, Maria Laura da — 293.

- SILVA, Maria Teresa de Magarinos — 208.
SILVA, Nelson Castro — 70.
SILVA, Nestor — 125, 185, 252, 253, 326.
SILVA, Oliveira e — 29, 62, 170.
SILVA, Osvaldo Sousa e — 182, 183.
SILVA, Paulo Fernando Dias da — 127, 178.
SILVA, Pedro Tomaz de — 129.
SILVA, Raul Ribeiro da — 153.
SILVA, Rodolfo — 201, 203.
SILVA, Semiramis C. Alves da — 310.
SILVA, Teodoro — 302.
SILVA, Virgínia Gasparina da — 120.
SILVA JÚNIOR — 116.
SILVA JÚNIOR, Pedro Alexandrino da — 115.
SILVA JÚNIOR, Sátiro Ivo da — 106.
SILVEIRA, Abelardo — 205.
SILVEIRA, Alberto Porto da — 128.
SILVEIRA, Albino — 161.
SILVEIRA, Alfredo Porto de — 59, 109, 122, 129.
SILVEIRA, Calinício Ramos da — 103, 218, 290, 335.
SILVEIRA, Demócrito Ramos da — 102, 218.
SILVEIRA, Fausto — 171, 214, 242.
SILVEIRA, I. A. — 291.
SILVEIRA, José Antônio da — 29, 243, 297, 338.
SILVEIRA, Maria Bastos — 36, 38.
SILVEIRA, Maria Emília Pinto da — 30.
SILVEIRA, Mário Augusto C. da — 23.
SILVEIRA, Marta — 164.
SILVEIRA, Paula — 209.
SILVEIRA, Renato — 77.
SILVEIRA, Osman — 247.
SILVEIRA, Porto da — 130.
SILVEIRA, Vanda — 164.
SILVESTRE, Acácio — 32.
SILVIO, Lauro — 168.
SILVIO, Rômulo — 57.
SIMÕES, Adolfo Pereira — 126, 179.
SIMÕES, Augusto Dias — 76.
SIMÕES, José — 53.
SIMÕES, José da Nobrega — 227, 234.
SIMÕES, Lauro — 61.
SIMPLÍCIO, Eudas — 285.
SIQUEIRA, Alcides Lopes de — 112, 186, 204, 287.
SIQUEIRA, José — 124.
SIQUEIRA, M. A. — 114.

- SIQUEIRA, O'inda M. — 165.
 SIQUEIRA, Oscar — 243, 338.
 SMERRA, Tenório — 77.
 SMITH, A. — 308.
 SOARES, Celestino — 261.
 SOARES, Da Costa — 201.
 SOARES, J. — 54, 59.
 SOARES, Luiz — 171.
 SOARES, Teixeira — 289.
 SOBRINHO, Manuel A. — 53.
 SOCORRO, Ecida — 166.
 SODRÉ, Álvaro — 180.
 SOTERO, Alfredo — 29.
 SOUSA, Antônio Braga de — 274, 275.
 SOUSA, Arbues — 52.
 SOUSA, Creuza Andrade de — 310.
 SOUSA, Demócrito de — 54, 174.
 SOUSA, Djalma — 310.
 SOUSA, Élfego Jorge — 216.
 SOUSA, Eunice Correia de Araújo — 310.
 SOUSA, Eusébio de — 183, 283.
 SOUSA, Genésio — 29, 31.
 SOUSA, Hersílio de — 203, 214.
 SOUSA, Irineu de — 72.
 SOUSA, João Teles de — 317.
 SOUSA, José Augusto de — 36, 49, 56, 59, 97, 175, 207, 233.
 SOUSA, José de — 213.
 SOUSA, José Diógenes de — 281.
 SOUSA, José Irineu — 75, 88, 138.
 SOUSA, Josué Teles de — 158.
 SOUSA, Lincoln de — 186.
 SOUSA, Luci Ritz de — 165.
 SOUSA, Maria de Lourdes — 249, 309.
 SOUSA, Miguel Pereira de — 209, 215.
 SOUSA, Paulo de — 31, 55, 75.
 SOUSA, Sebastião — 127, 222.
 SOUSA, Sotero de — 232, 253, 284, 307, 327.
 SOUSA, Stanisláu de — 29, 161, 327.
 SOUSA FILHO, J. B. de 225.
 SOUSA LEÃO, João Augusto de — 162, 163.
 SOUSA LEÃO, José Mangarinos de — 163.
 SOUSA NETO, Joaquim de — 281.
 SOUTO, Dário — 29.
 SOUTO, Ivete — 24.
 SOUTO, Milton — 24, 29, 119.

- SOUTO MAIOR, Euvaldo — 199, 200.
SOUTO MAIOR, Irene B. — 125.
SOUSA, Antônio Alves — 26.
SOUSA, Éfego Jorge de — 204.
SPINELLI, D'Avila — 54.
STANISLAU, Sebastião — 97.
STEINMETZ, João — 297.
STEZZO, C. A. — 289.
SUFFRAY, Léa — 112.
TARGINO FILHO — 178.
TARSO, Paulo de — 219, 260.
TAURINO, Jonas (Cônego) — 39.
TAVARES, Ademar — 183, 209, 223.
TAVARES, Armando — 195.
TAVARES, Arsênio — 110, 111, 195.
TAVARES, Boaventura — 32.
TAVARES, Bráulio Fernandes — 77, 125, 133, 190, 206, 229, 292.
TAVARES, Lafaiete — 59, 119.
TAVARES, Odorico — 259, 287.
TAVARES, Orlando — 329.
TAVARES, Otávio — 99, 203.
TAVEIRA, Landal — 33.
TAVORA, Juarez — 338.
TAVORA, Mauro — 30.
TAXIL LEO — 57.
TAYLOR, Williame Corev — 157, 158, 159.
TEIXEIRA, Bento — 251.
TEIXEIRA, Luiz — 205.
TEIXEIRA, Nestor — 56.
TEJO, Aurelio de Limeira — 65, 253, 254, 276.
TEJO, José — 113.
TEJO, Limeira — 129, 151.
TELES, A. — 75.
TELES, Antonio Gois — 88.
TELES, Augusto Gois — 41, 56.
TELES FILHO, Benevenuto — 221.
TELES JÚNIOR — 172.
TEMPORAL, Maria Izanel — 309.
TENÓRIO, Pedro de Souza (Pe) — 44.
TENÓRIO, Tessalônico — 318.
TEOFILO, José — 156, 186.
TEREZ, Helena — 136.
THOMPSON, G. — 114, 168.
TIGRE, Bastos — 289.

- TIGRE, Carlos — 153, 157.
TINÉ, Severino — 209.
TOBIN, J. — 224.
TORREAO, Danilo Lobo — 255, 274.
TORRES, Mário — 274.
TORRES, Sílvio — 156.
TOURINHO, Adolfo — 241.
TRAVASSOS, Mário — 249.
TRIGUEIROS, Luiz — 132.
TRINDADE, Aristófonos Renan da — 191, 210, 234.
TRINDADE, Djalma — 180, 189.
TRISTÃO, Samuel — 225.
TUCUMAN, Odilon — 171.
TÚLIO, Mário — 223, 225, 278, 302.
TURIANO, Milton — 273.
UCHOA, Boulanger — 178, 213, 216.
UCHOA, Elza — 310.
UCHOA, Getúlio — 200.
UCHOA, Ida Souto — 129, 309, 313, 339.
VAINSTOK, David — 275.
VALE, José Nunes do — 35, 38.
VALE, Lírio do — 88.
VALE, Norberga — 246.
VALENÇA, Elsa Urquiza — 138.
VALENÇA, Eraldo Cavalcanti — 52.
VALENÇA, J. C. — 198.
VALENÇA, Luís Manuel — 113.
VALENÇA, Lurdes — 72.
VALENÇA, Raul — 257.
VALENÇA, Rodrigues — 113.
VALENÇA JÚNIOR, J. — 124.
VALENTE, Valdemar — 232.
VALONGO, Pio — 214.
VALVERDE, Miguel (arcebispo) — 35, 230.
VANDERLEI, Adalgisa — 36, 38.
VANDERLEI, Arnóbio Tenório — 173.
VANDERLEI, Ceres — 127.
VANDERLEI, Eustárquio — 31, 59, 82, 97, 119, 126, 128, 141,
143, 163, 219, 233, 234, 246, 252, 253, 257, 281, 284.
VANDERLEI, Fernando — 234.
VANDERLEI, J. Maurício — 247.
VANDERLEI, João — 51.
VANDERLEI, Luiz — 191, 198, 201.
VANDERLEI, Palmira — 225, 276, 315.
VANDERLEI, Rubens — 234.

- VANDERLEI, Vicente — 51, 88, 302.
VANDERLEI FILHO, Augusto — 253.
VAN DER LINDEN, Ruber — 30.
VAREJÃO, Lucilio — 77, 78, 111, 132, 143, 161, 175, 178, 181, 183, 186, 187, 216, 218, 219, 302, 310, 311.
VAREJÃO FILHO, Lucilio — 310.
VARELA, Lígia — 165.
VARELA, Martins — 125.
VARGAS, Getúlio — 25, 312, 315.
VASCONCELOS, A. — 292.
VASCONCELOS, Abreu — 99.
VASCONCELOS, Everardo de — 327.
VASCONCELOS, Hildeberto Moraes de — 99.
VASCONCELOS, João — 219, 222, 313, 322, 339.
VASCONCELOS, João F. C. de — 172, 173, 188, 257, 289, 297, 322.
VASCONCELOS, José de — 241.
VASCONCELOS, Manuel V. — 296.
VASCONCELOS, Maria Emilia Meira de — 253.
VASCONCELOS, Sanelva de — 246.
VASCONCELOS, Teotônio de — 94.
VAZ, Nelson — 225.
VAUTHIER, Alfredo — 59.
VEGA, Sidério — 257.
VEIGA, José — 253.
VEIGA, Léo — 128.
VELHO SOBRINHO, João — 175, 187, 209, 216.
VELOSO, Livio — 330.
VELOSO, Paulo — 92.
VERLAINE, Hugo de — 300.
VERRI, Bruno Mário — 234.
VESPASIANO, Abdésio — 293.
VIANA, Barbosa — 104.
VIANA, Daniel — 70.
VIANA, Fernandes — 232, 235.
VIANA, Hermógenes — 32, 55, 78, 327.
VIANA, Jerônimo Sodré — 224.
VIANA, Juraci F. — 165.
VIANA, Parente — 110, 124, 253.
VIANA, Tomazinha de Macedo — 161.
VICTOR, Olinto — 163.
VIDAL, Ademar — 79.
VIDIGAL, Antero — 125.
VIEGAS, Carlos — 49.
VIEGAS, José da Cunha — 103.

- VIEIRA, Acácio — 158.
VIEIRA, Arlindo (Pe) — 39.
VIEIRA, Domingos — 119.
VIEIRA, Elói — 102.
VIEIRA, Eudésia — 38.
VIEIRA, Heribaldo D. — 105.
VIEIRA, Jaime — 197.
VIEIRA, João — 135.
VIEIRA, José Luiz — 105, 293.
VIEIRA, K. — 302.
VIEIRA, Paulo — 311.
VIEIRA, Renato — 298, 299.
VIEIRA, Romeu Luiz — 133.
VIEIRA, Valdemar — 295.
VIEIRA, Xisto — 174.
VILA, E. Dutra — 24.
VILA LOBOS, Tito — 59.
VILA NOVA, Mariano — 287.
VILA NOVA, Tomaz Tenório — 204, 249, 297.
VILAÇA, Marcos — 111.
VILARES, Lauro — 222.
VILARIM, Asdrubal — 305.
VILAS BOAS, José — 214.
VILELA, Carneiro — 57.
VILELA, José Amaro — 218.
VINCI, J. — 80.
VINICIUS, A. — 65.
VIRAÇÃO, Amenaide Damasceno — 275.
VIRAES, J. M. — 25.
VISCONTI, E. — 288.
VITAL, Lucila — 165.
VITOR, Edson — 331.
VITORIA, Maria — 150.
VITORINO, Virginia — 178, 181.
VON SOHSTEN, Elijah — 136.
XAVIER, Adauto — 155, 156.
XAVIER, José de Araújo Firmo — 87, 105.
XAVIER, Otávio — 88, 105, 209.
XAVIER, Rafael — 216, 289.
XIBERTA, Bartolomeu M. (Frei) — 281.
XISTO, H. — 97, 102.
WAMBERTO, José — 259.
WASHINGTON, Luiz — 312.
WATTS, A. — 74, 286.
WATTS, Alfredo — 153.

WEIJER, Eliseu Van de (Frei) — 280.
WEINSCHENCK, Antonio Carneiro Leão — 288.
WILCOX, Everett George — 158.
WUCHERER, Armando Goulart — 124, 180, 187, 191, 206,
222, 292.
ZABERISKLE, Luther K. — 153.
ZIMMERMAN, H. A. — 158.
ZOELLER, R. William — 153.
ZUCULIN, Bruno — 141.

Composto e Impresso nas oficinas gráficas da
Editora Universitária da Univ. Fed. de Pernambuco
Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 — Eng. do Meio
Fone: 227-03-58 — 50 000 — Recife — Pernambuco

Fundação Joaquim Nabuco *JN*
Nascimento, Luis do

Historia da imprensa de Pernam-
buco: (1821-1954)

07/N244h

v. 8
(141/87)

Prove que sabe honrar os seus compro-
missos devolvendo com pontualidade este livro
à Biblioteca.

Modelo N.º 3



file juvenil da Co 30a Vista

Fundação Joaquim Nabuco
Av. 17 de Agosto 2187 Casa Forte
Telefone PABX 1081-2682000



PROGRAMAÇÃO
MOSTRA DO FILME DE ANIMAÇÃO FRANCÊSA: Sala Roquette Pinto, Rua Dois Irmãos às 20:00 horas. Sala Jota Soares, Raio S (dias 15, 16/09), às 19:00 horas. Filmes: a 18/09. Lo- 3 e 18/09, Cultura.

AMANHÃ - DIA 14/09/82
 Horário: 19:00 horas
 Local: Sala Jota Soares, Ra
 Evento: "Espaço Aberto" com Myrian Brindeiro

QUINTA-FEIRA
 Horário: 17:00 horas
 Local: C
 Evento:
 Hr:
 Cor:
 11/10/82

SEXTA-FEIRA
 Horário: 16:00 hora
 Local: Auditorio Ben
 Evento: Homenagem ao de sua morte. Palestra de

III Congresso Afro-Brasileiro - com 00b, buíones sobre a importância do negro na his, política no Brasil e que a Fundação Joaquim de 20 a 24 deste mês. **INSCRIÇÕES:** Coordenação, av. 17 de Agosto, 2187, Casa Forte. Fones. 268-20.

CAIXA LOTERIA ESPORTIVA
 A CAIXA ECONOMICA FEDERAL comunica que não houve reclamação relativa ao resultado do concurso-este re 613 Assim, na forma do que determina o artigo 18 da norma, fica ratificado em caráter definitivo o resultado publicado no dia 01/09/82, cujo valor o re cada aposta vencedora é de Cr\$ 1.666.041,50 (um milhão, se scentos e sessenta e seis mil e qu O pagamento aos ganhadores será a Rua Marques do Amorim, 549 Estado qualquer Agência da Caixa Ec Os prêmios prescrev do dia 13/09/82. **OBSEVAÇÃO:**